

CENTRO DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA  
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

**E&D**  
Estudos & Documentos

6

Padre Sebastião do Rego  
**Cronologia da Congregação  
do Oratório de Goa**

Direcção e estudo introdutório de  
Maria de Jesus dos Mártires Lopes



CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO  
DO ORATÓRIO DE GOA

27-189.9 (093)  
CHAM/ 27-189.9(093) / REG / CPO

BR 4310

Colecção **ESTUDOS & DOCUMENTOS**

1. **AQUÉM E ALÉM DA TAPROBANA**  
Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Deniz Lombard  
Edição organizada por LUÍS F. R. THOMAZ
2. **A ALTA NOBREZA E A FUNDAÇÃO DA ESTADO DA ÍNDIA**  
Actas do Colóquio Internacional  
Edição organizada por JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA e VÍTOR LUÍS GASPAR RODRIGUES
3. **RELAÇÃO DO DESCOBRIMENTO DA ILHA DE S. TOMÉ**  
por MANUEL DO ROSÁRIO PINTO  
Fixação do texto, Introdução e Notas de ARLINDO MANUEL CALDEIRA
4. **NEGÓCIOS DE TANTA IMPORTÂNCIA**  
O Conselho Ultramarino e a disputa pela condução da guerra  
no Atlântico e no Índico (1643-1661)  
por EDVAL DE SOUZA BARROS
5. **A PRESENÇA INGLESA E AS RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS EM MACAU**  
(1635-1793)  
por ROGÉRIO MIGUEL PUGA
6. **CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DE GOA**  
pelo Padre SEBASTIÃO DO REGO  
Direcção e Estudo Introdutório de MARIA DE JESUS DOS MÁRTIRES LOPES  
Prefácio de ANÍBAL PINTO DE CASTRO

**PADRE SEBASTIÃO DO REGO**

# CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DE GOA

Direcção e Estudo Introdutório  
de  
**MARIA DE JESUS DOS MÁRTIRES LOPES**

Apresentação  
de  
**ANÍBAL PINTO DE CASTRO**

Centro de História de Além-Mar  
**CHAM**  
Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade dos Açores

LISBOA  
2 0 0 9



## FICHA TÉCNICA

Título	<b>CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DE GOA</b>
Autor	Padre SEBASTIÃO DO REGO
Direcção e Estudo Introdutório	MARIA DE JESUS DOS MÁRTIRES LOPES
Prefácio	ANÍBAL PINTO DE CASTRO
Índice Onomástico	LUÍS PINHEIRO
Edição	CENTRO DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS / UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Referência da da imagem da capa:	<b>Congregado de S. Filipe Neri</b> Henrique Duarte e Sousa Reis, «Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da cidade do Porto» in <i>Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto</i> , II série-6, Porto 1999, p. 145
Capa	Zemideias – Comunicação e Criação de Imagem, Lda. Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 136, cv D - Algés 1495-036 Lisboa
Depósito legal	301042/09
ISBN	978-989-95563-5-5
Data de saída	Novembro de 2009
Tiragem	750 exemplares
Execução gráfica	Barbosa & Xavier, Lda., Artes Gráficas Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-A e C Tel. 253 263 063 - 253 618 916 • Fax 253 615 350 email: barbosa.xavier@sapo.pt 4700-385 BRAGA

## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO .....	IX
ESTUDO INTRODUTÓRIO.....	XIII
<i>CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATÓRIO DE GOA</i> .....	1
LIVRO PRIMEIRO .....	3
LIVRO SEGUNDO .....	107
LIVRO TERCEIRO .....	207
LIVRO QUARTO .....	305
LIVRO QUINTO .....	405
CRONOLOGIA .....	437
DOCUMENTOS INSERIDOS NA <i>CRONOLOGIA</i> .....	439
OBRAS CITADAS POR SEBASTIÃO DO REGO .....	443
ÍNDICE ANALÍTICO .....	445

## APRESENTAÇÃO

Graças à perícia paleográfica e à vasta visão cultural da Senhora Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Jesus dos Mártires Lopes, surge nesta edição a *Chronologia* do Padre Sebastião do Rego da Congregação do Oratório, de Goa, até agora conservada manuscrita no Cód. 51-VII-33 da Biblioteca da Ajuda.

Escassos, porém, são os dados biográficos de que dispomos acerca da sua figura e da sua obra.

Segundo o investigador goês Barreto de Miranda, embora sem grande fundamento nem argumentos precisos, terá nascido à volta de 1699. Começara a sua formação e, depois, a sua actividade sacerdotal como membro do clero secular da extensa metrópole do Oriente. Em determinada época da sua vida decidiu entrar na Congregação do Oratório professando, em cuja milícia se integrou<sup>1</sup>.

Fundada em Roma, por S. Filipe de Néri, em 1565, fora aprovada por Gregório XIII, em 1575, e confirmada por Paulo V em 1612, dedicando-se de modo especial ao ensino e à formação espiritual dos fiéis. O primeiro destes campos de actividade viera ganhando progressiva dimensão à medida que o sistema pedagógico da Companhia de Jesus se tinha anquilosado até ao golpe impiedoso desferido mais de um século depois pelo Marquês de Pombal.

Em Portugal, o seu grande impulsionador viria a ser o Padre Bartolomeu do Quental.

Em Goa, o núcleo de origem do monte de Guadalupe passaria para o da Boavista, onde surgiu o Oratório na igreja de Santa Cruz dos Milagres, como, aliás, o Padre Sebastião do Rego detidamente refere nesta *Chronologia*<sup>2</sup>. Transferidos para a cidade de Goa, ali construíram um edifício de monumentais proporções, de que ainda hoje se podem admirar os restos da igreja.

---

<sup>1</sup> Apud Inocêncio Francisco da Silva, *Dic. Bibl.*, t. VII, p. 222.

<sup>2</sup> Vide Manuel da Costa Nunes, *Documentação para a História da Congregação do Oratório de Santa Cruz dos Milagres do clero natural de Goa*, Lisboa, Centro de Estudos de História Ultramarina, 1966.

Foi também pregador de fama. Pena é que dessa sua actividade tenham chegado até nós tão poucos sermões impressos: Inocêncio apenas regista o *Sermão de Santa Cruz dos Milagres*, pregado em 1745 e dado à luz em Lisboa, por Miguel Manescal da Costa, em 1756; e o *Sermão de Nossa Senhora do Carmo* dito em 1747 e publicado, também em Lisboa, por Pedro Ferreira, em 1749<sup>3</sup>.

Da formação escolar e intelectual ministrada ao tempo pelos Oratorianos, bem como da total dedicação dos seus membros torna-se fácil fazer uma ideia muito exacta, não apenas com base nestes dados, a partir do perfil do próprio Padre Sebastião do Rego, como se pode inferir das suas palavras no texto que vai seguir-se. Por mandado dos superiores, fizera detidas pesquisas nos arquivos, onde os documentos jaziam em péssimo estado de conservação e muitos perdidos pela acção do tempo. Nem por isso, todavia, se devotara ao trabalho com menos amor e dedicação. A certo passo declara: «O amor que me move a escrever esta obra é de filho a mãe. Quanto mais íntimos são os extremos, tanto mais estreito é o vínculo do amor que os une. E sendo a mãe e o filho tão intimamente chegados que o sangue daquela corre nas veias deste, também o amor do filho para com a mãe deve ser o mais extremoso. E na lei de verdadeiro amor quem ama; não só zela a honra e glória do seu amado, mas também tem por glória própria o mesmo zelo: por mais trabalhos que lhe custe nos mesmos trabalhos se deleita»<sup>4</sup>.

Como se coadunam estes protestos com a sua mudança para a Ordem dos Teatinos?

Fundada em Roma em 1524, a congregação dos Clérigos Regulares Teatinos viu os seus estatutos aprovados em 1533, mas encontrou sérias dificuldades de implantação em Lisboa, sobretudo da parte de D. João III, certamente para assim preservar a preponderância da Companhia de Jesus. No século XVII, pelos fins de 1639, foram para a Índia Portuguesa, onde, pela sua acção cultural devem ter atraído novos adeptos e terá sido essa a razão da mudança do Padre Sebastião do Rego. No entanto, só uma detida busca em arquivos poderá trazer dados seguros de que neste momento não posso dispor, embora se encontrem notícias abundantes e pormenorizadas nas *Memórias Históricas Cronológicas da Sagrada Religião dos Clérigos Regulares em Portugal e suas conquistas na Índia Oriental*, de D. Tomás Caetano de Bem (Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1792-1794). Parte integrante desta História é a *Vida do venerável Padre José Vaz* [...] seu confrade na Congregação de S. Filipe de Néri, saída em Lisboa da Régia Oficina Tipográfica, em 1745.

<sup>3</sup> Inocêncio, *Dic. Bibl.*, XIX, p. 190.

<sup>4</sup> *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*, Liv. 1.º, p. 5.

Destas mudanças e das sucessivas experiências que elas lhe possibilitaram, poderemos, no entanto, facilmente ajuizar do progressivo enriquecimento cultural e literário que fez dele uma pujante afirmação do clero natural nas terras portuguesas do Oriente.

Com efeito, Sebastião do Rego conseguiu alcançar um lugar de primeira plana e de mais vasta repercussão na cultura que ali desenvolvemos ao longo de Oitocentos.

A obra constitui, na sua essência, uma história da operosa actividade exercida no plano evangelizador e cultural, como significa o seu título, *cronologia*, sinónimo etimológico de *crónica*. Mas os factos da evangelização vêm-se permanentemente aproximados, inseridos ou postos em contraste com a história civil. E daí que o texto ofereça um manancial inesgotável de informações fundamentais para a história das vicissitudes que por lá, entre glórias e sombras, passámos, fazendo cristandade.

Seguindo entretanto a organização tradicional do discurso adoptava regularmente o esquema tripartido da *inventio*, da *dispositio* e da *elocutio*; e esse nos servirá de critério principal de análise ou, mais simplesmente, de abordagem.

Bem à maneira da tradição cronística dos géneros próprios da literatura religiosa e moralística, a informação que constituía a base à *inventio* retórica era constituída por três campos essenciais — o conhecimento profundo do Texto Sagrado e dos seus Comentadores ao longo dos séculos, um domínio seleccionado segundo critérios predominantemente estéticos da literatura literária, tanto em prosa como em verso, de todos os tempos, antigos e modernos, desde os clássicos greco-latinos aos seus contemporâneos do Barroco, dos moralistas aos tratadistas, mas sem esquecer os poetas. Aí forrageava o cronista o conhecimento, enriquecendo o saber que ministrava ao leitor, para o informar de tudo quanto podia contribuir para a sua formação e para a beleza do discurso.

Além disso, em larga medida, dependia dessa acumulação e das opções que ela permitia a selecção que condicionava os processos da organização ditados pelas regras da *dispositio*, ou seja, o modo como se construía a estrutura do discurso. Ora, no domínio desta técnica, era o Padre Rego exímio, pois a sua prosa organizava-se com serena placidez, correcção e clareza, com uma total perfeição de construção e com uma correntia tranquilidade de ritmo.

A essas qualidades correspondiam os processos de estilo mais adequados que a *dispositio* ensinava durante longos anos de escolaridade, de escrita e de actividade concionatória: a serenidade da metáfora, a propriedade da comparação e do símile, a tranquilidade sóbria do ritmo, a parcimónia da imagética, a sobriedade das figuras, mas sem quebra da sua expressividade

nem da sua beleza, num domínio permanente de quem conhecia todos os matizes semânticos da língua e todos os seus recursos expressivos.

É sobre estes pressupostos estéticos que se desenvolve a obra historiográfica de Sebastião do Rego. Tomando por tema a narrativa as vicissitudes da Crisandade goesa, alarga o seu âmbito a todo o Estado, inserindo-se deste modo, e com igual qualidade, na linha dos cronistas de Quinhentos, onde João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda ou Gaspar Correia continuavam e haviam de continuar a oferecer modelos vivos de prosa historiográfica. Entretanto, porém, muita água correrá sob as pontes dos hábitos e do gosto literários – o Renascentismo entrara em definitivo ocaso e o Barroco tocava quase o seu termo, quando o cronista de Oratorianos e Teatinos, retomando materiais manuscritos, sepultados ou deteriorados em arquivos locais, os recuperava para com eles elaborar uma obra do seu tempo e segundo critérios modernos, mais de acordo com o gosto dos seus contemporâneos. Deste modo se criava uma historiografia nova, que não desmerecia em nada a qualidade da que a de perto a antecederá.

E é sobre estes pressupostos temáticos e poéticos que com a sua obra, até aos nossos dias praticamente desconhecida, em boa hora trazida à luz pelos cuidados da Senhora Doutora Maria de Jesus dos Mártires Lopes, que o autor, para além da sobra de pregador, pode disputar sem desvantagem a Vieira o seu título de escritor cimeiro do Oriente.

ANÍBAL PINTO DE CASTRO

## ESTUDO INTRODUTÓRIO

«Tão grande respeito logra ainda hoje em Ceilão o nome português que o espaço de um século não tem bastado para apagar a memória dos estragos que fizeram nas terras de Cândia as armas lusitanas»<sup>1</sup>.

Vem finalmente a lume, na sua totalidade, a obra prima do Padre Sebastião do Rego, *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*, manuscrito de seiscentas e sessenta e nove páginas, existente na Biblioteca da Ajuda<sup>2</sup>. Com efeito, ela é referida por estudiosos e bibliógrafos dos séculos XIX e XX que, tendo tomado contacto com ela, directa ou indirectamente, a aludem em termos muito elogiosos, considerando-a como uma obra valiosa, monumental, um arquivo aberto<sup>3</sup>. Aliás, o próprio autor, no seu prólogo à *Vida do Venerável Padre José Vaz*, promete ao leitor um estudo maior do que aquele, com toda a história do Oratório goês e da missão do Ceilão<sup>4</sup>.

Sebastião do Rego nasceu em Neurá, no concelho das Ilhas, em Goa, em 1699, doze anos antes da morte do Padre José Vaz. Filho de Nicolau do Rego e de Ana Maria de Melo, fez a sua escolaridade segundo os moldes tradicionais do seu meio social; assim frequentou a escola paroquial e sentindo vocação para o sacerdócio transitou para o Colégio de S. Paulo, dos jesuítas, onde estudou o latim; terminou a sua formação com o curso de teologia no Colégio de S. Tomás de Aquino, dos dominicanos. Anote-se que nestes dois colégios algumas matérias eram ensinadas a nível superior, razão por que grangearam o título de universidades e gozaram de grande prestígio<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*, Livro 2.º, p. 145. Futuramente citaremos este manuscrito apenas por *Chronologia*.

<sup>2</sup> O códice encadernado, com capa de pergaminho, encontra-se em bom estado de conservação; com a cota 51-VII-33, tem as dimensões de 32,2 x 21,3. Existe uma cópia incompleta na Biblioteca Pública de Évora, das páginas 22 até 631, em letra do século XVIII, tendo a seguinte cota: G R. Arm.ºs III e IV n.º 25. Agradecemos ao Padre Nascimento J. Mascarenhas esta informação. Na sua opinião trata-se do exemplar oferecido por Barreto Miranda a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que o trouxe para Évora.

<sup>3</sup> Entre eles, refira-se Jacinto C. Barreto Miranda que conheceu e leu a *Chronologia*.

<sup>4</sup> Cf. a Notícia Preliminar à 2.ª edição da *Vida do Venerável Padre José Vaz*, de Barreto Miranda.

<sup>5</sup> «Aproveitado na grammatica estudou as humanidades na Universidade de Goa, que está a cargo dos religiosos da Companhia de Jesus e as soube com perfeição para o magisterio.

Foi vigário da igreja de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Bednore, no Canará, onde edificou uma capela e em 1728 foi transferido para a igreja de Nossa Senhora do Rosário de Mangalor. Posteriormente foi vigário da Vara das Missões do Canará. Ingressou na Congregação do Oratório de Goa, em vinte de Janeiro de 1730, com trinta e um anos de idade. Volvidos cerca de oito anos, iniciou a tarefa da redacção da obra *Vida do Venerável Padre José Vaz*, para o que se debruçou sobre os papeis e cartas do arquivo da instituição. Foi o primeiro que se propôs escrever a história da congregação, com a sua obra *Chronologia do Oratorio de Goa*, adiante referida. Evidentemente que, dada a sua condição de oratoriano, todas as portas se lhe abriram!

Em 1752 ou no ano seguinte entrou na ordem dos teatinos, por ter verificado que a Congregação do Oratório não era verdadeiramente um instituto monástico que lhe satisfizesse ao seu voto. Já na ordem dos teatinos, foi Visitador e Revisor do Santo Ofício, deputado da Junta das Missões e Prefeito no triénio de 1761 a 1763. Ignora-se a data da sua morte. Foi insigne pregador, razão por que mereceu o título de «António Vieira Indiano»<sup>6</sup>. A herança histórica e literária de Sebastião do Rego é constituída, sobretudo, pelas seguintes obras:

*Vida Do Veneravel Padre Joseph Vaz, Da Congregação Do Oratorio de S. Filipe Nery da Cidade de Goa, na India Oriental; Fundador da laboriosa Missão, que os Congregados desta Casa tem à sua conta na Ilha de Ceilão*, Lisboa, Régia Officina Sylviana e da Academia Real, 1745<sup>7</sup>.

*Chronologia da Congregação do Oratório de Goa*, que ficou em grande parte manuscrita<sup>8</sup>.

*Sermão de Nossa Senhora do Carmo, prégado em 25 de Março de 1747, mandado celebrar em acção de graças por uma vitória*, Lisboa, Pedro Ferreira, 1749.

*Sermão de Santa Cruz dos Milagres, titular da Congregação do Oratório de Goa, que no anno de 1745 recitou e dedicou à Magestade Fidelíssima de El-Rei D. José I*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1759<sup>9</sup>.

Continuou os estudos mayores no Collegio Academico de Santo Thomas de Aquino da mesma cidade» (*Chronologia*, Liv. 5.º, p. 546).

<sup>6</sup> Veja-se Vimala Devi e Manuel de Seabra, *A Literatura Indo-Portuguesa*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1971, parte I, p. 119.

<sup>7</sup> Conhecem-se mais duas edições desta obra: a segunda, com notas e aditamentos de J. C. Barreto Miranda, Margão, Typographia do «Ultramar», 1867; a terceira, baseada na segunda e conferida com a primeira; com introdução e notas de José António Ismael Gracias (edição comemorativa do 250.º aniversário da morte do Venerável Padre José Vaz).

<sup>8</sup> B. Miranda afirma que a obra foi distribuída em raríssimas cópias, das quais ele possuía uma, pertencente à Congregação; aproveitou-se de várias informações e transcreveu longos excertos da mesma *Chronologia*, na elaboração da 2.ª edição da *Vida do Venerável Padre José Vaz*. Também Manuel da Costa Nunes publicou alguns excertos desta crónica na *Documentação para a História da Congregação do Oratório de Santa Cruz dos Milagres do Clero Natural de Goa*, Lisboa CEHU, 1966. Igualmente algumas partes, traduzidas em italiano por M. Costa Nunes, seriam incluídas in *Iosephi Vaz. Positio*, Roma, 1985, pp. 617-692.

<sup>9</sup> Este sermão foi adicionado à *Vida do Venerável Padre José Vaz*, na 2.ª edição, de J. C. Barreto Miranda. Também Expectação Barreto trancreveu grande parte na sua obra, *Quadros Biographicos dos Padres Illustres de Goa*, vol. II, Nova Goa, Bastorá, 1899.

*Sermão da Santa Cruz dos Milagres com Sacramento Exposto*, manuscrito<sup>10</sup>.

Como era insigne e eloquente pregador terá proferido mais sermões, além destes três.

*Noticia Compendiosa da Fundação da Congregação do Oratorio de Santa Cruz dos Milagres da Cidade de Goa. Dos principios e progressos da Missão de Ceilão cultivada pelos padres dela e das Vidas Virtuosas de alguns dos ditos padres*, manuscrita, baseada na *Chronologia*<sup>11</sup>. Com efeito, tudo leva a crer que o autor se tivesse servido desta última para escrever a sua *Noticia Compendiosa*...<sup>12</sup>.

\*

Debrucemo-nos sobre a *Chronologia*. A sua compilação terá demorado oito a dez anos, a qual terminou em 1746, conforme testemunho do próprio autor<sup>13</sup>. É provável que em determinado período da sua vida se tivesse ocupado simultaneamente da redacção da *Vida* e da *Chronologia* mas, evidentemente, terminou muito mais cedo a *Vida*<sup>14</sup>. Do confronto da *Chronologia* com a *Vida*, deduz-se que naquela o autor forneceu ainda mais informações sobre a vida e obra do Padre Vaz e deu amplas notícias sobre o seu apostolado de 1703 até à sua doença final. Também as viagens missionárias que na *Vida* são apenas mencionadas, na *Chronologia* são detalhadamente descritas. Portanto, pode-se afirmar que a *Chronologia* completa a *Vida*, na biografia e acção evangélica do apóstolo ceilonense<sup>15</sup>.

Quanto aos motivos que nortearam a redacção da obra, o próprio autor no-los apresenta, estabelecendo analogias entre a história divina e humana; escreve que, se há actos que não devem ser revelados, há outros que urge difundir. As grandes obras manifestam-se por si próprias; as pequenas necessitam que outros as descrevam; assim o cronista divino relegou ao silêncio «a máquina dos orbes celestes» e descreveu a terra «vazia, deserta e disforme», para não cair no esquecimento<sup>16</sup>. Utilizou meios humildes para revelar coisas grandiosas, pois, v.g., serviu-se do lenho e não do ferro para salvar a Humanidade.

<sup>10</sup> Encimado com o texto «Ecce ascendimus Jerosolymam. Math. 20». Escrito e assinado pelo próprio punho do autor, estava na posse de Barreto Miranda.

<sup>11</sup> Cf. ANTT, ms. da *Livraria* 636. Este manuscrito inclui para além da *Noticia Compendiosa* alguns documentos concernentes à Congregação do Oratório de Goa, contemporâneos e posteriores ao período abordado na *Chronologia*, chegando até à década de 60 do século XVIII.

<sup>12</sup> Veja-se do Padre Sebastião do Rego, *Vida do Venerável Iosephi Vaz*, introdução de José António Ismael Gracias, pp. VII e VIII, Goa, 1962.

<sup>13</sup> «Até o presente ano de 1746 em que escrevo» e mais adiante «1746, ano em que dou fim a esta escritura» (*Chronologia*, L.º 4.º, pag. 518).

<sup>14</sup> Veja-se *Padre José Vaz, Positio*, Roma, 1985, pp. 618-619.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 630, que faz um cotejo das duas obras.

<sup>16</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, p. 2.

As semelhanças entre a história da Terra e a da Congregação são, para Sebastião do Rego, flagrantes: assim como a Terra estava ao princípio vazia, também esta principiou no retiro dum alto monte, chamado deserto. Tal como o dilúvio, o edifício dos congregados submergiu com as tempestades e permaneceu escondido. Também a Congregação, oprimida por muitas contradições, teve um começo humilde. Por isso, o autor remata que os motivos que concorreram para escrever a obra com satisfação e gosto foram: a pequenez da Congregação, o amor que nutre por ela, como Mãe que o gerou para Cristo e a obediência que lhe deve<sup>17</sup>.

Rego revela-se nesta obra como um historiador probo que utilizou os papeis e documentos – muitos deles rotos e gastos com o tempo – guardados em segredo no arquivo da Congregação<sup>18</sup>. Para a redacção desta Crónica, serviu-se de vasta documentação, como aliás se pode comprovar pelas diversas cartas, provisões, depoimentos, que nela transcreveu. Com frequência, ao relatar os factos, indica a fonte de que se serviu<sup>19</sup>. Daqui se infere o enorme valor histórico desta obra, rica em informação e alicerçada em sólida investigação, pois como o seu autor afirma « he preciso dizer a verdade com distinção e clareza »<sup>20</sup>.

Abundam, também, excertos de autores eclesiásticos como Frei Jacinto de Deus, Padre João de Lucena, Frei Agostinho de Santa Maria, Padre Francisco de Souza, Padre Fernão de Queiroz, Padre Leonardo Paes... e muitos outros autores clássicos<sup>21</sup>.

O autor deu à obra o humilde título de cronologia, por analogia com os incícios, também singelos, desta congregação: quatro presbíteros e um subdiácono, de Margão, aspirando a maior perfeição cristã, decidiram ir viver para o monte de São João do Deserto, da freguesia de Guadalupe, na ilha de Goa<sup>22</sup>. Recorrendo às imagens do monte e do vale, considera que os oratorianos fundados no monte da Boavista estiveram, contudo, num

<sup>17</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, pp. 1-6.

<sup>18</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 16.

<sup>19</sup> Assim, por exemplo, ao relatar o retiro do Padre Pascoal da Costa Jeremias com os seus quatro companheiros para as casas da Ermida de S. João do Deserto, em Outubro de 1682, indica de imediato o seu suporte jurídico-eclesiástico, que é a provisão do arcebispo de 27 do mesmo mês e ano, aprovando este incício da congregação do Oratório (*Ibid.*, Liv. 1.º, p. 21); quando descreve o martírio de D. Pedro na perseguição movida por Henrique Wanrey, transcreve o discurso do perseguido, informando que foi contado pelo Padre André Freire, da Companhia de Jesus, provincial da província do Malabar (*Ibid.*, Liv. 1.º, p. 89). Na enumeração dos benfeitores e esmolos por eles concedidas à Congregação, afirma que está tudo registado no livro da fábrica do convento (*Ibid.*, Liv. 2.º, p. 120). Para descrever a missa de Natal em Vanim, em 1702, serve-se da «Relação» do Padre Jácome Gonçalves (*Ibid.*, Liv. 3.º, p. 268). Na notícia que apresenta sobre o Padre Miguel de Mello e a sua morte no Ceilão recorre também à «Relação» do mesmo Padre (*Ibid.*, Liv. 3.º, p. 279).

<sup>20</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 112.

<sup>21</sup> Vejam-se, em apêndice, as obras utilizadas por Sebastião do Rego.

<sup>22</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, pp. 3-4 e 7.

humilde vale, quando comparados com outros regulares estabelecidos em Goa desde o início da presença portuguesa<sup>23</sup>. Com efeito, nesta época franciscanos, dominicanos, jesuitas e agostinhos gozavam de uma forte implantação no meio e de um destacado posicionamento na sociedade.

Todavia, como se verá, ela encerra uma realidade bem mais abrangente. Aliás, o autor considera que a história extraordinária dos oratorianos deve ser posta à luz, «já que a matéria da Chronologia ficou por mais de sessenta anos escondida»<sup>24</sup>. Na verdade, a congregação teve início em 1682, com o Padre Jeremias da Costa, mas o Padre Sebastião do Rego terá iniciado a sua redacção por volta de 1738.

Não será exagero afirmar-se que esta crónica podia, com justeza, ser designada «enciclopédia», pois além de descrever detalhadamente toda a evolução e progressos da Congregação do Oratório Oriental, mormente a evangelização no Ceilão, também fornece dados aprofundados sobre uma enorme variedade de assuntos, tais como: o conflito Padroado/Propaganda, as comunidades de aldeia de Goa, a língua concani, as missões no interior das Ilhas, Salsete e Bardez, os usos e costumes das gentes de Goa, do Ceilão, descrições geográficas de várias regiões da Índia, elementos sobre a sua flora e fauna, a história política do Ceilão, a organização da religião budista nessa ilha, muitas biografias, etc, etc.

Sebastião do Rego narra a história da Congregação do Oratório de Goa e das missões empreendidas pelos padres oratorianos, para referir os trabalhos e os êxitos do Padre José Vaz no Ceilão. A obra está dividida em cinco livros e cada um deles se subdivide em capítulos. O primeiro livro, que se espraia em vinte e um capítulos, inicia-se com os princípios da congregação na ermida de São João Baptista e termina com a entrada do Padre José Vaz no Ceilão. O segundo, também com vinte e um capítulos, começa com a reconstrução do convento de Santa Cruz dos Milagres e termina com considerações sobre os estatutos para a congregação. O terceiro, em dezasseis capítulos, principia – após o relato da actividade pastoral no percurso – com a missão do Padre Vaz em Colombo e encerra com a pública confissão da fé católica pelos habitantes dessa cidade e de Nigumbo em 1706-1707. O quarto, que se estende por dezasseis capítulos, abre com a festa dada pelos oratorianos, no monte da Boavista, pela recepção da bula de confirmação da Congregação pela Sé Apostólica e termina com notícias sobre o Padre Pedro Paulo. Finalmente o quinto livro, abrangendo vinte e três capítulos, é dedicado exclusivamente ao Padre José Vaz. Enceta com a descrição do nascimento e infância do Venerável Padre José Vaz e conclui com a devoção em que é invocado o seu patrocínio no território de Goa.

Observe-se que nos quatro primeiros livros o autor relata, para além de muita outra informação, o que o Padre Vaz fez desde que pisou as plagas de Ceilão em 1687, até 1710. No quinto, conta a vida do Padre, desde o seu

<sup>23</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, p. 311.

<sup>24</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 3.

nascimento em 1651, transcrevendo para tal o que já escrevera noutra sua obra, já referida, a *Vida do Venerável Padre José Vaz*, mas agora acrescida daquelas circunstâncias que não cabiam na ordem cronológica e também os novos favores recebidos de Deus pelos fiéis, por intercessão deste servo<sup>25</sup>. Portanto, neste último volume narra em primeira mão episódios da vida do Padre entre 1651 a 1687, ano da sua entrada no Ceilão, como já se referiu. Seguidamente, sempre que regista passos posteriores a 1687, já apresentados nos livros anteriores, remete o leitor também para eles.

Trata-se de uma obra em estilo eloquente e particularmente cuidado, com rica adjetivação, numerosas imagens, alegorias, metáforas. A sua linguagem é essencialmente simbólica. A título de exemplo, registamos os atributos encontrados pelo autor para caracterizar as virtudes do Padre José Vaz, no quinto livro da *Chronologia*. «Nas pias e apostólicas empresas, ministro; extremoso na caridade; devoto na religião; humilde de coração; invicto na paciência; grande sofredor dos trabalhos; continuo na oração; pronto na obediência; zeloso da observância regular; austero na mortificação, angelico na castidade; desprezador do mundo; terror dos demónios; da carne acérrimo inimigo...»<sup>26</sup>.

Recorre, com frequência, a antíteses metafóricas que se compaginam bem com os objectivos apostólicos. Assim, «Deus é mar que pode encher a todos, sem vaziar a alguém... As enchentes são suas, as vazantes são nossas»<sup>27</sup>. Ou então: «Eram pobres que vinham à nossa portaria para enriquecerem os congregados»<sup>28</sup>.

Quando Sebastião do Rego faz o relato das dificuldades levantadas pelo arcebispo para o estabelecimento da Congregação, chegando mesmo a pensar-se que ela ia extinguir-se, escreve: «Nada sabe, quem não sabe que o caminho de Deus é de trabalhos e contradicções. As geadas, as neves e os sois não esterelizam as sementeiras de Deus; porque o invizível rocio da sua graça as rega melhor que as chuvas abundantes dos favores mundanos. Por isso era chegado o tempo em que Deus chovia abundante graça sobre a planta da Congregação»<sup>29</sup>.

As comparações com objectos sensíveis e com elementos da natureza, para realçar as realidades imateriais, é outro recurso literário utilizado pelo autor. Assim, ao relatar a feroz perseguição dos holandeses aos católicos, compara com a terra que, quanto mais trespassada e aberta com o ferro, torrada pelo sol e abrasada pelo fogo, produzia em maior abundância, assim aquela cristandade no meio da perseguição não só não diminuía, mas crescia cada vez mais<sup>30</sup>. E o aparecimento de uma estrela no dia do seu nascimento,

<sup>25</sup> *Chronologia*, Liv. 5.º, p. 541.

<sup>26</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 542.

<sup>27</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 311.

<sup>28</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 565.

<sup>29</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 154.

<sup>30</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 394-395.

constatado pelo pai do Venerável, era interpretado por Sebastião do Rego como significando uma luz para tirar as pessoas da gentildade. Seria como que um prenúncio da evangelização do Ceilão.

Também, algumas vezes, se serve da imagem do sol para expressar o grande dinamismo do Padre Vaz, que «à maneira de sol girava cada ano em toda a ilha do Ceilão, buscando as almas para lhes comunicar a luz da fé». E, afirmava ainda, «assim como o sol morre quando deixa de alumiar, assim na última doença em que ficou impossibilitado de missionar dizia que, estando vivo, se tinha por morto»<sup>31</sup>. Pensamos que esta obra pode ser considerada um expoente da «Ilustração» do Século das Luzes.

A narrativa não é fechada e flui naturalmente. Assim, a propósito da necessidade da congregação ter um património, surge uma explanação correcta, precisa e bem sistematizada sobre as comunidades de aldeia e câmaras gerais de Goa<sup>32</sup>.

Como se sabe, os oratorianos valorizaram o estudo da história e da geografia e com eles estas disciplinas ganharam destaque nos currículos escolares. Neste contexto, também Sebastião do Rego incluiu na *Chronologia* belas e precisas descrições de terras de Goa, do Canará<sup>33</sup> e do Ceilão<sup>34</sup>. No território de Goa, a Cidade de Goa, a vila de Margão, mereceram relatos extraordinários<sup>35</sup>.

Rego descreve a Cidade de Goa, situada em três vales que ficam entre três montes. Enumera e localiza com rigor as igrejas e conventos edificadas nesses montes. Detém-se no monte orientado para o Sul, onde fica a habitação dos congregados do Oratório e do qual se desfruta uma vista panorâmica da cidade com os seus sumptuosos edifícios e com o rio muito sinuoso, delimitando ilhas e ilhéus, razão por que o monte foi chamado de Boavista. Nesta elevação um cura da Sé arvorou uma cruz que se tornou milagrosa.

Também dá um quadro histórico-geográfico bastante completo de Margão quando se debruça sobre a etimologia do seu nome, sua igreja e irmandades, o número de almas, sua intensa vida comercial e intercâmbio económico com os Gates, sua prosperidade agrícola, gancaria e contribuições pagas à Fazenda Real.

\*

A história do Oratório de Goa gira entre dois polos: Goa e Ceilão<sup>36</sup>. Desde o seu berço, a Congregação tomou por seu maior «brazão» aquela missão na clandestinidade e os congregados no seu noviciado ensaiavam-se

<sup>31</sup> *Chronologia*, Liv. 5.º, pp. 573.

<sup>32</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, pp. 224-226.

<sup>33</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 552.

<sup>34</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 542, 628.

<sup>35</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 18-20, 22 e 6-10, respectivamente.

<sup>36</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 157.

para essa trabalhosa empresa<sup>37</sup>. Os oratorianos disputavam entre si a ida para o Ceilão como missionários. Entendiam que estavam destinados por Deus para o evangelizar, escreve o autor da *Chronologia*.

O Padre José Vaz sentia-se, pois, chamado para cristianizar o Ceilão, terra «que era de promessa para o seu espírito, não porque ela manasse mel e leite, senão porque nela podia derramar por Cristo o seu sangue»<sup>38</sup>. Pretendia libertar essa cristandade que sofria no cativeiro há quarenta anos e proporcionar à congregação uma ocasião de maior aumento. Enquanto missionou no Canará, colheu informações sobre os caminhos a percorrer para alcançar a ilha<sup>39</sup>.

O Padre Sebastião do Rego soube, de forma eloquente, articular estas duas vertentes na sua obra. Os relatos de uma e de outra relacionam-se intimamente e fluem de forma simples, natural e harmoniosa, já que «os progressos da filha permitem conhecer os aumentos da mãe»<sup>40</sup>, como também «aos aumentos da mãe se correspondiam os da filha» e porque a Congregação «sempre estimando por seus os da missão, cuidava neles tanto como nos próprios»<sup>41</sup>. Ainda quando os sacerdotes se viram na eminência de despir a «roupeta» de congregados, por dificuldades surgidas na aprovação dos estatutos, «nunca tiraram os olhos da missão do Ceilão, que sempre foi alvo dos seus afectos»<sup>42</sup>.

Assim, v.g., após relatar a acção heróica do Padre Pedro Ferrão em Mantota e nos matos de Vanim em 1697 e « enquanto o Padre José Vaz vai subindo pelos fragosos oiteiros de Cândia», convida a reter «o que se passava nesse ano em Goa, no monte da Boavista»<sup>43</sup>. Demora-se, então, em alguns passos do longo e penoso processo da aprovação dos estatutos, ao fim dos quais, afirmando que «já nos chamam as proezas dos nossos missionários de Ceilão», retoma a narração dos acontecimentos na Corte de Cândia, desta vez empestada com a febre de bexigas e durante a qual o Padre Vaz converteu mais de mil gentios<sup>44</sup>.

E assim vai correndo a narrativa, em que se transita naturalmente do palco de Goa para o do Ceilão e em que os assuntos se interligam intrinsecamente, sem hiatos, nem saltos no espaço ou no tempo.

Entre os temas tratados com grande desenvolvimento na *Chronologia* conta-se o estabelecimento da Congregação do Oratório de Goa, adoptando os estatutos do Oratório de Lisboa. Um dos alvos dos oratorianos era obter a

<sup>37</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, p. 327.

<sup>38</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 562.

<sup>39</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 562.

<sup>40</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, cap. 1.º, p. 263.

<sup>41</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 436.

<sup>42</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 165.

<sup>43</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 203.

<sup>44</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 208.

aprovação dos seus estatutos e a confirmação da Congregação. Tenha-se presente que até à sua criação, os clérigos naturais de Goa não tinham um lugar, onde recolhidos e apartados do século, se pudessem dedicar ao serviço de Deus, porque o seu ingresso nas ordens religiosas de origem europeia estava extremamente dificultado, quando não de todo interdito. Somente após as reformas pombalinas a situação começou a alterar-se<sup>45</sup>.

Considerava-se na época, que a criação da Congregação poderia ser de muito préstimo, quer para a reforma dos costumes dos seus naturais, quer para a conversão dos gentios, já que os seus traços fisionómicos, os idiomas, os costumes e génio eram semelhantes aos daqueles. Assim se explica que o governo, tendo impedido o estabelecimento de novas ordens religiosas de origem europeia em Goa, apoiou contudo a fundação do Oratório.

Mas, se o estabelecimento desta congregação era vista, de modo geral, com agrado, surgiram vozes discordantes quanto às disposições dos estatutos. Elas defendiam umas normas mais mitigadas do que as do Oratório de Lisboa, dada a debilidade dos naturais e a inclemência do clima. Outro argumento invocado era o receio de que sendo idênticos os estatutos do Oratório de Goa aos de Lisboa, os congregados passariam do Reino à Índia, da mesma forma como os religiosos franciscanos, dominicanos, jesuítas, se mudavam para os conventos que tinham nesse Estado<sup>46</sup>. Era também invocada a inconstância de alguns oratorianos goeses, por terem abandonado o monte da Boavista. Anote-se que eles se viram constrangidos a isso em momentos de extrema precariedade<sup>47</sup>.

O Padre Sebastião do Rego estudou aturadamente essa questão, que na economia da obra ocupa vários capítulos. Expôs com grande detalhe os acontecimentos, estribando-se em fontes históricas, em diversos depoimentos e em diplomas emanados da Corte de Lisboa e da Cúria romana, alguns dos quais transcreve. Ele mesmo afirma que quis referir desde raiz, sem omitir a menor circunstância, os seus princípios e progressos, mormente o que foi «pequenez, abatimento e adversidade, para os vindouros entenderem como ela sobreviveu e aumentou, contra todas as dificuldades»<sup>48</sup>. Deste enorme manancial, tentemos sistematizar os momentos essenciais do longo e penoso processo, de cerca de vinte e três anos, descrito com invulgar mestria pelo seu autor<sup>49</sup>:

1. Em 1686, os primeiros sacerdotes procuraram os estatutos da Congregação do Oratório de Lisboa, movidos pelo Padre D. Antonino

<sup>45</sup> Veja-se o nosso estudo. *Goa Setecentista. Tradição e Modernidade (1750-1800)*, 2.ª edição, Lisboa, CEPCEP, 1999, pp. 147-151.

<sup>46</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, fl 314.

<sup>47</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 85.

<sup>48</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 102.

<sup>49</sup> Veja-se, no apêndice, a documentação utilizada por S. Rego na intelecção e redacção deste assunto.

de Vintemilha e estimulados pelas excelentes notícias divulgadas na Índia, a respeito do Padre Bartolomeu do Quental<sup>50</sup>.

2. No ano seguinte, em Setembro, receberam a carta do Padre acompanhada dos ditos estatutos<sup>51</sup>.
3. O Padre Quental recomendou o assunto ao novo arcebispo de Goa, D. Alberto da Silva que, vindo na mesma monção, foi portador dos mesmos estatutos.
4. Os congregados começaram a observar os estatutos. O antiste prometeu promover o aumento da casa, mas faleceu em 1688.
5. A congregação esteve cerca de dois anos quase a agonizar-se, mas o Padre Custódio Leitão guardou, quanto possível, acompanhado ou sozinho, os estatutos.
6. Em 1690, os padres recorreram aos préstimos do prelado D. Frei Pedro da Silva, bispo de Cochim e governador do arcebispado de Goa, sede vacante, que acrescentou mais três cláusulas aos estatutos: obrigação do ofício divino em coro; voto de permanecer na clausura; e pregação fora da casa no advento, quaresma e actos de penitência<sup>52</sup>.
7. O bispo remeteu o pedido e os estatutos ao jesuíta Francisco Simões que, tendo em conta a fraca compleição dos naturais e os ardores do clima, reduziu o número dos jejuns, das disciplinas, o tempo da oração e dos exercícios ânuos<sup>53</sup>.
8. O bispo quis, ainda, que as principais disposições interiores da Congregação dependessem do seu oráculo, negando aos congregados voto decisivo nas eleições dos superiores e oficiais domésticos<sup>54</sup>.
9. Apesar de várias diligências dos congregados para demover o bispo da sua opinião, este decidiu aprovar os estatutos e mandar passar a provisão da erecção, com duas condições: os missionários para o Ceilão e outras partes seriam escolhidos e enviados pelo Ordinário e só poderiam recolher-se à clausura com licença sua; a segunda, que as eleições teriam de ser feitas na presença do Ordinário, o qual teria voto decisivo, enquanto os congregados apenas consultivo<sup>55</sup>.

<sup>50</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, pp. 63-64.

<sup>51</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 82. Na sua epístola, assegurava toda a protecção de pai, mas também os animava para suportarem com tenacidade «as tempestades de contradições».

<sup>52</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 98.

<sup>53</sup> «...Ponderando a debilidade da gente natural e a inclemencia do clima, que não permite muytos apertos aos corpos mais robustos, demenuio algumas penitencias de jejuns e disciplinas e meia hora da oração de manhã, com parte dos nove dias dos exercicios annuos, determinando só sinco» (*Ibid.*, Liv. 1.º, p. 99).

<sup>54</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 100.

<sup>55</sup> O Ordinário proporia três pessoas para cada ofício e os congregados escolheriam por mais votos. Esta exigência era infalível na eleição do prepósito da Congregação que à data era designado por perfeito. Justificava com o argumento de que agia assim para evitar a censura dos arcebispos proprietários seus sucessores e não por ambição de ampliar a sua jurisdição (*Ibid.*, Liv. 1.º, p.101).

10. O Padre Custódio Leitão condescendeu com as condições exigidas pelo bispo, no seu despacho de 13 de Janeiro de 1691. Mas, esclarecido pelo provincial dos jesuítas, Padre Manuel Carvalho, dos inconvenientes inerentes a essas condições, não procurou a provisão. Também não obteve favor algum da sede vacante seguinte, em virtude da poderosa oposição do Cabido.
11. O Padre Quental dirigiu uma súplica ao rei, em nome dos congregados de Goa, pedindo o seu real aplauso para recorrerem à Sé Apostólica e obterem o breve da confirmação da Congregação<sup>56</sup>. Mas, na Cidade de Goa e na Corte de Lisboa, os inimigos da Congregação criaram sérios obstáculos<sup>57</sup>.
12. O rei mandou convocar a Junta das Missões, em 1692, para se diferir o requerimento. Ficou apenas acordado que o arcebispo, depois de examinar da constância dos sacerdotes, seus procedimentos e vocação, informaria o soberano<sup>58</sup>.
13. A ordem real chegou a Goa com o vice-rei Conde de Vila Verde, D. Pedro António de Noronha, em 1693. Esta data marcou o início de grandes contradições, que duraram seis anos. O arcebispo, que demorou a desempenhar-se da sua incumbência, exigiu três condições: haver sacerdotes doutos na Congregação; comprovar a perseverança no Recolhimento de Santa Cruz e posse de património suficiente para o seu sustento<sup>59</sup>.
14. Vencida a dificuldade do património, os congregados solicitaram a benevolência do arcebispo, por medeação de D. Pedro Pacheco, recém-chegado a Goa, por bispo de Cochim. Este prelado estava empenhado no aumento da missão do Ceilão, porque ela pertencia à sua diocese. Esta diligência, porém, não surtiu qualquer efeito<sup>60</sup>.
15. Após cinco anos de espera, os sacerdotes decidiram passar da Congregação do Oratório para a Companhia de Jesus, mas o seu Geral, Tirso Gonçalves não diferiu a pretensão, alegando que essa concessão era da competência da Sé Apostólica<sup>61</sup>.
16. Os sacerdotes pediram ao vice-rei que tomasse a Congregação debaixo do seu patrocínio, com o título de protector, o que aceitou.

<sup>56</sup> Este requerimento estava escudado no despacho do bispo governador, na informação do Padre Mestre Francisco Simões, reitor do Colégio de Rachol e nas extraordinárias notícias da acção do Padre José Vaz no Ceilão (*Chronologia*, Liv. 2.º, p.148).

<sup>57</sup> Os adversários desabonaram os congregados por inconstantes, ignorantes, gente de pouco préstimo, de quem não se podia esperar obra de edificação. E comprovavam pelo facto de muitos naturais de Goa terem entrado nesta Congregação, mas não terem perseverado (*Ibid.*, Liv. 2.º, p. 148).

<sup>58</sup> A presença do Padre Quental na Junta das Missões foi muito favorável, pois procurou apagar o conceito de inconstância dos oratorianos goeses (*Ibid.*, Liv. 2.º, p. 149).

<sup>59</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 158.

<sup>60</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 164.

<sup>61</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 170.

- Determinou o envio de dois congregados a Portugal com a provisão do Ordinário e cartas necessárias para procurarem a aquiescência real e a confirmação da Sé Apostólica<sup>62</sup>.
17. O arcebispo quis primeiro examinar a observância dos congregados e por isso fez frequentes visitas ao Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres. Determinou, também, que alguns padres fossem missionar nas aldeias das Ilhas e de Salsete<sup>63</sup>. Mandou, ainda, cuidar do aumento do património.
  18. O prelado fez tantas mudanças nos estatutos que já não se identificavam com os da Congregação do Oratório de Roma, ou de Lisboa, feitos *ad instar* daquela. Eram tão diferentes dessas duas que a sua nova forma consistia numa total sujeição ao Ordinário. Os exercícios espirituais, jejuns e disciplina estavam reduzidos a menos de metade<sup>64</sup>.
  19. Os congregados viram-se forçados a consentir neles e assim, depois de dezasseis anos de tribulações, obtiveram a provisão da erecção da Congregação e a aprovação dos novos estatutos<sup>65</sup>.
  20. Em Portugal, o padre Francisco Pedroso, Prepósito da Congregação do Oratório de Lisboa, solicitava a pretensão dos sacerdotes goeses, mas o Secretário de Estado e o confessor do rei mostravam-se opostos a favorecê-los.
  21. Em 21 de Março de 1703 o rei, a instância do Prepósito do Oratório de Lisboa, mandou consultar a pretensão na Junta das Missões. Os deputados convieram que o rei confirmasse e desse a protecção real, com declaração, porém, que fosse do modo como o arcebispo havia confirmado, com as «moderações» postas aos estatutos<sup>66</sup>. O Prepósito não resistiu muito, porque lhe pareceu que assim seria a forma de conseguir a aprovação.
  22. Baixou o despacho real, em 22 de Março de 1703, dando o consentimento para o pedido ao papa, da confirmação dos estatutos aprovados pelo arcebispo e advertindo que, sendo alterados, seria retirada a protecção régia.
  23. Os padres da Congregação de Lisboa encarregaram-se de solicitar e patrocinar as diligências em Roma. Contudo, o assunto arrastou-se por três anos, porque a nova forma dos estatutos, com muitas restrições, suscitava muitas dificuldades.
  24. Em Roma, o procurador Padre João da Guarda expôs a Sua Santidade que a congregação goesa estava pronta para observar os mesmos

<sup>62</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, p. 207.

<sup>63</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 223.

<sup>64</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 228.

<sup>65</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 229.

<sup>66</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 313.

- estatutos que os seus predecessores haviam aprovado para as congregações de Portugal. Desse modo, conseguiu a bula da confirmação, expedida pelo papa Clemente XI, em 26 de Novembro de 1706 e remetida para a Índia na nau de viagem, em Março de 1707.
25. As bulas apostólicas chegaram a Goa em fins de Outubro de 1707. Com a mediação do vice-rei, o arcebispo acabou por aceitá-las e permitiu a observância dos estatutos idênticos aos do Venerável Quental. Os congregados fizeram um termo pelo qual se obrigaram a viver debaixo da direcção do arcebispo, mas apenas enquanto ele vivesse, já que de outra sorte ficariam impedidos de lograrem as graças e privilégios concedidos pelo Sumo Pontífice<sup>67</sup>.
  26. Em 1709, D. João V colocou a Congregação debaixo da sua protecção e mandou que se guardassem os estatutos confirmados pelo Pontífice e não os mutilados e alterados pelo arcebispo<sup>68</sup>. Evidentemente que a notável acção do Padre José Vaz no Ceilão contribuiu bastante para a confirmação dos estatutos. Renovada a observância, reformaram-se também os officios com seus próprios nomes, trocando o de prefeito em prepósito, o de mestre do espírito em prefeito espiritual, o de provisor em procurador; só permaneceu a dependência do Ordinário, mas para durar até ao fim da vida do arcebispo<sup>69</sup>.

O tempo mostrou quão infundados eram os receios de que os clérigos naturais de Goa não reunissem condições físicas e psicológicas para suportar o rigor das disciplinas e dos jejuns<sup>70</sup>. Com os novos estatutos, a Congregação ganhou em estabilidade e firmeza, vindo a adquirir novos membros que dilataram a acção apostólica em Goa, no Canará e no Ceilão. Sebastião do Rego conclui que «a Providência Divina mudou as coisas em tempo oportuno e por modo que nem a Sua Magestade foi desagradável, nem o arcebispo o pôde alterar de *motu proprio*»<sup>71</sup>.

\*

Evidentemente que, sendo Ceilão a terra emblemática dos oratorianos, o Padre Sebastião do Rego ocupa-se aturadamente da descrição das suas terras e gentes, do passado histórico, da vida política, da religião, dos seus costumes e tradições, etc. Na arquitectura da obra, esta matéria é tratada

<sup>67</sup> Em 29 de Dezembro de 1707, teve lugar uma festa solene em acção de graças pela recepção da bula de confirmação da Congregação, com os estatutos semelhantes aos de Lisboa. «Desde este dia tomou a Congregação nova forma; porque começou a praticar inteiramente os estatutos do Veneravel Quental, que «antes» observava mutilados» (*Chronologia*, Liv. 4.º, p. 401).

<sup>68</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 405.

<sup>69</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 402.

<sup>70</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 412.

<sup>71</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 314.

logo após a chegada do Padre José Vaz a Potulão, vindo fugido de Jáfana e espraia-se por mais de dois longos capítulos, repletos de importantes elementos e com considerações do próprio autor<sup>72</sup>.

Desde os diversos nomes atribuídos à ilha ao longo dos tempos, até à sua situação geográfica, orografia, as fantásticas riquezas naturais, as espécies aromáticas, a flora e a fauna em geral, as peculiaridades de certas actividades como a pesca dos aljófares que congregava muita gente e provocava muita movimentação, a caça aos elefantes, são aqui tratados com uma erudição invulgar, reveladora do seu profundo conhecimento sobre essas matérias<sup>73</sup>. E o autor remata: « Se em Ceilão houvesse arvore vedada, de que comeo Adão, e a da vida, de que não chegou a comer, parece que lhe não faltava o mais que basta para fazer paraizo hum terreno; e só neste sentido pode ter alguma apparencia da verdade o opinamento dos que situarão nesta ilha o parayzo terreal »<sup>74</sup>.

Do ponto de vista morfológico, duas regiões naturais se demarcam na ilha: os países altos, chamados Gates, onde fica o reino de Cândia, com abundância de fontes, rios e lagos; os países baixos, com penúria de água, à excepção de Colombo, Jáfana e Mantota, com poços abertos no tempo dos portugueses. Potulão tem um poço mandado cavar pelos missionários oratorianos, na área do seu hospício.

A ilha produz géneros preciosos como rubis, olhos de gato, safiras, topázio e grande quantidade de cristal e ferro. Entre as espécies aromáticas resalta o cardamomo, pimenta preta, gengibre e sobretudo a canela, excelente na qualidade e abundantíssima na quantidade. Areca, coco, café, arroz, legumes, as melhores frutas da Índia, com destaque às mangas, também aqui se cultiva com grande proveito.

Os matos repletos de ébanos, teca de excelente qualidade, trazida de Java, estão coalhados de inumeráveis elefantes, os melhores para se domarem, quer para a guerra, quer para outros serviços. Também se fabrica muita roupa de algodão, quer branca, quer pintada, com muito primor e com tintas muito vivas, preparadas a partir de plantas da terra<sup>75</sup>.

Com o título de «Antiguidades de Ceilão», Sebastião do Rego apresenta a evolução política do Ceilão, remontando aos primórdios mais ou menos míticos do seu povoamento<sup>76</sup>. Deste passado mitológico emerge o rei Vigia Rajá, primeiro povoador e rei da ilha do Ceilão, de quem descenderam os demais que, possuindo esta ilha dividida em vários estados, prestavam vassalagem ao Imperador de Cotta, a quem tributavam feudo. Acreditavam que os reis pertenciam à geração do sol e por isso prestavam-lhes adoração.

Após uma breve alusão ao comércio que o Ceilão teve com os romanos, o autor refere mais demoradamente a presença dos portugueses, «segundos

Romanos na fortuna, primeiros no valor»<sup>77</sup>. De destacar a aliança que D. Lourenço de Almeida concluiu com o rei de Cotta, pela qual a coroa lusitana assegurava a defesa dos portos marinhos das arremetidas dos piratas mouros que os hostilizavam e o rei de Cotta contribuía com o feudo de dezoito mil arrobas de canela. Este soberano houve por bem que D. Lourenço de Almeida arvorasse uma cruz e gravasse as quinas portuguesas numa coluna de mármore, como preito de um futuro domínio nessa terra<sup>78</sup>.

Após doze anos de boa paz, a quebra da aliança desencadeou a partir de 1517 pelejas renhidas; finalmente, o governador Lopo Soares de Albergaria dominou os reis de Uva, Cotta, Baticalor, Safragão e Jafana. O rei de Sitavaca, convertido ao catolicismo com o nome D. João Periabandar, deixou o reino a D. João III de Portugal.

O primeiro rei de Cândia a converter-se foi Darmapala Astana, que se chamou João. Aquando das perseguições dos chingalas contra os católicos, o príncipe João refugiou-se em Goa. Outro veio para Portugal e renunciou o direito à coroa de Cândia nos reis portugueses. Por isso, com justiça, os reis portugueses pretenderam a conquista daquele reino.

Na ausência do rei D. João, introduziu-se em Cândia um tirano que foi pérfido ao seu legítimo rei e também à lei católica. Esta situação desencadeou um litígio que acompanhou toda a dominação lusa no Ceilão. Entretanto, cansado de lutar, o tirano propôs um acordo aos portugueses: ficava ele com a parte dos Gates acima, cabendo aos portugueses o circuito dos Gates abaixo, uma óptima parte da Ilha. Os portugueses não aceitaram a proposta, «porque erão tempos aquelles, em que não se cuydava em conservar o ganhado; se não em ganhar novos triunfos»<sup>79</sup>.

Do casamento do tirano com D. Maria nasceu Raja Singa, que intolerante com a fé católica como o pai, se confederou com o herege holandês e ambos expulsaram da ilha o católico. Seguiu-se no trono o seu filho Vimala Suria, em cujo reinado entrou o Padre Vaz, no reino de Cândia. Sucedeu seu filho Narendra Singa, mas como não teve descendência, foi coroado rei o irmão da rainha viúva, Astana Cumara. Então, os portugueses aperceberam-se que lhes teria sido vantajosa a proposta do tirano, já que com o apelo do juiz herege perderam a posse do Ceilão e das ilhas circunvizinhas. Mas era tarde demais!

Na verdade, com os portos que dominaram e apesar de possuírem pouca terra, os holandeses, a troco de uma pensão perpétua de tributo anual ao rei de Cândia, tiraram muito proveito com o comércio de géneros preciosos como o marfim, a canela, a pimenta, a areca, o tabaco e a caça dos elefantes<sup>80</sup>.

<sup>72</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, fls 106-113 e os capítulos 22.º e 23.º.

<sup>73</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 106-114.

<sup>74</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 113.

<sup>75</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 110-113.

<sup>76</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 114-121.

<sup>77</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, p. 116.

<sup>78</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 117.

<sup>79</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 119.

<sup>80</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 119-120.

Nesta obra encontram-se, também, notícias sobre a primeira cristandade de Ceilão, os seus obreiros franciscanos, os mártires com destaque aos de Manar. Como se sabe, a ilha foi evangelizada pelos franciscanos até a data do domínio holandês. Estes regulares converteram mais de trezentas mil almas que prestavam culto em quatro conventos, dois colégios e oitenta e nove igrejas paroquiais. Os gloriosos martírios, ocorridos nessa época foram semente de muitos convertidos, que se fizeram pregadores do Evangelho, exortando uns aos outros a seguirem a Nova Lei.<sup>81</sup>

Como se sabe, a missionação no Ceilão teve um lugar primordial na vida do Padre José Vaz e dos oratorianos, seus companheiros. Assim se entende que também na *Chronologia* essa matéria tenha sido tratada com grande desenvolvimento e pormenor. Dela se pode exaurir o método de evangelização, a organização da missão oratoriana ceilonense, a acção evangelizadora destes religiosos goeses, os casos de êxito missionário, etc.

Debrucemo-nos, primeiramente, sobre o modo como o fundador procedia na realização de uma missão, já que durante nove anos trabalhou só, sem qualquer companheiro sacerdote; por isso, Sebastião do Rego teve muita dificuldade em colher informação a respeito desta primeira etapa. Um programa de intensa oração, marcada pelo recolhimento interior, precedia sempre a missão. Ao sair e ao recolher-se dela, prostrava-se sempre junto da cruz, que entretanto erguera no pátio da igreja de Cândia, onde a partir de certo momento fixara a sua residência<sup>82</sup>.

Quando chegava ao lugar onde ia realizar uma missão começava logo a rezar o ofício divino e entretanto mandava convocar o povo. Recitava a ladaíinha e preparava-o para o acto da confissão. Nas terras dos gentios iniciava de imediato o trabalho apostólico; nos domínios dos holandeses tudo era feito de noite: confissões até às três da manhã, seguida da missa, comunhão, casamentos, pregação; ao amanhecer estava tudo terminado e partia para outro sítio. A não ser em casos de extrema necessidade nunca pernoitava duas noites no mesmo local. Terminada a missão, deixava no altar da ermida uma oferta ao ermideiro e, antes da despedida, benzia o cemitério<sup>83</sup>.

Por mais de vinte anos o Padre José Vaz guardou inviolavelmente este método, mesmo quando as suas forças declinaram<sup>84</sup>. Os missionários acompanharam-no e fizeram o mesmo, com empenhamento e fervor. Nos domínios dos holandeses, realizavam todo o trabalho da missão de noite e, para maior cautela, estavam uma parte da noite numa rua e a segunda parte

<sup>81</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, pp. 121-130.

<sup>82</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 580.

<sup>83</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 570.

<sup>84</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 568.

noutra, como fez o Padre José de Menezes na cidade de Columbo, em 1700. Palmilhou essa terra e arrabaldes durante três meses, velando de noite e escondendo-se de dia; durante esse tempo não dormiu uma só noite.

Com efeito, nessa missão, das sete horas da noite até às quatro da manhã trabalhou ininterruptamente, ouvindo confissões, pregando, catequizando, dando a comunhão, administrando o baptismo e fazendo casamentos. Nessa missão administrou sacramentos a todos os católicos de Columbo e seus arredores até Malvana e converteu mais de mil e quinhentos gentios<sup>85</sup>. Outros missionários agiram de modo semelhante.

No que respeita à organização de toda a missão do Ceilão, há que reter que anualmente o Padre Vaz fazia a «designação» dos lugares em que haviam de trabalhar os missionários. Desse modo, tendo em conta as muitas adversidades do meio físico e humano e a saúde dos sacerdotes, procedia cada ano a novos ajustamentos e, assim, a uma justa repartição dos mesmos.

Esta distribuição dos sítios, que lhe competia como vigário-geral da missão do Ceilão e superior dos missionários congregados<sup>86</sup>, nunca a impôs, mas fê-la sempre por mais votos, respeitando o espírito e as forças de cada um, para o que se reunia o maior número possível de missionários, em Potulão, a sede da missão, *mutatis mutandis*<sup>87</sup>. Com efeito, nesta terra e em Boluarte juntavam-se os missionários para tratarem em comum os assuntos da missão<sup>88</sup>. Observe-se que não só nesta mas noutras matérias, o Padre decidia sempre em conselho, o que aliás era norma em todos os Oratórios do Reino, fazendo deles instituições de vida democrática<sup>89</sup>.

Exemplifiquemos, com a designação dos lugares para o ano de 1709. O Padre José Vaz mudou o Padre Manuel Miranda para Potulão, com vista a ter algum descanso dos três anos de cruel perseguição dos hereges. O Padre Jácome Gonçalves foi designado para Columbo. O Padre José de Jesus Maria ficou em Mantota e Manar. Os novos missionários Padre Basílio Barreto e Pedro Inácio de Almeida já capazes de falar o idioma da terra foram mandados, o primeiro para Cotiar, Trincamale e Baticolor e o segundo para o reino de Cândia, excepto a Corte e suas comarcas. É que esse território, situado no centro da ilha, competia sempre ao superior da missão, que daqui circulava por todas as designações do Ceilão, qual «sol no zenit, espalhando por todas as

<sup>85</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, p. 281-282.

<sup>86</sup> Vigário geral, por patente do bispo de Cochim, com plena jurisdição espiritual e temporal em toda a ilha do Ceilão; superior dos missionários congregados, por patente do Prelado da Congregação (*Ibid.*, Liv. 2.º, p. 178).

<sup>87</sup> «Nascião desta dispozição dous grandes bens; hum de evitar se qualquer occazião de desagrado, que algum menos mortificado poderia ter da sua eleição; outro de ser leve o jugo de missionar antes neste lugar, que em outros, por ser escolhidos pelos mesmos missionários» (*Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 613-614).

<sup>88</sup> Cf. *Ibid.*, Liv. 4.º, fls 444 e 512.

<sup>89</sup> Veja-se Eugénio dos Santos, *O Oratório no Norte de Portugal. Contribuição para o estudo da história religiosa e social*, Porto, 1982, p. 144.

partes a luz da pregação»<sup>90</sup>. Aos Padres Ferrão e José de Menezes não foram atribuídas residências próprias por estarem adoentados, deixando aos critérios deles o trabalho que suas forças permitissem e nos sítios que lhes parecesse mais convenientes à sua saúde<sup>91</sup>.

A humanidade e compreensão que reinava entre os missionários protagonizava-se, bastas vezes, numa atitude de ajuda aos sacerdotes de outras designações<sup>92</sup>. Dentro de cada uma destas, os missionários não tinham lugar permanente. Nos senhorios heréticos, onde a missão era clandestina, mudavam de local com muita frequência e até numa mesma noite, para escaparem à vigilância feroz das autoridades holandesas. Nas terras dos gentios, porque os domínios eram muito vastos, tinham de calcorriar matos, vales, sítios por vezes muito longínquos<sup>93</sup>.

Todavia, apesar de andarem muito dispersos, viviam do comum, porque havia sítios em que as oblatas eram generosas e, pelo contrário, noutros muito precárias<sup>94</sup>.

Como já se disse, o Padre Vaz, da sua residência na Corte de Cândia, «girava em roda cada ano por toda a ilha do Ceilão»<sup>95</sup>. Visitava anualmente todas as residências, missionários e comunidades católicas; se necessário, detinha-se todo o tempo com uma só alma; reservava para si os sítios mais recônditos, sobretudo no sertão, particularmente preferidos por ele, que os tinha como «carícia divina»<sup>96</sup>.

A continuidade do culto após a retirada do missionário era assegurada pelo ermideiro, pessoa escolhida entre os mais capazes, com boa formação moral e religiosa, incumbida de diversas funções, tais como: cuidar das alfaias religiosas da ermida; baptizar as crianças em casos de necessidade; ensinar a ler e a escrever aos rapazes da escola; abrir de tarde as portas para os que vinham orar e de noite, ajuntar a gente da povoação para rezar ou cantar alternadamente o terço, ladainha, salvé, outras devoções marianas; em algumas partes para fazer, também, oração mental, tomar disciplina nas sextas-feiras e três vezes na quaresma.

Nos domingos e dias santos o ermideiro presidia à «missa seca» e explicava o evangelho. Como se constata, a sua função como sacristão, catequista

<sup>90</sup> Veja-se *Chronologia*, Liv. 2.º, p. 145.

<sup>91</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 479. Veja-se também a distribuição das designações em 1705 (*Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 333-334).

<sup>92</sup> No ano de 1708, o Padre José de Jesus Maria depois de terminar o trabalho apostólico na sua residência de Potulão, foi ajudar o Padre Pedro Ferrão, em Xeticulão, onde obteve muitos frutos; de caminho missionou em várias povoações (*Ibid.*, Liv. 4.º, pp. 448-452; cf. também Liv. 3.º, p. 395).

<sup>93</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 513.

<sup>94</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 512.

<sup>95</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 577.

<sup>96</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 624-625.

e até professor era fundamental para o enraizamento da prática e das tradições religiosas incutidas pelo missionário<sup>97</sup>.

O Fundador da missão do Ceilão construiu seis igrejas, mas em 1711 já existiam vinte. Além disso, em cada povoação, quer das terras do rei de Cândia, quer das da Companhia Holandesa, havia uma ermida. Naquelas, as capelas eram públicas; nestas, ocultas e muitas delas simples oratórios das casas, armados num quarto separado e dedicado unicamente ao culto divino. Por isso o número de ermidas instituídas pelos oratorianos nesta ilha foi considerável<sup>98</sup>.

Em quase todas as igrejas e também em muitas ermidas foram instituídas irmandades, com os seus presidentes e um presidente-mor. Nas terras dos hereges, onde a população cristã era mais dilatada, também o número de irmandades era maior. Na ausência do sacerdote, o presidente-mor também compunha os pleitos e corrigia os erros<sup>99</sup>.

O quadro dos agentes religiosos incluía ainda os catequistas que ensinavam a doutrina e moderavam «controvérsias» em língua da terra, refulando o gentilismo ou os erros dos hereges. Importa registar que os missionários muniram as igrejas e as ermidas de catecismos com explicação da doutrina cristã e esclarecimentos sobre aspectos do gentilismo e da heresia; manuais com a explanação dos Evangelhos, livrinhos de várias devoções e de ladainhas da Virgem, vidas dos santos, sermões e exortações espirituais, história sagrada, em línguas locais, muitos deles da sua autoria – importantes e imprescindíveis ferramentas de trabalho para os colaboradores da missão<sup>100</sup>.

«Para a boa instrução da christandade estão compostos muitos livros, huns em lingua tamul, que hé geral na beyra-mar da ilha e outros em lingua chingalá, que corre no reino de Candia... Muitas destas composições foram do Veneravel Jozeph Vaz, que elle não divulgou em nomme proprio por sua muita humildade; mas de outros missionarios, como os mesmos confessaram»<sup>101</sup>.

Tenha-se presente, ainda, que os novos missionários faziam um estudo aturado das línguas locais, sobretudo nos primeiros tempos da sua estadia no Ceilão e só depois iniciavam os seus trabalhos apostólicos. Como se pode concluir, os oratorianos realizaram um trabalho sistemático, tendo em vista garantir o culto cristão no Ceilão ao longo dos tempos.

A *Chronologia* fornece abundante informação sobre os traços de que se revestiu a prática religiosa no Ceilão. É de ressaltar a grande religiosidade

<sup>97</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 522; Liv. 5.º, p. 570.

<sup>98</sup> O Padre José Menezes, *vg.*, porque não podia multiplicar-se em muitas partes, erigiu 20 ermidas (*Ibid.*, Liv. 2.º, p. 210).

<sup>99</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 523.

<sup>100</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, p. 396.

<sup>101</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 523.

deste povo que, não se furtando às adversidades físicas e humanas, vencida distâncias, adaptava-se às incomodidades, para participar no culto e assistir às solenidades religiosas. As festas da Virgem, dos santos (especialmente de S. José e de Santo António<sup>102</sup>), os «passos» da paixão de Cristo na quaresma<sup>103</sup>, o Natal, eram celebradas com esmero, fervor e muitas demonstrações exteriores, «porque os gentios se levão muito de materialidades e he preciso meter lhas nos olhos do corpo, para elles abrirem os da alma e receberem a espiritual luz da fé»<sup>104</sup>.

Realizavam-se procissões soleníssimas com grande afluência de gente, com muitos instrumentos e cânticos, com várias imagens sagradas que depois ficavam expostas no pátio das igrejas, para os fiéis beijarem com muita devoção<sup>105</sup>; por ocasião do Natal representavam-se autos divinos, baseados na vida dos santos ou passagens da Sagrada Escritura, na língua da terra. A festa de maior pompa e solenidade nesta missão é a do Espírito Santo, na igreja de Potulão – a sede da missão –, com grande concurso de sacerdotes e fiéis.

No Ceilão divulgou-se um culto especial pela Virgem Maria, por razões óbvias: o patrono desta missão era S. José, esposo de Maria; a primeira igreja edificada na corte de Cândia fora consagrada ao Santíssimo Nome de Maria, com o título de Nossa Senhora da Conversão dos Infiéis. A maior parte das igrejas, ermidas e confrarias eram dedicadas à Virgem, com vários títulos. Os crentes invocavam-na por «Madavé», ou seja, a Mãe de Deus. A recitação do rosário e da ladainha, muito propagada pelo Padre Vaz e pelos demais missionários, era prática quotidiana nas famílias<sup>106</sup>.

A festa do nascimento da Santíssima Virgem Mãe foi solenizada em muitas localidades, sempre precedida de muitas confissões e batismos, até mesmo batismos gerais<sup>107</sup>. Também a festa da Assunção era celebrada com muita gente, música e ainda «um engenho da subida da Senhora»<sup>108</sup>.

Naturalmente que muitos costumes religiosos foram simplesmente transpostos do território de Goa para a ilha da Taprobana e adaptados a este local. É o caso da devoção «de via crucis» que o Padre José Vaz deixara bem alicerçada nas aldeias de Goa, especialmente na de Chorão. Com efeito, na quaresma saíam, quase todos os dias, grupos de fiéis, sucedendo uns aos outros para visitar as cruzes, recitando fervorosas orações e fazendo meditações da Via Sacra. Tanto na missão do Canará como do Ceilão, em todas as ermidas e igrejas que construiu, mandou erigir cruzes.

<sup>102</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 335-336 e Liv. 5.º, p. 582.

<sup>103</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 361.

<sup>104</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 521.

<sup>105</sup> Anote-se a grande devoção dos neófitos cristãos às imagens sagradas (*Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 335-336).

<sup>106</sup> *Chronologia*, Liv. 4.º, pp. 524-525.

<sup>107</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 321, 363-364.

<sup>108</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 486.

Este costume religioso foi iniciado em Goa por dois missionários de Varatojo, Frei Manuel das Entradas e Frei Jorge das Saídas, discípulos do venerável Frei António das Chagas, em cuja companhia andou o Padre Vaz no ano de 1685, antes de entrar na Congregação. Depois de congregado traduziu para o concani as meditações da Via Sacra que se costumavam fazer nessa visita; li-as e fazia perceber com grande aproveitamento das almas<sup>109</sup>. Era um grande devoto da cruz: enquanto esteve no Monte da Boavista, visitava a Santa Cruz dos Milagres de noite e de dia e adorava-a;

Na esteira do Padre Vaz, os missionários oratorianos seguiram o seu exemplo. Assim, o irmão Manuel da Cruz com seus companheiros visitava todos os dias do ano, no Verão e no Inverno, as cruzes da via sacra no pátio da sua igreja; na quaresma começava ao meio dia, na maior força do calor<sup>110</sup>. Também o Padre Pedro Ferrão visitava as estações da «via crucis», «com notável compunção nos mistérios dolorosos da Paixão»<sup>111</sup>.

Outra prática muito divulgada pelas aldeias de Goa e introduzida no Ceilão foi a devoção pela Nossa Senhora do Carmo e o uso do seu «bentinho». Em partes remotas da ilha, como acontece na igreja de Boluarte, havia uma irmandade do «Santo Bentinho Carmelitano», constituída pelos principais holandeses católicos de Columbo e Nigumbo, que prezavam muito em vestir a sua opa branca com o bentinho<sup>112</sup>.

Como a congregação se colocara sob a protecção de Nossa Senhora do Carmo, tributava-lhe culto e propagou de tal modo o uso do bentinho que em muitas aldeias de Goa contavam-se muitas centenas de confrades dessa irmandade. Os oratorianos distribuíam graciosamente bentinhos pelos fiéis e um sacerdote da congregação imprimiu um compêndio com as suas indulgências.

Sebastião do Rego relata, com pormenor e vivacidade, alguns casos de verdadeiro êxito missionário. É impressionante a sua descrição sobre o modo como todos os aldeões de Xeticulão e Puliacatão se converteram, transfigurando-se de «centros de gentilismo» em «santuários do cristianismo», nos anos de 1708 e 1710, respectivamente<sup>113</sup>. Também descreve o sucesso obtido pelo Padre Pedro Ferrão em Mantota e Manar<sup>114</sup>. Mantota e Vanim, terras de infiéis, transformaram-se nas mais numerosas e fervorosas cristandades da missão do Ceilão. Nesta última localidade todos os pescadores se converteram<sup>115</sup>. Os prodígios alcançados pelo Padre Ferrão na caça dos elefantes tiveram grande importância<sup>116</sup>.

<sup>109</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, p. 62; Liv. 5.º, p. 580.

<sup>110</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 303.

<sup>111</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 198.

<sup>112</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, pp. 470-471.

<sup>113</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, pp. 448-452 e 496-497.

<sup>114</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 364.

<sup>115</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 293.

<sup>116</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 284-285.

Conta-nos como o Padre Manuel Miranda conseguiu persuadir os habitantes de Columbo e Nigumbo – distritos heréticos – a confessarem publicamente e por escrito a sua fé católica, romana, ao governador da Companhia Holandesa. Anote-se que este congregado, após contínua comunicação com os pescadores, os paravás e os xettis (homens de negócio) concluiu que eles eram no seu íntimo católicos, mas no exterior dissimulavam-se de reformados<sup>117</sup>. Por isso, explicou-lhes que de modo algum podiam negar a sua fé por respeito humanos, mas no entanto deviam obedecer aos senhores da terra fielmente em tudo que tocava ao seu serviço. Reconhecendo o grande erro em que haviam incorrido, os pescadores detestaram a sua culpa e juraram confessar a fé católica, mesmo que isso custasse a vida. Os paravás também concordaram em fazer a sua petição à parte. Os xettis, gente pusilânime, prometeram não negar a fé, mas não avançaram com a petição. Sebastião do Rego relata minuciosamente os momentos deste acontecimento, enumerando o questionário a que foram sujeitos e as suas respostas, bem como a heroicidade dos mesmos<sup>118</sup>.

Outras vezes, os missionários lograram êxitos na sequência de disputas teológicas e doutrinárias com hereges; e a sua conversão constituía um incentivo para um grande número de baptismos. Assim aconteceu em Manar, em 1709, quando o Padre José de Jesus Maria conseguiu derrubar, com irrefutáveis argumentos, uma seita perniciosa inventada por um apóstata. Este facto teve muita ressonância, desencadeando novas conversões<sup>119</sup>. Registaram-se, também, casos de homens recalcitrantes que persistiram no erro durante muitos anos, mas a sua conversão foi acompanhada de muitas outras.

O Padre José de Menezes não fez nenhuma missão com menos de mil conversões. Como se pode deduzir as missões realizadas pelos oratorianos no Ceilão, quer nos domínios heréticos, quer nas terras dos infiéis, foram sempre muito frutuosas e com resultados duradouros.

Se até 1710 havia 9 padres no Ceilão, volvidos quarenta anos, mais precisamente em 1746, o seu número havia já duplicado<sup>120</sup>. No reino de Cândia – o centro da ilha –, havia 20 igrejas. Só no distrito de Nigumbo existiam 14 ermidas<sup>121</sup>.

No ano de 1703 havia vinte e cinco mil almas no Ceilão. Desta data para diante, de ano para ano foi aumentando o número de conversões<sup>122</sup>. No consenso dos missionários primitivos, em 1710 o número de convertidos do hinduísmo e do protestantismo ter-se-ia elevado para trinta mil. E em 1746, data limite da *Chronologia*, apontava-se para cerca de cem mil almas, conquanto não houvesse um cômputo certo.

<sup>117</sup> A casta dos pescadores era constituída por gente rica e respeitada, agentes da pescaria dos aljofres e davam muito lucro à Companhia Holandesa.

<sup>118</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, pp. 367-383.

<sup>119</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 480.

<sup>120</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 518, em que se encontra a relação dos dezoito padres oratorianos no Ceilão.

<sup>121</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 114.

<sup>122</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 318.

A jeito de balanço, pode-se afirmar que a missionação levada a cabo pelos oratorianos no Ceilão foi uma gesta com sucesso. Como se sabe, a ilha foi evangelizada pelos franciscanos até a data do domínio holandês. Estes regulares converteram mais de trezentas mil almas que prestavam culto em quatro conventos, dois colégios e oitenta e nove igrejas paroquiais. Os gloriosos mártírios, ocorridos nessa época foram semente de muitos convertidos, que se fizeram pregadores do Evangelho, exortando uns aos outros a seguirem a Nova Lei. Com efeito, da florescente cristandade implantada nessa ilha pelos franciscanos, apenas restava uma vigéssima parte, quando o Padre José Vaz aí aportou<sup>123</sup>. Além disso, muitos cristãos ceilonenses viviam completamente afastados dos bons costumes e da prática religiosa<sup>124</sup>. Havia católicos baptizados em tempo dos portugueses, mas tão prevaricados que publicamente idolatravam<sup>125</sup>. Tinham a convicção de que sem sacrificar aos demónios não podiam ser bem sucedidos nas suas conveniências. Com o testemunho da sua vida e recorrendo a processos apostólicos adequados à índole daquelas gentes, os oratorianos obtiveram autênticas conversões.

Se Sebastião do Rego abarca uma ampla esfera de conhecimentos sobre a mundividência dos católicos ceilonenses, não é menos sabedor das tradições e das religiões gentílicas. Tece considerações sobre vários costumes relacionados com o casamento, com a família, com a transmissão da herança e reflecte sobre as suas origens e causas. Assim, *v.g.*, refere a norma praticada em certas regiões de a sucessão ao trono não recair nos filhos dos senhores, mas nos das suas irmãs. Todavia, discordando do Padre Lucena, demonstra como este costume vigora, somente, entre certas castas de poucas ou raras localidades da Índia meridional, tais como em Onor, no Reino do Canará, na Costa do Malabar, Travancor e Pescaria; no Ceilão, alguns naturais, aparentados com os da Costa da Pescaria, introduziram este costume, mas também não é geral<sup>126</sup>.

Rebate a constatação do Padre Lucena em como as mulheres eram comuns para todos os homens e considera essa afirmação um falso testemunho. Com efeito, segundo Rego, embora entre algumas populações da Costa do Malabar a mulher do irmão mais velho – o único que se casava – fosse comum aos seus irmãos, esta prática era tão circunscrita que a mulher que se relacionasse com um homem que não fosse seu marido ou cunhado, seria punida com pena de morte<sup>127</sup>.

<sup>123</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, p. 141.

<sup>124</sup> *Ibid.*, Liv. 2, p. 142.

<sup>125</sup> *Ibid.*, Liv. 2, p. 200.

<sup>126</sup> No Canará só as castas banttas, descendentes dos zaynas, antigos senhores daquele reino e tullus assim comportavam; na costa do Malabar, Travancor e Pescaria existe esse costume entre nayres, naytós, careas, poleas, parreas. Nem os nobres, nem muito menos as castas reais seguiam esta prática (cf. *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 124-127).

<sup>127</sup> Este costume existia no reino de Coddoga, nos Gates do Canará. As mulheres que infringissem essa norma social ficavam perpetuamente cativas do senhorio da terra, sendo ou não casadas (*Chronologia*, Liv. 1.º, pp. 127-128).

Afirma que os historiadores da Índia se equivocaram quando, escudando-se nesse costume restringido a certas localidades, generalizaram o conceito da liberdade ou da libertinagem da mulher na Índia. Nada de menos verdadeiro! Assim o comprova o *sáti*, ou seja, a morte da viúva na pira do marido, ou a proibição de segundas núpcias, tidas como infâmia inextinguível nas famílias. Como se sabe, este costume estava tão arraigado que nos primórdios da cristianização de Goa não era fácil persuadir as viúvas, sobretudo da casta brâmane, a celebrarem um segundo matrimónio e afirma Sebastião do Rego que na época em que viveu assim acontecia. Aliás, sabe-se que nos tempos posteriores o mesmo se verificava.

Sebastião do Rego tinha bom conhecimento da sociedade hindu, quer da Índia, quer do Ceilão, como bem o demonstra nas descrições sobre a estratificação social e sobre os usos e costumes das diversas castas. Assim apresenta a grande diversidade de ritos, costumes, estilos, observâncias, trajes, línguas e até viveres existente num certo grupo social ou casta, de tal modo que «numa só região há muitas nações diferentes».

Os brâmanes não comem carne, nem bebem vinho e os mais observantes abstêm-se até do peixe e de certas ervas; outros comem carne, exceptuando a de vaca; os que se reputam de nobres não exercitam ofícios mecânicos, a não ser a agricultura. Quanto mais humilde é um ofício, tanto mais vil é reputada a «nação» que dela usa. Os presumidos de «nação» nobre não comem em casa que não fôr de sua casta, nem o que não fôr cozinhado por pessoa da sua «nação».

Falam diferentes línguas, correndo numa aldeia quatro e às vezes mais, quando também a pronúncia não é diversa de «nação para nação». Consideram uma monstruosidade as alianças de casamento entre pessoas «diferentes na nação».

A hierarquia social no reino de Cândia é formada por diversas castas: belalas, presumidos de descenderem do Sol; chingalas, considerando-se gerados da cabeça do seu Deus; o mesmo em relação aos brâmanes; câreas, páreas...<sup>128</sup>

O autor debruça-se, também, sobre vários aspectos da religião gentílica: o misterioso nascimento, vida e morte de Budu, os seus princípios doutrinários, a hierarquia dos sacerdotes, a sua expansão pela Índia e Ceilão. Assinala as semelhanças evidentes entre o nascimento de Budu e o mistério da encarnação de Cristo. Mas – acrescenta – «como as obras se parecem sempre com os seus autores, também neste caso o maligno adornou o retrato de tanta mentira que ele denuncia as manchas do seu péssimo pintor»<sup>129</sup>.

Em traços largos, poder-se-á resumir a história de Budu da seguinte forma: no reino correspondente, *grosso modo*, ao actual Maissur ou Maduré um homem chamado Tapussi, «sancaxi» de profissão, habitava numa gruta em adoração ao seu ídolo; avistou no lago uma flor que se destacava das demais pelo seu tamanho e aspecto e quis colhê-la para ofertar à divindade; como não

<sup>128</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 126; Liv. 5.º, p. 515.

<sup>129</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, p. 182.

a podia colhê-la, pediu ao ídolo que lhe deparasse algum meio ou que a fizesse vir à margem do lago<sup>130</sup>.

No dia seguinte, aproximando-se do lago, qual não foi o seu espanto quando viu a flor a caminhar ao seu encontro. No altar da gruta colocou, então, o botão, que foi desabrochando até surgir uma formosa infanta. Apareceu o anjo Manivore que deu o nome de Mayaman Deunansi e comunicou que ela trazia no dedo uma espécie de fonte de leite, para providenciar o seu sustento. Volvidos tempos, tornou para dizer a Tapussi que a menina crescerá e que em abono da sua dignidade devia preservá-la dentro da gruta e ir viver debaixo da árvore manugagá, denominada árvore de gralha pelos Portugueses. Tendo-se abeirado da árvore, esta prendeu-o com as compridas raízes e aí viveu, sustentando-se com a sua fruta e licor que destilava dos seus ramos.

Mais tarde o anjo reapareceu para anunciar a Tapussi e aos reis do Oriente que Mayaman concebera sem obra de varão, convidando-os a oferecer presentes ao menino que havia de nascer para ditar leis ao mundo. Acorreram a adorá-lo homens e animais, soberanos e magnates, entre os quais Sandama Rajaru, rei de Mandamandalé, excedeu-se em magnanimidade.

Simultaneamente romperam-se as raízes que prendiam Tapussi e ele foi adorar o menino; convocou um conciliábulo de soberanos em que ficou assente que o rei Sandama tomaria conta e sustentaria o menino com toda a ostentação. Assim o fez e, levando-o consigo, bem como a mãe e Tapussi, os recolheu num palácio, cuidadosamente vigiado.

Quando se tornou um varão perfeito, Sidaharta Cumaré – assim se chamava – rompeu a guarda, apresentou-se ao rei e explicou-lhe as profecias sobre a sua vinda ao mundo, vaticinadas nas escrituras antigas. Mandou convocar todos os seus súbditos e mostrou-lhes o seu poder. Admirado com a sua pregação, o povo mudou o seu nome para Budu, que significa prudência e discrição. Encheria o orbe com os seus portentos, sobretudo com actos de extrema caridade até chegar à sua última transmigração ou ressurreição para os seus sequazes gozarem das promessas do seu reinado<sup>131</sup>.

Como Rego constatou, há algumas semelhanças com a concepção da Virgem Maria, o nascimento de Jesus, as profecias a seu respeito, a adoração pelos Reis Magos, a sua ressurreição.

Quanto à sua doutrina, o autor enuncia os pontos essenciais estabelecidos por Budu, faz referência ao quincálogo por ele promulgado e à instituição do sacerdócio.

As principais máximas resumem-se no seguinte: em matérias de lei não argumentar, porque não se pode alcançar pela razão, senão crer pela fé. Não adorar ídolos porque são simulacros de demónios. Não reconhecer Deus, porque não há nenhum. Não acreditar nos profetas, mas unicamente nele, porque só ele nascera para ensinar a verdade. Os homens têm quinhentos e cinquenta nascimentos por transmigrações em que as almas passam de uns corpos para outros. A qualidade do corpo para o qual a alma transmigra é consoante o mérito que teve na primeira vida. A bem-aventurança consiste em se resolverem as coisas em nada, porque cessando as repetidas transmigrações cessam para sempre os trabalhos a que a vida está sujeita.

<sup>130</sup> «Sancaxi», homem que leva uma vida pobre, casta e solitária.

<sup>131</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, pp. 182-186.

Promulgou um quincálogo com cinco preceitos: não mentir; não beber sura da palmeira; não matar os viventes; não fornicar; não furtar. Instituiu um sacerdócio com quatro categorias de sacerdotes: sangatares, gaynanses, terunanses e anadamaterunanses, tendo cada uma delas funções bem determinadas: os primeiros são como sacerdotes seculares; os segundos como sacerdotes religiosos; os terceiros como bispos; o quarto é superior a todos, como cabeça de toda a hierarquia<sup>132</sup>.

\*

Ao lado destes temas centrais, Sebastião do Rego aborda oportunamente outros assuntos da história de Goa, do Ceilão e da Índia, mas fá-lo também com um seguro conhecimento dos factos e rigor histórico. Assim, o facto de o Padre José Vaz ter sido nomeado vigário-geral da missão do Canará, em 1681, proporcionou ao autor o ensejo de se demorar sobre o conflito Padroado/Propaganda nessa região. A sua descrição permite-nos ajuizar sobre a conduta deste vigário-geral e também pronunciar sobre a forma como Sebastião do Rego encarava a situação.

Antes de mais, dá-nos um panorama do deplorável estado da missão do Canará, após a perda das fortalezas de Mangalor, Barcelor e Onor. Este reino outrora evangelizado por religiosos franciscanos e jesuítas, encontrava-se carenciado de sacerdotes e a sua cristandade mostrava sintomas de relaxamento de costumes<sup>133</sup>. O arcebispo de Goa, D. Frei António Brandão (1675-1678), a quem desde o início pertenceu a jurisdição deste reino, empenhou-se em desenvolvê-lo, mas foi embaraçado pelos encómios do missionário da Propaganda, D. Tomás de Castro, bispo de Tulsivelem.

Neste contexto, o arcebispo expediu uma pastoral para que os fiéis não o reconhecessem como pastor, enquanto ele não apresentasse as bulas pontifícias que lhe davam jurisdição e certificasse os motivos por que o prelado era excluído da posse desta missão<sup>134</sup>. Entretanto faleceu em 1678 e os missionários por ele enviados, recolheram-se a Goa.

O cabido, sede vacante, ciente dos méritos do Padre José Vaz nomeou-o vigário da vara da missão do Canará, onde na verdade realizou uma louvável acção apostólica, apesar da grande oposição do bispo tulsivelense<sup>135</sup>. Com efeito, este missionário da Propaganda, em represália à pastoral do arcebispo Brandão, havia expedido outra, com pesadas penas espirituais sobre os que desobedecessem às suas determinações<sup>136</sup>.

<sup>132</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, pp. 186-189.

<sup>133</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 549-550

<sup>134</sup> Pastoral de 1677. Proíbe aos cristãos do Canará o reconhecerem por seu prelado o bispo D. Tomás, receber sacramentos das mãos dos seus missionários, enquanto o bispo não apresentasse as bulas. Cf. *Memória Histórico-Eclesiástica da Arquidiocese de Goa*, já cit., p. 118.

<sup>135</sup> O aturado trabalho missionário do Padre Vaz no Canará é relatado na *Chronologia*, Livro 5.º, pp. 551-555.

Esta situação criava sérios embaraços e equívocos, a ponto de alguns cristãos e também infieis induzirem que as leis dos missionários de Goa eram diferentes das do bispo de Roma, já que os goeses consideravam nulos os sacramentos administrados pelos ministros do bispo e vice-versa<sup>137</sup>. O Padre Vaz, com o intuito de conciliar os ânimos, propôs ao bispo tulsivelense que, se a jurisdição do Canará lhe dizia respeito, a delegasse nele enquanto não chegasse a resolução do Cabido e que parasse com as excomunhões, a que acedeu por algum tempo<sup>138</sup>.

O novo arcebispo de Goa, D. Manuel de Sousa Menezes, a princípio descontente com a atitude do Padre Vaz «por causa do pacto com que ele tomou a jurisdição do bispo missionário», aplaudiu depois o seu zelo e mandou mais sacerdotes naturais. Seguiu-se um período de contínuos conflitos em que D. Tomás, firmando-se nos breves apostólicos pretendia estender a sua alçada a todo esse reino. O principal argumento por ele invocado era que o arcebispo de Goa deixara de ter jurisdição do Canará, desde que Portugal perdera a sua posse efectiva, com a queda das fortalezas de Onor, Barcelor e Mangalor<sup>139</sup>. Afirmava que o Padre Vaz não era vigário-geral, mas tão só capelão da feitoria portuguesa de Mangalor. Escudado neste argumento, publicava pastorais e fulminava censuras<sup>140</sup>.

Por sua vez, o arcebispo expedia ordens rigorosas ao Padre Vaz para sustentar a jurisdição nesse reino. Baseava-se no princípio de que aquela missão tinha sido fundada pelas autoridades do Padroado e que desde o seu início estivera sujeita ao arcebispo; por isso, mesmo que a Coroa de Portugal tivesse perdido o domínio temporal, o espiritual mantinha-se no diocesano. Considerava que nem os breves apostólicos podiam retirar-lhe a autoridade, porque o fundador da missão não era o bispo tulsivelense; ela fora criada por «industria e desvelo» dos arcebispos goeses. Portanto o arcebispo tinha a posse actual que nunca podia «ser esbulhada sem cauza muito relevante e sem ser plenamente ouvido»<sup>141</sup>.

Do relato desta crónica, depreende-se que o Padre Vaz nunca procedeu em prejuízo da autoridade do arcebispo de Goa, nas matérias de jurisdição do Padroado Português; todavia, agiu com o seu conterrâneo D. Tomás

<sup>136</sup> Pastoral «fulminando rayos contra os que desobedecendo às letras apostolicas, administrassem os sacramentos sem sua licença, ou os recebessem de sacerdotes, que não fossem por elle approvados e licenciados. E declarou por nullos e infructuosos os que para a sua validade requerem jurisdição no ministro» (*Ibid.*, Liv. 5.º, p. 555).

<sup>137</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 556.

<sup>138</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 556.

<sup>139</sup> As quatro fortalezas do Canará, Onor, Barcelor, Cambolim e Mangalor caíram entre 1652 e 1654, sob as armas de Sivapa Naique, senhor de Ikeri e Bednur, aliado dos Holandeses. Veja-se *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, direcção de Luís de Albuquerque, coordenação de Francisco Contento Domingues, 2 volumes, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

<sup>140</sup> *Chronologia*, Liv. 5.º, pp. 559-560.

<sup>141</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 560.

de Castro, bispo Tulsivelense, com muita paciência, humildade e caridade. Na verdade, alguns cristãos mais próximos do bispo tomaram o seu partido; os seus familiares chegaram mesmo a injuriá-lo. A rainha do Canará, Chenamagym, protegia o bispo, dilatando o seu poder, ao mesmo tempo que cerceava os passos do Padre Vaz à área da igreja. D. Tomás tratou-o como cismático.

Pelo contrário, o Padre Vaz agiu no sentido de evitar escândalos e cismas que no meio gentílico podiam causar a ruína da missão. Deu provas de querer colaborar para uma indissolúvel união e aumento da missão. Procurou encontrar uma plataforma de entendimento, enquanto a questão de jurisdição não fosse decidida superiormente. Enfim, invocou a dignidade de bispo, a sua condição comum de naturais de Goa, para apaziguar os ânimos e obter a concórdia<sup>142</sup>.

Mas não era tarefa fácil, já que o bispo de Roma e o arcebispo primaz haviam extremado suas posições. Roma pretendia uma jurisdição efectiva na Índia como, aliás, bem demonstrou o procedimento dos agentes da Propaganda e Portugal defendia o seu Padroado.

Essa guerra durou até às suas mortes, com pouca diferença de tempo, em 1684. Sucedendo o Cabido sede vacante, o Padre José Vaz obteve autorização para regressar para Goa. Voltou para a sua terra natal, mas antes disso num gesto de grande humildade, retratou ao vigário-geral do bispo a sua autenticidade, pedindo no entanto absolvição pública de qualquer ofensa praticada, «para que os cristãos, como os gentios fizessem cabal conceito do muito que se deve temer a espada da Igreja»<sup>143</sup>.

O contributo da *Chronologia* para o estudo do conflito Padroado/Propaganda não se circunscreve ao Canará. Alarga-se a outras regiões da Índia, quando fornece biografias bastante completas dos três bispos goeses da Propaganda, Mateus de Castro, Custódio de Pinho e Tomás de Castro, acima referido, que trabalharam nas missões ali existentes. Anote-se que foi Custódio de Pinho quem conferiu as ordens de subdiácono e diácono ao Padre Vaz; também a ele foi remetido, já presbítero, em 1676, com letras dimissórias pelo Cabido da Sé, que esteve vacante durante vinte e três anos, por motivos políticos.

Mateus de Castro Mahalo, enviado a Goa pela Propaganda Fide, em 1633, munido do título de protonotário e com amplas faculdades, foi mal recebido na sua terra. Tendo voltado a Roma, veio de novo à Índia como bispo titular de Crisópolis e vigário apostólico do Idalcão (1637-1677). Gozando da simpatia do sultão de Bijapur, trabalhou sobretudo na região fronteira a Goa, apesar da grande oposição das autoridades, principalmente do arcebispo Francisco dos Mártires.

<sup>142</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 561.

<sup>143</sup> *Chronologia*, Liv. 5.º, p. 563.

Custódio Pinho, natural de Salsete, foi vigário e comissário apostólico nos reinos de Grão Mogor, Idalxá e Golconda aonde aumentou a cristandade, edificou igrejas e ordenou muitos sacerdotes. Por ordem de Sua Santidade visitou, com grande trabalho, a cristandade do Malabar.

Tomás de Castro, natural da ilha de Piedade, professou em Roma na ordem dos teatinos e estando eleito para vir a Goa com o cargo de prefeito da sua religião, foi nomeado por Sua Santidade bispo de Tulsivelem. Chegou à Índia em 1674 com os títulos de vigário apostólico, inquisidor-geral e fundador da missão nos reinos de Cochim, Tanor, Ginge, Madurai, Maissur, Cranganor, Cananor e toda a costa do Canará, na qual entrou em 1677<sup>144</sup>.

Também a propósito da concessão régia do convento do Carmo, na Cidade de Goa, aos oratorianos em 1709, após a confirmação papal da Congregação, Sebastião do Rego tece considerações importantes a respeito do conflito Padroado/Propaganda. Assim, recorda que o soberano português ordenara a retirada dos carmelitas descalços da Província de Itália, das terras da Coroa, por razões de estado. Com efeito, a entrada de missionários flamengos – entenda-se protestantes – na Índia, seguida dos ingleses e holandeses, sem passarem por Portugal, causou muitos prejuízos ao Estado, tanto no campo religioso como económico. Além disso, os holandeses e ingleses, inimigos declarados dos sacerdotes católicos, sustentavam os carmelitas flamengos, despojando os missionários portugueses das suas igrejas. Assim aconteceu em Bombaim, onde os ingleses expulsaram os franciscanos de três igrejas e substituíram por carmelitas; assim aconteceu, também, em Cochim, onde os holandeses recusando a jurisdição do bispo do Padroado nas igrejas vizinhas à cidade, deixaram exercê-la ao bispo de Angamale, também carmelita.

O mesmo se verificou em Ceilão, quando Henrique Wanrey moveu feroz perseguição à Cristandade em 1689 e ao mesmo tempo pretendeu expulsar os jesuítas do Malabar, Travancor e Pescaria, para dar todas as igrejas ao carmelita Frei Amado da Província da Itália<sup>145</sup>.

O autor desta obra salienta outro motivo relevante: nenhuma das missões, na altura na posse dos carmelitas da Província de Itália, havia sido por eles fundadas, mas sim usurpadas aos missionários portugueses que, com o seu sangue e vida, as criaram. Os carmelitas tinham-se introduzido numas com a protecção dos ingleses, noutras com a dos holandeses.

Pelos motivos invocados e pelo poder que o direito canónico, a bula de Xisto IV, o direito do Padroado e o direito real lhe conferiam, D. João V mandou excluir dos seus domínios todos os carmelitas italianos descalços. Como o convento do Carmo fundado por estes religiosos ficara assim aban-

<sup>144</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 548, 550.

<sup>145</sup> Veja-se a informação dada pelo Padre António Freire, Provincial da Província do Malabar, da Companhia de Jesus, ao depois bispo de Cranganor, a D. Miguel de Almeida (*Chronologia*, Liv. 4.º, p. 456). Henrique Wanrey era o comissário geral holandês de todas as praças da Costa da Pescaria e do Ceilão (Liv. 1.º, p. 93).

donado e dada a grande incomodidade em que viviam os oratorianos, o soberano outorgou-lhes aquele edifício em 1709<sup>146</sup>.

Sebastião do Rego relata-nos, ainda, um episódio que elucida alguns aspectos da história social e religiosa de Goa: Alguns rapazes goeses, discípulos do Padre oratoriano Pedro Ferrão, conhecedores do percurso dos três bispos, desertaram as suas casas e demandaram para o Canará com o intuito de passarem para Roma. Tenha-se presente que elementos do clero goês, apesar de gozarem de prestígio intelectual, nunca haviam logrado granjear uma mitra do Padroado. Daí que as suas esperanças se orientassem para a Propaganda, já que haviam sido sagrados bispos três naturais de Goa, atrás mencionados. Assim se explica que estes jovens goeses, de um extracto social elevado, pretendessem alcançar a Cidade Eterna na mira de um futuro promissor. Porém, o seu sonho não se tornou realidade, por embaraços no caminho<sup>147</sup>.

Está bem documentada a predilecção dos oratorianos pelas biografias de pessoas notáveis e virtuosas, com relatos de factos prodigiosos<sup>148</sup>. Também Sebastião do Rego confirma esta tendência, quando oportunamente descreve a vida e obra de figuras ligadas directa ou indirectamente ao Oratório goês. Leiam-se, por exemplo, as biografias do Padre Bartolomeu do Quental, o fundador do Oratório de Lisboa – mãe e mestra de muitas outras congregações do mesmo Instituto<sup>149</sup> – e o protector paternal e incansável da sua congénere de Goa<sup>150</sup>; do Padre João da Guarda, da Congregação do Oratório de Lisboa<sup>151</sup>; do Padre Pascoal da Costa Jeremias, o fundador do Oratório goês<sup>152</sup>; dos missionários oratorianos no Ceilão, Padre José de Carvalho<sup>153</sup>, Padre Pedro Ferrão<sup>154</sup>, Padre Padre Diogo João<sup>155</sup>, do Irmão Manuel da Cruz<sup>156</sup>, do Padre Miguel de Melo<sup>157</sup>; do Padre João de Bragança<sup>158</sup>; do arce-

<sup>146</sup> Sobre a concessão do convento do Carmo aos oratorianos, o pedido de devolução pelos carmelitas italianos e a resolução final, veja-se *Chronologia*, Liv. 4.º, pp. 455-471 e Liv. 5.º, p. 599.

<sup>147</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, pp. 198-199.

<sup>148</sup> Consulte-se, v.g., Eugénio dos Santos, *O Oratório no Norte de Portugal...*, já cit., pp. 9, 309.

<sup>149</sup> Fundações do Porto, Braga, Estremoz, Vizeu, Freixo de Espada à Cinta, Pernanbuco e Goa. Cf. *Chronologia*, Liv. 2.º, p. 245.

<sup>150</sup> «Ajudava e favorecia as que se fundarão fora d'elle, quaes são a de Pernambuco e esta de Goa, com conselhos e patrocínio, com que zelava tanto no augmento dellas, como se lhe importasse tanto a de Goa, que ficava fora dos seus olhos, como a de Lisboa, em que assistia», *Ibid.*, Liv. 2, p. 246. Veja-se toda a sua biografia às pp. 237-260.

<sup>151</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, pp. 402-403.

<sup>152</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, pp. 69-72.

<sup>153</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, cap. 7, pp. 294-298.

<sup>154</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, pp. 191-203.

<sup>155</sup> *Ibid.*, Liv.3.º, pp. 299-301

<sup>156</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 301-311.

<sup>157</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, pp. 346 a 355.

<sup>158</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, pp. 141-143.

bispo de Goa, D. Frei Agostinho da Anunciação<sup>159</sup>. Todas elas estão repassadas de episódios singulares, de curas e acontecimentos milagrosos, de descrições detalhadas sobre a prática de cada virtude, da devoção dos fiéis por esses fervorosos cristãos.

O Padre Bartolomeu do Quental na sua viagem da ilha de S. Miguel para Évora, «foy divinamente mostrado a Catharina de Senna..., a qual reparando na rara modestia deste moço e perguntando a Deos sobre elle, lhe foy respondido que era escolhido para zelar a glória divina e viria tempo em que havia de ser seu confessor e assim socedeeo»... «Mereceo algumas vezes ser assistido dos anjos, que com alternadas vozes cantavão: Gloria in excelsis Deo. Os mesmos soberanos Rey e Rainha dos anjos, Christo e Maria Santissima, acompanhados de S. Filippe Neri, lhe apparecião no altar e com singulares demonstraões de suma benevolencia lhe davão a sua benção»<sup>160</sup>.

O Padre Pedro Ferrão foi grande devoto das santas almas e combateu com eficácia os demónios em Manttota, «casa-forte dos demónios». O Padre José Carvalho enfrentou com caridade heróica, na companhia de seu tio Padre José Vaz, a calamidade da peste das bexigas, em Cândia, «em que assistia aos feridos da peste com subsidio temporal e espiritual, carretando nos hombros panelas de comer para lhes distribuir, curando suas chagas, despejando vazos de escrementos, levando a sepultura cadaveres fetidos, abrindo covas e entrando por suas proprias mãos as vezes dez e doze deffuntos cada dia»<sup>161</sup>.

Como se sabe, os estatutos da Congregação consignavam a realização de missões no interior de Goa, à semelhança do que acontecia com as suas congéneres do Reino<sup>162</sup>. Recorde-se que o Padre Bartolomeu do Quental realizou missões nas freguesias mais remotas<sup>163</sup>. Para a obtenção de bons resultados preconizavam uma colaboração eficaz dos párocos, tangendo os sinos e convocando o povo, para dar início à missão<sup>164</sup>. Elas tiveram lugar na Cidade de Goa, nos Recolhimentos de Santa Maria Madalena e de Nossa Senhora da Serra, nas numerosas igrejas paroquiais disseminadas pelas aldeias de Goa<sup>165</sup>.

Em 1698, antes de passar a provisão sobre os futuros estatutos e tendo em vista ajuizar sobre o labor apostólico dos congregados, o arcebispo D. Frei Agostinho de Anunciação mandou-os missionar nas aldeias das Ilhas, Bardez e Salsete, o que realizaram com muito fruto. Com efeito, «houve muitas confissões gerais, muitas reconciliações de inimigos publicos, tirarao-se muitos escândalos, fizerao-se restituções do alheio. Enfim, mudança geral

<sup>159</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, pp. 229-231.

<sup>160</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 238.

<sup>161</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 296.

<sup>162</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 245.

<sup>163</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 246.

<sup>164</sup> Veja-se a provisão do arcebispo de Goa, D. Frei Agostinho da Anunciação, aos 14 de Dezembro de 1698 (*Ibid.*, Liv. 2.º, pp. 232-234).

<sup>165</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, p. 504.

das vidas»<sup>166</sup>. Para tal contribuiu, decerto, a pregação em língua da terra – o concani – com muita propriedade, mas também a sua vida austera e o seu espírito fervoroso.

Anote-se que ao princípio estas missões não foram apreciadas, talvez por receio dos párocos, que viam nelas uma intromissão na sua actividade pastoral; mas depois passaram a ser matéria de louvor a Deus e até mesmo solicitadas pelas autoridades eclesiásticas<sup>167</sup>. Assim, da fama granjeada resultou que a Mesa da Casa da Misericórdia de Goa requeresse ao prelado da Congregação a sua orientação e instrução no Recolhimento de Santa Maria Madalena, fundado por Frei Aleixo de Menezes<sup>168</sup>. Desempenharam esta tarefa com tanta responsabilidade, que continuaram a orientar as raparigas até mais tarde<sup>169</sup>.

As missões pelas freguesias tiveram lugar não só na quaresma, mas também noutras épocas do ano, sempre que os bispos as solicitavam. O autor da *Chronologia* dá-nos o esquema e o programa destas acções pastorais muito intensivas nas paróquias, visando colmatar as lacunas deixadas pelo clero secular: saíam do Convento da Santa Cruz dos Milagres de dois em dois, depois da primeira domingo e recolhiam-se no sábado, antes da domingo de Ramos, após intensíssimo trabalho e depois de cada par ter feito quatro ou ao menos três missões em outras tantas freguesias, já que cada missão durava uma ou mais de uma semana, conforme o lugar e o povo que ocorria.

As práticas religiosas de uma missão constavam essencialmente da pregação, confissão, disciplina, oração mental e procissões da penitência. Da parte da manhã decorriam as confissões; de tarde, havia sempre sermão excepto um ou dois dias em que ele era substituído por diálogos encenados pelos missionários sobre matérias de fé, esperança, caridade, dos mandamentos, sobretudo da confissão, com vista a auxiliar os crentes a examinar a consciência<sup>170</sup>.

Como a população da aldeia é constituída predominantemente por naturais, os missionários pregavam na língua da terra; nas povoações onde habitavam portugueses falavam na sua língua; aonde havia tanto uns como outros, alternavam os idiomas.

Faziam-se uma ou duas procissões a que ocorria muita gente de toda a condição social; nela participava com muita devoção, até mesmo em certos casos descalços, com corda ao pescoço e coroa de espinhos na cabeça. Ao princípio da noite fazia-se oração mental, seguida de disciplina<sup>171</sup>.

<sup>166</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 224.

<sup>167</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 312.

<sup>168</sup> Sobre este Recolhimento e o da Serra veja-se o nosso trabalho, «As Recolhidas de Goa em Setecentos» in *O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa*, Lisboa, 1995, vol. I, pp. 653-664 e Ana Isabel Marques Guedes, «Tentativas de Controle da Reprodução da População Colonial: As Orfãs D'El-Rei» in *Ibid.*, vol. I, pp. 665-673.

<sup>169</sup> *Chronologia*, Liv. 3.º, p. 312.

<sup>170</sup> *Ibid.*, Liv. 5.º, pp. 504-505, 564.

<sup>171</sup> Açóites, flagelação.

Conquanto os resultados duradouros destas missões sejam difíceis de se quantificar, a crónica regista que os ajuntamentos eram tão grandes que o sermão era pregado fora da igreja e que chegava a haver três mil a quatro mil pessoas a receber a sagrada comunhão<sup>172</sup>.

A propósito da pregação em concani, Sebastião do Rego tece considerações muito interessantes e precisas sobre essa língua, pondo em evidência o seu aspecto sintético e a riqueza do seu vocabulário. Com efeito, o concani é designado por «dassabassa», isto é, língua que vale dez, pois há palavras que têm dez sinónimos. Os verbos conjugam-se e declinam-se, concordando com o nominativo e algumas vezes com outros casos. Bem articulada, esta língua é doce e atractiva, quando não, fere os ouvidos. Os oratorianos, sendo naturais da terra, falavam a língua com elegância e energia e neste particular distinguiu-se sobremaneira o Padre João de Moura, cujos sermões tiveram sempre grande impacto<sup>173</sup>.

Como já aludimos, uma das condições necessárias para a confirmação dos estatutos da congregação era a posse de um património suficiente. O arcebispo D. Frei Agostinho de Anunciação, ao mesmo tempo que averiguou a observância e a capacidade dos congregados, mandou-lhes aumentar o seu património. Os oratorianos tiveram de recorrer à piedade das Câmaras Gerais, já que o estabelecimento da Congregação seria de utilidade pública para os seus habitantes. Este contexto forneceu ao autor da crónica um excelente ensejo para fazer uma explanação clara e precisa sobre a natureza e funções das Câmaras Gerais, o que poderíamos sintetizar da seguinte forma:

As terras de Goa e suas comarcas estavam divididas em aldeias e cada uma delas aforada pelo Rei, em enfiteuse perpétua, a certas famílias que as usufruíam através dos seus descendentes varonis. Estes eram designados por «gancares» – governadores ou administradores – e o seu conclave por «gancaria», em que se ajuntavam para acordar disposições necessárias para o bom governo da aldeia. A decisão tomada nesta assembleia – o «nemo» – teria de colher a unanimidade de votos. Não se podia admitir nas gancarias, pessoas sem direito a voto, excepto os «culacharins», famílias sem direito a voto, mas com as demais regalias dos gancares.

Os gancares tinham direito a uma propina anual – «jono» – resultante do excedente dos réditos dos bens da comunidade, satisfeitos os foros reais e outras pensões. Era distribuída igualmente entre eles. Adquiria-se o direito ao jono, quando se completava a idade estabelecida nos estilos de cada aldeia, sem a qual também não podiam participar na gancaria. O direito ao jono era vitalício, com a condição de viver nos domínios da coroa portuguesa. Havia jonos de rendas suficientes para se fundar em um deles património de clérigos. Os rendimentos dos jonos eram suficientemente abundantes para

<sup>172</sup> *Chronologia*, Liv. 5.º, p. 506.

<sup>173</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, ffs. 223-224. *Dassa* significa dez e *bassa* significa língua.

poderem constituir um património para o sustento do clero.

Além das gancarias que governavam as aldeias, havia a «Mazana» ou «Câmara Geral» – conselho supremo que governava toda a província. A Câmara Geral das Ilhas compunha-se de oito votos; a de Salsete de doze e a de Bardez de nove. Os vogais eram designados por «dessais», ou seja, governadores de província e eram eleitos anualmente. De cada aldeia escolhiam-se dois, mas somente de entre as que tinham maior proeminência no contexto da província. Ambos juntos, constituíam um só voto e por isso bastava estar presente um dos dois.

Entre os dessais havia presidência, que recaía num só, o qual tinha autoridade para convocar os gancares, bem como de os condenar ou multar no caso de não acudirem prontamente. Na Câmara de Salsete logravam a presidência por alternativa os dessais de Verná e de Margão. Na das Ilhas tinha *in solidum* o dessai de Neurá, o qual só assinava nos nemos da sua Câmara. Em Bardez a primeira aldeia da sua Câmara era Sirulá<sup>174</sup>. Como nas gancarias, havia obrigatoriedade de consenso. Os votos deviam concordar todos, *nemine discrepante*.

Se Sebastião do Rego traça um quadro exacto e sistematizado das comunidades de aldeia, também retrata outros aspectos da sociedade goesa e da sua mentalidade. Ao longo da narração dos factos, é possível captar alguns aspectos da estratificação em castas e do relacionamento entre elas. O autor – da casta brâmane – documenta e enaltece as qualidades intelectuais e as virtudes morais dos brâmanes. Assim, quando relata os escolhos levantados pelos émulos dos oratorianos goeses para a aprovação dos estatutos, nomeadamente o argumento da ignorância dos congregados, recorda que os primeiros padres eram brâmanes, «com os quais a natureza foi muito liberal na perspicacia do engenho para tudo que he saber»<sup>175</sup> e que desde a antiguidade foram conhecidos em todo o mundo por sábios da Índia<sup>176</sup>.

E não só no passado! Considera que no seu tempo também os brâmanes revelavam agudeza de engenho, pois no magistério, na filosofia, teologia escolástica e moral, na jurisprudência distinguiam-se muitas pessoas. Há que ter presente – afirma o autor da *Chronologia* – que em Goa não se podia prosseguir os estudos a nível superior, mas tinha que se limitar ao ensino dos colégios dos religiosos. Daqui infere que se existissem, haveria doutores entre os naturais, como mostrou a experiência na mesma congregação, depois que foi estabelecida e houve nela disciplinas a leccionar. E prossegue ainda: «mas logo nos princípios dela onde haviam de buscar os congregados, catedráticos que se agregassem a eles, para se fazerem dignos da aprovação

<sup>174</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, pp. 224-226.

<sup>175</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 162.

<sup>176</sup> Rego afirma que muitos autores profanos gregos e latinos, bem como Santos Padres referiram-se aos brâmanes. Dá o exemplo de Santo Ambrósio que escreveu um livro sobre as suas virtudes morais, servindo-se da informação de Abulense (*Ibid.*, Liv. 2.º, p. 163).

do arcebispo? E qual é a religião em que os Tomazes, os Bomaventuras, os Egídios, os Suares, os Dianas foram filhos primogénitos?»<sup>177</sup>.

Sebastião do Rego descreve situações de alguma rivalidade entre brâmanes e chardós. Eis um caso: já que um dos requisitos para a confirmação dos estatutos da Congregação era o aumento do património, os congregados recorreram à piedade das Câmaras Gerais das Ilhas, Bardez e Salsete. Mas porque os congregados eram todos brâmanes e corriam vozes de que no futuro não seriam admitidos sacerdotes de outras castas e como as Câmaras Gerais se compunham de brâmanes e chardós, não parecia fácil obter benesses delas, «porque quando os brâmanes quisessem alargar a mão, os charadós a encolheriam». «A verdade é que a porta da Congregação sempre esteve aberta para todos, como se experimentou ao depois; nem Deus permitiu que houvesse na Congregação aquela discrepância que se receava», afirma o autor<sup>178</sup>.

Na Câmara Geral de Salsete os dessais de Verná foram os primeiros que ofereceram doze mil xerafins, no que convieram todos os vogais sem discrepância e prontissimamente entregaram todo o dinheiro. Os dessais charadós de Bardez ofereceram dez mil xerafins, à qual assentiram os brâmanes e satisfizeram sem dilação. Porém, na Câmara das Ilhas, como os votos dos charadós eram tantos como dos brâmanes, ainda que depois de muitos debates concordaram em prometer oito mil xerafins, mas pretendiam uma condição: que ficasse determinado nos estatutos da congregação que o governo da Congregação recairia alternadamente um triénio nos charadós e outro nos brâmanes. Responderam os padres que pediam uma esmola e não queriam vender o governo da Congregação por tão pouco dinheiro: que a Congregação era casa de Deus, aonde não havia nem haveria ao diante distinção de judeu e grego; que as prelazias e superioridades não se haviam de dar por famílias e castas, mas por virtudes, letras e prendas necessárias para presidir e governar. Finalmente os dessais das Ilhas deram os oito mil xerafins, sem condição alguma<sup>179</sup>.

De momento não possuímos dados para corroborar o ingresso de naturais de outras castas, sem ser a brâmane, na Congregação. No entanto, anote-se que o Padre Vaz convidou o Padre João de Bragança, da casta charadó, para trabalhar com ele na missão do Ceilão, convite que este aceitou. A sua saúde, porém, não permitiu que ele permanecesse no Ceilão e voltou para Goa, ficando colado na igreja paroquial de S. Mateus<sup>180</sup>.

A obra permite, também, ajuizar sobre aspectos de mentalidade. Como se sabe, na sociedade cristã de Goa, o sistema de castas persistiu essencialmente no casamento. Daí que o papel interveniente dos familiares na escolha dos cônjuges, especialmente da mãe do noivo, fosse decisivo. Os factos que

<sup>177</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, p. 163.

<sup>178</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 224.

<sup>179</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 227.

<sup>180</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, p. 143.

Rego relata a propósito da ida do padre João de Moura às aldeias de Salsete são significativos: Na primeira jornada foi bem recebido por um homem rico de Margão, mas da segunda só foi injuriado, bem como os seus companheiros. O motivo foi que o dito homem pretendia casar uma parenta sua com um moço que era sobrinho de certo congregado e esperava ajustar o contrato por mediação do Padre João de Moura, persuadido de que a autoridade deste padre era bastante para render o tal congregado; e querendo o congregado seria fácil captar as vontades do pretendido noivo e sobretudo da sua mãe, de quem muito dependia<sup>181</sup>.

Ao identificar os missionários, o autor indica sempre, além da naturalidade – elemento importante para a caracterização social em Goa –, a sua casta e o seu posicionamento dentro dela. Como se sabe, a casta é um elemento determinante para o estatuto sócio-económico na Índia e até mesmo na sociedade cristã de Goa. Evidentemente que como o Oratório goês foi fundado por padres brâmanes, os protagonistas da *Chronologia* são oriundos dessa casta. É curiosa a distinção que o autor faz entre «brâmanes dos principais da aldeia de ...» e «brâmanes honestos» ou simplesmente «brâmanes», querendo significar o grau de aristocracia dos mesmos, já que dentro da casta há vários matizes sociais<sup>182</sup>.

O autor regista atitudes de simpatia ou de antipatia pelos brâmanes, da parte de figuras gradas da hierarquia reinol. Assim, afirma que um capitular da Sé Primacial (reinol) nutria antipatia natural aos brâmanes e o vice-rei conde de Vila-Verde «era muito amante dos brâmanes de Goa»<sup>183</sup>.

Da leitura da *Chronologia* pensamos poder considerar a missionação levada a cabo pelos oratorianos no Ceilão como paradigmática, apesar de ter sido empreendida num meio muito hostil. Como se sabe, os holandeses adoptaram uma política de liberdade religiosa em relação ao gentilismo e ao islamismo, mas de intolerância com o cristianismo. Somente em Cochim e Negapatão, foi permitido o livre culto, porque essas praças foram entregues sob essa condição. Em Ceilão, porém, os católicos foram oprimidos e violentados a seguir as crenças dos «reformados»<sup>184</sup>. Também se verificou alguma animosidade por parte dos sangatares de Budu. Há que acrescentar a estas adversidades, os ataques dos animais ferozes, as calamidades naturais...

<sup>181</sup> *Chronologia*, Liv. 2.º, pp. 275-277.

<sup>182</sup> Os pais do Padre João de Moura eram «brâmanes dos principais da aldeia de Sancoale» (*Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 275). O Padre José Vaz, «singular glória da nação brãmãne, honra de sua família», (Liv. 5, cap. I, p. 542). O Padre Henrique de Almeida, oriundo de Neurá, na ilha de Goa, filho de brâmanes honestos, (Liv. 3, pp. 278). O Padre Miguel de Melo, filho de pais brâmanes de Margão (Liv. 3, p. 346). O Padre Diogo João, natural de Cortalim, filho de brâmanes honestos (Liv. 3.º, p. 299). O Padre Pedro Ferrão, natural de Margão, filho de brâmanes neófitos (Liv. 2.º, p. 192). O Padre Custódio Pinho, brãmãne (Liv. 2.º, p. 160). D. Mateus e D. Tomás de Castro, brãmãnes, naturais da freguesia da Piedade (Liv. 2.º, p. 198).

<sup>183</sup> *Ibid.*, Liv. 1.º, p. 101 e Liv. 2.º, p. 206.

<sup>184</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, p. 384.

A sua actividade pautou-se pelo afervoramento religioso, pelo recurso a processos catequéticos em que a vertente sensorial e a comunicação em línguas locais tiveram uma importância fundamental. Na pregação, no confessional e nas disputas teológicas os oratorianos utilizaram, de acordo com o idioma de cada região, o tamul, o chingala e em alguns casos também o holandês<sup>185</sup>. A sua acção caritativa foi intensa e em situações críticas tornou-se heroica, como aconteceu durante a peste de bexigas (1697-1698)<sup>186</sup>, em momentos de seca (1708), guerra e fome (1710)<sup>187</sup>. O Padre José Vaz improvisou um hospital que estava sempre repleto<sup>188</sup>. Obviamente este amor ao próximo teve como corolário inúmeras conversões.

Mas, *the last but not the least*, a evangelização do Ceilão empreendida pelos oratorianos caracterizou-se, também, pela muita firmeza em matéria de doutrina e nas práticas de culto, preservando a ortodoxia. A esse respeito é significativa a confissão pública da fé católica pelos fiéis de Columbo e Nigumbo às autoridades holandesas, por persuasão do Padre Manuel de Miranda<sup>189</sup>. Com justeza, o trabalho apostólico do Padre Vaz mereceu elogios do Cardeal Tournon e do Sumo Pontífice Clemente XI, porque na cristandade de Ceilão praticava-se um culto sem infiltrações do gentilismo, ao contrário do que aconteceu noutras comunidades católicas da Índia<sup>190</sup>.

Os oratorianos conquistaram grande prestígio no Ceilão: no reino de Cândia, eram tratados pelo rei Navendra Singa por *unassé*, isto é, Excelência ou Senhor, cumprimento reservado aos «dissavas» dos seus domínios. O governador de Colombo consultou o Padre Jácome Gonçalves nos negócios dos Estados de Holanda com o rei de Cândia<sup>191</sup>. Também, por deferência do mesmo rei para com os oratorianos, foi permitida a cobertura das igrejas com telhas, quando no Reino de Cândia nem os «dissavas» nem os

<sup>185</sup> *Chronologia*, Liv. 1.º, p. 76; Liv. 3.º, pp. 330, 334, 339, 396; Liv. 4.º, p. 485, 523, 642. Os missionários começavam o trabalho apostólico depois de conhecerem o idioma local (Liv. 4.º, p. 478 - 479).

<sup>186</sup> *Ibid.*, Liv. 2.º, pp. 208-216.

<sup>187</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, pp. 487-497.

<sup>188</sup> A par da igreja fundou o hospital. O Padre Vaz assistia os enfermos com extremo carinho e cuidava deles nas necessidades mais repelentes. Todos os dias, depois da missa repartia pelos pobres, porção de arroz que desse para uma refeição; nos domingos e dias santos a porção era um pouco mais avantajada. Anualmente fazia quatro banquetes públicos para os quais convidava todos os pobres da cidade e aldeia vizinhas. Vestia os nus e socorria os pobres com dinheiro sem que fosse preciso pedir-lhe (*Ibid.*, Liv. 5.º, p. 584).

<sup>189</sup> *Ibid.*, Liv. 3.º, pp. 368-383.

<sup>190</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, pp. 515, 516. Cardeal Carlos Thomas Maillard de Tournon, Patriarca de Antioquia, enviado por Sua Santidade por seu legado à *latere* e visitador geral de toda a Índia Oriental. Veja-se a referência a duas cartas do cardeal Tournon aplaudindo o zelo apostólico do Padre José Vaz e oferecendo-se para o que fosse necessário; e também duas cartas do Vigário da Igreja de Codulur, do bispado de Meliapur. O nuncio nomeava o Padre José Vaz bispo do Ceilão, mas ele não aceitou (Liv. 5.º, p. 591).

<sup>191</sup> *Ibid.*, Liv. 4.º, p. 509.

«adigares» as podiam utilizar; com efeito, apenas o palácio Real, os templos de Budu e as igrejas católicas tinham esse tipo de tecto<sup>192</sup>.

Esta obra revela-se, pois, de grande interesse para a missionologia, para a História de Goa, do Canará e sobretudo do Ceilão, pelo seu vasto manancial de natureza religiosa, social, geográfica e antropológica. Pensamos que da sua importância histórica, os futuros estudos muito beneficiarão. Esse também foi o nosso intuito ao divulgá-la.

\*

A edição desta obra só foi possível graças ao apoio do Centro de História de Além Mar das Universidades Nova de Lisboa e dos Açores. Na pessoa do seu director, Prof. Doutor João Paulo de Oliveira e Costa, agradecemos não só o seu empenhamento, como ter posto ao nosso dispor os meios necessários a que levássemos a bom termo esta publicação. Mas ela também é devedora de muitos outros auxílios, sem os quais talvez não fosse possível a sua divulgação. Seja-nos permitido destacar os Drs. Luís Pinheiro, Nuno Costa e Paulo Lopes Matos, que se encarregaram de uma primeira leitura. Mas também à Dr.<sup>a</sup> Maria Alcina dos Mártires Lopes que traduziu do latim todas as expressões contidas no texto. Muitos outros contribuíram também para tornar possível a edição da *Chronologia*. Aníbal Pinto de Castro, António Nunes Pereira, Eugénio dos Santos, João Manuel Teles da Cunha, Leonor Franco, Luís Filipe Thomaz, Zoltán Biedermann. Em Goa estamos gratos ao Padre Nascimento J. Mascarenhas por nos ter informado da cópia deste manuscrito existente na Biblioteca Pública de Évora e em Roma ficamos reconhecidos ao Doutor Padre António Manuel Saldanha e Albuquerque por nos ser facultado na Sagrada Congregação para a Causa dos Santos a consulta de *Iosephi Vaz. Positio*, que seria de grande importância na redacção do estudo introdutório. Finalmente ficamos gratos à Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu Diogo, do secretariado do CHAM, pela sua dedicação e profissionalismo na feitura deste livro.

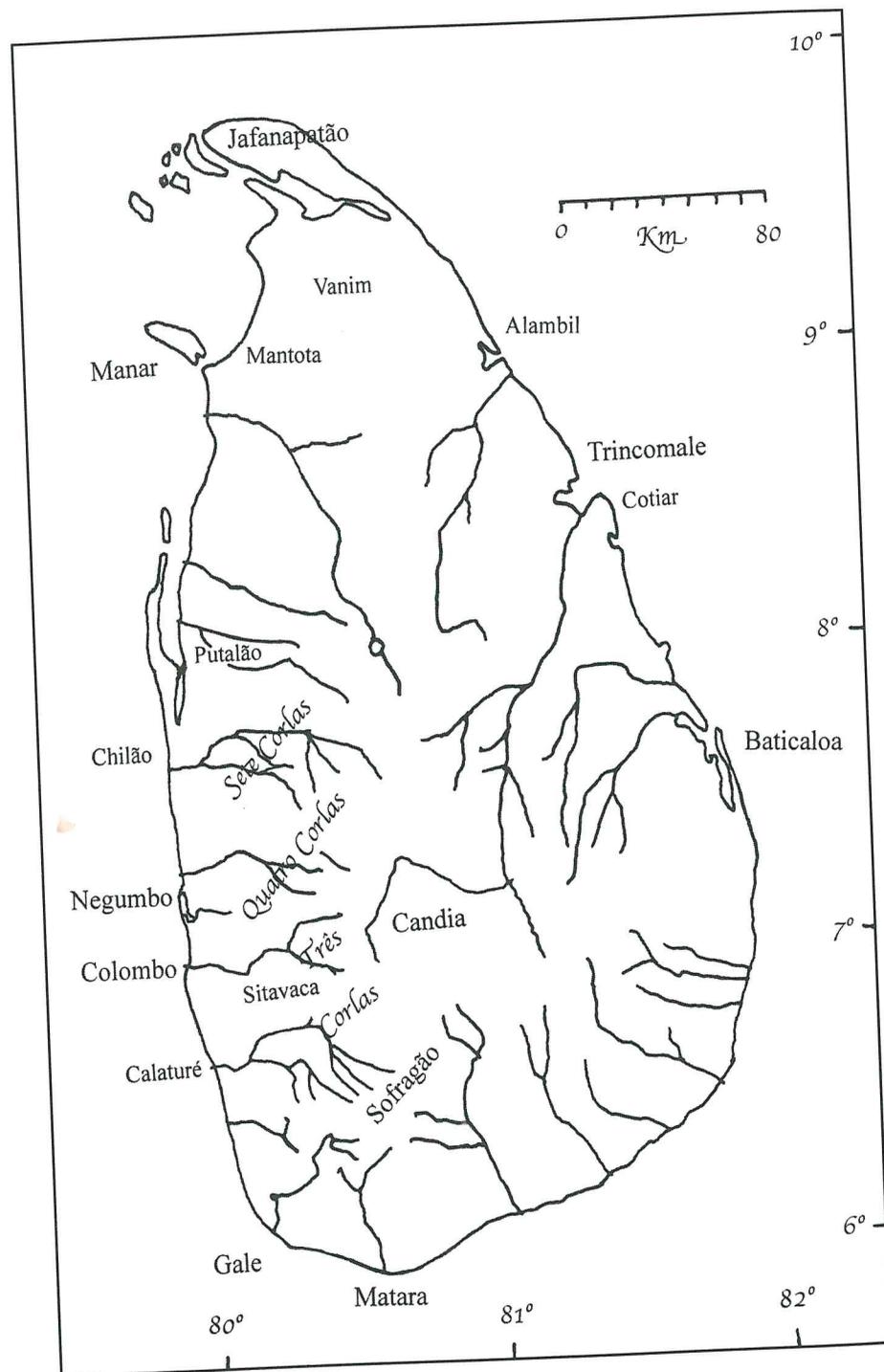
Na transcrição do manuscrito respeitou-se a grafia original, introduzindo as seguintes alterações:

- a) Regularizámos o uso das maiúsculas e minúsculas, de acordo com o uso mais frequente do texto.
- b) Desenvolvemos todas as abreviaturas, sem contudo o indicarmos.
- c) Separámos as sílabas que no original aparecem unidas e unimos as que surgem separadas, de acordo com a moderna ortografia.

<sup>192</sup> *Chronologia*, Liv. 4.º, p. 520. «Dissavas» e «adigares» eram os principais da corte, pessoas titulares e senhores de grandes estados.

- d) De modo a facilitar a leitura do texto, introduzimos e suprimimos alguns sinais de pontuação, respeitando o uso mais frequente.
- e) Utilizámos o «ç» em vez de «c», sempre que o julgámos correcto.
- f) Substituímos o «u» por «v» e o «j» por «i», de acordo com a ortografia actual.
- g) Eliminámos as consoantes dobradas no início e no final das palavras, mantendo-as, todavia, no meio das mesmas.
- h) Colocámos entre [...] todas as palavras ou sílabas que foram acrescentadas ao texto original e que resultam de uma interpretação do editor.
- i) Colocámos (...) para assinalar excertos ilegíveis que, sempre que necessário, foram acompanhados de nota explicativa.
- j) Colocámos a palavra (sic) a seguir aos erros e omissões do próprio texto original.

MARIA DE JESUS DOS MÁRTIRES LOPES



Ilha de Ceilão no tempo do Padre José Vaz

(adaptado de Jorge Manuel Flores, *Os Olhos do Rei*, Lisboa, CNCDP, 2001, p. 10)

## CHRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA

Esta Historia he composta pello  
Padre Sebastião do Rego da Congregação de Goa,  
o qual sahio depois da mesma Congregação,  
passando para os Padres Theatinos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Biblioteca da Ajuda, 51-VII-33.

**CHRONOLOGIA<sup>2</sup> DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA  
LIVRO PRIMEIRO**

[p. ii]

*Summario do que nelle se contém*

*Principios da Congregação do Oratorio de Goa pelos sacerdotes de Margão na Ermida do Monte de São João do Dezerto de Guadalupe. Passagem dos congregados do Monte de Guadalupe para o Monte de Boavista da Cidade de Goa. Relação das apariçoens publicas de Nosso Senhor Jesus Christo na Santa Cruz dos Milagres e de muitos prodigios que socederão a ellas. Fabrica e reedificação da Igreja da Santa Cruz dos Milagres. Noticias da milagroza imagem de Nossa Senhora do Bom Successo. Progressos da Congregação com a entrada do Veneravel Jozeph Vás. Procura o Padre Jozeph Vás os estatutos da Congregação do Oratorio de Lixboa e parte para [a] missão de Ceylão. Exemplar vida e morte // [p. iii] do Padre Paschoal da Costa Jeremias primeyro padre desta Congregação. Viagem do Padre Jozeph Vás the chegar de Mangalor a Jafanapatão península de Ceylão.<sup>3</sup> Recebem e começão a observar os congregados de Goa os estatutos da Congregação de Lixboa. Missão do Padre Jozeph Vás em Jafana. Perseguição dos hereges contra aquella christandade. Martirio de Dom Pedro e de seus companheiros. Aumenta-se o numero dos congregados em Goa, os quaes procurando do Ordinario approvação dos estatutos, lhes concede com muitas restricçoens. Recolle-se da missão do Canará o Padre Jozeph de Menezes. Retirando-se o Veneravel Jozeph Vaz da perseguição dos hereges, entra em Ceylão. Descrição desta ilha. Antiguidades della. Noticias da sua primeira christandade. // [p. 1]*

<sup>2</sup> Escrito: «Livraria da Caza do Espirito Santo de Lisboa».

<sup>3</sup> Ou Jaffnapatnam, península no extremo Norte de Ceilão, cidade do mesmo nome. Jafna ou Jaffna, em 9° 40' lat. N. e 80° long. E.

<sup>4</sup> *Capitulo primeyro prologomeno.*  
*Razão de escrever e protexção do author*

1. Bom he esconder o segredo do Rey; mas tãobem hé honorifico revelar as obras de Deos; disse o Arcanjo Rafael aos Tobias pae e filho, porque há tempos e há acçoens que escondidas glorificão muyto a Deos; que por isso mandou Christo aos Apostolos, que athe elle resurgir dos mortos, não revelassem o misterio que havião visto da sua glorioza transfiguração; mas tãobem há outros tempos em que essas mesmas acçoens que algum dia convinha estar debayxo da cortina do segredo, importa que se descubra e se fação patentes para mayor honra e gloria do mesmo Senhor.<sup>5</sup> Por isso a mesma admiravel vizão de Tabor, que durante a vida mortal de Christo ficava escondida nos corações dos tres apostolos, depois da sua glorioza resurreção o principe dos apostolos e tres evangelistas movidos do Espirito Santo a revelarão e publicarão em irrefragaveis e canónicos testemunhos dos Sagrados Evangelhos. Entre as obras de Deos há humas tão grandes, que por si mesmas inculcão a sua grandeza e muyto mais a omnipotencia do seo Soberano Artifice. Outras são de tão pequeno v[u]lto, que se faz necessaria especial luz, para serem conhecidas. E muyto mais se agrada o Senhor que tiremos a luz as que ficavão // [p. 2] nas trevas, do que empenharmos nos em demo[n]strar as excellencias das que por si mesmas são luzidas. Porque hé estilo este conforme a Divina Providencia que se prezou sempre de av[ul]tar aos pequenos e de exaltar aos humildes.<sup>6</sup> Por isso de Deos esta escrito, que das trevas tira luzes; por isso hé tão admiravel a omnipotencia divina, que escolhe instrmentos frageis para consumir emprezas grandes. Por isso he tão terrivel a fortaleza do Altissimo, que com hum só combatente sabe perseguir a mil contrarios e com dous desbaratar a dez mil.<sup>7</sup> Por isso não quiz subjugar o mundo ao imperio da sua ley com o ferro, senão com o lenho. Por isso na conquista evangelica não escolheo Alexandres e Cezares no valor, nem Platoens e Licurgos nas sciencias; mas a Pedro, João e Diogo e outros pobres pescadores, gente desarmada e ignorante, com que domou naçoens barbaras; convenceo e confundio a soberba do mundo e desterrou do seo tiranico dominio ao principe das trevas. Mostrando nestas e noutras semelhanças emprezas; por huma parte a grandeza do seo poder, que de pedras pode fazer filhos de Abrahão e por outra parte o muyto que se compraz de illustrar essas trevas, de fortalecer esses instrmentos frageis e de av[ul]tar esses poucos e pequenos.

<sup>4</sup> Riscado: «Chronologia da Congregação do Oratorio de Goa

«Livro primeyro

«Contem a origem da Congregação. As grandes adversidades e contradicções que padeceo. Noticias da Santa Cruz dos Milagres. Morte do fundador. Principios da missão de Ceylão. [Fundação do convento?] do Monte da Boavista. Provizão da [erecção] da Congregação [ordinario]».

<sup>5</sup> Matheus 17.1, Marcos 9.1., Lucas 9.28.2., Petro 1.18. Na margem: «|». Futuramente assinalaremos em nota o que foi escrito na margem, sem o indicarmos.

<sup>6</sup> 2 ad Corinth. 4.6, 1 ad Corinth 1.17, Deuter. 32.30.

<sup>7</sup> D. Aug[Idem?] lib. 5 Comment. In Lucon. cap. 6.

2. Este hé o estilo de Deos nas suas emprezas e este não menos devem observar os escritores, que para gloria do mesmo Deos quizerem manifestar as suas obras. As grandes que em si mesmas tem o seo luzimento, ellas se manifestão a si; louvão e applaudem ao seo Creador. Taes são os ceos, diz o Profeta Rey: *Caeli enarrant gloriam Dei*.<sup>8</sup> Mas as pequenas que são escuras e de pouco v[u]lto, qual hé a terra em respeyto do ceo, necessitão que outros as manifestem e miudamente descrevão para serem conhecidas e por ellas louvado e glorificado o Author do Universo. Por isso o sagrado chronista illustrado com a divina luz que guiava a sua penna no principio da historia da criação do universo dizendo que Deos creou o ceo e a terra, deyxou em misteriozo silencio toda aquella machina dos orbes celestes, de cuja grandeza, movimentos, excellencias, astros e suas qualidades e influxos pudera encher volumes.<sup>9</sup> E logo immediatamente passou a descrever a terra, chamando-a vazia, dezerta e disforme, como se dissera. Os ceos, cuja grandeza enche os olhos e cujos luzimentos suspendem os juizos, não necessitão de que a minha penna se ocupe em manifestar as suas excellencias, que por si mesmas se fazem patentes a todos; mas a terra deserta e vazia e o que hé mais escura e coberta de trevas, para que // [p. 3] não fique nas do esquecimento a sua origem. Da terra, cujos principios são tão humildes que entre os elementos hé infimo e occupa lugar mais bayxo deste tão humilde e pequeno sogeto, hey-de fazer relação individual, miuda e extensa, para que manifestada esta terra, antes coberta de trevas e ao depois illustrada com prodigiosas luzes, seja applaudido o braço do Omnipotente que em tão escuro mapa ostentou estupendas maravilhas, illustrando as suas trevas e enchendo os seos vazios de plantas verdes que ornão vistozos campos de arvores copadas, que compoem espessuras frescas; de flores odoríferas que matizão alegres prados de frutos saborozos que fermozeão deleytaveis pomares; <de> brutos varios que habitão em intrincados bosques <e de> homens racionaes que dominão em todo o orbe. Todas estas animadas <luzes> tirou Deos da humilde e escura terra, que sendo no principio hum caos tenebrozo o fez theatro admiravel de tantas e tão luzidas figuras, quantas e quão varias especies há no mundo de creaturas.

3. Este hé o primeyro segredo que ficando no archivo da sabedoria eterna manifesto só aos seos olhos que tudo previão, o descobrio em tempo na criação do universo não se desprezando a divina omnipotencia de occupar <as> suas soberanas mãons em lodo humilde e barro vil de que fabricou primozas e principaes figuras, que havião de representar a sua neste theatro; antes por ser barro e nada a materia de que forão feytas, se mostrou mais admiravel a sabedoria e o poder do Artifice Supremo que soube e pode dar ser ao nada e afeyçoar o lodo com tão bellas feyçoens. Deste nada e deste lodo na origem compoz o sagrado chronista a sua historia

<sup>8</sup> «Os céus proclamam a glória de Deus». Agradecemos à Dr.<sup>a</sup> Maria Alcina dos Mártires Lopes a tradução para português, de todas as frases em latim desta obra.

<sup>9</sup> Genesis 1.

por divino instinto para nos deyxar documento que nos ensinasse a não desprezar os sogeytos pequenos, antes nos animasse a preferir estes aos grandes nas nossas historias.

4. Toda esta prevenção pareceo necessaria no principio desta chronologia, cuja materia <mais de><sup>10</sup> sessenta annos esteve escondida, e por isso como morta e sepultada com tão pobre mortalha que, quando eu por ordem dos superiores abry o archivo para extrahir os papeis e documentos de que me informasse para esta escritura, achei muytos rotos e com tempo gaste-me informasse para esta escritura, achei muytos rotos e com tempo gastados. Mas todos goardados com segredo, emquanto chegasse a hora em que Deos para mayor gloria e honra sua fosse servido de tirar a publica luz as maravilhozas obras da sua graça, com que prim // [p. 4]cipiou e está continuando o estado da humilde e minima Congregação do Oratorio, erecta na Cidade de Goa, na India Oriental, debayxo do titulo da Santa Cruz dos Milagres, com os estatutos *ad instar* dos do Santissimo Patriarca e fundador do Oratorio São Felipe Neri, dispostos pelo Veneravel Padre Bartholameu do Qental.

5. Porque se confrontarmos agora os principios da terra elementar com os da nossa Congregação que grande semelhança se descobre entre ambas? A terra no seo principio vazia e deserta. A Congregação principiada no retiro e solidão de hum alto monte chamado dezerto. A terra coberta de agoas e somergida nellas. O primeyro edificio da Congregação arruynado e quazi sovertido com as tempestades e agoas de hum rigoroso Inverno. A terra escondida nas trevas que a cobrião. A Congregação opprimida com <as> tradições que por discurso de dezasseis annos a escurecião. Que escuros, que humildes e quão <pequenos><sup>11</sup> forão logo os principios deste novo elemento mistico!

6. Mas nem por ser tão <pequeno><sup>12</sup> sogeyto me corro de o tomar por materia desta obra, antes a escrevo com tanta satisfação e gosto, quantos motivos concorrem para me ser muy grato e suave este trabalho. São estes a pequenez da mesma Congregação, o amor que lhe tenho e a obediencia que lhe devo. A pequenez da Congregação que por ser humilde grey de Christo, digna hé de ser exaltada. E por ter estado nas trevas necessita de ser manifesta e exposta a publica luz. E ainda que a minha mão não possa ter virtude divina que só sabe e pode illustrar com a luz o que ficava nas trevas, comtudo com as escuras sombras destes caracteres que formo com a penna, manifestarey os luzimentos que o mesmo Deos deo a tão humilde terra. Porque vereis a semelhança da elementar a que era vazia e dezerta feyta hum parayzo. Vereis com mayor admiración, excedendo a copia ao original neste novo parayzo huma arvore prodigiosa melhor que a da vida, que deo fruto

<sup>10</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>11</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>12</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

tão salutifero que immortaliza não só os corpos, mas tãobem as almas. Vereis neste parayzo novo plantas racionaes cujas odoriferas flores respirarão suave frangancia de virtudes. Arvores humanas cujos frutos se apresentarão na meza da grande cea de Deos. Vereis, não hum Adão deliquente, condenado ao desterro, mas muytos filhos seos revestidos de segundo Adão // [p. 5] Christo Jesu[s] abençoados por Deos e conservados na sua graça. Vereis finalmente neste mistico parayzo, não hum espirito celeste impedindo com montante de fogo entrada aos peccadores, mas sim hum cherubim da contemplação, armado de santo temor e amor de Deos, convidando aos peccadores à penitencia, guiando aos justos a perfeição das virtudes e goardando a porta para não entrar a venenosa serpente do peccado.

7. Oh, grande e bom Deos! So a vossa magnifica grandeza podia levantar ao miseravel do seo pó e nada. Só a vossa summa bondade podia exaltar ao pobre da sua miseria! Já que vos dignastes de communicar tanto lustre a quem era de si tão escuro, praza a vós Senhor, assy firme com a luz que necessita a minha insufficiencia para manifestar e revelar tudo que a vossa excelsa mão obrou neste novo elemento neste parayzo novo. Guiay-me de sorte que nem a minha ignorancia demenua os seos luzimentos, nem a minha presumpção lhe queira accrescentar novos resplandores.

8. O amor, que me move a escrever esta obra, hé de filho a mãe. Quanto mais intimos são os extremos, tanto mais estreito hé o vinculo do amor que os une. E sendo a mãe e o filho tão intimamente chegados que o sangue daquella corre pelas veas deste, tãobem o amor do filho para com a Mãe deve ser o mais extremo. E na ley de verdadeyro amor, quem ama não só zela a honra e gloria do seo amado, mas tãobem tem por gloria propria o mesmo zelo; por mais trabalhos que lhe custe nos mesmos trabalhos se deleyta. Se sete annos de serviço forão a Jacob tão suaves e gostosos que lhe parecião poucos dias em obsequio de Raquel que amava para espoza, quanto mais deleytavel me deve parecer esta escritura pelo amor que tenho e devo a minha Sagrada Congregação que me gerou em Christo?

9. Finalmente a obediencia que hé o sal de boas açoens, porque as perserva da corrupção de intençoens menos rectas a que estão sogeytas todas que emprendemos por proprio arbitrio hé a que me animou muyto e facilitou mais a escrever esta historia; porque ainda que conheço a minha <pobreza> e por elle entendo firmemente que os superiores me habilitarão para mais do que posso, mas vendo por outra parte que na pessoa delles falla Christo aos // [p. 6] subditos. E quando Deos manda, tãobem faz o que manda, porque suas são as moçoens e suas tãobem as despezas e ajudas do custo. O mesmo Deos que sabe fazer fallar os mudos.<sup>13</sup> Elle, que concerta as linguas balbucientes e da boca dos infantes que mamão, tira elogios e louvores

<sup>13</sup> Sapient 10.21, Psalm. 8.3.

a sua gloria. Elle, para quem tanto val[e] Aarão eloquente, como Moyses tartamudo, estou seguro que fazendo de minha mão penna escreverá com a sua sendo eu hum mero instrumento governado por tão Soberano Author a quem seja dada toda a honra, gloria e louvor.

10. Mas para dar principio a esta Chronologia em que hey de referir as empresas santas e virtuozas acções dos filhos desta Congregação que viverão e morrerão com opinião de fieis servos de Deos, pretexto em obediencia aos decretos do Santissimo Padre Urbano Papa VIII, em que estabelece a forma de escrever as vidas dos que morrem com fama da Santidade. E declaro ser meo intento goardar inteiramente tudo o que nos ditos decretos está dysposto. E não pertendo que as virtudes, milagres, revelações e outros quaesquer beneficios feytos por Deos às pessoas nesta historia nomeadas, se de mayor credito do que podem merecer as historias humanas. Nem intento anticipar-me ao juizo da Igreja Catholica Romana, a cuja divina authoridade toca a sua diffinição. Outrosi o elogio, ou titulo de Santo, ou outro equivalente, que der aos varões illustres em virtudes, hé emquanto cahe o tal titulo somente sobre as suas acçoens virtuozas, e commummente reputadas por santas, mas não sobre as suas pessoas, que ainda não <estão><sup>14</sup> canonizadas. E tudo que nesta obra, ou por minha ignorancia, ou por inadvertencia escrever alheo de verdade catholica, bons costumes e commum sentir dos Santos Padres, desde agora o hey por não escrito, submettendo-me em tudo a correção da mesma Santa Madre Igreja.

### Capitulo Segundo

*Principios da Congregação do Oratorio pelos sacerdotes de Margão  
no Monte de São João do Dezerto da freguezia de Goadalupe  
Anno 1682<sup>15</sup>*

11. Em Margão, aldea nobre da provincia de Salsete, // [p. 7] comarca da Cidade de Goa na India Oriental, o Padre Pascoal da Costa Jeremias, sacerdote cre[s]cido em annos e muyto mais nas virtudes pelas quaes era exemplar e edificativa a vida que fazia exercitada em oração e mortificação aspirando a mayor perfeção christam que mais facil hé de se conseguir no retiro do seculo, com o seo exemplo e doutrina persoadio a tres presbyteros e hum subdiacono da mesma aldea, para viverem juntos em clauzura, regulada por huma forma ou estatuto que estabelecessem de commum consentimento. Para darem inteyra execução a tão santo designio com que estes sacerdotes dezejavão retirar-se dos estrepitos do mundo a effeyto de tratarem com mais calor e emulação santa do proveytamento espirital de suas

<sup>14</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>15</sup> No original a data aparece sempre na margem do texto.

almas, acharão muy ao propozito huma ermida de não pequena grandeza dedicada a São João Bautista, fabricada a dispendios do Reverendo Jacome Lourenço, tãoobem natural de Margão, paroco da Igreja de Nossa Senhora de Goadalupe da Ilha de Goa, em hum alto e eminente oyteiro da mesma freguezia apartado da povoação, por cuja cauza se chamou aquella fundação São João do Dezerto.

12. Era aquella ermida hum dos celebre[s] santuarios dos muytos que tem a Ilha Tissuari, em que está situada a Cidade de Goa. Nas solemnidades que nella se fazião com grande apparatus, concorria turba multa da gente de varias partes movida da especial devoção do sitio, a quem o retiro fazia mais venerando. E o Reverendo Jacome Lourenço que tinha cabedaes para os despender com larga mão em culto divino, trazia aquelle templo ornado com todo o asseo e decencia. Estimou muyto este pio e zeloso paroco achar nos seos compatriotas rezolução tão heroyca de viverem naquelle dezerto, segregados do mundo e occupados no serviço de Deos. E liberalmente <lhes> deo a ermida com todos os ornamentos e patrimonio, que tinha sufficiente para a sua conservação, instituido pelo mesmo fundador; e tãoobem as cazas contiguas com todas as alfayas para fazerem nellas os congregados presentes e futuros a sua firme e perpetua habitação. Justo he agora retribuirmos ao menos com huma memoria que seja juntamente demo[n]stração perpetua de nosso agradecimento à aldea de Margão, primeyra credora de nossas atencoes, como mãe dos primitivos fundadores e primeyros filhos desta pequena grey de Christo, a Congregação digo do Oratorio de Goa. // [p. 8]

13. Este nomme Margão, deyxadas as ethimologias odiozas, mais fabulozas que verdadeyras, commumente se tem por composto de duas dicçoens, as quaes segundo huns são Mazu-Gão, ou como outros querem Mala-Gão. Mazu significa meyo. Mala significa grande. Gão significa aldea; e vem a ser Margão o mesmo que aldea do meyo, ou aldea grande. E na verdade tudo hé Margão. Hé aldea do meyo, porque fica no coração e centro da provincia de Salsete. E hé grande aldea, não só nos seus ambitos, que são os mais amplos e dilatados, mas em outras muytas circunstancias que a fazem singular entre as sessenta e seis de que consta aquella provincia.

14. Primeyramente he Margão grande aldea; porque dedicou a Deos Espirito Santo hum magnifico templo de excellente architectura, plantado em forma de huma perfeyta cruz de quatro angulos de bojo tão espaçozo, que de porta principal the o altar mayor tem de cumprimento quarenta braças. De largura de hum angulo obliquo a outro, em que estão duas fermozas capellas, medea o espaço de quazi vinte braças. No corpo da igreja de hum lado a outro vão dez braças e hum palmo, fora os espaços das conchas das paredes, em cada huma das quaes <sup>16</sup><se accomodão> dous confessio-

<sup>16</sup> Riscado: «estão».

narios bem ordenados. A altura desd[e] o pavimento the a abobeda superior que cobre toda a fabrica sobe athe doze doze braças. Celebrão-se neste templo ordinariamente sincoenta missas. Em outros tempos era mayor o numero, porque tãobem havia mais sacerdotes. Tem esta igreja oyto altares e o mayor hé privilegiado para todos os dias. Cada hum delles (não há muyto tempo) parecia monte de prata, porque todo o ornato de frontaes, castiças, estantes, degraos, ramalhetes, piveyteros e outras pessas do seo asseo erão de prata batida, que chegava a sommar mais de quarenta mil xerafins; o que tudo se reduzio a pó e cinza. Não direy como e por quem, porque se saberá melhor no dia do juizo divino, ja que tão pouco attendeo o humano a tão consideravel perda.

15. Há nesta igreja quatro irmandades: a primeira do Espirito Santo, com numero certo de setenta e dous irmãos, à imitação de setenta e dous discipulos de Christo que se achavão juntos no cenaculo quando desceo o Espirito Santo, os quaes tem por sua diviza opa e mursa vermelha. A segunda hé de Nossa Senhora da Conceyção, em a qual o numero dos ir // [p. 9]maons hé de duzentos, com opa e mursa branca por sua diviza. A terceyra irmandade hé do Anjo Custodio, que tem cento e dez confrades com opa branca e mursa vermelha. A quarta hé das Almas Santas que venera por seo orago ao Archanjo São Miguel, sem numero prefixo dos seos confrades, que ordinariamente passão de duzentos e sincoenta, e levão por seo distintivo opa branca com mursa parda. Qualquer destas confrarias e a fabrica da igreja, que hé administração separada dellas, tem grossas rendas; e,<sup>17</sup> despendem muyto em culto divino, cujas funcçoens fazem com o mayor aparato e pompa que pode inventar a mais fervorosa devoção e executar a mais devota liberalidade.<sup>18</sup>

16. Hé tãobem grande a aldea Margão por ser a mais populoza que no rol da confissão da sua freguezia se achão mais de seis mil almas, fora hum grande numero das crianças innocentes, e mais que muytos gentios, que por cauza do comercio habitão nella. Não menos grande hé Margão por ser como hum emporio de toda a provincia que para elle concorre por cauza de negoceação que nelle hé assas grossa. Tem quarenta e oyto logeas publicas de negocio a que v[u]lgarmente chamão boticas, unidas humas a outras e lançadas em duas alas, huma fronteyra a outra, cheas de roupas varias e de todos os generos necessarios para a sustentação da vida humana, alem de outras muytas que há pelos bayros dispersas. São tão frequentadas essas boticas da gente assym da mesma provincia como de Goa e dos Gattes que fazem huma feyra a mais famoza por ser continua em todo o tempo de Verão e Inverno sem interrupção de dia algum. O comercio que tem com os Gattes

<sup>17</sup> Riscado: «chegão a mil e seiscentos xerafins de tres tostões cada [hum as da Confraria] da Senhora».

<sup>18</sup> Riscado: «As esmolas com que sublevão a miseria dos pobres e dos prezos da cadea passão de mil e duzentos xerafins por anno».

do Industam enche os olhos; porque andão em continuo curso boyadas de duas e tres mil cabeças carregadas de varias drogas que escalão na feyra de Margão e voltão para os seos paizes <levando> por retorno<sup>19</sup> os<sup>20</sup> cocos. Os mercadores que meneão o contrato de cocos se chamão bacaes, que negoceaão com grandes cabedaes.<sup>21</sup>

17. He finalmente Margão Malagão grande aldea na // [p. 10] vastidão dos seos campos, parte sementeos de palmeyras que produzem cocos em muyta abundancia, parte dispostos em vargeas que dão no anno duas novidades de arros; huma com o beneficio geral da chuva do Inverno, que nestas partes começa em Junho e dura the Novembro. A segunda com a industria de duas lagoas de agoa. A gancaria desta aldea, cuja diffinição darey ao diante, se compoem de bramanes, que são os seos administradores, todos com o favor divino christãos, e não poucos muyto pios. Paga esta aldea a Fazenda Real annualmente de foros e contribuições varias, quasi sete mil xerafins<sup>22</sup> e dos dizimos ecclesiasticos importão quinze mil/<sup>23</sup>

18. Desta tão populoza, rica e celebre aldea, a que outros escritores chamão villa, sahio o Padre Pascoal da Costa Jeremias com os seos quatro companheyros, para se congregarem em nomme de Deos e para sua mayor gloria nas cazas da ermida de São João do Dezerto, sitas no monte da freguezia de Guadalupe da Ilha de Goa em Outubro do anno de mil seis-centos oytenta e dous. E juntos com o devoto paroco Padre Jacome Lourenço assentarão entre si huma forma da vida, que sendo apprezentada ao prelado ordinario que<sup>24</sup> então era o Illustrissimo Dom Manoel de Souza de Menezes Arcebispo de Goa, Primás do Oriente a approvou com a sua provizão passada em vinte e sete do dito mez e anno. Tendo tres dias antes precedido licença sua prescrita, em que lhes concedia habitar em clauzura e ordenar regras e estatutos a que vivessem sogeytos, prometendo de os confirmar com a sua authorityde ordinaria, como com effeyto os confirmou.

19. E para que conste que esta Congregação ainda estando em embrião a primeyra forma que aspirou foy muy semelhante à que praticava o Patriarca do Oratorio São Felippe Neri, formando em alicesses solidos da oração e mortificação a fabrica do seo espiritual edificio me pareceo transcrever aqui as poucas regras de que constava o breve, mas compendiozo estatuto dos nossos primiti // [p. 11]vos, feyto a maneyra de hum relógio mistico, reparando pelas horas do dia os seguintes exercicios santos.

<sup>19</sup> Riscado: «a copra».

<sup>20</sup> Palavra escrita sobre «de».

<sup>21</sup> Riscado: «e há destes homens em Margão muytos mais que em toda a provincia».

<sup>22</sup> O texto seguinte até ao final do parágrafo encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>23</sup> Riscado: «Mas todos estas singularidades não [bastaão?] a Margão para a aldea de Verna da mesma provincia deixar de lhe negar a primazia no voto da Camara Geral [contenda?] que depois de muytos debates se compoz com huma amigavel alternativa».

<sup>24</sup> Riscado: «então».

1

As cinco horas de manhã oração mental por espaço de meya hora.

2

As cinco e meya recitaremos matinas, laudes e prima em coro.

3

As sete se dirão as missas.

4

Accabadas as missas se recitará a terça e se dirá a missa conventual. Esta havendo sogeytos se cantará do melhor modo que a Divina Providencia dispuzer.

5

Accabada a missa da terça se recitará a sexta. E nos dias de jejum precederão a sexta e noa à missa.

6

Das nove thé as dez se recolherão a estudar; reservando neste mesmo tempo sogeytos para ouvir de confissão se houver concurso.

7

As dez, precedendo hum quartinho do exame da com[s]ciencia, tratarão da refeição e nos dias de jejum as onze.

8

De meyo dia the as duas de tarde goardarão silencio.

9

As duas recitarão as vesporas.

10

Das tres the quatro terão sua hora de estudo.

11

As quatro recitarão as completas.

12

As seis hirão tomar a refeição e nos dias de jejum as sete.

13

As oyto terão meya hora da oração mental. Outra meya da // [p. 12] coroa de Nossa Senhora com a sua ladainha. Antiphona da cruz e de São João Bautista.

14

As nove se tocará a silencio, que se goardará the as quatro e meya de manhã.

15

Em todas as sextas feyras do anno haverá disciplina e na Quaresma nas quartas, sextas e sabbados, afora das voluntarias.

16

Todas as sextas feyras do anno jejuarão. E o Advento *pro sua quisque devotione*.<sup>25</sup>

17

Se não forem clerigos ou sacerdotes alguns dos congregados, terão em lugar das horas canonicas o officio parvo de Nossa Senhora, ou tres coroas por dia, ou tres<sup>26</sup> terços do roزاری, afora da hora nocturna e das obrigaçoens geraes. E nos sogeytamos a tudo o mais que o zelo e a devoção do Illustrissimo Senhor Arcebispo Primás dispuzer e ordenar para mayor gloria de Deos e da sua Sacratissima Mãe.

20. Da economia e governo temporal da caza não cabia em tão breve tempo fazer dispoziçoens que dependião de experiencia diuturna para serem acertadas. Sabemos que vivião do commum com as esmolos das missas e com aquillo com que cada hum concorria conforme as suas posses, correndo sempre as despezas do culto divino e os gastos dos reparos e concertos da ermida e do hospicio por conta do Reverendo Jacome Lourenço, que tãoobem foy hum dos principaes dos nossos primeyros fundadores. Porque emquanto viveo goardou essas regras pontualmente, sendo ao mesmo tempo paroco da freguezia e congregado na ermida, tão fervorozo que a sua muyta industria e zelo se deve a facilidade com que o prelado ordinario despachou as licenças necessarias para os congregados viverem em clauzura e a provisão da approvação das suas regras, que tudo foy impetrado em nomme do mesmo Reverendo Jacome Lourenço, fazendo se por // [p. 13] isso digno de perpetua memoria como author que teve muyta parte em obra, de que resultou a Deos tanta gloria, como se verá adiante nos progressos desta historia.

<sup>25</sup> «Cada um de acordo com a sua devoção».

<sup>26</sup> Riscado: «rozarios».

*Capitulo Terceyro*

*Ruina do edificio da hermidia de São João do Dezerto. Passagem dos congregados do Monte de Goadalupe para o de Boavista da Cidade de Goa Anno 1682*

21. De tão bons principios com que começou a nossa Congregação, quanto melhores progressos devia esperar o Padre Jeremias? Mas não foy assim, porque as dispoziçoens divinas nada tem de apressadas.<sup>27</sup> A mão de Deos hé dadivoza e liberal, mas tãobem pezada e dura de se sofrer; primeyro se fecha, para se abrir ao depois e dar as mãos cheas. Primeyro mortifica e vivifica ao depois. Queria Deos fazer a esta Congregação como huma arvore muyto cre[s]cida. A arvore tanto sobe com as ramas para o alto, quanto desce com as raizes na terra. E tanto mais profundas raizes lança por dentro, quanto hé mais combatida de ventos por fora. Importava logo que esta tenra planta da Congregação, para se arraygar bem com raizes firmes e constantes e chegar a sobir a aquella altura que lhe tinha Deos destinado fosse combatida de ventos das adversidades, thé se ver em hum profundo abatimento?

22. <sup>28</sup>A primeyra tempestade foy tão rija que, dando com toda a força nos mesmos congregados, em breves dias os segregou, de sorte que o nosso Jeremias podia dizer de si o que dizia outro de Jerusalem. Como ficou solitaria cidade povoada! Porque não só ficou no dezerto, mas tãobem dezer-tado dos quatro socios com que sahira de Margão. Não sabemos com que motivo se separarão tão depressa. Parece que era de vento o seo espirito; por isso o imitarão, hindo-se e não tornando mais. Não assim o fervorozo Paroco Jacome Lourenço, cuja constancia perseverou athe à morte. Mas como não podia deyxar de acodir as inexcuzaveis funções parochiaes, não podia a sua assistencia ser tão continua na clauzura do dezerto, que não ficasse fazendo falta ao coro.

23. Prevendo Deos a inconstancia dos primeyros socios e o // [p. 14] desemparo do Padre Jeremias, lhe deparou por companheyro firme e perpetuo ao Irmão Bernardo Coutinho, que em dous de Novembro do mesmo anno se aggregou à sua companhia. E ambos abitarão naquelle retiro exercitando-se em obras da piedade, feytos espectaculos de admiração aos olhos pios e de ludibrio aos mundanos, approvando aquelles e reprovando estes a solidão e apartamento tão desejado que, como primeyro e nunca praticado entre os naturaes, era materia de cada qual sentir segundo os seus humores. Nem faltarião pseudo profetas que medindo a todos com a mesma vara vaticinassem do Padre Jeremias e do Irmão Bernardo o mesmo descaminho dos primeyros quatro que voltarão para o seo Egipto; cuja impermanencia

<sup>27</sup> 1. Reg. 2.6.

<sup>28</sup> Thren. 1.1.

tomou o inimigo infernal por fundamento firme para suggerir muytas e prolongadas contradicções, com que pertendia arrancar de raiz esta tenra planta temendo sem duvida as futuras hostilidades que havia de fazer ao seo reyno do peccado.

24. Mas Deos que muytas vezes permite males para delles tirar mayores bens, da inconstancia dos primeyros quatro segregados fez despertador da perseverança dos nossos dous congregados, que escarmentando em cabeça alhea permanecessem com heroyca rezolução. E porque a corda de tres fios com difficuldade se rompe, ao Padre Jeremias e Irmão Bernardo, que erão os dous, ajuntou Deos o terceyro e os unio tão fortemente que nenhuma contradicção, nenhuma adversidade, nem o poder do mundo, nem as furias do Inferno bastarão para romper e separar a união destes tres corações que viverão tão conformes, como se os animara hum só espirito. Foy este terceyro e fiel companheyro o Padre Custodio Leytão, que no mesmo nomme presagiava que o escolhera Deos para conservação, amparo e custodia desta pequena grey da sua Congregação.<sup>29</sup> Entrou nella em sinco de Abril do anno mil seiscentos oytenta e tres, dezistindo de hum beneficio de que tinha propriedade na Collegiada da Igreja da Senhora do Rozario na Cidade de Goa. Depois deste padre entrarão outros varios, huns sacerdotes, outrós leygos, os quaes huns cedo, outros tarde, todos inconstantes se enfestiarão do maná da oração que chovia no dezerto de Goadalupe e tornarão // [p. 15] para as suas antigas cebollas.<sup>30</sup>

25. Assim unidos e congregados em nomme de Deos, os seus tres servos Padres Pascoal da Costa Jeremias, Custodio Leytão e Irmão Bernardo Coutinho, junto com o Reverendo Jacome Lourenço que nunca os largou de todo, habitavão naquella solidão praticando com todo o fervor os exercicios da oração mental e vocal e outros estabellecidos nas suas regras. No confissionario sempre tinhão muyto que fazer os sacerdotes, porque era frequente o concurso da gente da mesma freguezia e das vezinhas que os buscavão para o alivio das suas com[s]ciencias. Já aquelle dezerto não era tão solitario, sendo tão poucos os que rezidião no seo hospicio porque, exercitando-se os congregados na vida contemplativa e activa com Deos e com os proximos, cre[s]cia cada vez mais a communicação com os estranhos e se aumentava tãobem o numero dos domesticos; porque muytos sacerdotes, atrahidos com o exemplo de nossos quatro congregados constantes, dezejavão seguir as suas pizadas e se vinhão meter na clauzura, ainda que não perserveravão todos no seo bom propozito.

<sup>29</sup> No original aparece na margem do fólho e seguintes: «Anno 1683».

<sup>30</sup> Alusão ao facto de os Israelitas, quando erravam no deserto, sob o mando de Moisés, mais de uma vez se lembrarem com saudade do país que tinham deixado e das cebolas que lá comiam. O mesmo se extrai da seguinte passagem de Manuel Bernardes em *Nova Floresta*, I, 14: «E se têm o sentido vivo para as *cebollas do Egipto*, como o não terão boto para o maná do deserto».

26. Correndo assim o curso da Congregação chegou ao fim o da vida do Reverendo Jacome Lourenço, cuja morte sem duvida foy precioza, assym como erão louvaveis os seos virtuosos costumes. E supposto morreo ao mundo, ficou sempre vivo na lembrança dos congregados, que chorarão na sua falta com aquella saudade de que se fazia credora a sua amavel companhia e com aquella dor tão connatural nos coraçãoes agradecidos na morte do seo benefeytor. Não acho de varão tão benemerito noticias individuaes que era justo fazer aqui patentes para perpetua e glorioza memoria de que he digno por sua muyta piedade com Deos, em cujo culto e veneração dispendeo grandes sommas; pelo zelo da salvação das almas em que procedeo como bom pastor de suas ovelhas; e pela industria e efficacia com que procurou o estabellecimento desta Congregação que lhe deve todo o bom successo com que foy principiada.<sup>31</sup> Foy sepultado na mesma ermida de que era fundador; o patrimonio que lhe deixou erão fazendas de valor de quinze mil xerafins, por cuja administradora instituiu a Congregação no cazo que persistisse no mesmo sitio da sua origem.

27. Mal consolados os congregados da pena que os ferio na morte do Reverendo Jacome Lourenço seo grande benefeytor, quando levantavão os olhos ao ceo aonde só podião achar lenitivo à tama // [p. 16]nha dor, virão os elementos conjurados e apostados a extinguir esta pequena grey. Porque o Inverno deste anno foy tão rigorozo que as tempestades dos ventos e os embates da agoa arruinarão muyta parte do edificio de São João do Dezerto, de sorte que ficou quazi inhabitavel e necessitado, não ja de reparos e reforma, mas de reedificação desd[e] o alicesse. Comtudo não desmayarão os nossos padres, porque tinham o favor do Illustriss[im]o Arcebispo Dom Manoel de Souza de Menezes que, sendo notado de rigorozo em castigar os delictos, era mais notavel na grandeza e liberalidade com que favorecia e promovia as obras da piedades (*sic*).<sup>32</sup> Tinhao tãobem parentes, amigos, conhecidos, pessoas ricas, com cujas esmolos esperavão refazer as ruinas ou ressuscitar as cinzas a que se hia reduzindo aquelle edificio. Porem, oh inescrutaveis segredos da Providencia do Altissimo! Quem pode comprehender os seos juizos, quem pode investigar os seos caminhos! O certo hé que de balde cansão os homens em edificar a caza, que não quer Deos edificada. E neste cazo a errada prudencia humana julgaria porventura que se não agradava Deos daquelle recolhimento e, por isso, o desfazia por tantas partes. Mas o certo era que não queria Deos os nossos congregados para ermitães do dezerto, senão para cidadãos do povoado. E para os tresplantar na cidade

<sup>31</sup> O texto até ao final do parágrafo encontra-se escrito na margem do fólio,

<sup>32</sup> D. Manuel de Souza de Menezes, 14.º arcebispo de Goa, tomou posse em 20 de Setembro de 1681; mandou para as igrejas de Salsete os jesuítas que as tinham abandonado por desinteligências com o arcebispo Brandão. Realizou visitas pastorais à Sé, Salsete, Bardez e depois ao Norte. Os cristãos desta última região, que há muito tempo não viam o antiste, viviam em grande liberdade e devassidão. Faleceu a 31 de Janeiro de 1688. Jaz na Sé de Goa. Cf. *Memória Histórico-Eclesiástica da Arquidiocese de Goa*, edição de Padre Amaro Pinto Lobo, Nova Goa, 1933, pp. 118-119.

ou para os fazer como cidade plantada no monte, os arrancava do ermo. E tãobem porque com a ruina do edificio material queria fortalecer a fabrica espiritual da Congregação, para que sendo os congregados criados no principio em adversidades e trabalhos, temessem menos as grandes contradicções futuras que havião de experimentar ao diante.

28. E para constar que o estabellecimento desta Congregação, assim material, como espiritual, era obra só da sua excelsa e omnipotente mão, cortou Deos de todo o fio da esperança que os nossos congregados, fundavão nos soccorros humanos do seo prelado, parentes e amigos. Porque no Verão deste anno, que nestas partes começa em Novembro, vice-reynando neste Estado da India Francisco de Tavora, Conde de Alvor, com assalto repentino invadio o inimigo Sambagy as Provincias de Salsete, Bardes e o forte de Santo Estevão, fez nellas hostilidades, colheo ricos despojos, prizionou os principaes // [p. 17] moradores de Salsete, poz a terra em nunca vista consternação.<sup>33</sup> <sup>34</sup> Assim hia accabando o funesto anno mil seiscentos oytenta e tres, quando a entrada do seguinte não foy menos calamitoza à Congregação; porque se no passado de 1683 faltou o reverendo paroco, a quem devia tantos beneficios, no presente de 1684 falleceo o Illustrissimo Arcebispo, de quem esperava o seo augmento.

29. Não perdoarão comtudo os nossos primitivos congregados diligencia que podião applicar para a reedificação daquelle ermida e hospicio; e jamais fraquearão na sua constancia, como quem sabião que então Deos favorece com toda a ajuda quando o homem trabalha com efficacia, porque o mesmo Senhor que quer que tudo confiemos do seo omnipotente braço, tãobem quer que nada faltemos de nossa parte. Mas com o miseravel estado da terra e com as publicas e particulares calamidades dos moradores, ainda que não descobrião meyo da reedificação que demandava grandes despezas, nunca porem desconfiarão da Providencia Divina; antes confiados nella perseverarão firmes na sua vocação esperando com paciencia dentro das

<sup>33</sup> Francisco de Távora, 56.º governador e 33.º vice-rei da Índia, entrou em Goa a 11 de Setembro de 1681. Na sua governação, Sivagi, o fundador do império marata, invadiu Goa e a 24 de Setembro tomou o forte da ilha de Jua. Seu filho Sambagi invadiu as províncias de Bardez e Salsete e ameaçou a Cidade de Goa. O vice-rei não dispondo de efectivos suficientes para enfrentar o inimigo, mandou abrir o caixão de prata de S. Francisco Xavier e entregou-lhe o seu bastão de comando e confiou à sua protecção o governo da Índia Portuguesa. Os militares ganharam novo alento e fizeram frente ao invasor. Simultaneamente, o Grão-Mogol perseguiu as forças de Sambagi. Este acabou por fazer uma paz bastante favorável aos portugueses. Esta vitória incentivou a crença num milagre do santo e desde então ficou a tradição de o acto da posse dos vice-reis ser na capela do santo, acompanhado da troca do bastão. Mandou construir a praça de Angediva. Na sua época começou-se a pensar na transferência da capital para Mormugão, devido à insalubridade de Goa. Entregou o governo a D. Rodrigo da Costa, em 13 de Dezembro de 1686. Cf. *Tratado de todos os Vice-Reis e Governadores da Índia*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, Lda., 1962.

<sup>34</sup> No original aparece na margem do fólio e seguintes: Anno 1684.

mesmas ruínas enquanto fosse Deos servido de abrir segunda porta, ja que os lançava da primeyra.

30. Assim corria o tempo the o mez de Março, quando o prezidente e os mais irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Bom Sucesso que pela mayor parte erão principaes e nobres cidadãos de Goa e tinham a seo cargo a administração da Igreja da Santa Cruz dos Milagres do Monte de Boavista da mesma cidade, movidos do despejo de nossos congregados<sup>35</sup> e deze- jando augmentar por meyo delles o culto divino na dita sua igreja, suppli- carão ao reverendissimo cabbido sede vacante que, visto impossibilitar-se a reedificação da ermida de São João do Dezerto, lhes mandasse mudar a sua habitação para as cazas e igreja do Monte de Boavista, que os devotos irmãos offerreção para nellas continuarem os seos exercicios. Estimou muyto o cabbido esta occasião de favorecer aos nossos congregados, porque ja constava ao mundo a vida edificativa que fazião. Mandou passar provisão, ordenando nella a sua passagem com declaração de goardarem no Monte de Boavista o mesmo estatuto approvedo pelo Illustrissimo Arcebispo que observavão no dezerto de Goadalupe. // [p. 18] Foy expedida a provisão aos quatorze de Março deste anno e com ella se effeytuou a mudança que aquelles devotos irmãos muyto dezejavão e os nossos padres igoalmente esti- marão passar do Monte do Dezerto à sombra da Santa Cruz dos Milagres do Monte de Boavista.

31. Este gloriozo titulo da Santa Cruz dos Milagres teve sua origem de muytos que neste monte obrou o nosso Redemptor, especialmente dignando- se de santificar com o tacto do seo corpo gloriozo huma alta cruz que ficava nelle antes de se edificar este templo, em a qual appareceo crucificado e cercado de gloria com outras muytas e notaveis circunstancias dignas de eterna memoria. Do qual successo, como se não acha nos authores que escre- verão das conquistas da India aquella individuação que pode cazo tão raro e maravilhoso, me pareceo razão dar inteyra noticia delle, tanto em agrade- cimento e obzequio, que deve a minha Congregação à preciosa e sagrada arvore da cruz, a cuja boa sombra cre[s]ceo sobre toda a humana esperança, como porque o mesmo Deos quando nos manifesta as grandezas da sua omnipo- tencia quer que não só louvemos nellas o Seo Santo Nomme, mas tãobem as publiquemos aos que dellas não tem plena noticia, para que glorifiquem ao Soberano<sup>36</sup> Author das maravilhas, como está escrito nas sagradas letras: *possuit occulum suum super corda illorum, ostendere illis magnalia operum suorum, ut nomen sanctificationis collaudent, et gloriari in mirabilibus suis, ut magnalia enarrent operum ejus.*<sup>37</sup> Hé materia longa e necessariamente ha- de encher alguns capitulos, que serão os seis seguintes.

<sup>35</sup> Riscado: «e dezejando».

<sup>36</sup> Eccliast. 7.8.

<sup>37</sup> «Lançou o seu olhar sobre os corações para lhes mostrar as maravilhas das suas obras, para que cumulem de louvores o nome da sua santificação e a glória nas suas maravilhas e divulguem essas maravilhas».

### Capitulo Quarto

#### Primeyra e segunda aparição de Christo Nosso Senhor na Cruz do Monte de Boavista da Cidade de Goa

Anno 1684

32. A nobilissima Cidade de Goa, praça capital das invictas armas luzi- tanas, Corte illustre dos Vice Reys do Estado // [p. 19] da India, inclita metro- poli dos arcebispos primazes do Oriente, glorioza urna em que descansa o sagrado incorrupto corpo de São Francisco Xavier seo segundo apostolo. Nas vittorias e triumphos marciaes dos seos Albuquerque, Botelhos, Castros, Bra- ganças e Furtados mais celebre e mais famoza que a antiga Roma nos seos Cezares, Pompeos, Scipiões, e Decios. Sendo algum dia o maior emporio da Azia, hoje está como *campus ubi Troia fuit*.<sup>38</sup> E comtudo bem se pode dizer della o que de colosso de Rhodes: *Jacens quoque miraculo est*.<sup>39</sup> Destron- cados os membros desta formidavel cabeça, que em outros tempos abraçava com as mãos e com os pés espaço de quatro mil legoas desde o Cabo da Boa Esperança the as prayas do Grão Catayo, enervada a sua potencia, consu- midas as carnes, reduzida a ossos; feyta como caveyra a que era arbitra de sceptros e dispensadora de coroas; sepultada em ruínas da sua propria gran- deza, nos mesmos marmores dos seos soberbos edificios cahidos tem eternos padroens que publicação com quanta verdade se disse.<sup>40</sup> Quem não vio Goa, não vio couza boa. Pode a roda da sua fortuna fazer nella realidade o que na estatua de Nabuco foy sonho. Na flor da sua felicidade era ouro nas rique- zas e delicias; prata no resplendor e pompa; bronze na celebridade e fama; ferro na fortaleza e triumphos. Na volta, porem, que deo esta inconstante roda no giro de hum seculo a violento impulso de muytas maons que atirarão a derriba-la, cahio de cabeça abayxo a cabeça do Oriente, mas não se reduzio <de todo> a pó e cinza, porque lhe restão ainda os ossos; nem falta profeta que vaticinou delles, que unidos e cobertos de carne hão-de ser vivificados com aquelle primeyro espirito que os animava. Mas quando se cumprirá este suspirado, felicissimo vaticinio! Oh Goa, cidade de Deos por tantas maravi- lhas que em ti obrou; o mesmo Deos que te mortificou, te vivificara. Grandes felicidades te esperão, gloriozas prosperidades estão goardadas para ti.

33. Esta pois grande cidade está situada em tres valles, que ficão entre tres montes. No mais alto, que jaz ao Oriente, está a Igreja de Nossa Senhora, que chamão do Monte, antiga fundação do seo illustre conquistador Affonço de Albuquerque. O que cahe para Occidente se chama Monte Santo por seis santuarios, em que está o Santissimo Sacramento. São estes o Convento da Senhora da Graça e o Collegio da Senhora do Populo dos reli // [p. 20] giosos Eremitas de Santo Agostinho. O Collegio de São Roque, ou de São Paulo Novo dos padres Jesuitas. A igreja parochial da Collegiada de Nossa Senhora

<sup>38</sup> «O campo onde um dia existiu Tróia».

<sup>39</sup> «Mesmo por terra, é ainda uma maravilha».

<sup>40</sup> «O Veneravel Pedro de Barboza Companhia de Jhesus na sua vida que [...]».

do Rozario. O Convento das Freyras Monicas fundado pelo Veneravel Arcebispo e primeyro Primas do Oriente Dom Frey Aleyxo de Menezes e o Convento dos Frades Hospitaleiros de São João de Deos. O terceyro monte que cahe para a parte Austral, hoje habitação de nossos congregados do Oratorio de São Felipe Neri, foy antigamente despovoado, mas porque de sua eminencia se descobria não só a vistoza maquina da cidade, cujos nobres edificios de templos, palacios, torres, sumptuozas fabricas de tectos empinados, entresechadas de varias arvores altas que ficavão nos quintaes das cazas fazia a mais deleytavel prespectiva, mas tãobem os longes das aldeas vezinhas levantadas em altas serras, explanadas em dilatados campos razos. E o rio largo e profundo que, retalhando a terra em circulo, a despedaça em muytas ilhas coalhado de varias embarcações grandes e pequenas, quazi continuamente hummas entrando e outras sahindo, representava naquella idade de ouro espectaculo o mais aprazivel. Por estas razoens digo se chamou o Monte de Boavista, nomme que com tempo mostrou que não foy imposto por acazo, ou por acerto da discrição humana; mas sim por impulso superior, divino, como misterio que presagiava aquella nunca melhor vista na terra que havião de ver os olhos mortaes no Monte de Boavista.

34. Na eminencia pois deste monte hum sacerdote chamado Manoel Rodrigues de sufficientes letras e exemplar procedimento, cura da sé primacial arvorou huma cruz algum tanto mais alta que a em que padeceo o nosso Redemptor, fabricada de pao teca, madeyra de mayor duração na India e a fixou em hum penedo vivo, que lhe servia de peanha, redondo e levantado em altura de huma braça que estava na planicie superior no mesmo monte. Era este monte frequentado dos vezinhos de Goa, não tanto pela devoção que os levasse ao pé da cruz, senão por recreação que buscavão naquelle sitio the chegar o tempo em que a providencia inexcrutavel do Altissimo determinara derramar sobre Goa as riquezas da sua mizericordia.

35. Porque, querendo o nosso Redemptor accender nos nossos // [p. 21] coraçoes a chama do seo amor, com a lembrança da mayor fineza que lhe devemos, assym como em outros tempos para inflamar a frieza do mundo, appareceu no Monte Alverna crucificado ao serafico Padre São Francisco, e imprimindo nelle as suas chagas, gloriozos caracteres da nossa redempção, despertou o descuydo humano para a memoria e correspondencia do seo amor infinito; para o mesmo fim que, por ser de tanta gloria sua pertendeo sempre dos homens e o devemos assim entender, se dignou de apparecer em publica e occular vizão huma, duas e tres vezes repetida, crucificado na cruz do Monte de Boavista com tantas prevençoens antecedentes e tantas evidencias subsequentes, que não ficasse lugar de duvidar de tão prodigiozas e insolitas apariçoens.

36. Corria o anno de mil seiscentos e dezanove em vinte e dous de Fevreyro que cahio em huma sexta feyra, dia em que se fizerão a vela os barcos que deste Estado da India partirão para Portugal. Em o qual virão muytas

peoas tremolar no Monte de Boavista algumas bandeyras da cor carmezim, do que não fizerão misterio; sendo que ao misterio da cruz sempre precederão bandeyras e estas vermelhas por ser misterio de sangue; cuydando aquelles homens serião de alguns capitaens de navios que as levavão ao alto daquelle monte, por ser lugar accomodado para enxuga-las ao sol. Passado aquelle dia e estando tãobem para passar a noyte em que alguns freguezes da parochia de São Mathias pernoytavão em a sua igreja, situada em hum tezo<sup>41</sup> da Ilha de Divary alem do rio que a divide da cidade, fronteyro em linha direyta ao Monte de Boavista, antes de romper a menhã do dia seguinte virão sahir do oyteiro de Boavista huns resplandores tão vastos que extendendo-se por toda a cidade, a enchião de admiravel luz e claridade. Tãobem estes não fizerão muyto reparo nesta vizão, persoadindo-se tornaria a apparecer hum grande cometa, que nos ultimos mezes do anno proximamente passado havia amedrondado aos moradores de Goa. Todavia notarão e se advertirão muyto na grande differença entre a luz presente e a passada do cometa, porque a do cometa era sobre escura, medonha e espantoza, mas a do Monte de Boavista clara, fermoza e deleytavel.

37. Passados, com estas festivas prevençoens, o dia e a noyte de vinte e dous, chegou o de vinte e tres de Fevreyro, que era hum sabbado que, // [p. 22] sendo segundo da Quaresma, verdadeiramente foy o de mais alegre alleluya para Goa. Em o qual de oyto para as nove horas da menhã hum Pedro da Sylva, cirurgião por officio, homem de boa intelligencia e de honesto procedimento, morador no porto de Cananor, donde viera a esta cidade com suas dependencias, hindo acompanhado de hum criado por nomme Antonio, malavar de casta e de genio muyto simples, por hum oyteiro que dista do cabeço de Boavista em que ficava a cruz quazi duzentos passos e se divide delle por hum pequeno valle; e pondo Antonio os olhos na cruz que lhe estava defronte, vio nella crucificado hum varão de perfeyta estatura. Cheo de temor e sobresaltado com a novidade da vizão, disse ao amo a maravilha que via. Suspendeo Pedro os passos e reparando bem na cruz achou que dizia verdade o seo criado. E notou que o crucifixo estava com o rosto para a cidade e a cruz se movia de hum lado para outro de Occidente, que lhe ficava à mão esquerda, para o Oriente, que ficava à direyta. Ou como arvore carregada que inclina as ramas com o pezo dos pomos, ou porque queria o Senhor mostrar aos homens que, se peção muyto os nossos pecados, mayor hé o contrapezo da sua mizericordia. E qual na balança em que sendo os pezos desigoaes está o fiel bambeleando de huma parte para outra, assim a cruz balança da divina piedade, sendo mayor o pezo que em si tinha, se inclinava de hum lado para outro e com o seo movimento acenava e convidava aos peccadores para se aproveytem daquella hora em que a mizericordia divina se lhes mostrava tão inclinada que a força do seo infinito pezo a fazia bayxar novamente do ceo a terra.

<sup>41</sup> Teso: monte.

38. Estando Pedro suspenso nesta vista com admiração que pedia cazo tão extranho e não se fiando de proprios olhos, se quiz certificar melhor com o parecer alheo. Passava acazo por outro caminho pouco distante hum homem chamado Simão Borges que da aldeia hia a cidade. Chamou-o perto de si e lhe perguntou se via na cruz alguma couza que antes não tinha? Respondeo o passageyro o mesmo que Pedro via. Que a cruz balanceava de hum braço para outro e tinha nelles a Christo crucificado. Aqui estiverão estes tres ditozos homens algum espaço de tempo, vendo e revendo com toda a attenção a figura de Christo e os movimentos da Cruz. E proseguindo Simão o seo caminho, Pedro e Antonio seo criado, movidos de devota curiosidade forão caminhando para o Monte de Boavista, para // [p. 23] prezençiam e examinare de mais perto aquella prodigioza vizão; mas chegados ao pé da cruz não virão nella couza alguma, antes a acharão tão firme no penedo que não fazia menor movimento. Rompeo Pedro os affectos tão bem na[s]cidos em enternecidos suspiros. Com a ancia de ver de perto o bem que conhecera de longe, arrazou os olhos em lagrimas e para dezafoço da saudade, prostrado sobre o penedo se abraçou com a cruz com humildes rendimentos e devotos osculos. E o Senhor, que ninguem <deve> que lhe não pague cento por hum, remunerou e satisfez os bons desejos de Pedro, com hum suavissimo e extraordinario cheyro, que communicou às suas mãos logo que com ellas tocou e abraçou a Cruz, cuja fragancia sentião assim elle, como os mais que lhe chegavão.

39. Desafogando Pedro a sua saudade ao pé da cruz com a ternura e sentimentos que lhe ministrava o seo bom espirito e entendendo com luz superior que nem a sua indignidade podia merecer, nem convinha a magestade divina e ao seo estado gloriozo dar-se a ver tanto de perto, desceo do monte e passado o pequeno valle chegou com o seo criado ao primeyro lugar, donde virão ao Senhor na cruz. E, voltando para elle os olhos saudosos, tornarão a ver com mais distincção a mesma vizão. Porque, como lhes tinha passado o temor e sobresalto natural que sentirão na primeyra apparição, na segunda repararão individualmente que o crucificado que estava na cruz parecia homem vivo, tinha a cabeça levantada, as maons estendidas nos braços della, os pés hum sobre outro, como se estivessem cravados com hum só prego que estava cingido de huma toalha branca, não mostrava no corpo vergoens de açoytes, nem feridas, nem sinal algum de sangue, nem coroa de espinhos na cabeça.

40. Que parabens se daria Pedro por tornar a ver o bem que chorara perdido! Se foy tanto o gozo do pastor que achou a ovelha que ficava menos, sendo esta huma das cem que lograva; se tanto foy o prazer da mulher cuja diligencia descobrio a dracma perdida das dez que possuia, que esta e aquelle convidavão aos amigos e vezinhos para festejarem o seo achado; quanto mayor seria o gozo e alvoroço de prazer em Pedro, que era a ovelha por achar a seo pastor e unico bem cuja perda sentira, não como de dracma de pouco preço, mas como de hum thezouro de infinito // [p. 24] valor! Este gozo e esta alegria o moveo a convocar os vezinhos e amigos e festejar com

elles o summo bem que achara. Não havia naquella sezão, no descampado do oyteiro, mais que dous homens que andavão o caminho da cidade, aos quaes chamou Pedro junto de si e perguntou-lhes se vião alguma couza na cruz de Boavista? Diligencia prudente do seo bom espirito que, receozo de alguma illuzão do maligno ou de proprios olhos, se não certificava sem parecer alheo. Affirmarão os dous passageyros que vião a Christo crucificado e a cruz que se movia, com as mesmas circunstancias já referidas. E todos quatro, com grande compuncção que sentião, postos de joelhos, rezarão o Credo e outras oraçoens por espaço de hum quarto de hora. E affirmarão no seo testemunho, que ainda que com aquella vizão ficarão como espantados e admirados, mas não perturbados, antes sentirão os seos corações compungidos, devotos e alegres. Mas muyto mayores effeytos se experimentarão na terceyra vizão que pede especial capitulo.

#### Capitulo Quinto

*Terceyra e publica apparição de Christo na Santa Cruz dos Milagres.  
Mudança da Cruz para a Igreja da Senhora da Luz*

41. Depois das duas vizoens referidas entrou Pedro da Sylva na cidade, e recolhendo-se na pouzada, aonde o esperavão os seos companheyros, lhes contou os prodigios que vira no Monte de Boavista, abonando a verdade do seo dito com a milagroza fragancia que respiravão as suas maons, contrahida do contacto da Santa Cruz. Dezejosos os companheyros, que erão quatro, de lograr a mesma felicidade, assentarão hir com Pedro depoes do jantar ao lugar donde duas vezes vio ao Senhor. Não foy tanto em segredo esta resolução que a não ouvissem as mulheres que havia na mesma caza, as quaes como de condição mais inquietas ou curiosas e na devoção mais apressadas, bem assim como as devotas Marias que madrugarão para o monte do sepulcro de Christo, logo accabado o jantar partirão sinco dellas com toda a pressa ao // [p. 25] Monte de Boavista, para onde vinha concorrendo muyta gente, movida com a noticia que espalharão as testemunhas, que conduzira Pedro nas duas appariçoens antecedentes. Mas nada vião do que ouvirão e quando desenganados querião tornar para trás, veo andando Pedro da Sylva com os seos companheyros e outros muytos que acodião à mesma funcção e, chegados todos naquella primeyra paragem, virão logo na cruz a nosso Redemptor e a cruz que se movia de hum lado para outro, sem nunca o crucifixo dar costas à cidade.

42. Já a multidão da gente era grande e a divina vizão mais maravilhosa, assim por ser tão universal para todos, como porque o crucificado lançava resplandores de tanta claridade que a não podião soportar os olhos caducos. Apenas estiverão espaço de hum Credo com a vista fixa no Senhor que apparecia tão resplandecente quando, commovidos com o respeyto a que os compelia a soberana prezença da divina magestade, se prostrarão por

terra, como Moyses que, no principio da vizão do Monte Horeb, cuydava que examinaria de perto o fogo que ardia na çarça sem consumi-la; mas conhecendo que naquelle fogo estava Deos, se não atrevia a levantar a cabeça. E não só estavam prostrados por terra, mas a mesma divina presença que os movia a reverencia tão profunda, os compungia de sorte que se desfazião os coraçõens com a dor dos pecados, os olhos derramavão lagrimas de verdadeyra contrição; batião com as maons nos peytos e com prantos e suspiros imploravão a piedade do amorozissimo Senhor que se dignou de os vizitar, apparecendo naquella cruz, trono da sua mizericordia, arco da paz e reconciliação entre Deos e homens.

43. Neste tempo que declinava para duas horas da tarde, e neste estado em que Pedro da Sylva e outros muytos ficavão prostrados em terra com demo[n]strações e sentimentos dignos de tão devoto e admiravel espectáculo, foy engrossando o concurso da gente para o mesmo lugar e todos que acodirão, que erão innumeraveis, testemunharão a mesma maravilha, sentindo em seos coraçõens effeytos divinos de hum extraordinario aballo que os obrigava ao arrependimento de suas culpas e a derramar lagrimas da verdadeyra contrição. E cre[s]cendo em todos cada vez mais o // [p. 26] fervor da devoção, se rezolverão a sobir o monte, mas a poucos passos andados, quiz o Senhor satisfazer aos pios dezejõs dos seos servos e mostrando-se mais claramente dar fim a aquelle prodigio. Subitamente fez a cruz hum gyro e deo o crucificado costas à cidade (que desde então foy descahindo da sua flor) e se manifestou de fronte cara a cara a todo aquelle grande concurso, que de antes havião visto só por lado esquerdo.

44. Vendo aquellas devotas almas ao seo Senhor, mais perfeytamente postas de joelhos, o adorarão com profundissima reverencia. E virão huma fermoza nuvem rouxa e dourada a modo das que se formão no orizonte, quando se quer por o sol, a qual estava sobre a Santa Cruz, fazendo-lhe magestoso docel. Pedro da Sylva, que nestas vizoens logrou a mayor parte, notou na ultima despedida do Senhor hum grande resplendor, tão refulgente que lhe parecia brilhar como diamante, que na[s]cia dos braços da cruz e em forma piramidal se extendia para o ceo. Vio tãobem na circunferencia do crucificado huma nuvem clara, diafana, chea de admiravel luz, que lhe formava outro resplendor. E desta ultima vez vio ao Senhor com mais distincção e claridade, com a cabeça alta, pescoço extendido, rosto fermoço e claro, cingido com huma toalha, sem nenhum sinal de sangue, nem de feridas, nem a coroa de espinhos.

45. Depois de adorarem ao Senhor que se dignou de lhes manifestar a sua pessoa cara a cara, descirão pelo valle abayxo para sobirem ao Monte de Boavista, mas nesta descida, perdendo de vista a cruz, quando sobirão e chegarão ao pé della, não virão mais o crucificado. Foy este monte vizitado naquelles dias de todo o povo christão da cidade e muytas pessoas graves forão a pés descalços. Houve penitencias publicas com disciplinas que tomavão athe derramar sangue junto da cruz. E o que hé mais, notaveis

conversoens de muytos escandalozos peccadores. Emfim ninguem chegava ao monte santo que não sentisse o coração tocado e trocado; ninguem vio a cruz que não chorasse muytas lagrimas de contricção. E não hé muyto que naquelles principios se experimentassem tão efficazes effeytos com a memoria fresca de tantos // [p. 27] prodigios, quando ainda hoje depois de passar hum seculo compunge a vista da cruz aos que chegão ao pé della. E aquella terra santificada com a presença corporal do Rey da gloria infunde como hum respeyto, reverencia e devoção.

46. Estes effeytos tiverão todos os bem entendidos por grande prova de ser as referidas vizoens milagrozas e divinas, porque só Deos hé poderozo para mover os coraçõens à contrição e penitencia; nem o demonio pode ser author de tanto proveyto espiritual que se experimentou; nem quererá jamais concorrer ao arrependimento do pecado, couza que elle por sua obstinação e soberba tanto aborrece, que só por não pedir a Deos perdão da sua culpa padecerá novos infernos; nem o mesmo Deos faltou com outros muytos milagres que fossem publicos e irrefragaveis testemunhos da verdade de suas apariçoens.

47. Nesta mesma tarde, quazi às quatro horas, hindo o Doutor Gonsallo Pinto de Fonceca, chanceler deste Estado, para a sua quinta, vio no Monte de Boavista grande concurso da gente e reparando nelle, porque ignorava o motivo, notou na Santa Cruz, no lugar em que os braços se encaixão na haste, hum resplendor pequeno, de tamanho de hum barrete redondo, da cor de hum finissimo rubim posto ao sol, que lançava de si rayos. E do mesmo resplendor vio que sahia huma bandeirinha da mesma cor de tamanho de hum lenço, na qual parecia ao Doutor que dava o vento sul e a estendia para a parte da cidade; e estava tremolando, como que o vento que a movia fosse grande e se lhe representava que a cruz fazia algum movimento. Porem, como não tinha noticia dos sucessos antecedentes, julgou que o concurso da gente fosse para mudarem a cruz daquelle lugar para outro. E que a bandeirinha fosse algum pano vermelho que os devotos tivessem atado, o qual com os rayos do sol parecia resplandecente. E ainda que esta bandeirinha e o resplendor, que vio o chanceler, não virão os que ficavão ao pé da cruz, nem por isso faltarão outras muytas contestes e simultaneas testemunhas que forão os pedreyros que trabalhavão na fabrica da sé primacial, que então se edificava nova; e de seos terrados divizarão o mesmo resplendor e bandeirinha com as mesmas circunstancias que notou o chanceler. // [p. 28]

48. Todo o referido, sendo no mesmo dia publico em toda a cidade, e chegando a noticia do Arcebispo Primas, Dom Frey Christovão de Lixboa, mandou este vir perante si a Pedro da Sylva, testemunha principal de todo o successo.<sup>42</sup> Delle e de seos companheyros se informou verbalmente e cuydando

<sup>42</sup> D. Frei Cristóvão de Sá e Lisboa, da Congregação de S. Jerónimo, governou a arquidiocese de Goa, com zelo, de 1610 a 1622. Em 23 de Fevereiro de 1619 deu-se o facto miracu-

no que por então devia fazer; lhe occorreo, primeyro que tudo, segurar a cruz para que a devoção dos fieis a não fizesse em pedaços para os levar por reliquias. Conduzio para este fim alguns ministros da justiça secular e os enviou com o Padre Manoel Rodrigues, cura da sua Sé, que arvorou a Santa Cruz naquelle sitio, como dito fica e com o padre prior da Collegiada da Senhora da Luz, de cujo dstricto era o Monte de Boavista, theatro de tantos prodigios. Chegarão a elle ao por do sol e o acharão coalhado de tão grande multidão da gente, apostado cada qual a levar a sua reliquia, que não podendo rezistir à devota violencia que fazião, supplicarão-lhes soccorresse o prelado com mais poder que atalhasse aquelle sagrado roubo; juntamente, porque a cruz era alta e dependia de mais forças para se arrancar do penedo em que estava encaxada. Acodio a este tempo o ouvidor da cidade com outros muytos ministros da justiça e o mesmo primas foy em pessoa acompanhado da mayor parte dos capitulares da Sé e muytos fidalgos e dezembargadores pedreyros que trabalharão, se desencaxou a cruz da peanha, custando tanta diligencia e gastando nellas espaço de tres horas, porque estava tão metida e firme na pedra viva, que foy necessario todo aquelle trabalho para a arrancarem do seo lugar.

49. Erão quazi nove de noyte e o Monte de Boavista com o concurso da gente e muytas tochas que se accenderão, parecia arder em fogo. Formou-se huma solemniissima procissão; tomarão nos hombros a cruz pessoas principaes, religiosos de mayor authoridade e o mesmo primas, que esperava no meyo do caminho, ajudou a carretar pela parte do letreyro, angulo superior da cruz, aonde tocara com a cabeça Nosso Senhor Jesu[s] Christo. E, transportando-a do monte à igreja vezinha da Nossa Senhora da Luz, a collocarão na Capella do Santissimo Sacramento, com goarda de sacerdotes e muytas luzes que ardião de dia e de noyte, por espaço de dous dias em que concorreo toda a sorte de pessoas da cidade // [p. 29] e aldeas vezinhas, para adorarem a milagroza cruz.

50. E porque sem embargo de toda a diligencia do primas se tirarão da cruz varias reliquias, para defende-la ao futuro, a mandou forrar com tabicas e cobrir por sima com velludo carmezim, pregado com cravos dourados,

loso do aparecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo no Monte da Boavista. O arcebispo escreveu um folheto intitulado *Tratado do Aparecimento de Cristo Crucificado na Cruz do Monte de Boavista*. Após uma cuidadosa reflexão com os eclesiásticos sobre o occorrido, decretou pela pastoral de 1619, ser verdadeiro o milagre. No seu tempo construíram-se vários conventos, aumentaram as congregações, confrarias e casas de misericórdia, introduziram-se muitas obras de piedade e culto divino e os estudos e letras desenvolveram-se bastante nos seminários. Veja-se *Memória Histórico-Eclesiástica de Goa*, já cit., pp. 113-114. Sebastião do Rego relata com desenvolvimento o que decorreu nas juntas de teólogos convocadas pelo arcebispo sobre o milagre da Santa Cruz (*Chronologia*, Liv. 1.º, pp. 30, 38 e ss.) e informa que no arquivo da Congregação há uma «relação verdadeira de todo o successo emanado do processo autêntico que dele fez o Ilustre arcebispo» (*Ibid.*, Liv. 1.º, p. 49).

deyxando por parte do pé huma abertura por onde pudessem os fieis beijar este Santo Lenho. Experimentarão varias pessoas que o beijarão huma notavel fragrança que de si lançava, favor que não foy geral a todos, senão aos que o Senhor achou dignos, como referem alguns authores do Maná, que nem todos achavão nelle a variedade de sabores, senão aos que estavam em graça.

51. Desde aquelle tempo começarão os fieis geralmente venerar as reliquias desta cruz e o Senhor fomentou nelles a piedade com varios e repetidos milagres, dos quaes hey-de referir alguns nos capitulos seguintes, fundando-se todos, merecerem elles pelo contacto do gloriozo corpo de nosso Redemptor o mesmo culto e veneração que damos ao Santo Lenho em que nos remio. Porque, quando apparece Christo na mesma figura em que está no ceo, como se vio na nossa cruz, hé fundamento bastante para julgarmos que foy a apparição em sua propria pessoa e não em corpo aerio, por ministerio de algum anjo. O que nada encontra com as escrituras divinas, nem hé alheo do commum sentir dos Santos Padres; antes hé expressa doutrina do Doutor Angelico na 3 P. *quaest. 57 articul. 6* aonde, refutando a opinião contraria na solução do seo terceyro argumento, responde com as palavras que aqui transcrevo para consolação dos devotos da nossa cruz. *Ad tertium dico, quod Christus semel ascendens in caelum adeptus est sibi, et nobis perpetuum jus, et dignitatem mansionis caelestis; cui tamem dignitati nom derogat, si ex aliqua dispensatione Christus quandoque corporaliter ad terram descendat; vel ut ostendat se omnibus; sicut in judicio; vel ut ostendat se alicui specialiter; sicut Paulo, ut habetur Actorum 9. Et ne quis credat, hoc factum fuisse, non Christo ibi corporaliter praesente; sed alicqualiter apparente; contrarium apparet per hoc, quod ipse Apostolus dicit 1. ad Corinth. 15 ad confirmandam resurrectionis fidem novissime tanquam abortivo visus est mihi. Quae quidem visio // [p. 30] veritatem resurrectionis non probaret, nisi verum Christi corpus visum [fuisser?] ad eo.*<sup>43</sup>

52. Depozitada a cruz em lugar tão decente, entrou o prelado ordinario na diligencia de autenticar assym as apparições de Christo, como os milagres, que desde aquelle felice dia começarão a experimentar os fieis. Pessoalmente examinou muytas testemunhas, inquirindo com a mayor miudeza e rigor. E formado o processo quando bastava para huma evidente e plenissima prova, convocou junta de theologos, canonistas, juristas e tãobem de medicos

<sup>43</sup> «Em terceiro lugar digo que Cristo, subindo uma vez ao céu, alcançou para si e para nós a vida eterna e a dignidade da mansão celeste; contudo a dignidade não se lhe nega, se, em partilha, Cristo em pessoa desce à terra, quer para se mostrar a todos, tal como no julgamento, quer para se mostrar a alguém como a Paulo, como se lê no Livro dos Actos 9. E para que não se creia que este facto não aconteceu, que Cristo não está aí presente em pessoa, mas de certa forma como aparição, o próprio Apóstolo diz (Epístola aos Coríntios, 15): «apareceu-me para confirmar a fé da ressurreição de uma forma nova como nascido antes do termo. Esta visão, na verdade, não comprovaria a verdade da ressurreição, se não tivesse sido visto até esse momento o verdadeiro corpo de Cristo.»

e cirurgioens peritos que forão consultados sobre os sucessos de saudes repentinas, que se achavão no processo e se rellatarão abayxo. Assentou-se, neste primeyro conclave, que as saudes repentinas não podião ser naturaes por suas circunstances e por isso o arcebispo primas as defenio por verdadeyros milagres na forma que lhe permitia o Sagrado Concilio Tridentino Sessão 25 *De invoc. et relig.*<sup>44</sup> Porem, quanto as aparições de Christo na cruz, se erão divinas ou diabolicas, suspenderão por então o juizo, emquanto o mesmo Senhor desse novos sinaes, e com elles mayor luz, para deliberrarem com todo o acerto; permitindo sempre ao povo a devoção da cruz que cada dia se hia propagando com a fama dos milagres que se multiplicavão.

### Capitulo Sexto

*Milagres socedidos com as reliquias da Santa Cruz e com a terra do lugar em que esteve arvorada no Monte de Boavista*

53. Referir todos os milagres que obrou Deos com as reliquias de nossa cruz e com a terra do Monte de Boavista seria <historia><sup>45</sup> prolixa. Porque, crendo a piedade dos fieis que nosso Redemptor a santificou com o contacto de seo corpo gloriozo, conceberão tão firme devoção e fé, que se tinhão por ditozos os que logravão alguma reliquia de tão santo e rico thezouro. No discurso da mudança della para a igreja e ainda dentro da mesma igreja antes de ser forrada com tabicas, muytos se aproveytarão de suas // [p. 31] particulas, ainda que pequenas. E tambem o arcebispo tirou della hum pedaço; parece que foy serrado da largura por parte do pé, sem demenuir no comprimento. Do qual pedaço se fabricou huma pequena cruz de dous palmos e se repartirão as reliquias pelas religiões e pessoas da primeyra distincção, como affirma Faria.<sup>46</sup> Outros satisfazião a sua devoção com lascas do penedo em que esteve arvorada a cruz no Monte de Boavista e não poucos com quaesquer pós do mesmo Monte, que era como huma botica aberta com remedio universalmente efficaz para todo o genero de enfermidades. E de todos se mostrava Deos agradado, remunerando a fé e a confiança delles com multiplicados e innumeraveis milagres, dos quaes alguns que o ordinario authenticou rellatarey aqui, por conduzirem muyto para se confirmar a verdade das divinas apariçoens, para se propagar a devoção da Santa Cruz e para ser glorificado aquelle Senhor tão magnifico e admiravel nas suas obras.

54. No mesmo dia, vinte e tres de Fevreyro, em que se dignou de apparecer Nosso Redemptor nesta cruz tão publicamente, entre outras pessoas que da caza de Pedro da Sylva, muytas vezes atraz nomeado, forão ver aquelle prodigio, achava-se hum rapaz por nomme Manoel, de idade

<sup>44</sup> «Da Invocação e da Religião».

<sup>45</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>46</sup> Azia Portuguesa tomo 3 parte 3 capitulo 19 numero 7.

de treze annos, de casta malavar; o qual pouco antes havendo padecido o achaque de beixigas, tanto que convaleceo dellas, enfermou de febre continua com tal nauzea que não podia tragar bocado. Sendo levado ao pé da cruz no fim da terceyra aparição, de que tãoobem foy testemunha, tanto que abraçou e beijou a cruz, em continente ficou livre da febre que havia pouco lhe entrara com grande excesso. Tornou para caza sem ella, livre dos fastios mortaes, pedio de comer e jamais se deytou na cama por sentir-se tão refeyto de forças, como se nunca adoecera. Do mesmo modo e no mesmo dia Maria Fernandes, natural da terra, que estava gravemente enferma de febres e desinteria, tendo noticia da aparição do Senhor se fez levar ao lugar aonde outros estavam e testemunhou a terceyra vizão. E no dia seguinte bebendo em agoa a terra do pé da cruz ficou de todo sam, assim da febre, como da desinteria.

55. Pedro Gomes Pessanha, natural de Moura, cavalheyro fidalgo // [p. 32] que occupou neste Estado lugares de distincção, padecia por espaço de dous mezes febres malignas. Sobre ellas teve hum grande fluxo de sangue no mesmo dia, vinte e tres de Fevreyro, das aparições de Christo na cruz de Boavista, que lhe durou tres dias. No terceyro, que era segunda feyra entre desengano da vida e preparaçoens da morte, pedio que lhe trouxessem huma lasca do penedo da Santa Cruz; deytou-a em hum pucaro da agoa e a bebeo com grande fe. Couza maravilhoza! Immediatamente sentio em seo corpo grande concerto, suavidade e consolação. Parou o fluxo do sangue no mesmo instante. E estando em extremo fraco, como se deixa ver de enfermidade tão longa e de copiozo sangue que vazara, logo se achou tão refeyto de forças, que tendo tomado este santo medicamento a noyte da segunda feyra, na menhá da terça seguinte poude hir por seos pés a Igreja de Nossa Senhora da Luz, aonde se goardava a cruz para adora-la e render a Deos graças por tão singular beneficio. E ouvida a missa na mesma igreja foy ao Palacio Primacial, para dar ao arcebispo noticia do milagre que nelle obrou o Senhor por meyo da lasca da pedra da santissima cruz.

56. Igoal beneficio recebeo de Deos no mesmo dia Magdalena Carvalho, mulher de Manoel Coelho, Portuguez, que padecia dous annos fluxos de sangue, hindo de mal para peyor. Preparada com os sacramentos da confissão e communhão, como quem se aparelhava para o ultimo trançe, neste miseravel estado em que se achava, se fez levar em carruagem a igreja. Esteve nella espaço de quazi tres horas, orando diante da nossa cruz, pedio ao marido que, hindo ao monte vezinho de Boavista, lhe trouxesse terra do seo pé. Entretanto se lhe aggravou o mal, com que voltou para a sua caza com o fluxo mais copiozo para ser mayor o prodigio. Considerando-se proxima de espirar se despedio dos parentes e marido que lhe assistião, o qual vendo as ultimas angustias em que já não havia esperanças de remedios humanos, recorreo aos divinos. E, com a terra que trouxera de Boavista molhada em agoa, fez tres cruces, huma na testa e duas nas fontes da enferma moribunda e tãoobem lhe barrou o corpo, com o que logo estancou o fluxo. Sentio a mori-

bunda grandes alentos. Dormio com socego, acordou do sono ou, // [p. 33] para melhor dizer, resuscitou da morte tão inteiramente sam, como se não padecera achaque tão diuturno e perigozo.

57. Nestes mesmos dias hum moço chamado Antonio, natural de Ceylão, estando mortal de huma rigorosa colica, ja desconfiado dos medicos, por lhe não valerem os medicamentos que applicarão, bebeo em agoa a terra, que elle mesmo estando são, havia tomado do buraco da pedra em que esteve a Santa Cruz dos Milagres; e com este admiravel remedio ficou repentinamente são.

58. Hum cattivo por nomme Diogo, de pequena idade, que na enfermidade de beixigas perdera a vista de ambos os olhos, de sorte que se achava totalmente cego; tendo sua ama grande confiança em Deos, deytou em agoa a terra da nossa cruz e com o polme do fundo lhe barrou os olhos. Neste cazo se experimentou o mesmo prodigio que o nosso Redemptor fez no cego de nascimento,<sup>47</sup> com o barro amassado com a saliva da sua sacratissima boca; porque logo abrio Diogo os olhos e ficou com a vista perfeyta.

59. Manoel de Coutto, diacono, vindo da Provincia do Norte para a Cidade <de Goa> para ser ordenado de presbytero, estava com febres terçans muyto debilitado de forças, não lhe aproveytando as sangrias e outros remedios que receytarão os fizicos. Foy, porem, efficassissimo o que lhe applicou seo companheyro e patricio Manoel Correa, tãobem diacono, o qual tinha huma reliquia de nossa cruz que, pondo ao pescoço do enfermo a tempo que lhe apontava a sezão, fogio a febre e ficou são, de sorte que em breves dias se achou capaz de embarcar para a sua patria.

60. Domingas, repariga de idade de nove annos, havia tres que padecia grandes dores dos olhos, que nas conjuncções da lua se lhe inflamavão e purgavão muyto humor. E aggravando-se cada vez mais este achaque, veo a perder totalmente a vista do esquerdo, com huma belida<sup>48</sup> que na[s]ceo de tamanho de huma lentilha. Ouvindo a mãe desta enferma muytos milagres de nossa cruz, com confiança de que se dignaria Deos de compadecer da sua filha, como dos mais a quem se mostrava tão propicio, uzou do remedio naquelle tempo universal para // [p. 34] todos. E pondo tres vezes por espaço de dous dias a terra de nossa cruz nos olhos achacados, conseguiu a saude que esperava da divina bondade, ficando a rapariga sem dor, sem inflamação e sem belida, antes com vista muyto perfeyta. Igoal favor recebeo huma moça chamada Francisca, natural de Bengala, cattiva de hum cidadão de Goa, a qual pondo nos seos olhos a mesma terra santa, se achou milagrosamente livre de huma belida e inflamação com que os trazia dolorozos por espaço de tres mezes.

<sup>47</sup> Joan. 9.6.

<sup>48</sup> Mancha branca que se forma na córnea do olho e turva a vista. Névoa.

61. Antonia Martins, mulher portugueza, cazada, tinha na garganta huma chaga havia anno e meyo, e sendo curada pelos melhores fizicos e cirurgioens de Goa nada melhorava, mas hia para peyor de maneyra que não podia engolir couza que não fosse liquida e se mantinha com alguma substancia que bebia. No oytavo dia da vizão de nossa cruz se fez levar para o lugar do sagrado penedo, cujos pedaços e pós obravão continuos milagres. Ja neste tempo a cova nelle feyta, quando se encaixou a cruz, estava grande e larga pela continuação das reliquias que a gente extrahia. Chegada a afflicta mulher a paragem dezejada se meteo na mesma cova e nella gemendo como pomba nas cavernas da pedra, pedio humilde e affectuozamente a Deos uzasse consigo da universal piedade que experimentavão todos, por virtude daquella pedra santificada com a sua divina prezença. E tomando os pos della em quantidade que enchesse bem a boca, os lançou em agoa que levava prevenida e os engolio. E supposto lhe ardeo por pouco espaço a chaga quando tragavam os pos com agoa, mas logo se levantou sam e foy dar graças a Deos ao pé da cruz na Igreja da Senhora da Luz, ficando dali por diante sem chaga, nem impedimento algum na garganta.

62. Antonio de Oliveyra, natural de Lixboa, padecia febres terçans com que estava em cama quarenta dias em caza de hum fidalgo, a quem servia. Compadecido o amo de tão diuturna molestia do seo criado, lhe deo de beber moida em agoa huma reliquia de nossa cruz com terra do seo pé, a tempo que entrava a sezão com grande estrondo de frio. No mesmo ponto experimentou a efficacia da divina virtude, tão admiravel nas reliquias da Santa Cruz dos Milagres, porque cessou o frio, // [p. 35<sup>49</sup>] fogio a febre e ficou o homem sanissimo.

63. Domingas de Campos, veuva, padecia febres terçans, espaço de tres annos, sem haver medicamentos a que obedecessem. Tendo noticia dos milagres que Deos obrava por nossa cruz, se valeo de huma particula della que tinha Paula Coelho, pessoa da sua confiança. Deo-lha Paula liberalmente porque, incredula the então (como a mesma affirmou) da apparição do Senhor nesta cruz, não tinha fé na sua reliquia. Mas Domingas, chea de confiança, beijou o santo lenho com grande reverencia e, pondo-o nos olhos com igoal devoção, pedio affectuozamente ao Soberano Author das maravilhas que, ou a levasse desta vida tão penoza, pois não podia tolerar tão prolixia enfermidade, ou sendo de gloria sua por meyo da milagroza cruz a livrasse das febres que padecia tres annos. Foy ouvida a segunda parte da sua supplica. E como os despachos de Deos são promptas execuções, não tornou mais a febre, ficando Domingas sam no corpo e Paula com grande fé que começou a ter na sagrada cruz, à vista de tão evidente milagre.

64. Manoel Cabral Furtado, Portugues, de idade de oytenta annos, tinha junto de olho esquerdo hum grande lombinho com que na[s]cera, o

<sup>49</sup> O número «5» foi escrito sobre um «7».

qual lhe embaraçava a vista daquella olho, não havendo remedio que fosse efficaz, para tirar do rosto aquella monstruosidade, que o afeava muyto.  
<sup>50</sup> Mas Christo, que estando na cruz do calvario deo vista a hum longino, ou longuinho, a deo tãobem a Manoel Furtado, livrando-o juntamente do embaraço de lombinho com a terra da cruz de Boavista que nelle poz; a qual, como se fora efficassissimo unguento maturativo, o fez inflamar e lançar alguma materia com que em breves dias desceo a inchação sem ficar sinal algum do monstruozo tumor. Segue-se agora hum milagre que podemos chamar milagre de milagres, porque deo principio a outros muytos e ficou confirmada de todo, a verdade da apparição do Senhor na nossa cruz. Pede particular capitulo e seja o seguinte. // [p. 38]<sup>51</sup>

*Capitulo Setimo*

*Insigne milagre da fonte que na[s]ceo no penedo da Santa Cruz; exame e diffinição delle. Acção de graças ao Senhor, que appareceo na Santa Cruz*

65. Em sinco de Março do mesmo anno mil seiscentos e dezanove, dez dias depois da apparição de Christo Nosso Senhor na cruz de Boavista, as duas para tres horas da tarde, forão à Igreja de Nossa Senhora da Luz Antonio de Sampayo, Antonio de Sotto Mayor e Manoel Pinto, Portuguezes. E depois de vizitarem a Santa Cruz, que nella estava depozitada, tomarão o caminho do Monte de Boavista para tãobem vizitarem aquella terra santificada com a prezença do Santissimo, em cuja apparição tinham grande fé e hião conversando com muyto sentimento de que houvesse pessoas que duvidassem de verdade tão notoria; porque alguns religiosos da Companhia de Jesus erão de parecer se não devião ter por divinas aquellas tão publicas vizoens que deyxo referidas. Nesta conferencia disse Antonio de Sotto Mayor: se agora na[s]cer no penedo da cruz huma fonte de agoa será grande prova e evidente argumento, com que cessarão todas as duvidas. Com estes dezejões tão pios sobirão ao monte e postos de joelhos junto do penedo oravão com muyta devoção.

66. Estava ja no mesmo lugar outro Portuguez pouco antes chegado com hum moço que o acompanhava com picão para tirar daquelle penedo algumas lascas que erão prodigiosas reliquias. Reparou este homem com grande attenção no penedo e disse a tres companheyros, que ficavão orando, que lhe parecia estar humida aquella parte em que picava o seo moço. Cres[s]ceo com isto em todos o dezejo de que rebentasse naquelle lugar huma fonte em confirmação das milagrosas apparições de Christo que outros duvidavão.

<sup>50</sup> D. Isidor. Tract. 48 de Pass. Relatus a Salmeyr.

<sup>51</sup> Erro do escrivão na numeração dos fólhos. Do fólho 35 passou para o 38, mas corrigiu o lapso no fólho seguinte.

E assim o pedião a Deos com grande confiança. E porque estes dezejões não na[s]cião de vam curiosidade, senão de verdadeyra devoção e zelo da gloria do mesmo Deos, que hé a cauza // [p. 37] legitima porque Deos se move a fazer milagres, como tem Abulense, não tardou o Senhor em despachar tão justa petição porque, condescendendo com a piedade dos seos servos fez que, quando aquelle moço feria com o picão a pedra, corresse a agoa como que hia na[s]cendo della. A vista do que todos os presentes, que erão sinco, cheos de admiração e gozo, não podendo reprimir o alvoroço do prazer e alegria que sentião nos coraçãoes, vendo satisfeytos os seos pios dezejões com tão prodigioso successo, clamarão em altas vozes: milagre, milagre. Ensoparão na nova agoa os seos lenços e, por espaço de hum quarto <da> hora, estiverão prezençando a fonte milagroza, que corria sem cessar e deyxando-<a> assym correndo, descerão do monte a dar na cidade noticia da maravilha que tinham visto.

67. Di[v]ulgada logo a fama de tão insigne prodigio, concorreo innumeravel gente e todos o virão. No processo que fez o arcebispo primas deste successo depuzerão tres religiosos da Ordem dos Pregadores e hum dos Eremitas de Santo Agostinho, testemunhas oculares e uniformes, que elles prezençarão correr a agoa de dentro da cova em que esteve arvorada a Santa Cruz. E repararão com muyta attenção que primeyro corria com força a modo do esguicho da sangria. E que, abrindo alguns soldados com adaga a vea, começou a correr por outra parte mais bayxa. E cahia na mesma cova, com que se ensoparão muytos lenços e toalhas. Muytos a beberão e dizião ser muy doce. Outros lavarão com ella os olhos e todos a aclamarão por milagroza, como na verdade era. E esteve assim correndo quazi toda a tarde em quantidade referida.

68. Não podendo todos acodir de dia a ver este milagre, forão muytos de noyte. E Deos Nosso Senhor por satisfazer a sua devoção continuou a milagroza fonte athe duas horas da madrugada do dia seguinte. Tanto que foy entrando a noyte parou o esguicho em forma da sangria, como sahia primeyro. E do principio da noyte the dez horas correo em gottas grossas continuas que davão agoa para todos porque, sendo muyta a gente que sem espaço concorria, todos achavão agoa para molharem seos lenços e toalhas. Neste tempo hum soldado meteo a sua adaga em huma pequena fenda // [p. 38] que se via naquelle penedo, parecendo-lhe que se abrisse buraco naquella parte sahiria a agoa em vea mais grossa. Mas daqui por diante cessarão as gottas e começou a pedra a suar pelos poros. Neste estado a acharão dous religiosos da Companhia de Jesus, que com alguns estudantes e outras muytas pessoas forão as duas horas de madrugada ao Monte de Boavista. E este suor era tãobem grosso e copiozo e dava agoa em quantidade que bastasse para ensopar toalhas e lenços de grande multidão da gente que naquelle tempo aly estava.

69. Feyto o processo das testemunhas deste milagre, recommendou o arcebispo primas jejuns, orações e preces publicas e privadas em todas as

igrejas e religioens, implorando a luz e graça do Espirito Santo, para acertar em negocio de tanta gloria de Deos. E convocou novamente a junta dos theologos, canonistas e juristas. Acharão-se nella de theologos dominicos tres, franciscanos tres, agostinianos dous, jezuitas sete. De canonistas tres, que erão o deão da Sé, o thezoureyro mor della, que era tãobem vigario geral do arcebispado e o promotor do Santo Officio. De juristas quatro dezembargadores da Rellação secular, os quaes todos com o prelado ordinario que prezidia, fazião corpo de vinte e tres pessoas. Proposta a materia e lido o processo da nova fonte, houve sobre ella huma larga conferencia. E, depois de bem discutidas todas as circunstancias, concordarão dezasete votos com unanime conformidade que a fonte da agoa que na[s]ceo no penedo, que servia de peanha a Santa Cruz do Monte de Boavista foy milagroza. Ficarão fora deste parecer seis votos que erão seis theologos dos sete que forão chamados para o conclave da Companhia de Jesus que por isso mesmo, porque antes duvidarão ser divinas as aparições de Christo na cruz de Boavista, forão convidados em mayor numero que de outras religioens.

70. Allegarão os seis theologos do parecer contrario que não julgavão por milagroza aquella fonte porque, dado que no mez de Março em que socedeo fosse força de Verão nas partes de Goa e por discurso de quazi sinco mezes desde Novembro do anno passado não tinha chovido, comtudo muytas vezes socedia terem os penedos dentro em si concavidades em que conservavão por muyto tempo a agoa que receberão no Inverno; pelo que podia ser natural e não milagroza a que deo de si o penedo do Monte de Boavista // [p. 39] se da potencia para o acto valesse o argumento, assi como do acto para a potencia seria mais que grande a força desta razão.

71. Argumentavão mais que, quando Deos quizesse por meyo daquella fonte mostrar ser verdadeyra e divina a aparição de Christo na cruz de Boavista, havia de ser a fonte copioza que durasse muyto tempo e não de sorte que se referio no processo, em quantidade tão limitada que primeyro esguichou como sangria, ao depois correo em gottas e ultimamente acabou em suor, circunstancias que no seo juizo nada indicavão de milagre. E só parecião effeytos naturaes da agoa que o penedo recebeo no Inverno e, combatido do picão, a lançou fora.

72. Pelo contrario nove theologos, a saber o Padre Francisco Leão da mesma Companhia, lente de prima, tres dominicos, tres franciscanos e dous agostinianos e os mais canonistas e juristas responderão cabalmente as <sup>52</sup><duvidas> propostas, estimando-as em muyto, porque dellas na[s]ceo mais exacta averigoação da verdade. E esta, quanto mais averigoada, tanto foy melhor aceyta. Como em São Thome, cuja incredulidade estabelleceo mais a fe da resurreyção de Christo e as duvidas de São Jozeph na sagrada prenhição da Santissima Virgem, sua espoza e Mãe de Deos, lhe lhe (*sic*) occazio-

<sup>52</sup> Riscado: «duas».

narão a certeza, de que não tinha, do ineffavel misterio da Encarnação do Divino Verbo consumado por obra do Espirito Santo no seo purissimo e virginal ventre.

73. Defenderão o seo parecer affirmativo os dezasete votos que tinhão por indubitavel e grande milagre aquella fonte, dizendo que era impossivel que hum penedo <solto><sup>53</sup>, redondo e levantado da terra em altura menos de braça e meya conservasse tanta agoa em si, quanta correo em esguicho de tres horas de tarde the à boca de noyte; em gottas grossas athé dez da noyte e em suor copiozo the duas da madrugada do dia seguinte, que todas fazem espaço de onze horas em que sempre correo, ainda que com diferentes cursos. Pelo que ponderada a quantidade referida de innumeraveis lenços e toalhas que nella se molharão e da muyta que muytos beberão, não fallando ja da grande parte que se somio na terra aonde cahia, era necessario que o penedo fosse pela mayor parte oco por dentro com muyto bojo para conservar tão copioza agoa que deo para // [p. 40] tantos ministerios, o que naturalmente era impossivel por muytos principios.

74. Primeyro, porque o penedo não tinha dentro em si concavidade alguma; antes era todo maciço, solido e tão duro que só a força do picão dava de si alguma lasca, como o havião examinado exactamente com toda a circunspeção os mesmos convocados na junta, e tãobem o arcebispo primaz que, não fiando esta diligencia de olhos alheos, a fez pessoalmente.

75. Segundo, porque des que a cruz foy extrahida daquelle penedo continuamente se cavava nelle e se tiravão pedaços por dentro e por fora, especialmente na cova em que esteve arvorada a cruz, de sorte que antes de na[s]cer esta fonte, hindo para aquella lugar Antonia Martins, mulher portu-gueza, de quem se fez menção no capitulo 6 deste livro, numero 62,<sup>54</sup> achou a tal cova tão larga que pode entrar nella; pelo que havia de ter grande espaço e grande tãobem havia de ser a parte que the então se tinha extrahido do penedo. E, comtudo, nunca naquelles dias sahio minima gotta de agoa, nem se repararão sinaes della, o que não podia ser se o penedo conservasse alguma; e mais sendo ella em tanta quantidade que correo por espaço de onze horas.

76. Terceyro, porque em Goa logo que acaba em Outubro o Inverno começão em Novembro ventos nordestes <e> lestes muy desecativos que penetrão o coração da terra e consomem agoa de poços de grande altura. Com mayor razão logo a força destes ventos havia de consumir em espaço tão dilatado de quazi sinco mezes contados de Novembro the Março, qualquer agoa natural por muyta que fosse e o penedo tivesse recebido no Inverno ja passado.

<sup>53</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>54</sup> Este factio encontra-se efectivamente descrito no número 61.

77. Quarto, porque o dito penedo sobre ser levantado da terra ficava no mais alto Monte de Boavista, sem nenhum abrigo de sombra, antes exposto aos rigores do sol que tanto abraza nestas partes, cujo calor só continuado em quasi sinco mezes bastava para desecar mayor quantidade de agoa que o penedo tivesse bebido no Inverno. Logo a que correo delle não foy natural, senão // [p. 41] milagroza?

78. Deste mesmo sentir foy tãobem o arcebispo primas que, antes de convocar a junta para deliberar nella com acerto e dar cabal solução às difficuldades e duvidas que se podião mover, chegou muytas vezes ao sitio do penedo e examinou se tinha concavidades com bojo para receber tanta agoa, de que não achou sinal algum. E inteirado do que por si occularmente experimentou, vendo e apalpando com suas proprias maons, teve este parecer affirmativo por certo, indubitavel e conforme a razão. E, vendo que bastantemente tinhão respondido os theologos, canonistas e juristas ao primeyro argumento dos seis theologos da Companhia de Jesus, tomou por sua conta responder ao segundo que se fundava em ser a agoa pouca e durar pouco tempo o curso della.

79. Disse pois o Illustrissimo Primas que, pelo mesmo fundamento em que os seis theologos da Companhia de Jesus estribavão a sua duvida de não ser milagroza aquella fonte, por correr pouco tempo e em pouca quantidade, elle se persuadia de que era certamente prodigioza, porque Deos costuma fazer milagres conforme a necessidade e motivo que tem para os fazer. Como os milagres são obras raras, preciosas e divinas, não quer que sobejem, nem tresbordem para que se não esperdicem.<sup>55</sup> Vio-se claramente quando por orações do profeta Eliseo se multiplicou o azeite da pobre veuva, o qual correo emquanto havia vasilhas que encher; mas tanto que não houve mais vasos, tãobem não correo mais azeite milagrozo para que se não vazasse em terra.<sup>56</sup> Na prodigioza multiplicação dos paens e peyxes, com que Christo no dezerto sustentou a turba multa de tantos mil homens que o seguião, mandou que ajuntassem e recolhessem os fragmentos, dando por razão de que se não esperdiçassem. Quando São Paulo ermitão estava só, o corvo lhe trazia a metade de pão. Tanto que teve a Santo Antão por hospede trouxe inteyro. De maneyra que a Paulo só, nunca trouxe inteyro pão; nem a Paulo e Antão só a metade, porque se a Paulo só trouxera inteyro, sobejaria a metade. E se a Paulo e Antão trouxera só a metade, faltaria para ambos. E Deos, assim como hé provido para que nos não falte o pão necessario, assym tãobem hé zelozo de que // [p. 42] não esperdicemos o milagrozo.

80. Bem evidente mostrou Deos este procedimento da sua milagroza extraordinaria providencia nas agoas que deo a Moyses e a Sansão, as quaes vem na[s]cendo tanto ao nosso cazo, que não he necessario expender a sua

<sup>55</sup> 4 Reg. 4.6.

<sup>56</sup> Joan. 6.12.

semelhança. A Moyses deo huma fonte copioza porque era necessaria para hum innumeravel povo e jumentos:<sup>57</sup> *Egressae sunt aquae largissimae, ita ut biberet populus et jumenta.*<sup>58</sup> Porem a Sansão não houve essas abundancias, senão quanto bastava para matar a sua sede: <sup>59</sup>*Apperuit Dominus molarem dentem in maxilla asini et agressae sunt ex eo aquae, quibus [haustis?] refocilavir spiritum.*<sup>60</sup> Das quaes palavras esta claro que do dente molar do jumento não correo mais agoa do que aquella que bastava para saciar a sede de Sansão.

81. Dos quaes textos e exemplos sagrados se colhe o curso extraordinario da providencia de Deos que, assym como acode com prompto socorro a nossa necessidade quanto basta, assym tãobem zela muyto em evitar superfluidades que aborrece, porque dellas na[s]cem esperdicios e pouco apreço de suas milagrozas obras.<sup>61</sup> Nesta razão esteve sem duvida Santo Agostinho quando disse que sendo Deos muy admiravel no modo ordinario, com que prove e governa as suas creaturas, porque cada dispozição sua he hum milagre; mas a continuação e a multiplicidade destes os fez envilecer na estimação dos homens tanto que já ninguem repara no grão de trigo que, lançado em terra, se multiplica em muytos. Por isso prevendo Deos esta humana cegueyra, reservou alguns cazos para certos tempos, os quaes por serem raros e extraordinarios atrahissem a nossa atenção e nos levassem para o conhecimento do nosso Creador. E como no prezente cazo a fonte que na[s]ceo do penedo da cruz se não podia julgar natural, senão milagroza, como defenderão os theologos, canonistas e juristas. Bastava correr em quantidade e espaço que todos prezencearão, para ficar confirmada com este milagre a verdade da aparição de Christo na Cruz; pois para ser milagroza aquella agoa pouco importava a circumstancia de mais ou menos quan // [p. 43]tidade, huma vez que sahio do lugar aonde naturalmente não estava, nem podia estar tanta quanta correo por espaço de onze horas.

82. Assim o mostrou o mesmo Deos, fazendo que aquella agoa milagroza fosse instrumento de novos milagres. E que não só os christaons, mas tãobem os infieis tivessem nella grande fé, buscando pedaços de pannos molhados como grande thezouro e efficaz medicina para todo o genero de enfermidades; vindo gentios de terras longinquas com a noticia desta prodigioza fonte a buscar não só os pannos, que nella se molharão, mas tãobem a terra do pé da cruz. Especialmente se conta de hum medico pagão de boa fama no seo officio, que curando a outros com meizinhas naturaes a seos filhos e domesticos applicava pedaços de panno que tinha ensopado

<sup>57</sup> Numer. 20.11

<sup>58</sup> «Brotaram águas copiosas para que o povo e os jumentos bebessem.»

<sup>59</sup> Judic. 15.15.

<sup>60</sup> «O Senhor abriu o dente molar na maxila do burro e brotaram águas com as quais reconfortou o espírito.»

<sup>61</sup> D. Aug. Tract. 24 in Joan.

naquella milagroza agoa e os sarava sem mais medicamentos. E se hé mayor milagre converter a hum peccador do que resussitar a hum morto, como dizem muytos santos padres, não forão poucos os peccadores que deyxando os erros da sua gentilica seyta, abraçarão a nossa santa fé e receberão o bautismo, movidos com os prodigios que Deus obrava com a terra e com os pannos molhados na agoa do penedo da cruz de Boavista. A qual por tão continuados milagres começou desd[e] a apparição do Senhor, que a santificou com o seo contacto a lograr justamente o honorifico e gloriozo titulo da Santa Cruz dos Milagres.

83. Aprovado o milagre da fonte passou o arcebispo primas a ultima diligencia de diffinir por divinas as appariçoens de Christo na Santa Cruz de Boavista, o que concluiu felizmente com todas as circunstancias legaes e solemnes que em semelhantes funcçoens se costumão praticar na Igreja de Deos. Ordenou tãobem, que em acção de graças por tão grande beneficio de vizitar Deos a Cidade de Goa em propria pessoa, houvesse nella todo o genero de demo[n]straçoe[n]s festivas de repiques, luminarias em todas as igrejas, procissão solemmissima na sua primacial, e festas que com grande aparato e pompa se celebrarão na Igreja da Senhora da Luz, aonde ficava a cruz depositada e era vizitada de grande e frequente concurso movido de continuos milagres, que Deos liberalizava por meyo de suas preciosas reliquias. Donde na[s]ceo o fervor com que muytos offerecerão esmolos para se fabricar hum templo no mesmo lugar das appariçoens do Senhor. // [p. 44]

#### *Capitulo Oytavo*

*Fabrica da Igreja do Monte de Boavista. Cre[s]cimento da cruz que se notou quando se trasladava para a nova igreja propria*

84. A continuação dos prodigios que obrava Deos por meyo de nossa Cruz, não só lhe deo o titulo da Santa Cruz dos Milagres, com que he celebre em todo o orbe, mas tãobem conciliou os animos dos moradores de Goa para especial culto e veneração della. Não sofria a piedade dos fieis que estivesse em caza alhea aquelle preciozo thezouro, que a ser possivel, quizera cada qual depositar no intimo do seo coração. Attendião tãobem quanto se agradaria Deos se lhe dedicassem no lugar em que se dignara de apparecer hum templo em perpetua memoria da grande mizericórdia com que vizitou esta cidade. Estava então Goa na flor da sua felicidade e parecia emula da opulentissima Jerusalem no reynado de Salomão cujas riquezas erão tantas, como as pedras da rua. Rezolutos os cidadãoes goanos com tão santos motivos offerecerão quantias sufficientes para a fabrica da nova igreja que se plantou em forma da cruz. Mas esta pymeira planta, mais curioza na architectura do que forte no edificio, persistio pouco tempo rendida aos embattes

dos ventos e agoas do Inverno que, sendo na India rigorozos, erão mais activos na eminencia de Boavista.

85. <sup>62</sup>A limitação da planicie obrigou a dispor a fabrica de sorte que o sitio do milagrozo penedo em que a cruz // [p. 45] esteve nas appariçoens de Christo ficasse quazi no meyo da capella mor, contiguo ao primeyro degrao infimo do altar. Do penedo não ficou rasto, porque a devoção dos fieis o levou em pedaços. Fica no lugar delle huma cova de que the hoje levão a terra por reliquia e está coberta com huma caixa com rotulo de letras douradas que dizem:

Neste lugar estava a Santa Crus, quando nella appareceo Jesus.

E sobre a cayxa jaz huma cruz pequena de hum palmo forrada de prata, feyta do mesmo pao da grande, de que se tirou hum pedaço como fica dito no capitulo 6, numero 54.<sup>63</sup>

86. Edificada a igreja no Monte de Boavista e posta em ultima perfeição se determinou tresladar para ella a Santa Cruz dos Milagres que ficava em depozito na Capella do Sacramento da Nossa Senhora da Luz. Falta-me a certeza do anno em que se fez esta funcção, que foy assas estrondoza. Concorreo para este acto o povo e clero em grande multidão. Ordenou-se huma procissão muyto solene. Mas a hora de tirarem a cruz da capella, acharão que de nenhum modo, de muytos que havião tentado, podia sahir inteyra pella porta della.

87. He de advertir que o arco desta capella, que tem trinta palmos de altura, está fechado com huma grade de bronze de alto a bayxo. E nesta grade esta huma porta sufficiente para a servintia, de quazi onze palmos de altura e sinco de largura. A capella, desd[e] o seo pavimento the a abobeda que a cobre por dentro do arco, tem trinta e dous palmos largos; porem a milagroza cruz se achou tão levantada, que quazi se emparelhava com a abobeda interior da capella. E tendo entrado pela mesma porta da grade sem menor embaraço, quando a mudarão do Monte de Boavista e a collocarão naquella capella na noyte de 23 de Fevreyro de 1619, neste dia estava <tão> cre[s]cida, que para se menear e extrahir fora da mesma porta foy necessario fundiar o pavimento da capella, e desmanchar os braços da // [p. 46] haste da cruz, da qual tão bem, dizem alguns, que se cortou hum pedaço por parte do pé.

<sup>62</sup> Seguem-se oito linhas riscadas: «Arruinada a primeyra igreja se acçendeo mais o fervor dos devotos da nossa cruz sendo <o> mais zelozo hum [mantelato?] de Santo Agostinho morador na calçada da Luz, o qual se achava com cabedal bastante e animo de o empregar todo na reedificação da igreja arruinada. E tudo executou não só dispendendo tudo o que possuia; mas conduzindo com a sua industria muytas esmolos com que levantou hum edificio forte, e firme, capaz de rezistir as mais furiozas tempestades; cujas paredes tem doze palmos de largura, he fechado com excellente abobeda; e todo o interior brincado com muyto primor da architectura. A sua grandeza hé mediana».

<sup>63</sup> Este facto encontra-se efectivamente descrito no número 53.

88. He certo que esta cruz desd[e] o seo principio se notou que era mais alta que a do Calvario em que padeceo o nosso Redemptor. Tãobem hé certo que, quando naquella noyte foi depositada na capella do Sacramento, ninguem medio a sua altura, nem então houve occasião ou motivo para se suppor misterio que obrigasse a fazer esta medição.<sup>64</sup> E finalmente hé indubitavel que quando se collocou naquella capella não chegava a emparelhar-se com a abobeda della. Nestas circunstancias não poder a cruz sahir pela mesma porta por onde tinha entrado sem embaraço, nem impedimento que lhe embargasse o passo<sup>65</sup> e achar-se tão solida e alta, não se pode attribuir a outra cauza senão ao milagrozo cre[s]cimento, com que Deos a quiz exaltar sobre tantos prodigios, com que a fez celebre em todo o mundo.

89. Assim o julgarão todos os fieis e aclamarão tão grande milagre, em nada dessemelhante do que se refere do Santo Lenho, em que fomos remidos. O qual depoes de descoberto por Santa Elena, parecia ter em si espiritos vitais com que reparava as particulas que delle tiravão os fieis, cre[s]cendo na parte cortada outro tanto que lhe faltava, como affirmão <Santos> Cirillo e Paulino, citados por nosso Emminentissimo Baronio.<sup>66</sup> Não de outra sorte, ou ainda com mayor prodigio a Santa Cruz dos Milagres como se fora arvore viva, cre[s]ceo tanto que não pode sahir depois de cre[s]cida pela mesma porta, por onde entrara antes do seo cre[s]cimento, sinal evidente com que Christo Nosso Senhor quiz novamente mostrar que a santificou com o mesmo contacto do Seo Sacratissimo Corpo, com que tinha santificado aquella do Monte Calvario, pois a ambas communicou a mesma virtude de cre[s]cer.

90. Obrigados da necessidade, não achando meyo para se extrahir a cruz inteira da capella do Sacramento, desencaxarão com effeyto os braços da haste. E desta (diz o v[u]lgo) foy cortado hum pedaço por parte do pé. Nesta parte do segundo corte não affirmo, nem nego. Só expenderey os fundamentos que me occorrem pro e contra. Por parte affirmativa estão muytas cruces pequenas feytas do mesmo pao da Santa Cruz dos Milagres, por taes tidas e havidas commummente. // [p. 47] No thezouro da sé primacial desta cidade vi huma cruz de tres palmos de altura, em que está huma imagem de marfim com resplendor de ouro e no alto huma bandeyrinha coberta de esmalte vermelho em <contemplaço><sup>67</sup> da que appareceo na Santa Cruz dos Milagres, depois das aparições de Christo. Na igreja do Carmo desta cidade esta huma cruz de cumprimento de hum palmo. Na propria da Santa Cruz dos Milagres se venera outra de igoal grandeza, como disse neste capitulo, numero 87. Frey Luis da Sylveira, religioso eremita de Santo Agostinho, tinha outra pouco menor; e claro está que muytas pessoas de distincção, especialmente o Vice Rey que então governava este Estado, havião

<sup>64</sup> O texto seguinte até ao final do período encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>65</sup> O texto «e achar se tão solida e alta» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>66</sup> Civil Cathec. 13., Paul. Ad se verin. Epist. 11, Apud Baron. Tomo 3. Anno Christi 326.

<sup>67</sup> Riscado: «significação».

de aproveitar-se de reliquias semelhantes. E não se podião fazer tantas cruces pequenas, se não se cortasse hum bom pedaço da grande. Nem se pode dizer que a cruz que se goarda no convento do Carmo foy feyta da parte que o arcebispo primas logo naquelle principio mandou cortar; porque the então não havia nesta cidade o tal convento para lhe caber tamanha porção, pois foy edificado com grosso cabedal que deyxou <no testamento> para a sua fabrica Dom Pedro Mascarenhas, irmão do conde de Castello Novo, o qual veo a fallecer em oyto de Fevreyro de mil seiscentos trinta e dous, treze annos depois das aparições de Christo no Monte de Boavista.

91. Por parte negativa está <a altura> da capella, cujo espaço desde [o] pavimento thé a abobeda he de trinta e dous palmos. A Cruz tem ao prezente trinta palmos de cumprimento. Se estes lhe sobejarão depois do segundo corte, que se affirma feyto no dia da sua trasladação, logo o pedaço cortado se tivesse só dous palmos, teria a cruz a mesma altura da capella, o que certamente não consta, ou havemos de dizer que depois de trasladada e collocada na propria igreja tornou a cre[s]cer, e isto hé multiplicar milagres sem fundamento. Accrescento que, reparando bem no angulo infimo desta cruz, que he aquella parte do pé encaxada no penedo do Monte de Boavista antes das apariçoens do Senhor, está mollificada e gastada como pao que esteve muyto tempo em agoa; e hé certo que só no sitio daquelle penedo e em nenhuma outra parte esteve a cruz muytos annos exposta às agoas do Inverno, que todas lhe hião desçer ao pé. E se // [p. 48] este pé assim mollificado e gastado com agoa no primeyro sitio em que esteve se conserva the hoje, logo the hoje se lhe não cortou pedaço algum pelo comprimento do pé. So sim tirarião da grossura que podia bastar para essas cruces. Pondere agora cada hum estes fundamentos e julgue o que bem lhe parecer, que quanto para a verdade do crescimento basta a voz publica e fama constante de que no acto da trasladação desta cruz se achou mais alta do que antes era; e não hé muyto precisa a certeza de ser ou não cortada.

92. Levada a Santa Cruz dos Milagres em solemne procissão, foy collocada na propria igreja em lugar que lhe estava preparado, atras do retabolo do altar mor, disposto por maneyra que ficasse a cruz patente para a veneração, com duas portas nos lados do altar para a servintia dos que a quizessem beijar. Ficava esta igreja sogeyta naquelles principios ao prior da Collegiada da Senhora da Luz;<sup>68</sup> e festejava-<se> annualmente a Santa Cruz com grande pompa e ostentação e concurso tão numerozo que parecia pequeno todo o

<sup>68</sup> Seguem-se 10 linhas riscadas: «[...] Padre Frey Agostinho dos Reys, religioso [...] do Santo Agostinho, o qual tinha huma imagem de dous palmos do mesmo titulo da Senhora, trazida não sey porque occasião do reyno de Sinde, muy devota e havida por milagroza; e, dezejando que tivesse devido culto, a doou à igreja de nossa Cruz, para onde foy reconduzida com acompanhamento da religiozissima comunidade agostiniana em procissão festiva que ordenou o cabbido sede vacante e se collocou no retabolo do altar mor, aonde the o prezente existe. Tomou essa irmandade por sua conta a administração desta igreja».

sítio do Monte de Boavista para tamanha multidão da gente. O cabido da sé primacial com o Sennado da Camara da Cidade vinhão em procissão assistir a festa trazendo aquella cruz que já disse ter visto no seo thezouro.

93. Mas como as couzas que flore[s]cem muyto, tãobem caducão depressa, o caminho da sé primacial para o Monte de Boavista, que o fervor da piedade fazia suave e deleytavel, a tibieza da devoção fez parecer longo e molesto. Comtudo a devota Irmandade dos Escravos da Santissima // [p. 49] Virgem Senhora do Bom Sucesso zelou sempre quanto poude no culto e veneração da Santa Cruz dos Milagres. E a nossa Congregação depois que se acolheo a sombra della continua a sua festa em vinte e tres de Fevereyro, se acolheo a sombra della continua a sua festa em vinte e tres de Fevereyro, convidando para sua mayor solemnidade aos Vice Reys deste Estado que a authorizão com a sua assistencia. A justiça goarda o seo dia nesta cidade. Para ajuda da sua festa deyxou Vidal Bravo da Fonceca setecentos xerafins de fundo. E a nossa Congregação que a tomou por sua titular, lhe edificou atrás do mesmo altar mor huma capella toda pintada e dourada com primor, aonde fica ao prezente com altar proprio; e esta forrada com capa de velludo carmezim bordado de ouro a custa do Padre Manoel de Miranda desta Congregação. Escreverão desta cruz varios historiadores todos demenutos na sua rellação. Faria na Azia Portugueza, tomo 3, parte 3, capitulo 18, Pereyra na Monarchia Luzitana parte 2, capitulo 6; Francisco de Santa Maria Ann. Histor. Diar. Portug. Mez Fevreiro Dia 23 pont. 5; Cardozo no Agiologo Luzitana tomo 3 aos 3 de Mayo. Proximamente fazem della menção o nosso eruditissimo Padre Conciencia na Academia Universal, palestr. 1, capitulo 12<sup>69</sup>, Frey Agostinho de Santa Maria no Santuar. Mariano tomo 8, livro 1, titulo 102, n.º 591\ Goarda-se no archivo desta nossa Congregação huma rellação verdadeyra de todo o sucesso emanado do processo autentico que delle fez o Illustrissimo Arcebispo Primas Dom Frey Christovão de Lixboa.

*Capitulo Nono*  
*Novos milagres da Santa Cruz dos Milagres*

94. Por occasião de hum processo feyto no anno mil setecentos trinta e quatro perante o ordinario de Goa do sucesso da Santa Cruz dos Milagres em ordem a authenticar-se a tradição universal e fama constante das aparições de Christo, visto não haver luz do primeyro processo por pouco cuydado que delle houve no archivo da sé primacial aonde ficava. Nos depoimentos de vinte e quatro testemunhas, *omni exceptione mayores*,<sup>70</sup> dignidades da sé primacial, religiosos os mais authorizados, parocos das igrejas, homens fidalgos e pes // [p. 50]soas distintas que se perguntarão, se descobrirão novos cazos extraordinarios e milagrosos socedidos com as reliquias e barro do pé

<sup>69</sup> O texto seguinte até ao final do período encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>70</sup> «Os maiores em toda a excepção».

da nossa cruz, os quaes aqui escrevo para perpetua memoria que devemos aos beneficios divinos; e são os seguintes:

95. O Padre Manoel de Miranda, desta Congregação do Oratorio, affirmou no seo depoimento que lhe contara o Padre Frey Jacynto da Santa Senhorrinha, religioso capucho da provincia da Madre de Deos, que falleceo sendo goardião do seo convento de Damão, que estando elle na costa de Chorman-del vira com hum christão daquellas partes huma reliquia da Santa Cruz dos Milagres accomodada em hum relicario de vidro e asseverava o tal christão que, quando lhe derão, aquella reliquia era huma particula muyto pequena, mas com o tempo estava cre[s]cida e enchia todo o vacuo do relicario.

96. O Padre Frey Luis da Sylveyra, religioso eremita de Santo Agostinho, depoz no seo juramento ter escapado milagrosamente de dous naufragios por virtude de huma pequena cruz de tamanho de meyo palmo que tem consigo, feyta do pao de nossa milagroza. Foy a primeyra vez em mil setecentos e nove, hindo embarcado em hum navio inglez muyto possante que levava oytocentos homens e navegava do porto de Madrasta para o de Sião. E naufragando o dito navio no meyo do golfo, escapou o dito religioso com a sua cruz contra toda a esperanza humana. Igoalmente na era de mil setecentos e trinta e hum vindo o mesmo religioso embarcado de Madrasta para esta Cidade de Goa, experimentou hum rigoroso temporal, cuja violencia continuada por treze dias dezalvorou o barco e o lançou em huma costa brava, aonde se fez em pedaços com perigo e perda de muytas vidas. Mas este religioso, como tinha outro barco mais seguro na sua cruz, porque no sentir do seo patriarcha Santo Agostinho a cruz he barco seguro da salvação, escapou são e salvo juntamente com a sua cruz, que em semelhantes lances segurava primeyro que tudo, pois nella lhe importava não menos que a vida.

97. O Padre João Jacome Bravo da Fonceca estando enfermo com febres impertinentes de que não sentia alivio com varios medica // [p. 51]mentos, não valendo os remedios naturaes recorreo ao sobrenatural e foy este huma particula da nossa cruz, que com devotas instancias conseguiu de hum padre desta Congregação. Satisfez Deos a fé com que o enfermo se valeo do seo poder divino; porque tanto que entrou em sua caza essa tão veneranda reliquia em continente faltou a febre ou fogio, para que conheçamos que a cruz de Christo não tem menos virtude contra os males do corpo do que contra os inimigos da alma. E quando estes fogem da vista da cruz, não he muito que a sua prezença afogentasse aquelles.

98. Achava-se huma mulher com intoleravel dor da cabeça e não se sentindo livre do tormento que padecia, continuo com varios remedios que lhe applicarão, finalmente valeo-se do barro do pé da Santa Cruz dos Milagres, molhou-o em agoa e com elle untou a cabeça e experimentou logo extraordinario effeyto, porque lançou pelos narizes humas materias grossas que parecião postas de sangue, com cuja expulsão cessou a dor que tanto

a molestava. Referio este prodigioso successo no seo depoimento o Padre João Coutinho da Costa, parochio da Igreja de São Jozeph de Daugym, afirmando juntamente que applicando o mesmo barro, que conserva com muyta devoção a varios enfermos da sua freguezia, se tem achado muytos livres dos seus achaques com este salutifero remedio divino.

99. Hum religioso dominico que foy sachristão-mor do Convento de Goa, navegando para a Cidade de Macao, na China, descarregou no golfo de Aynão huma tempestade que chamão tufão, cujos furiosos effeytos são tão celebres nas historias, que o escapar delles se tem por grande milagre. Neste perigozo estado em que aquelles navegantes esperavão a morte e a sepultura nas mesmas ondas, reccorrerão à divina misericordia, implorando a intercessão de varios santos, cujas reliquias lançavão no mar; o qual se não socegava com ellas, porque reservava Deos este triunfo à Santa Cruz dos Milagres ou a si por meyo della. Tinha aquelle religioso huma particula desta cruz que conservava com singular devoção, por cuja cauza, ainda que obrigado do amor da vida, se deliberou a aparta-la de si por algum espaço; mas para que a não perdesse para sempre a deytou no mar atada a hum fio. Eis que o furiozo mar beijou as plantas da Santa Cruz dos Milagres, lhes rendeo obediencia, cessarão os ventos, socegarão-se as ondas, ficando a hum // [p. 52] mesmo tempo domados aquelles dous furiosos elementos, o ar e o mar, como em outra occazião obedecerão a virtude de Christo, com admiração de todos os navegantes que igoalmente perguntarião no prezente cazo: *quis est hic, cui mare et venti obediunt?*<sup>71</sup> Que reliquia tão milagroza he esta, a quem com tão prompta sogeição obedecerão o mar e os ventos. E responderia o devoto religioso que era da Santa Cruz dos Milagres, santificada com o tacto da sacratissima humanidade daquelle Senhor, a cujo menor aceno obedecem todas as creaturas. Cessado o tufão com a milagroza bonança entrou o bom religioso em nova afflicção na perda da precioza reliquia, que lhe levou o mar, nada valendo a industria do fio em que a atara; e quando voltou da China para Goa veo ao nosso convento a procurar outra reliquia e deixar nelle perpetuada a noticia de tão prodigioso successo.

100. O Padre Frey Dionizio dos Santos, prior que foy do co[n]vento de São Domingos de Goa, referio a varios padres desta congregação o seguinte estupendo milagre. Estando alguns religiosos dominicos na sua quinta ou caza de recreação quizerão lavar o corpo no tanque que nella havia; hum delles levava ao pescoço a reliquia da Santa Cruz dos Milagres e com ella entrou no tanque, mas estando no meyo da agoa vio correr sangue que sahia da santa reliquia, com pasmo e assombro dos circunstantes, que a vista daquelle prodigio ficarão compungidos e louvarão a Deos sempre admiravel nas suas obras. Semelhantes successos que experimentão os fieis por meyo da Santa Cruz dos Milagres fazem tão celebres as suas preciozas reliquias, que as venerão desd[e] o apparecimento do Senhor como santo lenho, e pessoas

71 «Quem é este a quem o mar e os ventos obedecem?»

religiozas doutas e pias as levão em procissão expostas a veneração publica. Os principes ecclesiasticos e seculares as recebem com grande devoção. E o senhor Infante Dom Francisco, por meyo do eruditissimo Padre Antonio dos Reys da Congregaçãõ do Oratorio de Lixboa, mandou em anno de mil setecentos trinta e quatro procurar huma, que se lhe remeteo accomodada em cruz de filigrana de ouro com sua authentica, que passou o prelado ordinario. // [p. 53]

#### Capitulo Decimo

##### *Reedificaçãõ da Igreja da Santa Cruz dos Milagres. Noticias da milagroza imagem da Senhora do Bom Sucesso*

101. Como aos devotos irmãos da Senhora do Bom Sucesso devemos a attenção e a merce que nos fizerão da igreja e cazas da Santa Cruz dos Milagres de que erão administradores quando nellas entrarão os primeyros congregados, pede a nossa obrigação perpetuar aqui a memoria de tão grande beneficio, referindo a origem daquella nobilissima confraria que recebeo a nossa Congregaçãõ no seyo da sua grande piedade, quando com a ruina da sua primeyra clauzura de São João do Dezerto estava sem agazalho nem abrigo necessario para a sua conservaçãõ.

102. A primeyra igreja da Santa Cruz dos Milagres, por ser fabricada com pressa, não sahio obra tão possante, qual era necessaria na eminencia do Monte de Boavista para rezistir às tempestades do Inverno; por cuja cauza prezistio poucos annos. O frontispicio, que sem reparo algum recebia toda a força do embate dos ventos, foy o primeyro que começou a render-se e com o abalo da sua queda vierão tãobem a cahir as paredes collateraes. Mas esta ruina reparou Deos por meyo de hum virtuozo religioso augustiniano, que foy o provincial da sua religiãõ na India, chamado Frey Augustinho dos Reys, natural do lugar de Caparica, no reyno de Portugal. O qual com varias esmolos conduzidas com a sua industria e concorrendo com boa parte de despezas hum sapateyro, que empregando em tão santa obra quantia consideravel que possuia, vivia ao depois em habito de mantelato da mesma religiãõ, deo finalmente ultima perfeiçãõ ao novo edificio pelos annos mil seiscentos secenta e nove, conforme hum escritor.

103. Consumada a reedificaçãõ desta igreja, collocou o mesmo religioso no retabolo do altar-mor della huma imagem de v[u]lto da Santissima Virgem Maria, esculpida em pao, de tamanho de pouco mais de palmo e meyo. Tem esta imagem o Menino Jesus no braço esquerdo e na mão direyta hum scetro com titulo da Senhora do Bom Sucesso. E consta do compromisso da // [p. 54] sua confraria que fora conduzida do reyno de Sinde a esta Cidade de Goa. Tinha o bom religioso esta imagem na sua cella do convento desta cidade aonde era morador; accomodada em huma caixa ou oratorio bem asseado com muyto ornato e coberto com cortinas, e a venerava com

singular devoção. Socedeo na[s]cer lhe no dedo do pé hum tumor, de que ao principi[pi]o fez pouco cazo; mas ao depois veo a solapar de sorte que esteve em risco de lhe cortarem o dedo. Posto nas mãos do cirurgião padeceo cruelissimas dores assim nas picaduras da lanceta com que foy aberta a na[s]cida, como com a violenta acrimonia de pos de joannes com que foy pulverizada. E vendo que, com este e outros varios remedios, não sentia menor alivio, desconfiado de o achar na industria humana, recorreo a piedade divina, implorando a intercessão da Senhora do Bom Sucesso, a quem pedio não só o da saude, mas tãobem hum sinal pelo qual conhecesse que devia a melhora ao seo patrocínio e não aos medicamentos que o cirurgião lhe applicava. O qual sinal havia de ser achar elle <abertas> as cortinas do seo oratorio, que estavam fechadas. Tanta confiança em pedir, não podia deixar de ser parto da grande devoção e fervor em servir. Feyta esta deprecação quando voltou aos pes da sagrada imagem, as cortinas que deixara cerradas, achou corridas <e abertas><sup>72</sup> e a Senhora do Bom Sucesso, que ficava coberta, vio manifesta; presagio sem duvida certo da saude que havia de ter, pois estava despachada a supplica como pedira.

104. Mas o devoto religioso não ficou satisfyto com tão clara demo[n]s- tração, parecendo-lhe talvez effeyto de outra cauza. E para certificar-se melhor tornou a pedir à Santissima Virgem, com grande confiança que a sua devoção lhe ministrava, que para estar livre de todo o escrupulo e duvida e crer certamente que ella havia de ser a authora do alivio do seo dedo, fosse servida de dobrar para cima as cortinas que achara corridas; porque então entenderia que ella foy a que correo as cortinas e havia de sarar o seo dedo. Cazo maravilhoso! Quando foy vizitar da segunda vez a sagrada imagem, achou a sua petição despachada na mesma forma e com as mesmas circuns- tancias que apontara, porque as cortinas estavam dobradas para cima, sem poder attribuir a industria humana este successo, pois tudo passava dentro da sua cella, cuja chave tinha em seo poder. // [p. 55]

<sup>73</sup>105. Comtudo nem esta segunda demo[n]s- tração bastou ao virtuozo religioso que por isso mesmo procedia com acerto e prudencia, porque se não facilitava em crer os milagres sem miudo exame. Terceyra vez supplicou à soberana Senhora do Bom Sucesso, que em confirmação de dous primeyros despachos tão benignamente concedidos, attendesse a humilde supplica que novamente expunha aos seos pés benignos e era que as cortinas, que ficavão levantadas para cima, estivessem dobradas e recolhidas dentro da caixa e postas atrás da sua imagem; para que com este terceyro sinal ficasse de todo certificado, assim dos primeyros dous, como da saude, que da sua piedade esperava. A quem não pareceria pouca fé ou muyta impertinencia esta terceyra petição? Mas a benignissima Mãe condescendeo com tudo e satisfez inteiramente aos desejos certamente pios do seo devoto servo, dobrando e recolhendo as cortinas e sarando perfeitamente o seo dedo.

<sup>72</sup> Riscado: «cerradas».

<sup>73</sup> Riscado: «108».

106. Com estes milagrosos sucessos, que dizem forão principio de muytos que ao depois obrou a soberana Raynha do Ceo por meyo desta sua imagem, se afervorou mais a devoção do religioso, dezejando expo-la à publica veneração em lugar aonde lograsse solemne culto e communi- casse a todas as suas benignas influencias. Era aquelle religioso inclinado às obras da piedade, de que em varias partes deixou memoria e huma dellas hé a nossa Igreja da Santa Cruz dos Milagres, que ao seo zelo deve o ser que tem; porque na sua reedificação fez huma fabrica, ainda que mediana na grandeza, mas firme e forte, capaz de rezistir não só às mais furiozas tempestades do Inverno, mas tãobem a mais grossa bateria de fogo; porque as paredes têm doze palmos de largura, fechadas com excellent abobeda e todo o interior brincado com muyto primor de architectura.

107. Consumada esta reedificação e posta a igreja com ornato e asseo decente, procurou collocar no retabulo do altar mor a sagrada e milagroza imagem da Senhora do Bom Sucesso, tresladando-a do seo convento da Senhora da Graça, que fica no monte santo da Cidade de Goa para o Monte da Boavista; para o que houve licenças necessarias do seo prelado conventual, para fazer doação perpetua e irrevogavel da imagem. E com o beneplacito do ordinario em solemne procissão, em que sahio toda a comunidade augustiniana, foy a milagroza imagem trasladada em anno de // [p. 56] mil seiscentos setenta e hum, como refere Frey Augustinho da Santa Maria no seo Santuario Mariano, tomo 8, titulo 45, numero 287, aonde continuou muytos prodigios, logrando desta sorte a nossa igreja duplicados titulos de milagres. O primeyro pelo filho de Deos, que obrou na Santa Cruz tão estu- pendas maravilhas. O segundo pela soberana mãe do divino filho, que mos- trava as efficacias do seo grande poder a intuito da sua milagroza imagem do Bom Sucesso.

108. Para fomentar pois o culto desta sagrada imagem, erigio aquelle religioso huma confraria com titulo de Escravos da Senhora do Bom Sucesso e lhe deo regras, poucas e faceis de se praticar, mas cheas de verdadeyro espirito da humildade, piedade e devoção, as quaes confirmou o cabbido sede vacante. E cre[s]cendo ao depois o numero dos escravos da Santissima Virgem Mãe de Deos, que erão pessoas nobres e distintas, athe Vice Reys da India, ordenarão seo compromisso em anno de mil seiscentos setenta e sete, em o qual tomarão a seo cargo a festa da Santa Cruz dos Milagres e a admi- nistração da sua igreja com tudo que necessario fosse para o ornato, reparos e conservação della. Este compromisso foy confirmado pelo Excellentissimo Arcebispo Dom Frey Antonio Brandão, declarando-se na mesma provisão da confirmação passada em doze de Fevereyro do dito anno por perpetuo protector desta <confraria> e que em nomme seo e de seos sucessores a tomava<sup>74</sup> debayxo da protecção dos senhores arcebispos goanos.<sup>75</sup>

<sup>74</sup> Riscado: «esta confraria».

<sup>75</sup> D. Frei António Brandão, da Ordem de Cristo, governou a arquidiocese de Goa, de 1675 a 1678. Pregou a reforma dos costumes e a observância das virtudes cristãs e pela sua influência

109. Assim hia cre[s]cendo o culto da Senhora do Bom Sucesso, emquanto vivia o bom Padre Frey Augostinho dos Reys, cujo zelo não perdou a diligencia que pudesse ser util ao augmento temporal e espiritual desta igreja, que reedificou e da confraria, que erigio nella. E para que com a mudança dos tempos se não mudassem as couzas e não tivessem os Baldos e Bartholos lugar de allegar que a imagem foy só depozitada e não doada por não caber na faculdade de hum religioso pobre doar e alienar huma peça tão rica, de que tinha só uzo e não podia ter propriedade, porque não seria novidade, que emquanto a imagem não passava de hum pequeno v[u]lto de pao dourado e encarnado, se permitisse por doada e alienada; mas depois de estar enjoyada com ouro, prata, pedraria e bens de raiz, que a devoção dos fieis tributasse para o seo culto, facilmente se interpretasse // [p. 57] e se demandasse e ainda se julgasse a doação absoluta e perpetua por mero depozito; não tanto pelo que a imagem em si era, quanto pelo que ella em si tivesse; para obviar semelhantes inconvenientes deyxou aquelle bom religioso com prudentissima cautela huma attestação do theor seguinte.

Confesso eu Frey Augostinho dos Reys, religioso professo, posto que indigno dos Eremitas de Nosso Padre Santo Augostinho da Congregação da India Oriental, ser verdade que em tempo de nosso muyto Reverendo Padre Frey Francisco de Santo Andre, Provincial actual, que então era desta dita Congregação e com sua expressa licença levey do Convento de Nossa Senhora da Graça para a Igreja da Santissima Cruz dos Milagres huma imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso, para que esta, na tal igreja e caza, podesse ser venerada com aquella veneração que ahy se deyxar ver nesta Cidade de Goa; havida primeyro licença do reverendo cabbido sede vacante, sem a qual não se podia executar semelhante obra e funcção; e nunca foy minha tenção que esta dita imagem em nenhum tempo jamais fosse removida e tirada da dita Igreja da Cruz dos Milagres, porque só na tal igreja poderia a tal imagem, como do feyto hoje hé, ser buscada e venerada muyto mais do que em outra qualquer parte desta Cidade de Goa; e tãobem para que posta esta imagem na dita Igreja da Cruz dos Milagres com a confraria, que hoje tem e então se principiou, podesse a tal igreja e templo da Cruz dos Milagres ser mais facilmente socorrida com as esmolas dos fieis, como o mesmo tempo mostrou e mostra hoje de presente. E se em algum tempo houver pessoa alguma de qualquer estado e condição que a dita pessoa seja, que queira tirar da dita igreja esta sobredita imagem, o não poderá fazer sem manifesta injustiça e evidente violencia; porquanto para semelhante acção e sobredita

e piedade conseguiu unir o clero, até então bastante dividido. Realizou visitas pastorais nas Ilhas. No seu tempo surgiram controvérsias com D. Tomás de Castro no Canará, mas enviou dois missionários muito zelosos, entre eles o Padre Vaz e a Santa Sé decidiu esta questão a seu favor. Reformou a casa de recreio dos sacerdotes em Panelim, que se transformou no palácio dos arcebispos até 1831. Em certa medida, o arcebispo transformou a diocese, com a introdução de novas instituições e benfeitorias nas igrejas. Veja-se *Memória Histórico-Eclesiástica*, já cit., pp. 117-118.

outorga de doação e trespassação vocal convierão todos universalmente, com todo o affecto e vontade, sendo a dita imagem levada em publica procissão para a sobredita igreja a vista do povo todo e com applauzo universal de grandes e de pequenos; o que nunca socederia se contra esta funcção houvesse contradicção que, de qualquer modo e maneyra, a podesse contradizer, encontrar e desfazer; e principalmente da parte dos religiosos do grande pae e patriarca da igreja Santo Augostinho, os quaes com hymnos e psalmos, // [p. 58] cheos de alegria e prazer, acompanharão voluntariamente a sobredita procissão e levarão a dita imagem para a sobredita igreja. O que visto e para que em nenhum tempo haja neste tanto innovação a cerca desta imagem e revogação de tal outorga solemnemente celebrada com a mesma evidencia e manifestação do factio, passey esta por mim assinada aos senhores irmaons da confraria da dita senhora. Goa, hoje em primeyro de Janeyro de mil e seiscentos e oytenta e hum annos. Frey Augostinho dos Reys.

110. Ha tradição, que algum tempo assistia hum religioso augustiniano nesta igreja com titulo e porção de cappelão della; sempre porem sogeyta ao prelado ordinario e nunca à jurdicção dos priores do Convento de Nossa Senhora da Graça, como nesta parte e na de dizer que os religiosos do dito convento derão esta igreja aos nossos padres, foy mal informado Frey Augostinho de Santa Maria no seo Santuario Mariano, atrás citado. Porque, quando entrarão os nossos padres, ficava ao cargo de hum capelão clerigo que não fazia assistencia continua; só acodia às precisas funcçoens da confraria, cujos irmãos dezejando o augmento do culto divino, que hia ja descachindo, solicitarão e convidarão aos nossos padres com a provizão do cabbido do theor seguinte:

Os dignidades, conegos, cabbido sede vacante da Santa Sé metropolitana de Goa, primacial da India e partes orientaes. Aos que esta nossa provizão virem fazemos saber que, visto por nos o que em sua petição atraz escrita noutra meya folha desta dizem o prezidente e mais irmãos da Confraria de Nossa Senhora do Bom Sucesso, sita na Igreja da Santa Cruz dos Milagres e o que nella allegão ser justo, havemos por bem de lhes mandarmos passar a presente, pela qual mandamos que, visto estar arruinada a Igreja de São João do Dezerto e não tendo os padres nella congregados posse para reedificarem a dita igreja, venhão fazer a sua habitação na Igreja da Santa Cruz dos Milagres desta cidade, aonde observarão o mesmo estatuto, com que vivião naquella Igreja de São João Dezerto, pelas cauzas allegadas na dita petição. Notificamo-lo assim às pessoas, a quem pertencer, que assim o cumprão e goardem e // [p. 59] fação inteiramente cumprir e goardar como nesta se contem. Dada em Goa, sob os sinaes de nossos reverendos assinadores e sello de nossa chancelaria, aos quatorze de Março de mil seiscentos oytenta e quatro annos. O Conego Manoel Ferreyra Valdoresso, escrivão da Camara, a fiz escrever e sobscrevi João Ferreyra Valdoresso, chantre. Antonio Vieyra de Pinna. Registada no livro septimo dos registos, a folio duzentos noventa e seis.

111. E querendo ao depois os nossos padres edificar neste sitio o convento, que ao presente existe, temendo pleytos futuros, porque tinham diante dos olhos exemplo fresco que omitto por ser relação odiosa, recorrerão<sup>76</sup> ao mesmo cabbido, requerendo provisão de ser na mesma igreja e caza perpetuamente conservados. E o cabbido, ouvida a confraria, passou a provisão seguinte.

Os<sup>77</sup> [sic] dignidades, conegos, cabbido sede vacante da Santa Sé Metropolitana de Goa, primacial da India e partes orientaes etc. Aos que esta nossa provisão virem fazemos saber que visto por nos o que na petição da Santa Cruz dos Milagres, que hora pertendem accre[s]centar agazalhos para mayor commodidade dos congregados e augmentar a sua Congregação em mayor serviço de Deos e ser justo o mais que allegão na dita sua petição; e constar da repostada dos irmãos da Meza da Confraria de Nossa Senhora do Bom Sucesso, sita na dita igreja, e administradores della, não duvidarem a que os supplicantes possuão accrecentar os agazalhos, que pertendem com toda a confiança, visto fazerem habitação na dita igreja a petitorio dos sobreditos irmãos e licença nossa por outra provisão; e ser a assistencia dos supplicantes em utilidade da caza e limpeza no culto divino. Havemos por bem mandar passar a presente pela qual mandamos que nenhuma pessoa possa excluir aos sobreditos padres e aos seus sucessores, que estiverem congregados, da dita igreja; mas antes sejam sempre conservados nella sem impedimento algum, assim e da maneyra como the o presente estão. Notificamo-lo assym às pessoas, a quem pertencer, que assim o cumprão e goardem e fação inteiramente cumprir e goardar, como neste se contem. Dada em Goa, sob os sinaes de nossos reverendos assinadores e sello deste arcebispado, aos vinte e tres de Agosto de mil seiscentos noventa e hum annos. O Conego Gaspar de Betan // [p. 60] cor de Sá, escrivão da Camara, a fez escrever e subscrevi. Luis Soares de Goes. Antonio George. Registada no livro corrente dos registos, a folio cento vinte e oyto.

112. Transcrevi aqui estas provizoens para eternizar na memoria de todos os congregados e tãobem para constar a todo o mundo a grande obrigação que esta Congregação deve aos devotos irmãos da nobilissima Confraria da Senhora do Bom Sucesso, nossos singulares benefeytores, os quaes não só nos derão a igreja e as cazas, mas tãobem assistião com a porção de dinheyro, cera<sup>78</sup> para missas, que costumavão dar ao cappelão. Athe a roupa para os altares e sacristia, os concertos e reparos da igreja fazião por sua conta, como administradores della. Mas, vindo com tempo atenuar-se as posses da confraria, suspendeo a continuação destas despezas, que todas

<sup>76</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>77</sup> Entenda-se: «As».

<sup>78</sup> Riscado: «[e vinho]».

tomou a congregação por sua conta, com pacto de que tendo ao diante a confraria rendas sufficientes, ficasse obrigada às suas antigas pençoens.

113. Constava todo o agazalho das cazas desta igreja de hum pequeno corredor aberto, o qual por parte do na[s]cente tinha huma salla de duas janellas, aonde a confraria accomodava o seo movel; e por parte do ponente, hum cubiculo, sem outra officina que pudesse servir de dispensa e cozinha tão necessarias para a habitação continua. Era tãobem moradia nociva a saude por ser de tecto muy baixo e ter contiguo hum oyteiro sem nenhum abrigo da sombra, com que no Verão queimava o sol por todas as partes e no Inverno a humidade penetrava por todos os lados. Em tão desacomodado sitio entrarão a habitar os nossos primitivos em Abril de mil seiscentos oytenta e quatro, observando neste Monte de Boavista aquellas regras que assentarão no de São João do Dezerto, de Guadalupe.

#### Capitulo Undecimo

*Progressos da Congregação com a entrada do Veneravel Padre Jozeph Vaz*

Anno 1685

114. Entrados os nossos congregados na Igreja da Santa // [p. 61] Cruz dos Milagres, que hé o paraizo para onde Deos os transplantou à sombra de tão santa arvore da vida, passava mais de hum anno, em cujo decurso entrarão e sahirão varios sacerdotes.<sup>79</sup> Os dous Padres Paschoal da Costa Jeremias e Custodio Leytão e o Irmão Bernardo Coutinho não cessavão de rogar a Deos, chamasse mais servos, para habitarem na sua caza, para que augmentando-se o numero dos congregados, cre[s]cesse tãobem o seo santo serviço. Ouvio Deos esta supplica e trouxe ao Veneravel Jozeph Váz, que se tinha recolhido da missão do Canará, aonde sendo vigario da vara fizera ao Senhor grandes serviços, aos proximos muytos beneficios e para si nomme tão celebre, que corria publica a fama de suas virtudes. Entrou este padre em vinte e sinco de Setembro de mil seiscentos oytenta e sinco; e com elle entrarão na Congregação todos os bens. Athe no nomme significava augmento, feliz presagio do que havia de ter a Congregação por este heroe. Congregarão-se tãobem outros sogeytos, que aturarão algum tempo mais que outros segregados.

115. Logo que entrou o Padre Jozeph Vaz, ainda que de idade tinha trinta e quatro annos e de congregado poucos dias, mas como no espirito era notoriamente cre[s]cido, renunciou nelle o Padre Paschoal da Costa o cargo de prefeyto (assim se chamavão então os nossos superiores), com beneplá-

<sup>79</sup> Segue-se cerca de linha e meia riscada.

cito dos mais companheyros e só com grande renitencia do novo eleyto, que constringido da obediencia sogeytou os hombros ao jugo da prelazia. Posto este luzeyro sobre o candelabro da Congregação começou a diffundir a luz e communicar o calor de suas virtudes, estimulando com a sua doutrina e exemplo aos congregados para aspirarem a mayor perfeição da vida. Primeiramente dispóz a caza de sorte que tivesse alguma forma conventual, armando no limitado corredor hum dormitorio de tabicas de madeyra, com cubiculos tão escassos que retratavão aquellas antigas gruttas dos monges de Thebayda, ou mais propriamente erão vivos retratos dos que fabricou São Pedro de Alcantara na sua reforma, porque apenas cabia nelles o corpo. Mas, como se não fizerão para o seo descanso, se não para a mortificação delle, vinhão // [p. 62] bem ajustados ao espirito. Pois, como disse Santo Augustinho, então se dilatão mais os espaços do espirito, quando se estreytão os vazos da carne; por isso os espiritos grandes se contentarão com pouco; athé a natureza, dizia o estoyco, com pouco se satisfaz; só ao vicio nada lhe basta. Nestes cubiculos de madeyra, que parecião ataudes dos cadaveres, se recolhião os vivos, observando hum rigoroso silencio com que, quanto se opprimião os corpos, tanto os espiritos com mais liberdade voavão para o ceo. E como as azas, com que voão os espiritos, são a vida contemplativa e activa, cuydava o Padre Jozeph Vaz em fazer praticar ambas com possivel fervor, procedendo os congregados em caza como Marias e na praça como Marthas.

116. Os exercicios da caza erão fervorosa e pontual observancia do relogio místico disposto no Recolhimento de São João do Dezerto. Fora della sahia o Padre Jozeph Vaz a missionar pelas freguezias com grande fruto; porque o exemplo da sua vida dava tanta alma à doutrina que pregava, que cada palavra de sua boca, era huma espada, que penetrava os corações. Nestas missoens deixou em algumas aldeas das Ilhas de Goa radicada a devoção de *via crucis*, que ao depois se propagou por todas; a que derão principio dous apostolicos religiosos Frey Manoel das Entradas e Frey George das Sahidas, missionarios de Varotojo, em cuja companhia andou o Padre Jozeph Vaz algum tempo antes de se recolher na Congregação. E depois de congregado traduzio, em lingoa da terra, as meditações que se costumão ler na vizita da *via crucis*. E elle as lia e fazia perceber com muyto aproveitamento das almas. Com que deixou tão esbellecido este utilissimo exercicio nos lugares em que missionou, sendo congregado, principalmente nas freguezias da Ilha de Chorão, como the o presente se continua com grande fervor, de sorte que no tempo da Quaresma quazi todos os dias desde menha thé a tarde sahem bandos de homens e mulheres, huns socedendo a outros e todos vizitando as cruces, com as suas devotissimas meditações.

<sup>80</sup>117. E porque no caminho da virtude, para se andar seguro hé necessaria luz que allumie e guia que encaminhe, e tudo se acha na direcção de

<sup>80</sup> Riscado: «120».

hum discreto padre espiritual, tomou o Padre Jozeph Vaz por seo director ao Veneravel Padre Dom Antonino de Vintemilha, clerigo // [p. 63] regular da Divina Providencia, varão de conhecida santidade, de quem ha fama que na empreza da conquista evangelica ganhou para Deos muytas almas na Ilha de Borneo e consummou felizmente o curso da sua <sup>81</sup> vida, <sup>82</sup> tão bem empregada em ministerio apostolico.

118. Quanto se aproveytarão o Padre Jozeph Vaz e os mais congregados com os dictames de tão prudente e virtuozo director, bem se deixa ver no utilissimo conselho, que lhes <deo> de aspirar <à> nova forma de vida mais perfeyta e propria do Instituto do Oratorio, poucos annos atrás fundado em Portugal *ad instar* de São Filippe <Neri>, em Roma, pelo Veneravel Padre Bartholameo do Quental, que então vivia e com os rayos de suas esclarecidas virtudes allumiava de occidente a oriente. Fazia o Padre Dom Antonino devido conceyto <do elevado espirito> de nosso veneravel fundador, com quem se communicava por cartas. E se offereceo por medianeyro de negocio tão importante ao augmento desta Congregação, escrevendo-lhe attendesse à nossa supplica e nos fizesse participantes daquella doutrina, com que havia fructificado tanto em Portugal e Pernambuco em varias Congregações ja fundadas com os mesmos estatutos.

#### *Capitulo Duodecimo*

*Procurão os nossos congregados os estatutos da Congregação do Oratorio de Lixboa. Parte o Padre Jozeph Vaz para a missão de Ceylão*  
Anno 1686

119. Entro em anno o mais feliz desta chronologia, por ser principio de duas mayores felicidades, com que Deos elevou a esta Congregação ao aumento que hoje tem. Foy a primeyra, a corellação que desde Janeyro deste anno de mil seiscentos oytenta e seis procurarão os nossos primitivos ter com a illustrissima Congregação do Oratorio de Lixboa, movidos com o conselho do Padre Dom Antonino de Vintemilha. Porque confiados na benignidade do veneravel Padre Bartholameo do Quental, se animarão a escrever-lhe e pedir os estatutos com que tinha fundado a Congregação de Lixboa, estimando por sobrada honra ter por pae hum varão tão illustre em virtudes e letras e // [p. 64] por mãe huma Congregação tão exemplar e santa, como reconhece o mundo todo a exemplarissima de Lixboa.

120. Sendo o Veneravel Padre Bartholameo do Quental pregador do numero e capellão confessor da capella real, por merce do senhor Rey Dom João IV, começou a delinar a fabrica que ao depois cre[s]ceo tanto, da Con-

<sup>81</sup> Seguem-se várias palavras riscadas.

<sup>82</sup> Seguem-se várias palavras riscadas.

gregação do Oratorio de Lixboa em anno mil seiscentos sincoenta e nove. Em huma caza da mesma capella real, chamada o thezouro velho, lançou as primeyras linhas da que havia de ser principio e pedra fundamental de tantas que flore[s]cem ao prezente no Reyno de Portugal e seos dominios. Sendo os primeyros congregados, todos os capellaens, sacerdotes e officiaes da mesma real capella e entre elles os que com mais zelo cooperarão a esta tão glorioza empreza o Illustrissimo João Duarte do Sacramento, credenciario então da capella real, ao depois fundador da Congregação do Oratorio de Pernanbuco e Bispo eleyto do mesmo; e o Illustrissimo Nicolao Monteyro, mestre das pessoas reaes e depois Bispo do Porto. Neste lugar do thezouro velho era frequentado o Oratorio de mais de quatrocentas pessoas que assistião aos exercicios debaixo do espirital magisterio do Veneravel Padre Quental. Os quaes, sendo continuados quotidianamente por mais de oyto annos, determinou o veneravel fundador mudar para o sitio em que ficassem perpetuados com clauzura, regras e observancia necessarias para a sua conservação. Para este fim escolheu o collegio que os padres dominicos hibernios tinham na Rua Nova da Almada. Deixando o Palacio Real e tãobem os congregados palacianos, que nesta mudança não seguirão ao veneravel fundador, entrou em Julho de mil seiscentos secenta e oyto no novo sitio, acompanhado só do grande servo de Deos, Padre Francisco Gomes e vestirão ambos a roupeta de congregados, com <a> licença do ordinario e applauzo real. Dispoz logo as regras e estatutos que hoje observamos, semelhantes aos do Oratorio de São Felipe Neri, em Roma, os quaes forão confirmados por Santissimo Padre Clemente<sup>83</sup> (*sic*) X, por breve expedido em seis de Mayo de mil seiscentos setenta e hum. E socedendo ameaçar ruina aquelle collegio, sahio delle o veneravel fundador com os filhos que ja contava muytos, tão bons como seos e fez assento // [p. 65] firme da sua primeyra congregação na Igreja do Espirito Santo na mesma rua, em Agosto de mil seiscentos setenta e quatro, aonde permanece ao prezente, com tanta gloria de Deos e aproveitamento de innumeraveis almas, que naquella publica palestra das virtudes aprendem a sciencia dos santos.

121. Estas noticias di[v]ulgadas na India estimularão ao Padre Jozeph Vaz a procurar com efficacia a comunicação com o nosso veneravel fundador, para que com a doutrina de varão tão santo se aproveitassem os congregados desta caza no espirito e perfeição da vida que dezejava nelles. Este foy o principio e o motivo da correspondencia que esta pequena grey teve com a illustrissima Congregação do Oratorio de Lixboa, a quem desde então respeytava com venerações da mãe. Desde este anno começou esta minima Congregação de Goa a dar os primeyros passos do seo aumento, confessando dever todo o seo ser ao veneravel fundador e a todos os reverendos congregados de Lixboa zelozos imitadores do seo espirito e protectores empenhados desta humilde planta, que regarão e augmentarão com innu-

<sup>83</sup> Entenda-se: «Clemente».

meraveis beneficios. E, porque alguns delles se mostrarão mais interessados em nos favorecer com singulares attenções, em lugar competente farey particular memoria de cada hum, para perpetuar o reconhecimento dos beneficios que recebemos de tão grandes bemfeytores.

122. Rezolutos, pois, os Padres Jozeph Vaz e Paschoal da Costa Jeremias a procurar os estatutos de Lixboa, nenhum delles, sendo o primeyro superior que governava a caza e o segundo primeyra pedra fundamental della, quiz escrever ao veneravel fundador, para não hir em nomme proprio a supplica em que lhe havião de pedir os estatutos; mas assentarão que escrevesse o Padre Paulo de Souza, que por então era hum dos congregados. Sem duvida, porque a humildade de ambos não sofria fazer-se author da obra de que ao diante podia rezultar applauzo e perpetua memoria. Andavão ambos como apostados a ser hum mais humilde que outro. O Padre Paschoal da Costa Jeremias que renunciou em o Padre Jozeph Vaz o cargo de superior, pelo reconhecer mais benemerito, recuzava lograr a preheminiencia de fundador desta caza, cuja funcção propria era procurar os augmentos della. O Padre Jozeph Vaz, que não menos aborrecia a honra // [p. 66] e dignidade de superior, para não mostrar que o era, tomou para si só o trabalho de solicitar os meyos do conselho e intercessão que buscou do Padre Dom Antonino de Vintemilha, deixando para outro a gloria de pedir e conseguir os estatutos <com> que tantos bens havião de vir a esta Congregação.

123. Disposta a clauzura na melhor forma que então permitia o tempo e feyta a diligencia de escrever por hum dos congregados ao Veneravel Padre Bartholameo do Quental, pedindo-lhe as constituições, parecia ao Padre Jozeph Váz estar ociozo em Goa, por não ter occasioens de padecer por Christo e de trabalhar em utilidade dos proximos; porque supposto não faltava concurso dos que o buscavão para o alivio de suas consciencias, mas este exercicio julgava por pequeno quem estava costumado a mais laboriozas occupaçoens e aspirava a emprezas mais heroicas; nem lhe cahia da memoria a missão de Ceylão, como alvo dos seos primeyros generozos dezejos.

124. Sendo o empenho da missão de Ceylão sempre arduo, naquelle tempo do curso da nossa historia parecia impossivel à prudencia humana. Porque a vigilancia e o cuydado com que os Holandezes, desde que entrarão no senhorio da marinha daquella ilha, velavão em extirpar a dila[ta]da fé catholica, plantada pela nação portugueza que entrou na India conquistando almas para Deos e reynos para o seo monarca; e semear naquella christandade, que era muy numeroza, os erros da sua heretica perfidia; difficultava muyto, ou quazi impossibilitava, a entrada aos missionarios catholicos nos seus portos. Porque com gravissimas penas prohibião aos christãos dar favor, entrada e agazalho aos sacerdotes; prometião premios aos que denunciasses assim os padres que entrassem, como os christãos que os recebessem. Violentavão aos catholicos para frequentarem as suas cre[n]ças, ouvirem a seus

predicantes e mandarem os meninos às suas escolas. Com estas diligencias continuadas por discurso de <mais de trinta><sup>84</sup> annos perverterão a mayor parte dos fieis, ficando os mais expostos a igoal perigo; não sendo menor o de outros muytos que no reyno de Candia da mesma ilha andavão dispersos e desgarrados como ovelhas sem pastor, cercados de tantos lobos quantos erão os pagãos, em cuja má companhia vivião.<sup>85</sup> // [p. 67]

125. Tudo soube o Padre Jozeph Vaz por informação de F. de Sardinha, Conego da Sé de Goa, o qual por acazo de huma arribada na viagem que fazia para a China, esteve na Cidade de Columbo, praça capital dos Holandezes e prezençou o lastimozo estado daquella dezemparrada christandade. Com esta noticia ardia o apostolico espirito do Padre Jozeph Vaz em dezejos muy vivos de soccorrer a todo o risco aquella tão necessitada grey do Senhor. Communicou-os a alguns sacerdotes seus familiares, para que o acompanhasssem nesta empreza, os quaes julgarão por temeridade indiscreta emprender huma jornada de tantos perigos, em que sendo facil de entrar, seria impossivel o sahir delles. Quantos missionarios religiosos andão na Costa da Pescaria e Negapatão, os quaes sendo operarios tão zelozos, como o mundo sabe, ainda se não rezolverão a entrar em Ceylão, que lhes fica mais vezinha; sem duvida, porque alcanção ser insuperavel esta empreza? Pois em que juizo cabe meter-se hum homem em empenho, de que não tem individual noticia, quando os experimentados fogem delle, para não trabalharem debalde? Ainda não sabemos porque caminhos havemos de andar, com que disfarces nos havemos de tratar, com que homens havemos de conversar, em que lingoas lhes havemos de fallar e com que meyo havemos de escapar dos perigos, que só ouvidos de longe tanto espantão. E já estamos capazes de hir pregar aos hereges, como se o hir a Ceylão fosse o mesmo que hir a nossa quinta da recreação? Se esta empreza não intentão os missionarios veteranos, como poderão quatro clerigos bizonhos fazer nella obra que seja de proveyto, sendo as suas difficuldades tão superiores a forças humanas que a fazem parecer impossivel? Assim discorrião aquelles sacerdotes.

126. E ainda que a humildade do Padre Jozeph Vaz bem se accomodava com este parecer, quanto à parte de julgar-se inepto para tamanha obra; comtudo, como por outra parte tinha toda a sua confiança em Deos. Este soccorro que esperava do ceo o animava tanto que lhe accendia no coração dezejos mais ardentes de accometer todas as difficuldades, perigos e impossiveis que tanto e com razão intimidavão a outros. Nestes termos, prece // [p. 68] dando conselho e direcção de pessoas espirituas, a quem communicava a sua consciencia, aceytou em anno de mil seiscentos oytenta e hum a missão que o cabbido sede vacante lhe encomendou do Reyno do Canará com titulo e jurisdicção de vigario foraneo della. Porque nos portos daquelle

<sup>84</sup> Riscado: «quazi quarenta».

<sup>85</sup> Reino das montanhas, no centro de Ceilão, com a capital em Kandy.

reyno, frequentados dos malabares e outras naçoens de Travancor e Pescaria, lhe seria facil informar-se dos meyo com que dezejava hir bater ou romper as portas de Ceylão fechadas pelos hereges.

127. Com effeyto, no exercicio da missão do Canará, em que empregou quatro annos, ficou intejrado das noticias necessarias dos caminhos, disfarces e meyo com que havia de entrar em Ceylão. Recolhido a Goa e posto na clauzura da Congregação, depois de edificar com o seo exemplo e doutrina aos domesticos e extranhos, determinou por em execução os seos ardentes dezejos que não sofrião mais demoras e propoz aos congregados, de quem era superior, que dezejava missionar outra vez no Canará e tão bem por terras mais abayxo, se Deos o ajudasse; nunca porem declarou o ultimo termo da sua pertença, que era a Ilha de Ceylão, que unicamente intentava, porque importava muyto o segredo. Dezistio da occupação de superior da Congregação, em a qual lhe succedeo o Padre Paschoal da Costa Jeremias. E sem mais provizão, nem matalotagem, que a benção <do superior> e applauzo do ordinario, só com o breviario e aparelhos da missa sahio de Goa o apostolo de Ceylão em Março de mil seiscentos oytenta e seis, armado do ardente zelo da propagação da fé e firme confiança na Providencia Divina, junto com hum padre e irmão congregados que se offerecerão por companheyros, mas ao depois no meyo do caminho o dezemparrarão.

128. Com os dous companheyros congregados e hum moço por nomme João, começou o Padre Jozeph Vaz a sua viagem por terra, demandando ao Reyno do Canará, para vizitar de caminho aquellas plantas da fé que amava como primicias do seo trabalho. Achou nesta missão muy crescida a christan[dan]de, porque com a hostilidade que o inimigo Sambagy fez nas terras de Goa no vice-reynado de Conde de Alvor, Francisco de Tavora, muytas familias, especialmente de Bardes, obrigadas da fome, se tinham passado áquelle reyno, que hé abundante de viveres. Para consolação destes // [p. 69] christãos se deteve com elles nove mezes, empregando todos em officios de bom pastor, no fim dos quaes e do ano que hia já accabando, bautizou a hum gentio, que convertera com suas pregaçoens. Em trinta e hum de Dezembro escreveo ao superior da Congregação, dando conta da viagem que no anno seguinte havia de fazer do porto de Mangalor para a Costa do Malabar. Já vinha entrando o anno da redemção, em que a divina mizericordia determinara vizitar a Ilha de Ceylão e redemir da dura escravidão da heregia aquella christandade que flore[s]ceo muyto em outros tempos. Mas entretanto que chegue a hora da partida do seo magnanimo restau[ra]dor, se me offerece a que em Goa fez de terra para o ceo o nosso Padre Jeremias.

*Capitulo Decimo Terceyro*  
*Da exemplar vida e morte do Padre Paschoal da Costa Jeremias*  
Anno 1687

129. Quando os nossos congregados sentião a falta do Padre Jozeph Vaz, de cuja rezolução de peregrinar pela Costa do Malabar já tinham noticia e o não esperavão ver tão cedo; moveo Deos ao Padre Jozeph de Menezes, não só para sobstetuir o seo lugar, mas tãobem para fazer com a sua companhia menos sensível à magoa que havia de ter esta Congregação na morte do seo pae e primeyro Padre, Paschoal da Costa Jeremias, que nos principios do anno de mil seiscentos oytenta e sete se achava gravemente enfermo. Em Janeyro deste anno entrou no nosso Recolhimento o Padre Jozeph de Menezes e logo no mez seguinte succedeo o fallecimento do Padre Jeremias, de cuja virtuoza vida achey huma breve noticia que dou neste capitulo.

130. <sup>86</sup>O Padre Paschoal da Costa Jeremias, parente muyto chegado do illustre martir Affonço da Costa Jeremias, morto em odio da fé pelos gentios de Cuncozym, em companhia do Veneravel Martir Padre Rodolfo Aquaviva, jesuita, cuja memoria faz o author do Oriente Conquistado. Foy filho de Antonio da Costa Jeremias e de Paula Barreta, bramanes honestos, natural de Margão e oriundo de Nagoá, aldeas da provincia de Salsete. Deos que o destinou para primeyra pedra de huma Congregação, que havia de fundar para grandes empregos da sua gloria, de pequeno // [p. 70] o foy dispondo para tão alto fim. Afeyçoado ao estado clerical se applicou ao estudo das sciencias necessarias e se ordenou de sacerdote. E para que as suas acçoens fossem conformes ao seo character, como quem entendia que os costumes de quem representa a Christo na dignidade devem ser dignos de procedimentos christãos, deo-se com muyta applicação à sciencia dos santos, que hé o exercicio da oração mental, em que se aprendem as virtudes necessarias para a perfeyta imitação de Christo. Era tão fervorosa a sua oração que gastava nella largo tempo; e, porque em caza propria e ainda na igreja da sua aldea, aonde he frequente o concurso da gente, não achava o seo espirito a quietação necessaria para este exercicio, hia à ermida que fica em hum alto monte da mesma aldea e na solidão della desafogava o seo coração com Deos.

131. E como não há boa oração sem boa mortificação, porque estas duas virtudes andão germanadas com tão mutua dependencia, que não pode huma permanecer sem a outra. Igoal a oração, foy em o nosso padre a sua mortificação, assim interior, como exterior. Da interior com que reprimio e domou as paixoens e appetites da propria vontade, deo claros testemunhos na generosa rezolução com que deixou a caza, os parentes e a patria; despegando-se da carne e sangue e desprezando o mundo com todos os seus

bens; e escolhendo para viver huma vida austera hum dezerto, falto de toda a commodidade e só cheo de innumeraveis discomodos que nelle padeceo. As penitencias exteriores erão rigorozas disciplinas com que na mesma ermida retirado rasgava as carnes athe regar a terra com o seo sangue. E muytas vezes não achando no proprio braço força igoal ao fervor do seo espirito, se valia de pessoas robustas da sua confiança, que o açoytassem com mayor violencia.

132. Com este modo de vida, que fez no seculo por discurso de muytos annos, exercitado na oração e mortificação, cre[s]cido em idade e na virtude, no ultimo quartel o chamou Deos com interiores inspiraçoens para estado mais perfeyto, totalmente despegado do mundo e para ser primeyra pedra da caza do oratorio, que havia de fundar neste Oriente em beneficio de innumeraveis almas. Sahio da caza e patria este novo Abrahão em Outubro de mil seiscentos oytenta e dous e acompanhado de tres sacerdotes e // [p. 71] hum subdiacono, entrou na solidão da Ermida de São João do Dezerto, aonde começou a praticar exercicios muy semelhantes aos da Congregação do Oratorio. E perseverou tão firme na sua vocação, que nem a inconstancia dos companheyros, que em poucos dias o dezemparrão, nem a solidão do lugar, em que tudo erão discomodos, bastou para contrastar a sua constancia. Antes aquelle retiro em que a communicação dos homens era rara, e por isso com muyta propriedade se chamava dezerto, era muy accomodado ao espirito de nosso padre, tão inimigo dos estrepitos do mundo, como devoto da vida solitaria.

133. Mas como Deos o não queria para a vida eremitica sepultada nas cavernas da terra, senão para pae e fundador da vida monastica, que havia de ensinar aos naturaes de Goa, o não deixou estar só no seo retiro e menos permanecer muyto tempo naquelle dezerto. Deo-lhe novos companheyros e permitindo a ruina daquella caza de São João, o levou do dezerto para a Cidade de Goa. Posto o Padre Jeremias no novo sitio começou a resplandecer nas virtudes como tocha aceza no meyo de caza. Da humildade que hé a baze e fundamento de todas, deo illustres exemplos. Porque sendo o primeyro que convocou e congregou aos mais, e por esta razão dignissimo de titulo de fundador desta Congregação, elle que aborrecia os applauzos mundanos e só amava o seo abatimento, recuzou quanto pode semelhantes titulos, applicando meyo para que nunca se lhe atribuissem. Primeyramente quando entrou na primeyra clauzura de São João do Dezerto não pedio ao ordinario em seo nomme a approvação dos estatutos, senão em o do Padre Vigario Jacome Lourenço. Logo que vio na Congregação ao Padre Jozeph Vaz, renunciou nelle o cargo que exercitava de prefeyto e superior della, estimando mais as virtudes alheas que o merecimento proprio. Athe na occasião de procurar os estatutos da Congregação do Oratorio de Lixboa, encommendou a outro padre esta diligencia, como quem nenhuma couza dezejava tanto como não ser o seo nomme conhecido no mundo. Queria antes obedecer, e servir como subdito inferior a todos, do que mandar e ser servido como superior.

<sup>86</sup> Souza no Oriente Conquistado Parte 2 Conquista 1 Diviz. 2 § 79.

134. Não menos admiravel foy a sua paciencia com que soffreo muytas afflicçoens e penalidades depoés que empredeio a vida monastica; o desem-  
 paro dos companheyros que tão depressa o deixarão só;<sup>87</sup> // [p. 72] a ruina  
 do Hospicio de São João do Dezerto, as enfermidades originadas de viver  
 em lugares solitarios e sitios inclementes a saude; a falta do necessario para  
 sublevar às necessidades precisas, forão exercicios, com que Deos <refinou><sup>88</sup>  
 a paciencia deste seo servo. Finalmente cansado o corpo com tantos discom-  
 modos e muyto mais com a aspreza de suas rigorozas penitencias, contrahio  
 muytos achaques; os quaes agravando-se cada vez mais, e não havendo no  
 Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres commodo algum para tomar a  
 cura, se vio obrigado o nosso padre a hir à caza dos seos irmãos na aldea  
 Margão. Porque os cubiculos de taboado erão, como atras disse, no numero  
 118,<sup>89</sup> tão limitados que ainda aos saons cauzavão grande martirio; e, como  
 não havia outro lugar de recolher aos enfermos, era forçozo os que adoecião  
 hir à caza dos seos parentes para se curarem. Alem desta urgentissima cauza,  
 era ainda mayor a da pobreza com que passavão aquelles primeyros padres,  
 porque se sustentavão só com a esmola de suas missas ou outra semelhante,  
 com que os soccorresse a Divina Providencia por mãos dos caritativos; razão  
 porque não tinhão posses para dispender nos medicamentos, medicos e servi-  
 dores que tratassem dos enfermos.

135. Cre[s]cendo cada dia a enfermidade e conhecendo que estava pro-  
 ximo ao ultimo prazo da vida, se preparou com os sacramentos com aquella  
 devoção que tal tempo e necessidade pedião. E correspondendo huma pre-  
 cioza morte a tão virtuozia vida, descansou em a paz do Senhor, em cujo  
 serviço empregara toda a sua vida e perseverara the o fim para conseguir a  
 salvação eterna. Socedeo o seo feliz transito em Fevreyro de mil seiscentos  
 oytenta e sete na mesma aldea de Margão. Foy conduzido o seo cadaver à  
 Congregação em que viveo quatro annos e quatro mezes e na memoria dos  
 congregados viverá eternamente. Foy sepultado na Igreja da Santa Cruz dos  
 Milagres; mas não poude tempo tão longo sepultar em esquecimento a boa  
 opinião que deyxou da sua virtude. // [p. 73]

*Capitulo Decimo Quarto*  
*Viagem do Padre Jozé <Vas> de Mangalor thé chegar a Jafana*  
*peninsula de Ceylão*  
 Anno 1687

136. Já era chegada o tempo em que a divina misericordia determinara  
 vizitar a Ilha de Ceylão; e desta grande piedade, que com ella havia de uzar,  
 tinha dado repetidos seguros a seo servo o Veneravel Irmão Pedro de Basto

<sup>87</sup> Riscado: «po».

<sup>88</sup> Riscado: «[purificou?]».

<sup>89</sup> A descrição dos cubiculos encontra-se efectivamente no número 115.

da Companhia de Jesu[s], que flore[s]ceo em santidade e em outros muytos  
 dons gratuitos na Cidade de Cochim no mesmo tempo em que os Holandezes  
 tinhão sitiado a Ilha de Ceylão e fazião nella muytas hostilidades.<sup>90</sup> Movido  
 este bom religioso da compaixão daquella christandade, cujo dezemparo e  
 ruina previa certa em poder dos hereges; rogava a Deos por ella com fervo-  
 rozas e frequentes deprecaçoens. Mas como convinha a divina justiça não  
 suspender por então o golpe da espada que tinha desembainhado; comtudo  
 para consolar a seo servo e mostrar-lhe quanto se agradava de suas humildes  
 orações, lhe manifestou em duas vizoens os remedios que havia prevenido  
 para curar aquella mortal ferida que tanto fez sentir e chorar a todos; não  
 tanto porque a coroa de Portugal perdeo na Ilha de Ceylão hum thezouro  
 de inestimavel valor; quanto pelo perigo em que ficarão os catholicos seos  
 moradores, expostos aos erros da heretica perfidia holandeza.

137. Mostrou pois Deos ao Irmão Pedro de Basto huma grande chris-  
 tandade que em tempos adiante havia de haver por parte do sul da Cidade de  
 Cochim.<sup>91</sup> E diz o Padre Fernando de Queiros, escritor da sua vida, que esta  
 parte significava a Ilha de Ceylão que fica ao sul daquella cidade. Da segunda  
 vez manifestamente declarou que toda essa ilha se havia de converter à fé  
 catholica. Muytas outras couzas que predisse este virtuozo irmão, socederão  
 fielmente; mas o cumprimento das profecias de Ceylão em tempos em que os  
 Holandezes estavam tão apostados para preverter os catholicos em hereges,  
 que ja tinhão conseguido em muyta parte o seo empenho, regulando as  
 couzas pela prudencia humana, parecia não só difficil, mas humanamente  
 impossivel.

138. Havia <mais> de trinta annos, que as portas de Ceylão estavam  
 // [p. 74] tão fechadas aos operarios evangelicos, <thé> que o nosso Padre  
 Jozeph Vaz, informado na sua primeyra missão do Canará da summa vigi-  
 lancia com que os Holandezes prohibirão a entrada nos portos daquella ilha  
 aos sacerdotes catholicos, pertendeo vender-se por cativo aos mesmos Holan-  
 dezés que vinhão commerciar no Canará e importunou, per vezes, ao Padre  
 Nicolao de Gamboa fosse medeador desta venda; para que a titulo de escravo  
 lhe fosse menos difficultozo hir remir da escravidão do peccado tantas almas  
 que vivião afflictas no cativeyro da heregia. E porque o Padre Nicolao de  
 Gamboa não conveo neste contrato, sahio o Padre Jozeph Vaz do Canará e  
 recolhido a Goa, se congregou com os nossos primitivos que ficavão na clau-  
 zura<sup>92</sup> da Santa Cruz dos Milagres. Dispondo assim a Divina Providencia,  
 para entendermos quanto hé permitido a intelligencia humana conjecturar

<sup>90</sup> O antigo reino malabar de Cochim abrangia o litoral entre os portos de Ernaculão ou  
 Ernakulam, a 9° 59' lat. N e Porakad ou Purakkatu, a 9° 23' lat. N. Confinava ao Norte com o  
 reino de Cranganor e a Sul com o de Coulão. Cf. Visconde da Lagoa, *Glossário Toponímico da*  
*Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina*, Lisboa, 1940. Futuramente citaremos por G.T.

<sup>91</sup> Livro 4 capitulo 5.

<sup>92</sup> O «r» encontra-se escrito sobre um «l».

os inescrutaveis segredos divinos que santificara o Monte de Boavista com a sua presença, quando appareceu glorioso na cruz que nelle estava; para o fazer monte da oração e nelle escolher apóstolos para os malavares e outras naçoens de Ceylão. Por isso a primeyra pessoa a quem se fez patente, estando nos braços da Santa Cruz dos Milagres, foy hum malavar, chamado Antonio. Por isso na[s]ceo aquella prodigioza fonte no penedo que servia de peanha à cruz, significando nas suas agoas o sacramento do bautismo, com que os missionarios da Congregação do Oratorio, fundada a sombra da mesma cruz e no mesmo lugar da milagroza fonte havião de regenerar innumeraveis almas dos moradores de Ceylão, convertendo-as das trevas da gentildade e heregia à luz da fé e religião catholica romana. E aumentar por este meyo a mesma Congregação.

139. E por isso mesmo não quiz Deos que o Padre Jozeph Vaz passasse do Reyno do Canará para a missão de Ceylão, baldando todas as suas diligencias, ainda a ultima de se querer vender aos Holandezes por seu escravo, senão depois de congregado na clauzura do Monte de Boavista. Bem assim como praticou com Moyzes, a quem não appareceu nem o escolheu enquanto estava no Egipto para livrar o seo povo do cativeyro de farao, se não depois que o vio metido no interior do Monte Horeb, chamado o Monte de Deos; porque nelle desceo o mesmo Deos para tratar da liberdade do seo povo e escolher a Moyses por redemptor delle. Do mesmo modo // [p. 75] ao redemptor da christandade de Ceylão, opprimida pelos hereges, primeyro guiou Deos para o Monte de Boavista, aonde descera em outro tempo; sem duvida, movido da afflicção da mesma christandade, cujos clamores, suspiros e ays ferião os seos piissimos ouvidos. E do Monte de Boavista o levou para o Egipto de Ceylão, em demanda do seo povo escolhido, que queria libertar do duro cativeyro do peccado em que gemia já quarenta annos; dando a Congregação este emprego que fosse juntamente occasião do seo mayor aumento.

140. Em tres de Janeyro do anno corrente de nossa historia mil seiscentos oytenta e sete sahio o Padre Jozeph Vaz do porto de Mangalor,<sup>93</sup> do Canara, para a costa do Malavar, em demanda de Ceylão com rezolução de fazer esta viagem por mar e por terra, the hir dar consigo naquella que era de promissão para o seo espirito; não porque ella manasse mel e leyte, senão porque podia derramar nella por Christo o seo sangue. Chegado a Talicheyra,<sup>94</sup> dominio dos Inglezes, consolou a muytos christãos que vivião como ovelhas sem pastor, administrando-lhes com grande charidade o pasto dos sacramentos e doutrina que necessitavão. The este porto o acompa-nhão o padre e irmão, que sahirão com elle de Goa com animo de servirem a Deos nas missoens. Mas extranhando os desconvidos que cada dia experimentavão mayores e sabendo que sendo quatro, seria mais difficil a entrada de todos juntos em Ceylão, desfalecerão do seo bom propozito, dizendo com

<sup>93</sup> Em 12° 50' lat. N. e 74° 51' long. E, na costa ocidental da Península Hindustânica.

<sup>94</sup> Tellicherrí, Talacheira, em 11° 45' lat. N. e 75° 29' long. E, no litoral malabar.

huma apparente resignação que supposto se não sentião com espirito para empreza tão ardua, mas só por obediencia acompanharião ao Padre Jozeph Vaz; o qual vendo que Deos não gosta de vontades constrangidas, senão de sacrificios voluntarios, os despedio com a mesma paz e benevolencia com que os tratara em sua companhia. Ficou o Padre Jozeph Vaz só com hum moço chamado João de Costa, curumbym, gente humilde e camponeza, mas de bom espirito, de quem fallando o mesmo padre em huma das suas cartas affirma que Deos lhe havia communicado huma faisca do seo divino amor, com que advertidamente se não deliberaria a cometer hum só peccado venial.

141. De Talicheyra embarcou o nosso padre para a Cidade de Cochim,<sup>95</sup> aonde ainda que os Holandezes permitem liberdade e igrejas publicas aos catholicos fora dos muros nos arrebalde, mas alguns clerigos // [p. 76] que administravão as igrejas lha negarão, athe prohibindo missa com varios pretextos, que bem examinados vinhão a dar no interesse que julgavão, lhes atravessaria. De Cochim passou em huma embarcação dos mouros para o porto de Coulão<sup>96</sup>; mas ao desembarcar não teve com que pagar o frete ao patrão e este reprezou os aparelhos da missa que era a unica fazenda que levava o nosso peregrino. E como sobre ser pobre de dinheyro hia descalço e vestido de huma roupeta chea de muytos remendos, representava aos olhos do mundo que só se levão de apparencias, figura muy desprezivel; razão porque o barqueyro tão depressa o descompoz e por não haver em que pegar mais, tomou em penhor do frete o atadinho das vestimentas sagradas. Offereceo-se hum christão da terra a resgatar esse penhor. E o nosso pobre agradeceo-lhe a boa vontade mas não recebeo a offerta, rezervando esta occasião do merecimento ao governador do bispado de Cochim, que distava poucos passos e em cuja caridade achou todo o bom agazalho e instrucção para andar com cautela athe chegar a Topo.

142. Não foy menor a piedade com que o tratarão os reverendos padres do Collegio de Topo, da Companhia de Jesus que, sendo sempre empenhados nos negocios da salvção das almas, não podião deyxar de favorecer muyto ao Padre Jozeph Vaz, que com o mesmo empenho andava peregrinando. Ainda hoje recebem delles os nossos missionarios muytos beneficios e confessão dever-lhes parte do bom successo com que entrão em Ceylão. Derão elles por esmola ao Padre Jozeph Vaz huma roupa curta, a uzança dos escravos e de gente humilde, para com ella se disfarçar e vencer o caminho restante, que era o mais perigozo. Recebeo essa esmola o nosso pobre com os mayores agradecimentos, estimando essa roupa, talvez mais que Aman a purpura de

<sup>95</sup> O antigo reino malabar de Cochim abrangia o litoral que medeia entre os portos de Ernaculão ou Ernakulam, em 9° 59' lat. N. e Porakad ou Purakkatu, em 9° 23' N. Confinava ao Norte com o reino de Cranganor e ao Sul com o de Coulão.

<sup>96</sup> Ou porto de Quilon, em 8° 54' lat. N e 76° 37' long. E, no litoral do estado indiano de Travancor.

Assuero; por se accomodar muyto ao seu espirito, tão ambiciozo da pobreza e humildade. Continuando a viagem pela Costa de Travancor abayxo,<sup>97</sup> hia de caminho aprendendo a lingua tamulica, necessaria para tratar-se com a gente de Ceylão; e foy tão fervorosa a applicação que fez ao estudo della, que em breve tempo se poz capaz da sua praxe. Quazi nos fins de Março, dobrado o Cabo de Comorym, andando sempre descalço e com a cabeça descoberta ao calor do sol, que em tal tempo e lugar queima muyto, chegou a Tutucurim,<sup>98</sup> porto da Costa // [p. 77] da Pescaria, de donde havia de embarcar para o suspirado da sua trabalhoza jornada.

143. Achou na igreja de Tutucurym por vigario hum religiozo da Companhia de Jesus, que em Goa fora seo condiscipulo na aula das humanidades; logo que se virão se conhecerão ambos e quanto hum dezejava occultar-se no disfarce da sua humilde roupa, tanto outro se mostrava empenhado em o honrar, mas como importava continuar o disfarce, para o Padre Jozeph Vaz não ser conhecido por sacerdote pelos Holandezes, que no mesmo porto tem sua forteleza; rendido o reverendo jesuita a importunos rogos de nosso congregado, de industria o começou a tratar conforme representava o seo humilde e pobre camizote; ainda que alguns christãos da terra, reparando na modestia de suas acçoens e no modo da vida que em toda a parte cheirava à devoção, suspeitavão ser este novo peregrino muyto diferente do que parecia.

144. Nem Deos quiz que durasse muyto tempo aquella dissimulação; ou para que se não attribuisse à diligencia humana a entrada do Padre Jozeph Vaz em Ceylão, ou para confundir aos hereges, mostrando-lhes que contra o poder do ceo não pode prevalecer a malicia do inferno, que os induzia a vigiar tanto nos seos portos, para <não> entrarem nelles os sacerdotes catholicos; ou porque de ser o Padre Jozeph Vás conhecido, havião de rezultar trabalhos que lhe rendessem muytos merecimentos. Tudo foy porque emquanto o Padre Jozeph Vás achasse embarcação em que partir para Ceylão, chegarão os dias da Semana Santa. Significou o padre vigario jezuita ao nosso missionario que dezejava celebrar juntamente com elle os officios divinos, por não haver outro sacerdote que o ajudasse. Condescendeo o nosso com os pios rogos, deixou o disfarçado camizote, vestio a sua roupeta de congregado, celebrou a Semana Santa, ouvio de confissão. Di[v]ulgou-se esta noticia thé chegar aos ouvidos do capitão da fortaleza, que era hum Holandez severo de condição e pertinaz na sua heretica perfidia; o qual informado juntamente do disfarce, com que entrou o Padre Jozeph Vás em Tutucurym, veo em conhecimento do seo designio e para o frustrar com toda a efficacia, reforçou as vigias e centinellas e mandou com rigorosa ordem que nenhuma pessoa, sem expressa licença sua, o recebesse na sua embarcação para hir aos portos de Ceylão e de suas peninsulas adjacentes. // [p. 78]

<sup>97</sup> Litoral que se estende de Coulão ou Quilon, em 8° 54' lat. N e 76° 37' long. E, ao cabo Comorim, em 8° 04' lat. N e 77° 36' long. E.

<sup>98</sup> Ou Tuticorin, em 8° 48' lat. N. e 78° 09' long. E, na presidência indiana de Madrasta ou Madras.

145. Quanto afligiria ao nosso missionario esta contradicção se deyxar ver da magoa que padece o navegante, que depois de vencer os discomodos do golfo vem a naufragar no porto. Mas Deos, cujo trato com os servos que mais ama hé hum jogo da paz que segue à guerra e da bonança que socede à tempestade, applacou a furia da presente com huma doença de tres dias, com que o capitão herege accabou os da sua vida. E socedendo-lhe outro que não tinha noticia de quem era o Padre Jozeph Vaz, foy a este facil alcançar sua licença para passar a Ceylão, a titulo de pobre que hia mendigar o sustento. Quando o Padre Jozeph Vaz se apprezentou ao castelão novo, foy com o disfarce do camizote da esmola, debayxo do qual levava atados ao corpo os aparelhos da missa. E desta sorte enfardelado se embarcou com o seo João confiado unicamente em Deos, cujo negocio hia tratar. Achou na mesma embarcação hum Portuguez, que com boa vontade se offereceo de <ser> sua guia em Jafanapatão, para onde navegavão e que o encaminharia a caza de hum catholico, aonde assistisse com cautela necessaria e se goardasse de cahir nas maons dos hereges.

146. Sahida do porto de Tutucurim a embarcação e a poucas legoas andadas, descarregou huma furioza tempestade de ventos contrarios, os quaes cre[s]cendo cada vez mais e continuando de hum dia para o outro prolongarão tanto a viagem que o curso que, quando mais vagaroso se fazia em três ou quatro dias, custou vinte; e no fim delles, não podendo tomar o porto de Jafana, foy cahir o barquinho na Ilha de Manar.<sup>99</sup> As fomes e sedes que padeceo o nosso apostolico varão nestes vinte dias erão bastantes para consumir os da sua vida, porque como não levava provisão alguma para o sustento e hia unicamente estribado na Divina Providencia, esperando alimentar-se com a esmola, que na embarcação lhe dessem. E os marinyros, que havião de ser seos esmoleres, computando o curso ordinario da viagem, levavão viveres que abrangessem para huma semana. Ao sexto ou septimo dia da navegação lhe faltou o subsidio da esmola, e dahi por diante the desembarcar em Manar não comeo nem bebo o Padre Jozeph Vás. Por differen // [p. 79]te modo era elle o Jonas desta tempestade em que foy o mais penalizado. A tempestade do mar de Tarso mandou Deos para castigar a desobediencia com que Jonas fogia de pregar em Ninive. A tempestade do Mar da Pescaria, sem duvida, moverão os demonios para impedirem a pregação que o nosso missionario havia de fazer em Ceylão, permitindo-o assina o mesmo Deos, para que sendo tão gloriozo como santo o motivo da sua navegação fosse tanto mais illustre o seo triunfo e tanto mayor a sua vitoria quanto mais excessivos os trabalhos que padecesse, mais arriscados os conflictos em que contendesse e mais poderozos os inimigos que desbaratasse e vencesse.

147. He Manar huma peninsula que jaz ao Nordeste de Ceylão, tem de circunferencia quatorze legoas e hé celebrada com o titulo da Ilha dos

<sup>99</sup> Em 9° 02' lat. N e 79° 50' long. E., junto à de Ceilão.

Martires por seiscentos que a santificarão com o seu sangue derramado pela fe de Christo, como direy ao diante. Dezembarcou nesta ilha o Padre Jozeph <Vaz> quazi morto de fome e, para ser mayor o seo desemparo em terra totalmente extranha, lhe faltou a prometida guia do Portuguez que tomou outro rumo. Aqui só com Deos e com o seu fiel companheyro João, sem consolação alguma humana, antes com muytos sobresaltos e temores que não podião faltar no dominio dos Holandezes, inimigos da fe catholica, passou os dias necessarios para tomar algum alento com o sustento que pedia por esmola. Tanto porem, que<sup>100</sup> se sentio com forças para andar, procurou de passar a Jafana, porque tudo que não era beneficiar ao proximo, lhe parecia tempo ociozo e perdido.

148. Jafana he outra península que fica ao Norte de Ceylão, tem de comprimento de Leste a Oeste oito legoas; quatro e meya de largura e de circuito quazi vinte e huma.<sup>101</sup> Chegado a ella o Veneravel Jozeph Vaz correo muytas portas thé achar na piedade de huma mulher a permissão de pernoytar em hum portal, apartado de suas cazas, aonde se accomodou com grande consolação de seu espirito, por encontrar tempo e lugar de imitar de algum modo ao divino missionario que, depois de experimentar varias repulsas, foy finalmente repouzar em hum pobre prezepio, junto do portal de Belem. Nesta tão desa // [p. 80] brigada paragem quizera estar o servo de Deos todos os dias da sua vida tão costumada a discomodos; mas os trabalhos da viagem de Tutucurym até Manar e as fomes e sedes que nella padeceo lhe descompuzerão os humores de maneyra que o estomago estava quazi perdido; para o que ajudava muyto o grosseyro do sustento, que como era mendigado e sempre chegava frio e duro, fez com que se desconcertasse de todo a natureza e rompesse em huma extraordinaria evacuação, doença muy estranhada naquella ilha.

149. Não sofria mal a caritativa mulher em ficar no mesmo lugar do seu portal o nosso peregrino, mas os vezinhos de nenhuma sorte o <quizerão><sup>102</sup> consentir alli. E porque o enfermo já não podia andar pela muyta debilidade, o tomarão em pezo e o deytarão em parte remota da povoação, exposto a toda a inclemencia do tempo.<sup>103</sup>

<sup>100</sup> Riscado: «[sent?]».

<sup>101</sup> No extremo Norte, abrangendo o porto de Jafna ou Jaffna, em 9° 40' lat. N. e 80° long. E., bem como a parte setentrional da ilha.

<sup>102</sup> Riscado: «querião».

<sup>103</sup> Riscado: «Oh quem dissera aquelles homens, que viria outro tempo, em que este enfermo, a quem elles agora lançavão fora do seo bairro, os havia de recolher dentro de sua caza, para ser enfermeyro universal de todos, carregar nos proprios hombros com os seos cadaveres corruptos, e fetidos, e ser libertador de innumeraveis <vidas>, aquelle que agora era desprezado como se fora o peor dos viventes! Mas deixemos o mundo <obrar> como quem hé; que huma vez, que começou mal, tarde ou nunca se ha de emmendar. Nem extranha quem isto ler o maltratar Deos nosso Senhor com tão successivos trabalhos a hum servo tão fiel, que volun-

150. Ainda foy mayor o trabalho do nosso enfermo por adoeecer o moço João que o acompanhava, o qual, não podendo andar pelas portas, faltou a esmola que conduzia e a ambos o alimento; com o que e com a continua evacuação ficou o Padre Jozeph Vaz tão desfalecido que considerou ser chegada a sua ultima hora // [p. 81] e com grande resignação na divina vontade encommendava nas maons do Creador o seo espirito, não com pequena consolação de morrer tão pobre que do mundo nada possuia, nem o pequeno espaço de terra nua, em que estava deytado; pois era alhea e della o podião lançar fora, como tinhão feyto do portal. Vejão agora<sup>104</sup> os cortezaons celestes este spectaculo de que era indigno o mundo; e por isso tão gloriozo aos olhos do Altissimo, que ao barro fragil da carne humana subministrou tanta fortaleza que o fez mais incontrastavel que o bronze. Acazo a minha carne hé de bronze (dizia Job) para poder lidar com tantas miserias e afflicçoens? Mas que bronze há que ferido não faça som? Porem o nosso pacientissimo Jozeph soffreo aquellas immensas angustias, sem se lhe ouvir a menor queixa do que sentia e padecia; como se na fortaleza vencesse ao bronze a sua carne, porque era de mais fino metal o seo espirito.

151. Estando pois neste lastimozo estado, como a mão de Deos nunca mortificou aos seus servos, que logo os não vivificasse e aos mayores santos, assim como permite mayores tentaçoes, assim tãobem assiste com mais prompts e efficazes soccorros depois de mortificada, tentada e provada <com tão penoza tribulação> a paciencia do Padre Jozeph Vás, acodio a bondade divina com prompto remedio, dando-lhe saude milagroza sem medicamento algum mais que hum caldo de arroz, que na India chamamos canja, de tenuissima sustancia; o qual huma mulher que acazo passava pelo lugar aonde ficava deytado, compadecida de o ver sobre a terra nua, torrado com o sol de dia, de noyte regelado com o frio e morrendo de fome, lho administrou por alguns dias. Conseguida deste modo a saude, rendeo a Deos as devidas graças por tão extraordinario favor e começou a buscar meynos de se manifestar aos catholicos, para dar principio ao seu apostolico ministerio. Deixemo-lo agora neste estado, para vermos o que entretanto passava no nosso Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres. // [p. 82]

tariamente se offerencia a fazer por seo amor os mayores extremos; porque assim costuma Deos purificar na terra as almas, que ha de sublimar na gloria. Donde terão entendido os delicados, e deliciosos do mundo, quão longe estão do caminho da salvação, o qual sendo semeado de espinhos, e abrolhos, claro está, que o não andão os que vagão luxuriando nos amenos prados dos deleytes mundanos».

<sup>104</sup> Riscado: «[este spectaculo]».

*Capitulo Decimo Quinto*  
*Recebem e começam a observar os congregados de Goa os estatutos*  
*e regras do Oratorio de Lixboa, remetidos pelo veneravel fundador*  
*Padre Bartholameo do Quental*  
 Anno 1687

152. Em Setembro deste anno entrarão nesta Congregação todos os bens com a carta da letra e sinal (que goardamos como precioza reliquia) de nosso veneravel Padre Bartholameo do Quental, juntamente com os estatutos do seo Oratorio de Lixboa que lhe forão pedidos. Tão boa sorte tivemos desde os nossos principios de sermos educados com a doutrina e conselhos e protegidos com o patrocínio deste insigne heróe, em cujas amorozas entrinhas achou tanto lugar esta minima Congregação que, logo que recebo a sua primeyra carta, a concebeo por sua amada filha, prevenindo-se (sem duvida com luz profetica) para padecer as dores que lhe havia de custar o parto della. Porque não só segurou assistir com o seu favor a tudo que fosse do augmento desta planta que de sua mão recebia novo ser, mas juntamente a animava para tolerar com constancia as tempestades de contradicções, que ao futuro havia de experimentar; as quaes elle ja começava a sentir porque, sendo tão familiar a Deos e dotado de lume profetico, não podião deixar de lhe ser reveladas as que o inimigo commum hia traçando contra esta Congregação. E como já via aos filhos della com olhos e affecto de pay, não perdoou seo amor à diligencia que entendesse necessaria para se porem em praxe os estatutos que mandava.

153. Primeyramente fez varias advertencias em algumas dispoziçoens e regras para os nossos padres as conservarem // [p. 83] ou mudarem, conforme mais se ajustassem ao nosso terreno. Em segundo lugar, dezejando que esta Congregação cre[s]cesse em espirito da perfeição christam na observancia dos estatutos que lhe mandava, e entendendo que o bom successo dos seos principios dependia do favor e aprovação do ordinario, recomendou muyto este negocio ao novo arcebispo, que na mesma monção vinha a Goa, o Illustrissimo Dom Alberto da Sylva, conego regrante, em cuja mão enviou os mesmos estatutos, para que sendo o conductor delles se movesse a pôr com mais efficacia os meyoos necessarios para a sua boa execução.<sup>105</sup> Tudo consta da mesma carta do nosso Veneravel Padre que, como primeyra demo[n]stração do seo pater[n]al amor, a transcrevo aqui, para perpetuar na memoria dos congregados vindouros a illustre origem de que descendemos e as obrigaçoens com que na[s]cemos de imitar a tão santo heróe. Dizia pois a carta.

Com muyta consolação de minha alma li a carta de Vossa Reverencia

<sup>105</sup> D. Alberto da Silva, o 15.º arcebispo de Goa, tomou posse em 24 de Setembro de 1687; estabeleceu à sua custa a Congregação de S. Filipe Neri na igreja da Santa Cruz dos Milagres. Também as câmaras das Ilhas, Bardez e Salsete concorreram para a construção do convento com 50 mil xerafins. Foi autor do Sermão da Beatificação de S. Pio V. Cf. *Memória Histórico-Eclesiástica*, já cit., p. 119.

muyto reverendo, de nove de Janeyro de mil seiscentos oytenta e seis, por ver nella o devido animo com que Vossa Reverencia e os mais padres seus companheyros dezejão dedicar-se a Deos nosso Senhor e, como para esse efeyto querem tomar por protector a nosso santo patriarcha São Felippe Neri e goardar os estatutos desta nossa Congregação do Oratorio de Lixboa, não podia eu faltar em ajudar tão santos intentos; para esse efeyto vão os estatutos e regras com as declaraçoens, que ao pé delles e dellas fiz de minha letra e sinal e por isso o não repito nesta carta; e a essem<sup>106</sup> (*sic*) fim tenho fallado ao senhor arcebispo, que agora vay. E quando nelles seja necessaria alguma mudança ou modificação a juizo de Vossas Reverencias, elle o podera fazer na sua provizão, como for mais serviço de Deos nosso Senhor e bem dessa caza, como prelado, que leva tanto zelo de seu officio pastoral. E quando Vossas Reverencias se não contentem destes estatutos, poderão procurar os da Congregação do Oratorio de Roma, parecendo-lhes mais convenientes que nos os não tomamos pelas razoens que digo na minha declaração. Deos nosso Senhor disponha tudo a sua mayor gloria e santo serviço. E se eu prestar para mais alguma couza do serviço dessa caza, o farey com muyto boa vontade.<sup>107</sup> Ao Mui Reverendo Padre Dom Antonino Vintemilha encommendo certo negocio, se Vossa Reverencia o puder nelle ajudar, me fará // [p. 84] muyta charidade e serviço a Deos nosso Senhor, que guarde a Vossa Reverencia e aos mais padres com muyto do seu divino amor e perseverança em tão santa empreza e valor para soportar as tormentas que o demonio costuma levantar contra as obras do serviço do Senhor e proveito das almas, posto que sempre fica vencido, se insistimos fundados nos auxilios da divina graça. Lixboa 12 de Março de 1687. De Vossa Reverencia servo inutil Bartholameo do Quental

154. Esta carta com os estatutos entregou aos nossos padres o Illustrissimo Arcebispo Primaz, Dom Alberto da Sylva, com grandes promessas de promover todo o augmento desta caza, que consistia em primeyro lugar na provizão da erecção da Congregação e da aprovação dos novos estatutos. E, lembrado do empenho que tinha de satisfazer à recommendação do nosso veneravel fundador, havia de cumprir tudo inteiramente, se não fossem tão breves os dias que viveo nesta Primazia. Porque nos primeyros mezes da sua chegada, occupado nos negocios da mitra e na expedição da monção das naos, que em Janeyro de mil seiscentos oytenta e oyto partirão deste Estado para Portugal, não teve tempo para o dar a outras diligencias. Logo entrou em enfermidades, com que athe para despachos ordinarios estava incapaz e corria todo o governo por mãos do seu vigario geral. Neste tempo mandou ao nosso Padre Jozeph de Menezes por vigario da igreja de Calianapor, na missão do Canara, com provizão passada em nove de Abril de mil seiscentos oitenta e oyto; e antes de integrar hum anno de governo da sua dioceze, com-

<sup>106</sup> Entenda-se: «esse».

<sup>107</sup> No original, à margem do fólio e seguintes: Anno 1688.

pletou o curso e a medida da sua vida, deyxando em vão as esperanças que esta Congregação nelle fundara dos seos augmentos.<sup>108</sup>

<sup>109</sup>155. Ainda restava a esta Congregação muyto e largo tempo de estar em trevas; por isso apenas lhe na[s]ceo o sol que logo lhe morreo no mesmo Oriente. As esperanças tão bem fundadas se baldarão; <sup>110</sup>as diligencias que parecião efficazes não sortirão effeyto; e quando os congregados cuydavam estar firme e estabellecida a Congregação com a chegada do arcebispo novo que vinha tão empenhado a favorece-la, então se acharão mais desmedrados e a Congregação agonizando, ja nos ultimos arrancos. Porque, com a partida do Padre Jozeph de Me // [p. 85] nezes para a missão do Canará, demenuio-se o numero dos congregados e dos tres ficarão somente dous no recolhimento, quaes erão o Padre Custodio Leytão e o Irmão Bernardo Coutinho. Com qualquer desvio de hum destes dous, como poderia subsistir a Congregação. A solidão do lugar, a inclemencia do sitio, a escaceza do agazalho, a pobreza da caza e a austeridade da vida fazião carranca tão medonha que todos lhe fogião, huns de longe só com a noticia, outros em breves dias da experiencia; sem haver quem se rezolvesse constantemente a fazer firme companhia aos nossos dous congregados. Muytas vezes as doenças obrigavão ao Irmão Bernardo Coutinho <a> hir convale[s]cer na caza dos seos irmãos em Margão. E ficava o Padre Custodio Leytão tão só que socedia faltar-lhe ajudante para a missa e se via obrigado a busca-lo fora da caza.

<sup>111</sup>156. Neste estado estive o nosso Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, perto de dous annos, quasi vazio; mas nem por isso erão vazios os dias que passavão os poucos que nelle moravão, porque o Padre Custodio Leytão, ou acompanhado, ou só, goardou quanto era possivel naquella solidão e soledade os novos estatutos. E quanto mais só os exercitava, tanto era mayor a sua perfeção nos olhos de Deos, a quem só tinha presente. Se este venerando padre não foy o nosso Adão, foy sem duvida o nosso Noe; porque na incontrastavel arca da sua firme e constante perseverança conservou e goardou as reliquias desta Congregação, não bastando para o afogar tantos diluvios de contradicções athe agora experimentadas e ao diante padecidas e todas com invicta fortaleza toleradas, sem faltar a sua vocação, sem retroceder o pé, nem deixar o posto, que huma vez avançara. Dizia Santa Thereza de Jesus que com hum frade e meyo fundara ella a reforma da sua descalcez carmelitana. Menos fundamento teve esta caza, porque o Padre Custodio Leytão era hum e o irmão Bernardo, como leygo de profissão, nem valia por a metade para os empregos do Oratorio e menos nos olhos do mundo, ainda que no virtuozo procedimento da sua vida aos olhos de Deos foy varão

<sup>108</sup> D. Alberto da Silva ou de S. Gonçalo governou a arquidiocese de Goa apenas por um ano, de 1687 a 1688.

<sup>109</sup> Riscado: «q».

<sup>110</sup> Riscado: «q».

<sup>111</sup> Riscado: «161».

inteyro e perfeyto, // [p. 86] como se dirá em lugar competente. Mas se estes dous sogeitos erão poucos no Recolhimento da Congregação, hum só Padre Jozeph Vaz, em Ceylão, bastava para encher o mundo todo com a fama da heroyca empreza da sua ardua missão. Em Jafana, aonde o deyxamos, o acharemos no[s] capitulo[s] seguintes.

*Capitulo Decimo Sexto*

*Descobre-se o Veneravel Jozeph Vás aos christaons de Jafana, pratica o exercicio da missão entre os catholicos e só com o exemplo da sua vida converte a muytos pagaons e hereges*  
Anno 1688

<sup>112</sup>157. Convalescido da enfermidade em que o Padre Jozeph Vaz chegou ao ultimo perigo, de que o livrou Deos milagrozamente, começou logo com a diligencia de se descobrir aos catholicos, sem ser conhecido dos hereges. Como huns e outros vivião mistos, não era facil discernir o trigo da zizania, nem era conveniente perguntar quaes fossem estes, e quaes aquelles? Nesta perplexidade occorreo-lhe por divino instinto o meyo de correr pelas ruas da cidade e observar as açoens dos seus moradores, porque por ellas conheceria melhor a religião que cada hum seguia. Assim o fez por muytos dias, não sem grande fruto que colhia o seo espirito em cada passeio, porque o vestido desprezível e o roزاری da Santissima Virgem Mãe de Deos, que sempre trazia ao pescoço, erão sinaes por onde os hereges o conhecerão por catholico estrangeyro; e como inimigos da piedade e religião romana, o enchião de escarneos e zombarias. Muytas vezes passando de palavras a obras puxavão pelo pobre camizote, arremessando e empurrando ao nosso mendigo de huma parte para a outra, feyto péla de jogo nas mãons daquelles impios. E o servo de Deos soffria com invicta constancia tão pezados ludibrios e recebia com grande gozo os empurroens, porque com elles se arremessava melhor o seo espirito de terra para o ceo, como centro, para onde sempre correo impetuozo. // [p. 87]

<sup>113</sup>158. Com continuadas observaçoens que fez, mendigando muytas vezes pelas portas, demarcou algumas cazas que pelo trato e sinaes julgou certamente serem de catholicos. E entre elles, o que lhe pareceo de melhores procedimentos, frequentou a sua a titulo de mendigo, thé que a mesma frequencia facilitasse a confiança de manter alguma pratica honesta entre agradecimentos da esmola. Em huma occazião que fallava mais de espaço com o seu esmoler, lhe perguntou se folgaria de achar algum sacerdote catholico para receber da sua mão os sacramentos? Respondeo o bom homem com

<sup>112</sup> Riscado: «162».

<sup>113</sup> Riscado: «163».

profundo suspiro que não merecia a Deos tamanha mizericordia. Com este seguro continuava o Veneravel Padre à mesma caza e como já entrava com familiaridade e sempre as suas praticas erão de Deos e de materias espirituas, reparando nellas e na modestia e compostura de suas açoens, entrou o dono da caza em sospeyta de que o mesmo pobre fosse sacerdote disfarçado. Chegarão neste tempo a Jafana noticias, communicadas em segredo pelos padres da Companhia de Jesus, missionarios da Costa da Pescaria, da partida do Padre Jozeph Vaz em disfarce de pobre escravo; com o que se accenderão mais as ancias daquelle catholico que, com vivos dezejões de descobrir o thezouro que andava escondido, communicou essas noticias a outro catholico, pessoa muyto pia, que servia hum cargo honroso entre Holandezes, referindo-lhe juntamente ter conhecido a hum estrangeyro mendigo, em cujo vestido e modestia achava os mesmos sinaes que davão os religiosos jesuitas do sacerdote que andava disfarçado em Jafana. Este segundo catholico buscou de propozito ao nosso missionario e lhe fallou que, se era sacerdote, como parecia em seu exemplar procedimento, se declarasse e consolasse aos poucos fieis que, entre tantos hereges, vivião naquella tera, summamente afflictos por falta de sacramentos. Que do temor dos Holandezes estivesse seguro, porque o goardaria em sua caza com toda a cautela e segredo.

<sup>114</sup>159. Passavão <mais> de trinta annos, em que depois de senhoreadas do Holandez as Ilhas de Jafana e Ceylão, não tinhão visto os catholicos que nellas habitavão, sacerdote que lhes administrasse pasto espiritual. // [p. 88] E sendo o Padre Jozeph Vaz requerido por aquelle bom christão, achou ser sezão conveniente à gloria de Deos e ao bem daquellas almas manifestar-se a ellas, como pedião. Com inexplicavel gozo do seu coração se declarou o servo do Senhor e em testemunho de ser sacerdote mostrou a patente de vigario da vara de Mangalor, prevenida para não duvidarem do seu character. O gozo que tiverão aquellas ovelhas por acharem o pastor não esperado e a alegria deste pastor por ser conhecido daquellas ovelhas, por cujo amor peregrinava de tão longe, exposto a continuos perigos, thé ver-se em ultimo trance da vida, não cabe na minha ponderação. Mas porque nesta vida não há gosto sem pezar, ainda que naquelle cazo o pezar não agoou o gosto, comtudo contenderão fortemente o prazer e o temor. O prazer de acharem aquelles christaons o sacerdote que tanto dezejavão; o temor era de que se soubessem os hereges da estada do missionario em Jafana, corrião muyto <sup>115</sup><perigo> assym elle, como toda a christandade. Porem, como Deos era o principal author desta obra, deo luz e meyo para se socegar tudo com paz de todos.

160. Tanto que o Veneravel Jozeph Vaz se declarou a aquelle bom christão, logo o levou elle a sua caza e nella o teve escondido, emquanto toda a sua familia, parentela e vezinhança recebessem os sacramentos, fazendo-se

<sup>114</sup> Riscado: «164».

<sup>115</sup> Riscado: «risco».

só no silencio e sombra da noyte estes actos; mas com tanta compuncção, devoção e lagrimas daquelles catholicos, que era espectaculo muyto gloriozo para o Altissimo. Accabada esta primeyra funcção, para estar o missionario livre do perigo, que se temia de ser conhecido dos Holandezes, mandou aquelle bom homem avizo aos christãos de Sillala e lhes entregou o Padre Jozeph Vaz, para que se aproveitassem da sua companhia e no retiro daquella aldea o goardassem com toda a cautela. Hé Sillala aldea da mesma Jafana, assás apartada da colonia dos Holandezes, aonde se conserva the o presente huma ermida fabricada no dominio luzitano; e pela constancia e pureza da fé dos sillalenses se chama em lingoa payzana China Roma, isto hé, Roma pequena. Costumavão os sillalenses em falta de sacerdotes governar-se pelos mordomos que cada certo tempo elegião, para os instruir na doutrina christã // [p. 89] tam, decidir seus pleytos, rezolver suas duvidas e tãobem corregir os erros e ignorancias. A hum destes mordomos esteve sugeito o nosso padre, sendo necessaria esta subordinação, por não saber os estylos da terra, nem conhecer, quaes fossem os fieis, pra se declarar com elles, e quaes os hereges, para se disfarçar.

161. Não se pode explicar com quanta consolação assistia o Padre Jozeph Vaz entre os christãos de Sillala, pelos achar tão constantes e puros na fé, que vivendo largos tempos sem sacerdotes, nem sacramentos, cercados da gentildade e perseguidos da heregia, não se allucinarão com os erros desta, nem se contaminarão com as superstiçoens daquella. O modo como esteve o servo de Deos entre elles, foy obedecendo inteiramente ao mordomo, sahindo e entrando onde e quando elle ordenasse, fallando e administrando os sacramentos, a quem elle concedesse. Athe para celebrar o santo sacrificio da missa seguia a direcção do seu mordomo a tempo e hora que elle permitia. E sendo que este exercicio da obediencia era muyto do seu agrado; comtudo, não poucas vezes padecia o seo espirito grandes afflicçoens, quando o mordomo, por não saber o pezo das necessidades espirituas, negava licenças em prejuizo das almas. E era agudo tormento ao nosso missionario ver perecendo os proximos e asi impedido para lhes acodir com o remedio. Mas em semelhantes cazos não reparava parecer importuno, reforçando empenhos e applicando as possiveis diligencias para capacitar ao mordomo e haver seu beneplacito, sem o qual nada obrava; porque tãobem sabia fazer devido a preço da virtude da obediencia.

162. De Sillale vizitava de quando em quando aos christãos de Jafana e tãobem missionava pelas aldeas do certão, em que vivião dispersos alguns fieis, andando de huma à outra em tempo nocturno, por lamaças e lugares semeados de espinhos, que muyto lhe martirizavão os pés sempre nús. Socedia as vezes noytes inteyras passar em marcha; porque os guias, temendo que fosse presentido dos hereges, fogião de estradas publicas e breves, e o guiavão por rodeos dos mattos cerrados, fazendo andar duas e tres legoas,

para vencer caminho de huma milha.<sup>116</sup> Nas aldeas e lugares aonde os christãos vivião na vezinhança dos gentios, passava o dia escondido em cazinhas tão escuras, como se estivera prezo na en // [p. 90] xovia, com advertencia de não escarrar, nem fazer ruido algum, por onde fosse presentida a sua reclusão naquelle tenebrozo carcere. E só de noyte fazia os exercicios da missão.

163. No meyo de tantas trevas começou o veneravel missionario lançar tão claros resplandores de suas illustres virtudes que, mais com o exemplo da sua admiravel vida, do que com a efficacia de suas palavras, converteo muytas almas não só de catholicos peccadores à penitencia, mas tãobem de hereges e gentios à verdadeyra religião. Resplandecião as suas virtudes no meyo das trevas do gentilismo e heregia, como estrellas de noyte. Tres, porem, sobrepujavão às mais nos olhos daquella gente; quaes erão a pobreza voluntaria, com que desprezava tanto os lucros temporaes que não só não os procurava, nem só os não aceytava; mas nem tocava no dinheyro com a sua mão. E sendo importunado a receber alguma esmola, a mandava entregar ao mordomo ou a qualquer outro que estivesse na sua companhia, para que logo a distribuisse pelos pobres. A modestia e compostura de suas acçoens tão recatada que não levantava os olhos da terra, especialmente quando tratava com mulheres no confissionario. A sua abstinencia tão rara que nunca pedia de comer; e do que lhe punhão a meza comia o mais grosseyro em quantidade limitada, sem nunca mostrar mais appetite deste do que d[e] outro manjar. Ainda quando a piedade daquelles christãos porfiava em saber de que igoaria gostaria mais para lha ministrarem, nunca se declarou; antes com a mesma boa vontade comia o melhor guizado, do que o totalmente insipido.

164. Estas singulares acçoens se não puderão occultar, ainda que o Padre Jozeph Vaz andasse sempre disfarçado e escondido; porque passados os primeyros soçobros dos catholicos por discurso de dous annos que entre elles vivia, communicando os mesmos aos gentios e hereges, seus confidentes e vezinhos, virtudes tão excellentes se di[v]ulgarão de boca em boca entre aquelles que preordenou Deos trazer ao conhecimento das verdades da catholica crença por meyo deste apostolico varão. Foy tão efficaz a vida do Padre Jozeph Vaz em atrahir // [p. 91] os coraçãoes, que os gentios, que são materiaes, se admiravão do seu desinteresse e por elle fazendo distincção dos sacerdotes da sua falsa seyta, conhecião que a diligencia destes se ordena toda à ambição, que mais procurão saciar, do que estabelecer a ley que ensinão; mostrando claramente nas suas obras que o fim do seo errado dogma hé unicamente a conveniencia dos dogmetistas. Os hereges applaudião neste servo de Deos a sua abstinencia e castidade, que no juizo daquelles carnaes e glotoens, que só cuydão em comer, beber e regalar o corpo em todos os appetites brutaes, resplandecião mais do que saberey exagerar.

<sup>116</sup> No original, à margem do fólio e seguintes: Anno 1689.

Finalmente os catholicos pasmados da pureza, modestia e santa conversação de tão venerando sacerdote, todos se compungião e se edificavão todos, huns abraçando a fé, outros a penitencia.

165. Grande foy o numero de gentios e hereges que em cada lugar e aldea de Jafana, aonde chegava este missionario, o buscavão para serem cathequizados e instruidos na nossa santa religião. Abominavão os gentios a ambição dos seus sacerdotes idolatras e os hereges a carnalidade dos seus domines e predicantes, movidos não tanto com os argumentos e disputas, quanto com a muda pregação das virtudes que admiravão em o veneravel servo de Deos, infirindo da pureza deste seu ministro a verdade da ley que ensinava; e com o mesmo lume da razão, conhecendo que não pode deixar de ser santa a ley que faz virtuosos aos que a professão; assim como, sem duvida, hé boa a arvore que dá bons frutos. Se tão doces havia de colher o Padre Jozeph Vaz no pomar de Jafana, bem empregados forão todos aquelles trabalhos, fomes, sedes, enfermidades e perigos, padecidos no mar e terra para cultivar essas plantas racionaes, cuja medra, augmento e fruto pede especial capitulo.

*Capitulo Decimo Septimo*

*Perseguição dos hereges contra a christandade de Jafana.*

*Martirio gloriozo de Dom Pedro e de seus sete companheyros // [p. 92]*

Anno 1689

166. Por espaço de mais de dous annos, que missionou o Padre Jozeph Vaz em Jafana, cultivou aquella christandade com tanto augmento, que flore[s]cia com o mayor esplendor. As cazas dos catholicos parecião oratorios religiosos, em que se não ouvião mais que louvores de Deos. Os que pouco antes por inducção e temor dos Holandezes seguirão a Luthero e Calvino, abjurarão os seus erros, professavão a religião romana e evitavão o consorcio dos hereges. Muytos gentios, deixadas as trevas da sua falsa crença, andavão na luz da fé. Estava Jafana tão mudada que se desconhecia, pois não parecia senhorio heretico. Em todas as partes, no certão e na cidade, respirava francancias da piedade. Já não reparavão os fieis em trazer rozarios ao pescoço e ter em caza imagens santas para a veneração. Emfim foy tão geral a reforma de todos, que cauzou pasmo e espanto aos preversos sectarios que, não conhecendo que nova cauza produzisse aquelles effeytos, se consumião de rayva por ver baldado o pertinaz empenho, com que tanto solicitarão perverter aquella christandade. Estando pois esta tão florente, como às flores se seguem os frutos e aos frutos a vindima, chegou o tempo de colher <Deos> para si os mais sazoados cachos desta sua amada vinha.

117167. Poucos annos antes que o Padre Jozeph Vaz entrasse em Jafana, esteve nella João Ferreyra, predicante herege, o qual em pequena idade passando de Portugal a Holanda, se desnaturalizou da patria, nação e ley; e criado com o veneno da heregia, estava trocado em tão astuta serpente, que julgando os Holandezes que o seu pestifero halito bastasse para envenenar e extinguir de todo a fe dos catholicos de Ceylão, o conduzirão para esta ilha e suas adjacentes, com titulo de bispo da Costa da Pescaria. Tão feos são os erros da heretica perfidia, que se não atrevem a apparecer em publico sem mascara, com que se disfarcem. Foy infernal esta industria e tão terrivel como perigozo à christandade o assalto que por meyo do fingido bispo intentarão os Holandezes. Porque a dignidade apparente e a nação verdadeyra do bispo falso facilmente poderia capacitar áquelles christãos, tão inclinados ao nomme portugues, como devotos a religião santa que os Portuguezes dilatão neste Oriente; a receberem a heretica crença dos Holandezes, se Deos com especial luz // [p. 93] os não guiara para conhecerem a falsa doutrina do Ferreyra. Trabalhou muyto este impio ministo de Satanás com o mayor empenho de sua maligna astucia em semear a zizania sobre o trigo. Pessoalmente conduzia os rapazes catholicos e para os conciliar à sua escola, lhes fazia mimos de moedas de dinheyro miudo. Aos grandes fallava com carinho, cortezia e paciencia, tratava com elles familiares colloquios, segurava-lhes conveniencias e interesses em nomme da Companhia Holandeza, se seguissem o seu calvinismo. Mas de todo este trabalho colheo por fruto a confuzão propria; porque nos grandes e pequenos achou tanta renitencia em receber os perversos dogmas que ensinava e tanta constancia na fe<sup>118</sup> catholica que professavão, que não respeytando a authoridade do seo bago, lhe descompuzerão a mitra, motejando-o de padre cazado e bispo fingido. Com o que desesperado da empreza intentada se retirou para Batavia na Ilha de Java Mayor, aonde refinou muyto a malicia dos seus naturaes, espalhando huma impressão do catecismo heretico, que trouxera de Holanda, composto por elle mesmo em idioma portuguez em forma de dialogo com o mesmo estilo que nas terras catholicas aprendem os rapazes da escola.

168. Rebatido este assalto pelos christãos de Jafana e vendo os Holandezes que as suas diligencias não só não sortião efeyto pretendido de se extinguir o nomme catholico, mas cada dia cre[s]cia nelles o amor da verdadeyra religião, reduzindo-se a ella muytos dos que estavam pervertidos; e não conhecendo que o Veneravel Jozeph Vaz era o que desterrava aquellas trevas; attribuião tudo aos missionarios da Companhia de Jesus que ficavão na Pescaria, persuadindo-se que algum delles passase disfarçado a Jafana e Ceylão e desse tanto calor aos christaons. Com esta fantasia determinarão levar a fio da espada o que não puderão conseguir com astucias, promessas e dadas do maligno Ferreyra. Mas que conta havião de fazer de ferro os que se não renderão ao ouro?

<sup>117</sup> Riscado: «170».

<sup>118</sup> Riscado: «ch».

169. Henrique Wanrey Holandez obstinado na sua seyta, que com titulo de commissario geral commandava em todas as praças da Pescaria e Ceylão, quiz pessoalmente sahir a campo e perseguir a christandade com a furia em que ardia o seu danado animo. Promulgou em Tutucurym hum edicto prohibindo aos padres da Companhia de Jesus assis // [p. 94]tir nos seus dominios e rezidir nas igrejas que parochiavão na Pescaria, as quaes mandava dezertar em termo de vinte e quatro horas, sob pena de os castigar por traydores à Companhia de Holanda. Mas como<sup>119</sup> os christãos daquella costa tem muyto calor dos regulos vezinhos e com o patrocínio destes facilmente sacodirão os insultos que o herege pertendia; vomitou toda a sua ira contra o pobre rebanho de Jafana, que quazi despoticamente senhoriava.

170. Era mez de Dezembro e na noyte do Natal estavam os christãos congregados em tres cazas com oratorios ornados de festa para nelles o Padre Jozeph Vaz celebrar a missa do ineffavel misterio do na[s]cimento de nosso Redemptor. E porque carecião de sacerdotes que fizessem os officios divinos, os mesmos christãos cantavão o roziario e ladainhas da santissima virgem mãy com outras cançoens devotas, concernentes áquella celebridade. Neste santo exercicio, estando occupados aquelles fieis que pela mayor parte erão bellalas de casta nobre, mandou sobre elles o commisario Wanrey hum trosso de soldados Holandezes e pagãos, capitaneados de Babupaten gentio. Assim se germanarão como filhos do mesmo pay da mentira o paganismo e a heregia contra a piedade catholica. E repartidos aquelles infernaes lobos em varias esquadras demandarão às cazas em que estavam juntas as ovelhas de Christo, adorando o feyto cordeyro na lapa de Belém. Derão sobre ellas de entrepreza. E, executando igoalmente a sua cobiça e ira, despojarão the despirem as mulheres que, como estavam de festa, trazião melhor gala; prenderão e espancarão sem perdoarem a idade, nem sexo; demolirão os oratorios, desacatarão as sagradas imagens, humas com ludibrios, outras com blasfemias, todas fazendo em pedaços. Esta perseguição, que foy a primeyra na ordem de nossa historia, di[v]ulgada por todo o reyno de Jafana, muytos catholicos de distincção intentarão dezertar a terra; mas faltou-lhes tempo e commodidade e pode a diligencia do Wanrey facilmente have-los à mão, excepto o Veneravel Jozeph Vás que, como direy adiante, escapou do furor deste novo Herodes. // [p. 95]

171. Prezos naquella noyte e nos dias seguintes, mais de trezentos catholicos forão apprezentados ao Wanrey, iniquo juiz daquella cauza; o qual mandou logo soltar as mulheres; e dos homens escolhendo os que erão cabeças, que naquella paiz se chamão mudeleares, que val o mesmo que regedores, meteo a oyto em rigorosa prizão. Erão estes os principaes daquella christandade, porque erão mordomos que instruião e govenavão aos mais. Todos os homens forão multados em pena pecuniaria, alguns exterminados; mas os oyto prezos alem da real pagarão tãobem a pessoal, que para ser

<sup>119</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

mais ignominioza, ordenou a impiedade de Wanrey, que fosse de açoytes. Executou-se este tormento em hum com mais crueldade, que noutros, de que resultou morrer como valerozo soldado de Christo, confessando com constancia a verdade da religião catholica romana e exhortando aos mais para perseverarem thé o ultimo instante da vida.

172. Chamava-se Dom Pedro este bem-aventurado homem, o Dom herdou dos pays que ou o merecerão no governo portugues por algum sinalado serviço que fizessem à coroa, como outros muytos naturaes de Ceylão ainda hoje o conservão de pays a filhos; ou porque nos principios da christandade da India, quando os convertidos erão pessoas reaes, ou da primeyra nobreza, no mesmo bautismo se lhes dava o appendiculo de Dom. Por esta, ou aquella razão se chamava Dom Pedro o nosso valerozo martir. Era Bellala<sup>120</sup> de nação, de familia nobre, rico de bens da fortuna herdados e adquiridos. Respeytado entre os Holandezes e muyto mais entre os payzanos. Poucos annos antes de morrer por Christo, o havia deixado, seguindo os erros da heregia por respetos humanos, a que estão mais sogeytos os ricos que os pobres. Porque a riqueza he fomento da cobiça e aonde reynou a avareza, ordinariamente se arruinou a fé, como disse o apostolo. E notou o nosso emminentissimo Baronio na perseguição de Decio em Alexandria, aonde os ricos para não perderem os seus cabedades apostatarão publicamente da fe; mas os pobres confessarão a Christo the a morte.

173. Mas porque esta mudança da ley em Dom Pedro não foy perro do juizo, senão por ambição do seculo, porque sempre alcançava que só na religião catholica romana há verdadeyra salvação, comba // [p. 96]tido do remorso da consciencia que o picava; do exemplo dos parentes catholicos que o confundia; das persuazoens de Manoel da Sylva, excellente cathequista e um dos oytos prezos e açoytados que frequentemente o exortava; e finalmente do zelo do Veneravel Jozeph Vaz que não perdoava à diligenciade reduzir semelhantes ovelhas perdidas, tornou arrependido e contrito ao gremio da igreja, abjurou os erros e se reconciliou com ella. Convertido Dom Pedro, procurava de proceder como fiel servo em desagravo de haver sido filho prodigo; que se cahio huma vez por fragilidade humana, da mesma queda tomou occasião para se levantar com novos brios, mayores alentos para perseverar constante na fé; porque conhecendo a propria miseria, quanto se confundia da facilidade com que foy infiel a Deos, tanto se accendia em vivos dezejos de satisfazer o agravo passado, com a mayor fineza que lhe fosse possivel. O mayor desagravo de huma fé violada são os excessos de huma ardente charidade; porque só o fogo da charidade pode acender a alampada da fé, que assim como sem ella morre, assim tãobem só com ella vive. Como o Padre Jozeph Vas soprava este fogo com o exemplo, com a doutrina e com os sacramentos, se ateou no coração de Dom Pedro tão grande chama, que não

<sup>120</sup> *Belala*: (do tamul *velalar*), indivíduo da carta agrícola, no sul da Índia.

podendo occultar no peyto as suas labaredas, nem bastando para exttinguir os seus ardores as furiozas agoas da perseguição, tormentos, exhalou o espirito e sobio para o seu centro, que hé o ceo, reyno da perfeyta charidade.

174. Por ser Dom Pedro o mais distincto entre os oytos que estavam prezos por cauza da fé e religião romana, converteo o impio commissario Wanrey todo o seu odio contra elle e o mandou açoytar com a mayor deshumanidade, pertendendo que ou negasse a fé, rendido ao rigor do tormento, ou com o temor da crueldade nelle executada descahissem os companheyros da sua constancia. Com a multidão dos açoytes, descarregados com tirana, violencia e sofridos com heroyca paciencia, ficou o corpo todo pizado e aberto em profundas feridas e proximo ao ultimo artigo de expirar. Neste dolorozo estado, prezo em ferros e recluzo no carcere em companhia dos socios, sentindo-se proximo de partir deste valle de lagrimas para o eterno descanso, lhes fallou desta maneyra. // [p. 97]

Bem sabeis (senhores) que sendo eu tão grande peccador que fuy apostata da ley de Deos; pela bondade e misericordia do mesmo Senhor torney como ovelha perdida ao seu rebanho, conhecendo que só na fé catholica romana há salvação. Para assegurar esta não havemos duvidar de perder a vida com todos os mais bens temporaes, que a acompanhão; que em fim o eterno sempre se ha-de antepór ao temporal. Bem sabeis; por isso vo-lo não quero dizer; quem sou eu na qualidade e fazendas. Sendo isto assim, tudo desprezo e tudo deixo, nem duvido dar a vida por aquelle senhor, que deo a sua por mim miseravel peccador. Peço-vos que todos sigais este exemplo; que morrendo pela fé, viveremos sempre com Deos. E de nos, que somos os principaes neste reyno, aprenderão os mais a confessa-la thé o fim sem espanto de tormentos e da mesma morte, que eu já considero vezinha, para hir gozar do premio da bem aventurança que, espero, me dará o misericordiozo Senhor, por cujo amor alegremente a recebo. Tende mão, senhores, não vos fação atrazar estes hereges com seus enganos. Elles seguem o caminho largo, nós o estreito; este nos ensinou Christo, que hé o do ceo e aquelle leva ao inferno.

175. Estas formaes palavras fallou o illustre confessor de Christo, como referio o Padre Andre Freyre da Companhia de Jesus, provincial da provincia do Malavar, o qual dando conta a Dom Miguel de Almeyda, governador do Estado da India,<sup>121</sup> da perseguição que intentou Henrique Wanrey contra a christandade de Tutucurym, relatou de caminho a que executou em Jafana;

<sup>121</sup> D. Miguel de Almeida partiu, em 1669, para o Oriente, para exercer o governo de Diu. Em 1680 foi nomeado conselheiro de Estado e designado para governador de Damão ou de Baçaim, conforme ocorresse a vaga. Abertas as vias de sucessão após a morte de D. Rodrigo da Costa, em 23 de Junho de 1690, figurava como membro do conselho de governo juntamente com o arcebispo D. Alberto da Silva e José de Melo e Castro; como os outros já eram falecidos, foi governador de Goa até 9 de Dezembro de 1691. Cf. *Tratado de todos os Vice-Reis e Governadores da Índia*, já cit., p. 165.

de cuja carta e da de nosso Padre Jozeph Vaz tirey a noticia da glorioza morte de Dom Pedro. Não foy menos heroica a constancia dos seos sete companheyros, aos quaes, depois de os tentar o tirano com a confiscação dos bens, carcere e açoytes, ultimamente os condenou a servirem na fabrica de huma fortaleza, em a qual com braga nos pes carretavão pedras e outros materiaes. E neste martirio, tanto mais gloriozo, quanto mais prolongado, em que perseverarão com invicta paciencia athe a morte, consagrarão as suas vidas a Deos, em obsequio da fe catholica romana, com grande consolação sua e dos mais fieis de // [p. 98] Christo que, edificados com tão vivos exemplos, sofrerão valerosamente a pena que a cada hum coube.

*Capitulo Decimo Oytavo*

*Aumenta-se o numero dos congregados e procurão approvação do prelado ordinario, que lhes da com muytas restricçoens. Recolhe-se da missão do Canará o Padre Jozé de Menezes*

Anno 1690

176. Como o meu empenho hé referir desde raiz os principios e progressos da nossa Congregação não hey-de omittir a menor circumstancia concernente a este propozito; mayormente tudo o que foy pequenez, abatimento e adversidade, para que conste aos vindouros o muyto que devemos à divina piedade pela especial manutenencia, com que conservou e augmentou esta pequena grey contra toda a esperança humana e no meyo de muytas adversidades mundanas. No anno de mil seiscentos e noventa contava esta Congregação sete filhos vivos. Dous Jozés que andavão nas missoens; o Veneravel Vaz na de Ceylão; e o Menezes na do Canará. O Padre Custodio Leytão e o Irmão Bernardo Coutinho que goardavão a caza, como filhos morgados. O Padre João de Moura, que entrara em Dezembro proximo passado e os Irmãos Diogo João e Gabriel de Saá clerigos menoristas entrados em Fevreyro e Setembro deste anno. Como a may apenas contava oytos de idade, para rapariga tão moça não erão poucos sete filhos vivos, alem de hum fallecido, que foy o Padre Jeremias.

177. Mas porque o aumento das familias monasticas não consiste na multiplicidade dos corpos, senão na qualidade dos espiritos; porque muytos corpos dilatarão a descendencia; mas sem bons espiritos não pode augmentar-se a gloria. Dezejando os nossos congregados cre[s]cer nas virtudes, assim como se vião cre[s]cidos no numero e, conhecendo quanto importava para este fim ser a Congregação canonicamente erecta e os seos estatutos approvados pelo ordinario, reccorrerão ao prelado que era então o Illustrissimo Dom <Frey> Pedro da Sylva, da Ordem dos Eremitas de Santo // [p. 99] Agostinho que, vindo de Portugal a India por bispo de Cochim e achando a sé primacial de Goa vacante por fallecimento do illustrissimo Arcebispo Dom Alberto da Sylva, antes de tomar posse do seu bispado de Cochim entrou no

governo do arcebispado de Goa, que lhe pertencia por bulas apostolicas.<sup>122</sup> Supplicarão a este prelado os nossos padres provizão, que lhes era necessaria da erecção da Congregação para a sua firmeza e da approvação dos estatutos do Veneravel Padre Quental, para os observarem dentro e fora da clauzura com proveyto seu e dos proximos. Documentavão a justiça deste requerimento, allegando os exemplos de tantos prelados ordinarios, que os approvarão e dos summos pontifices que os confirmarão para tantas congregaçoes quantas the então havia em Portugal. E só continhão tres clauzulas de mais, que accrescentou o fervor de nossos primitivos. Era a primeyra a obrigação do officio divino em coro. A segunda hum voto de permanecer na clauzura. A terceyra pregar fora da caza no Advento, Quaresma e actos da penitencia.

<sup>123</sup>178. Remeteo o Illustrissimo Bispo a nossa supplica e os estatutos com o seu accrescentamento ao Reverendo Padre Mestre Francisco Simoens da Companhia de Jesus, Reytor então do Collegio de Rachol e sempre religioso observantissimo, o qual ponderando a debilidade da gente natural e a inclemencia do clima, que não permite muytos apertos aos corpos mais robustos, demenuio algumas penitencias de jejuns e disciplinas e meya hora da oração de manha, com parte dos nove dias dos exercicios annuos, determinando só sinco; e talvez movido do muyto affecto que mostrava a esta Congregação, do que fundado nos merecimentos della, deo a informação seguinte. Obedecendo ao despacho de Vossa Senhoria li os estatutos da Congregação dos clerigos do Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, que se pertende erigir nesta Cidade de Goa; e que eu há muyto tempo, dezejo ver erigida, por me persuadir que se estes reverendos padres se unirem e conservarem no modo de vida que pertendem, poderão ao diante ser de muyto prestimo, assim para a reforma dos costumes dos seus naturaes, como tãobem para a conversão dos gentios, para a qual tem muytas qualidades que lhes facilitarão as emprezas das missoens, nas quaes poderão entrar e viver livre- // [p. 100] mente; pois os ajudão as cores, o idioma, os costumes e o genio semelhante ao daquelles, com quem hão-de tratar. Por esta cauza e tãobem para que os naturaes destas terras, que deveras se rezolverem a deixar o mundo e servir a Deos, tenham lugar e companhia para o poderem fazer, me parece obra digna de que Vossa Senhoria e os mais a quem tocar, a amparem, promovão e favoreção, para que se leve ao fim, aonde não tem chegado, por athé agora não terem hum braço poderoso, que lhes desse mão.

<sup>124</sup>179. Alem desta informação de tanto abono chegou o Padre Mestre Francisco Simoens fallar ao Illustrissimo Bispo e propor-lhe outras razoens, bastantes para o inclinar ao bom despacho de nosso requerimento, do qual

<sup>122</sup> D. Frei Pedro da Silva, chegado a Goa em Setembro ou Outubro de 1689, governou a arquidiocese por um ano e meio, até à sua morte ocorrida a 15 de Março de 1691. Cf. *Memória Histórico-Eclesiastica...*, p. 97.

<sup>123</sup> Riscado: «183».

<sup>124</sup> Riscado: «184».

dependia tanto o augmento spiritual e temporal da Congregação, porque sem a pertendida provizão se não rezolvião a entrar nella muytos sogeytos, que querião congrega-se; nem podião os nossos buscar as esmolas, que necessitavão para a fabrica do convento e para o patrimonio delle. Parece que bastavão estes motivos de tanta gloria de Deos, vistos e experimentados occularmente, para se não dilatar a provizão requerida? Mas não pareceo assim ao Illustrissimo Bispo, o qual não se satisfazendo com o parecer do Padre Mestre Simoens e de suas informaçoes vocaes, sahio com varias duvidas sobre a sua jur[is]dição ordinaria, querendo que as principaes dispozições interiores da Congregação dependessem immediatamente do seo oraculo episcopal, negando aos congregados voto decisivo nas eleyções dos superiores e officiaes domesticos e outras couzas tão duras de se sofrer, que nas confrarias leigas de homens illiterados ainda se não ouvirão; porque dizia o senhor bispo, que do contrario ficavão os congregados izentos da sua jur[is]dição.

180. Não deixão os nossos padres de applicar diligencias para este prelado ceder da opinião em que estava; o qual depois de varias propostas e conferencias rezolveo finalmente que approvaria os estatutos e mandaria passar a provizão da erecção com as seguintes duas condiçoens. A primeyra, que os missionarios para Ceylão e outras partes havião de ser escolhidos e mandados pelo ordinario e só // [p. 101] com licença sua recolhidos à clauzura. A segunda, que se não farião as eleyções sem assistencia do ordinario, o qual só teria nellas voto decisivo e os congregados somente consultivo; ou ao menos que proporia o ordinario para cada officio tres sogeytos, que lhe parecesse, dos quaes os congregados escolhessem por mais votos. E quando esta forma se não pudesse praticar na eleyção dos officios subalternos, havia de ser infallivel na do prepozito da Congregação, que então chamavão perfeyto. Com estas condiçoens somente e não de outra maneyra queria o Illustrissimo Bispo governador passar a provizão requerida, rematando que o fazia assim para evitar a censura dos arcebispos proprietarios, que lhe havião de soceder; e não por ambição de ampliar a sua jur[is]dição, porque de sua parte tinha tão pouca inclinação nessas condiçoens, que estimaria muyto que sem ellas fosse a Congregação confirmada pela se apostolica. Mas não reparou este prelado que os arcebispos e bispos de Portugal, não servintuarios, mas muyto proprietarios e os summos pontifices havião approvado e confirmado estes estatutos sem condiçoens tão restrictivas, o que era bastante para não temer a imaginada censura dos seus sucessores.

181. He certo que nenhuma conveniencia pertendia o Illustrissimo Bispo de Cochym nessas duas condiçoens, em que estava tão firme; porque o seu governo havia de durar pouco emquanto chegasse o arcebispo novo, que não podia tardar muito; e ainda antes de chegar este, chegou elle ao ultimo termo da sua vida, fallecendo no mesmo governo. Mas havia então nesta cidade hum capitular da sé primacial, o qual só por antipatia natural aos bramanes, se entremeteo a descompor a nossa pertença. Era homem

respeytado e ao diante veo a ser vigario geral deste arcebispado, permittindo assim Deos, talvez para mayor merecimento dos congregados, para que tivessem nelle quem os colafizasse com muytas desattençoens e injurias publicas. Este bom homem; porque homens que nos dão occazião para o exercicio da paciencia, são muytos bons para nós; pois nos ajudão para conseguirmos o mayor bem; foy o que tanto torceo a boa inclinação do Illustrissimo Bispo e tãoobem a do Illustrissimo Arcebispo que lhe socedeo, como se dirá abayxo. E não foy elle só; mas outros muytos de differente profissão // [p. 102] que não convem nomear; que para promover o bem nunca houve no mundo tanto séquito, como para persegui-lo.<sup>125</sup>

182. O nosso Padre Custodio Leytão, ou por não ter experiência dos inconvenientes que das duas condições do Illustrissimo Bispo podião rezultar; ou porque d[e] outra sorte não podia alcançar delle couza de proveyto; veo a condescender nellas, com o pretexto de seguir caminho acertado, que hé o da obediencia, que a seu bom juizo era o que unicamente intentava o Illustrissimo Bispo; e para se expedir a provizão requerida, aceytou o seu d[es]pacho que era do theor seguinte. Damos o consentimento que os sopplcantes pedem; mas debayxo da condição e forma que lhes apontamos, para conforme a ella haverem de ordenar seus estatutos, que hé ficando esta Congregação sogeyta ao ordinario; pois ficando izenta será moralmente impossivel permanecer muyto tempo na observancia de seus estatutos e se seguirão outros inconvenientes; os quaes para se evitarem hé necessaria a dita sogeyção. E dignando-se a santidade do Papa nosso Senhor approvar nesta forma a dita Congregação, não se pode duvidar que será com o favor divino de muyta utilidade e proveyto espiritual para esta India; pois terão os clerigos naturaes lugar, aonde recolhidos e apartados do seculo se possão dedicar com todo o espirito ao serviço de Deos; poderão dahi sahir sogeytos muyto exemplares para parochos das igrejas e o mesmo para as missoens, em as quaes por seus estatutos prometem empregar-se. Goa 13 de Janeyro de 1691. Pedro, Bispo de Cochim, Governador Apostolico do Arcebispado de Goa.

183. Mas Deos, que previa as futuras consequencias destas duas condiçoens, não quiz que houvesse na Congregação menor occazião de se perturbar a paz, com que devião ser criados os congregados para annunciadores do Evangelho da Paz, e destruidores das discordias do peccado. E inspirou no Padre Custodio Leytão para se aconselhar na materia com o Reverendo Padre Manoel Carvalho da Companhia de Jesus, Provincial que foy da Provincia da China, ao qual deve esta Congregação singulares attenções e utilissimos conselhos, com que, e com outras muytas affectuosas evidencias // [p. 103] se mostrava o mais interessado nos aumentos della. Este religiozissimo padre explicou com distincção os monstruosos partos, que dessas condiçoens podião na[s]cer; especialmente da primeyra. Porque como o

<sup>125</sup> No original, à margem do fólio e seguintes: Anno 1691.

ordinario nunca poderia ter pleno conhecimento do genio e inclinaçoens dos sogeytos, facilmente desacertaria na escolha dos missionarios, mandado ou recolhendo os que talvez não devera mandar ou recolher com grande desserviço de Deos, jactura do credito da Congregação, detrimento das almas, e ruina dos mesmos missionarios; os quaes sendo pela mayor parte mandados para os infieis em terras longinquas, e fora dos olhos do superior, e da vara da obediencia, se requeria para a sua eleyção muyto miudo, e rigoroso exame de suas inclinaçoens, virtudes, suficiencia, e outros requizitos, que só podem plenamente conhecer os que se tratão de portas a dentro; e ainda estes muytas vezes se enganão. Nem seria menos prejudicial a eleyção dos officios na forma proposta na segunda condição; porque ficava caminho aberto para pertençoens, o que nas comunidades regulares de peste destructiva do espirital e temporal dellas.

184. Vistos tão grandes inconvenientes, não procurou o Padre Custodio Leytão a provizão do ordinario; nem na sede vacante, que socedeo por morte do Illustrissimo Bispo governador, pode conseguir couza alguma, porque tinhamos no cabbido aquella poderosa opposição. Mas tratando somente do que o tempo permitia e a sua diligencia podia, recebeo na Congregação aos Padres Jozeph Carvalho e Pedro Paulo, que ao diante veo a ser coluna della; e mandou recolher o Padre Jozeph de Menezes, que ficava na missão do Canará, fazendo a Deos muytos serviços, por não ser ja tão necessario nella; visto que os clerigos naturaes de Goa enviados pelo ordinario missionavão com muyto fervor.

185. Os bons principios e muyta parte do aumento em que ao presente se acha aquella missão do Canará, deve a esta Congregação. Porque muytos congregados deixarão nella memorias, que the hoje permanecem celebres. Esta mesma hé a missão, em que o nosso Padre Vicente de Basto, da Congregação do Oratorio de Lixboa, empregou grande parte do tempo que esteve na Índia e obrigado pelo Excellentissimo Arcebispo // [p. 104] Primas Dom Ignacio da Santa Thereza aceytou a incumbencia de commissario geral della;<sup>126</sup> em cujo exercicio, com incançavel zelo e muyto despendio, reformou e paramentou as igrejas, erigio duas parochias novas; e para o bom regimen dos missionarios e christandade estabeleceo decretos muy acertados que forão confirmados pelo mesmo prelado; mas ja he tempo de vermos novas emprezas do Veneravel Jozeph <Vaz>, a quem deixamos em Jafana entre tumultos e perseguições dos hereges.

<sup>126</sup> D. Inácio de Santa Teresa, escolhido pelo Rei para reformador dos costumes na Índia, tomou posse do cargo de arcebispo em 25 de Setembro de 1721; empenhou-se nessa tarefa, como se pode deduzir das várias pastorais, decretos e documentos que publicou. Teve uma grande controvérsia com os religiosos por causa da jurisdição. Foi no seu tempo que se introduziu o costume de se celebrar um solene *Te Deum* na Sé, no último dia do ano, prática que se manteve durante a governação portuguesa. Também estabeleceu o costume da solene procissão no dia da festa de S. Francisco Xavier, tendo sido o Cabido incumbido da direcção das festas do Corpo de Deus, Santa Catarina e S. Francisco Xavier. Em 1740 foi transferido para o bispado do Algarve. Veja-se *Memória Histórico-Eclesiástica da Arquidiocese de Goa*, já cit., pp. 120-123.

*Capitulo Decimo Nono*

*Retirando-se da perseguição de Jafana o Veneravel Jozeph Vaz  
entra em Ceylão;<sup>127</sup> descripção<sup>128</sup> desta ilha<sup>129</sup>*

Anno 1691

186. Com o referido successo da noyte do na[s]cimento de Christo, maquinado contra os innocentes catholicos pelo herege Henrique Wanrey, que em Jafana fazia figura de Herodes, chegou o tempo de fogir o Padre Jozeph Vaz de Jafana para Ceylão e do herege para o gentio; assim como Jesus Christo, nosso Senhor, fogio de Judea para o Egipto, de Herodes para Faraó. Reparando Wanrey no fervor da devoção com que forão achados os catholicos de Jafana naquella noyte do Natal e no numero delles, que estava muyto aumentado, julgou por sem duvida (e não foy temerario este juizo, sendo de entendimento tão errado) que algum missionario romano escondido dava calor e fomentava a piedade christam, com que o seo impio animo tanto fervia em ira. Soube que tudo erão partos do zelo do nosso Veneravel Padre e procurou tirar a cauza, para cessar o efeyto. Porque ainda que não principiou a perseguição por cauza delle, mas a continuou com toda a furia depois que teve noticia certa da sua entrada e estada em Jafana. No mesmo tempo que em varias partes e portos de Ceylão executava nos catholicos extraordinarias insolencias pela mesma cauza da religião, reforçou diligencias por apanhar ao Padre Jozeph Vaz. Para este fim mandou tomar todos os caminhos de Jafana, por onde pudesse // [p. 105] escapar das suas mãos; e ordenou-se desse busca em todas as cazas dos christaons moradores na cidade e na sua commarca e o prendessem onde achassem. Este rigor poz aos afligidos catholicos em ultima consternação; assim pelo muyto que amavão ao nosso missionario, cujas molestias sentião mais que as proprias; como porque sendo elle prezo, não só o perdião, ficando outra vez ovelhas sem pastor e o que hé mais com o terror do que elle padecesse sob poder do tirano, se não attreveria outro sacerdote a entrar naquellas terras; mas tãobem porque ficavão comprehendidos nas gravissimas penas que os hereges comminarão contra os que dessem entrada, favor e agazalho aos missionarios. Nestes apertos o Padre Jozeph Vaz, embaraçado em todos os caminhos, sitiado por todas as partes e buscado em todos os lugares, escapou milagrozamente de tão cruel perseguição. Das industrias, de que uzou neste passo, disse alguma couza o Padre Andre Freyre, da Companhia de Jesus, na sua carta atrás referida no capitulo 17, numero 180, em a qual ao presente propozito se acha o seguinte. O Padre Jozeph Vaz, bramane que de Goa foy mandado, há alguns annos, disfarçado à aquelle reyno para cultivar a christandade de Jafanapatão, fazia ali officio de apostolo com tão grande espirito, que de todos era venerado como homem santo. Não só acodia aos naturaes da terra, mas

<sup>127</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>128</sup> Seguem-se várias palavras riscadas.

<sup>129</sup> Seguem-se várias palavras riscadas.

tãobem aos catholicos europeos e com tão bom modo e traça, que por mais que os hereges lhe andarão no alcance, nunca o puderão descobrir, porque se fazia hum Protheo na variedade de disfarces em que se mudava. Escapou finalmente neste repentino assalto com alguns poucos christaons e dizem que com elles se retirara para as terras de Candia,<sup>130</sup> nos confins do reyno; que o quiz Deos guardar para a consolação daquella afligida christandade, que tantos bens tem recebido daquelle apostolico varão.

<sup>131</sup>187. O disfarce do vestido roto e desprezível facilitou muyto ao Padre Jozeph Vaz esta retirada. Desviando-se sempre das estradas publicas, andando só de noyte e por travessas se foy meter em hum matto cerrado, acompanhado do seo João, fiel companheyro em todas as suas tribulações e angustias. E nesta paragem aturou largo tempo, achando entre os brutos e feras o descanso que lhe faltou entre os homens. Bem queria // [p. 106] o primor dos christãos fazer companhia ao padre, se elle mesmo os não divertisse com receos de que sendo presentidos padecerião mayor dano; por cuja cauza ainda dentro do mesmo matto não permanecia em certo lugar, esperando socegasse a tempestade da perseguição, que corria pelas povoações. Mas como a teyma do tirano perzistisse na mesma furia e ainda na solidão daquelle matto não estava o Padre Jozeph Vaz muyto seguro, se rezolveo a sahir de Jafana e retirar-se para Ceylão, que se dividem por hum rio não muy largo, pelo qual a industria dos christaons lhe pode facilitar a passagem a todo o risco. O primeyro lugar que tomou de Ceylão foy Vannym<sup>132</sup> e não parou nelle por ser dominio de hum regulo feudatario aos Holandezes; andou mais de vinte legoas the chegar a Potulão, porto marinho do Rey de Candia.<sup>133</sup> Assim encaminhou Deos a este segundo Abrahão, pay de innumeraveis fieis que havia de gerar em Christo, fazendo-o peregrinar por tão extranhas terras, porque toda que pizasse com o seu pé, havia de ser sua e dos seus successores.

188. Fogitivo de Jafana, que constitue hum reyno todo sogeito ao Holandez e chegado o Padre Jozeph Vás a Potulão lhe descobrio Deos seis reynos, que contem a Ilha de Ceylão e nelles vastissimos campos, dilatadas searas, para cultivar a medida do seu dezejo. Esta celebre ilha chamada pelos geografos latinos Taprobana; pelas noticias de Ptolomeo Salica; pelos Arabios e Persas Seramdib; pelos povos do Reyno de Sião Lancá; pelos Chinas, que dominarão nella algum tempo Simondi; pelos seus antigos naturaes Ilanaré; passando na variedade dos seculos por nommes tão varios, ultimamente com aceytação commum assentou no de Ceylão, que ao prezente

<sup>130</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>131</sup> Número riscado.

<sup>132</sup> Vany, terras dos Vanias, região do Norte do Ceilão que se estendia da baía de Jaffna para o Sul até o rio Ariuvi Aru, que desagua em 8° 49' lat. N. e 79° 55' long. E. Confinava a leste com o país dos Bedas. Terras esparsamente povoadas do interior do Norte de Ceilão.

<sup>133</sup> Putalão, Puttalam, em 8° 02' lat. N. e 79° 50' long. E., na região chingalá do Noroeste.

se chama. Conforme a antiquissima tradição dos chingalás, seos naturaes, foy terra firme continuada desd[e] o Cabo de Comorim thé dous graos ao sul da linha equinoctial. Mas o már vorás e naquella altura muy arrebatado nas correntes comeo muyta terra de paizes baixos, que cahem ao sul, e retalhando-a pelo septemtrional, a separou do Cabo de Comorim e a despedaçou em varias ilhas arrumadas na vezinhança de Ceylão, que são Jafana, Manar, Iranadiú, Caradiú, Maddudiú, Urcavaturé, Anneladiú, Pangaddadiú, que são as suas adjacentes, com // as [p. 107] quaes faz hum corpo.

189. Jaz Ceylão arrumada ao nordeste da linha equinoctial; por parte do sul está em altura de seis graos e pela do norte em quazi dez. Dista de Comorim dezaseis legoas, tem de comprimento setenta e quatro, quarenta e cinco de largura e de circuito quazi duzentas. O terreno da marinha he playno; no coração, porem, se levanta em altas serras, que na India chamamos Gattes. Sobrepuja huma famosa no nomme, grandeza e tradição. Chamão-lhe os naturaes Amanala, os Portuguezes Pico de Adão. Sobe em altura de sete legoas e o cume, que se remata em planicie de trinta passos de diametro, brota no centro huma pedra de seis palmos de alto, em cuja cabeça muy liza está hum vestigio do pé humano, que terá de longitude dous palmos; este vestigio e huma pequena caza, que de tempos immemoraveis se conserva naquelle cume com duas sepulturas dentro della, derão occazião para diversos opinamentos ou ficções seguintes.

190. A primeyra tradição mais fabuloza e totalmente alhea da verdade afirma que aquella pegada hé do primeyro homem, que habitou naquelle sitio e a tempo de sobir ao ceo, perpetuou a sua memoria na terra deixando impresso o vestigio do seu pé. E foy miseria grande da cegueira humana haver entendimento bautizado, que se persoadisse e referisse por verdade tamanha quimera.<sup>134</sup> A segunda tradição refere que nas duas sepulturas, que há nessa caza, jazem os nossos primeyros paes Adão e Eva.<sup>135</sup> A terceyra tradição tem por certo que aquelle vestigio he de hum homem santo, natural de Dely, que vindo pregar aos chingalás o Evangelho, morou naquella eminencia. Outros afirmão que mais santos habitarão nella. Frey Paulo da Trindade conjectura que esse vestigio deixou impresso o pay do Santo Rey Jozafat, o qual convertido com o exemplo do filho e feyto religioso, escolheo aquelle retiro para a sua moradia.<sup>136</sup> Finalmente os chingalás tem por artigo da sua crença que o dito vestigio he do seo fabulozo Budu. Como se pode descobrir a verdade em tanta variedade!

191. He este monte cercado de bosques e de espaço em espaço se estende em campinas, em que há fontes e lagos que servem pa // [p. 108]ra agricultura; athe na ultima eminencia esta hum tanque de abundantes e cris-

<sup>134</sup> Padre Leonardo Paes no Promptuudio Indico, tractado 2, capitulo 1, paginas 77 e 78.

<sup>135</sup> Apud Ozorium lib. 4, De Rebus Emmanuelis, pag. mihi 129.

<sup>136</sup> Trindade Conquista Espiritual, libro 2, capitulo 35.

talinas agoas. Em alguns lugares he tão empinado que se não pode firmar o pé; e por isso se sobe por escadas de ferro que estão prevenidas. No cume hé tão frio o ar, que o faz inhabitavel, por cuja <sup>137</sup><cauza> não pernoytão nelle os pagaons romeiros, que são innumeraveis assim payzanos, como estrangeiros, que acodem de remotissimas partes, para vizitarem e beijarem aquelle vestigio, que crem erradamente ser do seu falso profeta Budú. Todos eses romeiros tem quatro penções tão indispensaveis que se não eximem dellas as pessoas reaes. A primeyra he offertar algum dinheyro, que não tem taixa e o arrecadão os Anddis Gaurus, que são como ermitães que tem a seu cargo o cuydado desse lugar. A segunda he rapar hum bigode. A terceyra furar huma orelha. A quarta receber em hum braço huma marca posta com ferro em braza, que significa character da fidelidade, que profissão ao Budú e a sua falsa ley.

192. Descendo deste monte se offerece ao pé delle huma grossa e copiozissima fonte, que hé a madre donde trazem origem quatro rios, dos quaes o mais caudelozo hé o que corre por Batecalor;<sup>138</sup> o mais celebre hé o que corre por Situvaca ou Ceytavaca, em que se crião os mais finos rubins.<sup>139</sup> Estes e outros, que divididos em varios braços sangrão a terra por muytas partes, desembocados ao mar formão portos muy uteis para a navegação; o mais abrigado delles hé o de Galle,<sup>140</sup> que fica na ponta meridional, hé bahia capaz de agazalhar naos de linha com bom surgidouro. O mais nobre hé o de Columbo, que na antiguidade foy Corte imperial; no dominio das armas luzitanas era a sua praça capital, como o hé hoje na intrusão dos Holandezes. Os paizes altos, que chamamos Gattes, em que está situado o reyno de Candia, são muy abundantes de fontes, rios e lagos; os baixos, porem, não tem mais agoa de que a dos rios e lagoas, excepto Columbo, Jafana e Mantota,<sup>141</sup> que tem poços abertos em tempo dos Portuguezes; e Potulão hum no hospicio de nossos padres, que o mandarão cavar. Em outros lugares <servem> de agoa encharcada // [p. 109] das lagoas, communs aos homens e brutos; e supposto naquelle clima não hé nociva; mas muyto insipida e aos estrangeiros trago custozo. He tãobem turva com a frequencia dos elefantes e outros animaes que nella andão; e se não pode uzar sem primeyro se purificar com os pós da pívide de huma pequena fruta chamada tetamcotté, que a natureza prevenio, para o remedio della. Lançados esses pós em cantaros cheos levão ao fundo todo o feno e lodo; e fica clara e capaz de uzo.

<sup>137</sup> Riscado: «os pagãos».

<sup>138</sup> Rio que banha o antigo reino do Oriente do Ceilão, onde se situa o actual porto de Batticaloa, em 7° 43' lat. N. e 81° 44' long. E.

<sup>139</sup> Cidade de Sitavaca, na margem do rio chingala Kelani ou Kelani Ganga, cerca de vinte milhas a leste do porto de Colombo.

<sup>140</sup> Ou Gale, porto em 6° 01' lat. N. e 80° 14' long. E. Situava-se no litoral su-sueste da ilha de Ceilão.

<sup>141</sup> Designação da zona adjacente à ilha de Manar, na Terra Firme, no Noroeste de Ceilão. Mantai ou Mantotti em 8° 57' lat. N. e 79° 58' long. E.

193. Produz esta ilha muytos generos preciosos, quaes são finissimos rubins, olhos de gato, safiras, <topazios> e grande copia de cristal. Ferro mais que muyto; athe se descobrio em alguns lugares barro resplandecente como ouro, de que tendo noticia <o Rey> mandou logo entulhar a terra com rigorozas penas, para ninguem examinar aquelle segredo; e assim hé vedado não só abrir as minas dos metaes, mas tãobem tirar as pedras preciosas, que se achão nos rios, que ficão nos dominios do mesmo Rey.

194. He tãobem celebre esta ilha na pescaria de aljofares, que se crião no mar della. No dominio dos Portuguezes a mais importante era a que se fazia desd[e] o Cabo de Comorim the o porto de Tutucurim; por cuja cauza se chamou Costa da Pescaria; mas vay para hum seculo que cessou de todo, depois que os Holandezes senhorearão aquellas terras e mares. Fica agora a de Ceylão, ainda que rara a respeyto da que havia no dominio luzitano, porque então se fazia em todos os annos; e sem falta em cada trienio, mas ao presente passão seis e oytos annos; e sem haver aljofres no mar, cuja pesca se faz pela maneyra seguinte. No mez de Novembro vão os mergulhadores mandados pelos Holandezes a examinar em altura de seis thé dez braças de fundo e nos lugares aonde achão mayor copia de conchas, poem balizas. Examinão tãobem as conchas que tirão por aquella vez, o que dão de si; e achando ser a pesca de proveyto, mandão noticias della por toda a Costa da Pescaria, Choromandel, Travancor e Malavar, para concorrerem os mergulhadores no mez de Fevreyro; porque começa nos <sup>142</sup><princípios> de Março, e dura athe fim<sup>143</sup> de Abril. O lugar assinalado para se ajuntar a gente hé hum // [p. 110] porto de Ceylão chamado Aripaturé, o qual tem hum terreno playno, largo e espaçozo, capaz para o comodo de quarenta mil pessoas, que tantas e ainda mais concorrem de dentro e fora da ilha para esta funcção, humas para a pesca outras para o negocio dos aljofres, outras vendendo os viveres necessarios para toda essa multidão de homens. As embarcaçoens dos pescadores ordinariamente são oytocentas e as vezes chegão a mil. São obrigadas a dar aos Holandezes tudo que pescarem nos primeyros tres dias; alem disto, sendo<sup>144</sup> barca dos christãos contribue tres mil e quinhentos reis no tempo de haver licença de entrar na pescaria; mas, sendo de infieis, gentios ou mouros paga seis mil reis; do que tudo importa huma somma muy quantioza. As conchas que se achão pegadas ao fundo, donde se não podem tirar, sem se arrancarem com violencia, certamente tem aljofre; não assim as volantes, das quaes muytas sahem vans.

195. Das especies aromaticas há nesta ilha muyta copia de cardamomo, pimenta negra, gengivre e canella, a mais excellente na qualidade e abundantissima na quantidade. O modo como se tira a canella hé decepando as

<sup>142</sup> Riscado: «[fim?]».

<sup>143</sup> Escrito sobre: «vinte».

<sup>144</sup> Riscado: «em».

árvores, que são de mediana grandeza. Cortão os ramos e raspão por fora levemente a cortiça e os abrem em duas ametades de alto a baixo e poem ao sol, com cujo calor larga o pao a cortiça com mais facilidade com que a cobra despe a pelle. E sahe as vezes a cortiça tão direyta e tãobem enrollada, que serve para vengalas, que se fazem por galantaria. Tira-se desta canella oleo muy util, medicinal e preciozo. A arvore da canella não só na cortiça, mas tãobem nas folhas hé odorifera; nas flores he menos o cheyro; na<sup>145</sup> (*sic*) pao nenhum; porem na fruta, que se parece com uvas rouxas, hé tão ingrato, que hé quazi fedor. Admiravel simbolo da hipocrezia, cujos frutos sendo maos, só a apparencia da cortiça hé boa. Hé excepção da regra geral de se conhecerem as arvores pelos frutos; pois sendo cheyroza nas folhas e na cortiça, hé nos frutos fetida.

196. Na[s]ce tãobem nesta ilha muyto areca, coco de palmeyras e café; arrós, legumes de diversas sortes e inhames de // [p. 111] diferentes especies. Frutas as melhores da India com singularidade das mangas, que em Jafana e alguns outros lugares de Ceylão achão-se em quazi todo o tempo; e tem huma fruta especialmente sua, que os seus naturaes chamão palfollam, muy doce no gosto, amarella na cor, no tamanho de huma azeytona mediana, seca ao sol se equivoca com passa de uva; hé mantimento dos pobres, que em tempo da sua novidade, que dura tres mezes, morão nos mattos a sombra das mesmas arvores, sem mais occupação que a de colher e comer desta fruta. Há campos que cultivados podem dar mantimento de arrós para meyo mundo; mas o genio dos naturaes hé muy perguiçozo; cultivão pouco por se forrarem ao trabalho, e em muytos lugares se sustentão com farinha feyta de hum genero de palmeyras, cujos troncos tem o amago brando e molle, o qual rallado dá materia, de que fazem bollos e outras viandas a seu modo.

197. Os mattos alem de muyta a[r]vore de canela, cuja madeyra hé de pouca persistencia, são povoados de ebanos em grande quantidade e de tecas, que plantarão os Holandezes com a semente conduzida da Ilha de Java e esta hoje multiplicadas, de sorte que há bosques de caminho de hum dia, em que se não vê mais que arvores de teca, que são de excellente madeyra de muyta duração. Estão coalhados esses mattos de elefantes innumeraveis e são os melhores assim para se domarem, como para a guerra e outro serviço. Cassão-se esses montes de carne ou com fossas abertas no chão e cobertas com ramos de arvores; e este modo hé mais perigozo, porque com a queda ficão muyto magoados e algumas vezes se achão mortos. Ou com lassos que armão de cordas grossas, feytas de couro cru. E há cassadores tão destemidos, que se atrevem a seguir ao elefante por detrás e enlassar o seu pé; mas este modo hé perigozissimo ao caçador que não for muito destro e ligeyro em fogir; porque não consta ter escapado vivo <o> homem, a quem alcançou o elefante, porque apanhando-o com a tromba, atira com elle para o ar e

<sup>145</sup> Entenda-se: «no».

tanto que cahe no chão, só com huma patada o faz em migalhas. Tãobem se cassão os elefantes com coutadas, em que servem de negaças os domados e indrustriados; mas este modo de cassa demanda muyta despeza. //

198. Há tãobem nos mattos de Ceylão muytas feras, quaes são tigres, javalis, toros e ussos,<sup>146</sup> cuja ferocidade excede o de todos, porque em alcançando ao homem, logo lhe tira os olhos e depois de o fazer cego, o vay comendo a bocados. Mas se o homem vendo o usso primeyro que seja delle visto, gritar em alta voz, entra-se tanto de medo o animal que esquecido da sua fereza, se poem a fogir sem voltar os olhos para traz. Ignorava este segredo da natureza o nosso Padre Antonio da Fonceca, que foy o missionario de Ceylão; o qual fazendo jornada por hum bosque serrado em tempo, que chovia muyto, vio a usso na arvore da canafistola,<sup>147</sup> de que hé muyto amigo. Tinha este padre voz naturalmente grossa e levado do pavor e quazi desesperado da vida; porque o unico companheyro que tinha, vendo a fera de mais longe, se segurou como pode; começou a bradar com tanta força, que o pobre do animal fogio com tanta ligeireza, como se visse sobre si todo o poder do mundo. E inquirindo o padre a cauza daquella fogida tão covarde, lhe declararão os naturaes que os gritos são o unico remedio de afogentar essa fera, com a circunstancia de não ser o homem primeyro visto della. Os filhinhos do usso mostrão tal inclinação a qualquer pessoa humana que em vendo-a, acodem correndo e a rodeão e brincão como cachorrinhos de estrado. Se isto he simpatia ou antipatia?

199. Cobras de capello e bichos venenozos de varias especies são mais que muytos. Sobre todos o veneno de huma cobra de tamanho de hum covado, pelas costas muyto preta, mas branca por parte do ventre, não salta, antes hé muy vagaroza no andar; e por isso sendo vista facilmente hé morta; porem se chegar a morder, he insanavel a sua peçonha, que dentro de tres horas tira a vida. Há tãobem outro bicho semelhante à lagartiça, o qual não morde; mas arranha com as unhas insensivelmente e lambendo com a lingoa na arranhadura, communica o seo veneno tão activo que não há remedio athe agora descoberto contra a sua malignidade. Destes bichos venenozos há muytos em todos os lugares de Ceylão e fazem muyto e continuo dano nos homens e nos animaes; excepto em huma aldea chamada Sillena Maddu no districto de Vannym, por beneficio especial de Deos, feyto em attenção aos merecimentos de nosso Padre Pedro Ferrão, o qual depois que benzeo aquella terra, perderão as // [p. 113] serpentes o seo veneno, de sorte que ainda que mordão, não damnificão; milagre que se experimenta há mais de quarenta annos; e o que faz admirar mais hé que qualquer pessoa mordida de bicho peçonhento em<sup>148</sup> outro qualquer lugar, hindo e entrando dentro dos limites dessa aldea Silena Maddu, logo fica livre da peçonha.

<sup>146</sup> O mesmo que «ursos».

<sup>147</sup> Canafistula: árvore da familia das cesalpínáceas.

<sup>148</sup> Riscado: «[trand?]».

200. E assim como há bichos tão mortíferos, assim tão bem prevenio a natureza muytos remedios <tanto><sup>149</sup> de ervas, como de pedras bazares muy uteis para a medicina, as quaes se achão nos buchos de cabras e bugios. E tãobem nos de porcos espins ou espinhos; e destas são mais preziosas que aquellas, por serem de mais prestimo. Da cassa de pennas estão cheos os bosques e lagoas, aonde se crião pavoens, patos, marrecos, garças, galinholas e tãobem morcegos; mas he tão preziozo hum tiro de polvora, que os naturaes o tem por mal empregado em hum pavão; e por isso não cuydão em semelhante cassa, senão de mayor v[u]lto e proveyto, como porcos montezes, veados, bufaros e estímão muyto as carnes de bogios, sapos e arganazes. Finalmente abunda a terra de muyta roupa de algodão que se fabrica nella, assim branca, como pintada com muyto primor e com tintas muy vivas, feytas de raizes de certas plantas, que produz a mesma terra. Se em Ceylão houvesse arvore vedada, de que comeo Adão e a da vida, de que não chegou a comer, parece que lhe não <faltava><sup>150</sup> o mais que basta para fazer paraizo hum terreno; e só neste sentido pode ter alguma apparencia da verdade o opinamento dos que situarão nesta ilha o parayzo terreal.

201. Acerca dos reynos, em que se divide Ceylão com suas peninsulas acho variedade nos historiadores; porem, parece mais provavel que não são mais de sete; a saber, Sitavaca,<sup>151</sup> Uva,<sup>152</sup> Cotta,<sup>153</sup> Candia,<sup>154</sup> Batecalor,<sup>155</sup> Safragão<sup>156</sup> e Jafana.<sup>157</sup> Alem destes sete reynos, há varios estados chamados Corlas, cujos senhorios se intitulação dissavas, nomme que conresponde ao titulo de duque ou conde. As quaes Corlas se contão de duas por diante, como Duas Corlas, Tres Corlas, Quatro Corlas, Sinco Corlas e Sete Corlas e a extensão destes dominios he porporcionada geometricamente ao numero; porque Sete Corlas excede a Sinco; e Duas Corlas he menor que as mais; // [p. 114] comtudo a menor Corla tem de ambito sete legoas.

<sup>149</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>150</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>151</sup> Situado a Leste de Colombo, a cerca de 50 kms.

<sup>152</sup> Antigo reino do sueste de Ceilão que abrangia, no todo ou em parte, a actual provincia de Uva, em 7° lat. N. e 81° 20' long. E.

<sup>153</sup> Antigo reino em que fica o porto de Cotta, na costa ocidental do Ceilão.

<sup>154</sup> Antigo reino chingalá que abrangia a actual região de Kanda Uda Rata – o planalto central da ilha de Ceilão – e a sua principal cidade, Senkada Gala.

<sup>155</sup> Baticalou ou Batticaloa, região situada na costa Leste da ilha de Ceilão, a 7° 43' lat. N. e 81° 44' long. E.

<sup>156</sup> Ou Sabaragamuwa, região no interior do Sudoeste do Sri Lanka. Aqui existiu uma guarnição portuguesa.

<sup>157</sup> Situado no extremo Norte da ilha.

*Capitulo Vigessimo*  
*Antiguidades de Ceylão*

202. He tradição v[u]lgar entre os chingalás, naturaes de Ceylão, que sendo essa ilha antigamente dezerta, se começou a povoar em tempo que conresponde a quinhentos annos antes do na[s]cimento de Christo. Dizem que o primeyro povoador fora hum princepe de Tanasserim, chamado Vigia Raja, ao qual el Rey, seu pay, constringido do povo que o não queria para sucessor da coroa por seos maos costumes, esterminou daquelle reyno e o mandou com bom acompanhamento a descobrir e conquistar terras, aonde reynasse. Como Ceylão era dezerta, fertil e abundante, a achou não só franca, mas tão accomadada para a sua habitação, que a chamou Lamcao, que quer dizer terra santa. Fingem que esse princepe peregrino era da descendencia que elles chamão Suria Vanxá, que hé descendencia do sol; e contão ou cantão nos seos romances essa fabula, dizendo que os primeyros povoadores dos reynos Tanasserim, Sião, Pegu, Camboja e outros confinantes vivião a maneira de salvagens nas cavernas da terra; era o seo susten[to] raizes das ervas, frutas sylvestres e carnes das feras; não tinham uzo da agricultura; sem ley, nem ordem da republica; nem trato, nem comercio com naçoens estrangeyras. Neste estado em que acazo estavam muytos juntos ao romper da menham, esperando pelo sol, a quem adoravão por Deos, na[s]ceo aquelle dia o princepe das luzes como revestido de nova gala, com resplandores mais refulgentes e ferindo com os seos rayos na terra, a abriu pelo meyo; de donde sahio hum varão de tão perfeyta estatura e gentileza tão rara, que atrahia os coraçoens, para todos o amarem e venerarem. Correrão logo os presentes a elle, perguntando quem era, para que vinha e o que lhes mandava? E respondeo o novo homem, que era filho do sol e da terra, enviado por Deos aquellas barbaras regiões para instruir aos homens, que vivião como brutos, na policia digna de genero humano. Todos prostrados por terra o adorarão por filho de Deos e o receberão por seu // [p. 115] rey e senhor; e elle os começou a governar com grande prudencia, dando leys e ordens de viver, ensinando a agricultura e todas as artes conducentes para a vida humana, introduzio comercio, edificou cidades, conquistou terras novas, domou gentes barbaras e veo a dominar em a mayor parte do mundo, que são todas as provincias orientaes, aonde viveo e reynou felicissimamente, deixando dilatada a sua posteridade, a qual socedendo de geração em geração athe dous mil annos, na[s]ceo Vigia Rajá, primeyro povoador, senhor e Rey de Ceylão, de quem descenderão os mais que possuem essa ilha, dividida em varios estados, ficando a superioridade e imperio sobre todos no Rey de Cotta,<sup>158</sup> que reinava com titulo de emperador de toda a ilha; porque os mais potentados della lhe tributavão feudo.

<sup>158</sup> Segue-se uma palavra riscada.

203. Desta fabuloza historia na[s]ce a cegueira com que os chingalás de Ceylão tratão a seus soberanos com respeytos da divindade \chamando-os Deviô, que hé o mesmo que Deos<sup>159</sup> e nos mesmos reys que se intitulaõ filhos do sol, hé tão grande o desvanecimento, que para se fazerem mais magestozos e respeitados, andão sempre escondidos aos olhos dos seus vassalos. Athe nas occasiões indispensaveis de audiencias publicas não mostrão o rosto; porque se poem em trono coberto de cortinas com cirios acezos, à maneyra de idolos collocados na ara para a veneração. E porque com a morte dos seis reys, de que fallarey abaixo, não havia em Ceylão desta fabuloza descendencia mais que a unica caza de Candia, se aparentavão os reys candiotas com mulheres conduzidas de partes remotissimas, aonde dizem que ainda se conserva essa quimerica geração do sol. Assim el Rey Vimala Suria, em cujo reynado entrou o Veneravel Jozeph Vaz em Candia, como <o> seu filho Narendrá Singa cazarão com mulheres do Reyno de Maduré. E vindo a fallecer Narendra Singa sem filhos, para não faltar na sucessão da coroa a geração do sol, em que andou desd[e] o seu principio, coroarão os chingalás por seu Rey a Astana Cumará, irmão da rainha veuva de Narendra Singa. Não quizerão aquelles barbaros escolher rey da sua nação, como podião neste cazo, em que faltou a descend[enc]ia real de Candia; mas coroarão a hum estrangeyro, a quem por nenhum caminho pertencia o reyno, que lho derão por engano e cegueira, com que estimão mais a excellencia alhea, fingida, do que a propria nobreza.

204. Teve Ceylão antigamente commercio com os romanos; e no reynado do Emperador Claudio vio Roma quatro embaxadores // [p. 116] ceylanenses. Começou esta consollação por hum impensado accidente, com que arrebatando a força dos ventos nortes hum navio, em que andava na costa de Arabia, Liberto Annio Romano, com quinze dias da viagem chegou a descobrir a Ilha Taprobana.<sup>160</sup> Conta Plinio, sendo Liberto bem recebido do Rey da terra, lhe prezentou entre outras couzas humas moedas romanas, que forão aceytas com muyta estimacão por estar nellas cunhada a imagem do Cezar.<sup>161</sup> Deste acazo começou a correspondencia dos chingalás com os romanos, segundo as conjecturas do Padre João da Lucena; porque diz que em tempo do Pontífice Paulo 3 se achou em Roma hum pao de canela com letreyro que mostrava ser conservado desd[e] o imperio de Arcadio, que foy trezentos trinta e oytos annos depois de Claudio; e este reynou desd[e] o anno do Senhor quarenta e tres, the sincoenta e sete. E corrobora esta sua conjectura porque na Ilha de Jafanapatão acharão os Portuguezes vestigios de edificios romanos. E em anno de 1575 cavando-se em huns alicesses velhos para se tirarem as pedras que João de Mello de Sampayo, capitão então do Manar, necessitava para certa fabrica, acharão nellas varias moedas de

<sup>159</sup> O texto «chamado os Deviô que he o mesmo que Deos» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>160</sup> Plinio libro 7 capitulo 22.

<sup>161</sup> Lucena Libro 2 capitulo 18 De Vida de São Francisco Xavier.

cobre muyto antigas, com letreyro latino a roda. Supposto mayor parte das letras estava gastada, divizava-se porem hum C, hum M, hum R e hum N; de que infere o dito padre, que todo o letreyro importaria: *Claudius imperator romanorum*.<sup>162</sup>

205. Aos Romanos, primeyros descobridores de Ceylão, quazi por mesmo caminho seguirão os Portuguezes, segundos Romanos na fortuna, primeyros no valor. Porque governando o Estado da India Dom Francisco de Almeyda, seu primeyro Vice Rey, em anno mil quinhentos e seis expedio a seu filho Dom Lourenço de Almeyda com huma armada de nove vellas para alimpar a Costa do Malavar das embarcaçoens dos mouros que pirateavão naquelles mares.<sup>163</sup> Chegado a altura das Maldivas, cujo labirinto servia de abrigo aos piratas, arrebatado da corrente das agoas, chegou ao porto de Gale e dahi ao de Columbo. Era então Columbo cidade grande na extensão, mayor na dignidade, dominio e riquezas; porque era Corte do Rey de Cotta, que com titulo de emperador tinha tributarios à sua coroa os mais reys e potentados de // [p. 117] Ceylão. Como as armas portuguezas logravão na Azia mayor fama, que as do grande Alexande, sendo em todas as partes temidas e em muytos buscado o seu amparo; ouvio o Rey de Cotta com agrado as noticias da chegada da nossa armada. Mandou enviados com ricos presentes para comprimentarem ao capitão mor, de quem forão com igoal ostentação recebidos. E passando de cumprimentos politicos aos interesses dos Estados, mediante Pelayo de Souza concluiu Dom Lourenço com o Rey<sup>164</sup> aliança entre ambas as coroas com condição de que a luzitana defendesse os portos marinhos de Ceylão da invazão dos mouros piratas, que nellas hostilizavão; e a de Cotta<sup>165</sup> contribuisse a ella com feudo annual de dezoyto mil arrobas de canela. Com efeyto principiou el Rey de Cotta reconhecer a nova sogeyção, mandando promptamente carregar de canella as nossas naos, com outros muytos e bons tratamentos de fiel amigo, havendo juntamente que Dom Lourenço de Almeyda erigisse na sua Corte huma coluna de marmore, arvorando nelle o estandarte da cruz e gravando as quinas portuguezas, como em presagio da posse que algum dia havia de tomar daquella terra o Rey e a ley luzitana.

206. Doze annos de boa paz se continuou esta correspondencia; mas, faltando ao depois o Rey de Cotta por persuazões dos mouros a fidelidade que devia aos Portuguezes, experimentou em sua ruina as armas que sollicitara para a sua defensa. Em mil quinhentos e dezasete governando o Estado da India Lopo Soares de Albergaria,<sup>166</sup> principiarão as differenças tão porfia-

<sup>162</sup> «Cláudio, imperador dos Romanos».

<sup>163</sup> D. Francisco de Almeida governou a Índia de 1505 a 1509.

<sup>164</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>165</sup> Segue-se um espaço em branco.

<sup>166</sup> Lopo Soares de Albergaria, 3.º governador da Índia, governou de 1515 a 1518. Fundou a fortaleza de Colombo, em Ceilão.

das, tão renhidas e tão sanguinolentas, que socedendo huns motivos a outros e pertendendo cada hum dos Reys daquela ilha expulsar aos Portuguezes, foy ella theatro o mais gloriozo nas vitorias das armas luzitanas e o mais lastimozo no sangue que se derramou de parte a parte, de que estão cheas as historias destas conquistas. Finalmente cortadas pelos Portuguezes sinco cabeças desta hydra, que forão os Reys de Uva, Cotta, Batecalor, Safragão e Jafana. E faltando sucessão ao ultimo Rey de Sitavaca que, feyto christão, se chamava Dom João Periabandar e na morte deixou o reyno ao senhor Rey Dom João III de Portugal, ficou a semente da settima em Candia pela maneyra seguinte.

207. Os religiosos franciscanos observantes da provincia de São // [p. 118] Thomé de Goa entre muytas e grandes conversões, com que nos primeyros quarenta e dous annos do decimo sexto seculo forão unicos que exaltarão o santo nomme de Deos neste vastissimo Oriente, derão illustres testemunhos do seu apostolico zelo na Ilha de Ceylão, logo desde o principio do descobrimento della, assim em innumeraveis almas que converterão, como no sangue que derramarão pela confissam da fé que pregavão. O primeyro Rey de Candia convertido por estes ministros evangelicos foy Darmapala Astana, que se chamou D. João. Seguirão-se a elle Mahe Astana, que se chamou D. Felipe, e Javira Astana que tomou o mesmo nomme do seu pay Dom João. De Dom Philippe na[s]cerão Dom João e Dona Catharina. Reynando Dom Philippe, houve em Candia publica conjuração dos chingalás, soffrendo mal que seu rey seguisse a ley de Christo e desprezasse a de Budú, accometerão aos missionarios e martirizarão a quatro delles que forão Frey Paschoal, que bautizou aos princepes filho de Dom Philippe, Frei Lucas, Frei Francisco e Frei Jozeph, todos degolados em odio da fé. E porque a rebelião hia avante e Dom Philippe se não podia defender della, deixando no trono ao filho Dom João, mancebo de poucos annos, se retirou para Goa, aonde falleceo. Dom João, igoalmente destetuido de forças para reprimir o orgulho dos traydores, tomou o mesmo caminho do pay. E posto em Goa, sem esperanças de recuperar o reyno, passou para Portugal aonde, affeyçoado ao estado clerical e instruido nas letras e feyto sacerdote, viveo e morreo em Tilheyres, assistido de grossa renda, que para a sua sustentação consignarão os nossos soberanos, em quem renunciou o direyto que tinha à coroa de Candia; e era esta a justiça com que as armas luzitanas pertenderão tão porfiadamente a conquista daquelle reyno.

208. Em auzencia de Dom João se introduzio em Candia hum tirano, cujo nomme não poude descobrir, o qual para entrar no trono com aceytação dos levantados, assim como foy perfido ao seu legitimo Rey, o foy tãobem a ley catholica que professava, de que veo a apostatar; e cahindo de hum abismo em outro cazou com violencia com a Princeza Dona Catharina, irmã de el Rey Dom João e se fez jurar Rey daquela monarchia; e tudo lhe foy facil de conseguir, assim por ser descendente da // [p. 119] fingida geração do sol, tão adorada dos chingalás, como pela aversão que estes mostravão

a Dom João, seu Rey, aos Portuguezes e muyto mais à fé catholica. Contra este tirano e seo filho foy aquelle sanguinolento litigio de nossas armas, que durou emquanto dominarão em Ceylão, tendo a injustiça do Rey intruzo melhor sorte que o nosso direyto. Porque os seus repentinos assaltos sempre fazião hostilidade nas nossas terras; e o nosso poder não podia facilmente penetrar as fragozas serras, em que Candia está situada e lhe servem de muro inexpugnavel. Todavia cansado o candiota de andar em continuo cuydado e dispendio de dinheyro e sangue com que se mantem a guerra, pertendeo com posição amigavel, em a qual pedia que o deixassem pacifico de Gattes acima, ficando todo o circuito de Gattes abayxo, que hé em tudo a optima parte da ilha, sogeyto ao dominio Portuguez. Não se aceytou então este partido, porque erão tempos aquelles, em que não se cuydava em conservar o ganhado; se não em ganhar novos triunfos.

209. De Dona Maria e do tirano apostata na[s]ceo Raja Singa, legitimo herdeyro da impiedade do pae, a quem seguio na seyta de Budú, mo[n]struo parto de tantos avos maternos, que estimarão a religião catholica mais que o reyno temporal. De Raja Singa na[s]ceo Vimala Suria, em cujo reynado entrou o Veneravel Jozeph Vaz em Candia. Socedeo no trono a<sup>167</sup> Vimala Suria, seo filho Narendra Singa, que falleceo sem descen[den]cia; e por isso os chingalás coroarão a Astana Cumara, irmão da Rainha veu[v]ja, como atrás disse. El-Rey Raja Singa foy o que se confederou com o Holandes; e aliados o herege e gentio expulsarão ao catholico da posse de toda a ilha. E então conhecerão os nossos antigos; mas tão tarde como em tempo irremediavel; quanto melhor era o ruim concerto que pedia o tirano de Candia, do que a boa demanda que lhe fazião as nossas armas; porque no ruim concerto ficava a coroa luzitana em pacifica posse da mayor e melhor parte de Ceylão; mas na boa demanda em que o reo gentio appellou ao juiz herege, perdeo não só o que possuia em Ceylão; mas tãobem todas as suas ilhas circumve // [p. 120]zinhas. E esta perda tanto enervou a potencia do Estado Portuguez na India, quanta subministrou à Companhia Holandesa, para lhe hir decepando os principaes membros, de que se compunha o seu grande, e formidavel corpo.

210. O pacto com que se aliarão o Rey de Candia e a Companhia Holandesa, foy de ficar o Holandez com as terras da marinha, que possuem os Portuguezes, com penção perpetua de annual tributo; e o Rey levaria o sacco da Cidade de Columbo com o senhorio de Gattes acima. Mas conduzida a dependência deixarão em questão, qual foy mais infiel, se o gentio, se o herege? Porque o herege não deo ao gentio os despojos de Columbo, que forão importantissimos; nem o gentio ao herege a extensão do dominio. Todavia os Holandezes ficarão de melhor partido, porque sem possuir tanta terra e tomando só os portos maritimos, tirão conveniencias incomparavelmente mayores do que tinham os Portuguezes. Porque, impedindo aos

<sup>167</sup> Riscado: «Raja Sin».

estrangeyros entrada para o negocio, e aos naturaes comercio com elles, se aproveytão da medulla da terra e com pouco menos de nada se fazem senhores dos preciozissimos generos, que ella produz, que são o marfim, a canella, a pimenta, a areca, o tabaco etc. Hum arratel de canella fina que os Holandezes vendem por mil e quinhentos reis, apenas lhes custa quatro reis. E tanto os cega o interesse, que por cauza delle se sogeitão a aççoens vis; porque sendo obrigação sua contribuir com o tributo annual ao Rey na forma do primeyro pacto e haver sua licença, para se fazer nas suas terras cassa dos elefantes, que he negocio muyto groço; para se pagar o tributo e impetrar essa licença, que cada anno deve ser prorogada, mandão todos os annos hum embaxador com grande fausto e pompa a Corte de Candia, o qual entra <na> cidade carretando na propria cabeça hum caxotinho, em que vay a carta de crença; e quazi espaço de mil passos antes de chegar ao Palacio se descalça em reverencia de Magestade; e posto diante della (que sempre fica coberta com cortinas) lhe faz sumbayas<sup>168</sup> com genuflexoens e profundissimas inclinações athe prostrar-se com <todo o corpo><sup>169</sup> na terra,<sup>170</sup> tratando e fallando ao Rey por Deviô, que hé o mesmo, que chama lo Deos; não se peijando <o herege> de adorar a hum <com culto delatria> quem tão pertinas e cegamente nega adoração e // [p. 121] culto a Deos verdadeyro e as sagradas imagens. Vicio proprio da avareza dar ao dinheyro e por cauza <delle>, aos idolos o culto, que só devia a Deos.

*Capitulo Vigessimo Primeyro*  
*Noticias da primeyra christandade de Ceylão*

<sup>171</sup>211. A Ilha de Ceylam e suas adjacentes não só são ricas nos bens da natureza, por serem fecundas de especies odoriferas, perolas e pedras preciozas, mas muyto mais abundantes nos bens da graça; porque derão ao divino mercador das almas mais brilhantes rubins racionaes, mais ricas perolas animadas, do que poude a ambição humana descobrir nos seus mares e mineraes. Desd[e] o principio do descobirmento desta ilha the entrar nella o dominio heretico converterão os missionarios franciscanos, muytos dos quaes padecerão gloriozo martirio, mais de trezentas mil almas, em que entrão reys, princepes e potentados<sup>172</sup> em grande numero. E para o estabelecimento da christandade tão dilatada edificarão quatro conventos, dous collegios e oytenta e nove igrejas parochiaes com titulo de reytorias, tudo

<sup>168</sup> O mesmo que «zumbaia»: cortesia profunda, salamaleque.

<sup>169</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>170</sup> O texto «tratando; e fallando ao Rey por Deviô, que hé o mesmo, que chama lo Deos» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>171</sup> Riscado: «211».

<sup>172</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

afirma o Padre Frei Jacinto de Deos.<sup>173</sup> Erão aquellas primeyras plantas tão radicadas na fé, que a confessarão e sostentarão com o derra[ma]mento do seu sangue e a troco da mesma vida; com que sendo Ceylam a mais famoza romagem da superstição gentilica, veo a ser no christianismo hum santuario ornado de muytos martires, assistido de innumeraveis fieis.

212. Entre muytos gloriozos martirios, forão em Ceylam dous os mais admiraveis, que sem embargo de serem v[u]lgares nos scritores, não deixarey de referir aqui. Pelos annos mil quinhentos quarenta e tres chegou aos portos de Ceylam com seu navio hum mercador Portuguez, ou para melhor dizer apostolo. Taes erão aquelles antigos illustres Portuguezes, que o mayor negocio da[s] suas navegaçoens e o mayor empenho de suas armas era ganhar almas para Deos; para cujo fim tingirão os mares da India com o seu sangue derramado por Christo; e cubrirão os campos deste Oriente com os seus corpos mortos pela fé. He immortal a fama de hum Antonio de Payva, que na Ilha de Macazar foy // [p. 122] mercador e juntamente pregador tão venturozo, que reduzio a fé catholica aos Reys de Supa e Siam com todos das suas familias e mayor parte de ambas as Cortes. Não menos illustre na propagação da fé, que vitoriozo no manejo das armas, foy Antonio Galvão, Capitão de Maluco, cujo zelo, prudencia e valor reduzio ao gremio da igreja varios Reys de Ceytigao, Mindanao, Ternate, Geylolo e Amboyno. Oh insignes heroes! Oh felices tempos! Por isso Deos os favorecia tanto, que sendo no numero pouquissimos dominarão em todo este vastissimo Oriente, sobjugando a força do seu braço innumeraveis reynos, soberbos imperios.

<sup>174</sup>213. Mas agora, oh tempos, oh costumes! Como estão mudadas, e degeneradas as couzas! Que de aquelle antigo zelo da propagação da fé? Como vivem os homens esquecidos daquelle unico fim, para que Deos escolheo a nação Portugueza e a trouxe do Occidente a este Oriente. *Per illos enim paravi mihi messem multam, et elegi eos in messoros meos in terris longinquis. Ut deferatur nomen meum in exterar gentes.*<sup>175</sup> Como o interesse cegou tanto à aquelles, que Deos escolheo para destruir o gentilismo, que se persuadem não poder conservar-se sem o favor dos gentios; e por isso na Cidade de Goa, no centro da christandade indiana permitem aos gentios tantas liberdades e izençoens, que são cauza da sua mayor cegueira e obstinação no gentilismo. Mas quando não foy Goa pedra destes escandalos! E quando accabará de se desenganar, que por isso e talvez só por isso está reduzida a tão miseravel estado, que está quazi sem pedra sobre pedra!

<sup>173</sup> Frei Jacinto de Deos no Verg. Capitulo 1, *O mesmo no Caminho dos Frades Menores*, preludeo 2 § 12.

<sup>174</sup> Riscado: «213».

<sup>175</sup> «Através deles preparei para mim uma messe abundante e escolhi-os como meus ceifeiros em terras longínquas para que o meu nome seja levado a povos estrangeiros.»

214. Chegado o mercador Portuguez com o seu navio aos portos de Ceylão contrahio amizade com hum princepe. E cre[s]cendo cada dia a familiaridade pertendeo mercar para Deos a alma do seu amigo que achava muyto inclinado para o bem. Propoz-lhe as verdades da nossa fé e elle as ouvia com gosto the que com a frequencia da instrucção se capacitou no que devia crer, esperar e obrár para segurar a salvação da sua alma e se delibero a mudar da ley e receber o santo bautismo. Soube-o el Rey, seu pay e o mandou matar; deve ser com o ultimo desengano da sua constancia. Prodigiozo princepe! Era ainda cathe // [p. 123]cumen; mas por ser soldado novo, nada teve de bizonho. Princepe foy no na[s]cimento e princepe na morte. O valor com que na[s]ceo para conservar o reyno temporal, mostrou em ganhar o eterno. Rendeo o pescoço ao cutelo da morte, para empunhar por sceptro a palma do martirio e cingir a cabeça com a coroa de immortal triumpho. Antes de se lavar na fonte do bautismo, se bautizou em proprio sangue; e no mesmo ponto em que poz o pé no umbral da igreja militante, entrou gloriozo pela porta da triunfante.

215. Não se satisfazendo o tirano com tirar a vida do innocente filho, passou o furor da sua crueldade a fazer demo[n]sçtraçoens da ira no seu sagrado cadaver, ordenando o deixassem em campo exposto a feras, como se pudesse haver fera mais ferós que hum tirano. Mas o nosso mercador, que grangeou tantos bens à alma deste gloriozo princepe, se não descuydou em fazer todos os officios de bom amigo ao seu corpo; dando-lhe sepultura; se não em mausoleo devido a hum princepe martir, ao menos em sepulcro pobre, como a imitador de Christo. E se na terra não houve quem celebrasse exequias dignas de tão celebre heroe, não faltou o ceo em canonizar a santidade de tão valerozo martir, suprimdo os prodigios divinos tudo que naquella humilde sepultura faltou de obsequios humanos. Foy o cazo, que appareceo sobre a sepultura huma cruz do seu tamanho, talhada na mesma terra com boa porporção e medida, mas sendo formada na terra mostrava que a fabricara o ceo, representando huma cor azul celeste. Foy vista com espanto geral e grande magoa dos idolatras, os quaes talvez persuadindo-se seria obra humana, pertenderão ocultar aquelle prodigio, deytando terra sobre o sagrado sinal; mas logo tornou a apparecer. Porfiarão huma e outra vez, lançando mais terra<sup>176</sup> para cobrirem a prodigioza cruz; porem sempre debalde.

216. Emfim quando a cegueira se mostrava mais obstinada, duplicou Deos as luzes, assim em testemunho da santidade do seu servo, como para desterrar as trevas daquelles barbaros. Porque no mesmo tempo que appareceo a sagrada cruz da cor celeste sobre <a terra> que deitarão da terceyra vez na sepultura, vio-se no ceo que correspondia com outra // [p. 124] refulgente, que despedia rayos como fogo. Que olhos tão cegos se não abrião

<sup>176</sup> Riscado: «sobre o sagrado sinal».

para conhecer a verdade em tanta luz! Que coraçoes tão duros não estalarão a violencia de tanto fogo! E que espiritos tão frios se não afervorarião em tantas chamas! Muytos forão os que movidos destes prodigios confessarão e abraçarão por verdadeyra a fé de Christo; do que tendo noticia o tirano póz a cutello hum grande numero. Assim foy aquelle venturozo princepe como o grão de trigo, que morto e enterrado se multiplicou em muytos grãos; dando-lhe Deos pelo sceptro, que desprezara da terra, não só o reyno do ceo; mas os mesmos vassalos que o acompanhasssem na gloria. E supposto não declarão as historias o tempo que durarão essas cruces da terra e do ceo; mas pelos sucessos seguintes parece que foy largo; porque a luz dellas fazia cada dia novos efeytos. Chovia cada dia mais graça; porque a vista das sagradas cruces cre[s]cia o numero dos que se convertião, os quaes sem serem por alguém cathequizados se fazião pregadores da nova ley, exhortando e animando huns a outros para a seguirem.

<sup>177</sup>217. Não vejo nas historias certeza de qual reyno dos muytos de Ceylam fosse este gloriozo princepe; nem parece verosimel a conjectura do Padre Lucena, que o faz de Candia; pelo que me devo desculpar de que quando os scriptores proximos áquelles tempos não tiverão mais que conjecturas, ao prezente depois de mais de dous seculos não se pode averiguar a verdade. Mas ja que nesta parte a não alcanço, não devo callar a que vejo contra hum erro commum dos primeyros historiadores das conquistas da India, aos quaes seguindo o elegantissimo<sup>178</sup> Padre Lucena afirmou que esse princepe martir não era herdeyro do reyno do seu pay; porque diz. Em toda ella (India) chamão as leys à herança dos estados, não os filhos dos senhores; mas os das irmãs. Barbaro costume e forçado d[e] outro mais barbaro, que hé a infame liberdade, com que as mulheres de qualquer sorte que seja, são communs; pelo qual os pays vem a ter sem nenhum pejo (que athe este perde de todo e em taes materias a infidelidade) tão pouca certeza dos filhos, como a tem dos seus os brutos e feras do // [p. 125] campo.

<sup>179</sup>218. Se esse costume fosse em toda a India tão universal, como afirmarão o doutissimo Padre Lucena e outros a quem elle seguio; não era cabal a censura que lhe deo, de barbaro e brutal; porque nos brutos não hé deformidade viver conforme a sua natureza; nem a haveria nos homens, se assim vissem como dicta a natureza racional. Porem, homens racionaes viverem como brutos, faltos da razão, hé ser mais infames e mais vis que os mesmos brutos. E supposto este infame e mais que brutal barbaridade não pareceo ao celebre commentador de Camoens muyto de se estranhar na infidelidade da India, quando Platão com entendimento celebrado por divino a ordenou como ley na sua Republica; e Hespanha a observou como costume com outras circunstancias mais horrorosas, as quaes a falta da fé introduzio por

<sup>177</sup> Riscado: «222».

<sup>178</sup> Lucena na Vida de São Francisco Xavier titulo 2 capitulo 19.

<sup>179</sup> Riscado: «223».

licitas entre naçoens prezadas das mais politicas de todo o mundo. Comtudo como a multidão dos complices não tira ao delicto a sua malicia intrinseca, e em cazo que houvesse este na India com a universalidade, que afirmou o Padre Lucena, nada era boa a desculpa do Faria; he preciso dizer a verdade com distincção e clareza.<sup>180</sup>

<sup>181</sup>219. He pois a verdade que a ley de herdarem os sobrinhos e não os filhos, não hé universal em toda a India, como diz o Padre Lucena; nem em todos <os> reynos, provincias e cidades, nem em todas as naçoens; para cuja intelligencia se deve saber, que cá na India as naçoens que habitão em cada reyno, provincia ou cidade são mais que a terra onde na[s]cem; porque distinguem a nacionalidade da naturalidade. Naturalidade, que rezulta da região, onde na[s]cerão; nacionalidade, que emana do sangue dos pays que gerarão, onde quer que fossem oriundos, ou na[s]cidos. E não hé esta distincção alhea da boa razão; porque nação ou se toma por gente que habita em alguma região separada da outra. Segundo Ulpiano *Leg. Quod si nolit § qui mancipia vendunt [p.?] de edil edict.*<sup>182</sup> <sup>183</sup> Ou, como diz Bento Pereyra, segundo os latinos se toma por gente que observa certa seyta, goarda certa ordem, costumes, leys, etc. E por hum a outro principio se achão na // [p. 126] India em huma só região e ainda em hum só pequeno lugar muytas naçoens diferentes; porque ainda que sejam naturaes da mesma tera, reyno, provincia, cidade ou aldea; porem, nos ritos, costumes, estilos, observancias, vestidos, lingoagem e até nos viveres; e em tudo o mais que pode fazer a huma nação totalmente diversa da outra, são tão distintas entre si, como se cada huma habitasse em região separada, tão separadas humas de outras, como se cada huma constituísse seyta, costume, estilo contrario da outra.

220. Por isso cada nação (fallo dos pagaons) segue differente dogma nas materias da religião. Comem differentes viandas; porque há gentios que não comem carne nem bebem vinho, quaes são os bramanes; e entre estes os mais observantes das suas superstiçoens se abstem thé do peixe e de certas hervas. Outros há que, excepto a vaca, comem toda a carne. Exercitão differentes officios, de sorte que os que <se> prezumem de nobres, excepto a agricultura, não uzão de artes mecanicas. E ainda nos officios mecanicos, quanto mais humildes, tanto mais vil se reputa a nação que uza delles. Os prezumidos de nação nobre não come em caza que não for de homem de sua casta; nem o que não for cozinhado por pessoa da sua nação. Donde socede que se hum bramane tiver servo ou escravo de condição inferior, se não serve delle, nem na meza nem na cozinha; trajão differentes vestidos, fallão differentes lingoas, correndo em huma aldea quatro e as vezes mais, conforme os seus moradores; e ainda fallando huma só, a lingoagem porem

<sup>180</sup> Faria no Commento dos Luziadas de Camões.

<sup>181</sup> Riscado: «224».

<sup>182</sup> Não traduzido por haver abreviaturas.

<sup>183</sup> Bento Pereira *Appendix ad Elucidar. Verbo Natio*. Numero 1897.

da pronuncia he tão diversa de nação a nação, que por ella se conhece de qual seja cada hum. Aliança de cazamento entre pessoas differentes na nação tanto abominão as que se prezão de nobres, como teriamos por monstruosidade se hum homem cazasse com huma besta. Por cuja cauza os mesmos reys se aparentão com os vassallos da sua casta, quando não há caza real da sua nação. Desta sorte depois que o mundo introduzio variedade de naçoens, fizerão os indios da geração humana hum genero dividido em tantas especies nacionaes, que algumas se querem differenciar das outras, como os homens dos brutos. E quem poderá agora emmendar este erro na India, sendo elle incorre // [p. 127] givel em quazi todo o mundo?

221. Havendo, pois, na India tantas e tão differentes naçoens, as leys de herdarem os sobrinhos e não os filhos, não são geraes em toda ella e menos em todas as naçoens della, senão em poucas e raras. Primeyramente fallando com propriedade da India, que hé aquella parte da terra, que começa desdo o Rio Indo, que lhe deo o nomme e vay acabar com o Ganges na Costa de Bengala, digo que desd[e] o Reyno de Guzarate the a Cidade de Goa não há, nem houve nunca em nação alguma tal estilo, nem ley, que exclue da herança aos filhos e chama aos sobrinhos. Mas descendo de Goa abaixo, e entrando desde Honor no Reyno do Canará, só as castas que se chamão Banttas, descendentes dos Zaynas, antigos senhores daquelle Reyno e Tullus, ainda hoje observão essa ley inviolavelmente, como tãobem na costa do Malavar, Travancor e Pescaria hé v[u]lgar esse estilo entre nayres, naytos, careas, poleas, parreas e outras nações que se reputão por vis. Em Ceylão introduzirão esse costume alguns que se aparentarão com os da Costa da Pescaria; mas de nenhuma sorte hé universal, nem praticado entre os nobres; e muyto menos nas cazas reaes, como bem advertio o author do Oriente Conquistado.<sup>184</sup>

222. Nem a cauza de se introduzir esta ley hé aquella que apontou o Padre Lucena de serem as mulheres communs para todo o homem; o que tão absoluta e geralmente proferido hé hum falso testemunho. Porque ainda que seja verdade que na Costa do Malavar há alguma gente, mas rara, entre os quaes a mulher do irmão mais velho, que hé o que unicamente caza, hé commum aos mais irmãos que tiver; mas esta liberdade fica tanto de portas a dentro, que a ha-de pagar com pena da morte a mulher que se facilitar ao homem que não for seu marido ou cunhado. Este mesmo estilo praticão os moradores de hum reyno que se chama Coddoga, que fica nos Gattes do Canara. Deste costume verdadeyramente mais que brutal parece que na[s] ceo a equivocação com que todos os historiadores das conquistas da India afirmarão que em toda ella as mulheres são communs a todos os homens à maneyra das bestas. O que hé // [p. 128] tanto pelo contrario, que quanta liberdade permitem os indios gentios aos varoens, tanto a coartarão às femeas com rigorosa pena de serem perpetuamente cattivas do senhorio da

<sup>184</sup> Francisco Souza, *Oriente Conquistado* tomo 1 conquista 2 divisão 1 numero 26.

terra todas, que se deshonestarem, sendo ou não sendo cazadas. Entre os bramanes gentios se faz tanta conta da honestidade das suas mulheres, que lhes hé prohibido cazar da segunda vez com tanto rigor, que as segundas vodas<sup>185</sup> hé infamia inexpiavel de toda a familia. E como os seus cazamentos se celebrão antes de terem as raparigas dez annos de idade! E vivem separadas do talamo emquanto tenham dispozição do corpo para o conjugio, que se julga só depois de terem uso menstuo; socede frequentemente enveugar-se as femeas cazadas antes do consorcio marital e assim ficão virgens the a morte sem recurso ao segundo cazamento.

<sup>186</sup>223. E porque a fragilidade da carne não podendo levar ao fim tanto rigor padece em algumas vevas suas quebras com afronta da parentella e pena da escravidão das deshonestas, derão na tirania de lhes permitir morrerem queimadas vivas com os cadaveres dos maridos. Preciza<sup>187</sup> a malicia do homicidio, hé para se admirar o apreço que esta gente faz da castidade; e por isso o celebrão varios authores. Nos principios da christandade de Goa não era facil persuadir as bramanes vevas para celebrarem segundo matrimonio; e ainda ao prezente são raras as que se cazão da segunda vez; deixando-se ficar em louvavel viudez<sup>188</sup> pelo amor da continencia, para viverem conformes aos conselhos evangelicos.

224. Não sendo pois a cauza da ley de desherdar os filhos e habilitar os sobrinhos aquella tão nefanda, que apontou o Padre Lucena; segue-se por declarar a legitima e verdadeyra e foy que, sendo o gentilismo da India por mau agouro passar por sua porta cadaver da pessoa humana, quando se leva a enterrar; hum mau homem, que <tinha> deffunto em caza e no coração refinado odio ao seu vezinho, querendo injuria-lo com publico accinte, encaminhou o corpo morto, pela porta delle. Este escan // [p. 129]dalo não teve paciencia o contrario para dissimular; e intentou em continente hum despique que não podia executar sem quebrar a si ambos os olhos, por tirar hum do seu adversario. Intentou matar a hum filho e levar o seu cadaver pela porta do inimigo, para ser a vingança igoal ao agravo. Soube-o a mulher do tirano e mãy do innocente e escondeo os filhos, pelos escapar do barbaro furor do pay. Bramava este acezo em ira, acodio aos clamores huma irmã sua; e q[u]erendo antes ao irmão desagrado, que a proprio filho vivo; deo o seu para ser morto, com cujo cadaver satisfez o impio à paixão que tanto o cegava; e agradecido aos primores da irmã, nova medea da India, adoptou os filhos della por seus herdeyros, desherdando aos proprios. Esta dispozição approvarão alguns e a observarão the que o decurso do tempo introduzio costume e o costume inveterado fez ley inviolavel; mas de nenhuma sorte geral em toda a India.

<sup>185</sup> Entenda-de «bodas».

<sup>186</sup> Riscado: «228».

<sup>187</sup> Riscado: «mente».

<sup>188</sup> Entenda-se «viuvez».

225. <sup>189</sup>Tornando agora ao fio da historia, o segundo martirio digno de eterna memoria foy em Manar, peninsula de Ceylão, em anno de mil quinhentos quarenta e quatro. Era então Manar sogeyto ao Rey de Jafana e reynava em Jafana hum tirano intruzo no trono, exbulhando da posse com violencia ao legitimo Rey, que era seu irmão mais velho. Varião os escritores sobre quem annunciou o Evangelho aos manarenses. Os religiosos franciscanos que forão os primeyros apóstolos daquellas ilhas attribuem a seus trabalhos a conversão de Manar. Os historiadores da Companhia de Jesus referem, que <foi> fruto das diligencias do segundo apóstolo da India São Francisco Xavier, o qual estando na Costa da Pescaria, aonde converteo innumeraveis almas, foy convidado e rogado pelos manarenses, que lhe estavam devotos, movidos da fama dos prodigios, que obrava naquella costa e o santo, não podendo hir em pessoa, mandou hum clerigo secular, que o acompanhava, para instruir e bautizar a gente de Manar, que tão bem disposta estava para receber a fé. Neste cazo leve a palma quem correo por ganha-a; pois os religiosos franciscanos que por amor da santa pobreza se desapropriarão <do seu> nunca appetecerão o alheo; e os padres da Companhia de Jesus, como tão ricos e abundante // [p. 130] de tudo, não necessitão de mendigar pelas portas.

226. Bautizados os manarenses por quem quer que fosse, logo que o tirano de Jafana teve noticia da nova ley, que tomarão seus vassallos, assim como tinha usurpado ao Rey legitimo o reyno da terra; assym pertendeo tirar aos vassallos o reyno do ceo, extinguindo a fé e a religião catholica, de que estava declarado inimigo. Expedio hum decreto aos ministros, que o havião de executar a medida da sua ira e furor, mandando que, sem perdoar a idade, nem sexo, nem fazer distincção da qualidade e condição passassem a fio da espada a todos os bautizados, que quizessem prezistir na religião christam. Assim se executou em seiscentos homens, mulheres e crianças, que perguntados pela ley, que professavão, confessarão gloriozamente o santo nomme de Jesu[s] Christo. Era pasmo de ver que, podendo muytos evitar aquelle golpe ou retirando-se da primeyra furia da perseguição ou dissimulando a re[s]posta, se mostrarão tão constantes e rezolutos, que com rosto alegre e animo intrepido se offerecião ao martirio, protestando de viver e morrer na fé de Christo, verdadeyro Deos. Sem duvida foy Manar o mais delicioso jardim da igreja, cujas flores forão juntamente fruttos, apenas flore[s]cerão os manarenses com a vida da graça e fruttificarão logo fruttos da vida eterna. Ainda agora bautizados e logo dignos de ser canonizados por illustres martires. Não achou a ambição humana no mar da Pescaria tão ricas perolas, quão preciosos rubins deo ao ceo a terra de Manar, trocada de centro da idolatria em gloriozo theatro da fé, justamente celebre em todo o Oriente por Ilha dos Martires, logrando com especialidade este honorifico appellido

<sup>189</sup> Frei Jacinto no Vergel. Capitulo 1, Lucena Na Vida de São Francisco Xavier livro 2, capitulo 17, Souza no Oriente Conquistado tomo 1 conquista 2 Divisão 1 numeros 24 e 25.

o lugar do Martirio, antes mal conhecido por Curia Culapatim, ao depois venerado por villa dos Martires. Athe qui o estado florente da primeyra christandade de Ceylão. Mas a mizeria a que estava reduzida quando nella entrou o Veneravel Jozeph Vaz e o que elle e os mais que seguirão as suas pizadas, trabalharão para reformalla com novas e numerozas conversoens, prodigios e milagres, que the o presente se continuão, escreverey nos livros seguintes.  
//

## LIVRO SEGUNDO DA CHRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA

*Summario do que nelle se contem*

[p. 130a]

*Fabrica do convento da Santa Cruz dos Milagres com varias esmolas. Mizeravel estado da christandade de Ceylão, quando nella entrou o Veneravel Jozeph Vaz. Reforma que elle fez nos christãos de Potulão. Entra prezo na Corte de Candia. Muitas tribulações que padecerão os // [p. 130b] congregados em Goa. Missão do Padre Jozeph Vaz na Corte de Candia. Condiçoens que o arcebispo goano propoz aos congregados para lhes approvar os estatutos do Oratorio de Lixboa. Viagem dos Padres Jozeph de Menezes e Joseph Carvalho para a missão de Ceylão. Bautismo e chrisma de dous naturaes de Ceylão na Sé Primacial de Goa. Rezolução dos congregados de tomar o Instituto da Companhia de Jesus. Opposição dos sangatares contra o Padre Jozeph Vaz. Obra o Padre Jozeph Vaz hum estupendo prodigio da chuva na Corte de Candia. Missiona em varios lugares dos Holandezes. Busca aos terunanses, para lhes pregar o Evangelho. Fabulozo na[s]cimento, vida e morte de Budú. Preceitos, observancias e ierarchia dos sacerdotes da sua seyta. Missiona o Padre Jozeph Vaz em Jafana e busca ao Padre Pedro Ferrão. Noticias do Padre Pedro Ferrão. Morte do Padre Andre Paulo. Toma a Congregação por seu protector ao Excellentissimo Conde de Villa Verde, Vice Rey da India. Admiravel caridade dos missionarios de Ceylão na peste de beixigas, em que se convertem mais de mil gentios. Conversões feytas pelo Padre Pedro Ferrão com grandes prodigios. Examina o Illustrissimo Arcebispo Goano a observancia dos congregados com notaveis successos. Dispoem os estatutos com nova forma e passa a provizão da approvação delles e da fundação da Congregação. Retrato do Illustrissimo Senhor Dom Frey Agostinho da Annunciação. Reconhecimento das obrigações que a Congregação de Goa deve ao Veneravel Padre Bartholameu do Quental. Noticias da sua vida, virtudes, dons e milagres // [p. 131]*



var esses estatutos. O agrado e carinho, com que o novo arcebispo recebeu a <nossos><sup>10</sup> padres da primeyra vez que lhe forão beijar a mão, bem mostravão a força da recommendação do nosso veneravel fundador e lhes davão seguro de todo o bom sucesso. Porem, tudo isto erão entretenimentos que Deos dispunha para lhes manter a esperança, sem a qual não poderião perseverar constantes nas contradicçoens que experimentarão ao diante. Fallarão repetidas vezes, representando com possiveis expressoens a Sua Illustrissima a necessidade que tinhão da sua approvação, com que se lhes facilitarião muyto // [p. 134] as esmolos, sem as quaes não podião levar avante o edificio começado. E nunca tiverão mais despacho, que as esperanças de ser despachados no anno seguinte; porque no prezente tinha ambas as mãos occupadas, huma com o bago do governo ecclesiastico e a outra com o bastão do secular.<sup>11</sup>

<sup>125.</sup> Mas Deos quando fecha huma mão, abre a outra; e muyto melhor quando as mãos dos homens se encurtão, as divinas se alargão. Para buscarem o auxilio destas, que o liberalizão pelas dos esmoleres, andarão os nossos padres pela Cidade de Goa e pelas aldeas das Ilhas e Salsete e pedindo ao commum e particular ajuntarão sinco mil e dez xerafins e setenta e dous reis.<sup>13</sup> <Era> justo agora nomear aqui a todos os nossos benefytores, que concorrerão com as suas esmolos segundo as suas posses, dando muyto os que tinhão muyto e pouco os que possuem pouco. E <nem> por serem elles tantos,<sup>14</sup> <seria relação impertinente e enfadonha fazer> tão cumprido escolio dos seus nommes; porque <sup>15</sup><hé certo>, que mais custou a elles desembolsar o seu dinheyro, do que a mim escrever os seus nommes; e the as feras nos ensinão o muyto que nos devemos lembrar dos que nos fazem bens.<sup>16</sup> Mas como alguns derão muito pouco e mais quererião que ficasse occulto, do que divulga-lo em concurso de outros que derão muito; nem cabe<sup>17</sup> na razão nomear só aos que derão muito; por isso omitto a todos, advertindo que estão sempre na lembrança da Congregação vivos, no livro da fabrica do convento, aonde achey distintamente nomeados.<sup>18</sup> [p. 140]

<sup>10</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>11</sup> O arcebispo D. Frei Agostinho da Anunciação fez parte do 7.º Conselho do Governo, de 1691 a 1692. Voltou a fazer parte do 8.º Conselho do Governo, em 1701-1702. Cf. *Tratado de todos os Vice-Reis...*, já cit., p. 166.

<sup>12</sup> Riscado: «230», «231».

<sup>13</sup> Riscado: «He».

<sup>14</sup> Riscado: «não [tayde? o leytor] que foy impertinência por».

<sup>15</sup> Riscado: «deve saber».

<sup>16</sup> O texto seguinte até ao final do parágrafo encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>17</sup> Riscado: «m».

<sup>18</sup> Riscado: «Fique pois aqui nestas breves regras perpetuada a memoria das esmolos que recebemos; e sirvão estes caracteres de [despertador?] dos [...] nossa lembrança para rogarmos a Deos por [...] benefytores».

«232. Começando pois pelos esmoleres da cidade o illustrissimo senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação Arcebispo Primas deu quinze xerafins. O Reverendo Conego Francisco Pereyra de Magalhaens sincoenta xerafins. O Reverendo Padre Frey Manoel de Noronha

<sup>196.</sup> Com estas esmolos se proseguio a fabrica do Convento da Santa Cruz dos Milagres, edificio de pequeno v[u]lto e de tão limitado agazalho, que apenas tem commodo para vinte e sinco sogeytos. Obra tosca sem menor ostentação da vaidade humana, traçada a medida dos espiritos feytos a viver nos dezertos. Comtudo fez grande dispendio, que passou de quinze mil xerafins, em que entrarão os <dez><sup>20</sup> mil, que deo a Camara Geral da provincia de Bardes e tudo que sobejava em caza feyto o gasto do pobre sustento della. Custava a agoa mais cara que a pedra e cal, por ser necessario conduzi-la do pé do Monte; mas tudo venceo a paciencia, o tempo e a despeza, addiçoens sem as quaes não se pode concluir couza de proveyto neste mundo. Mas do edificio material da Congregação passemos a ver o espiritual que fabricava em Ceylão o Padre Jozeph Vaz.

dominico dez xerafins. Manoel Leytão de Andrade trezentos vinte quatro xerafins tres tangas quarenta e dous reis. Marçal Pereyra vinte xerafins. Diogo Fernandes [...] secenta xerafins. Paschoal Gomes dez xerafins. Manoel [...] Side [oyto?] xerafins. Domingos Marques [...] xerafins. Afonço Botelho sinco xerafins.

«233. Nas aldeas houve esmoler que sahirão [...] //

«[p. 139] [Na margem direita: «Anno 1691»] 241. A comunidade da aldea Raya sincoenta xerafins. Os particulares della. Custodio Collaço setenta e sinco xerafins. Miguel de Figueiredo sincoenta xerafins. O Reverendo Padre Cosmo de [Frias?] dous xerafins. O reverendo Padre Antonio Barboza vinte e sinco xerafins. O Reverendo Padre Hieronymo Antão seis xerafins. O reverendo Padre Simão Xavier da Costa quinze xerafins. O Reverendo Padre Marcello Mascarenhas dez xerafins. Andre Dinis sinco xerafins. João Bautista oytto xerafins.

«242. A comunidade da aldea Nagoá dez xerafins. Os particulares. Luis Cabral dez xerafins. Francisco Pereyra sinco xerafins. Ventura Cabral sinco xerafins. João dos Remedios sinco xerafins. Francisco Pereyra o grande sinco xerafins. João de Andrade [dous?] xerafins. João Castello hum xerafim. João Baracho hum xerafim. João Fernandes hum xerafim. Diogo da Cunha hum xerafim. Manoel Rafael hum xerafim. Andre Furtado hum xerafim. Antonio de [Luna] hum xerafim. Gabriel da Guia hum xerafim e meyo. Thome de Miranda hum xerafim. Gabriel Vaz hum xerafim. João Domingos Pereyra meyo xerafim. Domingos Baracho meyo xerafim.

«243. A comunidade da aldea Chicalim quinze xerafins. Os particulares della. Antonio Francisco Pereyra dez xerafins. João Correa doze xerafins. Balthazar Pereyra tres xerafins. Francisco Rodrigues hum xerafim, e meyo. Sylvestre Xavier hum xerafim. Sebastião de [Frias?] hum xerafim. O mestre [Leytão?] hum xerafim.

«244. A comunidade das aldeas Cortalim trinta xerafins. Quelossim vinte xerafins. Dabolim sete xerafins. Valdem quatro xerafins. Camorlim sinco xerafins. Chinchinim vinte xerafins. Cavaddi sinco xerafins. Aquem vinte xerafins. Davorlim sinco xerafins. Talaulim quinze xerafins. Damapor sete xerafins. Sarzorá dez xerafins. Devasiva oytto xerafins. Orlim quinze xerafins. Varcá vinte xerafins. Suraulim tres xerafins. [...] sinco xerafins. Betalbatim vinte xerafins. Gonsua sinco xerafins. Majordá vinte xerafins. Utordá sinco xerafins. Arossim doze // [p. 140] [à margem: «Anno 1691»] xerafins. Cansaulim dez xerafins. Velsão dez xerafins. Puly dez xerafins. Mormugão quatro xerafins.

«245. A comunidade da aldea Benaulim setenta e sinco xerafins. Os particulares Jozeph Barreto sincoenta xerafins. Antonio João Vaz vinte e sinco xerafins. O Reverendo Padre Teixeira de Collvá dez xerafins. Na provincia de Bardez Paschoal Pinto de Candolim [deo?] quarenta xerafins. A aldea Nellur sinco xerafins.»

<sup>19</sup> Riscado: «246».

<sup>20</sup> Riscado: «oyto».

*Capitulo Segundo*

*Mizeravel estado da christandade de Ceylão quando nella entrou o Veneravel Jozeph Vaz. Reforma que fez nos christãos de Potulão e a sua entrada na Corte de Candia, aonde foy prezo em rigorozo cárcere*  
Anno 1692

217. Vimos na relação do livro antecedente quão numeroza christandade flore[s]ceo em Ceylam por industria e zelo dos religiosos franciscanos. Estava a fé extendida e dispersa por todos aquelles reynos e recebida de muytos reys, princepes, dissavas<sup>22</sup> e mudeliars,<sup>23</sup> tão constantes na religião romana, que não reparavão per // [p. 141] der os reynos, deixar os estados, athe derramar por Christo o seu sangue. Mas quando neste mundo o sol que na[s]ceo e sobio, deixou de cahir; quando não vazou o mar, que encheo? Desd[e] a intrusão dos Holandezes em Columbo, que foy pelos annos mil seis<centos> quarenta e seis por diante, apenas passavão quarenta annos; e ainda menos a respyto de Manar e Jafana, em que entrarão em mil seiscentos sincoenta e oyto. Neste espaço se arruinou toda aquella florente christandade dilatada por mais de hum seculo. De sorte que, quando entrou o Veneravel Jozeph Vaz naquellas ilhas, excepto Manar e Silale de Jafana, em que se conservavão os christãos, sem tomar os erros com que se contaminarão os mais; achou a mayor parte huns hereges, outros apostatas e em quazi todos morta a fé com intoleraveis abuzos, vicios e abominaçoens. Dos trezentos mil que se refere, converterão os religiosos franciscanos; e de outros muytos mil, que converterião os missionarios de outras religioens, não restava vigessima parte, que fossem dignos do nomme de catholicos romanos. Os que se goardarão mais dos erros da heregia e dos supersticiozos ritos do gentilismo forão os Portuguezes e seus filhos, que na perda de nossas praças se passarão para os dominios do Rey de Candia. Mas se bem não deixarão a fé; vivião comtudo em costumes muy corruptos, como ovelhas sem pastor, desgarradas e livres, sem freo nos seus appetites. Neste mizeravel estado estava a christandade de Ceylão, quazi extincta; quando para remedio e restauração della dispoz Deos a Congregação do Oratorio de Goa; de donde levou ao Veneravel Jozeph Vas entre perigos e trabalhos, de que só a sua omnipotencia o podia livrar. O que este varão apostolico obrou em Jafana, deixey atraz referido; agora o veremos não menos sollicito em Potulão, para onde se refugiou, retirando-se da perseguição dos hereges.

248. Hé Potulão, porto marinho, unico, que o Rey de Candia tem em Ceylam. Havia nelle quazi mil pessoas, reliquias da primeyra christan[da]de, conservando huma ermida, fabricada em tempo dos Portuguezes; profesavão a fé com a boca; mas nos costumes procedião muy alheos da catho-

<sup>21</sup> Riscado: «247».

<sup>22</sup> Ou *dissaba*: governador de provincia no Ceilão.

<sup>23</sup> Chefes, capitães nativos.

<sup>24</sup> Riscado: «248».

lica crença. Neste porto achou o Padre Jozeph Vaz a seu amigo Padre João de Bargaça, natural de Cavaddi, // [p. 142] da provincia de Salsete de Goa, o qual movido do zelo da salvação das almas, peregrinou algum tempo na missão do Canara, aonde o nosso Veneravel Padre lhe tinha communicado o seu designio, por conhecer nelle bom espirito; e como hia adiante, tentar a entrada em Ceylam, lhe prometeo fazer avizo do que experimentasse na empreza, para o vir seguindo de trás; e com effeyto depois de chegar a Jafana, lhe escreveo e o convidou para ter parte naquella tão glorioza obra. Nem faltou o Padre João de Bargaça de cumprir com a sua palavra; porque seguio ao Padre Jozeph Vaz e entrou com bom sucesso em <sup>25</sup><Columbo>, aonde<sup>26</sup> fazia muyto serviço a Deos, quando logo socedeo a perseguição de Henrique Wanrey em todos os lugares dos Holandezes e não se dando por seguro nos<sup>27</sup> dominios dos hereges, se retirou quazi ao mesmo tempo a Potulão, aonde se encontrarão ambos com grande consolação sua, depois de sinco annos que se não tinham visto.

289. Com santa emulação começarão ambos a missionar com incansavel zelo, que muyto era necessario para extirpar vicios inveterados em gente costumada a viver na liberdade; erão aquelles christãos pela mayor parte mucuás, de casta humilde, vivião de continuo trabalho de suas mãos; e por isso não custava <pouco> aos missionarios para os conduzir a ermida e instruir na doutrina christam, de que apenas tinham escura noticia; mas tudo venceo a paciencia e a continuação, fazendo o exemplo da vida destes apostolicos pregadores mais efficaz a sua doutrina; com que tanto se melhorarão de costumes os mucuás de Potulão, que o Padre Jozeph Vaz julgando-os bem instruidos e reformados, dezejava novos empregos em que occupar-se. Era Potulão então, como the o presente, porto frequentado dos mercadores do certão, que fazem nelle escalla de varias drogas; entre outros chegou hum Antonio Sotto, filho de Portuguez e deo ao Padre Jozeph Vaz informação de muytos christãos, que vivião dispersos em varios lugares do dominio do Rey e mayor numero na sua Corte de Candia e prometeo de o encaminhar para ella, aonde tinha parentes, com cuja ajuda e favor podia // [p. 143] fazer muy fructuoza missão. Propoz o Padre Jozeph Vaz este negocio ao Padre João de Bargaça, para proceder com mais maduro conselho; e vendo-o muyto inclinado para tamanha <empreza>, lhe cedeo livremente o campo, porque conhecia o seu prestimo e virtude; e para o nosso missionario não havia couza de mayor gosto, como não fazer a vontade propria, por se accomodar com a alhea.

2910. Porem Deos dispoz o contrario; porque o Padre João de Bargaça contrahio achaques com a mudança do clima; e com os trabalhos da missão;

<sup>25</sup> Riscado: «[Manar?]».

<sup>26</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>27</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>28</sup> Riscado: «[250?]».

<sup>29</sup> Riscado: «249».

e tendo a certeza de que entrado huma vez na Corte, não havia de ter facil sahida, não poude proseguir avante com a sua santa rezolução; e assentarão novamente, que o Padre Jozeph Vaz fosse a Candia; e o Padre João de Bargança ficasse com o cuydado dos christãos de Potulão e, conforme permittissem o tempo e a saude, soccorresse aos de Manttota, Manar e Jafana. Com efeyto, trabalhou este zelozo sacerdote quanto as forças do corpo permittião; mas vendo ao depois, que frequentemente adoecia, voltou para Goa, cheo de merecimentos. Era elle charado de casta, de espirito generoso; restetuido a patria viveo exemplar e foy collado na igreja parochial de São Matheus, da Ilha de Goa, em remuneração dos seus bons serviços, que o habilitavão para mayores empregos. No ministerio desta parochia viveo muytos annos, dando illustres testemunhos da sua solida virtude. Mostrava grande zelo no culto divino e na boa instrucção dos seus freguezes. Era muy abstinente e mortificado; grande sofredor das injurias que recebeo com serenidade de animo muytas e pezadas. Liberalmente caritativo em soccorrer aos pobres. Finalmente em boa e louvavel velhice, depois de deixar na mesma igreja perpetuada a memoria da sua grande piedade, passou desta vida a outra com sinaes que nos fazem parecer, mereceo a Deos o avizo da sua ultima hora; porque em corpo são se preparou para ella e hum dia antes do seu fallecimento se despedio dos seus freguezes, como quem os não havia de ver mais.

<sup>30</sup>11. Determinado o Padre Jozeph Vaz a penetrar o interior de Ceylam em demanda dos christãos que vivião dispersos pelo reyno e Corte de Candia, sahio de Potulão em Agosto de mil seiscentos noventa // [p. 144] e dous em companhia de António Sotto, que com bom zelo se lhe offerecera por guia. E para que a difficuldade de sahir daquella Corte, o não intimidasse na rezolução de entrar nella, assentou consigo firmemente de não sahir daquella terra, escolhendo-a para a sua perpetua habitação a troço de padecer quaesquer discommodos. Premeditou os trabalhos que buscava, previo os perigos da vida a que se expunha; os quaes fazião tão medonha carranca, que bastavão para desanimar a hum alentado coração. Porque sendo conhecido por sacerdote vindo de Goa, o reputarião por espia dos Portuguezes; e certamente morreria em prolongado tormento de hum perpetuo carcere, se não se anticipasse o cutello; com o que ficava frustrada assim a missão que podia fazer fora da Corte, como a que intentava dentro della. Todos estes temores desprezou o servo de Deos com generosa constancia; porque o fogo do amor de Deos, cuja gloria buscava, lhe ministrava brios e alentos, para acometer mayores difficuldades e perigos, se mayores podia haver. Fiava unicamente o bom successo dos seus trabalhos na Divina Providencia, porque sendo tomados por honra sua, não podia o omnipotente e mizericordiozo Senhor deixar de favorecer tão santos intentos; e quando a morte violenta os atalhasse, que mayor gloria, que morrer por Christo? Que mayor triumpho, que lograr a palma do martirio?

<sup>30</sup> Riscado: «250».

<sup>31</sup>12. Com oyto dias de viagem chegou ao pé de huma alta serra, chamada Bevoddá, onde ficava a aldeia de Antonio Sotto. Deteve-se nesta paragem algum tempo, emquanto alcançava beneplacito d[e] el Rey, que era preciso para as pessoas estrangeiras entrarem na sua Corte, que ficava em distancia de hum dia de caminho. Entretanto não estava ociozo, porque se occupou em instruir e administrar os sacramentos à familia de Antonio Sotto e alguns christãos que vivião naquelle retiro. Para conseguir esse beneplacito mandou Antonio Sotto chamar hum parente seu, valido no Palacio, na fé de que por ser christão, se empenharia no alcance deste despacho real. Mas este homem era herege, por inducção de hum Frances calvinista, o qual vindo por // [p. 145] enviado da Companhia de França para pactar com el Rey de Candia commercio nas suas terras, ficou embaraçado para não sahir da Corte, ou por malsim<sup>32</sup> dos Holandezes, ou por barbara cautela do mesmo Rey; the que, fazendo seu domicilio nella, se aparentou com os naturaes e servia no Palacio com agrado e privança da Magestade.

<sup>33</sup>13. Este impio herege<sup>34</sup> e parente do parente, que elle mesmo pervertera, de Antonio Sotto, tanto que soube que ficava o nosso missionario em Bevodda e solicitava licença real, para entrar na cidade, foy denunciar perante el Rey, que Antonio Sotto estava confederado com os Portuguezes e tinha em sua caza hum sacerdote vindo de Goa por espia para examinar o estado, poder e forças com que se achava a terra e para melhor disfarçar a diligencia a que vinha, intentava applauzo de Sua Magestade, para entrar na sua Corte a titulo de missionario. Esta falsa noticia cauzou tanto alvoroço em toda a cidade, que o Rey com indignação igoal ao soçobro despachou huma esquadra de soldados bem municionados com rigorosa ordem, para trazerem presos a bom recato a Antonio Sotto e ao novo hospede que tinha em sua caza. Tão grande respeyto logra ainda hoje em Ceylão o nomme Portuguez, que o espaço de hum seculo não tem bastado para apagar a memoria dos estragos que fizeram nas terras de Candia as armas luzitanas. Fielmente se executou o decreto real; nem devia de outro modo, senão prezo e cativo, entrar Jozeph no Egipto. Se o primeyro vendido pela inveja, o nosso com mayor fortuna compelido do amor de Deos; mas hum e outro para beneficio dos mesmos que o prenderão e cattivarão. Assim sabe Deos melhor tirar bens dos males, do que não permitir mal algum. E assim para confusão do inimigo commum e dos seus sequazes permitio que hum herege perseguisse e lançasse fora de Jafana ao Veneravel Jozeph Vaz; e outro não menos impio maquinasse a sua prizão, para que desta sorte os mesmos hereges fossem instromentos de o introduzirem na Corte de Candia, aonde ficando no centro da ilha, como o sol no zenit, espalhasse por todas as partes de Ceylão a luz da pregação evangelica e com ella desterrasse as trevas da heregia e paganismo. // [p. 146]

<sup>31</sup> Riscado: «252».

<sup>32</sup> Por *denúncia*?

<sup>33</sup> Riscado: «253».

<sup>34</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>35</sup>14. Forão recolhidos os nossos prezos em hum rigoroso carcere nos arrebaldes da cidade, com sentinela a vista, que não lhes permitia afastar do lugar quatro passos. Assim estiverão sinco dias, sem comer mais que huma mão chea de nachinim<sup>36</sup> torrado, que he hum legume de tamanho de mostarda, que lhes dava o carcereyro pelos não ver morrer à fome. Entretanto o Rey Vimala Suria, que era de condição benigna, entrou em exame da pessoa do Padre Jozeph Vaz, inquirio miudamente de suas acçoens e inferindo da sua mansidão e modestia não parecia ser espia, como ao principio se divulgou, mandou soltar a Antonio Sotto e ordenou que o nosso missionario e o moço João, seu inseparavel companheyro, ficassem na mesma prizão, sustentando-se da porção que lhes mandou dar, por conta da sua Real Fazenda. Havia na Corte de Candia muytos descendentes dos Portuguezes. Alguns delles erão bem vistos no Palacio e hum chamado Antonio de Horta tinha muyto valimento com el Rey e veio a conseguir o titulo e estado de dissava, que conresponde ao de conde; mas nenhum se atrevia a ter communicação com o missionario prezo, nem podia solicitar a sua soltura, por não incorrer na suspeita do crime que se accomulou contra Antonio Sotto; alem do que os decretos reaes são naquelle Reyno tão venerados, que muytas vezes se dá em culpa o pertender dispensação delles.

<sup>37</sup>15. Estava o Padre Jozeph Vaz nos primeyros tres mezes da sua reclusão, satisfazendo a Deos com dezejos o que não podia com obras. E entretanto que chegasse a hora de socorrer aos proximos no espirital, os ajudava no temporal, distribuindo aos pobres a mayor parte da porção que lhe dava el Rey e reservando para si quanto bastasse para hum limitado jantar, que era juntamente cea e almoço, para poupar ao criado o trabalho de ir muytas vezes ao fogão. E para evitar todo o ocio se applicou ao estudo do idioma chingalá, vulgar naquelle reyno, e fez delle hum vocabulario, que foy ao depois de muyta utilidade aos missionarios, que lhe socederão. Nem a João deixava ociozo, porque o instruiu no latim, de sorte que o lesse e percebesse athé // [p. 147] ficar habil de rezar o officio divino. <sup>38</sup>Foy-se demenuindo cada dia o rigor da prizão, tanto que se lhe permitia passear dentro della. Quiz então averigoar experimentalmente se a sua reclusão era só por razão de estado pela falsa denuncia do herege, ou juntamente por odio da religião catholica; para o que fabricou na horta do carcere, que era espaçosa, huma pequena barraca coberta de palha, que foy a primeyra igreja que consagrou a Deos em Candia. Armou nella hum altar, sobre o qual arvorou o estandarte da Cruz; adorou-o prostrado por terra e começou a fazer exercicios da oração, roزاریo e ladainhas da Santissima Virgem, de sorte que fosse tudo visto e notado. E vendo que nada lhe estorvava o carcereyro, se preparou para celebrar o sacrificio incruento e com todo o jubilo de sua alma

<sup>35</sup> Riscado: «254».

<sup>36</sup> Ou *Nachenim*: planta cerealifera indiana (*Eulesine indiana* Gaert.).

<sup>37</sup> Riscado: «255».

<sup>38</sup> No original aparece na margem dos folios seguintes: Anno 1693.

à meya noyte do Natal disse a primeira missa e as foy continuando no dia seguinte, sem que alguem lho embargasse, sendo que muytos prezenceavão quanto fazia naquella barraca. Mas emquanto o Padre Jozeph Vaz está na sua prizão, vejamos o que passava em Goa na Congregação.

### Capitulo Terceyro

#### *Muytas tribulaçoens que padecerão os congregados*

<sup>39</sup>16. Entramos em anno mil seiscentos noventa e tres, o qual quando cuydavão os congregados ser o ultimo termo da sua esperança; porque nelle tinha o Illustrissimo Arcebispo prometido a sua suspirada approvação; foy o principio de grandes contradicçoens, que se continuarão por seis annos seguintes, os quaes para não referir de quando em quando, de anno em anno, ajuntarey neste capitulo, não todas, que forão muytos, mas as principaes.

<sup>40</sup>17. O nosso Veneravel Bartholameu do Quental, que não perdoava diligencia de promover o aumento desta sua familia, fez a Sua Magestade em Lixboa huma supplica em nomme destes congregados, pe // [p. 148]dindo o seu real applauzo para reccorrerem a Sé Apostolica e haverem breve da confirmação desta Congregação. Hia este requerimento fundado no despacho do bispo governador, referido atrás numero,<sup>41</sup> na informação que precedeo a elle do Padre Mestre Francisco Simoens e nas noticias autenticas do que obrava na missão de Ceylão o Padre Jozeph Vaz; parecendo por então bastantes estes documentos, para Sua Magestade ficar inteirado que esta Congregação havia de ser muito util para servir ao seu Real Padroado nas missões da India e por isso digna da sua protecção. Mas temendo isto mesmo o commum inimigo, preparou obstaculos bastantes para nos impedir esse despacho. Assim como tinham os congregados pessoas religiosas e pias que os abonavão, dirigião e favorecião, assim tãobem havia nesta Cidade de Goa homens que não folgavão de ver esta Congregação estabellecida; socedendo-lhe neste tempo o que fazem os anjos ao genero humano; que os bons o allumião e encaminhão para o bem; porem os maos lhe envejão todo o bem e lhe dezejão todos os males. Semelhantes homens que de graça nos querião mal; porque não sey que houvesse então na Congregação, para ser tão envejada senão pobreza e miseria, pela qual se fazia digna de compaixão; sabendo que os nossos congregados com o despacho referido do bispo governador havião de supplicar a protecção real e impetrar a confirmação da Sé Apostolica; se empenharão a desabona-los na Corte de Lixboa por inconstantes, ignorantes, gente de pouco prestimo, de quem se não podia esperar obra de edificação;

<sup>39</sup> Riscado: «256».

<sup>40</sup> Riscado: «257».

<sup>41</sup> Espaço em branco.

e o provavão com a inconstancia de varios sogeitos, que entrarão nesta Congregação e não perseverarão nella. E foy tão facil este negocio como escrever huma carta. Estes desabonos corrião em Lixboa de boca em boca, the chegarem ou por industria ou por acazo aos ouvidos dos primeyros ministros, de quem dependia o nosso despacho.

<sup>42</sup>18. Mandou Sua Magestade convocar Junta das Missões para se diffirir nella a nossa humilde supplica. E como os convocados estavam de antemão mal informados, nada attenderão ao despacho do bispo governador e só acordarão o seguinte. Assentou-se nesta me // [p. 149]za da Junta das Missoens sobre a petição feita por parte dos padres bramanes, naturaes de Goa, do Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, donde tem sahido varios sogeitos para a missão do Canará e o Padre Jozeph Vaz, que assiste em Ceylam padecendo muytos incommodos entre aquelles infieis e perseguições do inimigo Holandez; em que pedem licença a Vossa Magestade para terem aquelle hospicio, em que assistem e aonde mais convier ao serviço de Deos nos senhorios de Vossa Magestade; pelo que somos de parecer, que mande Vossa Magestade ao arcebispo de Goa que examine da constancia dos ditos sogeitos, procedimentos da vida e costumes e vocação do espirito e o informe; e havendo somente estas partes sem mais reparar em couza alguma pode Vossa Magestade, sendo servido, conceder-lhes não só os hospicios que pedem mas antes fazer-lhes todos os favores e merces, que for servido; pois convem tanto ao serviço de Deos.

<sup>43</sup>19. Ainda assim foy muyto favoravel este acordão da Junta das Missões; nem teriamos este despacho a não estar presente nella o Veneravel Padre Quental, que nos defendia e procurava apagar o mao conceyto que os convocados tinham formado; pois assim o affirma elle, dizendo na sua carta. «Grande lastima hé que não se ache em Vossas Reverencias a constancia e perseverança necessaria para estas emprezas, como tem o Padre Jozeph Vas, cujas noticias nos tem edificado muyto, que hé a tacha que todos poem em Vossas Reverencias e desconfiança que se tem geralmente dos seus sucessos.[»] E por esta razão da sua inconstancia e outras couzas, que lhes accumulão, não foy pouco que vendo-se na Junta das Missoens a sua petição e mais papeis, mande Sua Magestade informar o senhor arcebispo sobre ella e os intentos de Vossas Reverencias.

<sup>44</sup>20. Chegou esta ordem real na nao em que veo por Vice Rey deste Estado o Excellentissimo Conde de Villa Verde, Dom Pedro Antonio de Noronha, ao depois Marques de Anjeja, o qual tendo sahido de Lixboa nos fins de Março do anno passado aportou a Goa em Junho do presente de

<sup>42</sup> Riscado: «258».

<sup>43</sup> Riscado: «259».

<sup>44</sup> Riscado: «260».

nossa historia.<sup>45</sup> E como Sua Magestade remetia o exame do procedimento dos congregados ao Senhor Arcebispo, este quiz fazer as provas muyto devagar, dando-lhes tempo largo // [p. 150] para o exercicio da sua paciencia; e aos seus inafectos campo franco para os perseguir por todos os modos. Aquelle capitular, que tanto malsinou aos congregados com o bispo governador, ja era vigario geral do arcebispado e com a vara na mão desafogava a sua paixão mais a seu salvo. O Prior da Collegiada da Luz, em cujo districto fica a Igreja da Santa Cruz dos Milagres, queria que os congregados o reconhecessem por seu parocho; e não deixava fazer na Congregação acto algum, sem sua expressa licença. Athe de alguma missa cantada ou officio que os devotos mandavão fazer por seus deffuntos requeria para si o pé do altar; porque tinha prompto o favor do reverendo vigario geral, que estava com mão armada sobre os congregados e não perdia occasião alguma de os ferir, nem se descuydou de persoadir ao Illustrissimo Arcebispo naquelle conceyto que elle tinha concebido dos congregados que, depois de colherem a sua approvação, havião de solicitar confirmação pontificia com izenção da jur[is]dição ordinaria; e por isso dizia, convinha traze-los sempre sopeados debaixo de rigorosa sogeição, nunca consentindo, nem approvando os estatutos de Lixboa, que chamava absolutos e independentes. E bem mostrou o Illustrissimo Arcebispo que lhe soava muyto bem a voz do seu vigario geral.

<sup>46</sup>21. Socedeo neste tempo sahir hum edital publico do senhor arcebispo, para se porem correntes os sogeitos que houvessem de ser ordenados de ordens sacras. Foy hum delles o nosso Padre Gabriel de Saá, que era então subdiacono, o qual hindo com os seus papeis ao vigario geral, lhe perguntou este, como procurava ordens de Evangelho sem ter acabado, nem estar dispensado do anno dos intersticios. Respondeo o ordinando que das temporas do anno passado a temporas do presente se completava o anno ecclesiastico e não se fazia necessaria a dispensação. Esta re[s]posta muyto cabal irritou tanto ao bom vigario geral, que sem respeitar a razão mandou ao Padre Gabriel de Saá prezo ao aljube, em que esteve enquanto o senhor arcebispo o mandasse soltar.

<sup>47</sup>22. Socedeo tãobem morrer no nosso Convento hum cafe nosso cattivo, ao qual administrou todos os sacramentos hum // [p. 151] beneficiado da Igreja <da Luz> e depois de fallecido lhe deo enterro na mesma freguezia. O que não obstante informou o prior ao vigario geral que os congregados se entremetião na sua jur[is]dição parochial, administrando sacramentos a hum cafe que lhes fallecera em caza; com o que ficou tão acezo

<sup>45</sup> D. Pedro A. de N. Albuquerque, 59.º governador e 34.º vice-rei da Índia, exerceu o cargo até 1698. Pugnou contra as desordens entre os religiosos, chegando mesmo a enviar efectivos militares ao convento dos Agostinhos que lhe ripostaram expondo o Santíssimo à janela. Veja-se *Tratado de Todos os Vice-Reis e Governadores da Índia*, já cit., p. 167.

<sup>46</sup> Riscado: «261».

<sup>47</sup> Riscado: «[262?]».

o fogo, que o vigario geral trazia reconcentrado no seu peyto, que lançava chamas bastantes para fazer hum grande incendio. Dizia que não tinha errado no conceyto que tinha formado da hipocrezia dos congregados, que se tão depressa uzurpavão a jur[is]dição parochial do prior, de quem erão freguezes, logo que alcançassem a approvação do ordinario, se havião de levantar contra elle, allegando suas izençoens. Molestou por isso muyto ao Padre Custodio Leytão, levando-o como reo à sua prezença e enchendo-o de palavras injuriosas; e ainda que no exame do facto conheceo a falsidade da informação do prior, mas nem por isso <ficou> emendado, antes cada vez mais apaixonado e cego.

<sup>48</sup>23. Porque, passando o Padre Custodio Leytão pela Rua Direyta da cidade, aonde este vigario geral e varios capitulares da Sé assistião a hum leylão, o chamou perante si; e sem mais nem mais o começou a descompor com publicas afrontas, ameaçando-o que o havia de mandar recolher no aljube, prezo em machos. Respondeo o nosso velho que bem entendia que o castigo que sua merce lhe ameaçava, era devido a alguma culpa grave que nelle tinha notado. A culpa, dizia o apa[i]xonado juiz, era de uzurpar a jur[is]dição parochial do prior da Luz, de que ouvia continuas queixas e sabia que se não emmendava, sem temor de Deos, nem medo da justiça. Satisfez a isso o paciente padre; que supposto não sabia em que tinha uzurpado a jur[is]dição do prior e menos em que se fundavão as suas queixas; mas nem por isso se justificava; antes se offerecia prompto à prizão, aos ferros e a todo o castigo que sua merce ordenasse; porque era seu subdito e devia obedecer a seu Prelado. Esta injuria publica escandalizou a todos os capitulares que, no mesmo lugar, na prezença do mesmo vigario geral, extranharão os arrosos de tão arrebatada paixão. Athe muytos gentios que estavam presentes sentirão de o ver tão vilmente tratado hum sacerdote venerando. Os parentes e amigos dos congregados tomavão como proprio este agravo; e os persuadião // [p. 152] que sahissem do Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres e cada hum se recolhesse a sua caza; pois nas suas aldeas podião servir muyto a Deos, sem ser necessario sogeitar-se a tantos opprobrios.

<sup>49</sup>24. Igoalmente na morte do Padre Andre Paulo congregado; logo que elle falleceo, veo o prior da Luz com authoridade de parochio procurar o seu testamento; derão-lho fechado na forma que estava; abriu-o elle e não achando que lhe deixasse dinheyro para os funeraes, foy requerer ao vigario geral. Este mandou chamar ao Padre Custodio Leytão e lhe perguntou com que authoridade tinha aberto aquelle testamento. O Padre Custodio Leytão para não faltar a verdade, respondeo que elle entregara o testamento fechado ao prior, que o foy buscar ao Convento <da Congregação e o mesmo> o abriu com authoridade de parochio. Com esta re[s]posta ficou tão acezo o vigario

<sup>48</sup> Riscado: «263».

<sup>49</sup> Riscado: «264».

geral, que parecia hum Vezuvio vomitando chamas, gritava e proferia quantas injurias lhe<sup>50</sup> occorrião a boca, ameaçando sempre com aljube e machos. Mas era para <ver> ao juiz pequeno de corpo, mas tão colerico e inquieto que enchia o mundo com os seus gritos. Pelo contrario o reo grosso e corpulento; mas tão pacifico e quieto, que com cabeça baixa e com semblante sereno ouvia aquelles vituperios, como se fossem elogios e não fallou mais que estas palavras. Vossa Merce he meu prelado e juiz; e eu como subdito obediente estou prompto para tudo que for servido dispor de mim.

<sup>51</sup>25. Todas estas tormentas na[s]cião da pouca attenção com que o senhor arcebispo tratava aos congregados. Quando os confrades da Irmandade da Senhora do Bom Sucesso requerião licença para haver expozição do Sacramento na sua festa, remetia ao prior da Luz que lhe informasse se na nossa igreja havia decencia para se permitirem nella semelhantes actos; e entrava o prior a vizitar, ver e rever os aparelhos e ornamentos da festa. Na occazião da vizita que este prelado fez na Igreja da Luz, mandou que apparecessem nella os congregados como freguezes daquella parochia e apresentassem os papeis dos seus patrimonios, habilitação *de genere*, castas das ordens, breviarios e licenças de dizer missa. Athe inquirio da sua vida na mesma vizita; e não só não achou couza que maculasse a // [p. 153] sua boa opinião, mas muytos freguezes, sendo perguntados e Marçal Pereyra de Sa entre outros, afirmou com juramento, que dos maos procedimentos dos congregados nada sabia; mas dos bons tinha muyto que dizer; que todo o povo vivia edificado de ter naquella freguezia huma clauzura, em que moravão sacerdotes que por sua exemplar vida erão dignos de Sua Illustrissima os honrar com muytos favores e não de os tratar com tanto rigor; vizitando-os à maneyra de clerigos extravagantes; pois quando necessitassem de ser vizitados, o podia Sua Illustrissima fazer com mais cautela hindo ao seu convento, sem ser necessario perguntar aos seculares sobre o procedimento dos que vivião tão retirados do seculo.

<sup>52</sup>26. Ainda passou mais avante esta tribulação; porque o Illustrissimo não queria que os nossos congregados dessem noticias do seu estado e das couzas da Congregação ao Veneravel Padre Quental; dizendo que como Sua Magestade lhe tinha recommendado o exame e a informação do estado da Congregação, só a elle tocava informar; e os congregados devião esperar emquanto fosse a sua informação e sahisse o ultimo despacho real. E para assim o conseguir à sua vontade pedia para ler as cartas que da Congregação de Lixboa vinhão para esta de Goa. Tendo aquelles padres grande paciencia para sofrer injurias na sua pessoa; no particular porem do aumento do commum da Congregação erão muy soffregos; e não podião deixar de appli-

<sup>50</sup> Segue-se um palavra riscada.

<sup>51</sup> Riscado: «265».

<sup>52</sup> Riscado: «266».

car todos os meyoos possíveis para este fim. Tinhão havido atestaçoens de varias pessoas com alguns documentos, de que constava a constancia com que perseveravão e a utilidade que do estabellecimento desta Congregação podia resultar às missoens da India; os quaes papeis remeterão ao Veneravel Padre Quental, para com elles informar a Sua Magestade. Mas a carta em que o Veneravel Padre respondeo ficar entregue desses papeis, cahio na mão de Sua Illustrissima; porque lha não puderão occultar, que foy o mesmo que cahir azeite no fogo. Não poude Sua Illustrissima reprimir a ira; disse que as taes atestaçoens e documentos erão <falsos>; que havia de lançar aos congregados fora da Igreja da Santa Cruz dos Milagres; porque andavão com enredos; e que ja tinha percebido que tudo quanto machinavão às occultas, era para eximirem-se da sua jur[is]dição.<sup>53</sup> Daqui começou a tratar aos congregados com mayor se // [p. 154]veridade, athe mandar-lhes, com pena de excommunhão, que se matriculassem no rol da confissão da freguezia do prior da Luz, com o que confirmou a authoridade parochial do prior sobre a Congregação.

<sup>54</sup> 27. Nestes termos os parentes e amigos não cessavão de importunar aos congregados para que sahissem da clauzura antes que fossem lançados della; porque menos mal seria sofrer a nota de inconstantes, do que a infamia da expulsoria. Que estando o arcebispo e seu vigario geral tão declarados, não havia que esperar bom successo; porque parecia que antes extinguirião a Congregação, do que ampara-la e conserva-la. Outros tinhão por inutil emprego o dinheyro com que concorrerão para o edificio do convento. Muytos que dezejavão entrar nelle, se retrahirão a vista de tantos vituperios e perseguiçoens que padecião os congregados. Os inafectos que não folgavão com o estabellecimento da Congregação, se consideravão proximos de ver completos e satisfeytos os seus dezejos. Mas todos se enganavão. Nada sabe quem não sabe que o caminho de Deos he de trabalhos e contradicçoens. As geadas, as neves e os soes não esterelizão as sementeyras de Deos; porque o invizivel rocio da sua graça as rega melhor que as chuvas abundantes dos favores mundanos. Por isso era chegado o tempo em que Deos chovia abundante graça sobre a tenra planta da Congregação; porque era tão perseguida e maltratada, e sem duvida se deleytava Deos muyto de ver a constancia com que se radicava na humildade e rezistia generosamente a tão fortes furaçoens. E se Deos então estava por nós, que poder seria bastante para arruinar o edificio, que elle fabricava sobre tão profundos alicesses, para ser firme e perpetuo na duração? Tempo virá em que, serenadas estas tempestades, logrem os congregados os doces frutos da sua paciencia. Entretanto vizi-temos ao Veneravel Jozeph Vaz, prezo no carcere de Candia.

<sup>53</sup> No original aparece na margem dos folios segunites: Anno 1694

<sup>54</sup> Riscado: «266», «267».

*Capitulo Quarto*

*Com o permisso do Rey de Candia começa o Padre Jozeph Vaz exercitar a missão // [p. 155]*

<sup>55</sup> 28. Já era passado tempo notavel em que os dezejos dos christaons de Candia cada vez se accendião mais em fervorosas ancias de se communicar com o Veneravel Jozeph Vaz, e não acertavão nos meyoos com que havião de solicitar o alivio da rigoroza prizão em que ficava. Mas Deos, a quem nada hé impossivel, quando menos podião os homens, então alhanou e facilitou este negocio. Estava na Corte de Candia hum bom christão, destro em varias obras e bem visto no Palacio e era filho de homem portuguez. Bordou elle hum pano com assás industria e junto com algumas curiozidades de cera, que tão bem sabia lavrar com muyto primor, apprezentou tudo ao Rey que ficou satisfeyto do seu trabalho; e querendo dar-lhe premio a seu contento, mandou que pedisse o que dezejava. Mas o bom christão, desprezando todo o temporal que o Rey lhe podia dar, respondeo que nenhuma couza dezejava tanto como fallar com o padre, que estava na prizão. E se lhe fosse licito pedir a Sua Magestade, se contentaria em remuneração daquelle serviço, lhe concedesse licença, ao menos<sup>56</sup> por huma vez communicar com o seu sacerdote os particulares da sua com[s]ciencia. Donde se vê que foy grande o rigor da prizão; pois offerecendo-se àquelle bom homem occasião opportuna de pedir ao Rey huma mercê sinalada, se não atreueo a pedir a soltura do padre, nem franqueza para todos os christãos se tratarem com elle, mas somente para si; e isto por huma só vez.

<sup>57</sup> 29. Admirado o Rey desta supplica e do muyto que aquelle christão venerava ao seu sacerdote, lhe outorgou a licença pedida e depois a facilitou de sorte que a exemplo delle puderão outros conseguir a mesma, athe que os goardas do carcere franquearão o caminho para todos com permisso e dissimulação do Rey. E já o nosso missionario teve muyto que trabalhar em doutrinar e ouvir de confissão àquelles christãos que, havia mais de quarenta annos, não tinhão recebido sacramentos; bautizar a seos filhos e netos e fazer cazamentos, tudo dentro da mesma barraca e carcere em que esteve mais de dous annos recluzo; e ao depois teve permissão para andar pela cidade com omenagem dentro della e ordem para não // [p. 156] passar alem do rio, que a cerca, cujos barqueiros estavam notificados, como <tãobem> as vigias dos portaes, para lhe não darem passagem.

<sup>58</sup> 30. Logo que o Padre Jozeph Vaz se vio fora do carcere, edificou na cidade com ajuda dos christãos huma pequena igreja publica com titulo de

<sup>55</sup> Riscado: «268».

<sup>56</sup> Riscado: «hu».

<sup>57</sup> Riscado: «269».

<sup>58</sup> Riscado: «270».

Nossa Senhora da Conversão dos Infieis, tomando a Santissima Mãe de Deos por patrona e defensora da nova christandade, de que havia de resultar tanta gloria ao seu bento filho. Certamente grande havia de ser a confusão do inimigo e do frances hereje seu parcial, vendo frustradas as machinas com que intentarão maltratar ao nosso missionario, em odio da religião catholica que, apesar da infernal astucia, começava a triunfar em hum publico templo, consagrado ao culto divino. Nem Deos naquelle desamparo e trabalho em que esteve o seu servo faltaria em o consolar e confortar com muytos e extraordinarios favores. E ainda que neste tempo erão muy raros os gentios que se convertião, comtudo para o Veneraval Padre era pouco todo o tempo para reformar os christãos, que estavam muy depravados nos costumes, por viverem tantos annos sem sacramentos, sem doutrina, sem correcção. Todo o dia estava com elles na igreja, pregando e ouvindo de confissão; nem faltava em buscar em suas cazas aos que por velhice ou por enfermidade não podião vir a igreja; não só aos moradores da cidade, mas ainda aos que habitavão nas aldeas distantes della, não obstante estar impedido para sahir fora da cidade, porque Deos por modos extraordinarios franqueava o caminho para administrar sacramentos aos enfermos e moribundos, como se collige de huma carta sua, em a qual diz: «Ainda não tenho licença do Rey para hir fora do rio para acodir aos christaons espalhados por todas as aldeas, com estar sempre procurando-a; mas com a que tem dado o Rey dos Reys e com o seu divino favor fuy já nestes mezes oyto vezes fora do rio para acodir aos enfermos e moribundos; porque os que estão obrigados a vigiar-me, sabendo que não hey-de fogir, não fazem ja sua assistencia na igreja e os barqueiros e vigias dos portaes que ficão no caminho, sem repararem // [p. 157] me derão passagem. E tãobem alguns christãos com proprio perigo me favorecerão; sendo que todos poderão acazo ser culpados e castigados, se o Rey e outros mayores tiverem a noticia.» De donde me quer parecer que a mão de Deos levava e trazia a este seu servo, tapando os olhos aos que lhe podião atalhar os passos.

<sup>59</sup>31. Converteo este anno o Padre Jozeph Vaz na Cidade de Candia alguns escravos, forasteyros que achou mais promptos para receberem a fé; mas dos naturaes da cidade muy poucos e forão só aquelles que estavam aparentados com os christãos. Consolava-se porem com esses poucos, dizendo que erão mais preziozos e valião por muytos; à maneira dos frutos do anno esteril, os quaes sendo em si poucos, sempre rendem muyto ao lavrador; porque são caros, por serem raros. E permitia Deos esta consolação ao seu servo para o lenitivo da grande magoa que o afligia muyto, pela obstinação de muytos apostatas, que não só não querião tornar ao caminho da verdade; mas tãobem procuravão empenhadamente desviar della aos que com verdadeyro arrependimento dos erros passados estavam rezolutos a mudar de vida e melhorar de costumes.

<sup>59</sup> Riscado: «271».

### Capitulo Quinto

*Condiçoens que propoz o Illustrissimo Arcebispo para approvar os estatutos e passar a provizão da erecção da Congregação*

<sup>60</sup>32. Voltando agora de Ceylão para Goa, que são os dous polos em que gira a nossa historia, quão alheo estava o Illustrissimo Primas de cuydar nas couzas da Congregação, tão cuydadozos andavão os congregados em solicitar a sua provizão da approvação dos estatutos e da erecção da Congregação, que erão os alicesses sobre que havia de cre[s]cer e aumentar-se o espirital e material della. Tão repetidas vezes chegavão aos pés de Sua Illustrissima, que não reparavão em cauzar-lhe enfado, nem em parecer importunos, nem nas repulsas que experimentavão. Emfim, rendido à tão porfiada importunação e talvez por livrar-se da // [p. 158] continua molestia que lhe davão tão frequentes requerimentos, se declarou o senhor arcebispo que de nenhuma maneyra havia de approvar os estatutos pela forma identica da Congregação de Lixboa, senão pela que elle entendesse mais conveniente; porem antes de entrar nesta diligencia, queria que purificassem os congregados tres condiçoens. A primeyra, que houvesse na Congregação sogeitos doutos de conhecida litteratura. A segunda que havião de ser bem provados na virtude, com constante perseverança no Recolhimento. A terceira, que procurassem patrimonio sufficiente para o sustento.

<sup>61</sup>33. Nesta rezolução assentou tanto de pedra e cal Sua Illustrissima, que nunca reparou que sem a sua approvação se não podião purificar todas aquellas condiçoens; excepto a da perseverança e constancia que estava qualificada com a experiencia de doze annos, em cujo espaço aquelles primeyros padres, apartados dos seus parentes e despegados do seculo, vivião como nas gruttas da Thebayda, sofrendo os descommodos do agazalho e pobreza, só a fim de continuar no bem começado. Porem quanto o patrimonio e sogeitos letrados sem preceder a approvação do Ordinario; quem havia de soccorrer com esmolas grossas, sufficientes para o patrimonio de huma comunidade, sem saber em que ley vivia esse commum? E como havião de entrar na Congregação pessoas doutas; se era voz commum que não podia persistir a Congregação sem muyto favor e protecção que lhe faltava do ordinario? E por isso mesmo os doutos não querião edificar sobre area e esperavão emquanto a Congregação tivesse fundamentos firmes sobre pedra?

<sup>62</sup>34. Este procedimento de Sua Illustrissima interpretavão os nossos Veneraveis Padres Bartholameu do Quental e Jozeph Vaz por acto da prudencia, com que examinava vagorozamente a virtude dos congregados. Eu tãobem assim o quero entender; porque não menos bem intencionado e pio

<sup>60</sup> Riscado: «272».

<sup>61</sup> Riscado: «273».

<sup>62</sup> Riscado: «274».

era o Senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação, como os que levavam a boa parte as suas acçoens. Mas os maldizentes, que do bem dizem mal, acharão occasião para reforçarem em Portugal as calumniozas informaçoens com que difamarão aos congregados por ignorantes e inhabeis para os empregos da Congregação e por gente naturalmente // [p. 159] inconstante.<sup>63</sup> A inconstancia de que erão tão notados se fundava naquelles primeyros sogeitos que não perseverarão. Mas hé para notar que sendo o mundo lince para ver a inconstancia daquelles poucos; fosse cego e nunca reparasse na constancia destes muytos, que perseverarão. Apareceo <em Portugal> essa inconstancia natural dos naturaes da India pintada com tão vivas cores, que para as borrar e apagar não bastou muyta tinta preta, que se despendeo em varias attestaçoens das pessoas da primeyra distincção de Goa, que affirmavão o contrario; quaes erão os inquizidores apostolicos, o Sennado da Cidade, o provincial dos Eremitas de Santo Agostinho, o vigario geral da Ordem dos Pregadores e alguns fidalgos, cujas certidoens não transcrevo por evitar prolixidade e bastão as seguintes de dous prelados da Igreja, que então se achavão nesta cidade.

Dom Gaspar Affonço, por merce de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Meliapor, do Conselho de Sua Magestade etc. Certifico que havendo nestas partes sogeitos naturaes de boa vida e espirito que, despegados do mundo com devido zelo, se empreguem na conversão dos infieis, trazendo-os à luz da nossa santa fé catholica e tratando tãobem da perfeição dos convertidos, será de grande utilidade do serviço de Deos, como a experiencia tem mostrado em alguns delles, que movidos deste zelo, se applicarão a este fim tão proveytozo, facilitando-os muyto as cores e a condição de serem naturaes, para entrarem e conversarem entre infieis e hereges, sem delles poderem ser conhecidos, nem prezos. Porem como este desapego do mundo, espirito e zelo das almas, difficultosamente se pode nelles achar, habitando entre parentes e no seculo; sem que apartados delles se costumem a vida espiritual em alguma clauzura remota de todo o trato secular, em que igoalmente com espirito e oração se applicuem ao estudo das letras e mais couzas necessarias para o sobredito fim; era muyto necessario e conveniente que houvesse pelo menos huma Congregação ordenada a este intento. E supposto que esta se houvera de intentar há muyto tempo, o não permitio Nosso Senhor, senão que fosse neste, em que movidos do zelo e amor de Deos e dos proximos se retirassem alguns clerigos naturaes, deixando suas cazas, a huma Ermida de São João do Dezerto no Monte de Guadalupe desta Cidade; donde por se arruinar // [p. 160] a dita igreja e não havendo meyos para a reedificarem, se sahirão alguns, merecendo com o v[u]lgo nota de pouco constantes; comtudo os outros, como os mais, que se lhes ajuntarão, se recolherão com licença do ordinario na Igreja da Santa Cruz dos Milagres, no Monte de Boavista desta Cidade, para levarem avante, ajudando-os Deos Nosso Senhor o seu

<sup>63</sup> No original aparece na margem dos folios seguintes: Anno 1695.

bom intento, onde por espaço destes dez annos perseverando nelle e empregando-se na reforma de suas vidas e dos proximos, tem sahido alguns sogeitos de boa opinião, assim na missão do Canará, como tãobem outro na Ilha de Ceylam e Reyno de Candia, onde não obstante a ardiloza vigilancia dos hereges, para que não entrem operarios romanos; comtudo elle, pela qualidade de suas cores, modos e trato, pode acometer esta empreza, exposto a todo o perigo e de prezente persevera nella sem ser conhecido, fazendo muytos serviços a Deos. Tãobem certifico terem esses padres já adquirido algumas rendas para o patrimonio desta Congregação, bastantes para o seu sustento, segundo o seu modo e trato de viver; quanto mais, ainda antes de terem as ditas rendas, só com a esmola de suas missas, ajudados de alguns devotos seus accre[s]centarão hum corredor novo sobradado à dita igreja; e se espera que dando Deos meyos e cre[s]cendo a devoção dos fieis e o numero dos sogeitos, cre[s]cerão tão bem as rendas do patrimonio. Pelo que julgo, hé justo que Sua Magestade, que Deos goarde, os ajude com o que for necessario para o estabellecimento desta Congregação e Sua Santidade os confirme, concedendo-lhes as indulgencias e faculdades que tem a Congregação de São Felippe Neri em Roma e a do Oratorio em Lixboa e mais partes. E por me constar passey esta por mi assinada e firmada com o meu sello. Goa 13 de Novembro de 1693.

Custodio de Pinto, bramane, por merce de Deos e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Hierapolis e vigario apostolico nos Reynos de Grão Mogor, Golconda e Idalxá na India Oriental etc. Pelas noticias plenas e experiencia occular que temos de vinte e tres annos que rezidimos nestas partes da India, em que temos corrido bastantes terras do Norte e Sul por obrigação pastoral, sahindo proximamente a vizitar as missoens da Serra do Malavar, por commissão de Sua Santidade e da Sagrada Congregação de Propaganda Fide, certificamos ser de grande // [p. 161] serviço de Deos e mayor utilidade das almas andarem nestas missoens da India operarios naturaes desta terra, os quaes pela semelhança do idioma, cores e trato entrão nellas com mais facilidade, do que os europeos, assistindo entre estes infieis com mais aceytação delles, com menos perigo de serem conhecidos e excluidos. E com a noticia que tem de seus rittos gentilicos e barbara seyta, lhes hé mais facil a despersuadi-los della e reduzi-los a nossa santa fé catholica. E nos consta que, movidos deste santo zelo há perto de dez annos se aggregarão expontaneamente alguns clerigos bramanes e segregados do seculo, largando pays e parentes, rezidião em comunidade e voluntaria clauzura em huma Ermida de São João do Dezerto, no Monte de Guadalupe, orando a Deos e fazendo vida espiritual por concessão do senhor Arcebispo Primas Dom Manoel de Souza de Menezes, que Deos tem sob regra da Congregação do Oratorio de São Filippe Neri. E continuando com este exercicio da vida exemplar, com intento de sahirem para as missoens; socedendo arruinar-se a dita ermida com a força e rigor de huma internada, e achando-se impossibilitados a reedifica-la e sem commodo para o seu agazalho, se retirarão alguns para suas cazas e outros se passarão à Igreja da Santa Cruz dos Milagres, em hum

monte da Cidade de Goa, onde rezidem com outros, que de novo se aggregação de dez annos a esta parte, sem se desanimarem com varios incommodos que padecerão de enfermidades e de agazalhos, com notoria constancia e animo de perseverança, sustentando-se às suas custas; e com alguns subsídios e esmolas dos devotos tem accre[s]centado hum corredor sobradado para o commodo dos que esperão sociar-se; com que dão claros indícios de firme perseverança. Pelo que julgamos ser muyto conveniente ao serviço de Deos e utilidade dos proximos assim fieis, como infieis a dita Congregação, como a experiencia o mostra; pois alguns delles que sahirão para as missoens do Reyno do Canará, fazem nellas grande fruto, correndo as terras a pé e descalços, sem repararem na distancia dellas, nem nos rigores do Inverno e sol, expostos a varios descommodos e perigos, acodindo com sacramentos a mais de vinte mil almas christans e sustentando aquella christan[da]de com // [p. 162] pasto espiritual, para que se não perverta com a contagioza comunicação dos infieis e procurando juntamente a conversão destes, quanto hé possível. E hum dos ditos congregados, o Padre Jozeph Vaz, varão totalmente desapegado do mundo se atreveo a correr muytas terras do Malavar; e há quazi tres annos pode entrar nas de Candia, na Ilha de Ceylam, sem embargo da rigorosa vigilancia do herege Holandez, aonde assiste fabricando huma ermida, alevantando altar, não cessando de semear a palavra evangelica entre aquelles barbaros e vulgarmente hé applaudido o fruto que elle faz e trabalhos que padece. E a sua imitação se espera que outros desta Congregação queirão emprender o mesmo. E tãobem se espera que cre[s]cerá o numero destes operarios com patrimonio e dotte, se forem animados, ajudados e protegidos da Santa Sé Apostolica, dos princepes e prelados da Igreja Catholica, para a confirmação da dita Congregação; pois não duvidamos da constancia e firmeza da parte dos congregados, de que passamos esta, *tacto pectore*,<sup>64</sup> por ser pedida, assinada por nós e sellada com o nosso sello acostumado episcopal. Dada em Naroa 10 de Novembro de 1693.

<sup>65</sup> 35. Nem desfavorecia pouco para se impetrar o beneplacito real a opinião da ignorancia que os malevolos da India divulgarão em Portugal; tanto que o nosso Veneravel Padre Quental, movido desta fama, escreveo aos nossos congregados que ao menos se applicassem à lição de alguma Summa de Moral, como de Aguirre, Remigio. Tão mal reputados estavam em Portugal, que os não julgavão capazes de entender livros, senão cartilhas do Padre Ignacio. Sendo que para se desfazer este nublado do falso rumor, parece que bastava saber que aquelles nossos primeiros padres erão de nação bramanes, com os quaes a natureza foy muyto liberal na perspicacia do engenho para tudo que hé saber; que por isso desd[e] a Antiguidade foy esta nação conhecida em todo o mundo por sabios da India. E quem for curiozo de historias antigas, achará muytos authores <profanos> gregos e latinos e tãobem Santos Padres que fallarão desta gente, os quaes, se quizesse aqui apontar

<sup>64</sup> «Com firme convicção».

<sup>65</sup> Número riscado.

hum scolio muyto cumprido. Basta por todos Santo // [p. 163] Ambrozio, que escreveo hum livro das virtudes moraes dos bramanes, como afirma Abulense.<sup>66</sup> Nem em Goa se ignorava continuar-se nos presentes o engenho e agudeza dos passados; porque florecião naquelle tempo não poucos sogeitos com sciencia mais que sufficiente para o magisterio na philozofia, theologia scholastica e moral e na jurisprudencia. Bem sey que as letras se adquirem com o estudo e não se herdão com o sangue; mas tãobem ninguem pode negar que aonde o entendimento hé perspicaz, qualquer applicação basta para se adquirir sufficiente noticia do que se aprende. A maneyra da vea da agoa, que quando está a flor da terra, basta cavar pouco, para na[s]cer huma fonte.

<sup>67</sup> 36. Quanto mais nunca em Goa houve aulas, aonde os naturaes fossem cathedaticos. Estudavão as Artes em qualquer collegio dos reli-giozos e se satisfazião com o que aroveytavão durante o curso dos estudos, que hé o que bastava para o ministerio de confessores e parochos, por ser este o *non plus ultra*,<sup>68</sup> para onde se terminavão todos os seus estudos e dezejos de estudar. Se houvera outros empregos mayores, que na Europa estimulão aos estudantes à mais fervorosa applicação, não faltarião muytos mestres e doutores entre os naturaes da India, como mostrou a experiencia na mesma Congregação depois que foy estabellecida, e houve nella cadeyras que occupar. Mas logo nos principios della, onde havião de buscar os congregados cathedaticos que se agregassem a elles, para se fazerem dignos da approvação de Sua Illustriss[im]ja? E qual hé a religião, em que os Thomazes, os Bom Aventuras, os Egidios, os Suares, os Dianas forão filhos primogenitos?

<sup>69</sup> 37. Deixados porem estes dous pontos da inconstancia e ignorancia, de que o demonio se valeo, para arruinar a Congregação, passemos ao terceiro, que <hé> o do patrimonio. Neste cuydarão muyto os nossos congregados, porque o podião remediar; nos dous primeyros não, porque não podião prender a lingua do mundo, que sempre foy solta. Arrematava-se este anno em publico leylão hum palmar que fora de Dona Gracia da Sylva, sito no Bayro Caissua, da aldea Anjuna, da provincia de Bardés. Derão os congregados commissão <para lançar nesta fazenda> ao Reverendo Padre Antonio Francisco da Cunha, vigario então da Igreja de Santa Anna, // [p. 164] singular benefeytor desta Congregação, sacerdote muyto pio e prudente e de grande industria, com o qual pode dar ultima perfeycão ao magnifico templo da sua parochia, edificio que começou seu antesussor o Padre Vigario Francisco do Rego. Consignarão para a satisfação do que importasse o lanço sinco mil e trezentos xerafins, que tinham prompts, fintados entre si. E o resto que faltasse, supriria o reverendo commissario com emprestimo do seu

<sup>66</sup> Abulense, tomo 1 in *Genes. Exposit Epistol. S. Hieron. Ad Paulin.* Capitulo 1.

<sup>67</sup> Número riscado.

<sup>68</sup> «ponto máximo».

<sup>69</sup> Número riscado.

dinheyro, ficando entretanto hypotecada na sua mão a mesma fazenda, para se hir pagando com os frutos della. Mas não foy necessario tanto; porque o Reverendo Padre Cunha, para se singularizar neste beneficio, concorreo com oytocentos xerafins e com a sua industria conduzio dos seus parentes mil seiscentos e sincoenta, com que se pode pagar inteiramente a fazenda, que custou oytto mil duzentos e sincoenta. Este hé o primeyro patrimonio de nossa Congregação, limitado, mas sufficiente naquelle tempo em que os congregados erão poucos. E como fruto das esmolos, em que entrarão tantas maons dos homens, tãobem Deos abrio a sua e lhe lançou huma larga benção, com que veo o palmar com tempo e industria a melhorar-se de sorte que ao presente se desconhece.

<sup>70</sup> 38. Immortalizemos agora aqui, quanto pode o agradecimento humano, os nommes de nossos esmoleres, assim domesticos, como estranhos, que piamente creio estarem todos escritos no livro da vida eterna. O Reverendo Padre Antonio Francisco da Cunha<sup>71</sup> deu oytocentos xerafins. João da Cunha quinhentos. Antonio Tavares quinhentos. Petornilla de Souza cento e sincoenta. O nosso Padre Jozeph de Menezes quinhentos. O Padre João de Moura quatrocentos. O Padre Pedro Paulo quatrocentos. O Padre Jozeph Carvalho duzentos. O Irmão Diogo João setecentos. O Irmão Pedro da Cruz, que professou em estado de leygo, tres mil e cem. O Padre Jozeph de Jesus Maria quinhentos.

<sup>72</sup> 39. Vencida com a mayor brevidade a diligencia do patrimonio, solicitarão os congregados novamente a benevolencia do Illustrissimo Arcebispo por medeação do Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, chegado de Portugal a Goa por Bispo de Cochim, muy empenhado nos aumentos desta Congregação por respeyto da missão de Ceylam, que he da sua dioceze; mas nenhum effeyto produzio esta diligencia, permittindo Deos que o senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação, sendo prelado benefico, fosse inexoravel nos particulares desta Congregação e à intercessão de tanto res // [p. 165]peyto inflexivel. Donde rezultou ficarem os congregados dezesperados de conseguir a sua approvação; e parecendo-lhes que a Congregação estava para entrar em agonias dispuzerão do seu patrimonio, dando plena faculdade ao Reverendo Padre Cunha, para instituir nelle huma capella de missa quotidiana e no cazo que a Congregação ficasse extincta, nomear a administração da capella na pessoa e igreja que lhe parecesse. Athe se rezolverão a buscar outra forma de vida, deixando a Deos por Deos e a hum santo por outro santo; nunca porem tirando os olhos da missão de Ceylão, que sempre foy alvo dos seus affectos; de sorte que ainda quando se consideravão proximos de despir a roupeta de congregados, nunca dezistirão do empenho de socorrer aquella missão, que chamava por novos operarios para a sua cultura.

<sup>70</sup> Riscado: «278».

<sup>71</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>72</sup> Riscado: «279».

### Capitulo Sexto

*Viagem dos Padres Jozeph de Menezes e Jozeph Carvalho para a missão de Ceylão.*<sup>73</sup> *Bautismo e chrisma de dous naturaes de Ceylão, vindos a Goa*  
Anno 1696

<sup>74</sup> 40. Com a noticia que o Padre Jozeph Vaz communicou da sua entrada e residencia em Candia e da permissão ou dissimulação, com que aquelle Rey lhe dava liberdade para missionar e da necessidade que tinha a missão de mais operarios, se animarão a seguir as suas pizadas os Padres Jozeph de Menezes e Jozeph Carvalho, no seculo compatriotas e discipulos do Padre Jozeph Vaz, na Congregação irmãos no nomme, na profissão, no espirito.<sup>75</sup> Sahirão de Goa em dezoito de Fevreyro deste anno mil seiscentos noventa e seis e o primeyro porto que tomarão foy o de Cochim, de donde passarão para Coulão, residencia do governador daquelle bispado. E nesta paragem estiverão detidos seis mezes por cauza de crueis sarnas, que padeceo o Padre Carvalho; e depois dellas inchaço. Mas para não estarem ociozos, empregarão todo este largo tempo em aprender a lingoa tamul, tendo por mestre ao Padre Manoel Pereyra, da Companhia de Jesus, o qual em Goa foy condiscipulo do Padre Jozeph de Menezes na<sup>76</sup> classe do // [p. 166] latim e em Coulão veo a ser seu mestre na gramatica do tamul; entre muytos beneficios que fez aos nossos missionarios foy o mais sinalado a paciencia com que os instruiu sufficientemente naquella lingoagem tão necessaria para o seu ministerio. Partidos de Coulão nos fins de Setembro, chegarão a Tutucurim, de donde embarcarão novamente para Negapatão, por haver naquelle porto communicação mais frequente das embarcaçoens para Ceylão. Levavão viveres para sinco dias; mas Deos quiz que a viagem prolongasse mais de quinze e padecessem total falta de mantimentos, sendo mais sensivel a da agoa, de que por tempo de sinco dias não beberão hum só trago. Donde rezultou ao Padre Jozeph Carvalho, mal convale[s]cido das molestias,<sup>77</sup> padecidas em Coulão, huma febre que parecia maligna, acompanhada de dores,<sup>78</sup> das entranhas tão crueis que lhe cauzavão ancias mortaes; e assim se preparou para a ultima hora e considerando que não podia chegar vivo a Negapatão, desembarcou em huma enseada oytto legoas distante, de donde respirando hum pouco do primeiro perigo, foy levado em hum catre para aquella cidade, em que havendo muytos moradores christãos, comtudo foy tirana aos nossos peregrinos; porque nem houve quem desse agazalho ao enfermo, que estava mortal, nem os medicamentos daquella terra lhe forão proveitozos.

<sup>73</sup> Segue-se cerca de uma linha e meia riscada.

<sup>74</sup> Riscado: «280».

<sup>75</sup> Vejam-se as biografias do Padre José Menezes nesta *Chronologia*, e a do Padre José Carvalho no Liv. 3.º, cap. 7.º, fls. 294-298.

<sup>76</sup> Riscado: «primeyra».

<sup>77</sup> Riscado: «que».

<sup>78</sup> Riscado: «que padecia».

<sup>79</sup>41. Neste estado tão lastimozo não occurria mais remedio, que buscar o amparo do vigario de Trangabar, que ficava vezinho a Negapatão e se chamava João Cabral. Não consta de que profissão fosse, mas eu supponho era religioso da Companhia de Jesus. Considerando, porem, que hindo ambos a sua caza, lhe havia de ser mais oneroza a hospedagem; assentarão que o enfermo, que necessitava tempo largo para a cura e convalescencia, buscasse a saude propria do corpo e o são fosse proseguindo a sua derrota para communicar a espiritual aos enfermos de Ceylam. Assim o executarão com magoa dos coraçoes e lagrimas dos olhos, com que ambos se despedirão, tomando o Padre Carvalho caminho de Trangabar e o Menezes o de Toputurré.

<sup>80</sup>42. Oyto dias de continuas marchas com innumeraveis descomodos do agazalho e mau tratamento dos payzanos andou em roda viva o Padre Jozeph de Menezes, correndo de Negapatão a Toputurré, de Toputurre a Adrianapatão e voltando de Adrianapatão a Toputurré, // [p. 167] aonde finalmente achou huma manchua que partia a Jafana e nella se embarcou muyto contente, cuydando que nas ondas do mar achasse o socego que não teve em terra. E assim seria se na mesma manchua não fosse embarcado o peor da terra, que era hum sargento Holandez, herege, cuja inquieta condição fazia na manchua mayores balanços, que as mesmas ondas do mar. Hia disfarçado o nosso padre em vestido secular com titulo de mercador, sem embargo que o fato que levava era tão limitado, que o mais pezado era o seu breviario e aparelhos da missa, que estavam em hum atadinho a parte. E só hum livrinho espiritual trazia sempre consigo. Reparou o sargento nas acções do padre sempre retirado, abstracto e silenciozo e não sey como foy dar com os olhos no livrinho, que como era da verdade e luz contraria aos erros da sua cegueira, não podia deixar de lhe ferir os olhos.

<sup>81</sup>43. A vista do livrinho entrou o sargento em suspeita de que o nosso mercador disfarçado fosse sacerdote verdadeyro e começou a conferir entre seus camaradas. Huns dizião que era mercador e supposto não levava fazendas de volume, mas teria dinheyro amoedado para empregar em Jafana em generos que lhe parecessem convenientes. O sargento porfiava que não; porque o vestido era pobre e desprezível e não parecia homem de cabedaes. Assentarão averigoar a verdade, examinando o da lingua e dando busca no fato, porque segundo elle se conheceria o negocio que hia buscar em Jafana. Não foy esta conferencia tanto em segredo, que o Padre Jozeph de Menezes não percebesse quanto era necessario para a devida prevenção. E considerando que certamente cahia nas maons dos hereges se lhe apanhavam algum sinal de sacerdote, lançou ao mar o breviario, a roupeta e o livrinho, que foy o Jonas daquella tempestade; e como desembaraçado do que lhe fazia

<sup>79</sup> Riscado: «281».

<sup>80</sup> Riscado: «282».

<sup>81</sup> Riscado: «283».

andar sempre encolhido, começou a tratar-se com todos com nova expe- teza, fallando a lingua tamul e entremetendo-se nas conversas, com o que fez escuzar aos curiozos o exame que pertendião e os deixou crentes no seu dis- farce de mercador; mas asi sem couza que valesse real, excepto a pobre roupa que tinha no corpo. Desta sorte escapou daquelle perigo e chegou a Jafana, aonde dando-se de conhecer aos catholicos, lhes deo abundante // [p. 168] pasto de doutrina e sacramentos. Em dia de Santo Andre sahio de Jafana e gastou vinte dias para chegar a Potulão, empregando-os muyto bem pelo caminho em beneficio das almas christans que achava em varios lugares.

<sup>82</sup>44. O Padre Jozeph Carvalho chegou a Trangabar meyo morto com os medicamentos que lhe derão em Negapatão e lhe forão nocivos; mas a cari- dade do Reverendo Vigario João Cabral quazi o resussitou e lhe deu a vida e saude, tendo-o em sua caza quarenta e cinco dias e assistindo-lhe com reme- dios e regallos, com que de todo se restabelleceo nas forças e ficou capaz de proseguir a sua derrota. Sahio de Trangabar aos treze de Dezembro, com tres dias de viagem tomou Jafana, passou a Manar e logo a Manttota com muyta suavidade e ultimamente a Potulão, porto seguro de nossos missionarios, custando-lhe esta jornada de Trangabar a Potulão trinta e cinco <dias>, por cauza de paradas que fazia em cada lugar por consolar aos fieis que nelles achava com o pasto espiritual.

<sup>83</sup>45. Já neste tempo a christandade de Ceylão respirava com novos e grandes alentos; pois tinha tres Jozes, de cujo zelo e providencia estava certa de não padecer as antigas fomes. Se hum só bastou em Egipto para alimentar a vida corporal de muytos reynos, como não bastarião em Ceylão tres para apacentar as almas, sendo cada hum delles velozes como nuvens na ligeireza, com que corrião e discorrião por todos os lugares? Mas Deos, para fazer mayor esta abundancia, accre[s]centou quarto operario, que foy o grande Padre Pedro Ferrão, varão verdadeiramente apostolico, o qual com vivos dezejos de se empregar em beneficio das almas com especial impulso divino partio de Goa a missão do Canará e do Canará a todo o risco e perigo foy dar consigo em Ceylão e quazi no mesmo tempo que os Padres Menezes e Carvalho chegarão a Potulão, entrou em Manttota, aonde obrou as maravi- lhas que se dirão nesta historia extensamente.<sup>84</sup>

<sup>85</sup>46. Em Mayo deste anno chegarão a Goa dous naturaes de Ceylão, hum christão e outro cathecumeno, este para receber o // [p. 169] bautismo e ambos a chrisma. Não trouxerão carta alguma do Padre Jozeph Vaz; porque dizião que lhes foy apanhada no caminho; porem examinados da estada delle e do estado da missão, derão noticias muy conformes às cartas do anno ante-

<sup>82</sup> Riscado: «284».

<sup>83</sup> Riscado: «285».

<sup>84</sup> Neste mesmo livro, a fls. 191-203 veja-se a descrição da sua vida e das suas virtudes.

<sup>85</sup> Riscado: «286».

cedente e por isso forão cridos e recebidos com charidade na Congregação. O Padre Custodio Leytão apprezentou ambos ao Excellentissimo Conde Vice Rey Dom Pedro Antonio de Noronha; e Sua Excellencia com catholica piedade se offereceo por padrinho de ambos. Celebrou-se este acto na Sé Primacial com pompozas demo[n]straçoens. Assistirão o Illustrissimo Arcebispo Primas com o cabbido e o conde vice-rey, acompanhado da nobreza de Goa. Para administrar os sacramentos foy cumprimentado o Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, Bispo de Cochim, diocesano dos neofitos. E sendo esta função para todos alegre e festiva, aos nossos padres foy juntamente mortificativa, por não poderem fogir às repetidas congratulações, com que era celebrado o zelo e fervor que os levava a terras tão remotas e cheas de perigos, só a fim de ganhar almas para Deos e dar a Goa hum tão bom dia.

*Capitulo Settimo*

*Rezolução dos congregados de tomarem o Instituto da Companhia de Jesus*

<sup>86</sup>47. Quando assim corrião tão felices os progressos da missão de Ceylão; a Congregação porem em Goa se considerava tão desmedrada, que declinava para o fim. Dezenganados e tãobem desesperados os congregados de alcançar a aprovação do ordinario, que havia sinco annos pedião com as mais enternecidas e humildes supplicas ao Senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação, sem nelle achar favor em que pudessem firmar as esperanças do bom despacho. Vendo ultimamente que os obrigava, com pena da excomunhão, a viverem subditos do prior da Luz, mandando que se matriculassem no rol da confissão da sua freguezia; antes de experimentarem outra alguma dispozição tão dura de se sofrer, que os fizesse fogir da clauzura; assentarão tomar nova forma da vida, que fosse facil de se conseguir sem tão pezadas dependencias da aprovação do ordinario. // [p. 170]

<sup>87</sup>48. Ja neste tempo com o novo edificio do convento estava aumentado o numero dos congregados, com sacerdotes de prestimo e prendas, aos quaes parecia mais que insoportavel a continua aveixação do prior da Luz, que de qualquer leve motivo e quasi sempre sem nenhum, movia questoes e fazia queixas, que o vigario geral sentenceava sempre a favor delle, ainda conhecendo a sua pouca verdade. E o Illustrissimo Arcebispo não só não acodia a evitar estas oppressoens, mas com a sua dissimulação as deixava hir avante. O Padre Andre Paulo, que entrou ja sexagenario, homem de maduro conselho e de generozos espiritos, por sua capacidade e honesto procedimento, estando no seculo muy aceyto aos religiosos da Companhia de Jesus, propoz aos mais congregados que nos termos presentes em que ja

<sup>86</sup> Riscado: «287».

<sup>87</sup> Riscado: «288».

tinhão caza, patrimonio e sogeitos bastantes, era preciso estabelecer a forma da vida, para se não desvanecer o que com <tanto> trabalho adquirirão. E supposta a difficuldade ou o desengano que experimentavão da aprovação do ordinario, não podia a Congregação ter firmeza alguma; pois, por vezes, tinha avizado o Veneravel Padre Bartholameu do Quental que sem essa aprovação não podia procurar e menos alcançar, nem em Portugal, nem em Roma, couza que fosse de proveito para o estabellecimento da Congregação. Que parecia mais acertado passar da Congregação do Oratorio para a Companhia de Jesus, supplicando ao Reverendo Padre Provincial desta, os tomasse debaixo da sua jur[is]dição e protecção e fizesse do Convento da Santa Cruz dos Milagres hum collegio novo da sua Companhia, para se criarem nelle missionarios naturaes; porque desta sorte ficarião independentes dos favores e approvações do ordinario, com as graças e izençoens extraordinarias daquella santissima religião. Que deixar a São Filippe Neri por Santo Ignacio de Loyola nenhuma culpa involveria; pois os obrigava a necessidade; antes poderia ser virtude mais heroica, como hé muytas vezes deixar a Deos por Deos.

<sup>88</sup>49. Todos assentirão à proposta e a abraçarão com muyto gosto; pois não era para desprezar tão santo arbitrio; e derão commissão ao Padre João de Moura e ao mesmo Padre Andre Paulo para solicitarem esta pertençação por meyo do Padre Mestre Francisco de Souza, author do // [p. 171] *Oriente Conquistado*, com quem se tratavão ambos muy familiarmente, com as seguintes condiçoens. Que o Convento da Santa Cruz dos Milagres seria collegio dos jesuitas naturaes, sustentado com as rendas que elles adquirissem para o seu patrimonio. Que o reytor deste collegio havia de ser hum dos mesmos naturaes, que o padre provincial ou geral elegesse. O Padre Mestre Francisco de Souza não só approvou estes intentos, mas tãobem os fomentou, fazendo-se parte na cauza e tomando a peyto procurar the final concluzão este negocio que, supposto dependia do reverendissimo geral a resolução sobre o reytor; mas todo o bom successo della havia de ser parto da boa informação do padre provincial, que naquelle tempo era o Reverendo Xavier de Almeyda, muyto affecto a nossos padres. O calor, o empenho e a efficacia com que de parte a parte se trabalhava nesta dependencia se entenderá melhor de duas cartas seguintes, que o Padre Francisco de Souza escreveu, huma ao Padre Andre Paulo e a segunda ao Padre João de Moura.

<sup>89</sup>Muyto Reverendo Padre em Christo Andre Paulo da Sylva. Folgou muyto o padre provincial de ouvir a minha proposta e prometeo de a consultar debaixo do segredo natural e me recommendou, com particular affecto, que animasse a Vossas Mercês de sua parte e os certificasse que não havia de faltar em tudo quanto estiver na sua mão. Promete de consultar a materia e

<sup>88</sup> Riscado: «289».

<sup>89</sup> Número riscado.

dar a Vossas Mercês total resolução athe o dia de Santo Ignacio. Perseverem Vossas Mercês nos bons desejos, que já temos vencida a primeira dificuldade e cuidado que com o favor de Deos venceremos a segunda, de se propor o negocio em Roma. E se elle de cá for bem proposto, não há duvida que de Roma ha-de vir bem despachado. Apertemos entretanto com Deos athe dia de Santo Ignacio, tomando por intercessora a Virgem Maria Senhora Nossa, porque não poderemos conseguir, sem o<sup>90</sup> favor do ceo, couza que ha-de dar no mundo tamanho brado. Entretanto nos santos sacrificios de Vossa Merce muyto me recommendo. Rachol 10 de Julho de 1696. De Vossa Merce minimo em Christo servo. Francisco de Souza.

Muyto Reverendo Padre Superior João de Moura. Fico entregue da carta de Vossa Merce e muyto edificado de tudo quanto nella // [p. 172] se relata. O padre provincial promete de me mandar a mi a resolução da consulta e depois eu avizarey tudo a Vossa Merce e sendo necessario hirey em pessoa. Por agora procede o negocio com outra politica e com tanto segredo que se imagina que a proposta na[s]ce da inclinação do padre provincial e não da minha advertencia; porque com o seu respeito será melhor ouvida e mais bem differida. E consta-me de certo que elle toma o negocio muyto a peyto. Eu lhe remeterey logo a carta de Vossa Merce, para que elle veja o fervor e a devoção com que Vossas Mercês se portão em resolução de tanto serviço de Deos. Elle goarde a Vossa Merce por largos e ditozos annos. Rachol, 13 de Julho de 1696. De Vossa Merce minimo em Christo servo. Francisco de Souza.

<sup>91</sup> 50. Procedia-se assim da parte dos congregados, como da dos jesuitas com grande segredo nesta materia; e era necessario muyto, para não chegar menor noticia aos ouvidos do Illustrissimo Arcebispo; porque se temia a sua oppozição ao bom effeyto desta diligencia, que com o seu respeyto, que era grande, podia facilmente desvanecer; e então hirião de mal em peyor os congregados, ficando reos da sua indignação perpetua; pois não havia de extranhar pouco o quererem eximir-se da sua jur[is]dição aquelles que elle dezejava totalmente dependentes dellas.

<sup>92</sup> 51. Não há duvida que se conseguissem os nossos primitivos do reverendissimo geral da Companhia de Jesus o mesmo despacho que tiverão do seu provincial, teriamos muyto que agradecer a Deos e a nossa fortuna; porque ficavamos muyto honrados em ser filhos de tão illustre e Santo Patriarca São Ignacio de Loyola. E sendo educados com a doutrina dos religiosos da Companhia de Jesus tão insignes na santidade, sciencia e industria, flore[s]ceria muyto este pequeno convento em virtudes e letras e taobem em cabedaes. Mas os homens propoem e Deos dispoem. E muytas vezes o que parece mais facil, se experimenta mais difficil. Facil parecia a

<sup>90</sup> Riscado: «seu».

<sup>91</sup> Riscado: «290».

<sup>92</sup> Riscado: «291».

Santo Ignacio de Loyola attrahir para a sua Companhia a São Felippe Neri; pois lhe era tão devoto, que meteo nella a muytos dos seus filhos espirituaes; e por isso o convidava para a sua religião; e dizia que se achasse seis homens do espirito do Padre Felippe Neri, se atreveria a converter a todo o mundo. Mas porque Deos tinha predestinado a São Felippe Neri para pay de nova // [p. 173] familia que havia de propagar a sua fe, converter muytas almas e aumentar a sua gloria, não quiz que Felippe aceytasse tão gracioso convite de Ignacio. Assim socedeo agora aos filhos de São Filippe Neri com Santo Ignacio de Loyola, cujo lugar substitue o geral da sua Companhia, que os não quiz aceytar nella; como socedeo então a Santo Ignacio com São Filippe Neri, que não aceytou o seu convite, nem quiz entrar na sua Companhia. Porque o reverendissimo geral, que era então Tyrso Gonsalves, não diffirio a pertença de nossos padres, allegando que tocava somente a Sé Apostolica a concessão daquella graça.

#### Capitulo Oitavo

*Experimenta o Padre Jozeph Vaz oppozição nos sacerdotes dos idolos.*

*Obra Deos por sua oração hum estupendo prodígio*

Anno 1696

<sup>93</sup> 52. Tempo há que deixamos ao Padre Jozeph Vaz em Candia; mas como elle não estava ocioso, nem sabia perder instantes que os não empregasse em beneficio das almas; não podendo o demonio levar a bem o muyto fruto que nellas fazia, intentou contra elle por meyo de alguns hereges Francezes e dos sacerdotes dos idolos, que lá chamão sangatares, nova perseguição, que fora mayor que a passada, se a benevola condição do Rey não apagasse o fogo que elles tão violentamente sopravão. Concitados os sangatares pelos hereges e huns e outros unidos, como parciaes do mesmo inferno, pertenderão que o Rey mandasse arrazar a igreja e desterrar o padre para algum retiro, onde não pudesse ter communicação com os catholicos. Duas vezes chegarão a requerer com muyta instancia, patrocinada do poder e valimento que tinhão na Corte. Da primeira vez, mostrando zelo do bem commum do reyno, persuadião ao Rey que o nosso missionario era verdadeira espia, mandada de Goa e algum dia seria cabeça do motim; porque tinha fabricado huma igreja em que convocava os christãos, mandando-os vir de lugares distantes; certamente para conciliar os seus animos para alguma repentina sublevação; a qual se não podia <evitar>, sem se demolir a igreja // [p. 174]ja e exterminar o padre. Mas o Rey que, sobre ser pacifico e benigno, era prudente e estava bem inteirado do procedimento do nosso missionario, respondeo aos malsins que era acção indigna de homem Rey exterminar

<sup>93</sup> Riscado: «292».

a hum pobre peregrino, que se refugiou ao abrigo da sua Corte; que tinha observado nas suas acçoens não ter genio para <ser> espia e fazer motins; e entendia que só por cauza da sua religião andava peregrinando, como fazem os sacerdotes dos Portuguezes em outras terras, aonde vão pregar a ley do seu Deos.

53<sup>94</sup>. Não se socegarão os contrarios com esta resolução d[e] el Rey; antes, passando do Estado a religião, formavão novos cargos e novas querellas contra o Veneravel Jozeph Vaz. Dizião os hereges que não devia Sua Magestade admitir nos seus dominios huma <ley> estranha, que profesavão os Portuguezes seus inimigos antigos e menos consentir no seu reyno hum sacerdote que ensinava chimeras. Os sangatares requerião que a igreja do missionario era mais frequentada que os templos de Budú, cuja ley Sua Magestade seguia. Que alguns pagaons se fazião christãos; que se aquellas conversoens se não atalhassem no principio, todo o reyno seria catholico com injuria do profeta Budú, cujo culto devia Sua Magestade zelar para conservação da sua coroa, reconhecendo como agradecido que só as deidades são arbitros das coroas, para as tirar aos ingratos e da-las e conserva-las aos benemeritos. Que muytos christãos, que antes de entrar o seu sacerdote na Corte, servião nos templos, ja o não fazião. Que athé os servidores do seu Palacio seguião a religião do padre de Goa, e sendo obrigados a conduzirem flores para os sacrificios do Budú, se excuzavão, allegando que na ley do seu Christo lhes era prohibido semelhante serviço.

95<sup>54</sup>. Como el Rey nada era desafeiçoado a nossa santa religião e tinha conhecido o mau animo dos hereges, lhes tapou a boca de sorte que<sup>96</sup> não pudessem fallar mais. Disse que antes cuidava que a ley dos Portuguezes era a mais verdadeira que a dos Holandezes e d[e] outros hereges. Que elle <era> inimigo da nação em razão de estado; mas não da sua religião; porque era soldado e não pregador. Aos sanga // [p. 175]tares confundio igoalmente dizendo que nas materias da religião tocava aos ministros deputados, quaes erão os sangatares, zelar no aumento della. Que tomassem exemplo no mesmo padre dos Portuguezes, procedendo como elle com zelo de propagar a sua ley; por cuja cauza andava peregrinando em terras estranhas; que se algum dos sectarios de Budú fosse à igreja para mudar de religião, podião os sangatares proceder contra elle. Acerca dos christãos servidores do seu Palacio que não querião conduzir as flores para o culto de Budú, deo huma resolução muy favoravel a christandade, dizendo: mandarey esses servidores christãos conduzir as flores para o meu serviço e que as entreguem aos que não forem christãos. Da mão destes, recebey-as vos e offerecey-as ao Budú.

<sup>94</sup> Riscado: «293».

<sup>95</sup> Número riscado.

<sup>96</sup> Segue-se uma palavra riscada.

97<sup>55</sup>. Não obstante o declarado animo que el Rey tinha de favorecer ao Padre Jozeph Vaz e aos mais christãos; como os contrarios erão poderozos, se fazião absolutos, tomando da benevolencia do Rey, que era igoaal para todos, occazião para as suas exorbitancias. E assim intentarão executar por si o que não poderão conseguir por meyo do braço real, ameaçando graves castigos ao padre, se admitisse aos christãos na igreja ou os fosse buscar à[s] suas cazas; e aos christãos, tomando-lhes os caminhos, para não frequentarem a igreja, apanhando-lhes os rozarios que trazião ao pescoço, espancando a muytos; e finalmente molestando a todos por varios modos com que os perseguirão. Não erão os sangatares tão devotos de Budu, nem tão zelozos da sua seyta que dezessem o aumento della; mas os hereges não podendo por si malt[r]atar aos catholicos, valerão-se dos sangatares, persoadindo-os que o fim porque o Padre Jozeph Vaz tanto zelava na conversão, era para colher as offertas, que the ly lucravão para elles; porque sendo christãos não havião de dar as offertas a Budú, nem a quem em seu nomme pedisse, senão a Christo e ao seu padre. Os sangatares, sem embargo que professão no exterior huma vida que parece despegada do mundo, tanto que se prezão de observantes da pobreza e se sustentão das esmolas que mendigão; mas por outra parte, he gente muy soberba e altiva e sobre maneyra ambicioza, capaz de cometer o mayor insulto por qualquer vil interesse; e por isso são elles os mais escandalo // [p. 176]zos transgressores dos preceytos de Budú. E como os hereges Francezes lhes conhecião o humor de que peccavão, facilmente os commoverão para esta perseguição contra o Padre Jozeph Vaz. Mas acharão nelle tão grande constancia, que antes perderia a vida, do que deixar de receber com amor aos que vinhão a igreja e de buscar aos que não podião chegar a ella. Os christãos toleravão com fortaleza aquella tormenta, athe que os inimigos cançados de perseguir e os christãos constantes em sofrer, cessou a contenda, ganhando o campo e a vitoria a paciencia do Padre Jozeph Vaz e dos seus amados christãos. Acodio tãobem Deos por seu servo, honrando-o com hum extraordinario favor; a vista do qual teve alguma franqueza para missionar em lugares mais remotos da Corte e logrou a christandade boa paz, posto que por pouco tempo.

98<sup>56</sup>. Houve este anno no Reyno de Candia huma seca geral, não chovendo o ceo por largo tempo, nem sequer huma gotta de agua. Os gentios fizerão offertas e sacrificios aos idolos, que não podião remediar esta necessidade. Os sangatares debalde invocavão a Budu com oraçoens e preces a seu modo. O ceo cada dia se fazia mais de bronze. A terra abrazada com os soes e as sementeiras destruidas ameaçavão fome em grande ruina do reyno. Nesta consternação se affligia muyto o Rey e muyto mais depois que os sangatares o desenganarão que as <suas> supplicas não erão ouvidas de Budu; mas então, inspirado por Deos, encommendou aos christãos que servião no

<sup>97</sup> Número riscado.

<sup>98</sup> Número riscado.

seu Palacio, dicessem ao Padre Jozeph Vaz que, como elle pregava ser verdadeiro o seu Deos e viera ensinar a outros a sua ley, pedisse e implorasse o seu favor em beneficio de tantas vidas que estavam em perigo de perecer por falta de agua.

<sup>99</sup> 57. Respondeo o nosso missionario que obedeceria ao preceito d[e] el Rey, rogando a seu Deos e Senhor com toda a efficacia; que tivesse nelle fé, que sendo conveniente para gloria sua, abundaria a terra em agua; porque ao seu divino imperio obedecião todos os elementos, como Creador e Senhor do Ceo e da Terra e de tudo quanto nelles há. E logo na praça publica da cidade mandou preparar hum pequeno altar e poz nelle a Santa Cruz; e a vista de hum numerozo concurso da gente, // [p. 177] posto de joelhos, começou a orar. E ao mesmo passo que subio <a> sua oração da terra para o ceo, começou este a toldar-se de nuvens chuvozas e a haver agua em tanta abundancia, que bem se vio ser benção de Deos, que chovia a sua misericordia sobre a terra; verificando-se prompta e vizivelmente o que Santo Agostinho disse da efficacia da oração; que quando a oração do justo sobe, desce a misericordia de Deos.

<sup>100</sup> 58. Nem parou aqui o bom successo; porque houve outro mayor prodigio, com que Deos quiz mostrar quão aceytas erão em o seu divino beneplacito as preces e rogativas deste seu servo; porque, chovendo em todas as partes do reyno, só no pequeno lugar que occupava o altar e o padre que estava de joelhos orando, não cahio huma gotta de agua, molhando a todos os mais que assistirão aquelle acto; do que rezultou a Deos grande gloria; porque os hereges e sangatares ficarão corridos e envergonhados; os catholicos alegres e gozozos; a nossa santa religião e o seu ministro respeitados; alguns infieis penetrados da luz e verdade da fé. E supposto que athe alli tinham sido em Candia mui raras as conversões, mas dalli por diante forão cre[s]cendo, sendo este estupendo successo principio de muytas que houve ao depois, especialmente dos christãos renegados, dos quaes a mayor parte conhecerão o seu erro e tornarão ao caminho da vida eterna que tinham deixado; ficando poucos como pedras de escandalo necessario no mundo. Permittio o Rey ao Veneravel Padre passo mais franco para missionar e celebrar na igreja de Candia e fora della todos os actos da sua missão sem impedimento; mas nem por isso lhe era permitido sahir da ilha, nem estar em partes muy remotas da Corte e menos ficar auzente della tempo consideravel; porque estava a ordem e sugeição de hum dissava chingalá, que lhe dava a porção d[e] el Rey e sem sua licença não podia hir alem do rio da cidade; e estando muyto tempo auzente mandava logo gente e o fazia recolher à igreja.

<sup>99</sup> Número riscado.

<sup>100</sup> Número riscado.

*Capitulo Nono*

*Missiona o Padre Jozeph <Vas> em varios lugares dos Holandezes; busca aos terunanses da seyta de Budu, para lhes pregar o Evangelho // [p. 178]  
Anno 1697*

<sup>101</sup> 59. Com o referido prodigio da chuva, tendo o Padre Jozeph Vaz alguma liberdade para missionar fora da Corte, empredeio correr pelos lugares do dominio heretico e de caminho consolar aos christãos de Jafana e Potulão, que trazia muyto na sua lembrança, como primeiro fruto dos seus apostolicos trabalhos. Quando se preparava para esta missão, recebeo as cartas dos Padres Jozeph de Menezes e Jozeph Carvalho que, postos no porto seguro de Potulão, lhe fizerão avizo da sua chegada. Foy-os buscar logo; e ambos lhe derão certeza de duas patentes que de Goa lhe trazião; e perecerão ambas no naufragio, que o fatinho do Padre Jozeph de Menezes padeceo na viagem da Costa da Pescaria para Jafana, em o qual lançou ao mar thé as cartas. Mas na fé dos conductores tão fidedignos, aceytou e começou a uzar das incumbencias que nellas se lhe encarregavão, attendendo unicamente a utilidade que no exercicio dellas podia rezultar a christandade. Huma das patentes era do Prelado da Congregação, em que constituia ao Padre Jozeph Vaz superior dos missionarios congregados. A segunda do Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, da Ordem dos Pregadores, Bispo de Cochim, em que o creava seu vigario geral com poderes seguintes.

Dom Frey Pedro Pacheco, por merce de Deos e da Santa Igreja de Roma, Bispo de Cochim do Conselho de Sua Magestade. Aos que esta nossa patente de commissão e delegação virem, saude e paz em Jesu[s] Christo, que de todos hé verdadeyro remedio e salvação. Fazemos saber que, sendo nós informados e certificados por testemunhos de pessoas fidedignas, que o Reverendo Padre Jozeph Vaz presbitero, bramane, natural de Sancoalle das terras de Salsete, do Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres do Arcebispado de Goa, movido do zelo da salvação das almas, anda, há dez annos pelo Reyno de Candia e mais partes da Ilha de Ceylão, fazendo a Deos muytos serviços, não só com o bom exemplo da sua vida; mas com ditozos successos e do mesmo Deos favorecido. E dezejando nós com todo o affecto do coração o progresso e aumento daquella nova Christandade e a continuação da pregação evangelica, que tem dado tanto fruto; e outrosi, que não falem àquellas novas plantas os necessarios soccorros, que plantas tenras // [p. 179] requerem, para serem melhor administradas. Confiados na virtude, zelo, letras e prudencia do sobredito Reverendo Padre Jozeph Vaz e que uzara bem e em utilidade daquellas almas dos poderes que lhe dermos, havemos por bem de o crear e instituir nosso vigario geral com plena jur[is]dição espiritual e temporal em toda a Ilha de Ceylão, dando-lhe todos os poderes e facultades, que temos por direyto, privelegios e costumes. E assim possa absolver de

<sup>101</sup> Número riscado.

todos os cazos a nós reservados e dos que nos podemos absolver e cometer em virtude do Sagrado Concilio Tridentino, sessão vigessima quarta *De Reformatione* capitulo 6; e outrosi dispensar em todas as irregularidades, suspensões e quaesquer outros cazos, ainda à Sé Apostolica reservados na forma do dito Concilio; e dispensar para o santo matrimonio nos graos prohibidos com os christãos da dita Ilha de Ceylão, na forma das bullas dos Summos Pontifices Paulo Quinto e outros, expedidas todas a favor dos neofitos do Oriente e dispensar em todos os juramentos e votos, excepto o da religião e castidade e tudo o mais que podemos delegar, por qualquer via que seja. E tudo isto emquanto o dito Reverendo Padre Jozeph Vaz estiver na Ilha de Ceylão, seja no Reyno de Candia ou della em qualquer outra parte e emquanto nós não mandarmos o contrario. E outrosi lhe concedemos que, julgando necessario, poderá subdelegar estes poderes referidos, todos ou em parte, a hum ou a mais sacerdotes, que a elle lhe parecer, os quaes poderão delles uzar com a prudencia que se requer. E pela prezente mandamos a todos os sacerdotes e seculares nossos subditos, existentes na dita Ilha de Ceylão em virtude da santa obediencia, que tenham e reconheçam ao dito Reverendo Padre Jozeph Vaz por seu vigario geral, o qual haverá juramento dos Santos Evangelhos, que lhe será dado por outro sacerdote em havendo para isso occasião, de que fará bem e verdadeiramente o seu officio. Dada em Goa, sob o nosso sinal e sello aos dez de Feveryro de mil seiscentos noventa e seis.

<sup>102</sup>60. Com a nova incumbencia de vigario geral designou o Padre Jozeph Vaz ao Padre Jozeph de Menezes por missionario de Potulão, Columbo e Nigumbo <sup>103</sup> e seus destrictos por toda Sitavaca; e deixando-o em Potulão com o Padre Jozeph Carvalho para administrar os sacra // [p. 180]mentos na Quaresma deste anno, sahio com resolução de correr por todos os lugares, aonde houvesse christãos. Entrou na Cidade de Columbo em traje de mendigo. E missionou não só aos catholicos que nella achou muy bons christãos, assim naturaes, como europeos; mas com ajuda delles reduzio à fé e ao gremio da Igreja varios Holandezes hereges. Compoz muytos animos discordes, que era a primeyra diligencia que fazia nas suas missoens; bautizou muytos filhos de pays christãos, fez varios cazamentos, a todos consolou com os sacramentos da confissão e communhão. E sem embargo que estes actos celebrava só de noyte em algumas cazas de christãos principaes, aonde sem muyta nota se juntavão os mais e antes de amanhecer cada qual se recolhia para sua caza; comtudo alguna <sup>104</sup> (*sic*) noticia confuza teve o governador de Columbo e recommendou a hum Holandez que, com titulo de dissava, governava a milicia, o exame da missão e a prizão do missionario. E permitio Deos que o dissava fosse nesta diligencia menos prompto; porque começou com ella a tempo que o Padre Jozeph Vaz se hia retirando para Nigumbo aonde affer-

<sup>102</sup> Número riscado.

<sup>103</sup> Ou Negombo, cidade a Norte de Colombo, aonde existiu uma fortaleza portuguesa.

<sup>104</sup> Entenda-se: «alguma».

vorou aos catholicos na reforma dos costumes e foy continuando a missão por Gurubel,<sup>105</sup> Malvana<sup>106</sup> e Sitavaca; expedindo as couzas sempre com brevidade, porque dezejava recolher-se com a mayor pressa à Corte, como o fez logo, chegando a Potulão e tomando por seu companheiro ao Padre Jozeph Carvalho, seu sobrinho, a quem tinha destinado para estar de assento em Candia; porque ficando este como em refens; podia elle com menos sospeita do Rey e dos seus dissavas, andar com mais liberdade nas missões de Paizes Baixos, aonde era a Christandade mais numeroza e pela perseguição dos hereges e perigo da sua má companhia; vivia mais necessitada de espirituaes soccorros, para persistir constante na fé.

<sup>107</sup>61. A pressa com que o Padre Jozeph Vaz caminhava para Candia, motivou o dezejo de se encontrar com os terunanses, vindos de Racão àquella Corte. Terunanses são como bispos na seyta de Budu, os quaes só podem ordenar outros terunanses, de que então havia total falta em Candia. Mandou o Candiota conduzi-los do Reyno // [p. 181] de Racão pelos Holandezes, que com boa vontade se encarregarão dessa diligencia; porque não tem pejo de favorecer a qualquer seyta, por mais torpe e diabolica que seja; e so são inimigos declarados da verdadeira religião romana. E assim nos seos dominios em Batavia, Ceylão e outros lugares concedem aos gentios e mouros, templos, idolos, misquitas, procissoens, festas e publicas idolatrias; e só aos catholicos romanos perseguem e maltratão e lhes vedão o uzo dos sacramentos.

<sup>108</sup>62. Chegarão pois de Racão a Candia trinta terunanses, recebidos com a mayor pompa e agazalhados com a mayor ostentação que a grandeza do Rey e o estilo da sua Corte permitia; e ordenarão a outros tantos, dos quaes só dous havião de ter jur[is]dição terunacense, os mais titulo honorario, para entrarem na vagancia dos primeiros, ficando no Rey a authoridade para os provimentos da intrancia. Vendo elles em Candia a nossa igreja e ouvindo o que nella obrava o Veneravel Jozeph Vaz, louvarão muyto o seu zelo e muyto mais a nossa ley. Dizião que tinham visto alguns sacerdotes dos christãos de exemplares procedimentos e sabião que os que andão pregando a ley de Christo, são homens de muyta verdade e aceytos a Deos. Tendo esta noticia o Padre Jozeph Vaz abbreviou quanto poude a sua viagem para Candia para se encontrar com os terunances de Racão, parecendo-lhe occasião opportuna de ganhar para Christo aquellas almas que confessavão e louvavão por boa e verdadeyra a sua ley. Mas como em breves dias adoecerão muytos delles e dos mais authorizados morrerão seis, se não detiverão os mais tempo consideravel; de sorte que quando os Padres Jozeph Vaz e Jozeph Carvalho

<sup>105</sup> Possivelmente Gurubewila, povoação situada a cerca de 30 kms. a leste de Colombo.

<sup>106</sup> Malwana, povoação no arredores de Columbo e lugar da antiga residência do capitão-geral D. Jerónimo de Azevedo.

<sup>107</sup> Número riscado.

<sup>108</sup> Número riscado.

chegarão a igreja de Candia, já os terunanses de Ração tinham partido. E porque a Christandade de Candia não necessitava de dous sacerdotes, deixando na igreja ao Padre Carvalho, voltou para os Paizes Baixos o Padre Jozeph Vaz em busca do Padre Pedro Ferrão e dos christãos de Jafana; tão fervoroso andava em busca das almas, que o seu mayor descanso tinha no mayor trabalho que por ellas tomava. Mas emquanto o Padre Jozeph Vaz caminha para Jafana e Vannym, em cujos mattos vivia escondido e summamente afflicto o Padre Pedro Ferrão, ouçamos a historia do Budú, da sua ley, da observancia da sua seyta e dos seus sacerdotes; porque // [p. 182] esta noticia pode ao futuro ser util aos missionarios vindouros, em ordem a refutar os erros daquella seyta.

*Capitulo Decimo*

*Fabulozo na[s]cimento, vida e morte de Budu.*

*Preceytos e observancias da sua seyta. Ierarchia dos seus sacerdotes*

Anno 1697

<sup>109</sup> 63. O demonio que, feyto bogio do Altissimo, ja que não pode conseguir a sua semelhança a que aspirava, não cessa quanto pode de arremedar as suas obras, para enganar aos homens com invençoens enfeytadas com apparencias da verdade, introduzio a fabula da geração de Budu com taes enredos, como se nella quizesse imitar ao ineffavel misterio da Encarnação; para que quanto a mentira parecesse mais semelhante à verdade, tanto fosse mais bem recebida. Porem, como as obras sempre se parecem com o seu author, assim são todas do pay da mentira e muyto mais esta, em <que> quanto pertendeo retratar aquelle soberano misterio, tanto afeou o retrato com manchas dignas de tão pessimo pintor. Permitindo-o assim Deos, para que pelos maos frutos que produzio Budu entre alguns bons, conhecessem os homens, que não <era> boa aquella arvore; pois o bem o ha-de ser em todas as qualidades e circunstancias; mas para o mal basta qualquer defeyto.

<sup>110</sup> 64. Diz, pois, a fabuloza historia de Budú que no reyno antigamente chamado Mendamanddalé, sito nos Gattes de Carnatta, será talvez o que ao presente se chama Maissur ou Maduré, hum homem chamado Tapussi, de profissão sancaxi, isto hé, despegado de mundo, com obrigação de viver pobre e casto; segregado de toda a communicação humana, vivia embrenhado nos mattos, vestido da pelle de tigre, com que se cobria da cabeça the os pés; sustentando-se com frutos silvestres e habitando na caverna de huma pedra, aonde tinha hum idolo, a quem tinha dedicado a sua vida e em cujo culto e obzequio offerencia quotidianos sacrificios de flores, que conduzia dos

<sup>109</sup> Número riscado.

<sup>110</sup> Número riscado.

lagos que no meyo daquelle bosque havia. Este ermitão, depois de largos annos de vida austera e penitente, cre[s]cido na idade // [p. 183] e na virtude, procedendo cada vez com mais fervor na tarefa dos seus exercicios, hum dia hindo buscar as flores chegou a huma lagoa e no meyo della, aonde era mais fundo, vio a flor golfão que estava em botão e parecia como ventre de huma mulher pejada, excessivamente mayor que outras da mesma especie, que naquella lagoa havia; dezejava o Tapussi havella a mão assim porque lhe parecia couza misterioza, como porque queria oferta-la ao seo idolo; mas como não podia chegar ao sitio, onde ficava, recolheo-se a sua gruta e passou todo o dia e noyte orando e pedindo ao idolo que ou lhe deparasse algum meyo, com que pudesse chegar aonde essa flor <estava>; ou a fizesse vir à margem da lagoa, para a colher nas mãos. Quando no dia seguinte voltou à lagoa, vio que arrancando-se a planta do lugar em que na[s]cera, no meyo das agoas mais profundas, se encaminhava para o Tapussi the vir por-se voluntariamente nas suas maons, em que a recebeo com alvoroço igoal aos prodigios que se multiplicavão; porque aquele botão, que no dia passado parecia como ventre fecundo, ja dava claras evidencias da sua fecundidade; porque mal aberto<sup>111</sup> descobria <a> cabeça de huma criatura humana; não podia saber athe ly, se era macho ou femea; foy correndo para a sua gruta, poz no altar a prodigioza flor; foy descozendo o botão e vio huma infanta tão linda, que se não era fermoza como a lua, era hum feitiço dos olhos; era hum iman dos corações; porque entre as perfeicoes e graças que resplandecião nos delicados membros daquelle corpozinho, a boca era chea de rizo, porque foy creatura que nunca chorou.

<sup>112</sup> 65. Quão admirado estava Tapussi de ver aquelle fabulozo protento da natureza, tão cuydadozo ficou de não ter, na solidão em que vivia, leyte para alimentar aquella criatura e agazalho capaz da sua habitação; mas deste cuydado o livrou hum anjo, que lhe appareceo logo, chamado Manivoré; impoz a infanta recém-na[s]cida nomme de Mayaman Deunansi; e disse que ella trazia no dedo mostrador huma como fonte perene de leyte, com que se sustentaria sem dependencia; só cuydasse Tapussi de a agazalhar na sua gruta, com asseo possivel emquanto lhe fosse ordenada outra couza. De dia em dia hia cre[s]cendo a infanta, de sorte que no sexto parecia rapariga de seis annos; nelle tor // [p. 184]nou a apparecer o anjo Manivore e disse a Tapussi que a infanta estava cre[s]cida e não necessitava da sua assistencia; antes para o abono da sua pureza e defensa della devia estar só, sem companhia de homem; e por isso a deixasse ficar naquella gruta e se retirasse a morar ao pé de huma arvore chamada manugagá, de que há muytas na India, e os Portuguezes lhe derão nomme de arvore de gralhas, cujo fruto tem alguma semelhança com o figo. Chegado Tapussi ao pé de manugagá, deytou ella de alto de suas ramas raizes cumpridas e com ellas o prendeo, de sorte que não

<sup>111</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>112</sup> Número riscado.

podia sahir do lugar; comtudo não padeceo molestia naquella prizão; antes estava como em hum deliciozo jardim, amparado com a sombra daquella arvore, vestido de suas raizes, que lhe cobrião todo o corpo, sustentado com a sua fruta e regalado com hum doce licor, que distillavão as suas ramas.

66<sup>113</sup>. Contava Mayamam Deunansi vinte e cinco dias de idade e ja estava com disposição de mulher perfeyta, capaz de conceber e parir; e assim sem obra de varão, que naquelle sitio não havia, se sentio pejada em o mês de Dezembro; e assim como foy prodigioza no na[s]cer, cre[s]cer e conceber, foy tãobem no parir; porque logo que concebeo, foy o anjo Manivore annunciar a sua monstroza prenhidão ao Tapussi e aos principaes reys do Oriente, convidando-os a se acharem presentes e celebrarem o parto, de que no mês de Mayo seguinte havia de na[s]cer hum menino, que ao diante daria ley a todo o mundo. Com effeito, chegado o mes de Mayo, que era sexto da prenhhez, em huma quarta feyra, pario Mayamam Deunansi hum menino, que ao sahir do ventre trazia na boca o dedo mostrador, em que a semelhança da mãy tinha leyte sufficiente para o seu alimento. Acodirão para ver aquelle protento não só os homens de remotissimas regioens; mas tãobem os animaes; não se ouvia em toda a terra canto das aves; porque todas concorrerão a dar muzicas, ao recém na[s]cido na gruta. E para ser mais admiravel o sucesso tremeo toda a terra, com cujo extraordinario aballo se certificarão do annuncio do anjo Manivore; reys e magnates sahirão das suas Cortes para hir comprimentar e render vassallagem ao // [p. 185] protentozo legislador do mundo. Excedeo a todos Sandama Rajarú, Rey de Mandamanddalé, que com todos os grandes do seu reyno, aonde socedeu esse na[s]cimento, chegou a gruta da pedra, achou nella a virgem Mayamam Deunansi com o menino nos braços e os adorou, festejou e assistio com os mayores obsequios. Romperão-se no mesmo tempo as raizes que prendião ao ermitão Tapussi, o qual hindo com pressa a ver o prodigio da gruta, deu testemunho da nova geração da may e filho. Convocou hum conciliablo dos reys e principes que se achavão presentes, sobre o tratamento e agazalho que merecia a monstroza may e filho; e assentarão que el Rey Sandama Rajaru tomasse a sua conta e os sustentasse com <toda a> ostentação the ver o que dava de si o menino depois de cre[s]cido. Assim o executou elle, levando-os a sua Corte, junto com o Tapussi, mandou fabricar hum palacio novo, em que os recolheo, pondo goardas e vigias a porta; ou porque receava que elles escondidamente se fossem meter nos mattos para viverem vida eremitica, a que erão costumados; ou porque temia que os reys vezinhos lhe roubassem aquelle thezouro.

114<sup>67</sup>. Postos na Corte de Mandamanddalé o Tapussi com may e filho, era o seu palacio frequentado do povo como se fora hum santuario, concorrião offertas e esmolaz tão quantiozas, que bastavão para se tratarem como

<sup>113</sup> Número riscado.

<sup>114</sup> Número riscado.

reys sem dependencia de Sandama Rajarú. Chamou-se o menino Sidaharta Cumaré, o qual no decimo quinto dia da sua idade mostrava tanta discríção, como varão perfeyto; e neste mesmo tempo rompendo a goarda que goardava <a> sua porta, saho do seu Palacio e entrou no real, a cuja vista el Rey Sandame Rajarú se levantou do trono, para o adorar e saber o que mandava. E aqui começou Sidaharta a explicar as profecias, que nas escrituras antigas daquelle reyno se achavão da sua vinda ao mundo; as quaes se mandarão vir e conferindo-se com os sucessos do seu na[s]cimento, conhecerão todos que ja estavam inteiramente cumpridas. Então o vaticinado legislador mandou ao Rey que convocasse os seus vassallos em lugar aonde pudessem estar todos juntos, porque lhes queria fazer patente a sua virtude e poder que tinha de fazer milagres em confirmação da sua doutrina. Com effeito estando // [p. 186] junto todo o povo e o Rey em sitio competente, se descobrio Sidaharta de cintura para cima e mostrou o seo corpo transparente como cristal, de sorte que se vião distintamente as entranhas; as quaes desde aquelle tempo ao diante ficarão limpas de toda a immundicia; porque alguma que nellas havia, a vista de todo o mundo se converteo em fumo; o qual saho pelo cume da cabeça, deixando nelle huma abertura e para lhe não entrar o ar, appareceu o anjo Manivore, cortou <a palma> da sua mão direyta e fazendo della batoque, tapou aquelle buraco, ficando de fora os dedos em perpetua memoria do milagre, que por isso nas imagens de Budu fazem os seus sectarios cinco dedos, que apparecem sobre a cabeça. Feyto este prodigio, começou a pregar ao povo e fallou couzas tão altas e discretas que, admirados todos do seu engenho, sabedoria e prudencia, lhe mudarão o nomme de Sidaharta em o de Budu, derivado de Budi, que significa prudencia e discríção; e pasmadaz todas as creaturas, homens, bestas, aves, peixes e the as plantas o adorarão e acclamarão por grande profeta.

115<sup>68</sup>. Di[v]ulgada pelo mundo a noticia deste successo concorrião toda a sorte de homens de remotissimas regioens para ouvirem a sua doutrina e elle a todos instrua, dava documentos importantes e leys necessarias para conseguirem a bem aventurança, recommendando sempre a todos que nas materias da ley não argumentassem; porque não erão couzas que se podião alcançar com a razão, senão crer com fé, e rendimento do juizo; que não adorassem aos idolos, por serem simulacros do demonio, nem reconhecessem a Deos, porque nenhum havia, nem cressem aos profetas mais que a elle unicamente; porque só elle na[s]cera para ensinar a verdade. Ensinou que o mundo he *ab eterno*,<sup>116</sup> por ser incomprehensivel a primeira cauza que o produzio. Que os homens e os animaes tem quinhentas e sincoenta na[s]cimentos por outras tantas transmigraçoens, em que as almas passão de huns corpos a outros; que a qualidade do corpo, para o qual se transmigra a alma, hé conforme o merito que teve na primeira vida. Que a bem aventurança consiste em se rezolverem as couzas em nada; porque desta sorte,

<sup>115</sup> Número riscado.

<sup>116</sup> «Desde sempre, desde a eternidade».

cessando a sucessão das transmigrações tão repetidas e molestozas, cessão de huma vez para sempre os // [p. 187] trabalhos, a que está sogeita a vida. Encareceo, quanto poude, o merito da esmola e de todas as obras da mizericordia; promulgou huma ley universal a todo o mundo em hum quincalogo, que contem sinco preceyτος Moraes. O primeyro não mentir. O segundo não beber sura da palmeira, em que se comprehende toda a potagem, que pode privar de sentidos. O terceyro não matar aos viventes. O quarto não fornicar. O quinto não furtar. Instituiu hum genero de sacerdocio, que direy abaixo, impoz-lhe preceyto de perpetua castidade e alem daquelles sinco preceyτος geraes, lhe deu outros tres particulares, que são o primeyro não assistir, nem ver as fulias, bayles, tangeres e cantigas de homens mundanos; o segundo sofrer com paciencia as injurias; o terceyro não uzar de flores, nem de cheiro algum.

<sup>117</sup>69. Estabellecida esta nova ley em todo o reyno de Mandamanddale, passou Budu para outros, andou e discorreio por muytas provincias, sendo em toda a parte bem recebido e a sua doutrina geralmente aceyta; e sendo de idade de quarenta annos chegou a Ceylão, aonde instrohio na sua ley aos chingalas e em memoria de ter estado naquella ilha, deixou o vestigio do seu pé na pedra do Pico de Adão, como referi atrás numero 195.<sup>118</sup> Mas aqui inventarão os chingalas nova fabula. Dizem que quando Budu sobio o Pico de Adão, ao mesmo tempo que poz o pé direyto naquella pedra, estendeo o esquerdo para outro lugar do Reyno chamado Macama, terra incognita; e depois que imprimio nella o seu vestigio, o demonio, que era seu inimigo, virou a pedra de alto a baixo, para ficar escondido aquelle sinal; porem acodio Budu e poz novamente o pé sobre a pedra virada e estampou o vestigio d'elle, de sorte que por qualquer parte, que o demonio virasse a pedra, sempre ficasse descoberto o vestigio do seu pé.

<sup>119</sup>70. Finalmente, sendo Budu de idade de cento noventa e nove annos, em cujo espaço discorreio por muytas terras, obrou portentos, dilatou a sua ley por muytos reynos, encheo o mundo da sua fama, sendo mais celebre no exercicio da charidade, que nelle resplandeceo tanto que por sublevar a indigencia dos necessitados não reparava em dar athé às feras a sua carne e sangue, quando as não podia sustentar por outro modo; e athe os proprios olhos os offerencia e dava aos // [p. 188] cegos, para não perecerem por falta da vista; a mulher, com quem vivia cazado não era tanto para elle, que a não emprestasse de boa vontade a todo o homem, que a appetecesse; ainda dos filhos não parecia pay, pelos cattivar e vender e com o preço delles sustentar aos pobres. Estas, dizia, as melhores obras, com que se fazia digno de vida menos trabalhoza nas innumeraveis transmigraçoens, em que havia de passar por todos os corpos dos viventes, ainda mais immundos, the final-

<sup>117</sup> Número riscado.

<sup>118</sup> Estes factos encontram-se efectivamente descritos no número 189.

<sup>119</sup> Número riscado.

mente apparecer resussitado em sua propria figura, em a qual viveria muytos seculos dominando em todo o orbe com a mayor opulencia e grandeza e no cabo passaria deste mundo à bem aventurança do nada, a que se havia de reduzir. Por esta conta os sectarios de Budu o esperão, como os mouros a Mafoma; não cessando de lhe supplicar e pedir que dê pressa para chegar a sua ultima transmigração ou resurreição, para lograrem das prometidas abundancias do seu reynado. Mas perguntados se entretanto andarão o seu Budu metido no corpo de algum cão, porco ou outro animal immundo; se não peirão de confessar, que o seu grande profeta vive em tão mizeravel estado, que se sustenta de escremento humano, que hé o manjar real dos porcos; pois feyto porco, se ha-de sustentar com o alimento dos porcos.

<sup>120</sup>71. Na idade, pois, de cento noventa e nove annos, conhecendo-se Budu proximo a morte, dispoz o seu testamento; ordenou nelle que o seu corpo fosse queimado e declarou profeticamente que só a carne se reduziria a cinza; porem os cabellos, dentes e ossos se conservarão illezos e sahirão do fogo mais puros, os quaes mandou que se repartissem por todos os reynos, provincias e cidades, que receberão a sua ley, para os conservarem por reliquias. Coube na partição hum dente à Ilha de Ceylão, o qual ficava no thezouro do Rey de Jafanapatão, coberto de ouro com muytos rubins e safiras de valor; e hé o mesmo, com que se equivocarão os escritores antigos, chamando-o de bogio branco, sendo na verdade de Budu. Este he aquelle dente, que Dom Constantino de Bargança, Vice Rey da India, em anno de 1560, tomou entre outros<sup>121</sup> (*sic*) joyas do Rey de Jafana, a quem venceu em batalha e o fez tributario a coroa luzitana e publicamente com religiozo zelo o pizou e desfez em hum almofariz e mandou lançar // [p. 189] no rio de Goa, desprezando trezentos mil cruzados, que o rey de Pegu mandava em huma nao com embaxador, para o comprar a todo o preço, que o vice-rey quizesse. Mas os supersticiozos chingalas dizem que, quando o vice rey Dom Constantino meteo esse dente no almofariz, não só não ficou desfeyto; mas antes voando pelo ar, foy dar consigo em Ceylão, aonde existe no thezouro de Candia.<sup>122</sup>

<sup>123</sup>72. Na ordem do sacerdocio da seyta de Budu há<sup>124</sup> sangatares, gaynanses, terunanses e anadamá terunanse. Os primeyros são como sacerdotes seculares; os segundos como sacerdotes religiosos, os terceyros são como bispos; o quarto hé superior a todos como cabeça de toda a ierarquia, o qual uza de huma carocha de ouro, brincada com pedras preciosas, composta de duas coroas, fechadas por sima, com huma figura de pavão no remate, tem seu bago de prata, mas curto; calça sapatos tecidos de fios

<sup>120</sup> Número riscado.

<sup>121</sup> Entenda-se: «outras».

<sup>122</sup> Seguem-se diversas palavras riscadas (cerca de meia linha).

<sup>123</sup> Número riscado.

<sup>124</sup> Riscado: «terunan».

de algodão, veste seda amarella de custo, tem seu<sup>125</sup> assento no Reyno de Racão, fulmina censuras e excomunhões, cujo effeyto não pode deixar de ser obra diabolica. Só elle pode crear e mandar ordenar aos terunanses por outros terunanses; e só os terunanses podem ordenar aos gaynanses e sangatares. Uzão de huma agoa preparada com certas cerimonias, com a qual afogentão aos demonios e tambem exorcizão aos energumenos.

<sup>126</sup>73. Os gaynanses, que vivem em clauzura, profissão castidade obediencia e pobreza, vivem em communidade a sogeyção de hum superior do seu convento, a quem chamão Naica Gaynanse; tomão no noviciado dous annos. Tem choro, em que cantão alternadamente duas vezes no dia, na madrugada e depois do jantar; e oratorio, em que se ajuntão de noyte depois de se lavarem com agoa quente e ficão em silencio sentados no chão, espaço de hora e meyo e dizem que orão pela conservação do Reyno, conversão dos pecadores e por todas as necessidades publicas e privadas dos proximos. Comem huma só vez em cada vinte e quatro horas ao jantar, todos juntos no refeytorio. Os seus conventos são grandes e espaçozos; porque em Ceylão há só dous e em cada hum morão duzentos gaynanses com agazalhados sufficientes, huns separados de outros. No noviciado se lhes determina o estado de sacerdote ou leygo, em que se hão de professar; porque aquelles que mostrão engenho // [p. 190] para o estudo e sahem aproveitados e peritos na sua ley, são admittidos para a profissão de gaynanse, cujo officio hé andar missionando e ensinando ao povo o que elles aprenderão; mas os que não tiverem este prestimo ficão em estado de [sylvatena?], que são como leygos professos, por cujas maos corre o temporal do convento. Os sangatares são como sacerdotes seculares, tem obrigação de continencia e não da pobreza. Estes e os gaynanses frequentão as missões e a materia dos seus sermões ordinariamente hé encarecer o premio dos que derem esmola aos gaynanses e sangatares, com que no fim da missão se recolhem carregados de muytas offertas. Os terunanses tem tanta authoridade e respeito que os mesmos reys não tomão assento em prezença delles, antes são obrigados a os tratarem com profundas reverencias. Comtudo el-Rey Narendra Singa mandou degolar a hum que bem o tinha merecido; e foy o cazo que com certos feytiços meteo o demonio no corpo da rainha, para que esta fallasse ao Rey para <o> nomear<sup>127</sup> em lugar <sup>128</sup><que estava vago do terunanse> superior aos mais;<sup>129</sup> mas o demonio depois que entrou na Rainha, a atormentou tão tiranamente, que veo <ella> a fallecer; e o que era mais, dizia em altas vozes que terunanse o tinha metido no corpo da rainha, para persuadir ao rey, para o nomear por superior dos mais terunanses.

<sup>125</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>126</sup> Número riscado.

<sup>127</sup> Riscado: «ao tal terunanse».

<sup>128</sup> Riscado: «de que tinha jur[is]dição».

<sup>129</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

*Capitulo Undecimo*

*Missiona o Padre Jozeph Vaz em Jafana e busca ao Padre Pedro Ferrão, que ficava escondido nos mattos de Vannym. Noticias deste padre Anno 1697*

<sup>130</sup>74. Desvanecida a empreza de pregar aos terunanses de Racão; porque antes de chegar o Padre Jozeph Vaz a Cidade de Candia, partirão elles com toda a pressa para as suas terras; determinou voltar para o exercicio da missão dos Paizes Baixos. Já neste tempo a companhia do Padre Jozeph Carvalho lhe facilitava mais as auzencias da Corte; porque deixando-o em seu lugar como em refens, cessou a sospeyta que os chingalas tinham, de que se auzentasse para fora da ilha. Com este seguro sahio este anno da segunda vez, para missionar fora de Candia e encaminhou a sua derrota // [p. 191] a Jafana; porque passavão annos desd[e] a perseguição do Wanrey, que não tinha vizitado aquelles seus amados espirituales filhos. Entrou em Jafana disfarçado, correo por muytos lugares, trabalhando incansavelmente noytes inteyras na administração dos sacramentos com grande consolação e fruto das almas. E sem embargo de toda a cautela, com que procedia; não pode eximir-se da perseguição dos hereges por culpa de huma escrava christam, a qual, para vingar-se da sua senhora, de quem recebera rigoroso castigo, delatou ao capitão de Jafana que o Padre Jozeph Vaz estava em sua caza, aonde todas as noytes se ajuntavão muytos christãos, para a comfissão, comunhão, sermão e missa. Tão depressa que ouvio o herege esta noticia, prevenio gente armada, para prender aquella noyte ao Veneravel Padre. Mas permitio Deos que estando juntos os christãos a hora competente dos exercicios da missão, sentissem rumor dos soldados, que vinhão andando, com que a toda pressa accomodarão ao missionario em huma choupana vezinha e tiveram tempo para desmanchar o altar e esconder as imagens. Entrarão os soldados, buscarão não só aquella caza; mas outras muytas da mesma rua e passando muytas vezes pela choupana, nenhum entrou nella; e desta sorte escapou o Padre Jozeph Vaz do eminente perigo; sahio de Jafana, depois de ter estado nella muytos dias e passou para Vannym em busca do Padre Pedro Ferrão, que necessitava da sua vizita para o alivio da summa afflictão em que se achava.

<sup>131</sup>75. O Padre Pedro Ferrão chamado com prodigioza vocação divina para missionar em Ceylão; ainda que professou na Congregação em anno mil setecentos e hum; mas porque primeiro quiz fazer-se companheyro dos congregados que ficavão em Ceylão, do que entrar na companhia dos que estavam em Goa; mereceo a Congregação especial amor e agradecimento, porque o fervor e zelo, que o levou àquella missão em tempos tão perigosos, foy obra de grande gloria de Deos; e de muyta utilidade da Congregação,

<sup>130</sup> Número riscado.

<sup>131</sup> Número riscado.

<sup>132</sup> que achou nelle hum tal filho e missionario poderozo na pregação e nos milagres, sem custar os dispendios e trabalhos, com que educa os mais para este emprego; razão hé logo, que antes de referir o muyto que obrou depois de ser congregado, diga primeiro quão cre[s]cido estava na virtude quando entrou nesta missão. // [p. 192]

<sup>133</sup> 76. Foy este padre natural de Margão, filho de Thome Ferrão e de Antonia de Misquita, bramanes neofitos. Conta-se que, querendo o seu pay por-lhe no bautismo nomme de João, o paroco, que era religiozo da Companhia de Jesus, reparando e notando muyto na criatura de oyto dias, não quiz que se chamasse João; senão Pedro; e depois de o bautizar disse «Forte pedra ha-de ser esta». Se foy profecia, os seguintes sucessos da sua vida hirão mostrando o desempenho della. Em idade competente se applicou ao estudo; soube latim com tanta perfeição, que o ensinou com applauzo a muytos; entre os quaes foy seu discipulo o grande Padre Jacome Gonsalves, famoso missionario de Ceylão. Nas aulas publicas do collegio academico de São Thomas de Aquino da Cidade de Goa, sahio acerrimo thomista. Ordenado de sacerdote vivia na sua aldea com procedimento honesto e com opinião de douto e virtuozo. E como a virtude <assim como> acaba aonde para; assim tãobem cre[s]ce em cada passo que avança. Para cre[s]cer o Padre Pedro Ferrão em todo o genero de virtudes, correo com passos agigantados; porque começou a dar os primeiros por total desapego <do mundo>, sahio da caza de seus pays, deixou os parentes e a patria e não voltou mais para o Egipto; escolhendo para a sua habitação a freguezia de Nossa Senhora da Piedade, da Ilha Divarí de Goa, quazi oyto legoas distante de Margão e para servir a Deos com beneficio dos proximos se sogeitou a ser coadjutor do paroco daquella freguezia; e neste officio e exercicio empregou doze annos, fazendo huma vida admiravel.

<sup>134</sup> 77. Para satisfazer com toda a promptidão as obrigaçoens do seu officio morava no adro da igreja em humas cazinhas baixas, as quaes, sendo ao depois occupadas com a madeyra da igreja velha, que se demolio, para se fabricar nova, que ao presente existe; nem por isso ficarão empachadas para a moradia do Padre Pedro Ferrão; porque a madeira lhe servia de leyto, sobre que se deytava para dar breve descanso ao corpo; e como não possuía mais movel que a pobre roupa que vestia, facilmente se accomodava em qualquer parte; antes nos desconcomodos se agazalhava melhor o seu espirito, tão inimigo das commodidades, que deixou e desprezou as que lhe não faltavão na sua // [p. 193] patria e caza. Estava naquella cazinha prompto para acodir toda a hora com sacramentos aos enfermos; por mais escuro, nocturno e tormentozo que fosse o tempo, logo que o chamavão, sem menor dilacão se

<sup>132</sup> Riscado: «[por]».

<sup>133</sup> Número riscado.

<sup>134</sup> Número riscado.

punha a caminho; e assistia aos moribundos, quanto lhe era possivel thé o ultimo arranco; não só com os sacramentos e subsidios espirituaes, necessarios para o conflicto da morte; mas tãobem com os temporaes aos que por sua pobreza não tinham posses para medicamentos e tãobem para o enterro.

<sup>135</sup> 78. Não podia o demonio levar em paciencia o bem que do zelo deste padre rezultava a tantas almas. Intentou matar ao pastor, para que perecessem as suas ovelhas. Fingiu-se homem o inimigo do genero humano; e huma noyte a mais escura lhe veo bater a porta, pedindo confissão a certo moribundo. Sahio logo da caza o verdadeiro caritativo e seguindo o caminho, que guiava o falso correyo, chegou a hum descampado. Aqui tirou a mascara o espirito maligno, atou de pés e mãos ao innocente padre e o levantou à eminencia de huma frondoza arvore, que estava naquelle lugar e no mais alto della o deixou prezo e suspenso e lastimozamente maltratado, aonde sem duvida accabaria a vida, se Deos lhe não valesse por meyo de huns pastores. Era tempo de meyo dia e havia mais de doze horas que o Padre Pedro Ferrão ficava naquella cruel e dolorosa suspensão, quando os pastores para reparo da calma vierão com o seu gado acolher-se a sombra daquella arvore; e vendo espectaculo tão insolito e conhecendo a seu padre cura, forão correndo a povoação, derão rebate, acodio a gente com escadas, sem as quaes o não podião descer da altura em que ficava; e tirando-o daquelle patibulo, o levarão em braços tão maltratado, como bem se deixa ver.

<sup>136</sup> 79. Mas nem por isso dezistio este bom pastor da sua santa occupação; antes cada vez com mayor fervor e zelo administrava o pasto da doutrina e sacramentos aos seos parochianos. Em todos os domingos e dias santos pregava com grande espirito e todas as manhãs estava no confissionario the acabar de ouvir o ultimo penitente. Vizitava aos enfermos; e com especialidade aos pobres, com os quaes era mais familiar e os consolava, não só com documentos espirituaes; mas tãobem com largas esmolos. E não se contentan // [p. 194]do com ser tão misericordiozo com os vivos, o era ainda mais com os deffuntos, suff[r]lagando-lhes por muytos modos. Tres vezes no dia benzia as sepulturas, rezando responsos; e as santas almas com decurso do tempo adquirirão tanto direyto neste piadozo exercicio do seu devoto, que o que no principio foy mera devoção, vierão ao depois a executar, como se fora obrigação da justiça. Porque se conta que, socedendo as vezes estar o Padre Pedro Ferrão em alguma occopação, que o divertia de fazer a encomendação das almas a tempo costumado, ellas, à maneyra de filhinhos que chorão e gritão pela mãy, quando<sup>137</sup> sentem fome; assim fazião no cemiterio hum manso ruido e murmurinho, que não cessava, sem lhes pagar o padre o tributo das ordinarias encommendaçoens.

<sup>135</sup> Número riscado.

<sup>136</sup> Número riscado.

<sup>137</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>138</sup> 80. Socedeo naquelle cemeterio o seguinte lastimozo cazo. Ouvia-se nelle hum estrondo medonho, que trazia muy atemorizados aos parochianos e se não podia saber de que principio na[s]cesse. Continuava o Padre Pedro Ferrão os seus ordinarios exercicios e accresentava novos suffragios; mas não cessava o estrondo. Entendeo que o não fazião as almas santas; senão os espiritos malignos. Armou-se com oração e jejuns, sahio de noyte ao adro da igreja e chegado ao lugar, aonde se fazia o ruido, esconjurou aos demonios e mandou em nomme de Deos, declarassem o fim porque cauzavão tamanha inquietação. Apareceo hum v[u]lto disforme e disse que era alma de certa mulher pobre, cujo cadaver estava enterrado naquelle cemeterio e desd[e] o dia do seu enterro começou o estrondo que na sua sepultura fazião os demonios; porque estava condenada por se matar, lançando-se em hum poço e não merecia a sepultura ecclesiastica que lhe derão; e era Deos servido que se dezenterrasse o seu cadaver do lugar sagrado e se lançasse no rio, para se corromper o corpo na agoa, em que pereceo a vida e a allma. Conduzio o Padre Pedro Ferrão dous homens da sua confiança, encommendou-lhes segredo, querendo occultar o cazo, para se não infamar a parentella da condenada. Aberta a sepultura e extrahido o cadaver, foy lançado no rio vezinho no silencio de noyte. E sem embargo, que o rio enche e vaza; mas permitio Deos que a corrente das agoas não abalasses o cadaver do sitio, em que o lançarão the ser visto e conhecido de todos. // [p. 195]

<sup>139</sup> 81. Tão empenhado devoto das santas almas era o Padre Pedro Ferrão, que para suffragar a ellas, não se pejava de pedir pelas portas pessoalmente e por meyo de hum moço que tinha designado só para este serviço. De tudo que importavão as esmolas hu[m]a parte despendia <sup>140</sup> <em> missas, que mandava dizer pelos sacerdotes da mesma freguezia; a outra a metade applicou para o patrimonio perpetuo que lhes deixou, erigindo na igreja hum altar, dourando o seu retabolo, dedicado as mesmas almas. Em todas as suas necessidades se encommendava a ellas; e era reciproca a correspondencia com que se ajudavão; porque tãobem as santas almas lhe apparecião e pedião suffragios. Hum dia, estando revestindo-se para dizer a missa, saltou huma caveyra que ficava no canto da sacristia; não sey a que propozito deixada naquelle lugar; e se foy por diante do padre; cazo que foy bem visto e notado. E supposto por sua muyta humildade nunca quiz descobrir o misterio daquelle milagre; mas entenderão todos, como parece certo, que não era outro mais, que pedir a alma que morou naquella caveira, o suffragio da missa que hia celebrar. Apareceo-lhe hum sacerdote depois de fallecido chamado Paulo Pereyra e declarou que ficava penando no Purgatorio por certo numero das missas, cujo estipendio tinha recebido em vida e veo a fallecer sem pagar aquella divida; e pedia que lhe valesse com

<sup>138</sup> Número riscado.

<sup>139</sup> Número riscado.

<sup>140</sup> Riscado: «para».

a sua grande caridade. Promptamente satisfez a tudo o Padre Pedro Ferrão e estando hum dia no altar no fim da missa, lhe tornou a apparecer aquelle venturozo sacerdote, que de caminho para a gloria lhe vinha agradecer pelo alivio e redempção das penas de que estava livre. Esta appareção glorioza lhe cauzou hum desmayo que notarão os que assistião à missa; e sendo por elles importunado, lhes descobrio o cazo.

<sup>141</sup> 82. Quem foy tão mizericordiozo e caritativo com os proximos, nada havia de descuidar de si; pois a charidade bem ordenada começa por si. Mas como a verdadeira charidade propria não hé aquella com que o homem se ama com affecto mundano; senão aquella com que se aborrece com odio santo, que consiste em huma continua guerra contra a carne e vontade sensual, inimigo domestico e por isso mais cruel e perniciozo; foy admiravel nesta parte o virtuozo Padre Pedro Ferrão; porque mortificou, maltratou e desprezou o seu corpo, como se fora a peor couza do // [p. 196] mundo, prohibindo-lhe o licito, faltando-lhe com o necessario; mal vestido, peor sustentado; e sempre bem açoytado. Primeyramente trazia o corpo tão mal abrigado de roupas, ainda em tempos frios que, por dentro não vestia mais que huma camiza e calção de pano de algodão groço, rallo e de pouco custo e por fora a roupeta preta de clerigo. E não poucas vezes deixava a camiza ocioza, sem uzo; nem mudava a roupa branca, senão passados largos tempos, quando estava totalmente rota e despedaçada e incapaz de se trazer no corpo. A roupeta de pano tão grosso e chea de tantos remendos, que era hum rotulo do desprezo do mundo e de si mesmo. Depois de a vestir huma vez, cozia com fio de linha todas as aberturas, para a não poder despir mais; e assim andava com ella de dia e de noyte e todo o tempo, emquanto a fragilidade do tal pano podia aturar e havia meyo para o remendar. Razão porque criava no corpo piolhos nojentos; mas para elle deliciosos; porque os deixava cevar no seu sangue que com continuas mordiduras lho chupavão, sofrendo com toda a paciencia tão molestoza e diuturna mortificação, nunca querendo, nem por si, nem por outro aliviar-se della. He couza celebre que, quanto no principio cauzava nojo e asco a outros a multidão destas savandijas, que trazia o padre no seu corpo em muyta quantidade, tanta devoção lhe cobrarão ao depois de experimentarem, que igoalmente amava o padre a seus piolhos, como os piolhos a elle; porque elle os não matava, nem sacodia; nem os piolhos o largavão e menos se passavão do seu corpo a outro. Assim se averigoou nas vestimentas da missa; assim se experimentou em varias cazas, aonde sendo hospedado nunca deixou na cama em que se deytava, hum só piolho. Achava-se elle hum dia em caza de huma matrona velha sua confessada e querendo tomar pequeno repouzo em hum leyto, que estava preparado com roupa branca, a boa mulher movida de asco natural da quantidade de piolhos, que via ferver no seu corpo, com confiança que tinha de filha, disse «Padre tantos piolhos traz no corpo? Mas agora

<sup>141</sup> Número riscado.

acharão lanções limpos e ficarão cá muytos por sua memoria». Mal sabia a velha, que os piolhos do Padre Pedro Ferrão não são amigos de roupa lavada. Respondeo o padre. «Não tenhais cuydado dos meus piolhos; porque elles sempre hão de estar commigo; e nenhum passará para vossos // [p. 197] lanções». Despedido o padre depois de largo espaço que esteve no esquife, curiozamente examinou a mulher, vio e revio os lanções, e não achou nelles sombra de piolhos.

<sup>142</sup> 83. A pobreza do vestido tão desprezível correspondião os pés sempre nus e descalços; porque fora do tempo dos officios divinos, não uzava de calçado. E conformando-se a cama com o mais, todo o asseo della consistia em taboa nua com humra pedra por travesseiro; nem na pobre cazinha em que morava, havia mais alfayas, que a unica taboa que servia de leyto para dormir, meza para comer e banco para se sentar; nem tinha mais roupa que os pobres remendos com que cobria o corpo, goardando com a mayor estreiteza e rigor o conselho evangelico de uma tunica.

<sup>143</sup> 84. Passando do vestir a comer, a sua abstinencia foy hum continuo martirio; não só porque jejuava todos os dias; mas muyto mais; porque o alimento que tomava era o mais grosseiro e limitado. Não tinha na sua cozinha genero algum de provimentos necessarios para o sustento quotidiano; nem se fazia nelle fogão. Não quiz morar em companhia do paroco, para não ser obrigado a comer na sua meza. E a ração que elle lhe continuava, tinha designado para o sustento do moço applicado para pedir esmolas para as almas; e rarissimas vezes tomava della humra parva quantidade de arros, o que seria em dias semelhantes a aquelles, em que os Antonios, Hilarioens e os Pacomios ajuntavão sal e poucas gottas de azeyte às suas quotidianas hervas. O sustento ordinario deste abstinentissimo padre são graons assados ou avel seco, que he humra comida grosseyra, que se faz de arros meyo assado e pizado a pilão, com que lança de si a casca; mas nunca fica tão mole, que se possa comer sem muyto suor do rosto. A mais regalada e unica igoaria de que gostava e fazia mais gasto, são hervas e hortaliças, de que há abundancia naquella aldea; mas da continuação dellas lhe rezultavão enfermidades e inchaço no corpo. Das frutas dizem que não lhe rezultavão enfermidades, que hé a mais v[u]lgar, e uzual entre os pobres; e talvez por ser medicinal e muy efficaz para expelir as fleugmas, que lhe encharcavão o peyto, originadas de muyto uzo das hortaliças. Aceytava os convites dos seus parochianos; mas nem por isso demenuia o rigor da sua abstinencia; porque das igoarias, que lhe punhão a meza, fazia seo prato miscelaneo, misturando o // [p. 198] doce, o azedo, o salgado e tudo que estava diante, com que sahia humra nova especie ingrattissima ao gosto; mas muy gostoza à sua mortificação.

<sup>142</sup> Número riscado.

<sup>143</sup> Número riscado.

<sup>144</sup> 85. Igoalmente rigorozas são as suas penitencias. Disciplina não só quotidiana; mas tãobem sanguinolenta the regar a terra com o sangue; as feridas que abria no corpo a força dos açoytes, nunca tratou de curar; antes os unguentos e pannos com que as cobria, são huns açoytes sobre outros, com que se corrompião as chagas e lançavão mao cheiro. A tão austera, mortificada e penitente vida acompanhava humra fervorosa e dilatada oração, em que gastava largo tempo e as vezes noytes inteiras. Vizitava as estações da *Via Crucis*,<sup>145</sup> contemplando com notavel compunção nos dolorozos mysterios da Paixão de nosso Redemptor. No sacrificio da missa, que celebrava sempre, largava velas a devoção, fomentando-a com pausa, vagar e com toda a applicação do espirito.

<sup>146</sup> 86. Foy tão humilde e manso de coração, como sofredor de graves injurias. Para se arraigar a virtude da humildade e paciencia no coração deste virtuozo padre, não lhe faltou Deos com o martelo de contradicções, com que costuma exercitar aos seus servos. Permitio que alguns maldizentes censurassem de suas acções com tanta imp[r]udencia, que por vezes o chamarão hypocrita e o injuriarão com varias calumnias. Tudo soffria com bella paz e quietação; porque fazia tão vil conceito de si, que se conhecia por peor do que outros o julgavão; e por isso nunca se lhe ouviu palavra, com que pertendesse sanear a sua opinião injustamente offendida; e menos redarguiu aos que o calumniavão, tudo indicios de solidas virtudes com que Deos enriqueceo a sua alma. Socedeo tãobem na mesma aldea e freguezia da Piedade que alguns moços, discipulos na gramatica latina e filhos espirituales do Padre Pedro Ferrão, desertarão as suas cazas e tomarão caminho do Canará, demandando algum porto dos estrangeiros europeos, em cujas embarcações se pudessem passar para Europa com intento de hir a Roma; porque naquelles mesmos tempos andavão nas missoens tres Bispos de Propaganda Fide, naturaes de Goa, dos quaes Dom Matheus de Castro, Bispo Chrisopolitano e Dom Thomas de Castro seu sobrinho, Bispo Fulsivelense, são bramanes, naturaes da mesma freguezia da Piedade. Nada sabia o Padre // [p. 199] Pedro Ferrão dos intentos e rezolução dos seus discipulos; mas os freguezes o julgavão por author e motor de tudo e dizião que as suas beatices tinhão dado em desbaratadas meninices. Houve na aldea grande alvoroço dos pays e parentes com queixas, que chegarão a ser publicas e muy injuriosas ao innocente padre. Mas elle recebia tudo com grande serenidade de animo. E querendo antes consolar aos tristes, do que desculpar a si, disse que supposto não tinha dado conselho àquelles moços, nem soubera dos seus intentos; senão depois da sua partida; porem tinha por certo que sem tardar muyto tempo, os filhos buscarião aos seus pays. E assim foy; porque por varios accidentes e embaraços que acharão nos caminhos, voltarão muyto depressa para suas cazas; com o que ficarão todos socegados e não

<sup>144</sup> Número riscado.

<sup>145</sup> «Via Sacra (da Cruz).

<sup>146</sup> Número riscado.

menos admirados da paciencia com que o Padre Pedro Ferrão, sendo innocente no cazo, soffreo muytas desattenções; sem nunca acodir por si; e da certeza com que pronosticou a tornada dos seus discipulos, cuja noticia não podia ter por meyo humanos.

<sup>147</sup>87. Com este theor da vida e com doze annos fervorozamente empregados em serviço de Deos e beneficio dos proximos no exercicio de cura da Igreja da Piedade se achava o Padre Pedro Ferrão; quando se sentio movido e chamado de Deos, para communicar a luz da sua doutrina e exemplo aos infieis de Ceylão, servindo-lhe de estimulo para tão ardua e difficultoza empreza as noticias ja vulgares em Goa do caminho aberto por Veneravel Jozeph Vaz. Pedia a execução de tão santos intentos da licença do prelado ordinario de Goa, de quem era subdito; e da jur[is]dição do Diocesano Cochinese, em cujo bispado havia de exercitar a missão. Per vezes fallou a ambos com toda a efficacia; porque o Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, Bispo de Cochim, se achava então em Goa; mas toda a diligencia lhe sahia frustrada; nem esperanças lhe davão de bom despacho. Offereceo-se por companheiro de nossos Padres Joze de Menezes e Jozeph Carvalho, que pertendião partir para Ceylão em anno de mil seiscentos noventa e sinco e por certos accidentes sahirão no seguinte, de noventa e seis; mas não foy aceito por companheiro da missão, pelo não ter sido na Congregação. Andan- // [p. 200]do pois neste requerimento cada dia com dezejões mais vivos; ainda que conhecesse que fazendo-se congregado, se lhe facilitaria tudo; mas como o seu espirito não sofria demoras; e Deos o queria levar por differente caminho, recorria ao mesmo Deos com as mais fervorozas oraçoens, para que lhe facilitasse os meyo de conseguir o fim a que era servido de o chamar. Assim orava hum dia diante da imagem de Christo crucificado. E conta-se que mereceo ouvir de sua divina boca que tornasse a fallar aos sobreditos prelados; porque seria despachado a medida do seu dezejo. Com tão <grande> seguro prodigiozamente confirmado na sua vocação, propoz novamente a sua supplica a ambos os prelados, os quaes o ouvirão e despacharão benignamente; e sem mais esperar, partio logo para o Reyno do Canará em anno mil seiscentos noventa e sinco, o qual todo dispendeo em beneficio da christandade daquelle Reyno; donde sahindo no seguinte sem companheiro, nem guia, passando por muytos descommodos, trabalhos e perigos, de que o livrou a Providencia Divina, em que unica hia estribado, chegou finalmente a Manttota, na Ilha de Ceylão, em Novembro de mil seiscentos noventa e seis.

<sup>148</sup>88. Tão perfeyto varão, tão crescido na virtude e tão aceyto a Deos era o Padre Pedro Ferrão, quando entrou em Ceylão, para onde o levou o Senhor, para o fazer instrumento de suas maravilhas, com que havia de extinguir o paganismo e a heregia e plantar a mais florente christandade. Era então Manttota caza forte dos demonios, assim pela multidão dos que

<sup>147</sup> Número riscado.

<sup>148</sup> Número riscado.

habitavão, que era adagio vulgar. Em Manttota são tantos os demonios, quantos os palmos da terra. Como pelo terror que cauzavão nos moradores, apparecendo-lhes em figuras horrendas, pedindo sacrificios e offertas, induzindo a enormissimos peccados e fazendo crueis hostilidades nos que promptamente lhes não obedecião. Havia em Manttota alguns christãos bautizados em tempo dos Portuguezes; mas tão prevaricados, que publicamente idolatravão, huns por temor do dano, que temião dos demonios; outros por interesse, que esperavão do seu favor; era dominio dos hereges e por isso não podia estar, senão escondido e dependente dos // [p. 201] maos christãos, aos quaes não podia dissimular os enormissimos delictos que cometião; porque sentia as offensas de Deos; nem experimentava fruto da correcção; antes vivia com continuos temores e sobresaltos, de que os mesmos levando a mal os seus saudaveis conselhos, que desprezavão, o entregassem aos hereges. Esta seara não só semeada de zizania, mas tãobem defendida e goardada do inimigo destinou Deos ao Padre Pedro Ferrão, porque só huma pedra forte e escolhida por Deos podia derribar e vencer a tantos e tão agigantados inimigos infernaes. Só huma pedra de tão preciosas virtudes era necessaria para o fundamento de novo edificio da fe, que intentava Deos levantar em Manttota. E agora fica claro o misterio, com que aquelle bom religioso, quando bautizou a este Pedro no oytavo dia do seu na[s]cimento, disse profeticamente «Forte pedra ha de ser esta».

<sup>149</sup>89. Bem temeo o demonio a ruina do seu reyno, logo que vio o Padre Pedro Ferrão em Manttota; porque sem esperar tempo começou a combate-lo com cruelissimas tentações, temores e desconfianças que lhe sugeria, atirando todas as frechas e ballas das suas tentações ao alvo da missão, fazendo-lhe parecer impossivel aquella empreza pelas difficuldades, perigos e perseguições frequentes a que vivia exposto, de mouros, pagãos e hereges; e muyto mais pela obstinação dos maos christãos, que podião ser mayores inimigos. Quanto melhor estava na freguezia da Piedade com muyta quietação, paz e aproveitamento do proprio espirito e fruto copiozo das almas alheas, do que inutilmente passar por tantas terras e mares incognitos! Terra em que os christãos idolatrão tão descaradamente e tem por crença certa que, sem sacrificar ao demonio, não podem ser bem socedidos nas suas conveniencias, que missão se pode fazer com fruto! Como se converterão os gentios, vendo aos christãos tão perversos e incorrigiveis! E aonde se não pode distinguir, se os pagãos são peores que os christãos, se os hereges são peores que os catholicos, que abrigo achará hum pobre missionario que, estribado no amparo que esperava achar nos catholicos, se veo meter entre pagãos e hereges! Menos mal fora contender com os demonios, que cobardemente fogem vendo a cruz ou ouvindo o santissimo nome de (*sic*) // [p. 202] de Jesu[s] Christo; mas a homens que antes querem servir ao demonio que a Christo, quem os ha-de corregir? A homens que trocarão a Christo por demonio, quem os ha-de convencer, quem os ha-de render!

<sup>149</sup> Número riscado.

<sup>150</sup>90. Sobre estas desconfianças, temores e sobresaltos continuos sugeria o demonio tentações tão fortes e importunas contra a fé, esperança e outras virtudes, que temia queda a constancia e a fortaleza de nosso missionario. Vivia em cruelissima aflicção, sem ter para o desafogo e alivio pessoa a quem communicar tamanha pena, a qual cada vez cre[s]cia na falta do pão quotidiano do sacramento, que podia ser grande consolação para a sua alma em tão grande dezanparado; porque os aparelhos da missa com que sahio de Goa, se vio obrigado a deixa-los no caminho para escapar do perigo em que esteve de ser conhecido e prezo pelos hereges. Nesta aflicção e continua guerra de tentações varias, que se levantavão humas sobre outras, começou a perseguição dos Holandezes que, tendo noticias da sua estada em Manttota, o buscavão com grandes diligencias. E porque se não dava por seguro no povoado, temendo que os maos christãos, escandalizados da correccão que lhes fazia, o entregassem aos hereges; entrou nos mattos de Vannym para viver entre feras. Nestes mattos (dizia o padre na carta, que escreveo estando naquella solidão) faço a minha habitação, passando vida eremitica entre animaes; não tenho lugar, nem morada certa; somente tenho continua peregrinação; mas livre das perturbações dos hereges e sem fazer nada thé o presente, por falta de algum aparelho da missa, que ainda me não veo à mão; e não bastando os grandes trabalhos que padeci no caminho em cometer viagem tão perigoza, vivo cercado de excessivas molestias; e peço a Deos, as aceyte em satisfação de meus peccados e em penitencia de minhas culpas; e rogo a Vossa Merce e aos mais Reverendos Senhores Padres da Santa Cruz, me encomendem a Deos, para que seja livre de varias perturbações e tentações de nosso adversario, de que sou muy combatido; e não tenho espirito para rezistir, nem paciencia para tolerar semelhante mal. Unico remedio hé o que peço a Vossa Merce; e assim confio que por meyo de suas orações me acharey livre de tudo, animado e constante no meu propozito; pois ha sinco mezes, que assisto nestas terras. // [p. 203]

<sup>151</sup>91. Nesta luta tão perigoza, como porfiada, que durou quazi oyto mezes, quanto o Padre Pedro Ferrão temia e desconfiava da sua fragilidade, tanto firmava a sua confiança em Deos, implorando os auxilios divinos com affecto e efficacia que naquelle conflicto necessitava; nem faltou Deos com copiozos soccorros, precisos para combater com inimigo tão ardiloso e triunfar de tentações tão fortes; porque não só lhe communicou luz e fortaleza para a resistencia; mas tãoobem permitio que o Veneravel Jozeph Vaz o vizitasse naquella solidão, que foy como hum anjo do ceo, mandado para o confortar. O alvoroço do gozo com que o Padre Pedro Ferrão recebeu ao Padre Jozeph Vaz, não cabe nas palavras; bastará dizer que com a sua vista, conselhos e documentos ficou consolado de todas as molestias passadas, firme e constante no seu propozito; animado para novos combates e disposto

<sup>150</sup> Número riscado.

<sup>151</sup> Número escrito sobre um outro.

para buscar os inimigos viziveis, depois de ter ja triunfado dos inviziveis. Deu-lhe o Padre Jozeph Vaz noticias da terra, instrucção e modo como havia de proceder com os fieis e infieis; e lhe designou por territorio da sua missão Jafana, Manar, Manttota e Vannym; e deixando-o provido do necessario para a administração dos Sacramentos, se recolheo a Candia, aonde lhe tinha Deos rezervado a mais heroica empreza, que havia de dar ecco por todo o mundo. Mas enquanto o Padre Jozeph Vaz vay sobindo pelos fragozos oyteiros de Candia, vejamos o que passava este anno em Goa, no Monte de Boavista.

#### *Capitulo Duodecimo*

*Morte do Padre <Andre> Paulo. Toma a Congregação por seu protector ao Excellentis[sim]o Conde de Villa Verde, Vice Rey do Estado da India Anno 1697*

<sup>152</sup>92. O Padre Andre Paulo, natural de Margão, sacerdote de honestissimo procedimento, entrou <em idade de> secenta e sete <annos> nesta Congregação em<sup>153</sup> o de mil seiscentos noventa e sinco. E se nos velhos, em quem reina mais a ambição, hé difficultozo o desapego do mundo, a maneyra da espada ferrugenta que facilmente se não tira da bainha, neste virtuozo padre prevaleceo tanto a graça à natureza, que bem // [p. 204] mostrou na sua resolução, que entrava na Congregação igoalmente cheo de annos, como do desengano do mundo. Porque a primeira diligencia que fez foy desappropriar-se de varias possessões, repartindo com os pobres e com alguns parentes, que por sua muyta pobreza bem merecião esta caridade e em varias obras pias, huma das quaes hé o almario, que the hoje se conserva na sacristia da nossa igreja da Santa Cruz dos Milagres, o qual lhe custou quinhentos xerafins. Encerrado na clauzura, como quem se recolhia para ajustar as contas que devia a Deos e as dezejava dar com lucros e avanços dignos de premio eterno, se applicou todo a negoceação do espirito, tirando forças da fraqueza para observar com o mayor fervor e perfeição os exercicios da communiidade, que então erão mais pezados pela obrigação que havia de officio divino em coro. E para assim proceder, não lhe era necessario fingir que aquelles exercicios serião talvez os ultimos; porque a sua velhice era trombeta,<sup>154</sup> que lhe soava ao ouvido, que o juizo divino estava perto e por isso a morte muyto vezinha. Resplandecia <nelle> muyta humildade, prompta obediencia, rigorozo silencio, devota modestia com que sendo noviço o mais moderno<sup>155</sup> [sic], servia de exemplo e edificação aos congregados mais provecos. De orar

<sup>152</sup> Número riscado.

<sup>153</sup> Riscado: «ano».

<sup>154</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>155</sup> Entenda-se: «moderno».

muyto tempo e sempre de Joelhos, lhe na[s]cerão callos duros, os quaes inflamados forão dous apostemas perigosos e cauza da sua morte. Sofreo com paciencia esta dolorosa enfermidade, com que Deos o quiz purificar nesta vida. Preparou-se para a ultima hora com os Sacramentos e descansou em paz do Senhor neste anno de mil seiscentos noventa e sete, em que contava de idade secenta e nove e de congregado hum e meyo. Na ultima disposição da sua vontade deixou a Congregação novecentos e quinze xerafins, consignando os seus redditos para sustento de hum noviço pobre; o qual, sendo seu perpetuo substituto, immortaliza o nomme do Padre Andre Paulo nesta Congregação. Foy sepultado na Igreja da Santa Cruz dos Milagres, commum jazigo dos congregados; e foy elle o segundo que desta Congregação da terra passou para a eterna dos justos e bem aventurados do ceo. // [p. 205]

<sup>156</sup>93. Com a morte do Padre Andre Paulo, que fomentava os novos designios da mudança da Congregação do Oratorio em Companhia de Jesus, se demenirão os fervores da rezolução que os congregados haviam tomado. E sem embargo da diligencia de escrever ao Reverendissimo Geral Tyrso Gonsalves, feyta em anno passado, não esperando por sua reposta, que sem dilação de tres annos não podia chegar, tratavão juntamente do estabelecimento da Congregação; e não sem prudencia; porque a inclinação natural propendia a não sahirem do Oratorio, em que na[s]cerão e forão com o leyte da sua doutrina educados; o dezejo de servir a Deos em estado perfeyto movia a buscar forma certa da vida; ainda que fosse em qualquer instituto. E como de Roma era contingente o despacho, e em Goa, ainda que o prelado ordinario tinha sempre cerradas as portas, havia alguma esperança de as abrir, quando concorresse impulso de hum braço forte, se não descuidarão de tentar a fortuna em Goa, emquanto chegasse a rezolução de Roma.

<sup>157</sup>94. Mas que braço havia de ser este tão valente e poderoso, que rendesse a inflexivel dureza que mostrava o Illustrissimo Arcebispo? Só o Excellentissimo Vice Rey, que então era Dom Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa Verde, ao depois Marquez de Anjeja.<sup>158</sup> Assistia no seu serviço com grande aceytação e privança Pedro de Atayde, bramane, official da Secretaria do Estado, o qual era muyto devoto à nossa Congregação e tomou por sua conta este negocio. Fallarão os nossos padres ao senhor Conde Vice-Rey, pedindo, quizesse honrar a Congregação, tomando-a debaixo do seu patrocínio com titulo de protector, porque só o amparo de Sua Excellencia a podia elevar ao mayor aumento. Não despachou logo Sua Excellencia a nossa supplica, parecendo-lhe que se metia em empenho em que não seria facil conseguir bom successo, por depender este do prelado ordinario, que se mostrava muyto alheo de approvar a Congregação, que era o nosso principal

<sup>156</sup> Número riscado.

<sup>157</sup> Número riscado.

<sup>158</sup> D. Pedro António de Noronha de Albuquerque, 2.º conde de Vila Verde e 1.º marquês de Anjeja, foi o 59.º governador e 34.º vice-rei da Índia, de 1692 a 1698.

intento. Cuidava também que os encargos do titulo de protector para o animo tão generoso como seu, não poderia satisfazer sem consideraveis dispendios, necessarios para por huma Congregação tão pobre no auge que debaixo da sua protecção devia ter. Mas estas // [p. 206] difficuld[ad]es alhanou a privança que com elle tinha Pedro de Atayde, representando que a Congregação não queria de Sua Excellencia mais que o respeito da sua intercessão, para o Arcebispo diffirir com justiça o seu requerimento que havia seis annos o não acabava de despachar, por estar mal informado que os congregados se haviam de eximir da sua jur[is]dição. Era o senhor Conde de Villa Verde de coração generosamente benevolo, muyto <amante> dos bramanes de Goa e como Pedro de Atayde se mostrava tão interessado que não perdia occasião de lhe fallar na materia; e muytos dos principaes fidalgos abonavão aos congregados, condescendo finalmente com a nossa supplica, obrigando-se por sua grandeza a proteger e favorecer a esta Congregação, que tomou à sombra do seu patrocínio; e declarando-se perpetuo protector della, começou logo a desempenhar-se pela maneira seguinte.

<sup>159</sup>95. Fallou com tanto empenho ao Illustrissimo Arcebispo, que não podendo este faltar ao respeito que devia à sua intercessão, quazi violentado, prometeo de passar a provizão no anno seguinte. Porque dizia que para huma fundação nova se requerião letras, virtudes e rendas ao menos de tres mil xerafins, com que se pudessem sustentar vinte pessoas; que ainda não tinha provado de que qualidade erão os sogeitos que estavam congregados; que os estatutos de<sup>160</sup> Lixboa se não podião praticar no terreno de Goa sem muyta mudança, que para se fazer com madureza era necessario tempo mais largo; que entretanto os congregados procurassem aumentar o patrimonio, continuar os agazalhos do convento que tinham começado e conduzir os sogeitos mais doutos, que não faltavão na terra. Como os nossos padres tinham criado callos na paciencia de esperar tantos annos, lhes não era insofrível mais hum. Porem o Excellentissimo Protector dezejava ver a Congregação estabelecida antes de acabar o seu governo, em que contava ja quatro annos e não podia tardar muyto o sucessor; e tinha determinado mandar a Portugal dous congregados com a provizão do ordinario e com cartas delle e suas a Sua Magestade e ao Summo Pontifice, para procurarem o applauzo // [p. 207] real e confirmação da Sé Apostolica, os quaes queria que partissem na monção de Janeyro do anno seguinte; porque hindo os proprios pertendentes em pessoa, serião melhor ouvidos e mais depressa despachados.

<sup>161</sup>96. Estando o Excellentissimo Protector com este designio, socedeu que hindo hum dia os Padres João de Moura e Pedro Paulo, congregados, vizitar a Sua Excellencia, que ficava em Pangym, chegou na mesma sezão o Illustrissimo Arcebispo; e a primeyra palavra que fallou, foy extranhar

<sup>159</sup> Número riscado.

<sup>160</sup> Riscado: «Goa».

<sup>161</sup> Número riscado.

severamente a estes padres; porque tanto importunavão ao Senhor Conde Vice-Rey, que o não deixavão socegado; tendo-lhes dito ja huma vez que no anno seguinte os despacharia. O Padre João de Moura, que bem dezejava semelhante occazião para o seu desafogo, se aproveitou desta; e sem faltar ao respeyto dos princepes, em cuja prezença fallava, arrezouo com todo o desembaraço, começando desd[e] o principio the o estado presente da Congregação e mostrando que, por lhe faltar o favor do prelado ordinario, não tinha chegado ao auge que podia ter. Objectava o senhor Arcebispo varios inconvenientes, pelos quaes não podia dar a sua approvação. O Padre João de Moura respondia a tudo com cabal solução; the que o Illustrissimo Arcebispo começou a mudar de semblante e mostrar sinaes de desgosto. O que vendo o Excellentissimo Protector temperava ao senhor arcebispo e ajudava ao Padre João de Moura, para proseguir avante com a sua oração. Desta sorte representarão todos tres hum dialogo que durou mais de duas horas, cujo efeyto foy felicissimo; porque ficou o prelado rendido de todo e revestido de brandura com rosto sereno e alegre, começou a fallar aos padres com a mayor benevolencia, estimando o zelo com que procuravão o augmento da sua Congregação, declarando-se por empenhado em a favorecer, louvando a piedade do Excellentissimo Protector e ratificando a palavra que lhe tinha dado de approvar os estatutos e passar a provizão da erecção no anno seguinte; porque este hia correndo para o fim; e não havia tempo para se fazerem as mudanças que intentava nos estatutos e para se porem correntes os papeis necessarios para se impetrar a confirmação da Sé Apostolica. Ficarão todos // [p. 208] neste acordo; e o Excellentissimo Protector que estava certo de ter successor no vice-reynado no anno seguinte, folgou muyto, por lhe parecer mais acertado levar em sua companhia os padres que quizessem hir a Portugal. Muyto affecto deve a Congregação a Pedro de Atayde, que applicou toda a diligencia para attrahir o animo do Conde Vice-Rey a favor da Congregação. Mas ja nos chamão as proezas de nossos missionarios de Ceylão.

*Capitulo Tredecimo*

*Admiravel exercicio da charidade dos nossos missionarios de Ceylão em huma peste geral de bexigas, em a qual o Veneravel Jozeph Vaz traz ao gremio da igreja mais de mil gentios da Corte de Candia*

Anno 1697

<sup>162</sup>97. Em Setembro deste anno começou em Ceylão huma contágio de bexigas, que sendo em toda a India a mais formidavel peste, em Ceylão hé ainda mais temida entre os pagaons, os quaes a attribuem ao maleficio do demonio; porque dizem que os espiritos malignos entrão nos corpos e cauzão esta contagioza doença e dos feridos della fogem, como se fogissem

<sup>162</sup> Número riscado.

dos mesmos demonios. Desta errada crença, que o pay da mentira lhes meteo na cabeça, rezultão dous cruelissimos males. O primeiro he o desamparo dos apestados, fогindo o pay dos filhos e a mulher do marido, deixando-os perecer sem remedio e sem alimento; donde nasce que os doentes mais morrem de fome, que do achaque e são tantos os mortos, quantos os apestados; nem enterrão os cadaveres; mas lanção-nos em lugares descampados. O segundo hé que as pessoas poderosas, para estar o seu bairro livre do contagio, tirão com violencia de suas cazas aos enfermos pobres e os deitão nos mattos; e ainda os pays praticão esta cruelissima deshumanidade com os seus proprios filhos, deixando-os à discrição das feras, onde vivos são sepultados nas entranhas dos ussos, tigres e de outros ferozes animaes.

<sup>163</sup>98. O Padre Pedro Ferrão, que neste tempo estava // [p. 209] em Vannym, escondido nos mattos, teve noticia de huma gentia lançada nelles, para ser brevemente pasto das feras. Sobre o rigor de tão grave enfermidade, faltava-lhe o sustento e roupa; neste tão lastimozo <desemparo> lhe acodio o caritativo padre, accomodou-a o melhor que podia em sitio tão inclemente, deo-lhe de comer e de cobrir o corpo chagado. E passando de corpo à alma, a cathequizou nos misterios da fe, que ella ouviu e recebeo com muyto boa vontade; e como estivesse bem disposta e instruida quanto bastava saber naquelle trance, a bautizou com tão feliz e admiravel successo, que no mesmo tempo que a alma ficou limpa das manchas do peccado com o sagrado lavatorio, ficou tãoobem o corpo são das chagas de beixigas com perfeita saude; milagre nada menos prodigioso, do que fez São Silvestre Papa, quando com as agoas do bautismo sarou da lepra ao Emperador Constantino Magno.

<sup>164</sup>99. Não menos admiravel se mostrou Deos em Potulão, aonde rezidia o Padre Jozeph de Menezes. Começou neste porto lavrar a contágio de bexigas nos bairros dos mouros e gentios; estes como mais supersticiozos, intentarão aplacar com custozos sacrificios a ira do demonio, a quem fazem autor deste mal; convidarão aos mouros, que não duvidarão fazer as suas ofertas, que como faltos da fe e conhecimento de Deos verdadeiro, não discordão daquelle impio adagio «Haga se el milagro; mas que lo haga el diablo». E não só os mouros; mas tãoobem alguns christãos concorrerão com dinheiro para tão diabolica maldade. Logo que o Padre Jozeph de Menezes soube deste concurso, foy em demanda delles e não só lhes extranhou com a mayor severidade; mas tãoobem castigou tão atroz culpa, com publica demo[n]stração. Juntou a todos os delinquentes e com sua propria mão deo em cada hum tres golpes da disciplina, a qual receberão com tanta summissão, como da mão do seu pay. Exhortou-os com huma fervorosa pratica, que em todas as suas necessidades devião reccorrer a Deos e aos seus santos, que só podem valer e socorrer; e não ao demonio,<sup>165</sup> que nada pode sem divina

<sup>163</sup> Número riscado.

<sup>164</sup> Número riscado.

<sup>165</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

permissão; e ainda que muyto pudesse, nunca faria couza de que rezultasse utilidade; pois hé inimigo, // [p. 210] não só da alma; mas tãobem do corpo. Finalmente ordenou huma procissão de penitencia em tres principaes povoaçoens, aonde se temia mais o contagio, por serem vezinhas às dos mouros e gentios, em que lavrava a peste. Mandou girar a procissão ao redor das tres povoações, implorando a divina mizericor<dia> por intercessão dos seus santos. Clamava e pregava aos penitentes que tivessem grande fé em Deos, que os livraria do mal de beixigas, de sorte que por onde passasse a procissão, não entrasse a peste.

<sup>166</sup>100. Foy tão agradável a Deos Nosso Senhor o fervorozo zelo do Padre Jozeph de Menezes, que mostrou aceitar aquella pequena penitencia em satisfação da grande culpa dos christãos< e por oraçoens deste seu servo defendeo e perservou aquellas tres povoaçoens do contagio, sendo no mesmo tempo tão universal nas circumvezinhas dos mouros e gentios, que as deixou despovoadas com innumeravel mortandade; de que ficarão os infieis admirados, confessando muyto, apesar do demonio, a Deos dos christãos por poderozo e verdadeira a sua ley. Este prodigio rendeo ao Padre Jozeph de Menezes a gloria da conversão de huma alma, que pela circunstancia de ser de mouro, gente muy pertinias na sua nefanda seyta, teve da sua redução especial gozo; porque, vendo elle tão estupendo cazo, se deixou persuadir da verdade e detestando publicamente os erros e delirios de Mafoma, confessava a Christo por Deos verdadeiro; foy cathequizado e bem instruido na doutrina christam e bautizado na ermida de Potulão depois de provada a sua constancia com varios exames.

<sup>167</sup>101. Não passava o Padre Jozeph de Menezes na sua designação dia ociozo; todo o tempo era pouco para muyto que trabalhava; porque supposto aquellas tres povoações perservou Deos do contagio de bexigas; mas noutras, que erão mais de vinte, em que vivião dispersos os christãos, se achavão muytos feridos da peste; nem erão poucos os estrangeiros da Costa da Pescaria que concorrião a Potulão por cauza do comercio e a todos buscava e remedeava a sua charidade; e porque se não podia multiplicar em tantas partes, erigio vinte ermidas em outras tantas aldeas, concorrendo para a fabrica dellas, não só com a direcção e industria; mas tãobem com alguma ajuda do custo; e dos christãos mais capazes escolheo por ermideyros, impondo-lhes a penção de convocar nos // [p. 211] domingos e dias santos aos vezinhos para a doutrina e cathecismo, depois de que cantassem o terço do Rozario, Ladainha e Salve da Mãe de Deos, para desta sorte lhes não faltar o pasto da alma. Aos apestados vizitava e consolava. Exhortava aos seos parentes, para os não desempararem a maneyra dos gentios; soccorria com esmolos aos que

<sup>166</sup> Número riscado.

<sup>167</sup> Número riscado.

podião perecer por falta della; administrava-lhes os sacramentos conforme o perigo que nelles via; desta sorte forão poucos os christãos de Potulão que morrerão nesta peste.

<sup>168</sup>102. Não assim na Cidade de Candia, aonde entrou o contagio e foy continuando com tal voracidade, que o Rey deixou a Corte; muytos dos principaes se retirarão para os seus estados; mayor parte das cazas tinham enfermos; muytos delles se lançavão nos mattos, havia ruas por onde se não podia passar pelo fedor dos corpos mortos. Os caens e<sup>169</sup> adives<sup>170</sup> publicamente se cevavão nos cadaveres humanos. Não podendo ver tão horrendo espectáculo o Veneravel Padre Jozeph Vaz e persuadindo-se que Deos o levara <a> àquella <terra> para remedear tão universal necessidade, empredeo a mais heroica façanha que se não vio nas idades passadas. Fez-se enfermeiro geral de toda a cidade, tomando a sua conta acodir; não só aos christaons, entre os quaes havia mais humanidade; mas tãobem aos gentios, que morrião à pura mingoa. E porque este negocio demandava despeza grande, abrio-lhe Deos quatro celleiros em que achou provizão para tudo. Erão estes as esmolos que com larga mão mandavão os bons christãos de Columbo; a porção que el Rey de Candia lhe continua; o estipendio das missas do Padre Jozeph Carvalho e tãobem das suas, que ja neste tempo aceitava, obrigado de tão urgente necessidade; e alguns legados que os christãos de Candia deixavão para semelhantes obras pias.

<sup>171</sup>103. No principio da peste acodia o Padre Jozeph Vaz aos enfermos lançados nos mattos, aonde armava por melhor modo que o lugar e o tempo premittião, humas choupanas de ramos das arvores, em que estivessem abrigados e defendidos das feras. Vizitava-os duas vezes no dia e levava em proprios hombros panellas de arroz cozido, agua e alguns medicamentos uzuas na terra e roupa aos que estavam nus. A todos distribuia o comer, consertava-lhes as camas, expremia a materia das empolas, ma // [p. 212]tava os bichos que criavão; alimpava as chagas e as lavava com agua, que he o remedio que naquellas terras se applica. Na mesma forma corria pelas ruas da cidade de manhaã e de tarde, sempre carretando nos hombros panellas de arroz e outros comestiveis, necessarios para os enfermos; e sem distincção de christão a gentio, com igual caridade vizitava a todos e a todos soccorria, segundo a indigencia de cada hum; de sorte que athe os vasos immundos despejava e lavava por suas mãos. Em todos estes admiraveis extremos da caridade foy o Padre Jozeph Carvalho fiel e fervorozo imitador de seu tio; e a exemplo destes dous varoens apostolicos se moverão alguns bons christãos a ter parte do merecimento em tão santas obras.

<sup>168</sup> Número riscado.

<sup>169</sup> Riscado: «d».

<sup>170</sup> Ou *Adibes*: mamíferos carnívoros (*Canis vulpes*).

<sup>171</sup> Número riscado.

<sup>172</sup>104. Ambos estes sacerdotes unidos em vinculo da caridade, se apostarão a fazer-se tudo para todos. Aos christãos administravão-lhes os Sacramentos, assistião-lhes quanto podião, athe o ultimo arranco; aos gentios depois da refeição corporal catequizavão na fé. E entrava esta facilmente pelos ouvidos, vendo os olhos os resplandores da virtude de seus ministros, porque aquellas mãos caritativas alimpando a corrupção das chagas fetidas, pregavão e persuadião melhor que a mais facunda eloquencia. Donde rezultava que muytos pagãos offerecião aos nossos padres os seus filhos e parentes, feridos da peste, para serem bautizados; e os mesmos enfermos o procuravão, por acharem de hum caminho remedio para o corpo e tãobem para a alma.

<sup>173</sup>105. Cre[s]ceo com o tempo a força do contagio, que lavrava a maneyra de fogo em palha seca, queimando e assolando tudo que topava. Erão tantos os doentes, que humanamente fallando, não podião os dous enfermeiros acodir a todos; mas a caridade, que hé muyto industrioza, arbitrou meynos para tudo. Como muytos tinhão desertado da cidade por fogir da peste, ficarão na vizinhança da igreja algumas cazas vazias. Destas escolherão quatro moradas para quatro hospitaes e nelles recolhião aos mais dezemparedados; huns, que os bons hospitaleiros conduzião; outros, que por si mesmos vinhão buscar aquelle universal refugio; e assim aos recolhidos nos hospitaes, como aos que ficavão em suas cazas, assistião, vizitavão e consolvavão, cor // [p. 213]rendo e discorrendo por toda a Cidade de Candia com passos tão agigantados, que giravão a maneira do sol em roda viva, não lhes escapando enfermo, a quem não communicassem o calor de suas vizitas. <sup>174</sup>Ainda direy melhor, que ganhando a mão ao mesmo sol, antes de romper a manhaã sahião da igreja os dous Jozés, soes apostolicos, sempre levando nos hombros o comestivel e gastavão todo o dia em vizitar os hospitaes, correr pelas cazas dos doentes, administrar os Sacramentos aos que estivessem proximos à morte, catequizar aos gentios e enterrar os mortos; que dos christãos, houve dia em que erão dez e doze, aos quaes acompanhavão athe a sepultura; e com os neofitos fallecidos fazião mayor demo[n]stração para edificação dos pagãos. Houve occaziões em que faltando carretadores, os mesmos padres carregavão em seus hombros os cadaveres e os sepultavão nas covas abertas com suas proprias mãos. Athe aos gentios enterravão, quando podião sem detrimento dos christãos; fazendo os officios de enfermeiros, confessores, catequistas, tumbeiros, coveiros e todos os mais, que a industrioza caridade facilitava e aquella necessidade geral pedia. Athé cozinhavão o comer para si e para os enfermos; porque o moço João neste tempo tinha partido para Goa com cartas da missão e não havia em caza outra pessoa.

<sup>172</sup> Número riscado.

<sup>173</sup> Número riscado.

<sup>174</sup> No original aparece na margem dos folios seguintes: Anno 1698.

<sup>175</sup>106. Durou o contagio da peste quasi hum anno e em todo elle não descançarão os Padres Jozeph Vaz e Joze Carvalho; porque empregavão os dias na vida activa e as noytes gastavão na contemplativa. E sendo este tão diuturno trabalho bastante para enervar as forças do mais robusto corpo; mas estes dous fervorosos servos de Deos não desfallecerão, com tão laborioza fadiga;<sup>176</sup> antes se lhes augmentavão cada vez mais os vigores do espirito, cre[s]cendo o habito da caridade com a continuação de tão heroicis actos e proseguindo com generozos alentos a glorioza empreza que começarão. O fruto que colhião, de tão bem empregado trabalho, foy copiozo; pois erão muytas as conversoens que fazião por meyo de tão extremoza caridade; assim nos christãos, que morrião contritos, dando sinaes da sua salvação; como nos gentios, que recebião o bautismo, de cujo numero, que passou de mil, dos quaes morrerão a mayor parte com a graça bautismal, foy hum chingalá da primeira nobreza do reyno, o qual vendo-se ferido do contagio e proximo a morte, pediu o santo bautismo e com elle passou // [p. 214] da vida mortal ao logro da eterna.

<sup>177</sup>107. E sendo a caridade do Padre Jozeph Vaz tão geral para todos, a quiz elle especializar com dous, hum apostata, outro gentio, ambos seus declarados inimigos. O apostata era chingalá bautizado em Columbo antes da entrada dos Holandezes, provecto em idade, privado do Rey, cre[s]cido no posto de adigar, que só ao Rey reconhece por superior; mas muyto mais cre[s]cido na malicia e odio que mostrava a fé, que deixara e ao padre, que a pregava. Chegou a dizer ao Rey que a caridade dos nossos missionarios com os feridos da peste era mera ambição; porque os sacerdotes dos christãos fazião ganancia nas mortes, a maneira dos medicos, que tem toda a sua conveniencia nas enfermidades, de que fora testemunha occular em Columbo no tempo dos Portuguezes; pelo que se não devia facilmente acreditar por virtude o que podia ser vicio. O gentio vivia cazado com huma mulher christam, cujo pay e parentes tambem se chamavão christãos; mas vivião pe<sup>178</sup>ores que os gentios. A hum irmão desta mulher, reprehendeo o Veneravel Padre asperamente, por estar entre os gentios jogando hum jogo supersticiozo, ordenado pelo Rey em obsequio do demonio das beixigas, para aplacar a sua ira e cessar a peste; e mandou por hum christão que o tirasse do jogo e lhe quebrasse o instromento com que jogava. Soube do cazo o cunhado e tomando-o em ponto de honra, chegou ao Palacio a formar huma grande querella contra o padre.

<sup>179</sup>108. Assim ao gentio, como ao apostata não deu ouvidos o Rey; antes mostrou enfado de que se atrevessem a fallar contra hum homem

<sup>175</sup> Número riscado.

<sup>176</sup> Entenda-se «fadiga».

<sup>177</sup> Número riscado.

<sup>178</sup> Riscado: «y».

<sup>179</sup> Número riscado.

tão conhecidamente benemerito e que tinha feyto aos seus vassallos muytos bens. Sobre esta confusão de serem repellidos os seus requerimentos, desceo a ira de Deos e ferio a ambos com o mal das bexigas. Ao apostata buscou varias vezes o Padre Jozeph Vaz e procurou todos os meyoys de lhe fallar; mas a sua obstinação era final e Deos o tinha reprovado; por isso nunca achou entrada em sua caza; e os parentes e criados entendendo o fim porque o buscava, sempre lhe cerravão as portas; morreo finalmente como viveo. Melhor successo em tudo teve o gentio; porque o seu sogro teve delle algum cuydado, emquanto vivia a filha, que junta cahira enfer // [p. 215]ma da mesma doença; tanto porem, que ella falleceo o lançou fora da caza. E não tendo o miseravel outro abrigo, se veyo meter em huma que estava vazia, sem haver quem lhe acodisse com huma gotta de agua. Soube do seu desamparo o Padre Jozeph Vaz e buscou-o logo, como se fora o seu mayor amigo. Assistio-lhe com mais cuydado que a outros, até cobrar perfeita saude. E elle abrindo os olhos ao desengano, pediu ao seu bemfeitor perdão da offensa que lhe tinha feyto e recebeu o santo bautismo, com que alcançou de Deos remissão de todos os seus peccados e viveo ao depois como bom christão.

<sup>180</sup>109. Estas singulares aççoens do Veneravel Jozeph Vaz logravão tanta estimação no conceito d[e] el Rey de Candia, que muytas vezes fallava nellas. Dezejava ter no seu reyno quatro sacerdotes semelhantes a elle. Dizia que se na consternação daquella peste não estivesse na sua Corte este padre, ficaria toda dezerta. Que aos dous padres dos christãos devia as vidas de muitos vassallos, que escaparão das beixigas; e certamente morrerião, se lhes faltasse a caridade que nelles acharão. Quiz mandar ao Veneravel Padre huma grossa quantia de dinheiro; e dizendo-lhe os palacianos que talvez a não aceitaría; porque não tocava no dinheiro; ficou admirado de tanto desinteresse. Pelo contrario o inferno, que naquella peste padeceo mayor dano, por tirarem os nossos missionarios da sua boca tantas almas, pertendia pela de seus sequazes escurecer a boa opinião que tinhão com o Rey. Alem do apostata, que <sup>181</sup><atrás> referimos, não faltarão outros, que muytas vezes dissessem no Palacio em prezença do mesmo Rey, que aquella peste parecia castigo, vindo sobre os christãos; porque delles morrião mais que dos gentios; porque nas ruas vião-se sempre levar cadaveres dos christãos, para se enterrem e dos gentios erão raros. Era o cazo que entre os gentios lançavão os seus enfermos nos mattos, aonde os comião as feras; e os que morrião em suas cazas, nas mesmas se corrompião ou erão pasto dos caens. E só a gente poderosa enterrava os seus deffuntos com a solemnidade costumada entre elles; por isso sendo innumeraveis os que morrião, erão poucos os enterros que se vião. Mas os christãos enterravão os seus com assistencia do padre e acompanhamento dos parentes e amigos; e por isso erão vistos e notados. O Rey, que percebia tudo muyto bem e sempre // [p. 216] estava prompto para

<sup>180</sup> Número riscado.

<sup>181</sup> Riscado: «muitas vezes».

defender aos padres, confundio aos murmuradores, perguntando-lhes se os christãos fallecidos naquella peste, todos forão bautizados antes ou depois della? Responderão que muitos gentios feridos da peste e desamparados, por interesse de acharem nos padres a caridade que uzavão com os seus christãos, recebião o bautismo. Logo (concluio o Rey) deveis dizer que muytos dos gentios morrem feitos christãos; e não morrem muytos dos christãos.

*Capitulo Decimo Quarto*

*Conversoens feytas pelo Padre Pedro Ferrão com prodigios, com que Deos confirmava a sua pregação*

Anno 1698

<sup>182</sup>110. Vencidos os inimigos inviziveis e as suas importunas tentaçõens, <com> que combatião e affligião ao Padre Pedro Ferrão, sahio elle dos mattos de Vanny, armado do zelo da salvação das almas; e desprezando os perigos e temores que antes o acobardavão, se rezolveo a começar a sua missão pelos christãos que idolatravão e erão moradores de Manttota; assim porque <primeiro> devia buscar as ovelhas desgarradas; como porque esta era a empreza mais ardua e vencida a mayor dificuldade, tudo o mais seria facil ou menos custozo. Fazião elles numero de quazi mil pessoas, todos cassadores de elefantes, divididos em quatorze companhias, cada huma com seu capitão ou como elles chamavão mutecar. Como não era facil achar a todos juntos, buscou a dous mutecares e em huma fervorozissima pratica lhes lembrou os bons principios de que estavão degenerados; pois sendo christãos bautizados e filhos de pays catholicos, vivião idolatras, feytos escravos do demonio, a quem sacrificavão, deixando de servir a verdadeiro Deos, seu creador, redemptor e senhor. Afeou crime tão enorme. Chorou como sendo creados para gloria do ceo, se querião condenar ao inferno.

<sup>183</sup>111. Ouvião os mutecares com muita attenção as razoens do Padre Pedro Ferrão; porem, como lhes parecião contrarias à sua conveniencia, se não rezolvião a abraçar a verdade que conhe // [p. 217]cião. Nos (dizião elles) não temos outro modo de vida que a cassa dos elefantes; e consta-nos, por diuturna experiencia, que os elefantes cassados se não conservão vivos sem o favor do demonio; e o maldito hé tão interesseiro, que não ajuda aos que o não servem. Com que ou havemos de deixar a cassa dos elefantes ou não havemos de viver conforme a ley de Christo. Se a observancia da ley de Deos nos eximisse da indispensavel pensão de alimentar o corpo, não haveria melhores christãos que nós; mas sendo obrigados por ley natural a buscar o sustento preciso para a conservação da vida, que ley pode obrigar-nos que morramos a fome? Não sacrificamos ao demonio por bondade que elle

<sup>182</sup> Número riscado.

<sup>183</sup> Número riscado.

tenha; se não por nossa necessidade. Bem conhecemos, quão mau hé elle e quanto peyor e tirano inimigo; mas por isso mesmo o tememos; e fazemos-lhe a vontade por remir huma injusta aveixação; à maneira de quem beija a mão que não pode cortar. Assim se desculpavão aquelles, que não conhecião mais Deos que o seu ventre.

<sup>184</sup>112. Mas o Padre Pedro Ferrão respondeo a tudo cabalmente e com grande confiança em Deos lhes prometeu que se se convertessem de todo o coração, lhes daria meyo com que apezar de todo o poder do inferno fossem bem socedidos na caça dos elefantes. Com este seguro se renderão a Christo os dous mutecares com suas familias e sequazes; abjurarão os seus erros, reconciliarão-se com a igreja e com verdadeiro arrependimento receberão os sacramentos da confissão e communhão. Chegou o tempo de hirem a caça; e o padre lhes deu duas imagens, huma da Santissima Virgem Mãe de Deos, a outra do seu bento filho crucificado; e lhes recommendou que chegados aos mattos, primeiro que tudo orassem a Deos e a sua Santissima Mãe diante das suas sagradas imagens e experimentarião certamente o bom successo, que lhes tinha prometido. Quando sahirão a caça os dous mutecares convertidos, forão tãobem outros, que vivião idolatras, muy confiados nos custozos sacrificios que tinham feito ao demonio e nas grandes promessas de fazer outros pelo bom successo, que esperavão do seu favor. Armarão os<sup>185</sup> (*sic*) fossas huns e outros. Cahirão quatro elefantes nas covas dos caçadores convertidos; // [p. 218] e todos são e vivos sem lezão alguma; nas covas, porem, dos idolatras cahirão dous e ambos acharão mortos. Inexplicavel foy a alegria dos convertidos e grande a confusão dos obstinados; e vendo estes por huma por mal empregada a despeza que fizeram nos sacrificios do demonio e o tempo e trabalho perdido na caça; e por outra parte o bom successo que tiverão os que forão confiados em verdadeiro Deos; abrirão os olhos à luz divina e seguirão o exemplo dos dous mutecares convertidos, os quaes hindo fazer outra caça, prenderão hum elefante de notavel grandeza e preço; porque tinha dentes de muito valor. A vista do que os primeiros, o[s] segundos convertidos ficarão bem radicados na fé, confessando que só Deos e não o demonio, lhes podia fazer tão grande beneficio. E o Senhor para os fazer mais firmes na crença catholica e desterrar dos seus corações a inclinação tão inveterada às superstiçãoens gentlicas, não cessava de multiplicar os milagres; porque continuando a caça e hindo os christãos convertidos e os que ainda vivião na idolatria e tãobem os gentios; só nas fossas dos christãos convertidos se achavão elefantes vivos sem lezão alguma; mas quantos cahião nas dos gentios e christãos idolatras, morrião logo. Depois tomou a mão o zelo do Padre Pedro Ferrão, para desenganar com evidencia aos que ainda vivião obstinados na sua cegueira e reduzio a todos ao caminho da verdadeira penitencia.

<sup>184</sup> Número riscado.

<sup>185</sup> Entenda-se: «as».

<sup>186</sup>113. Estes successos di[v]ulgados pela terra conciliarão ao Padre Pedro Ferrão grande respeito, principalmente com o regulo de Vannym. Chamava-se elle Dom Gaspar Xingão, bautizado em tempo dos Portuguezes com toda a sua familia; mas de christão tinha só o nomme, sendo em tudo o mais gentio sem fé, nem ley. Era izento da jur[is]dição do Rey de Candia e só contribuia aos Holandezes tributo annual de dous ou tres elefantes. Este homem tão mau para com Deos, foy muito bom ao Padre Pedro Ferrão; porque o respeitava com muita veneração pela noticia da sua inculpavel vida e dos prodigios, que Deos obrava por suas orações. Deo ao nosso missionario liberdade, para estar nas suas terras no lugar que lhe parecesse mais accommodado, fabricar a igreja, pregar o Evangelho e bautizar aos seus vassallos, que quizessem ser christãos. Ajudava-lhe com todo o necessario // [p. 219] para missionar nas terras dos Holandezes; mandou, com gravissimas penas, que nenhum vassallo seu desse noticias do padre aos hereges. Mas embaraçado nos laços da carne, para se não privar da multidão das mulheres, com quem vivia, nunca ouviu os saudaveis conselhos com que o Padre Pedro Ferrão procurava reduzi-lo ao caminho da verdade. Com o favor deste regulo, tendo nas suas terras toda a segurança, poude o Padre Pedro Ferrão correr expeditamente por todas as suas designações, não obstante as suas grandes distancias e muytos perigos nos dominios hereticos, assistindo Deos com repetidos prodigios, que hirey referindo neste capitulo os que socederão no principio da sua missão, que foy este anno.

<sup>187</sup>114. Tendo os Holandezes noticia da conversão dos quatorze mutecares, que erão seus vassallos, moradores de Manttota, applicarão as possiveis diligencias, para<sup>188</sup> prenderem <ao padre>. Souberão-lhe o nomme, as cores e feiçãoens do seu rosto, a estatura do seu corpo e o disfarce do vestido com que andava, de sorte que o tinham retratado vivamente na idea de todas as vigias dos passos e caminhos, por onde necessariamente havia de entrar nas suas terras, para que conhecendo-o por aquelles sinaes, o prendessem. Mas Deos o levava e trazia pelos mesmos lugares, passando pelas goardas e vigias sem nunca ser conhecido. Recolhendo-se de Manttota para Vanny, quando menos cuidava, topou subitamente com hum trossos de soldados hereges em lugar aonde não podia furtar a volta, nem uzar de disfarce algum, para não ser conhecido por sacerdote. Vendo, pois, que não podia escapar da prisão conforme os rigorozos decretos do governo Holandez, nem dos soldados esperava menor attenção; antes terião elles por boa sorte achar semelhante preza, que lhes havia de render premio de consideração prometido nos mesmos decretos aos que o prendessem; neste trance, em que só do ceo podia vir o soccorro, com grande confiança em Deos se encommendou affectuozamente a Nossa Senhora do Bom Successo e implorou o auxilio

<sup>186</sup> Número riscado.

<sup>187</sup> Número riscado.

<sup>188</sup> Riscado: «o».

das almas santas; e foy proseguindo o seu caminho. Foy couza maravilhoza que os Holandezes vendo-o cara a cara, não só não lançarão nelle a mão, mas o cumprimentarão, afastando-se do caminho que era estreito, dando-lhe passagem e dizendo que se fosse com Deos. E só perguntarão aos // [p. 220] moços da sua comitiva que fato levavão; e elles responderão que erão passageiros que não tinham fazenda de negocio.

115. Na missão que fez este anno expelio dous demonios do corpo de duas mulheres christans; huma era perseguida de tempos em tempos, em que entrava o demonio e fazia tanta violencia, que a miseravel perdia o acordo, suava suor frio, tremia com todo o corpo e parecia padecer agonias e ancias da morte, tal estava quando a apprezentarão ao Padre Pedro Ferrão; mas elle rezando o Evangelho de São Marcos e lançando a agua benta, afogentou ao espirito maligno, que não entrou mais nella. A segunda foy na Ilha Manar em hum lugar chamado Aldea de São Pedro, aonde estando o padre celebrando o sacrificio da missa, entrou o mao hospede no corpo de huma moça, a qual logo cahio como morta com suores e tremores, que era lastima de ver; acabada a missa mandou trazer ao pé do altar a endemoninhada e com o Evangelho de São Marcos e agua benta a deixou livre da oppressão diabolica.

116. Socedeo este anno adoecer gravemente o Padre Jozeph de Menezes, em Potulão; e porque os padres de Candia occupados com os doentes de bexigas lhe não podião acodir; tomou por sua conta o Padre Pedro Ferrão assistir ao Padre Menezes e aos christãos da sua designação. Veo a Potulão e esteve com o enfermo, emquanto elle mostrasse alivio do perigo, que parecia ultimo. Logo que se foy minorando o rigor da sua enfermidade, partio para Nigumbo a missionar a aquelles christãos, que por impedimento do Padre Jozeph de Menezes ficavão este anno sem o pasto dos Sacramentos. Caminhando, pois, para Nigumbo, depois de ter andando algumas legoas, sem embargo de ser Verão, foy-se fechando o tempo com grandio cerração de grossas nuvens, que ameaçavão muyta agoa. Achava o padre em hum descampado sem menor abrigo, com que reparasse a agua que as nuvens ja começavão a destillar. Afligia-se muito, não pelo descommodo do seu corpo; senão pelo breviario e aparelhos da missa, que sendo molhados e danificados, se baldava a missão, que hia fazer; e estava em terras, aonde não era facil resarcir semelhantes perdas. Posto nestes // [p. 221] termos em que era impossivel o auxilio humano, recorre ao divino, que em toda a parte esta prompto. Encommendou-se a Santissima Virgem Mãe, cuja misericordia hé universal remedio para todas as nossas necessidades; invocou as almas santas, como especial devoto e benefeytor dellas, rezando por ellas os responsos. Raro prodigio! Descarregou a chuva tão geral, que na mesma hora choveo desde Potulão the Nigumbo, espaço de quatro dias de caminho; mas não quiz Deos, que ella molhasse ao padre, nem aos seus companheiros, dos quaes alguns erão gentios chingalas, que casualmente se ajuntarão no caminho. Porque chovia pela direita e esquerda do padre muita agoa, ficando no

meyo a estrada seca, por onde andavão os nossos caminhantes a pé enxuto. Continuou-se o milagre todo o tempo que durou a chuva, a qual tendo começado logo no primeiro dia da viagem, proseguio té chegar a Nigumbo. Fez aqui a agoa doce do ceo o que a salgada no Mar Rouxo. Lá se dividio o mar; para dar passo seco a Moyses e ao povo, que o seguia. Cá a chuva tãobem se dividio por não molhar ao nosso missionario, que tãobem hia fazer o officio de Moyses; com tão notavel circumstancia que, chovendo por todas as partes, só no meyo por onde andavão o padre e os seus companheiros, não cahia gotta de agua que os molhasse. Podia-se questionar qual destes dous sucessos foy mais prodigioso, se o braço de Deos que os obrou, não fosse igoalmente poderozo em ambos. Comtudo huma grande differença houve no prodigio que relato e hé que o Mar Rouxo que deo passo seco aos israelitas, afogou nas suas ondas e o sumergio no inferno o Faraó e a seu exercito. Mas esta prodigiosa chuva não só goardou seco e illezo ao Padre Pedro Ferrão e aos christãos e gentios que hião com elle pelo mesmo caminho; mas a esses gentios que erão chingalas, gente nobre e principal de Ceylão, naturaes de Nigumbo, para onde caminhavão, os tirou do mar dos peccados e da profundeza do inferno; porque movidos com tão estupendo successo e penetrados com a luz divina, abraçarão a fé que lhes pregou o Padre Pedro Ferrão, renderão-se a Christo e receberão o bautismo com toda a gente de suas familias. Assim andava Deos empenhado com este seu servo, multiplicando milagres, para elle dilatar a sua fé, augmentar a christandade e magnificar a gloria do seu santo nomme. // [p. 222]

#### *Capitulo Decimo Quinto*

*Examina o Illustrissimo Arcebispo a observancia dos congregados com notaveis successos. Dispoem os estatutos com nova forma e passa a provizão da approvação*

Anno 1698

<sup>189</sup>117. Não podendo o Illustrissimo Prelado faltar a palavra <sup>190</sup><dada> ao Excellentissimo Protector, que não perdia occasião de lha lembrar com empenho igual à sua generozidade, quiz primeiro que tudo examinar a observancia dos congregados. A este fim fazia frequentes vizitas no Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres; assistia aos exercicios da comunidade; dava regras; e documentos da regular observancia, na forma que lhe parecia mais conveniente. Como o Convento da Santa Cruz dos Milagres fica no alto do Monte de Boavista; deixava ao pé delle a sua comitiva, sobia só pela ladeira acima e subitamente entrava pela portaria, para observar o que passava dentro della; e nestas vizitas e exames achou muito que notar, com edificação igual à admiração do que via. Huma vez chegando só a portaria

<sup>189</sup> Número riscado.

<sup>190</sup> Palavra riscada.

e não querendo que o porteiro desse aos padres noticia da sua chegada, sobio pela escada ao corredor de cima, entrou no primeiro cubiculo, cuja porta estava meyo cerrada e achou nelle ao Padre Gabriel de Sá, sentado em hum banquinho e lendo por livro e reparando no adereço do cubiculo, vio que o leyto, preparado para o descanso, era huma taboa nua, extendida no chão sem mais godrim, nem lançoas. Outras vezes, entrando só e sem dar de saber aos padres que ficavão nos seus cubiculos, andava pelos corredores alto e baixo, sem ouvir nelles palavra, como se fosse caza dezerta. Tão rigo-rozo silencio introduzio nella o Veneravel Jozeph <Vaz> no breve tempo que a governou, que ficou sempre em verde observancia; tanto assim, que em tempos mais modernos <sup>191</sup><para tras> e remotos do seu primeiro principio, foy muito notavel este rigor. João de Lemos do Valle, provedor-mor que foy dos Contos da Fazenda Real deste Estado, vindo vizitar ao Padre Custodio Leytão, emqu // [p. 223]anto <o porteiro> levasse o recado, esteve reparando na caza tanta quietação, que admirado rompeo nestas palavras «Certamente mora Deos nesta caza, aonde se não falla do mundo».

<sup>192</sup>118. E não somente vindo só o Illustrissimo Primas; mas tãobem acompanhado da sua comitiva, que era estrondoza, experimentava o mesmo silencio, de sorte que primeiro estava elle dentro do convento, do que sabião da sua chegada os congregados; nascendo tudo de ser tão amigos do retiro e solidão, que fora dos actos da communitate, ou da necessidade e caridade, não sahião fora dos seus cubiculos. O que sobretudo edificou mais a Sua Illustrissima, foy que huma menha, entrando na igreja com todo o seu acompanhamento, a tempo que as missas estavam ditas e ficava nella só o Irmão Bernardo Coutinho, encostado a hum confissionario, contiguo à porta collateral, por onde se vay ao claustro; reparou que o irmão se não movia do lugar; porque estava como fora de si, com olhos levantados ao ceo, sem sentir o estrondo dos que entrarão na igreja e passarão tão perto delle ao hir para o claustro. E esta suspensão dos sentidos não era no bom irmão effeyto do sono do corpo; como direy em seu lugar. Tão retirados do mundo e recolhidos em Deos achava o Illustrissimo Arcebispo aos congregados sempre que os vizitava.

<sup>193</sup>119. Mandou tãobem alguns padres missionar nas aldeas das Ilhas de Goa e Salsete e fizerão missoens muyto fructuozas; porque pregavão em lingua da terra com propriedade, com que os estrangeiros a não podem, sem embargo de muyto estudo, com que varios se applicarão a ella. Hé esta lingua tão copioza, que se chama dassabassa; isto hé, lingua que val[e] por dez linguas; porque muitas palavras tem dez vocabulos synonymos. Hé fecundissima de exquzitas frases e chea de muytos equívocos. Hum só vocabulo pronunciado com varios accentos tem varias e totalmente diversas signifi-

<sup>191</sup> Número riscado.

<sup>192</sup> Número riscado.

<sup>193</sup> Número riscado.

ções. Os seus verbos não so se conjugão; mas tãobem se declinão e concordão em genero e numero ordinariamente com os nominativos, algumas vezes com outros cazos. Esta<sup>194</sup> lingua de tantos laberintos, articulada com a sua natural propriedade hé doce e attractiva; mas fallada sem os devidos accentos hé horrorozza aos ouvidos, pela dissonancia de intoleraveis absurdos, como experimentarão os que fiados nos seus estudos e nas regras da arte, que inventarão, // [p. 224] a quizerão praticar no pulpito. Mas como este idioma era natural de nossos padres e a fallavão com muita elegancia e energia, especialmente o Padre João de Moura, que nesta parte excedia aos mais; juntando-se a esta circunscancia a vida dos pregadores austera e retirada do comercio secular e com o espirito fervorozo com que pregavão, foy muito o fruto que fizerão com as suas missoens; porque houve muitas confissoens geraes, muitas reconciliações de inimigos publicos, tirarão-se muitos escandalos, fizerão-se restetuições do alheo. Em fim, mudança geral das vidas.

<sup>195</sup>120. Provado desta sorte a observancia e a capacidade dos congregados lhes concedeo o sacrario para conservarem nelle o Santissimo Sacramento, que the este anno não tinham. E emquanto Sua Illustrissima dispu-nha os estatutos na forma, que direy abaixo, mandou aos padres cuidar no aumento do patrimonio, porque lhe não parecião sufficientes as rendas do palmar, de que atrás falley. Não tinham os congregados outro recurso mais do que valer-se da piedade das Camaras Geraes das Ilhas de Goa, Salsete e Bardes, as quaes attendendo a utilidade publica e bem commum que aos naturaes destas terras havia de rezultar do estabellecimento desta Congregação, a podia dottar com sufficiente patrimonio. Mas porque os congregados the o presente erão todos bramanes; e corria por fora huma voz que ao diante não serião admittidos sogeitos de outra casta. E as Camaras Geraes se compoem de bramanes e charados; não parecia facil conseguir dellas couza de proveito; porque quando os bramanes quizessem alargar a mão, os charados a encolherião. A verdade hé, que a porta da Congregação sempre esteve aberta para todos, como se experimentou ao depois; nem Deos primittio, que houvesse nas Camaras Geraes aquella discrepancia que se receava.

<sup>196</sup>121. Para melhor intelligencia destas Camaras Geraes hé de saber que as terras de Goa e das suas commarcas estão divididas em varias aldeas com seus certos limites; cada huma aforada por el Rey com enfiteuze perpetuo a certas familias, que as logrão por seus descendentes masculinos por legitima varonia, os quaes v[u]lgarmente se chamão gancares que, como explica o foral, val[e] o mesmo que governadores e administradores. O conclave em que se ajuntão os gancares, para acordarem em // [p. 225] qualquer dispozição necessaria para o bom governo da sua aldea, se chama gancaria. O acordão tomado nella, se chama nemo; o qual ha-de ser com consenso

<sup>194</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>195</sup> Número riscado.

<sup>196</sup> Número riscado.

uniforme de todos os acordados; de sorte que não basta a mayor parte dos votos; porque hum só que discordar, fica tudo sem vigor algum. E isto não só nas gancarias particulares das aldeas; mas tãobem das Camaras Geraes, em que devem os votos concordar todos, *nemine discrepante*.<sup>197</sup> Não se admitem nas gancarias pessoas que nellas não tiverem voto; excepto humas familias, que se chamão cullacharins, os quaes só não tem voto nas gancarias; mas tem assento e as mais regalias dos gancares. Em algumas aldeas tem os gancares sua propina annual, que rezulta do sobro que fica dos redditos dos bens da communitade, satisfeitos os foros reaes e outras penções que tiver; o qual sobro se reparte igoalmente entre os gancares. O direyto para a tal propina se chama jono, o qual se acquire tendo completa a idade que conforme os estilos de cada aldea se requer; sem o que não podem ter voz activa na gancaria, nem direyto para o jono, que hé pessoal e permanece durante a vida, com condição de morar nos dominios da coroa luzitana; e há jonos de rendas sufficientes para se fundar em hum delles patrimonio de clerigos. Há em todas as aldeas servidores communs, como barbeiros, carpinteiros, ferreyros, lavandeiros e outros deste genero, aos quaes estão consignadas certas propriedades, chamadas namassins,<sup>198</sup> com obrigação de servirem cada hum no seu officio somente aos gancares que morão dentro da sua aldea.

<sup>199</sup>122. Alem das gancarias com que se governão as aldeas, há em cada provincia hum governo commum de toda ella, que em lingua payzana se chama Mhazana, que significa supremo conselho e he o que chamamos Camara Geral. Compoem-se a Camara Geral, sendo das Ilhas de oito votos; a de Salsete de doze, a de Bardes de nove; e os vogaes se chamão dessaes, que hé o mesmo que governadores da provincia; são eleytos annualmente, porque lhes não dura a incumbencia mais que hum anno; e se escolhem de cada aldea dous, somente daquellas que tem preeminencia entre as mais da sua provincia; mas ambos juntos fazem hum só voto e basta estar presente qualquer dos dous. Entre os dessaes há prezidencia que // [p. 226] rezide em hum só, o qual tem authoridade para convocar aos mais, condenar e mulctar aos que não acodirem promptos ao seu avizo e outras muitas regalias. Na Camara de Salsete logrão esta prezidencia por alternativa os dessaes de Verná e Margão. Nas Ilhas de Goa tem *in solidum*<sup>200</sup> o dessay de Neurá, o qual só assina nos nemos da sua Camara. Em Bardes a primeira aldea da sua Camara Geral hé Sirola.

<sup>201</sup>123. <sup>202</sup><Era> naquelle tempo moderno hum decreto real, que prohibia às Camaras Geraes fazer datas e doaçoens sem expressa licença do direyto senhorio, disposição muito justa; e não se facilitavão as licenças que davão

<sup>197</sup> «Por unanimidade.

<sup>198</sup> Ou *namoxeris*.

<sup>199</sup> Número riscado.

<sup>200</sup> «Na totalidade».

<sup>201</sup> Número riscado.

<sup>202</sup> Palavra riscada.

os vice-reys sem maduro exame da justiça ou utilidade da cauza. E supposto a nossa alem de ser tão pia, era utilissima aos mesmos naturaes que havião de concorrer com o subsidio, que esperavamos; mas os congregados se não rezolvião a fallar ao Excellentissimo Protector que havia de expedir a licença; porque nas materias das conveniencias temporaes, nunca mostrarão apego, fiando de Deos, lhes não faltaria em socorrer por meyo e modos que a sua altissima providencia pode, sendo conveniente para a sua gloria. Mas o bom Pedro de Atayde, nosso muy solícito advogado e affectuozissimo benefytor, tomou por sua conta propor este negocio ao senhor conde vice-rey; e o soube fazer com tanto acerto, que empenhou <nelle> muito ao Excellentissimo Protector. Mandou este chamar as Camaras Geraes de Salsete, <Ilhas e Bardes> a sua presença e fazendo-se procurador nosso, lhes propoz a gravidade, necessidade e utilidade da materia e as capacitou, para que liberalizassem huma data bastante, para ter a Congregação sustento para os sogeitos, que lhe erão necessarios para as suas funcçoens. Que esses sogeitos havião de ser filhos, irmãos, parentes dos mesmos dessaes das Camaras; e por isso devião attender que nada davão aos extranhos; mas a si mesmos e em sua propria utilidade; e o que hé mais, que dando a si, davão juntamente a Deos, para cujo serviço fundava-se a Congregação.

<sup>203</sup>124. Na Camara Geral de Salsete os dessaes de Verna forão os primeiros que offerecerão doze mil xerafins, no que convierão todos os vogaes sem discrepancias; e promptissimamente en // [p. 227]tregarão todo o dinheiro. Os senhores dessaes charados da provincia de Bardes nos deixarão em muyta obrigação com offerta de dez mil xerafins, à qual assentirão os bramanes e satisfizerão sem muyta dilação. Porem, na Camara das Ilhas como os votos dos charados são tantos como dos bramanes, ainda que depois de muitos debates concordarão em prometer oito mil xerafins; mas pertendião huma condição, que ficasse como ley nos nossos estatutos e era, que o governo da Congregação fosse por alternativa de hum trienio dos charados; o outro dos bramanes. Responderão os nossos padres, que pedião huma esmola e não querião vender o governo da Congregação por tão pouco dinheiro; que a Congregação era caza de Deos, aonde não havia, nem haveria ao diante distincção de judeo e grego;<sup>204</sup> que as prelazias e superioridades não se havião de dar por familias e castas; senão por virtudes, letras e prendas necessarias para prezidir e governar. Chegou a questão aos ouvidos do senhor arcebispo que estimou muito a rezolução dos congregados; finalmente os dessaes das Ilhas forão os ultimos em prometer e novissimos em cumprir; mas derão os oyto mil xerafins sem condição alguma, ficando nos em perpetua obrigação a elles e aos mais de rogar a Deos com a nossa quotidiana oração. *Retribuere dignare, domine, omnibus nobis, bona facientibus, propter nomen tuum, vitam aeternam. Amen.*<sup>205</sup>

<sup>203</sup> Número riscado.

<sup>204</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>205</sup> «Dignai-vos, Senhor, retribuir a todos nós que fazemos o bem em Teu nome e pela vida eterna. Amen».

<sup>206</sup>125. Ja não restava mais que algumas mudanças que Sua Illustrissima, dizia, queria fazer nos estatutos, para os accomodar ao terreno de Goa; mas ellas forão tantas, que para dizer tudo em poucas palavras, não erão estatutos da Congregação do Oratorio de Roma, nem do de Lixboa feitos *ad instar*<sup>207</sup> daquela; senão huma terceira especie tão differente e disforme dessas duas, que a sua nova forma consistia em rigorosa, omnimoda e total sogeição ao ordinario. Tudo que erão oraçoens mentaes, exercicios espirituaes, jejuns e disciplinas, erão menos da ametade. Porque não havia jejuns no Advento, nem na semana mais que hum e unica disciplina só nas sextas feiras; a oração de manhã só meya hora. Mas tudo que era sogeição ao ordinario, era muito e tudo; porque a entrada, a profissão, to // [p. 228]talmente dependia do arcebispo. O mesmo nas eleições dos officios, dos sogeitos para a missão e todas as mais dispozições da caza, dependentes do Illustrissimo Arcebispo; e na falta delle, das primeiras duas dignidades do Cabbido, a quem se cometia o governo.

<sup>208</sup>126. Nesta forma forão ordenados os estatutos, sendo forçozo aos congregados consentir nelles; porque d[e] outra sorte se impossibilitava a suspirada approvação do ordinario. E mandando sua illustrissima dar delles vista ao reverendissimo cabbido, sahio este na sua re[s]posta, que se não contentava que as primeiras duas dignidades governassem na falta dos arcebispos; senão que a eleição dos governadores ficasse ao arbitrio do Cabbido, para a fazer em pessoa ou pessoas que lhe parecessem idoneas; e isto ainda que o arcebispado tivesse governador apostolico ou ordinario. Assim requeria o reverendis[sim]o Cabbido, não reparando que as pessoas mais idoneas no Cabbido se julgão sempre as primeiras duas dignidades; e que não deixava de parecer muito alheo da razão que, havendo no arcebispado governador apostolico, que hé o Bispo de Cochim e sendo elle prelado do Cabbido, o não fosse da Congregação, como se fosse necessaria mayor idoneidade para governar a quatro pobres clerigos congregados, do que a hum tão dilatado arcebispado e ao mesmo Cabbido. Não alcanço que mel havia neste governo, para ser tão appetecido; só me parece que emquanto chegasse o tempo de se porem as couzas em melhor ordem que ao depois tiverão, como veremos ao diante, queria Deos com este fel e vinagre mortificar aos nossos primitivos, para que bem fundados na humildade e obediencia deixassem illustres exemplos das suas virtudes aos vindouros.

<sup>209</sup>127. Emfim passadas muitas tribulações tolleradas, repetidas injurias, sofridos por discurso de dezaseis annos continuos discomodos, desfavores e repulsas, venceu a paciencia, triunfou a constante perseverança e conseguirão os congregados a suspirada provizão da erecção da Congre-

<sup>206</sup> Número riscado.

<sup>207</sup> «À semelhança».

<sup>208</sup> Número riscado.

<sup>209</sup> Número riscado.

gação e da approvação dos seus novos estatutos; a qual no seguinte capitulo hirá tresladada para eterna memoria, aonde tãobem perpetuarey a que devemos ao Illustriss[im]o e Reverendissimo // [p. 229] Senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação; para que fique satisfeyta assim a obrigação que lhe confessamos, como a queixa de certo escritor, que em huns manuescritos<sup>210</sup> disse que sendo elle o fundador da nossa Congregação, nos não mereceo ao menos a memoria de hum retrato. Dilatou-se este obsequio, não por falta de boa vontade; mas para que o tempo desse lugar de fazer o desempenho igoal a obrigação que, sendo tão grande, não ficava bem paga com hum só retrato; especialmente na India, aonde as pinturas durão pouco no seu primeiro esplendor; porque as tintas desmayão logo. Agora sim retratarey a tão Illustrissimo Principe nestes caracteres que, sendo de tinta preta, se conservará viva na memoria dos que os lerem; e verá o mundo, como foy pontual o nosso agradecimento em estampar tantos retratos seus, quantos volumes se hão-de imprimir desta história.

#### Capitulo Decimo Sexto

*Retrato do Illustrissimo Senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação*  
Anno 1698

<sup>211</sup>128. O Illustrissimo Senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação, religioz freyre da Ordem de Christo, foy natural da villa da Alhandra no Ribatejo, do arcebispado de Lixboa. Chamou-se no seculo Bartholameu Carvalho da Fonceca. Fez solemne profissão na dita Ordem em idade de dez[s]ete annos, mudando o nome de Bartholameu em Agostinho. Conta-se que, sendo de vinte e hum annos, leo a cadeira das artes dentro dos seus claustros. Foy doutorado na Universidade de Coimbra, aonde foy oppozitor às cadeiras e por substituição leo a dos Conceitos. Foy excellente pregador assim na eloquencia e facilidade, como no espirito e fervor com que pregava, missionando algum tempo em varios lugares do reyno. Neste exercicio apostolico fez bastante serviço a Deos e fruto nas almas e grangeou para si muito credito, com que pelos degraos do pulpito subio à cadeira archiepiscopal. Porque dizem que, sendo convidado por certo fidalgo titular para // [p. 230] pregar em huma festa repentinamente por adoecer o pregador que estava avizado; elle se desempenhou tão cabalmente, que os ouvintes estimavão a falta do pregador avizado, pelo gosto que tiverão com o sermão repentino; e o mordomo para o obzequiar com as mayores demo[n]strações, o foy buscar ao pe da escada do pulpito e lhe offerecer a mão para descer. Não a aceitou Frey Agostinho, dizendo que não queria a mão de Sua Excellencia para descer; senão para a beijar. Ao que respondeo generosamente o fidalgo, que tomava por sua conta dar-lhe a mão para sobir; e cumprio inteiramente com

<sup>210</sup> Riscado: «que se conservão na livraria <archiepiscopal> pontifical de Goa».

<sup>211</sup> Número riscado.

a sua palavra; porque, vagando o arcebispado de Goa por fallecimento do Illustrissimo Dom Alberto da Sylva, deo por si e por outros informações bastantes, para o senhor Rey Dom Pedro segundo fazer <nelle> a nomeação de arcebispo de Goa e primas da India.

<sup>212</sup>129. Contava trinta e oito annos de idade quando foy eleito; e para aceytar a dignidade foy compelido pelo Geral da sua Ordem que, vendo a sua renitencia, lhe mandou que abrisse a santa regra e lesse o que nella achasse; as primeiras palavras que nella achou, forão estas: *Oboedientia sine mora*<sup>213</sup>. Em vinte e sinco de Março de mil seiscentos noventa e hum sahio de Lixboa, na nao São Francisco de Borja. Na viagem que durou mais de sinco mezes, deu muitos testemunhos da sua paternal caridade. Vizitava todos os dias aos doentes e algumas vezes repartia com elles as igoarias da sua meza, fazendo-lhes pratos com suas proprias mãos. Em onze de Setembro sorgio em Goa; e logo que tomou a posse do arcebispado, se achou tãobem com o governo secular, em companhia do Governador do Estado da India, Dom Fernando Martins Mascarenhas. Em seu tempo se julgou a favor da mitra a visita das fabricas das igrejas parochiaes do Mestrado de Christo, que el Rey por certas informaçoes havia commetido aos prelados das religioens, cujos subditos erão parochos. Dorou o pleito por muito tempo e se senteceu na Relação de Goa, ficando igoalmente vittorioza a mitra com a restetuição do seu direyto, como o procurador della, o Reverendo Licenciado Padre Lucas de Lima, cuja jurisprudencia logrou // [p. 231] grandes aclamações pelos doutissimos arzeoados com que procurou e defendeo a cauza.

<sup>214</sup>130. Governou esta igreja oriental o senhor Dom Frey Agostinho da Anunciação vinte e hum annos, nove mezes e sinco dias; e neste discurso visitou unica vez as parochias das Ilhas de Goa, Salsete e Bardes com muita edificação de suas ovelhas, dando-lhes não só o pasto espiritual da doutrina, mas tãobem o corporal em esmolos, com que soccoreo aos pobres, orfaons e veugas, fazendo nisto dispendio de doze mil xerafins, alem do consideravel com que mandou pagar as dividas dos que ficavão encarcerados no tronco de Rachol. Em huma grande fome que houve nesta cidade, repartio aos pobres duzentas muras do batte, que fazem mais de cem moyos de arros limpo. Acabou o curso da sua vida aos secenta e dous annos da sua idade, em seis de Junho de mil setecentos e treze. Foy decimo sexto Arcebispo de Goa Primas da India e duas vezes governador della. Jaz no presbiterio da capella mor da sua Sé Primacial, com campa de pedra raza sem inscripção alguma; nem houve quem mandasse por o seu retrato entre os de seus antecessores, sendo que os capitulares da dita Sé lhe deverão erigir muitas estatuas; pois todos daquelle tempo erão creaturas suas; <sup>215</sup>[a]té que depois de

<sup>212</sup> Número riscado.

<sup>213</sup> «Obediência sem delongas».

<sup>214</sup> Número riscado.

<sup>215</sup> O texto seguinte até ao final do período encontra-se escrito na margem do fólio.

mais de trinta annos [...] nesta igreja oriental, o Excellentissimo Senhor Dom Frey Lourenço da Santa Maria, que ao presente he bispo do Algarve, mandou retratar. Este, pois, Illustrissimo Prelado depois de preceder todas as diligencias que atras ficão referidas, passou a seguinte provisão.

Dom Frey Agostinho da Anunciação, por merce de Deos e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Goa, Primas da India e mais partes orientaes, do Conselho de Sua Magestade etc. Fazemos saber aos que esta nossa provizão virem, que por parte dos clerigos do habito de São Pedro, que vivem congregados por authoridade de nossos antecessores na Igreja da Santa Cruz dos Milagres *ad instar*<sup>216</sup> da Congregaçã do Oratorio da Corte e Cidade de Lixboa de São Filippe Neri, nos foy exposto que elles intentavão fundar huma caza na dita igreja com seus estatutos, accomodados ao clima desta terra e aproximados, em tudo que permite a possibilidade dos naturaes da India, aos estatutos da Congregaçã de São Filippe Neri, da Corte de Lixboa e Roma, para nella servirem <a Deos> e aos seus proximos e para que os mais naturaes // [p. 232] tenham lugar, aonde desapegados do mundo, possam com exacção servir a Deos, tratando do bem da sua salvaçã e juntamente da de seus proximos; porquanto os ministerios dos seus estatutos se dirigem todos ao aproveitamento espiritual dos proximos, por meyo dos santos exercicios da oraçã mental, praticas spirituaes, missoens, administraçã dos sacramentos e outros de grande piedade, de que por merce de Nosso Senhor tem rezultado na Europa, aonde se praticã, muito fruto e reforma dos costumes; e nestes santos ministerios se dezejão elles supplicantes empregar neste arcebispado e primazia de todo Oriente, em beneficio dos fieis delle e em o qual se empreguem os mais congregados, que ao diante Nosso Senhor for servido chamar para o seu serviço. E como para fazer a dita fundaçã com sua devida clauzura; praticarem os estatutos que nos apprezentavão; administrarem o Santissimo Sacramento aos fieis e terem sacrario, lhes era necessario preceder licença nossa na forma dos sagrados canones; e portanto nos pedião por serviço de Nosso Senhor, lhes fizessemos merce de mandar passar provizão, concedendo-lhes por ella licença e faculdade para se erigir e fundar a dita Congregaçã do Oratorio *ad instar* da de São Felippe Neri e com sua devida clauzura com os estatutos e constituiçoes que nos appresentarão, exercitar os ministerios asima referidos e dos mais do seu estatuto, administrar o Santissimo Sacramento da Commu-nhão, ter sacrario com o Senhor e hir às missoens por todo este arcebispado e primazia e a todas as mais partes que conforme o seu estatuto nos parecesse conveniente. E considerando nós, como nos incumbe por obrigaçã de nosso pastoral officio, procurar o bem de nossas ovelhas e que para este fim poderão ser meio efficaz os exercicios da dita Congregaçã e que resultará della muito fruto espiritual e aproveitamento das almas de nossos subditos e conversão dos infieis em todas as vastas missoens do Oriente. E ponderando outrosi que a dita Congregaçã e seus estatutos estão confir-

<sup>216</sup> «à semelhança».

mados pelo Summo Pontifice Clemente X, accresentando-se somente algumas regras e direcções, conforme a experiencia que temos dos naturaes da India e a debilidade dos que nella vivem. Havemos por bem conceder licença // [p. 233] aos ditos padres da Santa Cruz dos Milagres, para que possam fundar nesta cidade caza e convento da dita Congregação do Oratorio *ad instar* da de São Filippe Neri, na Corte de Lixboa e Roma, com sua devida clauzura necessaria, com os estatutos e condições que nos apresentarão e fazer os exercicios do seu estatuto, administrar o sacramento da eucharistia na igreja que tem; e para este effeito ter nella sacrario, cuja decencia e segurança foi por nós examinada já; e que possam administrar o sacramento da penitencia os por nós aprovados pelo tempo que lhes durar a aprovação; e para este effeyto nos serão propostos pelo padre prefeito que for da Congregação, por patente sua, sendo primeiro examinados por nos ou por commissão nossa. E poderão os confessores da dita Congregação administrar huns a outros e a todos os seus irmãos, familiares e comme[n]saes, posto que seculares e quaesquer outros sacramentos, ainda pela obrigação da Quaresma e artigo da morte, como se seus parocos forão. E os prelados da dita Congregação poderão absolver aos congregados dos cazos a nós reservados; não porem a outras pessoas sem especial concessão; e poderão dar sepultura na sua igreja a quaesquer pessoas, sem prejuizo dos direitos parochiaes das offertas devidas pelas nossas constituições e direyto canonico nos obitos e enterros. E poderão outrosi hir às missoens por este arcebispado, e primazia na forma determinada em seus estatutos e fazer nelle doutrina, e praticas espirituas, não se lhes mandando por nos o contrario; para o que os parocos subditos nossos lhes darão toda ajuda e favor, e sendo necessario mandarão tanger sinos e campainhas pelas ruas, para se convocar o povo; o que tudo lhes concedemos e havemos por bem que logrem, para que com mais fruto possam exercitar os seus ministerios, sendo nosso intento conformar-nos em tudo com o que dispoem o Sagrado Concilio Tridentino e constituições apostolicas no tocante as fundações e ereções de novos recolhimentos e congregações, sem nos apartarmos de suas dispozições em couza alguma. Pelo que mandamos a todos os nossos subditos, assim ecclesiasticos, como seculares cumprão e goardem esta nossa provizão e não vão contra ella, nem em todo, nem em parte. Dada em Goa, sob nosso // [p. 234] sinal e selo, aos quatorze de Dezembro de mil seiscentos noventa e oyto. Eu, o conego Antonio Lobo de Almada, escrivão da Camara, a fiz escrever e subscrevi. Registada no livro corrente dos registos folio noventa e dous.

<sup>217</sup>131. Havida esta provizão, todos os congregados presentes por si e os auzentes, que erão os tres Jozés, que ficavão em Ceylão, fizeram a sua profissão em prezença do Illustrissimo Arcebispo, depois do noviciado, em que huns contavão desaseis annos, outros dez e os de menos tres; por tão longa provação passarão os nossos primitivos, perseverando com heroica constancia. Fizerão tãobem ao pé dos novos estatutos hum termo, em que

<sup>217</sup> Número riscado.

assinarão, obrigando-se a inteira observancia delles, debaixo de omnimoda sogeição ao prelado ordinario. E procedendo a eleyção dos officiaes necesarios para o governo da Congregação pela nova forma, prezidindo o mesmo Illustrissimo Arcebispo, foy eleito em prefeito (que hoje chamamos prepozito) o Padre João de Moura. Porque athe os nommes dos officios erão totalmente diversos dos da Congregação de Lixboa.

<sup>218</sup>/Capitulo 17

*Reconhecimento das obrigações que esta Congregação deve ao Veneravel Padre Bartholameu do Quental*

Anno 1698

132. Nestes auges se achava esta pequena grey de Christo no anno corrente da nossa historia e era o primeiro em que começava a respirar depois de passar por tantas tribulações. Mas como neste mundo não há gosto sem pezar, como valle de lagrimas e caza dos tristes em que pouco dura a alegria. Toda que podião ter os congregados com essa provizão, profissão e eleição, que erão aumentos da mãy, a Congregação; se lhes descontou na pena da falta do seu pay, o nosso Veneravel Fundador Padre Bartholameu do Quental que, aos vinte<sup>219</sup> de Dezembro deste mesmo anno passou da vida mortal a eterna.<sup>220</sup> Quiz Deos que os ultimos dias do nosso veneravel fundador fossem os primeiros do estabellecimento desta Congregação, para que reconhecessemos dever à sua diligencia todos os nossos bons sucessos. Pois desd[e] o tempo que os padres desta caza procurarão a sua protecção, solicitou por todas as vias os aumentos della; ja prevennendo aos congregados para a tolerancia das tribulações e tormentos que o demonio havia de levantar, ja animando-os com paternaes conselhos // [p. 235] para não desfallecerem nas contradicções e repulsas que padecião; ja intercedendo com os prelados ordinarios de Goa para os favorecerem; ja abonando-os na Junta das Missoens, para que fossem bem vistos na Corte de Lixboa os serviços que fazião na missão de Ceylão; ja solicitando o favor dos ministros, de cujo voto pendia a expedição do beneplacito real necessario para o estabellecimento desta nova fundação. Tudo feitos da sua paternal caridade; tudo diligencias de zelozo fundador. E porquê, sendo tão solícito nos tribunaes humanos, muyto mais havia de ser no divino; tenho por certo que lhe revelou Deos assim as contradicções, como o bom sucesso; porque na primeira carta sua, escrita em doze de Março de mil seiscentos oitenta e sete, presagiava tormentas e tempestades; que com effeito padeceo a Congregação tão grandes como estão referidas; porem na ultima carta escrita em dezoito de Março de mil seiscentos noventa e oito, tudo erão pronosticos e esperanças de felicidades, pela maneira seguinte.

<sup>218</sup> O texto seguinte até «achava» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>219</sup> Riscado: «hum».

<sup>220</sup> Riscado: «[374?]».

Reverendos Padres Custodio Leytão e João de Moura. Recebi a de Vossas Reverencias de treze de Dezembro de seiscentos noventa e seis, em que Vossas Reverencias se queixão de não haver recebido carta minha naquelle anno; sendo que eu nesse anno e em todos os mais escrevi a Vossas Reverencias e sinto muito se perdesse a minha carta. As boas novas de Vossas Reverencias festejo muito, como tãobem as que me dão de dous sogeitos que se lhes aggregarão; queira Deos Nosso Senhor trazer outros convenientes e capazes, para esta obra hir muito adiante; e com isso cessar a fama que os seus natu-raes tem de inconstancia; sendo tãobem muito para se accabar esta fama a rezolução, com que ficão dous dos seus companheiros para hirem ajudar a Padre Jozeph Vaz em tão glorioza empreza. E na verdade hé para mim de grande conceito e muita consolação a perseverança, com que este bom padre continua no meyo de tantos perigos e difficuldades em hum serviço de Deos Nosso Senhor tão grande, com redução de tantas almas e remedio de tantas já reduzidas; accresentando-se a humas e outras as que vierão com tanto dispendio e trabalho buscar o santo bautismo e mais Santos Sacramentos, que se lhes administrarão com tanta solenidade e demo[n]straçoens da // [p. 236] alegria do senhor arcebispo, do senhor vice-rey e senhor bispo de Cochim e mais pessoas que assistirão ao acto, tanto da gloria de Deos Nosso Senhor. Eu confesso a Vossas Reverencias que foy grande a<sup>221</sup> consolação que tive com estas e mais novas semelhantes que me derão nesta sua carta. Espero eu no mesmo Senhor hão-de servir estes successos de muito credito para essa Santa Congregação e hão-de ajudar muito, para o Senhor attender muito para o requerimento de Vossas Reverencias, que se dilata, entendo, que hé para ser bem fundado de todo em seu despacho e que quando vir as couzas em termos convenientes, o ha-de dar e ajudar muito tão boa obra. Entretanto fação Vossas Reverencias e seus companheiros muito pelo merecer, fiando muito de Deos Nosso Senhor e da sua divina protecção, hão-de ver bem logrados seus santos intentos com a sua reforma e perseverança, assim na virtude, como no estudo, ao menos por alguma summa de moral, tão necessario, para encaminhar as almas; e com isso espero o fim que dezejão, o tenham em a sua santa pertença; assim espero no merecimento e bom procedimento de Vossas Reverencias, que Deos Nosso Senhor os guarde e conserve em seu santo serviço e divino amor e em suas santas orações muito me encommendo. Lixboa, 18 de Março de 1698. Servo de Vossas Reverencias em o Senhor. Bartholameu do Quental.

<sup>222</sup>133. Pede agora, não só a ley do agradecimento; mas tãobem a boa razão, que esmaltemos esta historia com a relação de illustres virtudes de tão insigne heroe, assim em gratificação e perpetua memoria que devemos a tão grande patrono por muitos beneficios recebidos em discurso de onze annos, que se continuou a sua conrespondencia; como porque, sendo elle nosso fundador que nos deu as leys, estatutos, regras e direcções que obser-

<sup>221</sup> Riscado: «alegria».

<sup>222</sup> Número riscado.

vos; e por isso cabeça desta Congregação, em quem influio o espirito com que vive; necessariamente se devem unir os membros com a sua cabeça, para que o corpo não pareça disforme, por truncado. Satisfarey, pois, a esta tão forçosa obrigação, consagrando a memoria da vida, virtudes e milagres de nosso veneravel fundador os seguintes capitulos, que serão como testemunhos perpetuos de nosso final agradecimento. // [p. 237]

*Capitulo Decimo Oitavo*

*Da infancia e mocidade do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental*

Anno 1698

134. Na villa que chamão Ponta Delgada, da Ilha de São Miguel, aos dez de Setembro de mil seiscentos vinte e seis nasceo o Veneravel Padre Bartholameu do Quental, de illustrissimos progenitores. Forão seus pays Francisco de Andrada Cabral, fidalgo da primeira distincção de Portugal e bem distinto nos honorificos empregos que se lhe cometerão do real serviço; e Anna do Quental, matrona de igual nobreza; mas na virtude mais excelente. Porque era muito esmoler; e tendo hum dia repartido aos pobres quanto pão havia em caza e sobrevivendo outros, movida de compaixão e dezejoza de soccorrer a sua indigencia, com muita confiança em Deos foy abrir a canastra que tinha deixado vazia e a achou chea de paens milagrosos, com que teve a sua caridade meynos de sublevar liberalmente a miseria daquelles mendigos. Conta-se que esta illustrissima matrona na prenhez deste filho não sentia aquellas molestias, que commumente padecem as mulheres pejadas; antes era grande a consolação e gozo do seu coração emquanto trouxe no ventre tão feliz criatura, cuja futura santidade e o muito que havia de zelar em honra de Deos e da Santissima Virgem Maria soube por revelação divina e por hum misteriozo accidente e foy que achou hum dia pegada ao seu ventre huma medalha do Santissimo Sacramento e da Senhora da Conceição, sem saber como e quem lha poz naquella parte.

135. Na[s]cido e bautizado Bartholameu, na Igreja Parochial de Nossa Senhora da Luz, igualmente cre[s]cia na idade e na piedade. Via-se nas suas aççoens, ainda pueris, huma indole tão virtuozza, huma modestia tão anticipada, que nunca acharão nelle os seus pays couza que reprehender; todos reparavão muito que louvar e admirar. Fogia dos brincos em que se diverte geralmente a meninice; e todo o seu divertimento era compor altarinhos, aonde ou orava ou convocava // [p. 238] a outros meninos e tomando na mão huma cana, lhes ensinava a doutrina christam. Já adulto se applicou ao estudo do latim e das humanidades com tanto aproveitamento que, excedendo com grande ventagem a todos os condiscipulos, era visto com admiração dos mesmos mestres. Todo o tempo que ficava livre do exercicio das letras, o dava inteiramente ao das virtudes, sendo frequente na oração mental, que sempre fazia de joelhos, ajudando as missas com devoção muy edificativa, assistindo aos officios divinos, recebendo amiude os sacramentos

da confissão e communhão e ouvindo os sermoens e praticas espirituaes, com grande satisfação do seu espirito.

136. Sendo de dezoito annos de idade passou da Ilha de São Miguel para a Cidade de Evora, por cauza dos estudos mayores. Estando embarcado para esta viagem, foy divinamente mostrado a Catharina de Senna, portugueza, virgem de louvaveis e santos costumes, da Ordem Terceira de São Francisco, a qual reparando na rara modestia deste moço e perguntando a Deos sobre elle, lhe foy respondido; que era escolhido para zelar a gloria divina e viria tempo em que havia de ser seu confessor. E assim socedeo; porque passados vinte annos, o tomou Catharina por seu confessor e director spiritual; e vivia tão sogeta aos seus dictammes, que nunca se desviou do seu menor aceno, sendo a veneração em que o tinha igual as virtudes e dons que nelle admirava.

137. Na celebre Academia de Evora fez grandes progressos na Philo-sofia the ser graduado de bacharel em Artes. Ouvio tres annos as liçoens da Theologia e no exame della foy approvado *per omnes et cum maxima laude*.<sup>223</sup> E sem embargo, que nesta faculdade se achava tão adiantado; mas como Deos o dispunha para empresas grandes, querendo que a fama de suas virtudes e letras desse ecco por todo o mundo, o moveo a passar de Evora para a Universidade de Coimbra. Nesta celeberrima palestra universal das sciencias entre doutissimos engenhos, que nella flore[s]cião, logrou tanto credito e applauzo a sua erudição que, sendo ainda diacono, o importunarão per vezes para pregar em funcçoens mais solenes daquella Universidade. Estudou nella dous annos a Sagrada // [p. 239] Theologia e fez todos os actos litterarios the ser doutorado com tanto esplendor, como applauzo geral de todos. Não aspirou a cadeiras, tendo talento para tudo; porque o seu genero espirito voava para mais alto. O estudo das letras, não tomou por fim de conveniencias temporaes; mas como meyo para se magistrar na sciencia mistica, em cuja praxe dezejava aproveitar a si e ao proximo e dar a Deos muita gloria. A este termo encaminhava unicamente as suas acçoens; este foy o alvo de todos os seus designios.

#### *Capitulo Decimo Nono*

*Ordenado de sacerdote o Veneravel Quental deziste de hum beneficio curado. Feito pregador do numero e confessor da capella real, dá nella principio aos exercicios da Congregação do Oratorio, a qual finalmente estabelece na Igreja do Espirito Santo*

138. Ornado de letras e virtudes em idade de vinte e seis annos, procurou ser ordenado de presbytero; para que nos ministerios de sacerdote

<sup>223</sup> «Por todos e com distincção máxima».

negoceasse com os talentos que Deos lhe dera, <sup>224</sup><em> utilidade propria e beneficio do proximo. Considerando, porem, na eminencia da dignidade que pertendia e na pureza da vida que devia corresponder ao character sacerdotal, se applicou com todo o cuidado em cre[s]cer mais e mais nas virtudes da oração e mortificação, que são as duas azas com que a alma voa da terra para o ceo. Antes de receber a ordem se retirou do trato dos homens; e com continua oração acompanhada de copiozas lagrimas, asperas penitencias e jejuns pedia a Deos auxilio e graça para receber o grao do sacerdocio, com agrado de sua divina magestade. E no sabbado das temporas de Dezembro, do anno de mil seiscentos sincoenta e dous foy ordenado na Igreja do Espirito Santo, que hoje hé da Congregação do Oratorio, que elle mesmo fundou. Feito sacerdote era grande o fervor com que se aparelhava para o santo sacrificio. Todos os dias celebrava, tomando hora inteira da oração, como dispozição previa para a missa, a qual nunca disse sem primeiro // [p. 240] se confessar e purificar a consciencia de minimos defeitos sacramentalmente. A compuncção e devoção com que assistia aos divinos officios, presentião os circunstantes. Nas festas mais solenes e nas missas do Natal erão mayores os fervores e excessos da sua devoção com lagrimas tão copiozas, que as não podia reprimir. Mereceo algumas vezes ser assistido dos anjos que, com alternadas vozes cantavão *Gloria in excelsis Deo*.<sup>225</sup> Os mesmos soberanos rey e rainha dos anjos, Christo e Maria Santissima, acompanhados de São Philippe Neri, lhe apparecião no altar e com singulares demo[n]strações de summa benevolencia lhe davão a sua benção.

<sup>226</sup>139. Vagou neste tempo a Igreja de Nossa Senhora da Estrella, na Ilha de São Miguel, sua patria; e parecendo-lhe occasião opportuna de aproveitar as almas no exercicio de paroco, fez oppozição a ella e excedeo a muitos varoens doutos que entrarão no concurso. Mas depois de nomeado e apprezentado para paroco,<sup>227</sup> forão tantos os escrúpulos na consideração do jugo parochial, que lhe parecia superior às suas forças, que finalmente se arrependeo de o haver procurado e não descansou emquanto se visse livre d'elle com solene dezistencia, julgando-se por sua muita humildade totalmente inutil para tamanho emprego. Mas que muito que dezistisse o Veneravel Quental de hum beneficio parochial, quando o seu desinteresse e desapego era tão grande, que regeitou o bispado de Lamego! Accendeu Deos esta luz, não para estar em hum canto; mas no meyo da caza, donde diffundisse por todas as partes a sua claridade; por isso não quiz que sahisse de Lixboa; para que ficando na Corte allumiasse com a sua doutrina e exemplo não só a hum povo de huma parochia ou de hum bispado; mas a todo o reyno e dominios de Portugal.

<sup>224</sup> Riscado: «para».

<sup>225</sup> «Glória a Deus nas alturas».

<sup>226</sup> Número riscado.

<sup>227</sup> Riscado: «daquella».

<sup>228</sup>140. Esta generosa renuncia foy tão bem vista na Corte de Lixboa, talvez por rara, que grangeou ao Veneravel Padre mayor opinião. Reynava neste tempo o restaurador da liberdade portugueza Dom João IV, o qual inteirado das letras e virtudes que nelle resplandecião, o nomeou pregador do numero da sua capella e capellão confessor da Caza Real; cargos que aceitou não // [p. 241] por cobiça de honra vam; mas por ambição santa e com zelo de trabalhar na reforma dos costumes, que nas Cortes, passos e palacianos costumão ser mais corruptos. Armado, pois, do zelo da gloria de Deos entrou no Palacio o nosso pregador apostolico e com a espada da palavra divina, sem attender a respeitos humanos, foy cortando por tudo que notava alheo da disciplina christam. Pregava em todos os domingos e dias festivos, sempre extranhando os vicios e exortando ao seguimento das virtudes. E sem embargo que na reforma dos ecclesiasticos lhe fez o inferno grande opposição por meio de alguns sacerdotes que, quanto maos homens erão, tanto se fazião melhores ministros do demonio; por ser couza averi-goada, que o mau exemplo dos sacerdotes leva ao inferno mais almas. Mas a paciencia e a fortaleza do servo de Deos venceu todas as contradicçoens e rendeo a obstinação; sendo a sua inculpavel vida a mais effcaz pregação, com que conciliou os animos dos que ao principio contradizião, com tão geral reforma dos costumes e com tão feliz successo, que o Palacio Real parecia huma caza religioza.

<sup>229</sup>141. Corria ja o anno de mil seiscentos sincoenta e nove, em que dezejando o nosso Veneravel Padre conservar no Palacio a piedade, que com tanto trabalho e suor havia plantado, arbitrou instituir na cappella real huma Congregação, composta de todos os cappelaens sacerdotes e officiaes da mesma cappella. E como todos ja estavam tocados da graça divina, aceitarão de muito boa vontade o arbitrio. Intitulou-se esta Congregação da Nossa Senhora das Saudades, cujo emprego era promover o aproveitamento espiri-tual assim dos congregados, como dos que quizessem frequentar os seus exercicios, que constavão da oração mental, praticas e conferencias spirituaes e disciplina, tudo meyo oportunos para fomentar a piedade e cre[s]cer na virtude. Fazião-se estes exercicios em huma caza da mesma cappella real chamada o thezouro velho com tanto fruto, que os frequentavão mais de quatro-centas pessoas; e assim se continuarão por quazi nove annos que o nosso veneravel fundador assistio na cappella real. Considerando, porem, no perigo que havia de se desvanecer pelo decurso do tempo tão santa obra, se não tivesse fundamentos mais solidos; e dezejando faze-la // [p. 242] mais util e ampla, empregando-se os congregados em missoens, assistencias aos mori-bundos, vizitas aos prezos da cadeia e enfermos dos hospitaes, se deliberou com maduro conselho de pessoas virtuozas e doutas, a fundar huma con-gregação de clerigos seculares *ad instar* de São Filippe Neri em Roma, com clauzura devida e estatutos approvados e confirmados pela Sé Apostolica.

<sup>228</sup> Número riscado.

<sup>229</sup> Número riscado.

<sup>230</sup>142. Dependia esta nova fundação da licença do Cabbido de Lixboa, no qual por vagancia da Se Archiepiscopal rezidia a jur[is]dição ordinaria. Como o Cabbido hé hum corpo composto de muitas cabeças, havia nelle algumas, se não vazias da razão, certamente cheas da paixão, as quaes julgando os santos intentos de nosso fundador por embuste e hypocrezia o motejavão e calumniavão com muitos dicterios. Hum dos capitulares que, por factiozo fazia mayor authoridade, não se contentando com embaraçar e impedir a pertendida licença, chegou a tal impudencia, que de cara a cara injuriou ao servo de Deos com muitos improperios, que elle sofria com admira-vel paciencia. E sem embargo das repetidas repulsas que experimentava no Cabbido às repetidas supplicas que lhe fazia; nunca dezistio do intento, tendo firme esperança em Deos e na intercessão da sua Santissima Mãe, que tomara por sua advogada e patrona da Congregação, pondo nas mãos de huma imagem sua escritas em papel estas palavras: *Memento congregationis tuae*.<sup>231</sup> O despacho, que finalmente teve foy milagrozo, alcançado por tão soberana e poderosa protectora; como foy revelado a Catharina de Senna; porque fallecido com morte repentina o capitular opposto, no mesmo dia em que se conferia no Cabido sobre a licença desta nova fundação, vio Catharina da Senna em ectazi a Santissima Virgem May com hum papel na mão, o qual entregou ao seu bento filho. E o senhor o despachou e tornou a sua Mãe; e no mesmo dia desta vizão foy concedida pelo Cabido faculdade ampla para o Veneravel Padre fundar a Congregação e instituir leys e regras para o governo della.

<sup>232</sup>143. Como o nosso fundador se não achava com cabedades para fabricas novas, se resolveo a accomodar-se no collegio que os padres // [p. 243] dominicos hibernios tinhão na Rua Nova da Almada, no sitio que chamão a Fanga da Farinha, o qual estava vazio. Com a licença do Cabbido e beneplacito real, que por sua muita piedade deo o senhor Rey Dom Pedro II, entrou nesse collegio aos dezaseis de Julho de mil seiscentos secenta e oito. Dos companheiros da capella real, o dezertarão todos, sem embargo que muitos se tinhão offerecido a passar della para a nova Congregação. Mas Deos para consolar e animar ao seu servo, lhe deo por companheiro ao Padre Francisco Gomes, sacerdote de tão excellentes virtudes, que na morte teve aclamações de santo com admiravel incorrupção e flexibilidade, com que Deos ennobreco o seu corpo que, sendo morto, não parecia<sup>233</sup> cadaver, não só porque os membros se meneavão como vivos; e lançavão huma suave fragrança; mas tãoobem porque posto em huma cadeira, ficava sentado, como se estivesse animado. Entrarão pouco depois os Padres João da Goarda e Antonio de Atayde, aos quaes deve esta Congregação indiana grandes beneficios, muita parte do seu aumento.

<sup>230</sup> Número riscado.

<sup>231</sup> «Lembra-te da tua Congregação».

<sup>232</sup> Número riscado.

<sup>233</sup> O «r» encontra-se escrito sobre um «d».

<sup>234</sup>144. Aumentado o numero dos congregados, ordenou o veneravel fundador os estatutos e regras que na Congregação se havião de goardar e houve do Illustrissimo Cabido confirmação delles. Mas sendo dispostos a semelhança dos de São Filippe Neri para gloria de Deos e proveito das almas, que hoje se experimenta no reyno de Portugal e suas conquistas, não podia faltar o rego da tribulação, com que o demonio pretende arrancar e Deos faz medrar e cre[s]cer as suas plantas. Persuadio, não direy quem, ao Illustri[ssi]mo Cabido, que tudo o que tinha obrado a favor da Congregação assim na licença da fundação, como na confirmação dos estatutos, era nullo; colorando a sua inveja com tão speciozas razões, que fizerão muita impressão nos animos dos capitulares; os quaes cometerão o negocio a relação e para se consultar com a madureza que a gravidade da couza pedia, nomeou por consultores, alem dos ministros ordinarios, o Illustrissimo Dom Frey Christovão de Almeyda, dos Eremitas de Santo Agostinho, então Bispo eleito de Martiria, o Reverendissimo Padre Mestre Frey João da Sylveira, carmelita calçado bem conhecido em toda a parte pelos eruditissimos commentarios, com que explanou os Quatro Evangelhos, o Apocalypse e os Actos dos Apostolos. O Reverendissimo Frey Ferando Sueiro, da Ordem dos Pregadores e pregador da Sua Ma [sic] // [p. 244] Magestade e o Reverendissimo Frey Antonio Correa, trinitario que na Universidade de Coimbra foy lente da prima da Theologia. Ventilado o ponto na Relação Eccleziastica, julgarão om uniforme sentir assim os ministros ordinarios, como os consultores, que tudo que o Cabido tinha obrado a favor da Congregação na licença e approvação, estava firme e valido e em nada opposto aos sagrados canones; a vista do que o Illustrissimo Cabido confirmou com nova provizão as primeiras graças, para cuja mayor firmeza reccorreo o veneravel fundador a Sé Apostolica e impetrou do Summo Pontifice Clemente X confirmação da nova Congregação e seu instituto fundado *ad instar*<sup>235</sup> da de São Filippe Neri, por breve expedido em seis de Mayo de 1671. Foy applaudida e celebrada a confirmação apostolica com hum solenissimo triduo, em que frequentarão a Igreja do Oratorio as pessoas principaes da Corte de Lixboa; e no ultimo dia assistio o senhor Rey Dom Pedro ao sermão e missa, que foy officada pelo deão e ministros da sua capella real.

145. Estabellificada a Congregação começou a cre[s]cer o numero dos sogeitos que Deos chamava a ella, de sorte que não cabião na escaseza do collegio e erão insoportaveis os incommodos da habitação. Pertendeo o veneravel fundador mudar-se com a sua familia para a Igreja do Espirito Santo, sita na mesma Rua Nova da Almada. E a nobilissima irmandade do mesmo Espirito Santo, de quem era a igreja, aonde ainda hoje flore[s]ce, a deu com pia generozidade à Congregação. Comprarão-se algumas moradas de cazas contiguas para a fabrica do convento, que com o tempo se foy melhorando

<sup>234</sup> Número riscado.

<sup>235</sup> «à semelhança»

the chegar a forma que ao prezente tem. Determinarão para a mudança o dia quatorze de Agosto de 1674; e se observou nella o mesmo que São Filippe Neri em Roma, quando passou a sua Congregação da Igreja de São Jeronymo da Caridade para a nova de Santa Maria de Vallicella. Porque o nosso veneravel fundador e os mais padres e irmãos carretarão em seus hombros as suas pobres alfayas e as levarão do collegio velho para o convento novo, com raro exemplo de humildade que todos professavão e admiração do povo, que ficou muito edificado com espectaculo tão insolito. A este acto de tão profunda humildade dos filhos da Congregação, se seguio // [p. 245] no mesmo dia o da piedade dos devotos e amigos, que solemnizarão a trasladação della. Porque, estando os padres aparelhados para levarem em procissão o Santissimo Sacramento da igreja velha para a nova, veyo (couza athé ali nunca vista, nem pelos congregados pertendida) a capella real em communidade debaixo da cruz a incorporar-se com os congregados. Obsequio muito honorifico; mas tãobem devido; porque a Congregação teve por berço a capella real, aonde na[s]ceo; e era justo que quem a criou na infancia, a honrasse tãobem nos seus aumentos. Veyo tãobem o senhor Rey Dom Pedro, acompanhado de toda a Corte e do seu bispo capelão mor, Dom Luis de Souza, ao depois Arcebispo de Lixboa e Cardeal amplissimo da Santa Igreja Romana. Concorrerão tãobem a este acto pessoas mais graves e authorizadas de todas as religiões. Ordenou-se solenissima procissão, na qual levava a custodia do Santissimo Sacramento o bispo capellão-mor revestido da pontifical e logo atrás do palio da Magestade Divina seguia a humana com toda a sua Corte. Recolhida a procissão na Igreja do Espirito Santo e collocado o Sacramento em hum magestoso trono, cantou a muzica da capella real, as vesporas officadas pelo mesmo bispo capellão-mor, assistindo el Rey the o fim do acto. No dia seguinte fez pontifical o Illustrissimo Bispo de Martiria, Dom Frey Christovão de Almeida, estando prezente o Illustrissimo Arcebispo de Lixboa, Dom Antonio de Mendonça.

<sup>236</sup>146. Posta a Congregação de assento na caza do Espirito Santo, como arvore regada com a torrente dos seus divinos dons, começou a flore[s]cer e fructificar em virtudes e letras com tão felices progressos, como todo o orbe catholico reconhece; gerando filhos insignes em santidade e erudição; huns reformando o povo no exercicio das missoens; outros doutrinando com doutissimos livros, tão fructuosos na lição, como copiozos na multidão dos volumes que enchem as livrarias. E porque fundou Deos esta Congregação para may e mestra de outras muytas do mesmo instituto, a propagou em breve tempo nas fundaçoes de Porto, Braga, Estremos, Vizeu, Freyxo Espada a Cinta, Pernambuco e Goa, todas filhas da mesma florentissima mãy, de quem receberão o espirito, com que vivem a observancia, com que se regulão e o // [p. 246] ser e aumento que tem.

<sup>236</sup> Número riscado.

*Capitulo Vigessimo*

*Excellentes virtudes com que Deos enriqueceo ao Veneravel  
Padre Bartholameu do Quental*

Anno 1698

<sup>237</sup>147. Estabellecido o estado da Congregação do Oratorio de Lixboa com nova clauzura, constituições e regras, ordenadas para a reforma dos congregados e congregantes e proveito universal dos fieis e infieis, as quaes forão confirmadas pelos Summos Pontifices Clemente X e Innocencio XI, todo o disvello do veneravel fundador foy fazer-se regra viva, praticando em si e por si as leys e estatutos, de cuja boa observancia pendia todo o augmento espiritual dos domesticos e extranhos. Dentro e fora da caza era o primeiro e o mais fervorozo congregado. No confissionario, no pulpito, no oratorio incansavel ministro. Contava sincoenta annos de idade quando trasladou a Congregação para a caza do Espirito Santo; mas sempre parecia estar nos trinta pela promptidão, com que se offerencia ao mais pezado trabalho; e nas frequentes missoens, que fazia discorrendo pelas freguezias mais remotas, pregando e confessando com grande lucro das almas e padecendo neste apostolico exercicio muitos descommodos; porque não poucas vezes lhe socedia pernoytar nos alpendres das igrejas, aonde para dar algum descanso ao corpo fatigado, se deitava sobre pedras nuas.

<sup>238</sup>148. Era pequeno theatro o Reyno de Portugal para o agigantado espirito deste apostolico varão; passou a luz de suas virtudes a allumiar a novos mundos; porque não se contentando com o fruto, que por si e por seus congregados fazia em Portugal, assim nas missoens, como nas fundações de varias congregações do seu instituto, que no seu tempo se erigirão dentro do reyno; ajudava e favorecia as que se fundarão fora delle, quaes são a de Pernambuco e esta de Goa, com conselhos e patrocínio, com que zelava tanto no augmento dellas, como se lhe importasse tanto a de Goa, que ficava fora dos seus olhos, como a de Lixboa, em que assistia; fazendo-se igualmente prompto aos presentes em pessoa, aos auzentes por cartas. Nunca negou favor e conselhos aos necessitados. A estimação, que fazião os do // [p. 247]mesticos e extranhos dos seus dictammes era igoal ao conhecimento que tinham da sua virtude. Muytos prelados das religiões e pessoas da primeira distinção do reyno o consultavão em materias de grande pezo e recebão as suas rezoluções como oráculos. Para utilidade publica deo a estampa os dous tomos dos sermões e seis das meditações, que hoje com geral applauzo e aproveitamento das almas andão nas palmas de todos, não só em Portugal; mas the em Roma, aonde as Meditações da Infancia e Paixão de Christo se imprimirão em lingua italiana. Desta sorte a sua vida toda era para Deos e para o proximo, nada para si; orando, pregando,

<sup>237</sup> Dois números riscados.

<sup>238</sup> Número riscado.

confessando e escrevendo para mayor gloria de Deos e utilidade das almas, sem nunca attender à debelidade de suas forças já cançadas, nem ao prejuizo da saude, que era certa consequencia de tão laboriozas e continuas fatigas. Com este modo de vida adquirio tão heroicas virtudes, que parecia anjo em carne, venerado de todos e favorecido de Deos.

<sup>239</sup>149. Começando por sua humildade, como alicesse e fundamento das mais virtudes, foy tão profunda, que nas suas palavras e obras bem mostrava que de nenhuma couza fazia tão pouca conta, como de si mesmo. Chamar-se peccador, servo inutil, indigno da companhia dos mais congregados erão na sua boca palavras não só frequentes; mas serias, na[s]cidas do juizo pratico que tinha da sua vileza e acompanhadas de copiozas lagrimas. He inexplicavel a promptidão e gosto com que fazia os ministerios mais vis da caza, como se fora moço conduzido para o serviço mais vil, varrer os claustros, lavar a louça, servir na cozinha e outras semelhantes funcções erão regalos, em que se deliciava a sua profundissima humildade. E quanto amava o proprio abatimento, tanto aborrecia e fogia tudo que pudesse redundar em applauzo e estimação da sua pessoa. Não só dezistio da igreja parochial, em que estava provido <sup>240</sup><por mais> digno; mas com invicta constancia regeitou o bispado de Lamego que, com importunos rogos lhe offerencia o senhor Rey Dom Pedro 2. Evitava a conversação e familiaridade de pessoas grandes, especialmente das reaes. E quando era obrigado a assistir no Palacio para alguma inexcuzavel funcção, dizia que trocava de boa vontade as honras, que no Palacio lhe fazião com as ignominias de hum infame patibulo. Sabendo, em huma doença, que el Rey // [p. 248] em pessoa o queria vizitar, se confundio muito e se não socegou emquanto por terceira pessoa não dissuadissem a Sua Magestade do seu intento, rendendo-lhe <as> graças por se lembrar tanto de hum vassalo de pouco prestimo e dizendo que cederia em desayre da sua soberania a dignação de tal vizita. Sendo fundador da Congregação e por isso dignissimo de ser prelado perpetuo della, repetio tantas instancias para ser absolto do cargo de prepozito que, quando finalmente lhe nomearão sucessor, prostrado aos pés deste deo evidentes sinaes de grande gozo que teve por se ver livre da honra da prepozitura, que aborrecia e da profunda humildade com que dezejava viver subdito e inferior a todos.

150. Igual foy a sua obediencia, que em tudo parecia filha da sua humildade. Aos estatutos e regras da Congregação obedecia tão exactamente, como se fossem graves preceitos. Aos superiores tão rendido, que do menor aceno da sua vontade fazia tanto cazo, como se fora expressa e formal obediencia. Dizia que se hum cafre fosse prelado da Congregação, lhe obedeceria como ao mesmo Christo. Digna sentença deste santo varão. Ao confessor e padre

<sup>239</sup> Número riscado.

<sup>240</sup> Palavra riscada.

espiritual vivia tão sogeito e rendido, que ainda em mininas<sup>241</sup> [*sic*] circunstanças nunca se desviou das suas direcções e conselhos. Finalmente, quanto aborrecia o mandar, tanto estudava em obedecer.

151<sup>242</sup>. Mas que direy da sua pobreza? Tanto que fundou a Congregação, lhe fez doação de tudo que possuía, sem reservar para si couza que pudesse chamar propria. Nunca deo no seu coração lugar ao affecto dos bens caducos; antes era tão admiravel o seu desapego, que nem para si, nem para a sua Congregação procurou jamais aumentos temporaes; e não poucas vezes regeitou grandes sommas, que de muito boa vontade lhe offerecião os seus devotos, escolhendo antes viver pobre com Christo, do que rico com o mundo. Dizia com o apostolo, que o patrimonio mais rendozo dos pobres de Christo, hé deixar tudo por Christo; porque desta sorte não tendo nada, vem a possuir tudo. Estando enfermo de morte hum noviço congregado pedio ao veneravel fundador, ordenasse seo testamento e ao seu arbitrio dispuzesse de muitos mil cruzados que possuía, dando por este modo lugar para elle socorrer com larga mão a indigencia // [p. 249] da Congregação. Porem, elle obrou tanto pelo contrario, que ordenando muitas obras pias, só a sua Congregação não deixou legado algum. Ainda resplandeceo mais o seu desapego quando el Rey Dom Pedro, compadecendo-se das necessidades que os congregados padecião, lhe enviou huma esmola, digna da sua liberalidade real. O servo de Deos agradeceu quanto devia a Sua Magestade tão pia e generosa attenção; mas não aceitou o donativo, enviando-lhe dizer que primeiro devia satisfazer aos empenhos e encargos da sua fazenda, que são dividas da justiça. E ao depois repartir as esmolos, que são obras da caridade. Igual motivo de edificação e admiração deu ao mundo, quando foy chamado para assistir a Matheus Quaresma na sua ultima enfermidade. Queria este instituir à Congregação do Oratorio de Lixboa por universal herdeira dos seus bens, sem attender às suas irmãs. Mas o Veneravel Padre se oppoz tanto a esta sua dispozição, que não admittindo razão alguma das muitas que allegava o testador, o fez ceder e mudar da primeira vontade e deixar todos os bens às suas irmãs. Assim amava a santa pobreza, que então estava mais contente, quando padecia alguma falta no preciso e necessario; e aquella interior generosidade do coração, que sempre desprezou a pompa, o fausto, a abundancia em que o mundo poem a sua felicidade, se estava vendo no seu vestido, não só porque era de panno mais pobre e groço; mas tãobem o mais roto, de sorte que não havia alfayate tão destro, que o pudesse remendar nas frequentes roturas, que lhe socedião; porque tão cheo estava de remendos, que parecia composto de muitos pedacinhos.

<sup>243</sup>152. A sua castidade foy angelica, porque conservou intacta e illeza a flor da virgindade. Desde pequena idade começou a fazer tanto apreço desta

<sup>241</sup> Entenda-se: «minimas».

<sup>242</sup> Número riscado.

<sup>243</sup> Número riscado.

virtude, mais divina que humana, que fogia não só da communicação das mulheres, mas tãobem do corsorcio<sup>244</sup> (*sic*) dos moços de costumes pouco honestos. Sendo sacerdote se portava no confissionario das mulheres com tanta cautela, que não <fallava> mais que o preciso para aquelle acto, com olhos modestamente fechados e com palavras mais asperas, que brandas. Dizia aos congregados que a virtude da castidade se deve estimar e goardar como as meninas dos olhos. E porque ordi // [pl. 250]nariamente o regalo do corpo facilita as quebras delle; desd[e] a mocidade começou a macerar e afligir o seu corpo com cilicio, disciplina, vigílias e jejuns. O seu comer sempre grosseiro e parco, como quem comia, não por appetite, senão por necessidade. A sua bebida mais era para o reparo do estomago, do que para o deleyte do gosto. Desta sorte fazia à sua carne continua e cruel guerra; e por isso a trouxe sempre sojugada e bem domada com o rigoroso freo de continuas mortificaçoens. E, vivendo tão puro na carne como no espirito, mereceu aquelle excellent dom, com que enriqueceo Deos a São Filippe Neri nosso padre, de communicar a outros a sua pureza. Porque certa pessoa que padecia tentações contra a continencia, tão molestozas e graves que se considerava quasi sem alentos para rezisti-las, nesta sua afflicção, socedendo encontrar-se com este servo de Deos, logo que lhe beijou a mão, ficou de todo livre dos pensamentos immundos.

<sup>245</sup>153. Da sua prudencia temos illustres testemunhos nas constituiçãoens e regras que estabelleceo para o regimen da sua Congregação, resumindo nellas com rigor suave o mais apurado da perfeição evangelica e ensinando hum modo de vida tão perfeito, que os fervorozos não tivessem mais que dezejar; e tão suave, que aos tibios não ficasse desculpa que allegar. Os seus prudentissimos conselhos sempre forão cheos da piedade e conformes ao nivel da recta razão; e por isso tão acertados, que se recebião como oraculos. No governo da Congregação soube unir as inteirezas de prelado recto com as ternuras de pay amorozo, examinando e procurando tudo que respeitava ao mayor aumento espiritual dos seus subditos; dissimulando no que devia condescender, attenta a fragilidade humana e a dispozição dos sogeitos; corregindo e emmendando tudo que podia ser principio da relaxação; e tratando a todos com tanta igualdade, como se cada hum lhe levasse todos os cuidados. De donde rezultou aquella geral promptidão e rendimento, com que obedecião às suas dispoziçoens e vivião debaixo do seu imperio contentes tão sem menor repugnancia, como se os preceitos deste superior fossem regulados pelo livre arbitrio dos seus subditos. // [p. 251]

<sup>246</sup>154. No coro destas e de outras excellentes virtudes, com que enriqueceo Deos a este seu servo, presidia a caridade, como rainha, regendo e animando a todas, para que cada huma resplandecesse no devido auge da

<sup>244</sup> Entenda-se: «consórcio».

<sup>245</sup> Número riscado.

<sup>246</sup> Número riscado.

sua perfeição. Era a sua caridade tão fervorosa para com Deos, qual necessariamente havia de ser de hum coração que continuamente voava de terra para o ceo, a maneira da ardente chama que sempre se eleva para o alto. Como com o total desapego das creaturas estava o seu coração arrancado do mundo e desarraigado da sua propria carne; e o continuo sopro da oração já permanente, já transeunte fomentava o fogo do divino amor; chegou a cre[s]cer tanto a sua chama, que as suas elevações occasionavão frequentes alienações dos sentidos. E os seus ardores não só o abrazavão por dentro; mas tãobem se communicavão por fora aos que chegavão ao seu peito. Entre outros experimentou este effeito Mathias Pereyra, o qual em hum abraço que lhe deu o Veneravel Padre, sentio tanta compuncção e dor de suas culpas, que parecia derreter-se-lhe o coração em lagrimas. Daqui na[s]ceo a cordialissimo<sup>247</sup> [*sic*] devoção com que venerava a Deos Sacramentado; porque alem de fervorosos exercicios, com que se aparelhava quotidianamente para celebrar o santo sacrificio da missa, excedem a todo o encarecimento os excessos da sua piedade na festa annual que instituiu na Congregação do augustissimo sacramento, a qual celebrava com todo o asseo, ostentação e pompa; e para se perpetuar esta celebridade depois da sua morte com a mesma grandeza, instituiu hum patrimonio, cujas rendas fossem sufficientes para o seu dispendio.

<sup>248</sup>155. Da Santissima Virgem Maria, bendita entre as mulheres, cujo purissimo ventre nos deu tão doce fruto da vida eterna, foy tão fiel e zeloso servo, que fez em seu culto e veneração muitos e devotissimos obsequios, ja em fervorosas meditações que compoz para lançar nos corações de todos o fogo que ardia no seu, da sua devoção; ja tomando-a por patrona e protectora da sua Congregação; ja obrigando com solene juramento a si e a todos os congregados, para defender a pureza da sua Immaculada Conceição; ja tributando-lhe quotidiana penção do seu Rozario e Ladainhas. E estes fervores fomentava a mesma Santissima Mãe do amor fermoço, prompta e fiel em amar aos que a amão, acodindo ao seu servo nas // [p. 252] suas necessidades, impetrando-lhe despachos do tribunal divino, apparecendo-lhe e regalando-o com a sua amabilissima presença. Entre os santos da sua particular devoção tinha primeiro lugar o nosso patriarca São Filippe Neri, a quem amava como filho a pay; e elle como pay se mostrava interessado nos aumentos de tão bom filho; não só lhe apparecia o santo, quando celebrava no altar; athe em huma perigoza enfermidade lhe alcançou de Deos saude milagroza.

<sup>249</sup>156. De tão ardente fogo de amor divino, nasceo a chamada caridade e misericordia dos proximos, em cujo beneficio fazia grandes extremos; tanto para lhes acodir nas necessidades espirituas, como corporaes. Assistia aos

<sup>247</sup> Entenda-se: «cordialíssima».

<sup>248</sup> Número riscado.

<sup>249</sup> Número riscado.

moribundos, soffrendo muitos descommodos. Missionava incansavelmente por reduzir os peccadores a penitencia e instruir aos ignorantes na doutrina christam necessaria para a sua salvação. Vizitava aos prezos e os consolava com avizos saudaveis. No hospital dos incuraveis varria o chão, concertava as camas e exhortava aos doentes para o arrependimento e emmenda da vida, e a todos soccorria com larga mão. Aos forçados das galés buscava nos domingos e dias santos, fazia-lhes praticas espirituas e lhes repartia esmolos. E alcançou que todos os annos pudessem na Quarta-Feira da Semana Santa vir a Igreja do Espirito Santo, para receberem os sacramentos; e depois da refeição da alma, lhes dava hum jantar abundante, o que the o presente se observa na Congregação de Lixboa. A muitas pessoas pobres, que por vergonha não podião mendigar assistia, não só com mezadas sufficientes para o alimento; mas tãobem com vestidos competentes à sua qualidade. As mulheres costumadas a ganhar com o seu corpo; e as que trazião no ventre testemunho da sua deshonestidade dava dinheiro, ajuda e favor, com que postas em lugar seguro emmendassem os erros passados.

*Capitulo Vigessimo Primeiro*

*Dons gratuitos, morte precioza e successos milagrozos com que Deos illustrou a santidade do Veneravel Bartholameu do Quental // [p. 253]*

Anno 1698

<sup>250</sup>157. As virtudes se seguem os dons gratuitos, com que Deos illustra, como com o esmalte o ouro, a santidade dos seus fieis servos. Dos que communicou ao Veneravel Quental foy o primeiro o da discrição dos espiritos, como tão necessario a hum sogetto escolhido por mesmo Deos para mestre e director espiritual de muitas almas que guiou pelo caminho da virtude. Com este excellent dom discernia não só o bom espirito do mau; mas tãobem penetrava os genios e inclinações e por ellas julgava o estado e a occupação, em que cada hum podia servir melhor a Deos. Desta sorte em breves razões, que fallou com huma mulher havida por virtuosa e extatica, conheceo que tudo nella erão hypocreziás; como mostrou a experiencia, sendo a hypocrita penitenciada pelo Tribunal da Santa Inquizição, por inventora de revelações falsas. A outros muitos dissuadio a deixarem varias emprezas que intentavão, do serviço de Deos e lhes assinalou outras, como mais accomodadas ao seu espirito, em as quaes procederão muito louvaveis e exemplares. Baste, por exemplo, hum só Bras de Abreu homem pio, o qual com dezeses vivos de vizitar os lugares sagrados de Jeruzalem, preparado tudo que lhe era necessario para tão longa peregrinação, foy finalmente despedir-se de nosso Veneravel Padre, para com a sua benção começar a viagem. Mas elle não lhe approvou a rezolução, sem embargo de ser tão santa; e porque Brás de Abreu pela mesma razão da piedade da cauza, mostrava muita repugnancia

<sup>250</sup> Número riscado.

em ceder della, lhe declarou o padre que não era aquella a vontade de Deos; porque o tinha destinado para outro emprego, mais conforme ao seu espirito. Obedeceo Bráz de Abreu a voz de Deos, manifestada por boca do seu servo. E sem passar muito tempo foy nomeado por administrador do Hospital Real de Todos os Santos, em cujo ministerio procedeo tão fervorozo nas obras da caridade que exercitava com os enfermos, que chegou a alto grao da perfeição e sendo as suas virtudes exemplares e conhecidas, mereceo na morte aclamaçoens de santo, concorrendo muitos para vizitar e venerar o seu cadaver e estimando os seus cabellos e vestidos como preciosas reliquias. // [p. 254]

<sup>251</sup>158. O segundo dom que communicou Deos ao Veneravel Padre Quental, foy o da profecia, com que predisse muitas couzas que se experimentarão inteiramente cumpridas. Manoel Martins, hindo com hum filho seu chamado Antonio, de sete annos de idade, a prezença do servo de Deos e dizendo-lhe que o tinha destinado para ser congregado. Respondeo o padre «este sera frade carmelita[»]; e assim socedeu. A João Jozeph de Noronha, estando de partida para Roma, aonda hia procurar dispensação para se cazar com huma parenta consanguinea, disse que chegado a Roma entraria na Ordem do Carmo e feito religioso voltaria para Lixboa, depois do seu fallecimento; tudo se cumprio fielmente. Sendo chamado para assistir na morte a Antonia Gomes, sua confessada, que estava gravemente enferma e desenganada dos medicos; disse à sua filha Engracia que estivesse de bom animo; porque não havia de morrer daquella vez a sua mãy, que ainda tinha dous annos de vida. Mas no fim dos dous annos adoecendo Antonia e sendo o nosso padre rogado por mesma Engracia, para que impetrasse de Deus saude a sua may, lhe respondeo que se resignasse na divina vontade, dando de entender que era chegado o ultimo prazo como, com effeito, falleceo daquella enfermidade.

<sup>252</sup>159. E não só conhecia os futuros; mas tãobem penetrava os segredos mais intimos do coração humano, como experimentou duas vezes o Padre Manoel Bernardes da mesma Congregação de Lixboa, varão insigne em letras e virtudes, cujos publicos testemunhos temos em quinze volumes, que escreveo e andão impressos, cheos de rara erudição e muita piedade. Estando em huma occasião este padre na hora da quieta e recreação sentado a ilharga do Veneravel Quental; e dezejando saber para gloria de Deos, se tinha elle o dom de conhecer os pensamentos secretos; começou no intimo do seu coração pedir ao Veneravel Padre, lhe declarasse, se devia mudar do lugar ou ficar no mesmo, em que se achava? Apenas revolvía isto o Padre Bernardes na sua mente, quando o Veneravel Padre, como se percebesse com os ouvidos aquella locução interna, uzando // [p. 255] de huma parabola

<sup>251</sup> Número riscado.

<sup>252</sup> Número riscado.

coherente a occazião, no fim della pegou no braço do Padre Bernardes e lhe falou assim: Que quer Vossa Reverencia que lhe responda? Como superior digo que escolha o lugar, que lhe parecer; mas como amigo, quero que fique aonde está. Costumava o mesmo Padre Bernardes rezar as horas canonicas a tempo em que os congregados são pelo estatuto obrigados a estar no locutorio, depois do jantar, para fallarem de Deos. Mas conhecendo ao depois na oração mental o defeito que cometia contra a santa regra em não assistir na parla com os mais padres, se rezolveo a total emmenda, a qual querendo pôr em execução no dia seguinte; logo que chegou a parla, considerava como o Veneravel Padre, que então era prelado, lhe dissimulava com paciencia o seu defeito, que não podia deixar de conhecer? Neste tempo o servo de Deos chamando a parte ao Padre Bernardes, lhe disse que o não advirtira the então daquella transgressão da regra; porque não tinha boa disposição para receber a correccão; mas estimava muito que na oração lhe desse Deos luz para conhecer essa falta e emmendar-se della.

<sup>253</sup>160. Finalmente, quando a sua ditoza alma estava chea de virtudes e merecimentos e ornada com tão excellentes graças; o corpo cansado de annos e de continuos trabalhos, cahio em grave enfermidade, a qual conhecendo ser ultima, consolava aos congregados, que amava como filhos; para que não sentissem a sua falta; mas se conformassem com a divina vontade e procurassem sempre a gloria de Deos, a salvação das almas e a boa observancia dos estatutos, em que consistia todo o aumento da Congregação. Cref[s]cendo a doença com indicios de mortal, deixou todos os cuidados da terra e se applicou só a cuidar no ceo, entregando-se inteiramente nas mãos de Deos. Recebeo os ultimos sacramentos com grande aparelho e summa devoção. Frequentemente fazia os actos da fé, esperança e caridade com tanto fervor, qual se deve julgar de varão tão perfeito e em tal occasião. Ultimamente proferindo aquellas palavras: *in te domine speravi. Non confundar in aeternum*,<sup>254</sup> sahio o seu espirito livre das prizoens da carne e descançou em a paz e osculo do Senhor, às sete horas // [p. 256] da tarde de hum sabbado, aos vinte<sup>255</sup> de Dezembro de mil seiscentos noventa e oyto, sendo de idade de setenta e dous annos, e quatro mezes.

<sup>256</sup>161. Da gloria da sua bendita alma mostrou Deos evidentes sinaes. Huma hora antes de espirar appareceo sobre o tecto do seu cubiculo huma estrella de tão admiravel resplendor, que a luz e a claridade dos rayos que lançava, enchia as ruas vezinhas e durou emquanto depois do feliz tranzito se dobrassem os sinos. O corpo não parecia cadaver; porque o rosto estava tão alegre e magestozo, que se não atreverão a despi-lo para o lavarem. Os membros, ficando por enterrar dous dias, erão tão flexiveis, que parecião

<sup>253</sup> Número riscado.

<sup>254</sup> «Em ti, Senhor, eu confiei. Que não seja confundido na eternidade».

<sup>255</sup> Riscado: «e hum».

<sup>256</sup> Número riscado.

de homem vivo; mas com huma notavel differença, que esta flexibilidade que achavão os domesticos, cessava com alguns extranhos, os quaes experimentarão os seus membros duros e encolhidos; talvez porque chegarão só por curiosidade de ver o milagre e com com[s]ciencia maculada com o peccado.

<sup>257</sup>162. Di[v]ulgada a noticia do seu fallecimento concorreo innumeravel gente de toda a sorte, para vizitarem o venerando corpo, todos acclamando-o por santo, pertendendo as suas reliquias, beijando-lhe os pés, tocando-lhe os rozaños e fazendo outras catholicas demo[n]straçoens dignas da piedade portugueza e bem merecidas de varão de tão conhecida santidade. Honrarão as suas exequias ambas as Magestades dos senhores Dom Pedro 2.º e Dona Maria Sofia, Reys de Portugal, devotissimos de tão benemerito e virtuozo vassallo. Foy sepultado o corpo com viva cal para mayor realçe da sua milagroza incorrupção, com que se achou depois de oito annos de enterrado, tão inteiro e perfeito, que lhe não faltava hum só cabello; graça que commummente se attribue a inteireza virginal, com que o conservou em vida.

<sup>258</sup>163. Mas ainda que falleceo da vida prezente este grande servo de Deos; ficou, porem, a sua memoria eterna e a opinião da sua santidade sempre viva assim na lembrança dos que o conhecerão, como dos que ouvirão as suas noticias; donde nasceo e cre[s]çeo a // [p. 257] grande e geral devoção com que implorão o seu patrocínio para com Deos; e mostra o Senhor com muitos prodigios, quanto pode na sua divina prezença a intercessão deste seu fiel servo. Razão porque a sua sepultura he vizitada com muita veneração dos fieis; e os seos retratos que se estamparão muytos em papel, são estimados e venerados, não só em Portugal; mas tãobem em muitas partes do orbe catholico. Nesta Congregação de Goa conservamos hum quadro da sua vera effigie; e huns oculos de que uzou em sua vida, tudo por donativo da illustrissima Congregação de Lixboa, a qual na partição dos bens de tão santo pay, deu a esta filha herança tão rica.

<sup>259</sup>164. Segue-se agora referir alguns dos muitos milagres deste grande servo de Deos. Seja o primeiro o que experimentou huma mulher chamada Thereza de Jesus Maria, a qual em huma enfermidade mortal, desenganada dos medicos e preparada com os sacramentos, tendo junto de si huma effigie da cabeça do Veneravel Quental, feita da massa de barro branco, começou encommendar-se a elle de todo o coração. Neste tempo o venerando simulacro, como se fora corpo animado, lançou grande copia de suor, com que banhada a moribunda, ficou logo livre de todo o perigo e do gravissimo mal que a opprimia. Angela Maria de Souza padecia dous dias dores de parto e não accabava de parir. Cre[s]cendo cada vez a molestia, parecia estar proxima a morte. Forão chamados dous padres da Congregação de Lixboa,

<sup>257</sup> Número riscado.

<sup>258</sup> Número riscado.

<sup>259</sup> Número riscado.

para a ajudarem naquelle ultimo trançe. Chegarão estes a tempo que a enferma não dava acordo algum, de sorte que foy absolta dos peccados *sub conditione*.<sup>260</sup> Hum dos padres vendo a afflicção do marido, lhe advertio que fosse a Congregação buscar alguma reliquia do Veneravel Padre Quental; voltou logo com ella; e tanto que se tocou a santa reliquia ao corpo da moribunda, lançou logo a criatura viva e sam; mas como ella ficava ainda no mesmo estado do perigo, sem dar acordo de si; o marido cheo de muita confiança em Deos e nos mercimentos do seu servo, lhe tornou a applicar da segunda vez a mesma reliquia, com que a moribunda abriu logo os olhos e ficou sam e livre de toda a molestia. São tão // [p. 258] frequentes semelhantes successos, que commummente logra o nosso Veneravel Padre acclamações de advogado das mulheres do parto.

<sup>261</sup>165. O Illustrissimo Dom Diogo da Annunciação, Arcebispo de Cranganor, erão<sup>262</sup> (*sic*) tão devoto de nosso Veneravel Padre depois da sua morte, como o foy em sua vida. Costumava vizitar a sua sepultura huma vez na semana, sem embargo de padecer gotta tão molestoza, que não podia dar passo sem o arrimo do bordão. Hum dia, que orava junto da campa da mesma sepultura, encommendendo-se com mais fervor ao servo de Deos, se sentio repentinamente são e livre da sua continua molestia, de sorte que tendo entrado na igreja quazi arrastro, começou a andar com toda a experteza, sem uzar mais do arrimo do bordão e sem sentir aquellas diuturnas dores, que antes padecia ao andar por cauza da gotta. Em testemunho de tão maravilhoza saude andou em prezença dos padres da Congregação, sobindo e descendo as escadas sem menor arrimo. Igoalmente valeo o servo de Deos a huma pobre mulher que tinha hum braço lezo e padecia nelle cruelissimas dores, não valendo para menor alivio dellas muitos remedios que applicarão os medicos. Mas sendo avizada pelo seu confessor, que reccorresse ao nosso Veneravel Padre, vizitando a sua sepultura; a primeira vez que intentou chegar a ella, não poude pela multidão do concurso da gente. Triste e desconsolada queria sahir da igreja, com rezolução de voltar noutra dia. Mas a piedade do servo de Deos não soffreo demoras em beneficiar a quem com tanta fé buscava a sua protecção. Logo no mesmo dia e antes de sahir da igreja a deixou livre das crueis dores que a molestavão, por discurso de sinco mezes.

<sup>263</sup>166. Padre Francisco da Costa, sacerdote secular, padecia de cabeça thé o pescoço chagas horrendas, que lançavão materias corruptas e no juizo dos medicos e cirurgioens erão insanaveis, por não obedecerem a varios remedios que lhe applicarão. Cheo de inconsolavel afflicção, estando dormindo, vio em sonhos ao nosso Veneravel Padre, neste tempo ja defunto; e concebeo grande esperança de que por sua intercessão alcançaria de Deos a melhora,

<sup>260</sup> «sob condição»

<sup>261</sup> Número riscado.

<sup>262</sup> Entenda-se: «era».

<sup>263</sup> Número riscado.

que // [p. 259] não achava na arte humana. Logo que acordou do sono, procurou por huma reliquia do seu vestido, que goardava com devoção. E tanto que a poz na cabeça chagada, no mesmo tempo cessou o fluxo das hediondas materias, secarão-se as chagas e recuperou perfeita saude. Não menos pro-tentoza foy a Theotonio da Rocha huma manta, de que uzava o nosso Veneravel Padre. Achava-se elle feito de pé the a cabeça huma chaga viva, cheo de dores em todos os membros e muito mais em huma perna, que o molestava mais que tudo. Dezenegado de remedios humanos, recorreo aos divinos, tomando por seu medianeiro ao Veneravel Quental com aquella esperança que davão os seus repetidos prodigios de ser bem despachado por Deos, por merecimentos deste seu servo. E foy tão maravilhoso o effeito que experimentou que, cubrindo-se huma só vez com essa manta, no mesmo tempo vio as chagas secas e se achou totalmente são de tão dolorosa enfermidade.

<sup>264</sup>167. Julia Maria foy rogada por huma parenta sua, que estava enferma, para que lhe desse feito o pão que necessitava para a família na festa do Natal. Parecia a ella que não havia tempo bastante para se preparar a massa e cozer o pão, que servisse para a festa; confiada, porem, na protecção de nosso Veneravel Quental, de quem era devota e conservava por sua reliquia huma correa tocada ao seu corpo; com a qual alguns enfermos recuperarão a saude; amassou a farinha e poz nella essa reliquia. Com esta diligencia cobrio o alguidar ou a gamela, em que ficava a farinha amassada; e passado hum quarto de hora com grande confiança no seu protector foy Julia ver a massa. Rião-se os circunstantes e zombavão da simplicidade da mulher, que se persuadia que em tão breve tempo estivesse levedada a massa, que se não podia formentar sem muitas horas, principalmente em tempo invernozo e frio. Mas ella, chea da confiança em Deos e no seu servo, descobrio a tampa do alguidar, o qual com pasmo e admiração dos presentes tresbordava com a massa não só perfeitamente formentada, mas tãobem excessiva e milagrosamente cre[s]ci // [p. 260]da. E não parou aqui o prodigio; porque o pão, que deo a massa, não só foy em muito mayor quantidade do que podia rezultar daquella farinha; mas tãobem foy o mais alvo e estimado por milagrozo.

<sup>265</sup>168. Outros muitos prodigios se autenticarão deste poderoso valador para com Deos e prompto benfeitor de todos que buscão o seu amparo e protecção; mostrando o ceo em innumeraveis successos a santidade de tão insigne heroe; com que se acha cre[s]cida e propagada a sua devoção nos animos dos fieis que, com grande <fé>, o buscão nas suas necessidades, doenças, partos perigozos e outras deste genero, experimentando sempre maravilhosos effeitos, os quaes sendo examinados e approvados por Santa Madre Igreja Romana, em cujo tribunal se achão os processos da sua vida, virtudes e milagres em ordem a sua beatificação, esperamos ver cedo collo-

<sup>264</sup> Número riscado.

<sup>265</sup> Número riscado.

cada no candelabro da caza de Deos, que hé o altar da sua igreja, a imagem de tão luminoso tocha; para que assim como em vida mortal allumiou a tantos com a doutrina, assim gloriozo na vida eterna illustre à mesma igreja com o resplendor de suas virtudes e mova e provoque aos fieis com o seu exemplo para aspirarem àquella perfeição christam, de que em palavras, obras e escritos deixou illustrissimos testemunhos. Escreverão de nosso Veneravel Padre varios authores. O Padre João Marciano da Congregaçãõ do Oratorio de <sup>266</sup><Napoles> tomo quinto da sua *Historia Geral das Congregações do Oratorio*, escrita em idioma italiano. O Padre Antonio Cordeyro da Companhia de Jesus na sua *Historia Insulana* escrita em portuguez. Jozeph Catalano no epitome da sua vida escrito em latim e impresso em Roma, anno 1734, à custa do Padre Antonio de Atayde, da Congregaçãõ de Lixboa e seu procurador geral na Curia. //

<sup>266</sup> Riscado: «Veneza».

**LIVRO TERCEIRO DA CHRONOLOGIA  
DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA**

[p. 261]

*Summario do que nelle se contem*

*Missão do Padre Jozeph Vaz the Columbo, aonde converte a mais de mil gentios e escapa milagrozamente das mãos dos hereges. Castigo do ceo no dissava de Safragão pelo desacato que fez a huma Ermida de Santo Antonio. Exterminão os<sup>1</sup> contrarios ao Padre Jozeph Carvalho e demolem a igreja de Candia. Recolhe-se à Corte o Veneravel Padre e edifica nova igreja e hospital. Noticias dos Padres João de Moura e Henrique de Almeida. Fabrica o Padre Jozeph de Menezes nova igreja em Potulão. Missiona em // [p. 262] Columbo e converte a mais de quatro mil e quinhentas pessoas. Continua o Padre Pedro Ferrão no ministerio da pregação com frequentes prodigios e novas conversoens. E estando na mesma missão toma o anno da provação para ser congregado. Varios successos na Congregação e missão. Virtuozza vida e precioza morte do Padre Jozeph Carvalho. Noticias do Padre Diogo João e do virtuozzo Irmão Manoel da Cruz. Missões fructuozas dos congregados em Goa. Toma Sua Magestade a Congregação debaixo da sua protecção real. Viagem do Padre Pedro de Saldanha para Ceylão. Fruto das missões dos Padres Jozés Vaz e Menezes e Pedro Ferrão. Missão de quatro congregados enviados de Goa para Ceylão. Grandes conversões novas na mesma ilha. Perseguição iniciada contra a christan[da]de no reyno de Candia.<sup>2</sup> Noticias do Padre Miguel de Mello fallecido em Cottiar.<sup>3</sup> Copiozo fruto dos apostolicos trabalhos dos missionarios velhos e novos.<sup>4</sup> Publica confissão da fe catholica romana em Columbo e Nigumbo por persuazão do Padre Manoel de Miranda. Perseguição dos hereges. Constancia com que a sofrerão os fieis de Christo. Castigo que tiverão os principaes perseguidores. Continuão-se as conversões na missão. Fallece na Congregação o Padre Francisco Suares.<sup>5</sup> // [p. 263]*

<sup>1</sup> Riscado: «padres»

<sup>2</sup> Cerca de uma linha riscada.

<sup>3</sup> Ou Kottiyar, a 8° 33' lat. E. 81° 14' long. E., povoação portuária situada no Sul da baía de Trincomalee, no Nordeste da ilha.

<sup>4</sup> Segue-se cerca de meia linha riscada.

<sup>5</sup> Riscado: «Festa que a Congregação celebrou em acção de graças [pela sua?] confirmação. Noticias do Padre João da Goarda que a impetrou em Roma. Bula apostolica de confirmação.

*Capitulo Primeiro*

*Missão do Padre Jozeph Vaz the Columbo, aonde converte mais de mil gentios e escapa milagrosamente das mãos dos hereges. Castigo do ceo no dissava de Safragão pelo desacato, que fez a huma Ermida de Santo António Anno 1699*

<sup>6</sup>1. Estabellecida em Goa a Congregação, que desd[e] o seu berço tomou por sua conta a missão de Ceylão, entramos neste terceiro livro a referir os progressos da filha, para se conhecerem os aumentos da mãy. A ambas veremos daqui por diante cada anno mais cre[s]cidas; mas sempre regadas com as tribulações e combatidas de tempestades, que o demonio costuma levantar contra as obras do divino agrado. Apenas hia cessando no reyno de Candia a peste de beixigas, em que a caridade do Padre Jozeph Vaz obrou os admiraveis extremos que ficão relatados. Quando depois daquella molestoza fadiga, continuada por mais de hum anno, era devido ao corpo algum descanso; empredeu elle novas proezas, que se não podião conseguir sem novos trabalhos. Deixando, pois, ao Padre Jozeph Carvalho na igreja de Candia para cuidar dos enfermos, que ainda havia bastantes, desceo o Padre Jozeph Vaz dos Gattes abaixo para missionar na marinha da ilha. Correo de caminho por varios lugares dos christãos, para lhes administrar os sacramentos; sogeitando-se por isso a muitos descommodos. Erão as suas missoens tão fervorozas, que não perdia nellas hora, sem a empregar em utilidade das almas, das quaes era destrissimo caçador. Com igual disvelo buscava a muitas, como a huma só; socedendo não poucas vezes andar muitos dias de caminho em demanda de hum só alma; especialmente das que habitavão no certão, aonde não são muitos os lugares populozos; antes aonde os campos da cultura são pequenos, como he geralmentes [sic] nas aldeas mais embrenhadas, não há em cada hum mais de tres ou quatro vizinhos e em alguma hum só. Semelhantes paragens são as mais trabalhozas para os missionarios tanto pelo perigo de andar pelos mattos cheos de feras; como pela mizeria do sitio, em que apenas se acha hum bocado // [p. 264] de arros limpo para o sustento.

<sup>7</sup>2. Mas estes trabalhos erão delicias do Padre Jozeph Vaz, que por isso os foy buscar muito depressa. E tendo andado largo tempo em busca dos camponeses, que vivião no meyo dos bosques, encaminhou finalmente

---

ção e provisão nova da protecção real. Indulgencias e privilegios concedidos [por?] sé apostolica aos congregados. Faculdades concedidas aos missionarios de Ceylão. Outras faculdades e graças concedidas aos congregados em utilidade dos proximos. Nova missão de dous congregados de Goa para Ceylão. Continua-se o aumento daquella christandade entre continuas perseguições dos hereges. Merce que a real grandeza de Dom João V nosso senhor fez à Congregação do Convento do Carmo, que estava dezerto. Prodigiosos successos da missão de Ceylão no mayor fervor da perseguição».

<sup>6</sup> Número riscado.

<sup>7</sup> Número riscado.

a sua derrota para a Cidade de Columbo, por ser designação do Padre Jozeph de Menezes, que ficava convalescendo da perigozissima enfermidade contrahida com o trabalho que tomou na assistencia que fazia aos apestados de Potulão. Não entrou, porem, o Padre Jozeph Vaz dentro daquella cidade com a noticia da grande vigilancia dos hereges, com cujo temor os catholicos se não atrevião a recebe-lo em suas cazas. Deixou-se ficar em Gurubel, lugar pouco apartado, mas de muito concurso da gente e do dominio dos mesmos Holandezes. Deteve-se nelle só treze dias e missionou com tão feliz successo, que no espaço de tão breve tempo converteu e bautizou a mais de mil gentios de nação chingalás pela mayor parte, que hé a gente nobre da terra; e ainda seria mayor o numero dos conversos, se o governador de Columbo não embaraçasse o progresso daquella missão; porque tendo noticia da estada do padre em Gurubel, despachou hum manga da gente armada para o prenderem.

<sup>8</sup>3. Derão os soldados de entrepreza na caza em que ficava, buscarão todos os apozentos della e estando o padre presente o não poderão ver, nem descobrir de sorte que se forão embora com o desengano de que não estava naquella caza, que era pequena, sem haver lugar em que se pudesse esconder. A vista do que o Padre Jozeph Váz, que nada era amigo de milagres, para não tentar a Deos, expondo-se a novo perigo, de que sem novo milagre não poderia escapár, retirou-se para mais longe, rezervando para segundo lanço a grande pesca das almas que achava dispostas em Gurubel. Nesta retirada foy sacramentando a alguns christãos que vivião dispersos em varias distancias. Parou em Sitavaca, lugar do dominio d[e] el Rey de Candia e em acção de graças pelo haver Deos livrado das mãos dos Holandezes, vizitou quatro ermidas fabricadas na missão passada, administrou os sacramentos aos catholicos e bautizou a alguns gentios, que com a sua pregação reduziu ao conhecimento do verdadeiro Deos. // [p. 265]

<sup>9</sup>4. Estando neste exercicio lhe derão noticia do Padre Jozeph Carvalho que, por ordem do Rey, era exterminado da Corte de Candia. Successo que magoou o seu coração mais que todas as adversidades passadas e o obrigou a voltar logo para a Corte. Mas andando a sua jornada, o consolou Deos com a noticia de outro cazo, em que mostrava a grande providencia e amor com que amparava a christandade de Ceylão. Em huma aldea chamada Cadagama, da jur[is]dição de Safragão, dominio do mesmo Rey, tinhão os christãos edificado hum ermida dedicada a Santo Antonio, em a qual nos domingos e dias santos se juntavão para ouvir missa, quando chegava o missionario e tãobem em auzencia delle para fazer o catecismo, rezar o rosario e outras devoções segundo o costume geral de toda aquella missão. No lugar em que fabricarão esta ermida houve em tempos antigos celleiros d[e] el Rey, dos quaes

<sup>8</sup> Número riscado.

<sup>9</sup> Número riscado.

ao presente nem vestígios ficavam. O dissava de Safragão quiz no mesmo sitio da ermida edificar novos celleiros e notificou aos christãos que demolissem aquelle templo e recolhessem as imagens, que nelle havia; ao qual mandado não obedecerão logo, antes procuravão que o dissava moderasse a sua resolução. Entretanto foy o dissava deposto do cargo e correo hum rumor que Deos dos christãos havia inspirado no Rey, para o privar daquelle governo em castigo do desacato que intentou contra a sua igreja. Com esta fama ficou o homem mais enfurecido e por levar avante o seu mau intento, soube com dadivas e intercessões ser restetuido ao mesmo titulo. Tanto que se vio com a vara na mão, foy logo a ermida e no alpendre della armou o seu sitio, deu audiencia às partes, jantou no mesmo lugar, mandou preparar materiaes para a fabrica de novos celeiros e conduziu trabalhadores para arrazarem a ermida. Vendo os christãos esta resolução, com lagrimas e prantos tirarão as imagens sagradas, antes que fossem injuriadas por aquelle barbaro.

<sup>105</sup>. Mas Deos que, assim como sabe dissimular as suas offensas, assim também as sabe punir a tempo competente, não deixou passar vinte e quatro horas que não mandasse sobre o dissava hum // [p. 266] rigoroso castigo; porque tanto que elle se recolheu a sua caza, ficou entrevado de pés e mãos sem poder fazer movimento algum. Applicarão-se-lhe medicamentos, quantos havia na arte dos seus medicos, mandou fazer muitos sacrificios e superstições da sua seita gentilica; mas cada vez hia para peyor. Ultimamente abriu os olhos ao rigor do açoute e conheceu que aquelle tolhimento dos membros não era effeito natural dos seus humores, senão castigo enviado do ceo em pena da sua culpa; e que só o podia sarar quem com tão pezada mão o havia ferido. Assim o confessou publicamente e disse aos christãos que mandara chamar a sua prezença; que jamais entenderia com a sua ermida, que a lograssem em boa paz e collocassem nella as imagens que por sua ordem tinham tirado. Que rogassem a Deos, lhe perdoasse aquella culpa e o livrasse da pena que padecia em todos os seus membros; que repartissem esmollas em seu nome; pois havia ouvido que a ira do seu Deos se applicava muito com ellas. Entregou-lhe cirios que accendessem na mesma ermida, deu dinheiro e bastante quantidade de arros que distribuíssem aos pobres por espaço de tres dias. Juntarão-se logo os christãos na ermida, levando para ella com grandes demo[n]strações de festa as sagradas imagens e rogarão a Deos que, para a gloria do seu santo nome e para conhecerem os gentios que aquelle castigo fora enviado por sua divina mão, desse saude ao miseravel, que reconhecia a sua culpa e pedia perdão della. Ouvio o Senhor a oração dos seus fieis e immediatamente ficou o dissava restetuido ao antigo estado da saude, com pasmo dos que vião e não accabavão de admirar-se do prodigio. Cobrada a saude, quiz o dissava perpetuar o reconhecimento de tamanho beneficio e fabricou huma igreja de mayor commodo, em lugar

<sup>10</sup> Número riscado.

onde não houvesse perigo de ser demolida. Confessou que era verdadeiro o Deos que adoravão os christãos; mas por respeito humano não se resolveu a abraçar a sua ley. Justos juizos de Deos, que só sabe quaes são os seus escolhidos. // [p. 267]

### Capitulo Segundo

*Exterminão os contrarios ao Padre Jozeph Carvalho e demolem a igreja de Candia. Recolhe-se a Corte o Veneravel Jozeph Vaz, consegue ampla liberdade para edificar nova igreja e hospital*

Anno 1699

<sup>116</sup>. Sendo estilo ordinario de Deos tratar aos seus servos na vida presente, ora com regalos e favores, ora com tribulações e angustias, tanto mayores quanto os acha com mayor disposição e alentos para padecer e sofrer por seu amor, não podia faltar com este trato aos nossos missionarios, que tão fiel e generosamente o servião na missão de Ceylão. Esta, sem duvida, hé a razão porque no mesmo tempo que na christandade de Beyramar se experimentavão os sucessos prosperos, referidos no capitulo antecedente, deu Deos permissão ao commum inimigo, para levantar na Corte de Candia huma grande tempestade em occasião da auzenia do Veneravel Jozeph Vaz, que só podia ser opportuna para os seus contrarios triunfarem; que a estar presente não succederia tanto, como se soube ao depois. Unirão-se varias pessoas com diferentes motivos, todas empenhadas a lançar <de> huma vez fora da Corte aos nossos padres. Morava no bairro da igreja hum chingalá, nobre dos principaes da Corte, o qual levava a mal a caridade com que os nossos padres recolhião e curavão os doentes nas quatro cazas atrás referidas no <livro 2>, numero 105, pelo agouro que tinha de que as doencas dos enfermos desses hospitaes communicassem o contagio à sua familia, que ficava vezinha. Em auzenia do Padre Jozeph Vaz mandou pedir ao Padre Jozeph Carvalho que arrazasse aquellas cazas e não recebesse mais aos doentes. E desculpando-se o padre que não erão <suas> para dispor dellas, fallou o chingalá aos donos e as arruinou e comprou o chão, para que ao diante se não fabricassem outras. O dissava, a cujo cargo ficava continuar a porção que el Rey tinha consignado ao Padre Jozeph Vaz, receava que lhe desse el Rey em culpa as auzenias que elle fazia da Corte, julgando que por falta dessa porção, hia elle mendigar pelo sustento fora da cidade. E assim muitas vezes lhe tinha dito que se contentasse com a porção d[e] el Rey e escuzasse de mendigar pelas // [p. 268] aldeas. Não poucas vezes tinha o Padre Jozeph Vaz representado a este dissava que não necessitava dessa porção e dezeitava evitar ao Rey aquella despeza e ao dissava o cuidado que tinha da contribuição della; mas nunca foy ouvido, antes obrigado a aceita-la. Os sangatares de Budú se queixavão de que se augmentava a christandade e

<sup>11</sup> Número riscado.

a elles se demenuia o lucro das offertas. Alguns outros principaes da Corte estavam escandalizados dos nossos missionarios, por bautizarem aos seus servos e escravos.

<sup>12</sup>7. Desta sorte unidos todos os queixozos e sendo o chingalá vizinho da igreja, cabeça do motim, instarão e importunarão ao Rey, mandasse sahir da igreja ao Padre Jozeph Carvalho e hir-se embora fora da ilha ou morar em lugares remotos da Corte. Allegarão para isto que o demaziado favor que Sua Magestade fazia aos padres, lhes dava<sup>13</sup> calor para serem tão atrevidos que desprezavam ao Budú, pregavam contra a sua ley e aos seus sectarios fazião christãos, dizendo que só o seu Christo hé verdadeiro Deos. Que os servidores e escravos d[e] el Rey e dos principaes da Corte ja não obedecião a seus senhores, nem querião fazer serviço algum que fosse em obsequio de Budú; porque erão christãos e a sua nova ley lho prohibia. Que para a conservação do reyno importava que os Reys e vassallos não discrepassem na ley e religião; do que tinha exemplos dentro da caza em dous reys seus antecessores que, por tomarem a ley dos Portuguezes, experimentarão desobediencia e rebelião nos vassallos<sup>14</sup> e sendo senhores absolutos, se desterrarão vivendo e morrendo em triste e lamentavel sogeição dos Portuguezes, hum que era o pay em Goa e outro que era o filho em Portugal. Que o mesmo e ainda peor do que socedeo então, por tomarem os Reys a ley dos Portuguezes, podia acontecer agora, se os vassallos a tomassem; porque não menos aborrecerião vassallos christãos ao Rey gentio, do que aborrecerão vassallos gentios aos Reys christãos. Que seu inclito pay Raja Singa se fez no trono de Candia e em todo o orbe digno de immortal memoria; porque não seguiu aos pays e avos, que forão chistãos, senão ao grande Budu, a cujo favor deve o Imperio de Ceylão os seus principios e progressos; e por isso achou tanta fidelidade nos chingalás seus prezados vassallos, que nos mais sanguinolentos conflictos que teve com os Portuguezes, triunfou com tanta felicidade, que os expul // [p. 269]sou de Ceylão de huma vez para sempre. Que a ancia com que o Padre Jozeph Vaz sahia de quando em quando a correr pelas terras dos Holandezes, o fazia muito suspeitozo; porque em Columbo, para onde tinha ido algumas vezes, chegavão barcos Portuguezes; e podia ser que lhes fosse denunciar do estado e poder, em que se achava o seu reyno. Que o repartir as esmolos aos enfermos e pobres, ainda que era acção muito louvavel, mas podia ser pretexto para conciliar os animos dos seus vassallos para alguma sublevação, de que não faltavão já indicios; porque não havia terras sem pobres e em Goa teria muitos mais o Padre Jozeph Vaz, para lhes distribuir essas esmolos. Logo o vir buscar aos de Candia com tanto trabalho que queria dizer senão que as esmolos que repartia agora, hão-de vir a ser soldos ao depois? E se neste discurso erravão, acertarião acazo em dizer que os

<sup>12</sup> Número riscado.

<sup>13</sup> Riscado: «lh».

<sup>14</sup> Riscado: «e forão morrer».

pobres das mais partes do mundo erão indignos de toda a caridade e só os de Ceylão os mais benemeritos da commizeração humana! Que na igreja se juntavão muitos e fazião continuas conferencias e os padres frequentemente os hião buscar a suas cazas. E de tantas conferencias e conselhos que menos havia de rezultar, do que quando Sua Magestade se descuidasse, chegar de Goa huma armada dos Portuguezes e confederados estes com os christãos, que hião <os padres> fazendo (que sempre havião de seguir o partido delles, pois seguião a sua ley) despojar a Sua Magestade do reyno, ou ao menos traze-lo inquieto? Por ventura não sera mais facil aos Portuguezes, aliados com os ceylanenses lançar a Sua Magestade do trono; <do que> foy a el Rey Raja Singa seu pay, unido com os Holandezes, expulsar aos Portuguezes do amplissimo dominio, que tinham na mayor parte de Ceylão? Nem sera novidade ouvir a Corte de Candia o estrondo das armas luzitanas! Que esses padres parecião como fogo escondido no seyo que queima e abraza a quem o ampara e goarda; se Sua Magestade não tratasse de o apagar emquanto era pequena faisca, com o tempo experimentaria em o seu reyno hum grande incendio, em que Sua Magestade e os seus vassallos perecerão como borboletas voluntariamente abrazadas. Que sem mais detença devia exterminar ao Padre Jozeph Vaz e seu companheiro; pois assás merce lhe tinha feito de o sustentar tantos annos e não era bem // [p. 270] criar os corvos, que lhe podião tirar os olhos. Que era cautela prudente e necessaria demolir a igreja, ja que com pretexto da religião, manha antiga dos Portuguezes, intentavão os padres a mayor traição. Que não ignorava Sua Magestade que os Portuguezes entrarão na India, trazendo na mão esquerda o seu Christo crucificado, descuberto e na direyta a sua espada escondida e a aquelles que se deixarão enganar com a sua cruz de pao, lhes derão com a de ferro na cabeça; e desta sorte se fizerão senhores dos estados alheos.

<sup>15</sup>8. O Rey era de animo pacato, sem rezolução de molestar a outrem e pelo conceito que tinha do virtuozo procedimento do Padre Jozeph Vaz, lhe era tão inclinado, que não gostava que se fallasse tanto contra elle. Mas como os cargos que lhe fazião, erão muy relevantes e de materias as mais delicadas, quaes são a religião e o Estado; e não havia huma só pessoa que o abonasse entre muitos que o crimnavão; vio-se obrigado a assentir ao requerimento dos seus contrarios. Comtudo, não proferio palavra que offendesse aos nossos missionarios, tanto como isto os amava, e só permittio que ao Padre Jozeph Carvalho mandassem sahir da igreja e hir adonde bem lhe parecesse, advertindo que lhe deixassem levar todo o seu fato e não fizessem menor injuria a sua pessoa. Os adversarios tomarão esta permissão real por ampla faculdade para executarem a sua paixão e com grande pressa exterminarão ao Padre Carvalho e dahi a vinte e sinco dias demolirão a igreja, sendo motor de tudo o referido chingalá que morava no bairro della.

<sup>15</sup> Número riscado.

<sup>169</sup>. Mas por isso mesmo que se fez cabeça desta perseguição, experimentou desde a cabeça the os pés o rigor da divina justiça, que o castigou com tão extraordinario achaque, que em cada parte do corpo sentia diferente doença e todo elle era hum hospital de muitas enfermidades. Na lingua com que arreoou tão mal contra a ley divina e seu ministro, lhe nasceo huma horrenda chaga. No peito, onde se criou o veneno da sua malevolencia, lhe sobreveo huma horrivel inchação, por cuja cauza sentia hum abafamento com ancias mortaes. Da cintura para baixo se poz como // [p. 271] cadaver immovel; mas muy vivo para o sentimento; porque em todo o corpo padecia ardores tão intensos, como se estivesse cercado de chammas. Não lhe valerão os remedios humanos para o menor alivio. Todos grandes e pequenos, christãos e gentios, julgarão por couza certa padecer aquelle inferno em vida; porque poz a boca e as mãos contra o ceo, que hé a igreja de Deos. E desta sorte em breves dias accabou miseravel<mente>, passando de hum inferno a outro, do temporal ao eterno, aonde arderá sem fim.

<sup>1710</sup>. Estas tão funestas noticias recebeo o Padre Jozeph Vaz com aquella magoa, que successos tão infaustos não podião deixar de cauzar, pelas más consequencias que costumão seguir-se delles. Demolida a igreja, exterminados os missionarios e perseguidos os christãos na Corte, era perjudicial não só à christandade de Candia; mas tãobem a dos Paizes Baixos do dominio Holandez; porque não podendo os missionarios estar seguros, nem nas terras dos Holandezes, nem nas do Rey de Candia, necessariamente havião de sahir da ilha. E ja a christandade cultivada com tanto trabalho, ficava totalmente dezemparrada e exposta a lamentaveis ruinas passadas. Esta consideração era golpe que lhe feria no mais vivo da alma e o obrigava a chorar muitas lagrimas e a amiudar supplicas e orações a Deos, que só podia valer naquella consternação e de quem somente esperava com grande confiança, fizesse serenar tão horrivel e perigoza tempestade. Caminhando, pois, com a pressa que pedia tão urgente necessidade, chegou a huma povoação dos christãos, pouco distante da cidade e pertendia passar o rio e entrar na Corte; porem elles o despersoadirão que os barqueiros lhe não darião passagem; pois estavam notificados para a negarem ao Padre Jozeph Carvalho. Que a ordem real para hum padre não entrar na Corte, tãobem se entendia com o outro; pois ambos erão companheiros; e que o ir contra ella seria culpa irremissivel. Mandou saber de Antonio de Horta, que ficava na cidade o que devia obrar neste cazo; e elle respondeo que não convinha apressar tanto; que fosse estar com o Padre Jozeph Carvalho, que ficava em huma aldeia sua, muito apartada da Corte; // [p. 272] e com mais madura rezolução poderia entrar, quando fosse conveniente.

<sup>16</sup> Número riscado.

<sup>17</sup> Número riscado.

<sup>1811</sup>. Voltou para traz o Padre Jozeph Vaz e foy-se ter com o Padre Jozeph Carvalho depois de mais de tres mezes de auzencia e delle se informou de todas as circunstancias do successo. Gastarão ambos largo tempo em fervorosas orações, supplicando a Deos inspirasse o que fosse mais acertado e remediasse aquella necessidade, por modo que fosse mais conveniente para sua mayor gloria e bem dos christãos; e assentarão, sem duvida guiados de especial luz do ceo, que o Padre Jozeph Vaz devia ir a Corte; e não ficar auzente della mais tempo, sem que alguem de ordem expressa d[e] el Rey lhe notificasse para não entrar nella; porque o retirar-se da Corte, sem ser por mandado d[e] el Rey nas circunstancias presentes, era dar indicios de culpado e confirmar por verdadeira a querella que contra elle derão os seus adversarios; porem o hir a prezença d[e] el Rey seria sinal da sua innocencia; pois a ter em si as culpas, de que o accusavão, não se offereceria ao castigo de que podia fogir. Com esta rezolução tomou o Padre Jozeph Vaz o caminho da Corte, deixando ao Padre Jozeph Carvalho na sua paragem; chegou ao rio e o barqueiro sem reparo algum o passou a outra banda. Entrou na cidade e foy-se pouzar em caza de Antonio de Horta, onde lhe contarão que varios gentios dos principaes se achavão sentidos da ruina da igreja e do exterminio do Padre Jozeph Carvalho; e dizião que a estar o Padre Jozeph Vaz presente, poderião fazer boa informação a el Rey e embargar os intentos dos contrarios; o que tinha inconveniente, estando elle fora da Corte, por se não chamarem procuradores dos auzentes.

<sup>1912</sup>. Intentou logo o Padre Jozeph Vaz buscar a esses homens que se lhe mostravão affectos; mas como nada obrava sem preceder a oração, juntou alguns christãos que o vinhão vizitar na caza de Antonio de Horta, celebrou a missa e encomendou a todos rogassem a Deos com instancia, para que movesse efficazmente os animos daquelles chingalás que o dezejavão favorecer. Es // [p. 273] tando em oração os fieis de Christo, entrou a vizitar a Antonio de Horta hum gentio, medico d[e] el Rey, pessoa com quem o Padre Jozeph Vaz nunca tinha fallado, nem advertidamente visto; e como não ignorava os successos proximos da igreja e a dezastrada morte do chingalá, author que foy dessa falsa querela, logo que soube da chegada do padre, estimou muito de o ver restetuido a Corte e sem ser rogado, se offerceo a desfazer o nublado que armarão os seus adversarios e veyo a concluir tudo no mesmo dia com tanta facilidade, que bem se vio que, quando Deos quer favorecer, não poem tempo em mudar tempo. Como o medico era pessoa domestica, teve logo audiencia d[e] el Rey; deu-lhe conta do Padre Jozeph Vaz, que ficava em caza de Antonio de Horta por não <ter> outro abrigo para a sua habitação. Que a igreja e as cazas em que antes morava, beneficiando aos pobres e enfermos com agrado e satisfação de Sua Magestade, estavam demolidos pelos seus contrarios, não tendo elles facultade para tanto. Propoz

<sup>18</sup> Número riscado.

<sup>19</sup> Número riscado.

varias razoens, com que mostrou a malevolencia delles e a inno-cencia dos padres, que se fazião dignos da real attenção, pelos muitos bens que fazião aos seus vassallos. Menos bastava para o Rey revogar o decreto passado e liberalizar todos os favores ao Padre Jozeph Vaz, a quem era muito affecto. Concedeo logo licença para vir a Corte o Padre Jozeph Carvalho, que edificassem igreja nova, missionassem no seu reyno, pregassem o Evangelho e ensinassem a ley de Jesu[s] Christo aos que livremente a quizessem receber. De sorte que conseguiu o Padre Jozeph Vaz em huma hora, o que não poude em mais de seis annos. E succedendo nos mesmos dias adoecer o Padre Jozeph Vaz de huma pontada, com febres que indicavão perigo, mandou el Rey ao mesmo medico, de quem fazia muita estimação pelo seu grande prestimo, que o vizitasse e curasse com todo o cuidado e perguntava repetidas vezes por elle, mostrando prazer com qualquer boa noticia que lhe davão da sua melhora.

<sup>20</sup>13. Logo que convalesceo o Padre Jozeph Vaz, se applicou com todo o cuidado a fabricar nova igreja. E Antonio de Horta, bom christão e de louvaveis procedimentos, quiz ter nesta obra grande // [p. 274] parte do merecimento; porque doou para ella hum chão espaçozo, em que se edificou e assistio com toda a ajuda e favor para se vencer o edificio, que como não era muito grande e entrarão no trabalho muitas mãos, se aperfeioou em termo de sinco mezes. Foy dedicada a igreja a Santissima Virgem Mãy de Deos, com titulo da Senhora da Conversão dos Infieis. Celebrou nella o Padre Jozeph Vaz a primeira missa aos oito de Setembro, dia do nascimento da mesma bendita Virgem Mãy, com pompa e solemnidade possivel e publica assistencia de innumeravel concurso dos christãos da cidade e seus dstrictos, e com muito applauzo real, e dos grandes que lhe erão devotos. Fabricou tãobem no mesmo sitio cazas com agazalhos sufficientes para os missionarios vindouros e hum hospital publico para todos os doentes pobres, que nelle se quizessem curar. E foy couza muito notada de todos que, emquanto viveo este Veneravel Padre, nunca faltarão doentes no seu novo hospital; de sorte que, succedendo algumas vezes ser hum só o enfermo, apenas esse convalescia e ficava capaz de sahir, logo entrava outro em seu lugar. O que todos julgavão ser especial providencia de Deos, que não queria, faltasse ao seu servo aquelle exercicio que para elle erão as suas mayores delicias. Muitos desses enfermos, que pela mayor parte erão gentios, facilmente se convertião; e ainda que alguns, depois de cobrada a saude, tornavão ao seu gentilismo; porem os mais perseveravão constantes na fé e erão bons christãos.

<sup>20</sup> Número riscado.

*Capitulo Terceiro*  
*Noticias dos Padres João de Moura e Henrique de Almeyda*  
Anno 1699

<sup>21</sup>14. Funesto e luctuozo anno foy este para a Congregação em Goa, pelas mortes dos Padres João de Moura e Henrique de Almeyda, que só com differença de vinte dias fallecerão hum atrás de outro, deixando lastimados os coraçoes dos que conhecião as suas // [p. 275] prendas e virtudes. Pouco hei-de dizer delles, por não achar mais que huma breve noticia do muito que forão. Foy o Padre João de Moura natural de Sancoale, aldea que deu a esta Congregação muitos e excellentes congregados. Nasceu de Francisco de Moura e de Joanna Rodrigues, bramanes dos principaes daquella aldea. Applicado ao estudo das letras, sahio nellas tão aproveitado, que feito sacerdote, foy pregador sempre ouvido com applauzo. Sendo quazi quinquagenario, entrou nesta Congregação em Dezembro de mil seiscentos oitenta e nove e foy coluna que a sustentou nas mayores tribulações e adversidades. Na sua entrada, não havia na Congregação mais que tres sogeitos; mas elle com o seu exemplo foy attrahindo tantos, que brevemente ficou o convento cheo. Com a sua industria conduzio as esmolos e carretou todo o pezo da fabrica deste convento, padecendo grandes trabalhos e descommodos quando vagava pelas aldeas de Salsete e das Ilhas de Goa, pedindo aos fieis o que por amor de Deos quizessem dar para a obra do seu serviço. Custava-lhe este negocio summa confuzão e vergonha, porque nas principaes aldeas dos bramanes era, não só conhecido, mas tãobem aparentado e, antes de entrar na Congregação, tratado com muito respeito. E abater-se agora tanto the chegar a mendigar pelas portas nos mesmos lugares, aonde a sua authoridade logrou venerações, parecia couza mui dura de se sofrer. Mas tudo vencia a virtude, com que por amor de Jesu[s] Christo sofreu com invicta paciencia, não só as molestias de andar de aldea em aldea e de caza em caza; mas tãobem grandes desattençoens de certo bramane rico de Margão.

<sup>22</sup>15. Na primeira jornada que o Padre João de Moura fez em Salsete por conduzir as esmolos, quando chegou a caza daquelle rico homem, o recebeu elle como a hum santo, vindo do ceo; mas na segunda estava tão mudado, que da sua boca não sahião palavras, que não fossem injuriozas a todos os congregados e muito mais ao Padre João de Moura. A razão ou a sem razão que fazia àquelle homem tão petulante, foy que elle pertendia cazar huma parenta sua com hum moço, que era sobrinho de certo congregado e esperava ajus // [p. 276]mtar o contrato por medeação do Padre João de Moura, persuadindo-se que a authoridade deste padre era bastante para render ao tal congregado; e querendo o congregado seria facil captar as vontades do pertendido noivo e da sua mãy, de quem tudo pendia. A este fim se dirigirão

<sup>21</sup> Número riscado.

<sup>22</sup> Número riscado.

aqueles primeiros obsequios, com que não só agazalhou em sua caza ao Padre João de Moura e seu companheiro, com a mayor ostentação e pompa; mas fallava aos gancares da sua e outras aldeas com muito empenho, para que liberalmente concorressem com esmolos grossas para a fabrica de nosso convento e não cessava de louvar o zelo de quem com trabalho as solicitava para tão pia e santa obra. Não faltou da parte do Padre João de Moura a correspondencia que devia a quem tão boa vontade lhe mostrava; e com a mesma e ainda mayor fallou ao congregado e o empenhou com o seu sobrinho e cunhada a favorecer a pertença desse homem; mas elles se escuzarão com varios inconvenientes. Do que ficou tão impaciente o rico homem, que ja era velho e não podia deixar de ser frenetico; que como se o Padre João de Moura fosse a cauza de não ter efeyto o seu intento, trocou em declarado odio todo o affecto que no principio mostrara. Disse e fez couzas incriveis que não relato; e só digo que lhe deo muito que merecer no exercicio da paciencia. A vista do que Salvador Barreto, bramane da mesma aldea dizia repetidas vezes aos nossos congregados. Padres não se desconsolarem com estas couzas, que Deos permite para seu mayor merecimento. Tirem-nos as esmolos, ainda que seja dando-nos pancadas ou sofrendo muitas injurias; porque se agora o dar nos amarga, tempo ha-de vir, em que nos e nossos filhos teremos muita gloria do que agora dermos, vendo a Congregação no augmento que Deos certamente lhe ha-de dar, que todo ha-de ser de utilidade nossa.

<sup>23</sup>16. Socedeo tãobem ao Padre João de Moura, andando na mesma diligencia das esmolos, entrar a boca da noyte na aldea Betalbattym, aonde não era pratico e tanto que escureceo, errou com o caminho e se vio metido no laberinto de hum espaçozo palmar, aonde não podia atinar com a estrada, nem achava pessoa a quem perguntar; // [p. 277] nem sabia quem o receberia em sua caza, porque lhe era totalmente extranha aquella aldea. E quando se deliberava com o seu companheiro para pernoitarem ao pé das palmeiras sobre area solta, lhes acodio Deos nesta desconsolação por meio de hum campones que vinha pelo caminho, cantando em alta voz com tão demaziada alegria, que parecia ter bebido muito vinho. Divizou elle v[u]ltos da gente entre as palmeiras e começou a perguntar quem erão e o que buscavão? O Padre João de Moura respondeo que se fosse com a benção de Deos e não lhe queria declarar mais; mas elle porfiou tanto que se não soceguo emquanto não reconhecesse aos padres; e tanto que soube, que erão sacerdotes da Santa Cruz dos Milagres que, por não atinarem com o caminho, estavam metidos entre as palmeiras, se offereceo com grande vontade a guia-los à paragem que quizessem; e os levou a caza dos Carvalhos da mesma aldea, aonde forão recebidos com muita caridade. E desta sorte, o homem que ao principio parecia bebado, veo a ser como anjo da guarda, mandado com especial providencia de Deos para valer aos seus servos naquelle desemparo.

<sup>23</sup> Número riscado.

<sup>24</sup>17. Antes de entrar nesta Congregação o Padre João de Moura, não havia nella forma de noviciado, nem a caza tinha commodo para tanto; mas elle na mesma escaceza do lugar deu tal ordem, que distinguio aos noviços dos antigos; e foy o primeiro mestre que lhes fazia exercicios particulares, explicava o combate espiritual, ensinando a praticar os seus dictames, utilissimos para adquirir as virtudes, com o que aproveitou a outros e a si muito na perfeição christam. Estava tão adiantado no espirito que, andando em continua lida das temporalidades da Congregação, que quazi todas carretou nos seus hombros emquanto viveo nella, no meyo de occupaões distractivas, conservou o espirito sempre fervorozo, sempre trabalhando no temporal incansavelmente, sempre indispensavelmente prompto a todos os actos da communitate com grande zelo da regular observancia, nunca permettindo ao corpo descanso algum, ainda no ultimo quartel da sua vida. Emfim, elle com indizível trabalho, continua diligencia e fervorozo zelo conseguiu quanto se dezejava para a estabe // [p. 278] lidade e aumento temporal e espiritual desta Congregação; porque fabricou o convento, fez-lhe patrimonio, tomou por protector ao Conde Vice Rey e por meio d'elle alcançou do prelado ordinario a provizão da fundação, fez pelas aldeas missoens muito fructuosas; e com o seu exemplo e direcção adiantou aos congregados na mais fervorosa observancia.

<sup>25</sup>18. Na primeira eleição feyta immediatamente depois de estar a Congregação fundada *authoritate ordinaria*,<sup>26</sup> foy com comum applauzo eleito em prelado della, que então pelas mudanças feytas nos estatutos por Illustrissimo arcebispo, se chamava prefeito. Governou somente oytto mezes e deza-seis dias com aquelle acerto, que a sua prudencia, discrição e zelo prometião; e na idade de sexagenario falleceo com todos os sacramentos aos dezanove de Setembro de mil seiscentos noventa e nove, tendo vivido na Congregação nove annos e nove mezes. Foy enterrado no dia seguinte depois de passadas vinte e quatro horas do fallecimento, por assim ordenar o mesmo Illustrissimo arcebispo, o qual quão severo se portava com elle nos principios, pelo importunar frequentemente, para que confirmasse a Congregação e lhe approvasse os estatutos do Oratorio de Lixboa; tão affecto lhe ficou ao depois que conheceo a sua virtude, que não poucas vezes parecia encarecido nos seus louvores. Jaz na capella-mor da Igreja da Santa Cruz dos Milagres.

<sup>27</sup>19. O Padre Henrique de Almeida, oriundo de Neura, na Ilha de Goa, foy filho de Nicolao de Almeida e de<sup>28</sup> Simoens, bramanes honestos. Dotou-o a natureza de agudo engenho, ao qual ajuntando-se a applicação e o estudo sahio aproveitado nas letras humanas e divinas. Ordenado de sacerdote,

<sup>24</sup> Número riscado.

<sup>25</sup> Número riscado.

<sup>26</sup> «com a autoridade do Ordinário».

<sup>27</sup> Número riscado.

<sup>28</sup> Espaço em branco.

aspirou logo à vida perfeita com firme propozito de entrar na Congregação. Andando nesta diligencia experimentou cruel oppozição e muitos obstaculos, com que a sua mãy e hum irmão mais velho lhe embaraçavão a execução do seu santo intento. Mas elle, com generosa constancia, não attendendo às lagrimas da may, nem aos affectos // [p. 279] do irmão, cortou de hum golpe os lassos da carne e sangue e se abraçou com a cruz de Jesu[s] Christo, vestindo a roupeta de congregado aos oyto de Mayo de mil seiscentos noventa e seis. Foy recebido com grandes esperanças, que prometião as suas prendas, de ter nelle a Congregação hum filho douto e virtuozo. Posto na clauzura, o que com passos tão apressados fogio do mundo, andava fervorozo pelo caminho do espirito, com muita promptidão na observancia regular e com tão exemplar desapego dos parentes que, sendo vizitado por hum patricio e perguntando-lhe se a mãy e os irmãos algum dia o vierão ver? Respondeo. Como meus irmãos não me querião tanto por amor de mi[m], senão por amor de si, faltando eu a elles, hé justo, que elles me faltem a mi[m]. E quanto nesta parte, se elles me tem por morto, tãobem eu me considero sepultado. Porem a may, cuidava eu que ainda vivia. Mas ja vejo que Deos quer que ella falte aos affectos da mãy, para me ser mestra e dar a mais importante doutrina; e hé, que se na mãy pode caber esquecimento do filho por respeitos do mundo; porque o filho se não esquecerá da may por amor de Deos? Sendo mandado por obediencia assistir em humas cazas, que então possuia a Congregação na Ilha de Chorão, falleceo<sup>29</sup> <de hum violento pezadello>; <tendo no> dia antecedente<sup>30</sup> celebrado o santo sacrificio da missa e a quem andava em continuo exercicio da oração e mortificação, que na Congregação se pratica, não o acharia a morte desprevenido. Viveo na profissão de congregado tres annos e sete mezes; e nem chegou a completar trinta de idade.<sup>31</sup> Foy o seu cadaver conduzido ao Convento da Santa Cruz dos Milagres e sepultado no commum jazigo dos congregados, aos nove de Dezembro de mil seiscentos noventa e nove. // [p. 280]

#### Capitulo Quarto

*Fabrica o padre Jozeph de Menezes nova igreja em Potulão. Missiona em Columbo e Nigumbo e converte <e bautiza> a mais de quatro mil e quinhentas pessoas  
Anno 1699*

<sup>32</sup>20. Mal convalescido o Padre Jozeph de Menezes da rigorosa enfermidade, com que esteve muitos mezes tolhido dos pés e mãos, se applicou ao cuidado de edificar em Potulão huma igreja com cazas para habitação dos missionarios. Porque a ermida antiga não podia já ter-se em pé; e havendo

<sup>29</sup> Seguem-se cerca de três linhas riscadas.

<sup>30</sup> Riscado: «[vindo?]».

<sup>31</sup> Seguem-se cerca de duas linhas e meia riscadas.

<sup>32</sup> Número riscado.

de reformar a velha, pareceo-lhe mais acertado fabricar nova em sitio mais accomodado e que fosse mais possante para agazalhar assim aos christãos daquelle porto, como aos dos dominios hereticos que lhe ficão vezinhos e acodião nas celebridades mais solemnes. Com este intento delineou a fabrica, que ao depois com tempo veo a ser huma grande igreja de tres naves com cazas conventuaes e commodo para os missionarios, que nella se recolhem para a festa do Espirito Santo e tomão os exercicios da santa novena, que ordenão os nossos estatutos. Por falta de pedra fez o edificio de madeiros grossos, que servião de colunas para sustentarem o tecto e os espaços de coluna a coluna encheo com taypa. Como este modo de edificio era extranho naquelle porto, aonde as cazas são muy rasteiras, nem havia officiaes capazes, tomava o padre sobre si todo o pezo, occupando-se em instruir aos trabalhadores, em fazer conduzir os materiaes, em assistir a obra e em despender o dinheiro. Desta sorte com muita industria, dispendio e trabalho levantou a maquina e a poz naquella perfeição que a terra permitia.

<sup>33</sup>21. Disposto o material da igreja de Potulão, lhe // [p. 281] instava o espiritual das suas designações, entre as quaes erão principaes a Cidade de Columbo e a villa de Nigumbo. Para missionar nesses perigozos lugares sahio aos dezoito de Dezembro de mil seiscentos noventa e nove, tempo em que se achava restabellecido na saude e dia em que na Congregação <de Goa> hé festejada a Santissima Virgem Mãy de Deos, com titulo da Senhora do Bom Successo. Para o ter qual dezejava na sua empreza, implorou o patrocínio de tão poderosa senhora, celebrando a missa daquelle dia em culto e obsequio della. Partido de Potulão e andando com pressa chegou a Nigumbo com tres dias de viagem; e deixando-se ficar escondido por temor dos hereges, mandou avizo aos catholicos de Columbo, para que no segredo da noyte lhe enviassem huma embarcação, em que pudesse passar para aquella cidade, que pelo rio tem communicação franca com Nigumbo. Posto em Columbo com cautela e disfarce, enquanto os christãos dispuzessem lugares accomodados para os exercicios da missão, esteve tres dias recluzo em humas cazinhas. Mas no quarto em que finalmente estavam preparados tres altares em tres partes e a gente avizada para concorrerem de noyte, que era do Natal; teve o fiscal holandez distinta noticia da entrada do padre, do lugar em que ficava, da missão a que queria dar principio e das cazas em que aquella noyte havia de celebrar. Contento o herege com a preza que ja considerava colhida entre as mãos, despedio o seu meirinho com soldados hereges e mouros em corpo bastante, para prenderem ao padre na mesma caza de que tinha informação. Mas Deos fez desvanecer toda a sua diligencia por meio do mesmo meirinho, o qual era catholico romano, posto que encuberto; e andou rondando toda a noyte mais por cerimonia, dando largo tempo para o missionario acabar a funcção da missa e retirar-se daquelle caza, como o fez, de sorte que quando chegou o meirinho a dar busca nella, achou tudo vazio.

<sup>33</sup> Número riscado.

Comtudo os christãos se atemorizarão muito e o padre se escondeo the a festa de São Sylvestre Papa, sem dar de saber aos mesmos christãos em que paragem ficava. E como a ronda, que o buscava todas as noytes, // [p. 282] nunca pode dar com elle, ficou socegado o motim.<sup>34</sup>

<sup>35</sup>22. Com a entrada do anno novo tomou o nosso missionario novos alentos para continuar no seu ministerio com extraordinario fervor. Todo o trabalho da missão fazia de noyte; e para proceder com cautela, parte da noyte tomava em huma rua e parte noutra; e ainda dentro da mesma rua se mudava de huma caza para outra, sem nunca ficar em lugar certo. Tres mezes andou na Cidade de Columbo e nos seus arrebaldes, velando de noyte e escondendo-se de dia; e em tão largo espaço huma só noyte não dormio. De sete horas de noite the quatro de manhã estava em continuo exercicio, ouvindo as confissões, pregando, cathequizando aos gentios, celebrando a missa, dando a communhão, administrando o bautismo e fazendo cazamentos. De tão pezado e diuturno trabalho foy copiozissimo o fruto que colheu; porque não só administrou os sacramentos a todos os catholicos de Columbo e seus arrebaldes thé Malvana; mas converteo, instruiu e bautizou a mais de mil e quinhentos gentios. Assim zelava este fiel servo nos empregos da gloria de Deos; e assim o consolava Deos com tanto logro dos seus trabalhos.

<sup>36</sup>23. Accabada a missão de Columbo com tão feliz successo, passou o padre Jozeph de Menezes a Nigumbo, aonde ficou mais dous mezes the fim de Mayo; e o que obrou no discurso deste tempo bem hé que ouçamos em proprios termos, em que elle se explicou. De<sup>37</sup> Columbo (diz elle) me vim para Nigumbo, aonde pelo conseguente fiquei mais dous mezes e corri por todos os mattos, cantos e recantos e foy Nosso Senhor servido mover muito os coraçoes daquella gente, que se converterão muitas almas a nossa santa fé catholica, que passarião de tres mil pouco mais ou menos, conforme me parece; porque não era possivel contar; e só hum dia bautizey a quinhentas pessoas. Converterão-se feiticeiros e hum mestre da escola dos hereges. Na Semana Santa fiz de noite lavatorio, bradedos, alleluia e Pascoa, como costumava em Potulão, couza que muy // [p. 283]to moveo a estes christãos. Eregi quatorze lugares, para nelles se poderem ajuntar os christãos para o exercicio do cathecismo e outras devoçoes. E com effeito em tres se fabricarão logo as ermidas. Devemos dar muitas graças a nosso bom e mizericordiozissimo Senhor Deos por tantas merces, que ali fez, assim em allumiar os coraçoes daquella gente, como tãoobem por ter-me livrado das mãos dos inimigos, por espaço de sinco mezes, que entre elles andey, sem nunca poderem dar comigo. Ajudou-me tãoobem Nosso Senhor com muita saude e nos caminhos me goardou dos perigos dos homens e dos animaes. Tudo seja para

<sup>34</sup> No original, aparece na margem deste folio e seguintes: Anno 1700.

<sup>35</sup> Número riscado.

<sup>36</sup> Número riscado.

<sup>37</sup> Segue-se uma letra riscada.

maior gloria do mesmo Senhor. E como me derão em Nigumbo novas que o dissava de Columbo estava para mandar sargentos em minha busca por caminho de Danddagama, terra intermedia a Nigumbo e Columbo; e tãoobem o sono me não dava lugar para mais, me recolhi para minha igreja em Potulão. Na festa do Espirito Santo vierão a este Potulão quarenta e duas pessoas de Nigumbo com grande devoção e com igual consolação tornarão para suas cazas, dando graças a Deos, que lhes fez graça de chegar a ver esta festa tão solemne.

#### Capitulo Quinto

*Continua o Padre Pedro Ferrão no ministerio da pregação com frequentes prodigios e muitas conversões. E estando na mesma missão toma o anno da provação para ser congregado*

Anno 1700

<sup>38</sup>24. Convertidos os quatorze mutecares com suas familias e sequazes, que fazião numero de mais de mil pessoas e todos constantes e firmes na fé à força dos milagres atraz referidos numero [351?]; se veo valer do Padre Pedro Ferrão hum bom christão chamado Aleixo, tãoobem cassador dos elefantes, pedindo remedio para não morrerem os que cassava; porque // [p. 284] era tão mal socedido no seu trabalho, que nem hum achava vivo; por cuja cauza os companheiros o persuadião que deixasse aquelle officio e tomasse outro modo de vida; o que ao pobre Aleixo era motivo de grande afflicção. O Padre Pedro Ferrão, que era muy compassivo, o consolou e lhe prometeo boa sorte ao diante; porque no bojo da sua caridade não podia deixar de ter muito lugar hum bom christão, que nunca deixou a fé, quando o tiverão tão amplo os apostatas, que converteo. Mas porque podia ser que algum peccado occulto fosse cauza de experimentar o dano de que se queixava, o exhortou a huma confissão geral e lhe administrou os sacramentos da penitencia e eucharistia e lhe deu hum papel com estas palavras escritas. *Ecce crucem domini, fugite partes adversae*.<sup>39</sup> Com este escudo foy Aleixo o mais venturozo cassador; porque levando consigo aquelle papel, quando hia a cassa, todos os elefantes que cassava, achava vivos. Donde parece que o morrerem antes era por maleficio dos demonios.

<sup>40</sup>25. Vendo os gentios tão prosperos successos que experimentavão os christãos na preza dos elefantes, que achavão todos vivos depois que, por persuazões do Padre Pedro Ferrão, deixarão o culto supersticiozo; em huma occazião da cassa não quizerão fazer ao demonio <as> suas costumadas deprecações e offertas; e prometerão que se prendessem daquella vez algum elefante vivo, attribuirião a boa sorte à virtude <do padre> e o levarião a

<sup>38</sup> Número riscado.

<sup>39</sup> «Eis a cruz do Senhor: fugi, demónios».

<sup>40</sup> Número riscado.

apprezentar-lhe nos mattos em que morava, para desta sorte lhe agradecerem o beneficio. E Deos, para os trazer ao conhecimento da verdade por este meio, lhes deu hum elefante vivo, com que cobrarão grande afeição a religião christam e muita veneração ao padre, a quem forão render as graças e lhe appresentarão a preza, que reconhecção dever às suas orações. Daqui tomou o Padre Pedro Ferrão occasião, para lhes pregar a verdade e continuando elle com a pregação e Deos com os milagres, abrirão os pagãos os olhos à luz da fé; e seguindo huns o exemplo de outros em breve tempo começou em Manttota e Vannym flore[s]cer a ley de Christo, tornando em // [p. 285] jardim da fé o que antes era matta brava da infidelidade. E por discurso do tempo forão tantos os gentios que se converterão nesses lugares e seus dstrictos, que he hoje aquella christandade a mais numeroza e fervoza<sup>41</sup> [sic] da missão de Ceylão, tudo fruto da industria e trabalho incansavel, com que o Padre Pedro Ferrão a plantou e regou, e Deos com repetidos milagres a aumentou.

<sup>42</sup>26. Os demonios, que não havia muito tempo apparecião em v[u]ltos medonhos e perseguição àquelles moradores e os induzião a enormes delictos; depois que começarão os milagres do Padre Pedro Ferrão, temião athé do seu nomme e fogação das povoações dos christãos, publicando com horrendas vozes, que não podião rezistir a força e poder, com que o nosso missionario os exterminava das suas antigas moradias. Muitos destes cazos hei-de referir adiante no discurso desta historia. De presente se offerece hum socedido em Tamaracullão, aldea do dstricto de Manttota. Entrou o demonio no corpo de hum moço christão em occasião que fora aos mattos a conduzir o seu gado, que nelle pastava; conhecido por outros christãos o mau hospede que elle trazia em si, pelos gestos e açções que fazia fora de todo o propozito, mandarão em nomme de Santo Antonio que declarasse quem era? Respondeo o miseravel que elle era demonio de Muzaly, a quem em outros tempos fazião offertas os cassadores dos elefantes; e como estes ja estavam convertidos, se passara de Muzaly a Tamaracullão, para vizitar a outro demonio seu amigo; porem, que ja não podião os demonios estar em parte alguma; porque o missionario os perseguia em todas. Então os christãos maldisserão do espirito maligno com muitos escarneos e ameaçarão de o levar a prezença do Padre Ferrão, se logo e logo não sahisse do corpo daquelle homem. Não quiz a má pessoa expor-se a novas afrontas, foy-se embora e deixou ao moço livre.

27. Ainda restão por dizer muitos milagres que obrou Deos, por meio deste zelozissimo missionario. Mas porque dirá alguem, quando elle foy milagrsta, isto hé congregado da Congregação do Oratorio da Santa Cruz dos Milagres de Goa, para entrar // [p. 286] com os seus milagres no corpo desta historia, que hé dos padres milagristas? Respondo a esta duvida, que o grande Padre Pedro Ferrão foy legitimo e verdadeiro filho da Congregação

<sup>41</sup> Entenda-se «fervorosa».

<sup>42</sup> Número riscado.

do Oratorio de Goa, com excellencia de que não custou à sua mãy os dispendios e dores, com que costuma parir e criar os mais filhos. Foy filho que entrou santo no ventre da Congregação; e tão grande santo que antes de ser milagrsta, era muito milagrozo. E parto de filho tão santo e milagrozo não havia de ser dolorozo como outros partos. Desde que o Padre Pedro Ferrão entrou na missão de Ceylão e foy vizitado de nosso Veneravel Jozeph Vaz, começou a communicar-se com os nossos padres assim da missão, como da Congregação. E logo que teve noticia de estar a Congregação fundada com authoridade ordinaria, efficazmente procurou entrar nella, offerecendo-se ao trabalho da viagem de Ceylão para Goa, só a fim de entrar no noviciado e fazer a sua profissão. E muito antes de ser aceito na Congregação, não só vivia a obediencia do Veneravel Jozeph Vaz, que era superior de nossos missionarios; mas tãobem observava com todo o rigor os nossos estatutos; tanto assim, que para os praticar inteiramente com o aproveitamento proprio e dos proximos, que são os dous fins a que se ordena o instituto da Congregação do Oratorio; introduzio na christandade de Manttota publicos exercicios da oração mental e disciplina para a edificação dos fieis. Mas attendendo os padres de Goa e Ceylão à grande falta que este famoso missionario havia de fazer na sua auzencia àquella tenra planta, que regava com os seus suores; pois em menos de tres annos não poderia vencer a viagem de Ceylão para Goa, o anno da provação no noviciado e a volta de Goa para Ceylão, assentarão com o parecer do ordinario, de quem então pendia este negocio que, estando na mesma missão começasse o anno da provação e integrado elle, mandasse a sua procuração a Goa, para ser admittido a profissão. Tudo consta da matricula de nossos congregados, aonde se acha o assento seguinte.

O Padre Pedro Ferrão, natural de Margão, filho legitimo de Thome Ferrão e de Anna de Misquita, que assiste na missão de Ceylão, foy admittido ao noviciado, que se lhe deu com licença do // [p. 287] senhor primas na mesma missão, por assim ser conveniente ao serviço de Deos e se professou por procuração ao primeiro de Novembro de mil setecentos e hum.

<sup>43</sup>28. Feito milagrsta o milagrozo Padre Pedro Ferrão continuou a missão com milagres, não só athé a morte, mas ainda depois de morto. No mesmo anno do noviciado fez os seguintes prodigios. Houve este anno grande seca em Manttota e seus dstrictos; as vargeas sementeas no principio do Inverno, em que chovera pouco; hião morrendo e cre[s]cendo a afflicção dos homens com o temor da fome futura. Os gentios fizeram muitos sacrificios e consultarão aos demonios, por meio dos seus feiticeiros. Estes assinalarão o dia, prometendo nelle muita agoa e sahirão falsos os seus oraculos por muitas vezes. Os christãos buscarão o seu remedio no Padre Pedro Ferrão, a tempo que os gentios desenganados dizião que aquelle anno

<sup>43</sup> Número riscado.

havia de ser estéril e de fome nunca vista. Não foy necessario muito para os fieis impetrarem bom despacho, porque Deos não tardava em ouvir e outorgar o que Padre Ferrão lhe pedia. Junto com os christãos poz-se em oração o padre; e no fim della assinalou o dia e hora em que havia de chover e pronosticou que seria anno aquelle o mais abundante e farto. E se cumprido tudo com as mesmas circunstancias que tinha asseverado. Eu (diz elle na conta que, obrigado da obediencia, deu deste successo) ainda que seja o mayor peccador e o mais ingrato aos beneficios divinos; pedindo a Deos nos santos sacrificios da missa que indignamente celebro, mediante as orações de todo o povo choveu a chuva e houve bastante, que nos deu Nosso Senhor por sua infinita misericordia. E supposto dizia eu, para a consolação e alivio do povo, que havia de chover nestes dias; e o povo tinha por certo, pela confiança que de mi[m] fazia; mas o mesmo Senhor foy servido dar-nos o que pediamos. E muitas vezes permite o Senhor que a palavra dos seus ministros seja certa, conforme o seu querer. E a chuva teve suas circunstancias, que bem mostravão ser favor particular e successo milagroso; e os ditos sinaes notarão muitos e athe hoje dizem e chamão a dita chuva agoas alcançadas do ceo por meyo das orações. // [p. 288]

<sup>44</sup> 29. Treslady estas palavras, por descobrir nellas huma profundissima humildade, propria de fervorozo noviço, com que sendo tão favorecido de Deos e tão zelozo da sua gloria se chama o mayor peccador e o mais ingrato aos beneficios divinos. E tão alheo se mostra da menor sombra da vaidade que, no mesmo tempo que afirma que rogava a Deos por aquella necessidade, que outorgou Deos o que elle pedia; que sahio certo o seu pronostico, chovendo no mesmo <tempo> que assinalou; o que não podia afirmar, se não tivesse revelação da certeza que dava; este favor tão grande e milagroso, que sem duvida fez Deos por seus merecimentos, elle o attribue todo às orações do povo e nada a si. Mas por isso mesmo porque era tão humilde e fazia tão pouco conceito de si, valião tanto para com Deos as suas orações, que Deos concedia o que elle pedia e promptamente cumpria o que elle prometia. Em Março deste anno, sendo chamado para assistir a hum moço por nomme Belchior, que estava gravemente enfermo com febres e principios de cansasso, depois de lhe administrar os sacramentos da confissão e viatico, rezou sobre elle o Evangelho de São Marcos e logo no mesmo instante o deixou livre da febre e de toda a queixa.

<sup>45</sup> 30. Cre[s]cidas e espigadas as sementeiras com a prodigioza chuva que deu Deos por orações do Padre Pedro Ferrão, nascerão nas vargeas mosquitos perniciosissimos. Já sabião os christãos que neste padre tinhão seguro remedio para tudo; e elle diz. Pedirão-me os christãos que esconjurasse os mosquitos, que fazião muito dano nas suas vargeas ja espigadas, de sorte que deixavão todas as espigas consumidas e perdidas, de que rezultava

dano grande. Eu como ministro, ainda que indigno e peccador o mais feo, esconjurey por parte de Deos; e foy o Senhor servido que desde aquelle dia todos forão morrendo; e alguns ficarão secos, sem fazer dano as vargeas. Esta esconjuração fiz somente na aldea de Gurvilla; e nas mais duas aldeas mandey lançar agoa benta por todas as vargeas e partes em que os mosquitos tinhão damnificado. E eu naquelles dias pedia ao Senhor no santo sacrificio da missa e mais oraçoens do // [p. 289] povo; e os sacristaens das ermidas daquellas aldeas lançarão a agoa benta nas vargeas e os mosquitos morrerão e se accabarão todos. Hé estilo daquella <missão> que em todas as aldeas, em que morão os christãos há ermidas, que sendo nos dominios do Rey de Candia, são publicas e aseadas com decencia. E o Padre Pedro Ferrão cuidava muito no ornato dellas; porque dizia que por ser em terra dos infieis se devia zelar mais no apparato e limpeza decente aos lugares dedicados a Deos. Os prodigios referidos da chuva e dos mosquitos assim como forão tão uteis à necessidade temporal dos christãos; assim e muito mais promoverão o aumento espiritual da missão; porque os pagãos não cessavão de os applaudir e movidos da superior luz pedião o santo bautismo. Que como o ceo chovia tanta graça, não podia a terra deixar de dar algum fruto. Dos que pedião o bautismo, muitos se fizerão christãos; outros se deixarão ficar nas trevas do seu gentilismo por respeitos temporaes.

#### Capitulo Sexto

#### Varios successos na Congregação e missão

Anno 1701

<sup>46</sup> 31. Este anno, que na ordem de nossa historia he o de mil setecentos e hum, primeiro do seculo em que estamos, começou a aumentar-se a Congregação em Goa em sogeitos de relevantes prendas, que nella professarão e entrarão. Os professos forão os Padres Pedro de Saldanha, Jacome Goncalves, Pedro Ferrão, Jozeph da Cruz e Luis Rangel. Os ingressos forão o virtuozo Irmão Manoel da Cruz, Manoel de Miranda, sacerdote e os Irmãos Gabriel Rangel, Jozeph Vaz o moço e Antonio Carvalho. Assim como Deos chamava tantos a Congregação, para aumentar o numero dos seus servos; assim esperavão os congregados ver este anno satisfeitos os seus dezejos com o beneplacito real, que mandarão procurar em Lixboa, abonando o nosso requerimento com a provizão passada pelo ordinario. Porque como na primeira Junta das Missões, feita para sermos nesta parte differidos em anno de mil seiscentos noventa e dous, se tinha assentado // [p. 290] que, informando o arcebispo da vocação, procedimento e constancia dos sogeitos, podia Sua Magestade sem reparar em mais couza alguma conceder a esta Congregação todos os favores e merces que fosse servido. O Illustrissimo Arcebispo assim como se deliberou a passar a provizão, deu tãobem infor-

<sup>44</sup> Número riscado.

<sup>45</sup> Número riscado.

<sup>46</sup> Número riscado.

mações de muito abono em varias cartas escritas a Sua Magestade pela mesma Junta das Missoens desd[e] o anno mil seiscentos noventa e nove. Accre[s]ção os serviços que continuavão em Ceylão os nossos quatro missionarios. E huns e outros documentos erão bastantes para Sua Magestade liberalizar o seu beneplacito. Mas não era ainda chegada a hora decretada por Deos para o nosso diffirimento; para que tivessem os nossos primitivos o merecimento de lhe rogarem com mais humildes e fervorozas instancias.

<sup>47</sup>32. Solicitava em Portugal a nossa pertença o grande Padre João da Goarda, prepozito então da Congregação do Oratorio de Lixboa, o qual chegando a fallar muytas vezes ao secretario de Estado Mendo Foyos Pereyra e ao confessor d[e] el Rey, de cujos votos dependia a resolução real; hum e outro se mostravão muito duros e alheos de nos favorecer, desculpando-se ambos com o temor da inconstancia, que dizião ser natural aos genios dos bramanes da India. Nem consentião, nem era conveniente procurar-se em Roma a confirmação da Sé Appostolica, que não seria tão difficil de se conseguir a vista da provizão da fundação passada pelo ordinario; porque, não precedendo a ella a licença real solicitada pelo secretario e approvada pelo seu confessor, mais seria ruina do que edificio. Não sabemos que empenho tinha Mendo Foyos Pereyra de nos desfavorecer; mas conforme Roque Monteiro Paim se explicou em segredo, tinha muito o confessor em não termos diffiridos por motivos ou receos, que não declararey por incriveis em tal pessoa. Não devemos comtudo perder as esperanças (dizia na carta de 15 de Março deste anno o nosso padre prepozito de Lixboa, sempre solicitico, sempre empenhado nos aumentos desta caza) pois nenhuma empreza do serviço de Deos deixa de correr o temporal e a tormenta das dificuldades; // [p. 291] antes estas costumão ser o sinal mais certo de que a obra hé do seu agrado. E se vemos que para hum navegante hir deste porto a esse de Goa lhe hé necessario atravessar tantos mares, expor-se a tantos perigos e sofrer tantas contradicções de todos os elementos; que muito que para huma Congregação se estabelecer e confirmar (obra em que o inferno sabe, ha-de ter grandes danos e ruinas) seja necessario vencer discurso de annos, opposição dos ministros, vontade dos emulos? Assim succedeo nesta Congregação de Lixboa, assim na de nosso Padre São Philippe Neri em Roma; e atualmente a de Braga neste reyno ainda não tem confirmação real, senão só a do arcebispo primaz.

<sup>48</sup>33. Em Ceylão trabalhavão este anno com todo o calor os nossos quatro missionarios. O Padre Jozeph Carvalho, mais moço e robusto entre todos, sahio de Candia e andou por Columbo, aturando aquelle immenso trabalho de tresnoitar mezes inteiros, tres, quatro e as vezes sinco; e depois de administrar os sacramentos naquellas partes girou por outros muitos lugares the hir dar consigo em Jafana, aonde fatigado com tão diuturno e

<sup>47</sup> Número riscado.

<sup>48</sup> Número riscado.

molestozissimo exercicio contrahio crueis e continuas dores da cabeça, que o reduzirão a miseravel estado; porque veo a perder a vista, de sorte que excepto v[u]ltos grandes, nada mais enxergava. Entregou-se nas mãos dos medicos da terra, os quaes com muitos<sup>49</sup> e dilatados remedios o puzerão em esperanças da melhoria. Tomou esta cura em Manttota; e porque não accabava de melhorar de todo, passou a Potulão, aonde na caridade do Padre Jozeph de Menezes achou affectos e efeitos de verdadeiro irmão e pelo medico que elle diligenciou, recuperou de todo a vista e ficou aliviado do continuo martirio que padecia na cabeça.

<sup>50</sup>34. O Veneravel Jozeph Vaz, que discorria como sol, depois de fazer algumas conversoens em varios lugares do reyno de Candia, desceo aos Paizes Baixos<sup>51</sup> the passar por Galle, Trincanamale, Cottiar, Batecalor, Safragão, partes humas de grande perigo, por serem dominios hereticos, todas de summa molestia por cauza // [p. 292] das longissimas distancias de quinze e vinte dias de caminho pelos mattos cheos de feras e faltos de toda a comodidade e pelos rios coalhados de ferocissimos lagartos. Em todos esses lugares, algum dia por tantas dificuldades<sup>52</sup> e riscos julgados por impene-traveis, entrou e missionou com o fervor que costumava, com grande consolação dos poucos fieis que nelles havia; e com a redução de toda a sorte de infieis, gentios, mouros e hereges, que converteo; e não declarou o numero delles por sua muita humildade. E recolhidos ambos os Jozés Vaz e Carvalho a igreja de Candia, lhes encarregou o Rey a traducção de hum livro de medicina, escrito em portuguez, o qual verterão em chingala com todo o acerto, despendendo neste trabalho muitos mezes, em cujo discurso tinhão a penção de assistir no Palacio; porque assim era gosto do Rey, que ficou satisfeito da obra.

<sup>53</sup>35. O Padre Jozeph de Menezes experimentou este anno repetidas molestias e queixas da saude, sem duvida originadas do excessivo trabalho tomado nos annos passados nas partes de Columbo, Nigumbo.<sup>54</sup> Não passava anno sem doença e mais das vezes melhorava com os pós de huma imagem da Santa Thereza, feita de barro, que entre outras reliquias lhe mandarão de Goa. Depois da vencer a missão das suas designações, que no presente lhe foy mais <suave>; porque o Padre Jozeph Carvalho tomou sobre si a mais pezada carga; comtudo não trabalhou pouco na reedificação da sua igreja de Potulão, cujo tecto na festa da Ascenção de Christo do anno passado 1700, ficou reduzido a cinzas; porque concorrerão para ella muitos christãos de partes longinquas, entre os quaes se achavão alguns soldados,

<sup>49</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>50</sup> Número riscado.

<sup>51</sup> «Low Country», a Sudoeste do Ceilão

<sup>52</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>53</sup> Número riscado.

<sup>54</sup> Palavra riscada e posteriormente escrita na margem.

que para mayor solemnidade atiravão cargas da mosqueteria. A cobertura da igreja era então de palha, materia sempre disposta para funestas e lastimozas formas. Succedeu cahir huma buxa aceza no tecto da igreja e ardeu todo irremediavelmente. Pode-se, porem, salvar do incendio toda a armação da festa e não pereceo couza alguma do que ficava por dentro, que foy especial milagre da divina providencia. Determinou o Padre Jozeph de // [p. 293] Menezes fazer edificio desde alicesses novo, capaz de sustentar tecto de telha e, tendo-o começado no anno passado com a ajuda dos seus christãos que cooperavão com muito zelo e devoção, consumou a obra mayor e mais bem trabalhada e, como elle chama, mais curioza que a primeira.

<sup>55</sup> 36. O Padre Pedro Ferrão, incansavel no ministerio evangelico, tãoobem andava este anno occupado em edificar ermidas nas povoações, que ja erão muitas dos christãos em Manttota e Vanny e juntamente fabricou a igreja de Sillena Maddu, que fez nos mattos de Vanny, por ser lugar izento do dominio heretico e proximo aos christãos de Jafana e Manttota, que nas principaes festividades podião acodir commodamente a aquelle sitio. Mas nem por ser tão laborioza a occupação do material desses edificios, era menos fervorozo na administração do pasto espiritual. Em hum e outro exercicio procurava exceder a todos. No mesmo tempo que dirigia aos christãos para essas fabricas das ermidas em cada aldea, solicitava a conversão dos gentios com tanto cuidado e disvelo, que hia reduzindo ao christianismo todo aquelle dilatado territorio de Manttota e Vanny. Neste estavam convertidos quazi todos da nação caria, a de officio pescadores. Tendo elles em huma occazião feito grande pesca e posta ao sol muita quantidade de peixe, ficou o tempo cerrado com ventos e nuvens chuvozas, que ameaçavão muita agoa; com que era certo levar a agoa todo aquelle peixe, que a agoa deu. Nesta afflicção buscarão os carias ao padre pela experiencia que tinhão da sua grande caridade com os necessitados e da efficacia das suas orações com Deos. Representarão-lhe o dano que temião e pedirão que impetrasse de Deos somente dous dias de sol, que bastava para o seu peixe ficar seco. Mandou-lhes elle que rezassem alguns Padres Nossos e Ave Marias a Virgem Santissima; e huma pequena offerta de seiscentos reis, que trazião, dessem para o serviço da ermida do seu lugar, que se chamava Allambil; e tivessem confiança em Deos, que serião bem despachados. Entretanto começou a chuva com menos rigor do que se temia; porque o vento adalgaçou as nuvens. Choveo em todos os lugares, // [p. 294] excepto no em que ficava o peixe posto ao sol; e para constar que esta izenção não era natural, havia nelle sol bastante para secar o peixe, quando nos circumvezinhos era tempo escuro; e acabado o termo de dous dias, que pedirão os pescadores e recolhido o seu peixe bem seco, no terceiro choveo no tal lugar, assim como chovia nos mais. Semelhantes successos sempre erão rendozos; porque os christãos ficavão confirmados na fé; e os pagãos vinhão ao conhecimento da verdade.

<sup>55</sup> Número riscado.

*Capitulo Setimo*

*Virtuozza vida e precioza morte do Padre Jozeph Carvalho*

Anno 1702

<sup>56</sup> 37. Este anno mil setecentos e dous, em que a Congregação fazia vinte, assim na missão de Ceylão, como no Convento da Santa Cruz dos Milagres, forão inconsolaveis as lagrimas e prantos nas sensiveis prematuras mortes, que hei de referir neste e no seguinte capitulo. Accabada por todo o mes de Junho deste anno a traducção do livro começada no passado por recommendação d[e] el Rey de Candia, poucos dias de descanso tinhão tomado os nossos dous missionarios da Corte, quando no meyado do Julho se sentio o Padre Jozeph Carvalho com huma suffocação tão cruelmente molestoza, que a julgou logo por mortal e começou preparar-se para a morte, que na flor dos annos cortou os fios da sua vida.

<sup>57</sup> 38. Foy este padre natural de Sancoale, aldea já atras muitas vezes nomeada, nasceu de Manoel Carvalho e de Angela Vaz, irmã de nosso Padre Jozeph Vaz. Sendo menino aproveitou tanto na disciplina do veneravel thio, que se rezolveo a acompanha-lo na missão do Canará e nos primeiros passos della deu illustres da sua virtude; porque algum dinheiro e parte da roupa que levava para o seu uzo, o entregou a dispozição do mesmo thio, para elle distribuir aos pobres. Aprendeu na sua companhia, não só todos os bons costumes para a perfeição da vida chistam; mas tãoobem a lingua latina necessaria // [p. 295]ria para o estado sacerdotal. Recolhido a Goa, depois de tres annos da missão do Canara, se applicou ao estudo da filosofia e theologia nas aulas publicas do collegio novo de São Paulo, que tem nomme de universidade; e ordenado de sacerdote com bastante sufficiencia, approvado pregador e confessor, entrou nesta Congregação aos vinte e nove de Junho de mil seiscentos noventa e hum. Esteve na clauzura quazi sinco annos, ensayando-se com todo o fervor, para seguir as pizadas do seu veneravel thio na missão de Ceylão; assim como o tinha acompanhado na do Canará e imitado na entrada da Congregação. E verdadeiramente o seguio tanto de perto, que quazi se ladeava com elle.

<sup>58</sup> 39. Em dezoito de Fevreyro de 1696, com beneplacito e licença dos superiores, sahio de Goa e fez viagem mui prolongada e molestoza, padecendo por espaço de onze mezes fomes, sedes, febres, colicas mortaes, com que Deos o hia radicando na paciencia, que muita lhe havia de ser necessaria, para tolerar os trabalhos que o esperavão em Ceylão. E çpara ser mayor o seu merecimento nesta penoza viagem, ficou em Trangabar privado da companhia do Padre Jozeph de Menezes e de hum moço, com quem sahira de Goa; os quaes por varios contratempos do mar se embarcarão para Ceylão,

<sup>56</sup> Riscado: «[445?]».

<sup>57</sup> Riscado: «[446?]».

<sup>58</sup> Riscado: «[447?]».

deixando ao Padre Jozeph Carvalho em o mayor desemparo no oitavo dia de huma perigoza enfermidade. Mas acodio-lhe a providencia divina, movendo a caridade do vigario daquelle lugar, que o recolheu em sua caza e nella o teve hum mes e meio, assistindo com medicamentos, regalos e mimos the ficar capaz de proseguir o restante do caminho, que venceu com indiziveis molestias padecidas por mar e por terra, sempre com animo sereno e rosto alegre e já cahido, ja levantado chegou finalmente ao porto de Potulão, aonde respirou e recebeo a consolação da prezença anciozamente dezejada do Padre Jozeph Vaz, seu thio e do Padre Jozeph de Menezes, seu companheiro; como tudo fica relatado livro 2, capitulo 6.

<sup>59</sup>40. Logo que chegou a Ceylão, o escolheu o Padre Jozeph Vaz por seu companheiro na igreja de Candia; nella fez a sua ordinaria assistencia e aturou com elle na mayor empreza que a caridade mais fervorosa podia aspirar na cruelissima contágio de // [p. 296] beixigas, que assolou a Cidade de Candia, aonde nada obrou menos que o Padre Jozeph Vaz naquella universal calamidade, em que assistia aos feridos da peste com subsidio temporal e espiritual, carretando nos hombros panelas de comer para lhes distribuir, curando suas chagas, despejando vasos de escrementos, levando à sepultura cadaveres fetidos, abrindo covas e enterrando por suas proprias mãos as vezes dez e doze deffuntos cada dia, que era o mais a que se podião estender as forças dos mais alentados braços, aturando por mais de hum anno sem interpolação de hum só dia tão laboriozo exercicio, em o qual ganhou para Deos mais de mil gentios, que morrerão bautizados e para si merecimento digno de immortal fama no mundo e da eterna gloria no ceo; como referi mais extensamente no livro 2, capitulo 13.

<sup>60</sup>41. Viveo naquella missão sinco annos e meyo, em cujo discurso correo por lugares os mais perigosos e distantes; e acodia sempre prompto aos mais missionarios nas suas enfermidades, assistindo não só a elles; mas tãobem à christandade das suas designações, com a administração dos sacramentos. E succedendo adoecer a hum mesmo tempo os Padres Jozeph de Menezes em Potulão e Pedro Ferrão em Vanny, a hum e a outro vizitou e consolou o Padre Jozeph Carvalho e o que he mais missionou nas designações de ambos, discorrendo por tantas e tão longinquas partes com indi-sivel fervor. Desta sorte trabalhava tão incansavelmente sem nada attender ao descanso e alivio do corpo, que veo este a contrahir achaques dificeis de cura the perder a vista dos olhos com crueis dores da cabeça, padecidas por largo tempo; tudo efeitos dos grandes trabalhos que tomava nas missoens frequentes. Por não faltar com a caridade aos enfermos que recebia e curava no hospital, soffreo os falsos testemunhos, com que os contrarios o criminarão na prezença do Rey de Candia, the o exterminarem daquelle cidade, aonde tantos bens tinha feito aos seus moradores, os quaes constando ao Rey can-

<sup>59</sup> Riscado: «486».

<sup>60</sup> Riscado: «449».

diota formou tão alto conceito da sua virtude, quanto amor lhe mostrou na sua ultima doença e morte, que conta o Veneravel Jozeph Vaz pela maneira seguinte na sua carta de 28 de Julho de 1702. // [p. 297]

42. Aos 16 deste mez de Julho, domingo de noite cahio enfermo de hum abafamento e cançasso o nosso amado irmão Padre Jozeph Carvalho; e logo começou a dizer que sem milagre não podia escapar; e se preparou, como devia, para receber os sacramentos. Com os medicamentos que fizerão os nossos medicos e os que mandou el Rey, ficou livre do abafamento, que o não deixava deitar, nem assentar socegado; porem o cançasso o não largou. Durou a enfermidade seis dias. E neste tempo estava o padre pregando e exhortando aos que o vinhão vizitar, que erão muitos; e dizia que a vista da sua morte, se lembrasse cada hum da sua e considerando na conta que hão-de dar a Deos, aprendessem a viver bem e morrer bem, com outros muitos documentos, com muita conformidade e consolação com a vontade divina, consolando e animando-me que não temesse a morte temporal, senão a eterna; e repetindo de quando em quando «Creo tudo quanto crê, e ensina a Santa Madre Igreja de Roma e nesta fé espero salvar a minha alma, e creo que fora della ninguem tem salvação». Com estas palavras na boca, sabbado depois do meio dia aos vinte e dous do mesmo mez deu a sua alma a Deos. Domingo com todas as exequias funeraes foy sepultado nesta igreja de Candia, com não esperado sentimento e amorosa lamentação de todos os christãos bons e maos, dos quaes muitos de dia e de noite vinhão a igreja, para lhe assistirem na doença e tãobem alguns dias depois do seu enterro, fazendo grandes demo[n]strações de sentimento, assistião; e parece que assistirião por muitos mais, se eu lhês não prohibisse e os consolasse. Muitos pela alma do padre derão esmolos aos pobres e para se dizerem missas; e alguns quizerão vestir dó, como pela morte dos seus pays costumão. Nem os hereges e ainda os sangatares (sacerdotes de Budu) e gurus dos gentios chingalás deixarão de mostrar sinaes de sentimento. E nada menos fez el Rey, que como dezejava muito a vida e saude do padre, não bastando mandar seus medicos, mandava tãobem outras pessoas de sua confiança, para darem fé da cura, que elles fazião e ordenou tãobem a hum medico christão que lhes assistisse; e sabendo no cabo que o padre se não // [p. 298] melhorava, mandou inquirir se houve culpa alguma ou descuido dos medicos. E depois de espirar o padre, ordenou que fosse sepultado conforme o nosso estilo christão com a pompa funeral que se deve aos sacerdotes e para isso o que de Sua Magestade fosse necessario, lhe avizassemos. E concedeo licença para dar sepultura na igreja, como o padre tinha pedido. Athe qui o Padre Jozeph Vaz.

<sup>61</sup>42. (*sic*). Esta ultima graça foy favor athe então não visto na Corte de Candia, aonde hé inviolavel observancia não enterrar dentro da cidade

<sup>61</sup> Número riscado.

os corpos mortos, ainda que sejam de pessoas reaes; e ainda com mais rigor naquelles lugares e ruas, por onde costuma passar a Magestade, qual era a da nossa igreja. Mas o muito affecto que el Rey Vimala Suria tinha aos nossos padres, facilitou este privilegio só para elles. E passado algum tempo depois do fallecimento do Padre Jozeph Carvalho hindo o Rey por aquella rua em occazião de huma celebridade da sua seyta, ficou parado junto a igreja e mandou dous criados para de sua parte vizitarem ao Padre Jozeph Vaz e fazerem-lhe presente o seu sentimento na falta do seu sobrinho e ahi lhe concedeu ampla licença para mandar vir de Goa outro sacerdote, que o acompanhasse. Honra foy esta vista e ouvida com admiração e espanto de todo o reyno. Apenas contava trinta e sete annos quando accabou o curso da sua vida o Padre Jozeph Carvalho, deixando frustradas com a sua morte as bem fundadas esperanças do grande aumento que a sua muita actividade e zelo prometião àquella missão. Mas he sem duvida, que elle cumpriu inteiramente com as obrigações do ministerio, a que Deos o creara, acabando tãobem como começou, vivendo e morrendo como apostolo; pois em vida foy incansavel em pregar e dilatar a fé; e na morte pregou e exhortou athé espirar com o acto da fé na boca.

*Capitulo Oytavo*

*Noticias do Padre Diogo João e do virtuozo Irmão Manoel da Cruz  
Anno 1702*

43. Apenas passava hum mez da morte do Padre // [p. 299] Jozeph Carvalho com tão justas lagrimas chorada[s] em Ceylão, quando succedeo na Congregação a do Padre Diogo João hum dos mais benemeritos congregados. Foy este padre natural de Cortalym, aldea da provincia de Salsete, filho de João Pereyra e de Izabel Pereyra, bramanes honestos. Andava no seculo com ordens menores em traje de secular e sabia muito pouco do que devia saber quem aspirava ao estado sacerdotal. Tocado da divina graça em idade de vinte e oytos annos, com grande desapego do mundo, de cujos enganos tinha larga experiencia, entrou nesta Congregação ao primeiro de Fevereiro de 1690 e nunca lhe foy onerozo, antes muito util; porque deo para o seu patrimonio setecentos xerafins, alem da annual porção, que contribuía sufficiente para os seus alimentos e athé o gasto do vestido e outra qualquer despeza precisa para a sua pessoa, poupava à comunidade. Procedia tão fervorozo, que <quando> a pobreza da caza e a escaceza do lugar tinham entibiado e atrazado a muitos [da?] resolução com que entrarão; elle, com grande constancia, aturou todos os descommodos para imitar a Christo, que não quiz descer da cruz, em que o puzerão. Os primeiros annos de congregado empregou em ministerios temporaes, a que foy destinado pelos superiores, attenta a sua muita actividade e a necessidade da caza. Trabalhou com o mayor teção e indizível disvelo na fabrica do convento da Santa Cruz

dos Milagres, em cujo edificio, tanto na conducção dos materiaes, como na assistencia continua que fazia aos trabalhadores, não seria muito encarecimento dizer que os suores que derramou, erão bastantes para se amassar toda a cal.

<sup>62</sup>44. Consummada a fabrica do convento se applicou ao estudo e soube quanto podia em idade tão cre[s]cida; e depois de nove annos de congregado foy ordenado de presbytero. Era homem firme na sua resolução, muito amante da verdade e cattivo da razão, sem jamais attender a respeitos humanos, como bem o mostrou no lugar que lhe derão de deputado do governo desta Congregação. Aos missionarios de Ceylão soccorria largamente com rozarios, veronicas, imagens e outras semelhantes arverias necessarias para aquelle ministerio, em o qual cooperava por este modo. Tendo // [p. 300] vivido na Congregação doze annos e seis mezes, com fervorosos dezejões de vida perfeita para acertar no serviço de Deos, foy assaltado de hum *pleoris notto* com febre maligna, cujos crueis simptomias tolerava com muita paciencia, sem se queixar, nem das dores da pontada, que continuamente picava, nem dos ardores da febre, que abrazava.

<sup>63</sup>45. Em vida procedeo com muito desapego do mundo, na morte foy mais que admiravel a pouca estimação que mostrou da mesma vida.<sup>64</sup> Avizando-lhe o medico que se preparasse para morrer; porque a enfermidade era mortal e não obedecia aos remedios e lhe restavão breves dias. Estas novas funestas e tristes a todo o genero humano e a todos os viventes, elle as ouviu e recebeo com o semblante alegre e com a boca chea de rizo. Parecia que o humor maligno, que a passos apressados o levava à sepultura, não reinava nelle tanto quanto predominava o celestial e doce prazer, com que o seu espirito se banhava em alegria, pelo felicissimo anuncio de estar proximo de hir ao eterno descanso da caza do seu senhor.<sup>65</sup> *Laetatus sum in his, quae dicta sunt mihi. In domum Domini ibimus.*<sup>66</sup> Não se vio navegante tão alegre ao sorgir no dezejado porto; nem tão contente o prezo e<sup>67</sup> cattivo, vendo-se restetuido à liberdade, como o nosso Padre Diogo João no meyo de tão agudas penalidades, ficou cheo de gozo e contentamento, ouvindo as novas da morte tão vezinha. Que porto tanto para dezejado, que o da eterna gloria, para onde navegamos emquanto peregrina[m]os neste valle de lagrimas? Que liberdade tanto para appetecida, como a perfeita dos filhos adoptivos de Deos, que só se consegue depois de sahir o espirito do carcere da carne? Conhecendo, pois, o Padre<sup>68</sup> Diogo João ser chegada a hora de sorgir em

<sup>62</sup> Número riscado.

<sup>63</sup> Escrito sobre um número riscado.

<sup>64</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>65</sup> Psalm. 121.

<sup>66</sup> «Regozijei-me com as palavras que me foram ditas. Iremos para a casa do Senhor».

<sup>67</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>68</sup> Riscado: «o p».

porto seguro e de se romperem as prizões do duro cativeiro do corpo, para começar o espirito a log[r]ar perfeito e perpetua liberdade; razão era que os jubilos do seu coração excedessem as malignas dores e ardores da sua enfermidade e o seu espirito e corpo se banhassem em alegria, consolação, gozo e prazer; que em semelhante consideração experimentava o profeta rey.<sup>69</sup> *In convertendo dominus captivitatem sion, facti sumus sicut consolati. Tunc re // [p. 301]pletum est gaudium os nostrum et lingua nostra exultatione.*<sup>70</sup>

<sup>71</sup>46. Assistia-lhe o Irmão Bernardo Coutinho com muito especial cuidado e vivos desejos da sua melhora; vendo-o, porem, desenganado do medico e que se hia chegando ao ultimo fim, concebeo tanta pena que a não podia dissimular no rosto. O moribundo, que estava em perfeito acordo, reparou na tristeza do irmão enfermeiro e lhe perguntou. Que motivo tem carissimo irmão para tanta magoa e sentimento, que mostra no rosto? Está porventura triste; porque eu morro? Respondeo o irmão, que seria mais duro que pedra, se não sentisse a sua morte. Surrio-se o moribundo e disse. Irmão, viemos a esta caza alegres, para morrermos alegres. Entre tanta alegria do seu espirito, com que Deos lhe fazia suave o terrivel trance da morte, era combatido de fortes tentações contra a fé. Chamou a seu director e communicou-lhe o que passava na sua com[s]ciencia e lhe pediu que escrevesse em hum papelinho as seguintes palavras. «Protesto, meu Deos, viver e morrer na vossa santa fe catholica; e se quando estiver perturbado dos sentidos na hora da morte, me vier algum pensamento contra ella ou outro, que não for de vosso agrado, desde agora protesto que lhe não dou consentimento, antes o desdigo e aborreço». E recommendou que na ultima agonia, quando ficasse sem acordo, lhe metesse na mão esse papelinho. Recebeo os sacramentos com summa devoção e perfeito uzo dos sentidos, erão frequentes as jaculatorias que lançava para o ceo; os actos da resignação na divina vontade, continuos; o desapego do mundo; o tedio da vida, a paciencia, com que sofria os crueis simptomias de tão dolorosa enfermidade e a alegria com que esperava pela morte, resplandecião mais que admiraveis. Começou a agonizar, tomou o recommendado papelinho, apertou-o na mão direita e pondo-a sobre o coração, entregou a sua alma a Deos, em cuja fé viveo quarenta annos e falleceu aos vinte e tres de Agosto, deixando saudozas memorias da sua amavel e exemplar companhia.

<sup>72</sup>47. O virtuozo Irmão Manoel da Cruz, grande servo de Deos se chamava no seculo Manoel Francisco da Cruz. E sendo precizo // [p. 302] deixar hum dos sobrenomes na entrada da Congregação para ficar só com hum conforme o estatuto della, sem embargo de ser muito devoto de

<sup>69</sup> Psalm. 125

<sup>70</sup> «Ao libertar do cativo de Jerusalém, o Senhor tornou-nos felizes. A nossa boca enche-se de alegria e a nossa língua de exultação».

<sup>71</sup> Número riscado.

<sup>72</sup> Escrito sobre um número riscado.

São Francisco Xavier, deixou o de Francisco e não o da Cruz, para ter nelle hum continuo despertador da cruz da mortificação, que devia carretar, para seguir as pizadas de Christo como christão e tãoobem para conformar as suas acções com o seu nomme Manoel, que he nomme de Christo. Na[s]ceo de Ignacio da Cruz e de Anna Christina, bramanes <dos> principaes da aldea de Neura, da Ilha de Goa. Em tenra idade faltou-lhe a mãe e Deos lhe proveo de huma madrasta, que o amou mais que a mesma mãe que o pario; <ella> o criou e educou em santo temor de Deos, com tanto affecto e cuidado, como elle o mostrou ao depois no virtuozo procedimento da sua vida. Chamava-se a madrasta Lourença Rodrigues, matrona muito pia, exercitada na oração e mortificação e na frequencia dos sacramentos. Como ella não tinha filho vivo, amou ao enteado que era unico, como may a unico filho. E ja que não era filho de sua carne, o fez do seu espirito, que hé parentesco mais estreito e nobre. Era Manoel de genio docil e bem inclinado à virtude e como em cera branda ficarão impressos no seu coração os caracteres do santo temor e amor de Deos, que com o seu <exemplo> e doutrina lhe ensinava a sua madrasta e mãe espiritual.

<sup>73</sup>48. Com tão felices principios tomou ponto tão alto e fez taes progressos na virtude, que vivia na sua aldea vida devota, austera e muy edificativa; e era por este respeito visto e tratado com veneração do paroco e dos sacerdotes, que havia muitos naquella freguezia. Todo o dia e mayor parte da noite empregava em exercicios santissimos. Muito de menha depois de huma larga oração mental que começava na madrugada, rezava as matinas e laudes do officio parvo de Nossa Senhora; e logo era o primeiro que entrava na igreja que lhe ficava vezinha, e o ultimo que sahia della, accabada a ultima missa, aturando de joelhos todo aquelle espaço, que era de quazi quatro horas, com tanta modestia, composição e silencio, que não torcia o corpo, nem virava o rosto, não fallava palavra, nem escarrava com estrondo em prezença do Santissimo Sacramento; e de ficar tão largo tempo de joelhos, lhe // [p. 303]<sup>74</sup> nascerão huns callos negros de grossura de hum dedo, duros que couro. Recolhido a caza tinha conversa honesta, edição espiritual com assistencia de alguns sacerdotes e de outras pessoas do seu genio. De tarde, rezadas as restantes horas do officio da Senhora, vizitava com os seus companheiros as cruces da via sacra que há no pateo daquella igreja. E esta devoção da *via crucis*<sup>75</sup> era nelle indispensavel todos os dias do anno, assim no Verão, como no Inverno; e no tempo da Quaresma começava a meio dia em ponto na maior força do calor; que nestas partes hé grande em semelhante tempo e hé huma rigorosa mortificação; mas tãoobem edificava tanto com ella, que atrahia athe os sacerdotes, que o acompanhavão e seguião neste santo exercicio, não se pejando de ser discipulos de hum home[m] leigo. De noite com toda a familia, que constava de nove pessoas,

<sup>73</sup> Número riscado.

<sup>74</sup> No original aparece na margem deste fólio: Anno 1703.

<sup>75</sup> «Via Sacra (da Cruz)».

dizia todas as orações da doutrina christam, cantava o terço do roزاریo, ladainhas, salve e outros obsequios da Virgem Santissima; rezava com mãos em cruz sete vezes o Padre Nosso, Ave Maria e Gloria, em memoria da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo; e outros muitos Padre Nossos e Ave Marias, pelos que estavam em peccado mortal, pelos navegantes, enfermos, almas do purgatorio e outras tenções, gastando neste exercicio quasi duas horas pela pausa, vagar e devoção, com que o fazia. Depois da cea se recolhia e tinha mais exercicios privados e occultos, em que gastava largo tempo. E tendo a cama preparada só para a demo[n]stração, se deitava a dormir sobre huma grossa esteira extendida em tres ou quatro troncos, que juntos fazião um potro para o martirio.

49. Do santissimo sacramento, que hé a semente de todas as virtudes e fomento de todo o bem, foy tão fervoroso devoto, como era justo. Todas as vezes que se tangia ao viatico para os moribundos, ainda que fosse tempo de Inverno fechado e hora a mais escura de noite, o acompanhava com lanterna acesa <na mão>, hindo com ella diante da carruagem, em que o sacerdote levava a sagrada particula. Nas renovaçoens e procissões do<sup>76</sup> sacramento era o primeiro. Alem da assistencia que fazia todas as menhas na igreja, visitava todas as tardes ao Senhor. Na quinta-feira maior desd[e] a exposição do sacramento no tabernaculo thé acabar a solemnidade da Pascoa da Resurreição // [p. 304]<sup>77</sup> assistia na igreja de dia e de noite, velando e orando e não deixando o seu posto mais que para as necessidades inescuzaveis. Era confrade da Irmandade do Santissimo Sacramento da sua freguezia e acodia com tanta promptidão a todos os actos e funcções della, como hum religioso observantissimo das obrigações de suas regras. Confessava-se e tomava a sagrada communhão em todos os sabbados do anno e nas festas de Christo, Nossa Senhora e santos da sua devoção. No culto e veneração da Santissima Virgem Mãe de Deos não mostrou menos fervor; porque alem de perpetuos obsequios, que ficão ditos do officio que rezava de dia e do terço do roزاریo, que cantava de noite, alem dos jejuns e frequencia dos sacramentos nos sabbados e festividades, que tudo fazia em contemplação da mesma Senhora, tinha de mais por costume inviolavel visitar em todas as quartas feiras de manhã huma imagem sua de titulo da Senhora da Boa Dita e assistir a sua missa cantada na Ermida de São Sebastião dentro da mesma parochia, aonde hé venerada.

<sup>78</sup> 50. Foy mui casto, honestissimo no trato do seu corpo, puro, limpo e inculpavel nas suas acçoens. Por amor e apreço grande que fazia da castidade, se não quiz sogeitar ao jugo do matrimonio, sendo unico filho e herdeiro da caza de seu pay, não reparando, ficava extincta a sua geração por se não cazar; antes determinou deixar a mesma caza e herança dos pais, aspi-

<sup>76</sup> Riscado: «senhor».

<sup>77</sup> No original aparece na margem deste fólio e seguintes: Anno 1702.

<sup>78</sup> Número riscado.

rando a huma vida angelica, que dezejava fazer na clauzura da Congregação. Para extinguir os estimulos da concupiscencia macerava a carne com rigozozos jejuns em todas as segundas, quartas, sextas feiras e sabbados do anno, alem dos do preceito da Igreja; e ainda nos dias que não jejuava sempre era grande a sua abstinencia; porque comia pouco; e excepto bannanas, que na India chamamos <figos>, se abstinha de toda outra fruta. E a medida da sua abstinencia erão tãobem as mais mortificaçoens e penitencias de disciplinas e cilicios, com que afligia e domava o corpo. A sua oração foy, sem duvida, fervorosa e alta; pois era tão continua, que empregava nella grande parte do dia e da noite em caza e na igreja. Foy zelozo propagador desta virtude tão necessaria para adquirir as mais. Não se // [p. 305] contentando com ensinar aos seus companheiros a praxe della, para beneficio commum dos mais patricios impetrou com efficazes instancias licença do seu paroco, que era religioso graciano, chamado Frey Manoel do Sacramento, para a fazer publica na igreja nas segundas, quartas e sextas feiras da Quaresma, costume que the o presente se observa e emquanto viveo na aldea era perpetuo leitor do ponto da meditação, diligenciando elle mesmo livros que tratão da oração, para os communicar a outros e afeiçoa-los ao exercicio tão proveitozo ao espirito.

<sup>79</sup> 51. Era manso, pacifico e humilde de coração; fogia de bandos, parcialidades, contendas, porfias, que nas aldeas não faltão. De sua boca ninguem ouviu louvor proprio, nem offensa alhea. Vivia em paz com todos, porque vivia sogeito e humilde a todos. Comtudo para o exercicio da paciência e da humildade lhe tinha Deos dado dous vezinhos; hum, que ficava a direita e era homem iracundo e muito mal sofrido; outro, que ficava a esquerda e era algo faceto e mui amigo de tramoyas. O da esquerda andava empenhado para fazer quantas armadilhas pudesse ao da direita; mas com tal destreza que atirava a pedra e escondia a mão. E o da direita attribuia tudo ao nosso irmão, que lhe ficava mais vezinho, por estar no meio; e se desplicava com huma troada de injurias e descomposições publicas, as quaes o bom irmão sofria com toda <a paciência,> sem nunca desculpar a si, nem culpar ao author de todo aquelle desconcerto. Pernoitando em sua caza hum pobre, a quem convidava muitas vezes para a cea, huma noite começou a queixar-se de que lhe doião os pes, por ter andado muito aquelle dia e dezejava que alguém lhós amassasse, para se aliviar da dor; offereceo-se promptamente o nosso irmão e pondo-se de joelhos aos pés do pobre, que estava deitado na cama, os amassou com grande caridade e muita humildade. Assim era pio e mizericordiozo com os pobres, aos quaes com bonissima vontade soccorria, não só aos mendigos que chegavão a sua porta; mas tãobem aos vergonhosos, cuja indigencia sublevava com esmolos occultas segundo as suas posses, que erão medianas. Visitava aos enfermos e os consolava e animava para o sofrimento com praticas espirituas; e aos que erão // [p. 306] pobres,

<sup>79</sup> Número riscado.

ajudava com algum dinheiro para a sua cura. Quando entrou na Congregação deixou na mão de Antonio de Saá seu primo certa quantia para assistir com ella às necessidades de hum sacerdote pobre. Aos moços de sua caza trazia bem instroidos na doutrina christam e zelava tanto que observassem os preceitos da Igreja e da ley de Deos, que lhes não consentia menor serviço nos dias da goarda. E no tempo da sementeira das vargeas, em que com pretexto da necessidade não reparão outros em mandar trabalhar nos domingos e dias santos; elle, ainda que houvesse perigo de prejuizo na dilação do tempo, a nada attendia e por nenhum cazo queria que os seus campos fossem semeados em semelhantes dias. E dizem que ninguem colhia melhor novidade do que elle, verificando-se o adagio, que mais val[e] a quem Deos ajuda do que a quem muito madruga.

<sup>80</sup> 52. Com este theor da vida tão devota e edificativa lograva Manoel Francisco da Cruz na sua aldea geral estimação de todos e muito mais na opinião de huma matrona virtuozza, a qual dezejava beijar a terra, em que elle punha os pés. Seria de idade de trinta e cinco annos, quando se sentio chamado de Deos para a clauzura da Congregação do Oratorio; e promptamente determinou obedecer à sua vocação. Soube-se na aldea a rezolução que tinha tomado com muito applauzo da madrastra, a quem vivia muito obediente e não faltarão tentações dos patricios que, com pretextos santos, o dissuadião della; porque dizião que na clauzura em profissão de leigo seria bom só para si; mas na aldea era utilissimo para muitos, como a experiencia testemunhava; e continuando ao diante com o seu bom exemplo, não só perseverarião os que ja o imitavão; mas se reduzirião outros muitos ao caminho da virtude com muita gloria de Deos e utilidade publica de toda aldea. Porem elle, que estava firme no seu propozito e conhecia que era bom o espirito que do povoado o levava para o dezerto, não gastou muito tempo para se desembaraçar do mundo. Vendeu os bens que possuia, as cazas em que morava e todo o movel que nellas tinha. Consignou huma parte para a sustentação da madrastra, fez varias esmolaz, deu setecentos xerafins para o patrimonio da Congregação // [p. 307] e livre de todo o cuidado, entrou nella aos dezanove de Junho de mil setecentos e hum. Mas como não buscou a clauzura da Congregação para feriar as mortificações e rigores da vida que fazia no seculo; senão para se perfeiçoar mais e mais no espirito e vivendo sogeito à vontade alhea, mortificar melhor a propria e imitar com mais exacção a Christo crucificado, procedeo no noviciado com o fervor que de tão virtuozzo noviço se pode considerar. E Deos para lhe cumprir inteiramente os desejos que tinha de padecer por seu amor, lhe deu por cruz a cama, em que viveo crucificado o restante da sua vida, que foy breve; porque depois de poucos mezes de noviciado cahio enfermo de febres, que forão longas e impertinentes. Curado dellas, deu-lhe o mal da hydropezia com complicação de outros achaques, que não obedecião a quantos remedios se applicarão.

<sup>80</sup> Número riscado.

Tudo soffria com grande constancia o paciente noviço; mas o que unicamente lhe feria e afligia muito o coração, era ter ja passado o anno da provação e não ser admittido para a profissão; antes o tirarão da moradia do noviciado e o mudarão para hum cubiculo do corredor debaixo e lhe entregarão as chaves da adega, que foy o mesmo que mete-lo na estacada com o espirito da ebriedade; porque dizia o irmão que padecera naquelle cubiculo muitas e importunas tentações, que rezistia com valor, de beber vinho, de que ainda no seculo nunca foy devoto; representando-lhe o tentador que a origem dos seus achaques era fraqueza do estamago e falta de boa digestão e para huma e outra queixa só o vinho era remedio opportuno.

<sup>81</sup> 53. Neste estado lidando por huma parte com as molestias dos seus achaques e rebatendo por outra as sugestões do demonio, cre[s]ceo ainda mais a sua afflicção com o rumor que ouvia de ser despedido da Congregação por cauza dos achaques incuraveis, contrahidos no noviciado, que o inhabilitavão para a profissão. Em que consternação se acharia este pobre de Christo ouvindo taes noticias! A cuja porta havia de hir bater, depois de despedido da porta da Congregação, hum homem que por entrar nella vendeu the as cazas e porta em que morava! A consideração dos discommodos do corpo achacado e inutil para a vida humana; o cuidado do necessario para a sustentação e cura dos acha // [p. 308]ques que demandavão despeza mayor; e sobretudo a desconsolação do espirito, por ver-se obrigado a deixar o lugar, a companhia e os exercicios tão santos da Congregação, erão ondas de mortaes angustias que quebravão e batião no seu afflicto coração, não tendo outro desafogo, nem alivio mais que huma firme confiança na mizericordia divina, que esperava experimentar propicia em toda a parte. Esta foy a cruz mais penoza, em que Deos crucificou ao nosso Irmão Manoel da Cruz; este o fogo da tribulação, em que acrizolou a sua paciencia; e este o mais arriscado conflicto da tentação, com que provou a sua virtude. E sem embargo que no meio de tamanha afflicção vivia muito conforme com a vontade divina; mas como a resignação e a paciencia com que os servos de Deos soffrem as adversidades, ainda que os faça soffridos e mortificados, não os faz insensiveis; hum dia que se havião de ajuntar os padres do governo, para resolverem afinal sobre a profissão ou despedida de nosso irmão, estava elle no seu cubiculo em oração, encommendando o negocio a Deos com affecto e efficacia que a sua afflicção dictava e a sua necessidade requeria. Depois de orar largo tempo, condescendendo com o corpo doente e ja cansado de orar, se lançou na cama, continuando com o pensamento na mesma rogativa, que fazia pelo bom despacho da consulta. Neste tempo vio entrar dentro do seu cubiculo huma pessoa veneranda, vestida de grosso sacco, com semblante tão macilento, que representava vivo retrato da mais austera penitencia. Trazia na mão huma tigella de barro, mais de meio chea de materias corruptas e hediondas e mostrando-lha, disse «Vês quanto falta por encher? Pois importa

<sup>81</sup> Número riscado.

enche-la». E desapareceu a vizão, ficando o irmão animado para novos trabalhos e penas que significava aquella podridão; e com grande conformidade e resignação para tudo que Deos e o superior, que em seu lugar estava, dispuzesse da sua pessoa. E se para encher a tigella queria Deos que fosse despedido da Congregação, pois fora della seria em tudo mayor o seu padecimento, para tudo se offerencia com grande fortaleza e com todo o rendimento da sua vontade. Referio elle esta vizão à sua madrastra, por occasião que direy logo; que // [p. 309] como era mestra do seu espirito e sentia como proprias as suas penalidades, lhe quiz participar a consolação deste mimo, com que o regalou o ceo; porque os mimos mais regalados para os servos de Deos são as occasiões de padecer por amor do mesmo Deos.

<sup>82</sup> 54. Sahio a consulta, não com o rigor que se temia; porque os padres do governo attenderão muito a virtude de nosso irmão, pela qual merecia que a Congregação não perdesse tão bom filho. E com caridade christam assentarão não despedi-lo, para o não exporem ao desemparo, que seria grande, de ficar sem cazas para morar, nem meynos para se alimentar. Diffirirão-lhe, porem, a profissão para mais tarde e que entretanto fosse para a sua aldea em habito de congregado e estivesse alguns mezes, por se acazo nos ares patrios se recobrava a natureza, que estava mui descomposta e ficava habel para obedecer aos medicamentos. Foy, pois, mandado a sua aldea Neura, assistindo a Congregação com a despeza para o sustento e cura; e se agazalhou em caza do Padre Francisco Rodrigues, irmão da sua madrastra, que morava na mesma caza, aonde lhe declarou a referida vizão, asseverando que não foy imaginaria, senão occular, estando em seu pleno e perfeito acordo. Esteve naquella aldea mais de dous mezes, sem melhora de consideração. Entrou o Dezembro de mil setecentos e dous e adoeceu o Padre Francisco Rodriguez com febres terçans dobres, cujos ardores e agastamentos não podia soportar e as vezes com tal excesso que gritava e inquietava <a> toda a caza, não havendo meio com que se socegasse. O nosso irmão, que se tratava com o padre com confiança de parente e amigo, o exhortava a paciencia e hum dia que os ardores da febre erão mayores e por consequente mayor o desasocego do enfermo, se chegou a elle o nosso irmão e lhe começou a fallar nas penas do purgatorio, para que considerando nos que nelle havia de padecer, sofresse a febre calladamente e não inquietasse <a> toda a caza. Estava o enfermo turbado com a consideração de que a sua doença era mortal e tudo era queixar-se de que morria daquella. Mas o nosso irmão o consolou dizendo. Esteja Vossa Merce certo de que não morre desta enfermidade; antes brevemente estara são. Eu sim, que hei de morrer muito depressa. Tudo // [p. 310] succedeo promptamente. O Padre Francisco Rodrigues se foy melhorando; e o nosso irmão sobre as suas molestias ordinarias teve huma sezão da febre tão ardente, que logo conheceo por mortal.

<sup>82</sup> Número riscado.

<sup>83</sup> 59 (*sic*).<sup>84</sup> Sabendo o madrastra da nova molestia do enteado, o foy ver e perguntando como passava, teve por re[s]posta, que estava proximo de passar deste mundo para outro. A madrastra, que o amava por extremo, não pôde reprimir as lagrimas e o pranto; ao que elle acodio, mostrando algum enfado e desgosto daquellas demo[n]strações. Valha-me Deos (dizia) logo não temos nenhuma conformidade com a vontade divina? Se Deos assim hé servido, porque nós não quereremos o que Deos quer? Se Vossa Merce não pode ver-me morto, deixe-me estar só com Deos; que essas lagrimas mal empregadas não me podem livrar da morte, que Deos tem decretado. Hia cre[s]cendo o perigo a passos agigantados, de sorte que logo o poz incapaz de poder recolher-se ao convento da Congregação. Fez a sua ultima confissão para a morte com o Padre Francisco do Rego da mesma aldea e com devotissima preparação recebeo o santo viatico. Na noite que foi ultima da sua vida, vendo o confessor o seu perigo proximo, lhe queria assistir athe fallecer; mas elle disse ao confessor que se fosse descançar em sua caza, porque tinha ainda algumas horas da vida e não morreria sem o confessor estar presente. Assim succedeu; porque passada a meia noite mandou chamar a seu confessor e tanto que este chegou, pedio o sacramento da extrema unção, que recebeo em perfeito acordo, fazendo colloquios com Deos. Depois de ungido, tomou a vela aceza e o crucifixo e invocando tres vezes em voz alta e perceptivel o santissimo nomme Jesus, lhe entregou o seu espirito na madrugada de vinte e hum de Dezembro, de mil setecentos e dous, com tanta serenidade e quietação, que o ultimo arranco não pareceo de corpo que expirava; senão de pessoa que quietamente dormia. Assim <morreu><sup>85</sup> com Jesus na boca, quem viveo sempre com Jesus no coração. Foy o seu corpo conduzido a Congregação e enterrado na sepultura da capella mor da Igreja da Santa Cruz dos Milagres, no mesmo dia. // [p. 311]

#### Capitulo Nono

*Missões fructuosas dos congregados em Goa. Toma Sua Magestade a Congregação debaixo da sua protecção real*  
Anno 1703

<sup>86</sup> 60. A dilação do suspirado real beneplacito, solicitada por nossos emulos, para embarçar os aumentos desta fundação, chegou finalmente a seu termo. Receavão os nossos emulos que, sendo esta Congregação estabelecida com o patrocínio real e confirmada por Sé Apostolica, se lhes demenuiria parte da grande devoção que logravão, em boa paz, do povo e dos magnates, que ainda em nossos pequenos principios nos mostravão alguma

<sup>83</sup> Número riscado.

<sup>84</sup> Erro do escrivão na numeração, passando do número 54 para o 59.

<sup>85</sup> Palavra riscada.

<sup>86</sup> Número riscado.

inclinação. Bem supponho que esta opposição não era maligna; mas apreendida como conveniente aos seus particulares intentos, todos pios e santos. Porem, fosse como fosse, nada bastou para o designio <delles>; e mostrou o tempo quão vão foy o seu temor e inutil a sua diligencia. Porque Deos he mar que pode encher a todos, sem vaziar a alguém; e ainda que a huns abatte e a outros exalta; não hé isto; porque os seus thezouros não superabundem para todos; senão porque nos os homens não sabemos conservar as cheas de Deos; e por isso as enchentes são suas, as vazantes nossas. Enganavão-se os nossos emulos em cuidar ou recear que o nosso augmento pudesse demenir a sua estimação; e me persuado que esse receo era parto da sua grande humildade, com que não conhecião a propria eminencia, com a qual nunca poderia competir a nossa pequenez, por muito que cre[s]cesse. Verdade hé, que estavamos fundados no Monte de Boavista; mas sempre ficavamos em humilde valle a respeito d[e] outras fundações tão antigas, tão illustres, tão benemeritas, tão santas e tão eminentes em tudo, como he razão e todo o mundo sabe. E com este reconhecimento tinhamos posto os olhos nestes eminentes e santos montes, esperando delles auxilio e favor, para nos estabelecermos no nosso humilde valle.

<sup>87</sup> 61. E porque Deos, *humilia ab alto respicit*; <sup>88</sup> abriu os // [p. 312] olhos para nos ver e encher de muitos bens sem menor prejuizo de terceiro. Resplandeceu muito a divina beneficiencia nas missoens, que os congregados fazião por este arcebispado, as quaes sendo no principio pouco bem vistas, vierão ao depois ser materia de louvar muito a Deos, pelo que tinham de fructuozas. A multidão das confissoens geraes, a restetuição do alheo, a paz e reconciliação entre animos discordes fazia aos missionarios gastar muitos mais dias do que lhes parecião necessarios em cada freguezia, em que entravão a missionar. Do que, sendo publica a fama, pedio a Meza da Caza da Mizericordia desta cidade com grandes instancias ao nosso prelado, se quizesse encarregar da instrucção do Recolhimento da Santa Maria Magdalena, antiga fundação do Veneravel Arcebispo Dom Frey Aleixo de Menezes, que o inventou para o refugio das mulheres pobres, pupilas e orfans, sustentadas pela mesma Caza da Mizericordia, a qual se valeo da authoridade do Illustrissimo Primas, para que a Congregaçã se sogeitasse a este emcargo. O fruto que nelle fizerão os congregados, consta da seguinte carta, que o provedor da Mizericordia escreveu em agradecimento.

Muito Reverendo Padre Prefeito. Emquanto as occupações me não dão lugar a buscar a Vossa Paternidade, por esta carta lhe agradeço o favor que me faz em continuarem os padres no exercicio espiritual do Recolhimento da Santa Maria Magdalena. E hoje me disse a regente o muito fruto que naquellas almas fazião os seus bons documentos e o ensino de saberem orar

<sup>87</sup> Número riscado.

<sup>88</sup> «Deus olha do alto a humildade».

a Deos, pedindo-me, quizesse interceder com Vossa Paternidade para continua-lo mais amiude; e assim peço a Vossa Paternidade, conheça ser esta huma missão muito importante para o serviço de Deos; porque aquellas almas the agora viverão em grande desamparo e falta de todo o pasto espiritual; e ja que Vossas Paternidades lhes aproveitarão tanto nestes principios, o queirão frequentar para gloria de Deos e mayor honra da sua religião. E para o que eu prestar, me acharão com muita larga vontade para os servir. Deos goarde a Vossa Paternidade como pode. 6 de Março de 1703. Muito obrigado servidor de Vossa Paternidade Andre Varella Sottomayor. Neste mesmo tempo // [p. 313] o Tribunal do Santo Officio recommendou aos nossos congregados a administração dos sacramentos aos prezos dos seus carceres e a instrucção espiritual ao[s] penitenciados que sahem no auto publico da fé, exercicio em que continuamos the o prezente; como tãobem no confissionario do sobredito Recolhimento.

<sup>89</sup> 62. Para firmeza e perpetua estabelidade de tanto proveito espiritual das almas não podia faltar a divina bondade, em cuja gloria cedião os fructuozos trabalhos dos congregados. Era atualmente todo o alvo dos desejos e ancias da Congregaçã a protecção real e o seu applauzo, para supplicar a confirmação da Sé Apostolica. E parecia muy contraria a nossos intentos a conjunção do anno prezente, em que el Rey e toda a Corte estava em summo cuidado sobre a deliberação da liga do nosso reyno, solicitada por huma parte pelo Emperador de Alemanha a favor do Archiduque seu filho e por outra pelo Rey de França, em socorro do Duque de Anju, seu neto, pertendentes ambos da monarchia de Hespanha, por cuja cauza os ministros e conselheiros de quazi todos os tribunaes, deixadas as mais occupações, se applicavão só a este negocio de tantas consequencias. Mas, quando parecia difficuldade insuperavel conseguirmos este anno couza de proveito, permitio Deos que nos ultimos dias da expedição da nao da India, attendesse el Rey à instancia do nosso Reverendissimo Padre Francisco Pedrozo, então prepozito da Congregaçã do Oratorio de Lixboa e mandasse consultar na Junta das Missões a nossa pertença. Para rezolução deste negocio (são palavras do mesmo padre prepozito) se fez em dia de São Bento, a 21 de Março, a Junta das Missoens, em a qual eu sou hum dos votos; e se debateo altamente este negocio; porque se bem Roque Monteiro Paim e o confessor de Sua Magestade e outros alguns mais dos deputados da dita Junta favorecião à pertença de Vossas Reverencias, outros porem a impugnavão *acriter*.<sup>90</sup> E muito importou assistir eu na dita Junta, para se vencer o negocio a nosso favor; porque reduzi a todos os prezentes a que se devia dar a confirmação, que Vossas Reverencias // [p. 314] tão justamente pedião e a tinham merecido com o seu santo zelo, comprovado por tantos annos. Emfim convierão todos que Sua Magestade confirmasse a Vossas Reverencias e lhes desse a protecção real; com declaração, porem, que havia de ser na forma em que

<sup>89</sup> Número riscado.

<sup>90</sup> «acerrimamente».

o senhor arcebispo os tinha confirmado e com as moderações que lhes tinha posto aos estatutos; no que eu não resisti muyto; porque assim me parecia, se conseguiria o negocio; e de outra sorte seria impossivel.

<sup>91</sup> 63. O empenho com que os deputados do parecer contrario, ainda depois de rendidos à razão, que de nossa parte allegou o nosso padre prepozito da Congregação de Lixboa, insistirão firmemente em que a confirmação real fosse debaixo daquella restrictissima condição de persistirmos sempre na mesma forma com que o Illustrissimo goano tinha innovado e confirmado os nossos estatutos, não deixava de ser muito misteriozo. Porque o principal motivo da emulação consistia em receos de que, observando esta Congregação de Goa os mesmos estatutos de Lixboa, passarião os congregados do reyno à India, assim como outros religiosos passão, mudando-se para os conventos que tem a sua ordem neste Estado; como membros de hum corpo. E sendo os nossos estatutos na forma disposta pelo Illustrissimo arcebispo tão disformes dos da Congregação de Lixboa, seria grande monstruosidade unir-se estes membros tão desproporcionados com aquella cabeça. Esta foy a razão, porque tanto insistirão os contrarios na condição de ficarmos firmes nas innovaçoes feitas pelo Illustrissimo. E obrou prudentissimamente o nosso reverendissimo prepozito de Lixboa de não remar por então contra a maré, que corria tão impetuoza; deixando o negocio a providencia divina que mudou as couzas em tempo mais opportuno e por modo que nem a Sua Magestade foy desagradavel, nem o Illustrissimo Arcebispo o pode alterar de *motu proprio*,<sup>92</sup> como diremos em seu lugar. Subio, pois, a consulta a Sua Magestade e baixou o despacho real<sup>93</sup> em carta seguinte.

64. Prefeito da Congregação dos Padres da Cruz dos Milagres da Cidade de Goa, do Estado da India. Eu el Rey vos envio muito // [p. 315] saudar. O zelo com que vos e os vossos congregados mostram ter do bem das almas e o cuidado com que o procuraes satisfazer nas missoens, que estão a vosso cargo, se faz digno de que vo-lo agradeça e louve por esta carta. Espero que assim o continueis ao diante e emquanto assim o fizerdes, podeis estar certo que achareis a minha protecção. Nesta conformidade sou servido de vos dar pelo Conselho Ultramarino o meu consentimento, para que possais pedir do Summo Pontifice na Corte de Roma a confirmação dos estatutos que vos fez e approvou o arcebispo primaz desse Estado da India com as clauzulas, condiçoens e declaraçoens apontadas por elle e não de outro modo, advertindo que alterando-se na confirmação ou tãoobem da vossa parte qualquer das taes clauzulas, condiçoens e declarações do dito arcebispo, não vos dou o tal consentimento e que sempre será a principal condição que estareis sogeitos a jurisdicção do arcebispo, que ao prezente hé e ao diante for desse Estado; e que a todo o tempo que me constar ser contrario o vosso procedi-

<sup>91</sup> Número riscado.

<sup>92</sup> «por vontade própria».

<sup>93</sup> Riscado: «p».

mento do que hoje tendes, o que Deos não permita, vos não podereis valer do meu consentimento, nem da confirmação que vos der o Summo Pontifice, nem para outros fins, nem forma de religião mais do que se declara nos ditos estatutos, aprovados pelo arcebispo. Escrita em Lixboa a vinte e dous de Março de 1703. Rey.

#### Capitulo Decimo

*Viagem do Padre Pedro de Saldanha para Ceylão. Fruto das missões dos Padres Jozés Vaz e Menezes <e Pedro Ferrão> em varios lugares daquella ilha Anno 1703*

<sup>94</sup> 65. Quando era muy sensivel na missão de Ceylão a falta do Padre Joze Carvalho, e nos principios deste anno se temia a do Padre Pedro Ferrão que, fatigado com muito trabalho, com que buscava as almas para Deos, enfermou gravemente the os medicos o julgarem proximo a morte. Neste estado acodiou Deos àquella christandade, inspirando e movendo ao Padre Pedro de // [p. 316] Saldanha para se offerecer à missão. Tinha este padre missionado alguns annos no Reyno do Canará antes de entrar na Congregação. E porque concorrião nelle todas as boas qualidades que se podião dezejar em hum missionario activo e zelozo, foy logo aceyto e despachado. Sahio de Goa em treze de Fevreyro, em huma manchua dos mouros da Costa do Malavar e com quatro dias de feliz viagem tomou o porto de Tanor na mesma Costa. Partio de Tanor com intento de desembarcar em Coulão, aonde rezidia o Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, da Ordem dos Pregadores, Bispo de Cochim e Diocezano de nossa missão, prelado zelozissimo das suas obrigaçoens pastoraes e apaixonadamente affeioado a nossa Congregação. Mas porque o patrão da embarcação faltou ao padre com a palavra e pacto de o pôr em Coulão, passou a Travancor, vinte e tres legoas pela costa abaixo. Em Topo, aonde ficava o Reverendo Padre Antonio de Barros, Provincial da Companhia de Jesus e de outros religiosos da mesma, recebeo muytos beneficios. E porque importava em todo o cazo tomar a jur[is]dicção do prelado ordinario para a exercitar na missão, escreveo dando-lhe conta do successo da sua viagem, com que inopinadamente se achava tão remontado; que não sem muita difficuldade e trabalho podia voltar para tras. E na suppozição de que estes motivos erão bastantes para sua illustrissima o relevar da obrigação de chegar pessoalmente aos seus pés, pedia a sua paternal benção e jur[is]dicção, para com ellas exercitar os ministerios de missionario em Ceylão.

<sup>95</sup> 66. Erão tempos aquelles, em que este prelado tinha publicas differenças com os missionarios do Malavar e com o arcebispo goano por motivos que nos não importão. E sendo elle tão sincero e virtuozo, suspeitou

<sup>94</sup> Número riscado.

<sup>95</sup> Número riscado.

nesta occazião, com fundamento que tinha alguma apparencia,<sup>96</sup> de que o não chegar a sua caza o Padre Pedro de Saldanha, passando pela sua porta, que ficava nas prayas do mar, por onde navegou para Topo, foy cazo pensado, por assim querer lizonjear ao arcebispo goano e aos mais emulos seus. Accre[s]cia sobre isso a falta da carta que o prelado da Congrega- // [p. 317]ção devia escrever, dando-lhe conta de que mandava a sua diocese aquelle subdito para servir na missão. E confesso que o nosso prepozito andou pouco advertido em materia que de politica passava a obrigação de justiça; mas somos homens, que he o mesmo, que ser sogeitos a errar. Estes motivos para quem estava preocupado com as differenças antecedentes bastarão para negar ao Padre Pedro de Saldanha o despacho pedido por carta; antes ordenou-lhe que voltasse para tras, para receber instrucções suas e levar cartas ao Padre Jozeph Vaz e ao Rey de Candia, a quem queria remeter huma filozofia, que tinha composto em portuguez; com que lhe foy forçoço voltar para Coullão, desandando vinte e tres legoas que tinha avançado. Posto o nosso missionario na prezença do senhor bispo, foy obrigado a não procurar outro agazalho fora da sua caza, merce digna da sua paternal caridade. Mas a promptidão da obediencia com que chegara aos seus pés sem demora, nada bastou para Sua Illustrissima se socegar e mudar de conceyto, em que estava firme, de que o passar elle por sua porta tão de largo com velas cheas foy por insinuação de Goa e instrucção do malavar; antes, convocando huma junta de cinco sacerdotes que havia então em Coullão, levou ao tribunal ao Padre Pedro de Saldanha e lhe fez cargo daquella imaginada culpa; e sem aceitar a sua defeza, o sente[n]ceou naquella Relação que ou voltasse para Goa, ou quando quizesse hir a Ceylão, fosse sem jur[is]dição para administrar os sacramentos as ovelhas do seu bispado.

67. Este amargozissimo caliz bebeo o Padre Saldanha com grande serenidade de animo. Attendendo ao futuro (são palavras suas) escolhi hir antes a Ceylão suspenso, do que voltar para Goa, frustrando o intento com que sahi; porque ou desta, ou d[e] outra vez sempre he necessario dar-lhe obediencia com toda a summissão pela conveniencia de acodir<sup>97</sup> as almas de Ceylão. Os religiozos me dizião que voltasse para Goa; mas por entender que elles fallavão, porque o senhor bispo me tratava com pouco decoro; como eu isso mesmo vim buscar, escolhi // [p. 318] o hir suspenso. E certamente obrou com muito acerto; porque o bispo era de condição benigna e passada aquella primeira nevoa da paixão, que no seu conceito era justa,<sup>98</sup> não tardaria muito em se accomodar com o que fosse do serviço de Deos; como, com efeyto, ficou tudo composto depois de estar em Ceylão o Padre Pedro de Saldanha, que chegou são e salvo a Potulão, aos vinte e dous de Junho deste anno.

<sup>96</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>97</sup> Riscado: «pel».

<sup>98</sup> Segue-se cerca de uma linha riscada.

68. Foy anno este de indizível trabalho aos Padres Jozés Vaz e Menezes, que por impedimento do Padre Pedro Ferrão, que se achava prostrado com doença grave, tomarão sobre si o pezo de toda a missão, discorrendo por todos os lugares e não só sacramentando aos catholicos; mas fazendo novas conversoens. Achava-se the este anno cre[s]cida a christandade em numero de vinte e cinco mil almas; e daqui por diante de anno em anno forão mayores os seus aumentos; porque houve muytas conversoens. O Padre Jozeph de Menezes depois de andar pelos dstrictos de Manttota, passou a Jafana e as suas ilhas adjacentes, aonde converteu e bautizou dous mil duzentos e trinta e cinco pagãos. Souberão os hereges da sua entrada em Jafana; e estando o commendador Holandez em seu conselho, presente o predicante, entrou a denuncia da missão que o nosso padre fazia; mas permittio Deos que nenhum dos conselheyros fallasse palavra contra o padre; antes se portarão com muita dissimulação. O primeiro voto disse. Que me importa isso? Respondeo o commendador. Estimara que todos fossem papistas. E ficou tudo em silencio. Missionou o padre por esses lugares the meyado Outubro; e se recolheo a sua igreja de Potulão e publicou nella no primeiro domingo de Novembro o Jubileo da criação do Pontifice Clemente XI com grande consolação dos fieis e summo trabalho do mesmo padre, que dias e noytes aturava no confissionario, para expedir aos penitentes, que forão quazi todos os christãos de Potulão e de outros muitos lugares dos Holandezes que, vencendo longo caminho, se vinhão aproveitar de tão grande graça. // [p. 319]

69. O que obrou o Veneravel Joze Vaz este anno, não he facil de se explicar; porque depois de administrar os sacramentos aos christãos do Reyno de Candia, desceo aos Paizes Baixos e discorreo por quazi todas as partes as mais remotas e distantes, quaes são Cottiar, Batecalor, Safragão, Trincanamalé e outros semelhantes, chegou a Manttota, aonde vizitou e consolou ao Padre Pedro Ferrão na sua enfermidade e publicou o mesmo Jubileo. E no discurso de quinze dias, sem dar menor descanso ao corpo nem de dia, nem de noyte, ouviu de confissão a duas mil pessoas, que se confessarão, para ganharem a indulgencia plenaria. Referindo este facto o Padre Pedro de Saldanha, diz que lhe era materia de muita edificação e tãobem de admiração ver a grande devoção e compuncção, com que aquelles neofitos chegavão a sagrada meza, concorrendo o Padre Jozeph Vaz que, ao tempo de commungar, lhes fazia colloquios tão devotos e fervorozos, que se derretião todos em lagrimas; principalmente quando o padre fazia os actos e os mandava repetir a todos, que chegavão a communhão e erão da humildade com que devião chegar e do amor com que devião receber a Deos sacramentado. E não só parava nisto; mas tãobem os ajudava a renderem a Deos as devidas graças pelo beneficio deste sacramento. Este anno converteo o Padre Jozeph Vaz em Candia e nos Paizes Baixos oitenta pessoas. E antes de as bautizar, não só as instruiu nos misterios; mas tãobem provou a sua vocação; porque não era facil em bautizar, sem primeiro examinar o dezejo efficaz e a constancia com que se convertião; por não ser amigo de quantos, mas de quaes. E dando conta ao Rey da chegada do Padre Pedro de Saldanha para

sobstetuir o lugar do Padre Jozeph Carvalho, com a sua licença e applauzo nos fins deste anno o levou a Corte de Candia, para assistir naquella igreja, ja expedito para os exercicios da missão.<sup>99</sup> // [p. 320]<sup>100</sup>

70. Entramos em anno mil <se>tecentos e quatro, cujos primeiros mezes tomou o Padre Jozeph Vaz nos Gattes de Candia por onde andou para communicar aos fieis a graça do Jubileo e os sacramentos annuos no tempo da Quaresma. Em Mayo sahio a missionar nas Tres e Quatro Corlas, missão trabalhossima pela inclemencia do sitio muito doentio e falto de toda a commodidade corporal<sup>101</sup>; mas por isso mesmo muy acomodada ao seu espirito tão amigo de descommodos e trabalhos. Nestes lugares administrou os sacramentos aos christãos e pregando o Evangelho aos gentios, converteo a muytos, cujo numero deixou em silencio. E fatigado com a continua molestia de pregar, andando de huma povoação a outra, enfermou de febres gravemente de sorte que, considerando-se proximo a morte, ordenou as suas dispozições ultimas. Mas Deos, que se queria servir delle mais tempo na sua seara, o não deixou perecer no dezemparo em que se achava, falto de remedios humanos, porque sem elles o melhorou, de sorte que em breves dias ficasse capaz de continuar por outros lugares no exercicio da missão. Passou das Quatro Corlas para Safragão, aonde foy a sua pregação tão fructuosa, que muitos pagões [*sic*] pedião o bautismo; mas bautizou só a sincoenta, todos chingalas, pelos achar mais dispostos. Em tres ermidas daquelle districto festejou tres festas com solemnidade de publicas procissoens; os gentios que concorrerão a ellas, vendo actos tão devotos de nossa santa religião, se converterão alguns; e sem embargo de instarem pelo bautismo, forão diffiridos para mais vagar, emquanto fossem bem instruidos e soubessem distintamente o que devião crer e obrar. E hé couza ordinaria ainda no prezente tempo em que escrevo, que nas occaziões das festas que se celebrão nas igrejas, os gentios que concorrem, se convertem varios, affeiçoados à santidade das funções da nossa santa religião. E tendo andado em quazi continuo curso quatro mezes se recolheu a Corte de Candia, // [p. 321] aos cinco de Setembro, aonde festejou o nascimento da Santissima Virgem Mãe de Deos. E detendo-se naquella igreja só oito dias, tornou a descer os Gattes e the o fim deste anno discorreio por Potulão, Manttota, Vannim, Allambel, Trincanamale, Batecalor e athe chegou as Corlas e Safragão, andando sempre pelos mattos mais cerrados e coalhados de ferocissimos brutos, vizitando as povoações mais embrenhadas, por não deixar christão algum sem a consolação dos sacramentos. Nesta segunda jornada buscou aos cathecumenos das Corlas e de Safragão e achando-os firmes e constantes na fé e bens instruidos na doutrina, os trouxe ao gremio da Igreja, com a sagrada regeneração do bautismo.

<sup>99</sup> Seguem-se duas linhas riscadas.

<sup>100</sup> No original aparece na margem deste fólio e seguintes: Anno 1704.

<sup>101</sup> Região a leste e Sudeste de Colombo.

<sup>102</sup> 71. O Padre Pedro Ferrão, ainda que mayor parte do anno prezente tomou em cama com a repetição de varias e molestozissimas queixas, que lhe não permittião andar de huma povoação a outra; mas nem por isso deixava de fazer muito fructo. As suas enfermidades sendo tão penozas, lhe não doião tanto, como o ver-se com ellas inhabilitado para os exercicios da missão, em que dezejava fazer-se tudo para todos. Era nelle tão vivo o fervor e zelo da salvação do proximo, que ainda quando o corpo estava totalmente prostrado com dolorozos achaques; o espirito, porem, sempre vigoroso em nenhuma couza cuidava mais que nas occaziões de ganhar almas para Deos. Por isso com qualquer pequena melhora, logo se considerava valente; e quando não podia andar por seus pes, se fazia levar carretado em busca das almas. E desta sorte não passou anno sem converter muytos pagãos. No prezente erigio em Manttota huma Irmandade de Nossa Senhora do Bom Successo, invocação de que era devotissimo. A qual em breves mezes cre[s]ceo tanto que contava mais de quatrocentos irmãos, dos quaes affirma o mesmo padre que o que nelles mais notava e estimava, era o serem muito devotos da frequencia dos sacramentos e do culto e veneração da Santissima Virgem Mãe e procedião com zelo de boa christandade. E vendo elle quanto tinha fructificado esta industria da erecção da dita // [p. 322] irmandade, fundou outras duas, que forão utilissimas para o aumento daquella christandade. Huma da oração mental e a outra da doutrina christam. A da oração mental era geral para todas as pessoas, cujo instituto era exercitar a oração e ensina-la a outros. E bem se deixa ver quanto trabalharia em instruir na oração aos primeiros<sup>103</sup> irmãos athe ficarem capazes de <a> ensinar a outros. O fructo deste trabalho foy copiozissimo, porque se começou a praticar este santo exercicio em todas as ermidas, que são muitas no districto de Manttota, concorrendo o padre com <as> meditações que deo, <feitas><sup>104</sup> em idioma da terra, acomodadas a capacidade dos exercitantes. A segunda irmandade foy dos meninos da escola, aos quaes impoz a obrigação de recitarem todos os dias as oraçoens da doutrina e de as ensinar aos que a não soubessem. Tinhão estas duas confrarias suas divizas diferentes. A da oração era huma cruz; a da doutrina huma veronica, que todas repartia o mesmo padre aos que se matriculavão na irmandade; e assim os grandes, como os pequenos se mostravão empenhados em satisfazer às suas obrigações.

<sup>105</sup> 72. O Padre Pedro de Saldanha, que rezidia na igreja de Candia, bautizou este anno a oitenta e seis pessoas; entre as quaes foy hum moço de boas prendas, o qual era da seita heretica; porem, com a pregação do Padre Pedro de Saldanha logo que conheceo a verdade, abjurou os seus erros e se reduzio ao gremio da Igreja Catholica Romana. Do mesmo numero forão hum homem cazado com sua mulher e dous filhos, os quaes rendidos a

<sup>102</sup> Número riscado.

<sup>103</sup> Riscado: «athe».

<sup>104</sup> Riscado: «[escritas?]».

<sup>105</sup> Número riscado.

interiores inspirações, com que se sentião chamados para o Christianismo e parecendo-lhes que sendo gentios não serião admittidos pelo padre, buscarão padrinhos que intercedessem para serem bem despachados. Foy para o nosso missionario occasião esta de louvar muito a Deos por tão extraordinarios modos com que sabe e pode suave e efficazmente allumiar aos cegos que andavão nas sombras da // [p. 323] morte. Vinhão estes quatro pagãos tão affeiçoados a santa religião<sup>106</sup> que, com muita applicação, aprenderão em breves dias todas as orações da doutrina e os misterios da fé e receberão o santo bautismo com indizível contentamento. Igoalmente trabalhava o Padre Saldanha na reforma dos christãos velhos, que não faltavão muitos escandaloza<mente> obstinados e illagueados em occasiões torpes; mas não experimentava igoal frutto; e lhe era dor inconsolavel ver que mais facilmente se convertião os pagãos à fé, do que os christãos à penitencia, sendo a estes mais difficil deixar os idolos de Venus, do que àquelles os da sua gentilidade. E o que aggravava mais a sua obstinação era que, quando o missionario lhes fazia algum aperto, negando os sacramentos de que estavam incapazes, abandonavão a igreja; e alguns se fazião parciaes dos hereges francezes, que então havia em Candia.

<sup>107</sup>73. O Padre Jozeph de Menezes depois de missionar na sua designação de Potulão e seus dstrictos, entrou em Manttota de caminho para Jafana, Manar e suas adjacentes. Vio huma alta e frondoza arvore antiguissima, que era pedra de escandalo aos gentios cassadores de elefantes, que ao pé della sacrificavão aos demonios antes e depois da cassa. Venerada de todo o paganismo e ainda dos christãos temida, não se atrevendo alguém a toca-la por temor dos espiritos malignos, que habitavão nella. Esconjurou o padre aos demonios e lançou a maldição de Deos sobre aquella planta, que servia a tão maos hospedes. Foy couza maravilhoza que na noite seguinte se arrancou desde raiz a arvore e abrindo-se o tronco, que era muy groço, em varias partes, amanheceo toda prostrada. E os christãos, perdendo-lhe o medo a vista deste prodigio, a dividirão em pedaços, para se servirem da sua madeira. De Manttota passou o missionario a Ilha Maddudiu, chamada ao presente de Cavallos pelos muitos e bons que cria por industria dos Holandezes e fez com a sua pregação tanto fruto, que converteo e bautizou a mayor parte da // [p. 324]quelles ilheos. Da Ilha de Cavallos navegou para Manar, aonde estava dilatada a christandade e deo-lhe os sacramentos annuos; e no exercicio da pregação reduzio a bastantes hereges. Hum delles, sendo filho de Holandezes catholicos, na[s]cido nas mesmas partes, por persuazão de hum predicante herege vivia prevaricado nos erros de Calvino e tinha livros e papellada de falsa doutrina, cuja lição lhe levava todo o tempo. Era previsto na Escritura Sagrada, v[u]lgarizada pelos hereges; por cuja cauza teve o nosso missionario muito trabalho para o convencer; mas depois que conheceo

<sup>106</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>107</sup> Número riscado.

o engano dos hereges e as sinistras interpretações, com que tem viciado a Sagrada Escritura, abjurou os erros e abraçou a verdade, e foy tão firme e constante na nossa santa religião romana que, sendo accusado e levado ao tribunal dos hereges para dar razão da mudança, que tinha feito da ley; respondeo que tinha assim obrado, por entender que d[e] outra sorte perigava a salvação da sua alma. Replicarão os hereges se na ley dos reformados, que elles seguião, não havia salvação? Respondeo o confessor de Christo que não podia haver salvação mais que só na Igreja Catholica Romana; assim como para a salvação hé hum só Deos, que pode salvar e hum só o bautismo, assim tãobem deve ser huma só a ley e a fé, a qual só há na Igreja Romana. Tãobem na ley dos reformados há bautismo e fé de Jesu[s] Christo, por cujos merecimentos nos esperamos salvar. Dizião os hereges. Mas o novo catholico romano os confundio, dizendo que os reformados não tinham verdadeira fé; porque negavão muitos misterios expressos e claros nas Divinas Escrituras. Accrescentou que para a salvação não bastava só a fé; mas erão necessarias boas obras, que Christo ensinou no Evangelho, as quaes os reformados negão e a Igreja Romana ensina a seus filhos e por isso só nella há salvação. Rayvavão os hereges, não podendo sofrer a santa liberdade com que lhes respondia este novo confessor da fé e não sabendo como convence-lo, começarão a dizer que não era possivel provar com a Escritura, que sem as obras // [p. 325] que ensina a Igreja Romana, não podia haver salvação. Respondeu elle que não havia couza mais facil, como mostrar esta verdade com muitos textos e foy repetindo alguns que Deos lhe inspirou. E porque os hereges dizião que aquelles textos significavão outra couza; os confundio novamente, perguntando-lhes a quem devia elle crer, se a Deos, que fallava claro na sua Escritura, ou aos reformados, que negavão as Escrituras Divinas? Não podendo os hereges responder a este argumento, mandarão ao homem que se fosse embora; e foy este cazo de grande credito a nossa santa religião; porque os catholicos assim velhos, como neofitos, ficarão mais firmes na fé.

<sup>108</sup>74. Contento o Padre Jozeph de Menezes com inexplicavel gozo deste triumpho, fruto dos seus gloriosos trabalhos, embarcou para Jafana, aonde missionou aos christãos e tãobem aos gentios e destes reduzio a fé hum grande numero. Estando na administração do bautismo, que por serem muitos e não caberem todos nas cazas em que ficava, os bautizava no pateo dellas e dando pressa por accabar esta funcção no escuro da noyte; porque se hia rompendo a menha e temia ser presentido dos hereges, cerrou-se o tempo com nuvens chuzozas, que ameaçavão muyta agoa, que começavão a destilar, a qual continuando-se descomporia aquelle acto. Mas recorrendo a Deos, foy logo ouvido; porque cessou o borrifo, dando todo o tempo necessario para se vencerem com socego as sagradas cerimoniaes. Os convertidos e bautizados neste anno nas tres referidas Ilhas, Moddudiu, Manar e Jafana,<sup>109</sup> forão dous mil e trezentos, deixando dispostos outros muitos para os annos

<sup>108</sup> [Número?] riscado.

<sup>109</sup> Segue-se uma linha riscada.

seguintes, por lhe <ser> preciso retirar-se de Jafana, para escapar das mãos dos hereges que com grande vigilância o buscavão, estimulados com a fama de tão grandes conversoens que fazia. Venturozo missionario que não deo passo que não fosse de muita gloria de Deos, ganhando para o Redemptor das almas tantas, que não fez missão em que não contasse de mil em mil. // [p. 326]

*Capitulo Undecimo*

*Missão de quatro congregados enviados de Goa para Ceylão.*

*Grandes conversoens em varios lugares daquella ilha*

Anno 1705

<sup>110</sup>75. Em Fevreyro do anno mil setecentos e sinco chegarão a Congregação as cartas da missão de Ceylão com noticias das conversoens, que ficão referidas e da boa dispozição com que se achava aquella seara que, por falta de operarios, não produzia mais fruto do que the o presente se tinha colhido. Chamavão aquelles missionarios e rogavão ao prelado por mais operarios que, por muitos que fossem, sempre serião poucos a respeito da seara tão grandemente dilatada. Lerão-se as cartas em communidade, para se festejarem com mayor applauzo noticias tão felices e gratas. A do Veneravel Jozeph Vaz, que era superior, dizia com sua costumada sinceridade. «A necessidade da missão hé agora mayor, do que era antes; porque cada vez com o favor divino se vão convertendo muitos à nossa santa fe; e nos fieis cre[s]ce a piedade e o dezejo de receber amiude os santos sacramentos; e tãobem porque alguns christãos por suas necessidades e conveniencias, mudando seus antigos domicilios, vão morar nos lugares mais distantes; e outros que, morando antes nos semelhantes lugares, vivião esquecidos da sua salvação, agora se lembrão e dezejão a prezença do pastor que os encaminhe. Para acodir, pois, a semelhantes e tãobem para ver se com o exemplo delles se converterão os infieis seus vezinhos, he necessario que nos busquemos a huns e outros; porque ainda que os homens nos poderão acazo buscar; mas nunca as suas mulheres e crianças; e assim hé necessaria em qualquer missão assistencia de sacerdote por muito mais tempo do que antes; e isto só para cada anno huma vez administrar os sacramentos aos fieis; quanto mais será ne- // [p. 327]cessario para pregar, cathequizar e instroir aos infieis, que se converterem, como se convertem todos os annos? As nossas posses para acodir a tamanhas necessidades são fracas; porque todos andamos acha-cados e muito debilitados. Faço esta, para que mais cedo tenha Vossa Reverencia noticia, de que sendo cá *messis multa*<sup>111</sup> e muito mais do que antes; *operarii autem pauci*;<sup>112</sup> e possuem menos forças.

<sup>110</sup> Número riscado.

<sup>111</sup> «A messe é grande (...)».

<sup>112</sup> «(...) mas os operários são poucos».

76. Com esta noticia se sentio em toda a communidade grande alvoroço, assim de gozo e prazer; por tanto aumento da christandade; como de fervor de hir ajudar aos irmãos, que de muito trabalho se achavão cansados; e tãobem do dezejo de se fazer participantes de tão relevantes merecimentos. Offerecerão-se todos com muita promptidão, procurando com empenho cada hum para si tão boa sorte. The os noviços, que então havia bastantes e mayor parte delles <erão> sacerdotes, aspirarão a tamanha empreza. Tão fervoroso foy e hé the o prezente nesta Congregação o espirito de missionar em Ceylão; que assim como a Congregação desd[e] o berço tomou por seu mayor brazão aquella difficilima e sempre ardua missão; assim os congregados desd[e] o noviciado se ensayão para tão trabalhoza empreza. Este hé todo o alvo dos seus dezejos, como se Deos chamasse a cada hum só para o fim de o servir na conversão do gentilismo de Ceylão; deixando e desprezando por este motivo o socego da clauzura e a estimação e o applauzo com que podião luzir nella as suas prendas. Ainda antes e depois de haver nesta communidade sogeitos obrigados àquella missão por serem recebidos a titulo delle por privilegio, que se dirá adiante, nunca foy necessario violentar as vontades; antes terião os superiores algum trabalho na escolha e preferencia dos muitos que se offerecem promptos.

<sup>113</sup>78 (*sic*). De tantos, pois, que se offerecerão este anno, forão escolhidos quatro. Dos professos tres, a saber, os Padres Jozeph de Jesus Maria, Jacome Gonsalves e Manoel de Miranda; e dos noviços só hum, que foy Miguel de Mello, presbitero. He indizível tanto o contentamento e prazer dos quatro escolhidos, // [p. 328] como a pena dos mais que não forão aceitos. E envejando estes a sorte daquelles, ja que não podião ser seus companheiros nos gloriosos trabalhos que hião buscar, dezejando ter ao menos parte nos seus merecimentos, trabalhavão para lhes aprestar com a possivel brevidade o necessario para tão longa peregrinação. Embarcarão em hum navio de remos os quatro missionarios e partindo da barra de Goa em nove de Mayo a merce de favor[av]eis noroestes, só com dous dias de viagem ferrarão o porto de Tanor no Malavar; e tornando a embarcar e desembarcar em varias prayas e rios daquella costa sempre brava e roncadora, chegarão a Coulão, aonde os recebeo o Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, Bispo de Cochim, com benevolencia digna da sua paternal caridade. E porque a vezinhança do Inverno fazia impraticavel a navegação para diante; e pela mesma cauza a viagem pedanea de mais de cem legoas the Tutucurim seria molestozissima, reteve Sua Illustrissima aos nossos padres em sua propria caza, hospedando-os nella com tanta honra e regalo, que mais parecião excessos de hum irmão muito amante. Fallando delles e das virtudes do seu generoso author, diz o Padre Jacome Gonsalves na conta que deu da sua viagem.

79. Estimamos quanto pode ser a sua prudencia e intelligencia em muitas couzas que notamos; e como do bom entendimento mana todo o bem

<sup>113</sup> Erro do escrivão na numeração, passando do número 76 para o 78.

da vida, se me derem licença para fallar nas vidas alheas, direy o que faz este Illustrissimo Principe ao que toca a edificação.<sup>114</sup> O seu fausto ou a grandeza do estado são doze famulos entre ecclesiasticos e leigos com hum cafe trombeta; mas estes mais são famulos de Deos, que seus; porque quazi todos são muzicos e os tem dedicado para exercicios continuos da sua ermida, que está pegada a mesma caza; e não houve hum só dia, em que mandasse cantar para sua re // [p. 329] criação. O seu comer hé o que lhe dão, quando e como lhe dão, sem reprovar o malfeito; alem do que tem outros jejuns da semana, para cuja pontualidade nem a velhice, nem o dia da mayor solemnidade o escuza. E o que he mais, os sabbados são de total abstinencia. A mais de cem pobres, que todos os dias lhe chegam a porta dá de comer huma vez por dia; e fora disto nos disserão, que sustentava muitas cazas pobres. Parece que não tem amizade com o dinheyro de portas adentro pelo muito desapego delle e lanços grandes. Hé tão grande o zelo no culto divino e no assejo das couzas da igreja e no bem pauzado do canto, que não sey, a quem dé o primeiro lugar, se ao nosso Padre Custodio Leytão, se ao dito senhor.<sup>115</sup> Todo o dia vive recolhido no seu encerramento, excepto quando sahe para dizer a missa e rezar o terço. E porque nos estavamos em sua caza, fazia tãobem outra sahida para o seu pateo, aonde conversava comnosco. As praticas muitas vezes erão espirituaes e outras cheas de tanta noticia dos lugares, terras e pessoas que tratara e notaveis cazos que vira, que o padre superior em quem suppunhamos a mayor copia por mais experimentado, não se satisfazia de se admirar. No principio prevendo nós a detença que haviamos de fazer neste porto, emquanto escolhessemos com ponderação o rumo do mar ou da terra para proseguirmos a viagem, para não sermos a Sua Illustrissima hospedes onerosos, pedimos com humildade, nos concedesse licença para tomarmos naquella povoação algum agazalho. Mas elle levou tão desconfiadamente esta petição que, do que cuidavamos lhe seria de agrado, tomou elle pena; e ainda que por então a dissimulou comnosco, concedendo secamente o pedido, não se poude deixar de se descobrir com os seus ao depois e nos custou alem de mudar de resolução, o pedir-lhe perdão da culpa, para o socegar. Deu-nos a meza que mayor não queriamos; e nas muitas caixas // [p. 330] da marmelada, que quiz despender comnosco, lhe fomos a mão pedindo humildemente para que não ficasse a natureza mal acostuada para a vida futura, que de pobreza se ha-de manter.

<sup>116</sup>80. Detiverão-se os nossos quatro missionarios em Coullão dous mezes, que lhes parecião seculos, por não poderem executar as fervorozas ancias com que dezejavão avançar com a possivel brevidade o restante do caminho. Mas nem por isso perderão tempo, por empregarem estes dias em utilidade propria e dos proximos. Para si buscarão hum mestre da lingua

<sup>114</sup> Seguem-se cinco linhas riscadas.

<sup>115</sup> Seguem-se seis linhas riscadas.

<sup>116</sup> Número riscado.

tamulica; e em tão pequeno espaço aprenderão ler e escrever nesse idioma. Para os proximos praticavão na ermida episcopal a oração mental publica, cujo exercicio ficou tão de assento, que se continuou ao depois por muitos annos emquanto rezidio em Coullão o Illustrissimo Bispo, que o fomentava com a sua assistencia. Houve tãobem nos exercitantes grande reforma dos costumes,<sup>117</sup> fazendo com os missionarios suas confissoens geraes e dando-se de todo à vida espiritual e penitente. Na festa que o Illustrissimo Bispo celebrou de São Pedro com grande pompa, pregou o Padre Manoel de Miranda com muita satisfação do auditorio por huma doutrina, que lhe deu muy conveniente à necessidade daquelle povo. Passados desta sorte dous mezes, aos quatorze de Julho sahirão de Coullão e com oyto dias andados por terra, chegarão a Cottate, que fica no Cabo de Comorim; recebendo em varios lugares de Travancor dos reverendos padres da Companhia de Jesus, que nelles missionão, grandes demo[n]strações da caridade, que lhes servião de não pequeno alivio em tão cumprida viagem.

<sup>118</sup>81. Proseguindo avante com a jornada, que já fazião a pés enxutos; porque quando hé Inverno na Costa <de Travancor>, que passarão, he Verão na<sup>119</sup> da Pescaria em que entravão, dobrado o cabo; com mais quatro dias de marcha chegarão a Tutucurim, aonde forão tratados pelo Vigario Geral do Bispo Padre Pedro Pinto e pelos christãos topazes naturaes da terra com todo o commodo, que podião dezejar para convalescer do trabalho passado; e porque tão grande beneficio não ficasse sem remuneração, lhes retribuirão, fazendo-se medeadores da paz entre // [p. 331] as principaes cazas que, sendo muy conjunctas no parentesco, vivião pays, filhos, irmãos, primos, sogros, noras, cunhados e cunhadas em escandaloza discordia. Nos principios desta empreza occorrerão difficuldades que parecião insuperaveis e quazi fazião desesperar da vittoria. Mas a boa capacidade, industria e paciencia do Padre Jozeph de Jesus Maria alhanou todas e compoz a todos com satisfação e agrado de cada hum em particular e prazer universal de toda aquella colonia, que celebrou muito esta paz. E os mesmos reconciliados, reconhecendo o beneficio que de nossos missionarios receberão, não só lhes agradecião o zelo com que trabalharão, para os tirar do peccado em que vivião; mas tãobem lhes pedirão perdão da renitencia com que ao principio rezistião aos seus saudaveis conselhos.

<sup>120</sup>82. Vinte e hum dias estiverão em Tutucurim, esperando occasião opportuna de embarcar para Ceylão; e lhes deparou <Deos> em Periapatão, que fica tres dias adiante, navio de Manoel da Cruz, catholico mercador da nossa missão de Manar, em o qual embarcarão aos vinte e seis de Agosto e com quatro dias da navegação surgirão em Talemanar, aonde ficavão os

<sup>117</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>118</sup> Número riscado.

<sup>119</sup> Riscado: «Costa».

<sup>120</sup> Número riscado.

nossos christãos avizados para os receberem e transportarem logo a Manttota, para o que estava huma barca prevenida; porque neste <tempo> por cauza das conversões proximas tinham os Holandezes publicado novos edictos contra os missionarios e contra os christãos que lhes dessem entrada na missão. Saltarão em terra no escuro da noyte; e sem embargo do disfarce do vestido e de grande silencio em que hião, para não serem presentidos dos hereges; mas os catholicos, que em Manar há muitos, logo que souberão da chegada dos padres, desprezando todo o temor, concorrerão em grande numero e tanto que os virão, se prostrarão por terra, pedindo a sua benção, que tomavão de joelhos com mãos levantadas ao ceo; nem era menor a porfia com que procuravão carretar o seu fatinho, querendo cada hum assinalar-se em obsequio destes novos pastores que Deos lhes tinha enviado. Nestes cumprimentos e cortezias passou largo tempo; entrarão // [p. 332] finalmente na barca e forão amanhecer em Manttota, aonde encontrarão com o Padre Pedro Ferrão e em sua companhia passarão a Vannym, em que ficava o Veneravel Jozeph Vaz. E ali, para ser mayor o gosto, ajuntou Deos ao Padre Jozeph de Menezes que, vencendo em tres dias o caminho de sinco, os foy ver e assistir as festas do nascimento da Santissima Virgem Mãe de Deos e do seu dulcissimo nome. Exclama aqui o Reverendo Vigario Geral Padre Jozeph Vaz (são palavras do Illustrissimo Bispo de Cochim, escrevendo ao prelado da Congregação). E quando sonhou Vannym que veria sete sacerdotes juntos e sete missas em hum dia! Emfim tudo forão jubilos e nascidos todos da guerra, que aquelle *epusillus grex*<sup>121</sup> fará ao inferno e da gloria que della a Deos rezultará. Muitas graças deve essa Congregação a Deos Nosso Senhor, por criar sogeitos tão inclinados ao bem e ao proveito das almas, que não só aonde vão; mas por donde vão, fazem nellas grande fruto; o que digo não só pelo que lhes deve esta caça, que hé muito; mas pelas noticias que me chegam do exemplo e fruto que fizerão onde quer que pararão alguns dias. Alicesse he este, sobre que pode fundar muito grandes esperanças, de que recebera de Deos muitos favores, se com a perseverança no bem e paciencia no mal se dispuzer para elles. Nove são os missionarios em Ceylão, em que eu considero os nove coros dos anjos; e como não são mais os que Deos deputou a seus louvores no ceo, a virtude do numero fará que bastem para o servirem em Ceylão. Accre[s]ce a esta grande razão a antipatia natural, que o mundo tem lamentado e lamenta entre o bem e os muitos. Eu bem sey que emquanto viver o apostolico Padre Jozeph Vaz tudo serão concertos, virtudes e exemplos; mas se o numero crescer e elle faltar pode a antipatia fazer ali o que pelo mundo faz. Sou por isso de parecer, se não passe deste numero, athe a necessidade o requerer; e que entretanto vá Vossa Paternidade criando, como cria missionarios que possam illustrar a sua Congregação etc.

83. Celebrarão-se as referidas duas festas com possivel ostentação. A primeira, que foy do nascimento, descreveo na sua relação o Padre Jacome Gonsalves, dizendo. A missa da festa cantou o Padre Jozeph de Jesus Maria,

<sup>121</sup> «pequeno rebanho».

que capitulou nas vesporas. Eu e o // [p. 333] Padre Miguel de Mello fomos ministros. Os Padre Jozeph de Menezes e Manoel de Miranda cantores; e o padre superior pregador, o qual fez o sermão em duas linguas. A primeira parte, que tocava a nós em portuguez, na qual do Evangelho: *dequa natus est Jesu*.<sup>122</sup> Tirou tantos misterios, com que Deos nos tinha trazido a tantos, taes e a tal tempo, accomodando tudo e provando com lugares singulares da Escritura, que me peza de não poder pôr no papel tudo que tenho na memoria. E a outra parte fez ao povo em tamul. A tarde se fez procissão solemne, em que houve anjos, que andavão espalhando flores, muitas paviolas, em que hião as imagens; guioens, bandeiras, bailes e tãobem não faltarão os gigantes da festa. O concurso foy tão grande, que começando os padres a dar-lhes expediençia nos confissionarios dous dias antes de menhã e de tarde e tãobem parte de noite, levarão mais dous dias depois da festa; e os que vierão de longe moravão a roda da igreja, armando suas cazinhas de ramos das arvores.

<sup>123</sup> 84. Accabadas as festas o Padre Jozeph Vaz, com o parecer dos Padres Pedro Ferrão e Jozeph de Menezes, repartio a missão em oito designações; e só para si não tomou lugar certo, por não faltar ao costume de correr por todas as partes, como sempre observou. Fez-se a divizão das designações pela maneira seguinte. Ao Padre Pedro Ferrão foy designado o districto de Silenam Moradamaddu com todas as aldeas de Manttota. Ao Padre Jozeph de Menezes forão designados Allambil, Cottanger, Puducuddirussa, Baleyama, Punerym, Jafanapatão com todas as suas ilhas, Tamalagama, Trincanamale, Cottiar, Batecalor, Jorquamuné, Tamacará com todos os accessorios a estes lugares. Ao Padre Pedro de Saldanha Candia, Matule, Vacotto, Sete Corlas, Cunddasaly com todos os seus aneixos. Ao Padre Jozeph de Jesus Maria Potulão com todas as suas aldeas, Velqué, Chitravally, Pallancanddel, Arxetim, Mullicanddel. Ao Padre Jacome Gonsalves Manar, Aripo, Mugely com as mais aldeas que ficão fora do rio athe Pulliyaculão e Illapacaddavé, Courculão, Pambatty, Vernaculão, Palaurancatté, Ivanadiú, e Malavé, // [p. 334] Panagamá, Illapaculão, Avaraculão e todos os accessorios a estes lugares. Ao Padre Manoel de Miranda Vellevallym, Bogamá, Caymel, Nigumbo, Virgampatty, Columbo, Gale, Calaturé, Maturé e os seus accessorios. Ao Padre Miguel de Mello Tres Corlas, Manniyagamá, Safragão, Uva, Mallavá, Gurbelde, Cosquão, Sitavaca. Ao Padre Francisco de Jesus Curvicullão, Quillanvally, Galgamua, Tetapallá, Navacuddu, Anddiurú, Cattacuttú, Maripu. Este Padre Francisco de Jesus não era congregado; mas clérigo do Bispado de Cochim, mandado pelo diocesano para aquella missão, aonde procedeo com muito zelo da salvação das almas, trabalhando neste santo ministerio athe a morte; edificoum (*sic*) em<sup>124</sup> Curvicullão huma igreja, em que rezidio mais de dez annos, que missionou e na mesma foy sepultado.

<sup>122</sup> «De quem nasceu Jesus».

<sup>123</sup> Número riscado.

<sup>124</sup> Segue-se uma letra riscada.

<sup>125</sup> 85. Distribuidas as designações se deu aos missionários novos tempo para aprenderem a língua da terra, sem a qual não podião pregar, nem confessar. O Padre Jacome Gonsalves ficou por este motivo acompanhando ao Padre Jozeph de Menezes. O Padre Miguel de Mello foy a Narangodde,<sup>126</sup> povoação dos descendentes dos Portuguezes, aonde havia quem lhes ensinasse com perfeição não só a língua tamulica; mas tãobem a chingala; e entretanto podia missionar em portuguez. O Padre Manoel de Miranda entrou logo na Cidade de Columbo, por haver nella muitos catholicos que sabem a língua portugueza. O Padre Jozeph de Jesus Maria partio para a sua residencia de Potulão.

<sup>127</sup> 86. Mas antes de entrarmos a referir o que os missionários novos obrarão nas suas designações, hé justo dizer o fruto que este anno colherão os velhos dos seus apostolicos trabalhos. O Padre Pedro de Saldanha, que rezidia em Candia, ainda que de hum em hum e as vezes de dous em dous; mas por fim da conta converteo mais de cem gentios a santa fé. Porem as conversoens no seu<sup>128</sup> conceito mais gloriozas forão de varios christãos que vivião em occasião do peccado por muitos annos e fogião assim do padre, como da igreja, para se não sogeitarem a confissão. Era entre elles hum Portugues chamado Alexandre, que contava oytenta e oito annos de idade, o qual // [p. 335] na Cidade de Columbo no dominio das armas luzitanas foy alferes e depois da entrada do Holandes passou para a de Candia, aonde estava mais de sincoenta e sinco annos sem se confessar, rezistindo às sauda-veis amoestaçoens feytas e repetidas muchissimas vezes pelo Veneravel Joze Vaz. Mas tinha Deos reservado esta vittoria ao Padre Pedro de Saldanha, o qual fallando delle diz que morava perto da igreja; mas vivia de sorte como se não houvera outra vida, desprezando todos os conselhos que lhe davão; mas Deos, que hé pay da misericordia, não desprezou a elle, antes o buscou e attrahio para si, dando-lhe auxilios para se arrepender dos seus erros e culpas abominaveis; pois, com grande escandalo offertava aos idolos por ganhar a vontade dos senhores da terra e para dizer tudo em huma palavra, naquella decrepita idade de oitenta e oito annos tinha tão vivo o fogo da concupiscencia, que para reduzir-se à verdadeira penitencia foy unico remedio fazer espoza por meio do santo matrimonio a amiga que tinha de portas a dentro. Chegou tãobem ao mesmo padre hum gentio malavar, que havia vinte e sinco annos vivia com hu[m]a cafra christam e tinha della muitos filhos. O mais velho era de vinte annos e estava gravemente enfermo; e entre os delirios da febre dizia que lhe apparecião humas pessoas e lhe mandavão tomar o bautismo dos christãos. Tantas vezes o disse, que finalmente veo o pay buscar ao Padre Pedro de Saldanha e dar-lhe esta noticia. Foy elle ver

<sup>125</sup> Número riscado.

<sup>126</sup> Possivelmente povoação a cerca de 60 quilómetros a Nordeste de Colombo, a caminho de Kandy.

<sup>127</sup> Riscado: «48[...]».

<sup>128</sup> Riscado: «[g]».

o enfermo, que achou suspirando por bautismo. Daqui tomou occasião para reduzir ao pays [sic]<sup>129</sup> ao caminho da verdade e depois de o bautizar, o cazou com a may cafra e bautizou a toda a sua familia. E o filho enfermo no oitavo dia do seu bautismo falleceo com sinaes da salvação.

<sup>130</sup> 87. Em Junho deste anno celebrou o Padre Pedro de Saldanha na igreja de Candia a festa de Santo Antonio, de que era mordomo Antonio de Horta, ja dissava e muito privado do Rey. Concorrerão para esta solemni-dade christãos de remotissimas partes de Paizes Baixos. Houve procissão que correo pelas principaes ruas da cidade; hião nella em tres andores ricamente ornados a Santissima Virgem, o santo portugues e os principes dos apóstolos com grande triumpho da fe e religião romana, cujas devotissimas funcçoens se // [p. 336] celebravão com tanta publicidade na Corte de hum Rey barbaro e idolatra. Começou o concurso da gente na madrugada da festa e durou the oito horas de noite, entrando huns e sahindo outros, para vizitarem aos santos que sahirão na procissão e estavão no pateo da igreja, expostos a veneração com devido asseo; porque dentro della não havia lugar para tamanha turba e todos se não apartavão sem lhes beijar os pés huma e muitas vezes. Tão grande he a devoção daquelles neofitos com as sagradas imagens. O mordomo com liberalidade portugueza festejou ao seu santo com grande dispendio na armação nova que fez de seda e no agazalho com que hospedou aos pobres e peregrinos que assistirão a festa.

<sup>131</sup> 88. O Padre Jozeph Vaz, que desd[e] o principio deste anno começou a correr pelas missoens, entrou em quazi todos os lugares, excepto Columbo e Nigumbo, aonde huma pernicioza discordia entre os principaes catholicos tinha fechado a porta aos missionários. E fazendo giro por toda a ilha chegou em Agosto a Vannym, aonde o acharão os quatro novos missionários; e ainda andaria mais tempo, se o não chamasse com pressa para Candia huma cruel perseguição, que se temeo contra a Christandade nos dominios do Rey, por cauza que direy no capitulo seguinte. Os primeiros seis mezes deste anno esteve este incansavel ministro do Evangelho embrenhado nos mattos mais cerrados e nos lugares mais doentios, dasaccomodados e escondidos em busca das almas. De sorte que the chegar a Vannym em Agosto, não sabião os mais missionários por onde andava. Porque ainda que o seu espirito verdadeiramente apostolico tanto o levava atrás de huma só alma, como de muitas; mas Deos o consolou sempre, dando-lhe a ver copiozo fruto dos seus gloriozos trabalhos; descobrindo muitos christãos feitos apostatas; outros que forão filhos de pays catholicos, adoravão a cruz e a trazião ao pescoço; mas totalmente ignoravão a Deos crucificado e vivião na idolatria. Porque desde pequenos forão criados entre idolatras; e por falta de sacerdote nem os pays tratarão de bautizar os filhos, nem os filhos tinhão noticia

<sup>129</sup> Entenda-se «pay».

<sup>130</sup> Número riscado.

<sup>131</sup> Riscado: «89».

do bautismo, para o procurarem. Desta sorte de homens havia muytos, que vivião dispersos nos bosques mais retirados de Ceylão; e o nosso // [p. 337] fervoroso missionario, notificado, talvez por divina revelação, discorria pelos mais reconditos lugares the descobrir e reduzir essas ovelhas perdidas ao rebanho de Christo, que forão sem duvida muitos mil; porque supposto a sua humildade se não facilitava em declarar o numero; mas bem se colhe essa multidão de suas cartas, em que assevera que a Christandade se fazia cada vez mais dilatada em partes muy longinquas e remotas.

<sup>132</sup>89. O Padre Jozeph de Menezes, fiel imitador das pizadas do Veneravel Jozeph Vaz, depois de administrar na Quaresma deste <anno> os sacramentos aos christãos de Potulão, sahio a missionar e discorreio quazi sete mezes por varios lugares, colhendo sempre em todos, que entrava, copiozo fruto. Dia houve em que bautizou a trezentas e trinta e oito pessoas. Em Manddudiu, ilha habitada de pescadores, chamados careas, fez tão geral conversão que, inquirindo quantos gentios restavão, lhe affirmarão que só sessenta, aos quaes tão bem com tempo veio a bautizar. Passando por Manttota, para entrar em Jafana, foy chamado para dar os ultimos sacramentos a huma mulher moribunda, que se não podia levantar da cama; mas depois que o padre lhe ouviu de confissão e a absolveo, não só ficou melhora da enfermidade; mas restabellecida nas forças, de sorte que poude por seus pés hir no dia seguinte receber a sagrada communhão que se celebrou em lugar, assas distante da sua caza, por não haver nella commodo para se dizer a missa. Entrado em Jafana, ouviu de confissão a tres mil e trezentas pessoas; e procurando pelos gentios com segredo e as escondidas, bautizou a mais de setecentos. E fora muito mayor o numero dos convertidos, se lhes pudesse pregar o Evangelho publicamente; mas como no fim de dous mezes, que esteve nesta ilha, começarão os hereges a busca-lo com muito desvelo, retirou-se, rezervando para segunda occazião o que não poude conseguir nesta.

90. O Padre Pedro Ferrão cada anno mais achacado com a continuação das suas enfermidades, nem por isso deixava de ser utilissimo à Christandade de Vanny e Manttota. Razão porque // [p. 338] o Veneravel Jozeph Vaz o consolava, dizendo que os seus achaques erão effeitos das orações das suas ovelhas de Vanny e Manttota. Porque estando são,<sup>133</sup> hia<sup>134</sup> missionar em partes mais remotas; mas estando achacado e incapaz de missões longinquas, fazia continua assistencia em Vanny e Manttota com grande utilidade dos fieis e novas conversões dos infieis, aos quaes conduzia pelos cathedricas a sua prezença e lhes pregava com tanta efficacia, que juntando-se esta a fama dos seus prodigios hia extinguindo o gentilismo. Entre muitos milagres com que Deos confirmava a sua pregação, foy bem notavel o das

<sup>132</sup> Número riscado.

<sup>133</sup> Segue-se cerca de metade da linha riscada.

<sup>134</sup> Riscado: «[do?]».

feras, que infestavão aquelles lugares pela vezinhança dos mattos habitados de elefantes, javalis, tigres e ussos, os quaes a boca da noyte entravão em bandos nas povoações, fazendo não poucas vezes, os tigres e ussos preza nos pobres moradores e os elefantes e porcos montezez damnificando as suas sementeyras, sem acharem remedio, para se livrarem de aggressores tão injustos. Ainda de dia se não atrevião os homens a andar sós na vezinhança dos bosques por temor das feras, que os acometião, hindo desacompanhados. Já pelos mattos não havia entrar, senão muytos juntos e bem municionados com armas de fogo. Porem, depois que o Padre Pedro Ferrão fez seu assento nos mattos de Vannym e frequentava em Manttota, ficou toda aquella comarca tão privilegiada e izenta da ferocidade dos brutos, que as feras desertarão para o mais interior do certão, deixando as povoações livres das suas antigas hostilidades. No principio da fundação da igreja de Silena Maddu, que fica no meyo dos mattos de Vannym, vendo este padre que os christãos nos domingos e dias santos, não acodião a missa, desculpando-se com as feras, que havia muitas naquelles mattos e acometião aos passageiros, para lhes tirar o medo dellas, humas vezes dava huns papelinhos, escrevendo nelles que as feras os não molestassem; outras vezes instrua aos mesmos christãos que apparecendo ellas no caminho, mandassem em seu nomme que se retirassem da estrada, sem lhes fazer dano algum. E sempre se experimentou prompta // [p. 339] obediencia, com que os brutos parecião racionais em sogeitar-se aos seus mandados. Com semelhantes e outros mayores prodigios, que ao diante hey de dizer, os fieis ficavão confirmados na fé e os pagãos a abraçavão com muita afeição.

<sup>135</sup>91. Mas não hé muito que assim domasse as feras e rendesse os corações humanos, quem por divina dispensação tinha tanto imperio nos demonios, que fogião só de ouvir o seu nomme. Succedeu este anno entrar o espirito maligno no corpo de hum moço christão, a tempo que elle em desprezo dos demonios ourinava nas ramas daquella arvore, que anno passado por maldição que nella lançou o Padre Jozeph de Menezes, ficou prostrada, como se disse atrás no capitulo decimo deste livro.<sup>136</sup> Saltava o moço e baylava, fazia e dizia couzas, que erão sinaes certos de estar emdemoninhado. Os parentes e vezinhos compadecidos do pobre homem, perguntarão quem era? Respondeu que era o diabo morador daquella arvore e entrara no corpo de tal moço em vingança da injuria que lhe tinha feito, ourinando nas ramas della. Como os christãos tinham experiencia de muitos demonios que o Padre Pedro Ferrão tinha expellido, ameaçarão a este de o levar a prezença do padre, se não sahisse logo. Mas elle tanto que ouviu o nomme do Padre Pedro Ferrão prometeu de se hir embora e deu por sinal da sua despedida entornar huma quarta, que ali estava chea de agoa. Disse-lhe então que declarasse para onde hia? Respondeu que partia para as

<sup>135</sup> Número riscado.

<sup>136</sup> Tal milagre encontra-se efectivamente descrito no número 73.

povoações dos gentios de Vanny; porque em Manttota não podia estar seguro em parte alguma e padecia grande dano que em todo o lugar lhe fazia o padre; dito isto estalou a quarta e se fez em pedaços, sahio o demonio e ficou o moço são.

*Capitulo Duodecimo*

*Perseguição que se temeu contra a christandade no reyno de Candia por hum falso testemunho levantado contra os padres*<sup>137</sup>

Anno 1705

<sup>138</sup>92. Nos primeiros annos da sua entrada em Candia, // [p. 340] bautizou o Padre Jozeph Vaz hum moço chingalá, assistente no Palacio, bem aparentado na Corte e filho de Gabadda Ralla, que vem a ser vedor geral da Real Fazenda. E porque a sua conversão não fosse motivo de alvoroço, que provavelmente podia haver entre seus parentes, por ter mudado de ley, sem elles o saberem; e talvez o mesmo Rey o levaria a mal; lhe aconselhou que por algum tempo se não declarasse por christão. O que elle fazia procedendo occultamente com grande fervor que o mostrava na frequencia dos sacramentos e na vida devota e quieta. Porem, considerando por outra parte o mesmo moço as frequentes occasiões que se lhe offerecião no Palacio, por razão de estar presente, sendo as vezes necessario acompanhar ao Rey e servir nos sacrificios gentilicos, o que sempre não poderia evitar sem nota, como the então tinha evitado; tomou a resolução de deixar a Corte e hir morar em huma aldeia da jurisdicção do seu pay, aonde estivesse livre de todo o perigo. Posto na aldeia o moço cortezão e faltando-lhe lá o calor da doutrina e sacramentos que tinha na cidade, de moço ociozo passou a ser viciozo, entregando-se as liberdades da mocidade. E por não poder cazar com mulher christam, sem declarar-se por christão, aparentou-se com huma gentia de sua nação e com cerimonias de casamento a modo da terra, viveo com ella de portas a dentro mais de onze annos, em cujo decurso lhe nascerão quatro filhos. Tinha elle prendas que o fazião amavel, pelas quaes o Padre Jozeph Vaz lhe era muito affeioado e lembrava-se delle muitas vezes e não poucas rogaria a Deos por sua conversão à verdadeira penitencia. Hum dia, fallando com o Padre Pedro de Saldanha da larga auzencia que o mesmo moço fizera da Corte e da igreja, sem dar copia de si, nem saber-se aonde ficava; sendo que no principio da sua redução a fé catholica tinha sido fervorozo e frequente nas obrigações e devoçoens de christão; disse no fim. Mas eu espero por meyo delle algum aumento na christandade. Foy isto dito em tempo, em que não parecia facil a mudança deste moço; pois tinha em caza huma occasião tratada como mulher propria e mãy de quatro filhos. E não podia repudia-la, sem occazionar contendas muy perju // [p. 341]diciaes

<sup>137</sup> O restante texto do título encontra-se riscado.

<sup>138</sup> Número riscado.

nem cazar-se com ella, por ser gentia. E nestes termos parecia que o moço mais depressa seria apostata da fé, do que apostolo della. Mas Deos, que revelou ao Veneravel Jozeph Vaz, como certamente parece, o aumento que na christandade havia de haver por meyo deste moço, não podia faltar em cumprir inteiramente a sua palavra, como com efeyto cumprio pela maneyra seguinte.

<sup>139</sup>93. Quando menos cuidava o moço na salvação alhea e vivia totalmente esquecido da sua, hum dia estando meyo dormindo na sua cama, sentio que lhe fallava Deos interiormente ao coração, reprehendendo e extranhando huma vida que fazia tão alhea da sua <fé>, vivendo em occasião da sua condenação; e foy tão penetrante o remorso, que lhe ferio a consciencia, que o fez acordar assim do sono do corpo, como do letargo, em que jazia a sua alma. Acordou muito differente do que se deitara a dormir; porque acordou arrependido e penitente. E sem esperar mais tempo, sem demoras e vagares, que aborrece a graça do Espirito Santo, partio para a cidade, tomou hum christão por companheiro e com elle se foy a igreja, como quem hia saber da nossa religião, para ser instruido nella e levava consigo ao christão, para o patrocinar com o padre, que era Pedro de Saldanha. Estimou muito o padre tão boa occasião, que se lhe vinha meter em caza; mas começando a fallar-lhe nas materias da fé, o achou experto nellas, e o que hé mais, mostrava grande devoção e reverencia às couzas da nossa religião e parecia exercitado na piedade; em cujos termos o quiz bautizar logo. Porem elle tomando ao padre a parte, lhe declarou que não vinha como extranho na igreja, para receber o bautismo; senão como prodigo arrependido buscava os braços do seu pay, a quem tinha faltado com o amor e obediencia, que devia de filho. Referio então os successos da sua vida, a resolução, com que se convertera à fé; o motivo de se retirar do Palacio; a occasião com que se <achava> embaraçado na aldeia; o sonho que o reduzira à penitencia; e o arrependimento, com que vinha buscar remedio à sua alma no sacramento da confissão. Então o Padre Saldanha lhe manifestou a necessidade de despedir de caza a occasião proxima que nella sustentava; porque sem // [p. 342] esta diligencia o não podia admittir à confissão, nem ser firme a sua emenda.

<sup>140</sup>94. Estava o moço tão tocado da graça divina e tão trocado da vida passada, que se achava rezoluto a fazer por Deos hum grande excesso em satisfação dos aggravos passados. Dizia que não só deixaria a mulher, mas tãobem os filhos, parentes e todos os bens, que possuia muitos, por servir e amar a Jesus Christo e segurar a sua salvação e propunha dali por diante confessar publicamente o seu santo nomme e deixar o disfarce de gentio, ainda que lhe custasse qualquer trabalho. E com effeito voltou para a aldeia e catequizou a mulher, filhos, mãy, sogra, cunhados e mais parentes com alguns vezinhos, que fazião o numero de quarenta pessoas e depois de

<sup>139</sup> Número riscado.

<sup>140</sup> Número riscado.

instruir a todos nos misterios da fé, veyo a igreja a dar ao Padre Pedro de Saldanha hum bom dia com a alegre noticia das conversões que tinha feyto e pedir-lhe, quizesse bautizar aquelles catecumenos, indo para isso a sua caza. Não era necessaria espora para o zelo do Padre [Pedro] <de> Saldanha correr em se<me>lhante occazião. Partio sem demora para a aldeia do moço, que de peccador se tornara em varão apostolico. Bautizou a todos os que elle convertera e a elle administrou os sacramentos da confissão e communhão e cazou-o com a mesma mulher. Com o que se cumprio fielmente o que predisse o Padre Jozeph Vaz; que por aquelle moço esperava ver aumentada a christandade; e elle a aumentaria ainda mais, que como pessoa de tanta distincção movia efficaçmente com o seu exemplo e doutrina; se o demonio não embaraçasse tão bons principios com huma falsidade, que levantou por boca dos seus sequazes, a qual podia ser origem de huma cruel perseguição contra toda a christandade, se Deos não acodisse pela verdade.

<sup>141</sup>95. Alem destas conversões de quarenta pessoas catequizadas pelo moço arrependido, socederão este anno outras de huns chingalas, principaes da Corte e bem vistos no Palacio. Estando elles doentes, desconfiados e deixados dos medicos por incuraveis, reccorrerão a remedios supersticiozos, como hé ordinario no gentilismo, // [p. 343] mandarão muitas offertas aos idolos; mas tudo sem fruto. Vendo pois que hião de mal em peyor, prometerão por conselho dos christãos, com quem tinhão communicação, de dar huma esmola a nossa igreja, se o padre rogasse a Deos e lhes impetrasse a saude. Despachou-lhes Deos a sua petição a medida da fé com que lhe reccorrerão. E elles tanto que se virão melhorados no corpo, procurarão tãobem a saude da alma, buscando ao Padre Pedro de Saldanha, que os instruiu e bautizou. Toda a parentella destes neofitos se deu por offendida da mudança que fizerão da ley. E os inimigos antigos, que nunca perdião occazião de perseguir aos nossos missionarios, na prezente se unirão com os queixozos. E a huns e a outros suggerio o demonio huma falsidade, com que a todos os padres e christãos, bautizados por elles, fizessem no tribunal do Rey de Candia reos da leza magestade divina. Forão accuzar diante do Rey, que o padre bautizara aquelle moço e a seus companheiros e aos chingalas palacianos em sangue de vaca misturado com agua, ferindo, ou matando huma para este fim. He de saber, que no gentilismo da India a vaca logra veneração de deidade e o mata-la se reputa por hum dos tres peccados irremissiveis, que com nenhuma expiação se pode tirar o seu reato. Dos quaes o segundo hé matar a cobra de capello; e o terceiro matar ao bramane.

96. Como erão muitos os que testificavão este crime, não podia o Rey, a quem tocava o conhecimento delle, deixar de proceder contra os criminozos. Mandou examinar os bautizados, sem entender em couza alguma com os padres. E todos confessarão constantemente a fé, que tinhão abraçado e declararão, que entre os christãos se não praticava tal abominação

<sup>141</sup> Número riscado.

de se bautizarem com o sangue de vaca, em a qual não reconhecião divindade alguma e só adoravão a hum só Deos verdadeiro, creador do ceo e da terra, cuja creatura he a vaca, como são todos os mais brutos como ella, creados para o serviço do homem. Não se satisfazendo o Rey com esta confissão, mandou prender seis, que erão principaes dos convertidos, em que <entrava> o moço filho do vedor geral da // [p. 344] Fazenda e confiscar-lhe os seus bens, emquanto se inquiria melhor do facto. Os contrarios pertendião tãobem que fossem os innocentes neofitos obrigados a sacrificar aos idolos em desaggravo da culpa, que lhes imputavão da morte da vaca.

<sup>142</sup>97. Recebeo estas noticias o Padre Jozeph Vaz andando em missão nos Paizes Baixos; e julgou conveniente sobir a Corte, para defender a cauza pessoalmente; porque, apparecendo nella em tempo que lhe corria tão adverso, dava indicios de não estar comprehendido no crime, que lhe accumulavão; que a te-lo cometido não se meteria nas mãos do juiz, podendo fogir da sua vara. Mas, porque o negocio era todo de Deos, não cessava de lhe rogar com lagrimas, que erão continuas nos seus olhos, não permitisse ao inimigo do seu santo nomme tanta licença, que perturbasse a christandade toda; e por caminhos que a sua divina magestade mais agradassem, descobrisse ao Rey a verdade; e se era do seu beneplacito, que aquella perseguição fosse avante, desse a todos os christãos constancia e fortaleza, para perseverarem na fé. Erão muy efficaçes com Deos as orações deste seu servo, que em todas as necessidades, assim suas, como da missão, o primeiro remedio que procurava, era a oração; porque nella o achava prompto para tudo, como succedeo nesta occazião, que foy huma das de mayor aperto e perigo, que prudentemente se devia temer pela enormidade que na opinião daquelles barbaros tem o crime de matar a vaca e pelas consequencias perniciosissimas que desta falsa accumulção podião rezultar. Porque, persuadindo-se o Rey que para o nosso bautismo se precisava o ingrediente daquelle sangue, era infallivel inferir que todos os padres em todas as partes do seu reyno fazião huma continua matança de vacas; pois erão frequentes os bautismos que administravão. O que era bastante motivo para huma cruelissima perseguição, em a qual sem duvida perecerião todos os padres e christãos e se extinguiria a fé, dilatada com tantos trabalhos e suores.

<sup>143</sup>98. Mas nesta consternação resplandeceo muito a particular // [p. 345] providencia com que Deos ampara aquella sua vinha e aos operarios, que o servem nella. Que, como tem na sua mão os corações dos homens, reprimio no Rey todo o impeto da paixão, de sorte que sem embargo de muitos accuzadores, cujos testemunhos podião bastar para a prova do delicto, se não accelerasse na sentença da pena capital que merecia; antes procedesse com muita madureza e vagar, não querendo julgar a final, sem ouvir as partes e

<sup>142</sup> Número riscado.

<sup>143</sup> Número riscado.

sem fazer nova inquirição; praxe que entre aquelles barbaros e tiranos se não observa, salvo quando o juiz quer favorecer ao reo. Antes de entrar o Rey na inquirição que tinha assentado, permittio Deos que o dissava Antonio de Horta e alguns chingalás do Palacio o informassem de que aquella accusação era mero embuste dos adversarios, que ja tantas vezes tinham falsamente calumniado ao Padre Jozeph Vaz, como a Sua Magestade constava. Que o bautismo dos christãos se fazia com agua limpa, com humas gotas de oleo cheirozo e de nenhuma sorte uzavão do sangue de vaca. Que se este fosse cerimonia necessaria, seria geral para todos; porem havia doze annos que o padre assistia na Corte e nella tinha publicamente bautizado a muitos e sempre estava no exercicio de bautizar e nunca se tinha ouvido fallar que uzasse de tal sangue; que a ser preciso teria morto innumeraveis vacas, o que não poderia ficar tanto tempo occulto; nem algum dos accusadores se atreverá a jurar de vista, que o Padre Jozeph Vaz ou outro algum missionario tenha commetido o crime, de que falsamente os calumnião. Ficou muito satisfeito o bom Rey com esta tão evidente defeza; e mandou logo soltar os prezos e restetuir-lhes o que estava confiscado. Com que cessou de todo o perigo que se temia e os neofitos sahindo do carcere vittoriosos vierão por caminho direyto a igreja e junto com os Padres Jozeph Vaz e Pedro de Saldanha renderão a Deos muitas graças, pelos haver livrado com tanta facilidade de huma tão grande afflicção, em que se vião postos.<sup>144</sup> E poderião dizer com São Paulo: *quis accusam [hit?] adversus electos Dei? Deus qui justificat, quis est qui condemnet? Si Deus pro nobis, quis contra nos?*<sup>145 146</sup> // [p. 346]

#### Capitulo Tredecimo

*Noticias do Padre Miguel de Mello fallecido em Ceylão com morte precioza*  
Anno 1706

99. Nasceo o Padre Miguel de Mello de paes bramanes de Margão, chamados Hjeronymo Bernardo de Mello e Maria de Noronha. Feyto sacerdote, foy mandado pelo ordinario de Goa a missão do Reyno do Canará e

<sup>144</sup> Ad. Rom. 8.31.

<sup>145</sup> «Quem poderá acusar os eleitos de Deus? É Deus quem nos faz justiça, poderá haver alguém que nos condene? Se Deus está por nós, quem estará contra nós?»

<sup>146</sup> Riscado: «[à margem: «Anno 1705»] [número riscado] Accabo a historia do anno mil setecentos e sinco com a lastimoza morte do Padre Jozeph da Cruz, que foy natural dos districtos de Baçaym, filho de Francisco da Cruz e de Joanna Teixeira bramanes. Entrou sacerdote moço nesta Congregação aos vinte e quatro de Janeyro de mil e setecentos e procedeo com muito fervor do aproveitamento espiritual que veyo buscar nelle; seguindo o exemplo vivo daquelles primitivos padres cujas acções vistas? não podião deixar de ser o mais vivo estimulo da perfeição christam pois ouvidas são de grande edificação. Viveo na Congregação quatro annos dez meses e sete dias. E assaltado repentinamente? de hum accidente [...] faleceo aos dous de Dezembro de mil setecentos e sinco tendo no mesmo dia celebrado o santo sacrificio da missa. Foy no seguinte sepultado no commum jazigo dos congregados».

nella designado por paroco da freguezia de Menino Jesus de Bantual. Deste ministerio deo tão boa conta, que não só zelou na administração do pasto espiritual, com que educava as suas ovelhas; mas tãoobem eternizou o seu nomme no edificio da igreja, que ao prezente existe, de que foy fundador. Mas todo este serviço, que o habilitava para grandes prebendas, trocou por servir a Deos na Congregação do Oratorio, entrando nella aos sinco de Julho de mil setecentos e quatro. Logo desd[e] o principio do noviciado começou a desempenhar a expectação dos que se admiravão da efficacia da sua vocação e da sua rezolução inopinada, com que deixou o seculo e as bem fundadas esperanças dos seus aumentos. Parece que, quando entrou pela porta da Congregação, se deo por morto ao mundo, ou que entrava para // [p. 347] se preparar com pressa para a morte, que se lhe hia aproximando. Tudo parecia a vida que fez este padre depois de congregado. Parecia hum cadaver, morto para todo o sentimento da carne. E era tanto o fervor com que se deo ao exercicio das virtudes, como se cada instante da sua vida fosse o ultimo da sua morte. Nas orações da communitate ficava como alienado dos sentidos; posto de joelhos era huma estatua immovel; com as mãos cruzadas no peito, olhos fechado[s], cabeça pouco levantada ao ceo, passava hora inteira da oração sem torcer o corpo, sem fazer menor movimento, sem escarrar, nem cuspir e o que he mais, nem se lhe percebia a respiração. Alem das duas orações da communitate e outras duas, que fazem os nossos noviços, huma no corpo de meyo dia da manha e a segunda depois das tres horas de tarde, tomava o Padre Miguel de Mello quinta oração, mais prolongada depois das dez da noyte, em a qual e em algumas devoções vocaes passava duas horas largas, humas vezes de joelhos, outras prostrado por terra. Por esta conta, excepto quatro horas de sono, não permittia ao corpo mais descanso. Com igual fervor procedia no exercicio das mais virtudes; parco e abstinente no comer, rigoroso no silencio, circunspecto e modesto nas acções, prompto na obediencia, austero na mortificação do corpo. Desta sorte em breves mezes de noviço dava indicios de tanta perfeição, que era confusão para os tibios, estimulo para os fervorosos, edificação e exemplo para todos.

<sup>147</sup>100. Sendo noviço se offereceo a hir servir na missão de Ceylão, estimulado com as noticias da boa dispozição com que se achava aquella dilatada seara para receber a semente da palavra de Deos, das grandes conversoens que se fazião e de mayores que se esperavão, havendo mais operarios. Feitas novas provas da nova vocação e julgando os superiores ser inspiração divina, aceitarão o offerecimento que o fervoroso noviço de si fez para aquella empreza de tantos trabalhos e de tanta gloria de Deos. E sendo ella cauza muito bastante para muitos privilegios, se dispensou com elle em dous mezes que lhe faltavão para completar o anno da provação. Aos nove de Mayo de mil setecentos e sinco sahio de Goa em companhia dos Padres // [p. 348] Jozeph de Jesus Maria, Jacome Gonsalves e Manoel de Miranda.

<sup>147</sup> Número riscado.

Chegado ao porto de Coullão fez profissão na Ordem Terceira de São Francisco nas mãos de hum religioso commissario dos observantes, que lá rezidia na sua igreja. Mas de Coullão, que fica na costa de Travancor, the Periapatão, que hé na de Choromandel, espaço de mais de cem legoas, era para se admirar a mortificação que tomou este padre em tão longa e molestoza jornada. Estava elle na convalescença de huma grave queixa da saude que teve em Coullão; comtudo, tanto que começou a viagem pedanea, não só levava a cabeça descoberta e sogeita a toda a inclemencia do tempo; mas tãobem os pes descalços e nus, cansados de andar, feridos nas pedras e espinhos e queimados nos areaes, que naquellas partes tão vezinhas ao sol, se acçendem muito com o calor do dia e queimão como brazas vivas. Os mais companheiros, que hião calçados, não podendo aturar semelhante martirio, allugarão boes de carga, que são a carruagem ordinaria daquelles paizes. [«]Mas o Padre Mello (diz na relação da viagem que escreveu o Padre Jacome Gonsalves) assim <como> não veo defendendo do sol a cabeça, tãobem não quiz hir defendendo os pés da molestia; mas do sol e da molestia de andar só se quiz defender com a paciencia por todo o caminho, não aceitando, nem para algumas horas, o boy que cada hum de nos lhe offerencia o seu muitas vezes; porem elle andava melhor com dous pés proprios, do que nós com quatro alheos». Era o Padre Miguel de Mello o mais moderno no habito entre os companheiros da sua viagem; mas se portava o mais cre[s]cido na virtude, o mais provector na mortificação, o mais apurado na paciencia.

101. Chegado a Ceylão cobrou novos brios o seu fervor, tendo diante dos olhos o exemplo vivo das heroicas acçoens do Veneravel Jozeph Vaz, que o escolheu por seu companheiro. Renunciou nas mãos delle tudo quanto de Goa levava, athe o breviario e a roupa que tinha no corpo, propondo de viver dali por diante em o mayor extremo da pobreza, sem possuir couza que pudesse chamar propria; e recebeo por esmola o precizo que lhe deo a caridade do Padre Jozeph Vaz, que não accabava de se admirar de tanto deza-pegno e de tão grande amor da pobreza. // [p. 349] Deo-lhe este padre hum breviario por emprestimo; e trocou com elle a sua roupeta, que para dizer, que era pobrissima, rota e por todas as partes remendada, basta dizer que era do Veneravel Jozeph Vaz; mas por isso mesmo porque era sua, merecia mais<sup>148</sup> estimação do que a purpura de assuero, que appeteeo a vaydade de Aman. Debaixo do magisterio do mesmo padre, que não cessava de louvar a Deos e de lhe dar muitas graças pelas virtudes que notava em tão santo discipulo, se applicou ao estudo das lingoas tamulica e chingala, esta mais difficil que aquella e ambas necessarias para missionar em Ceylão. E sendo tão arduas, que os mais missionarios levão annos para se adestrarem nellas; o Padre Miguel de Mello em poucos mezes não só as soube fallar; mas o que mais admira, lia e escrevia em ambos os idiomas, o que mais parece dom infuzo, do que sciencia adquirida. Não chegou a viver naquella missão sete

<sup>148</sup> Riscado: «espe».

mezes completos; mas o que nella obrou em tão poucos mezes bastava para encher muitos annos. Não fallo dos milagres de expelir os demonios, sarar aos enfermos, afogentar e matar as feras e outros deste genero, que são ordinarios naquelles ministros evangelicos; porem fez outros de classe superior, que Santo Agostinho e outros santos doutores chamão mayores, que a resurreição dos mortos; e são as conversoens de homens obstinados no peccado e dezemparados de outros missionarios por incorrigeveis.

102. Taes erão muitos dos moradores de hum lugar chamado Naran-godde, christãos antigos, descendentes dos Portuguezes, como mostravão nas cores e nos sobrenomes e na noticia que tinhão da sua lingua, que conservavão, ainda que viciada. Vivião occasionados com o mayor escandalo, repudiando as mulheres proprias e cohabitando com as alheas, procedendo homens e mulheres a maneira de bestas com a mais desaforada liberdade, com a mais enorme soltura da carne. Alguns para se verem livres das amoes-tações que os nossos missionarios lhes fazião, tratavão-se por hereges e dizião que não querião viver na ley da Igreja Romana. O mayor fruto que fazião os padres, quando hião missionar em Narangodde, era bautizar as crianças; porque os adultos pela mayor parte estavão incapazes dos sacramentos. // [p. 350] O mesmo Veneravel Jozeph Vaz que, com o seu apostolico espirito, tinha vencido emprezas mais arduas, sempre trabalhava debalde com os narangoddenses. Foy mandado para elles o Padre Miguel de Mello; e chegou, como hum chuveiro da graça que distillou o ceo, para extinguir o fogo da concupiscencia em que ardia aquella matta brava de vicios e escandalos perniciosissimos. Começou pelo mais arduo que era hum herege formal, o qual se hia precipitando ao inferno por todos os caminhos; porque alem de negar a fe, que em outros tempos professava, havia mais de dez annos sustentava de portas adentro occasião publica do peccado. Tanto porfiou com elle o nosso missionario, que não só o reduzio a abjurar os erros; mas tãobem o capacitou a fazer da amiga, espoza. Desta sorte de hum em hum poz a todos no caminho da verdadeira penitencia, que hé a total e firme emmenda. O modo como rendia os corações tão duros, era pregando com hum devoto crucifixo na mão e mostrando a enormidade da culpa na pena, que pagou a innocencia. E quando encontrava homens, em quem não fazia mozza a razão, se prostrava todo humilhado e banhava com suas lagrimas os pés dos obstinados the que as correntes dos seu olhos abrandassem a dureza de animos empedernidos; e não se levantava dos pés de semelhantes peccadores, emquanto não mostrassem sinal de arrependimento com promessa da emmenda.

103. Procedendo com tão fervorozo zelo da salvação das almas, extirpou daquella povoação todo o escandalo; e conciliou tanto os animos dos seus moradores que, quanto antes fogião de outros missionarios, tanto começaram a venerar as virtudes deste heroe. Não querião que os deixasse e se fosse para outro lugar; obrigavão-se a assistir-lhe com todo o necessario para a sua sustentação; empenhavão-se a fabricar huma igreja a todo o dispendio;

com tanto, porem, que o Padre Mello os acompanhasse sempre. E sendo forçoço obedecer o padre ao preceito de hir missionar nas suas designações na Quaresma deste anno, aonde acabou felizmente o curso da sua vida, fizerão os narangoddenses as mesmas demo[n]strações do sentimento da sua auzencia com lagrimas e pranto, como os de Efezo na despedida // [p. 351] de São Paulo. Assim o refere o Padre Pedro de Saldanha, citando aquellas palavras dos Actos dos Apostolos. *Dolentes maxime in verbo, quod dixerat; quoniam amplius faciem ejus non essent visuri.*<sup>149</sup> E temos fundamento assim no texto que allegou o Padre Saldanha, como no que hirey referindo abaixo, que o Padre Miguel de Mello dicesse, com espirito profetico e com presciencia da sua morte vezinha, que os narangoddenses o não verião mais. Não sou milagreyro, para fazer misterios, profecias e milagres de qualquer palavra e obra. Relato o que acho nas informações.

104. Nos fins de Janeyro deste anno mil setecentos e seis sahio o Padre Miguel de Mello com o Padre Jozeph Vaz, que de Candia foy a Narangodde, para o levar em sua companhia a Cottiar, de donde pudesse entrar nos lugares que lhe estavam designados. «E como se soubesse (traslado proprias palavras do Padre Jacome Gonsalves) que sahia para a morte, hia-se preparando para ella com huma oração, em que pedia a Deos boa morte para si e para todo o genero humano e para os que naquella hora estivessem agonizando, pelas tres horas, que esteve Christo penando na cruz. Rezava antes della huma estação e depois tres Padre Nossos e Ave Marias. E isto rezava muitas vezes por dia, fazendo-o repetir a seu moço Miguel e mais gente, que houvesse nos caminhos; e o mesmo exercicio fazia de noyte ao deytar-se na cama e de manhã quando se levantava della. Alem disto me contou o Reverendo Padre Jozeph Vaz que, poucos dias que esteve em Cottiar, sempre pregava depois da missa sobre a incerteza da morte, como se previsse a sua; e tanto que sentio as primeiras dores, conheceo serem sinaes que lhe annunciavão ser chegada a sua». Athe qui o Padre Jacome Gonsalves.

105. Nesta viagem de Narangodde para Cottiar, espaço de mais de vinte e dous dias de caminho e em outras jornadas que fez o Padre Miguel de Mello, em poucos mezes que viveo em Ceylão, andava e juntamente orava, humas vezes só com Deos em excesso mental, outras vezes rezando o roزاری alternadamente // [p. 352] com os que o acompanhavão, de sorte que não dava passo, que não fosse com gloria de Deos, merecimento proprio e utilidade do proximo. Tão apressado, diligente e ambiciozo corria no alcance das virtudes, que de hum caminho fazia não só dous, mas muitos mandados; porque a hum mesmo tempo exercitava com possivel fervor muitas virtudes. A da obediencia, executando promptissimamente o preceito do superior, que o mandava missionar; a da mortificação e paciencia, no sofrimento da molestia de caminhar espaços tão dilatados, andando sempre descalço

<sup>149</sup> «Sofrendo sobretudo pelas palavras que ele dissera, já que não iriam ver por mais tempo o seu rosto».

e tolerando a dor das pedras, espinhos e sanguisugas que ferião os pés; a da oração, orando mental e vocalmente, a da caridade, acodindo as necessidades espirituas dos proximos, a quem hia missionar e instruindo em exercicios santos aos moços que o acompanhavão; a da religião, venerando e louvando a Deos e a sua santissima Mãe em todo o lugar. Em huma palavra, elle procedia com tal fervor, que não perdia instantes e modos de servir e amar a Deos. Estava por este nobilissimo e gloriozo fim sempre prompto e offerecido para todo o trabalho. Dezejava (diz delle o Veneravel Jozeph Vaz) fazer mais do que fazia e ainda mais do que podia. Por cuja cauza era tão grande o conceito, que o mesmo Veneravel Padre tinha formado do <seu> fervor e espirito, que <lhe> era materia de admiração. Este na minha limitada intelligencia he o mais qualificado abono da virtude e santidade do Padre Miguel de Mello; porque o Padre Jozeph Vaz era varão de tão sublime e generoso espirito, que para elle não houve couza do serviço de Deos, que por trabalhoza e ardua, a deixasse de accometer; antes com magnanimidade superior a esfera do mais alentado coração humano, desprezava os mayores perigos e conseguia as mais arduas emprezas da divina gloria, julgando sempre por pouco tudo que obrava <sendo que o> que <obrava>, era mais que muito. E hum varão de tão eminente santidade applaudir as virtudes do Padre Miguel de Mello, admirar-se do seu desapego, pobreza voluntaria, mortificação e zelo da salvação das almas, sem duvida foy este padre muito virtuozo e santo; que por isso o mesmo Veneravel Padre fundava nelle grandes esperanças do // [p. 353] aumento da missão.

106. Mas Deos se pagou tanto de tão vivos dezejões, que tinha o Padre Miguel de Mello da sua gloria e da salvação dos proximos, que com elles e com o que obrou em tão pouco tempo deo por consummado o ministerio, para que o escolhera, permittindo que na flor dos seus annos succedesse huma morte precioza a tão virtuozza vida. Na noyte de vinte e quatro de Março, estando na igreja de Cottiar em companhia do Padre Jozeph Vaz depois de fazer todos os exercicios dos estatutos, recolheo-se para os seus particulares, que começavão depois das dez horas e duravão mais duas. Estava the este tempo sem queixa alguma da saude; mas tanto que acabou inteira<mente> a santa tarefa de suas devoções, na entrada da meya noyte, quando se queria deitar a dormir, começou a sentir nas entranhas dores muy agudas, que o obrigarão a gritar, pedindo ao Padre Jozeph Vaz que lhe acodisse; porque certamente morria. Succedeo quazi o mesmo, que disse Christo na parabola: *media autem nocte clamor factus est. Ecce sponsus venit. Exite obviam ei.*<sup>150</sup> Como esta alma era tão prudente, que cuidava muito em trazer provida a sua alampada com o oleo de boas obras, não dormia, nem dormitava, mas velava em perfeito acordo e com luz aceza, quando chegou o espozo; por isso ella foy a que gritou, não porque extranhasse a chegada do

<sup>150</sup> «No meio da noite, porém, ouviu-se um clamor. Eis que surge o esposo. Saí ao seu encontro».

espozo a deshora; senão como quem estava prevenida, esperando por elle, para o receber naquelle mesmo tempo, que era o da terceira vigia e por isso o mais perigozo da noyte da vida humana.<sup>151</sup>

107. Dezoito horas durou a vida des que começou a sentir aquellas mortaes dores; e sendo ellas cruelissimas, que com a mayor violencia lhe hião arrancando a alma, elle as sofria com grande paciencia, sem menor queixa do muito que padecia; antes se achava com espirito e fervor, para mortificar mais a carne; que por isso athe expirar se não deitou na cama, para não dar ao corpo minimo alivio. Neste estado tão dolorozo recebo todos os sacramentos de joelhos e para tomar o santo viatico no dia seguinte, que foy o feli // [p. 354]cissimo, em que a Santissima Virgem Maria concebeo ao divino verbo humanado, chegou ao altar com toda a composição, devoção e humildade. Dous escrupulos o inquietavão naquelle terrivel trançe, em que se considerava com total desengano da vida; o primeiro, de que se accusava por grande immortificação, era que lhe parecia não sofrer com paciencia as dores, que continuarão the fallecer, não obedecendo a varios medicamentos que se lhe applicarão. O segundo, que julgava ser ramo de alguma occulta soberba, era não sentir temor e medo da morte tão proxima. Mas tinha bom director e mestre em o Padre Jozeph Vaz. E o mesmo não temer a morte quem viveo tão santamente, era o mais claro annuncio de que não morria; mas passava seguramente da vida caduca ao logro da eterna. Porque, como disse São Gregorio Magno, não teme a morte, antes a espera alegre quem pelo testemunho da sua consciencia tem esperança bem fundada de receber de Deos o premio da gloria eterna.<sup>152</sup> *Qui autem de sua spe, et operatione securus est, pulsanti confestim aperit, quia laetus judicem sustinet; et cum tempus propinque mortis advenerit, de gloria retributionis hilarescit.*<sup>153</sup>

108. Todo aquelle tempo desde meya noyte, em que começarão as dores thé expirar, não se deitou na cama, nem dormio, nem largou da mão o seu crucifixo, que chamava seu fiel companheiro, humas vezes fazia com elle devotissimos e muy doces colloquios entretecidos de actos da fé, esperança, caridade e contrição; outras vezes pregava e exortava com muito fervor do espirito aos christãos que o vinhão vizitar, sendo o assumpto dos seus ultimos sermões o amor do summo bem, que hé a cifra da perfeição christam. Sem duvida mayor era o fogo da caridade que ardia no seu coração, do que as mortaes dores que lhe cortavão as entranhas e a mesma vida. Porque sendo as dores tão agudas, se não queixava dellas, antes consolava aos que mostravão pena e sentimento da sua morte. Porem o fogo do amor divino lançava chamas pela boca, dezejando communicar a todos o seu calor, para que

<sup>151</sup> Segue-se uma linha riscada.

<sup>152</sup> Homil. 13 in Evang.

<sup>153</sup> «Aquele, porém, que está confiante na esperança das suas obras, abre no mesmo instante a quem lhe bate à porta, porque, com alegria, encara o juiz. E, quando chegara hora da morte que se aproxima, alegra-se na glória da recompensa».

todos ser // [p. 355]vissem e amassem a Deos summamente amavel. Não fez testamento; porque em vida se tinha desapropriado de tudo e lhe não restava couza de que pudesse dispor como sua, excepto o santo crucifixo, que era todo o seu bem e fiel companheiro de toda a sua vida e o não deixaria depois da morte ao Padre Pedro de Saldanha, se não fosse escuzada a imagem na prezença que hia lograr do original. Finalmente, estando fallando com Deos e de Deos em seu perfeito acordo, a hora em que se costuma tanger a saudação angelica, na tarde de vinte e sinco de Março de mil setecentos e seis, com toda a paz e socego, entregou nas divinas maons o seu espirito.

109. Foy grande o concurso dos christãos que assistirão ao seu funeral. Em poucos dias que o tratarão, lhe ficarão tão affeiçoados, quanto demo[n]stravão as lamentaçoe[n]s, lagrimas e prantos, com que choravão a sua falta; ainda mayores excessos fez a devoção com que veneravão as suas virtudes; porque apezar das despersuoens do Padre Jozeph Vaz levarão a terra da sua sepultura como precioza reliquia. Foy o seu corpo accomodado em huma caixa preparada com o aceyo que permittia a pobreza do lugar e sepultado na igreja de Cottiar, aonde the hoje logra tão boa opinião, que os fieis vizitão a sua sepultura e tocão nella os seus rozarios.

#### Capitulo Decimo Quarto

*Copiozo fruto dos apostolicos trabalhos dos missionarios velhos e novos de Ceylão*  
Anno 1706

110. Cre[s]cendo em Ceylão o numero dos operarios, começou tãobem a cre[s]cer o fruto naquella dilatada seara, que a medida da cultura que lhe fazião com a mais activa diligencia, produzia não só de cem a cem; mas de mil em mil. O Padre Jozeph de Menezes penetrou este anno the Galle<sup>154</sup> e Calaturré,<sup>155</sup> lugares do dominio heretico, em que ainda não tinham posto o pé os nossos missionarios por muitos inconvenientes que lhes impedião o passo. Entrou em occasião tão accomodada, // [p. 356] que achou tempo e socego para dar pasto aos fieis e converter em huma e outra parte mil duzentos e sinco infieis. E tendo missionado nestes e noutros lugares da sua designação seis mezes em continuo curso, lhe foy preciso hir a Potulão em demanda de hum moço christão, dos principaes daquelle porto, o qual por interesse do dinheyro com que o cegarão, apostatou da fé e se cazou com huma moura rica, neta de hum insolente e poderozo mahometano, cabeça dos mouros, que em Potulão há muitos e assás orgulhozos. Não sofrendo o zelo do Padre Jozeph de Menezes a perdição desta ovelha, cujo pastor foy

<sup>154</sup> O porto de Galle, em 6° 01' lat. N. e 80° 14' long. E., situava-se no litoral su-sudoeste da ilha de Ceilão.

<sup>155</sup> Ou Calutara, porto a cerca de 50 quilómetros a Sul de Colombo.

por muitos annos, a buscou e se não socegou, emquanto a não reduzisse ao rebanho de Christo. Convertido o moço à verdadeira penitencia e reduzido ao gremio da Igreja, com publica abjuração da nefanda seyta de Mafoma, se separou do consorcio da mulher. Com este successo se amotinarão todos os mouros contra os christãos, pertendendo que lhes entregassem o moço, para viver cazado com a moura. Os christãos desconfiados do seu poder, que era limitado para rezistir as insolencias dos mouros, estavam promptos para a entrega. O padre por si so não podia defender ao moço sem adjutorio dos christãos; e porque estes por temor da parte contraria abandonavão o partido da igreja, fechou as portas della com rezolução de as não abrir a christão algum, se todos juntos não defendessem ao moço convertido da injusta pertença dos mouros. Oito dias esteve a igreja fechada sem se permitir entrada a pessoa alguma. E foy bastante esta demo[n]stração para o padre conseguir o seu intento. Porque os christãos com grande sogeição e rendimento se animarão a defender o partido da igreja e prometerão de amparar aquelle moço de qualquer invazão dos mouros.

111. Correndo assim as couzas se preparavão os mouros para huma guerra civil, dizião que se havião de vingar em todos os christãos do agravo e deshorrã da moura descizada e primeiro que tudo intentavão queimar a igreja e fazer nos padres o estrago que pudessem. Mas tudo atalhou Deos com hum prodigio. Succedeo arder subitamente huma palmeira carregada de cocos, que estava vezinha a misquita // [p. 357] dos mouros; de sorte que as suas palmas, que são muitas e mui cumpridas, que na India chamamos ollas, os cachos, os cocos, que tudo era verde e materia de grande volume, em que de nenhuma sorte podia naturalmente atear-se o fogo por sua total indisposição; em breve espaço de tempo toda aquella verde e frondoza pompa ficou reduzida a cinza, como se fora palha seca. E succedeo este incendio a meio dia em ponto, estando o tempo sereno e claro, sem haver motivo para se attribuir ao corisco ou rayo, que só podia cauzar tão violento e instantaneo efeito. Com este successo, que assombrou a todos os mouros, que o tiverão por mau agouro, ficou reprimido o seu insolente orgulho e se abstiverão do desatino, que intentavão contra a igreja, padres e christãos.

112. O Padre Manoel de Miranda designado para missionar em Columbo e Nigumbo, praças principaes dos Holandezes, aonde a christandade hé muy dilatada e tãobem a mais perseguida, achava difficuldade para entrar nellas; porque os christãos, que os devião ajudar, estavam divididos em parcialidades por suas razões politicas e durante a sua pernicioza discordia não parecia tempo tão conveniente para a missão occulta; e por esta cauza passavão dous annos sem ter entrado<sup>156</sup> missionario algum naquellas partes por descuydo dos mesmos christãos. Escreveo aos principaes de Columbo, avizando-lhes que estava designado para tratar do aproveitamento das suas

<sup>156</sup> Segue-se uma palavra riscada.

almas e que lhe mandassem gente, que o guiasse com segurança pelos caminhos, de sorte que pudesse entrar sem presentirem os hereges. Emquanto recebesse a re[s]posta deste recado foy ficar em Caymel<sup>157</sup>, sitio da jurisdição do Rey Candiota, confinante com Nigumbo, aonde havia huma pequena ermida. E sem embargo que ficava com disfarce e cautela, não poude occultar-se a sua estada aos moradores de Nigumbo, que a todo o risco e perigo concorrião em turmas homens e mulheres, assim europeos catholicos, como naturaes, de sorte que sem entrar em Nigumbo fazia missão em Nigumbo, trabalhando com os seus moradores por muitos dias e noytes em lhes administrar os sacramentos, que tão ancio // [p. 358]zamente buscavão. E era para admirar a grande piedade daquelles fieis, que não havendo em Caymel abrigo algum para o seu agazalho, nem na ermida commodo para tantos, estavam espalhados pelos campos, accomodando-se aos pés das arvores, aonde passavão dias e noytes, só a fim de se aproveyterem da occazião tão opportuna. Estando o padre neste exercicio, chegarão de Columbo dous christãos, que vinhão para o conduzirem àquella cidade, aonde lavrava a contagião das beixigas e morria a gente sem sacramentos, por cujo respeito era preciso acodir-lhes, deixando a outros. Quando souberão os de Nigumbo, que se lhes auzentava o padre, chorarão com inconsolaveis lagrimas na sua despedida. Meteo-se em huma barca ligeira, que vinha prevenida e pelo rio, que de Caymel corre para Columbo, foy desembarcar em hum bosque apartado dos arrebaldes, aonde se disfarçou em pescador e na entrada da noyte fez a sua na cidade e recolheo-se em caza de hum medico catholico, ficando os primeiros dias em total reclusão, sem obrar couza alguma.

113. Porque o vulgo catholico, que soube da sua entrada no mesmo dia, com o gozo de lograr o que por muito tempo suspirava, tudo era fallar na sua chegada. E como vivião mistos entre os hereges, se não poude occultar a estes o que aquelles fallavão. Nestes termos não havia mais remedio que esconder-se por maneira como se não estivesse naquella terra; assim o fez com não pequena mortificação. Sucegado o rumor, que nos catholicos foy parto de muito prazer e nos hereges de odio refinado, começou o missionario a exercitar o seu officio, nos principios descobrindo-se só aos de mayor confiança; e primeiro que tudo tratou de compor a discordia e a desterrou de huma vez dos corações daquelles fieis, dando-lhes regras e instrucções escritas, que sendo bem observadas, viverião sempre unidos em paz de Christo. No que respeita a qualidade daquella christandade, que examinou com distincção e o trabalho que custa missionar naquella cidade e outros lugares dos hereges, ouçamos ao mesmo padre. // [p. 359]

114. Aqui passa hum missionario de dia fechado entre quatro paredes sem communicação alguma; e de noyte pelas oito horas se poem no confissionario, em que fica the tres de menhã. As tres entra com a missa e breve<mente> a acaba, dando communhão aos confessados, logo bautiza ou

<sup>157</sup> Ou Kammala, povoação portuária no litoral entre Negambo e Chilaw.

poem os santos oleos às crianças bautizadas na necessidade, faz cazamentos, se houver e antes de quatro horas no escuro da noyte se retira para outra caza, de que ignorão ainda os mesmos confidentes e só sabem alguns, que andão com o padre. E para não haver alvoroço com ajuntamento de muita gente, se avizão somente aquellas pessoas que se podem acabar de confessar no espaço de huma noyte. Os christãos são muito confidentes ao padre e constantes na fé implicita do que crê e ensina a Santa Madre Igreja de Roma e se prezão muito de romanos; porem na explicita ignorão muita couza; e eu não lhes ponho a culpa; porque não há quem os ensine. O padre, o muito que cá pode aturar, são sinco mezes, nem a fragilidade humana pode passar mais tempo, sem dormir huma só noyte; nem em tão largo espaço pode deixar de haver pesquisas, buscas e revoltas dos hereges, por não <ser> possivel o segredo em tantas bocas; pelo que he necessario auzentar-se; e ainda trabalhando sinco mezes, não deixão de ficar alguns sem sacramentos; pelo que não vejo modos, nem meyo de os ajuntar e instruir na doutrina; e ainda que alguma vez o possa fazer, como fazem todos os padres e sempre na confissão; mas como isto hé huma vez de annos em annos, passa logo. Outros há, que vivem na fé do padre e entendendo que o padre he dos Portuguezes, cegamente crem tudo o que lhes diz; excepto nas terras do Rey, aonde sabem melhor, porque as pregações, doutrinas e outros ensinios que os padres lhes dão, são frequentes. Porem com toda esta ignorancia, dizem elles que são muito melhores christãos depois que entrarão nesta missão os nossos padres, do que erão em outros tempos. Alguns são alguma couza tocados de gentilismo e não hé muito nesta terra de gentios. Mas os hereges nem por afagos, nem por medos, nem por condenações e outros ensinios e modos podem fazer com elles, que tenham afeição alguma a sua falsa doutrina, excepto os que no principio forão enganados por conveniencias tem // [p. 360]poraes; e ainda dos semelhantes estão muitos convertidos. Parece-me que, se estes christãos tivessem instrucção frequente e vissem os actos das solemnidades que se fazem na Igreja de Deos, serião todos, não sey, se diga, santos; porque he notavel a ancia e o dezejo que tem assim os europeos, como os naturaes de ouvirem e verem as couzas de Deos e as solemnidades da Igreja. Aqui há muytos senhores e principalmente as senhoras, que tem nomme de reformados; e dezeção encontrar com o padre; mas não lhes é possivel *propter metum judaeorum*.<sup>158</sup> Se o padre cá pudesse assistir com algum socego e ter communicação com elles, conforme me affirmão, bem raros, ainda dos senhores grandes, ficarião na sua falsa reforma; porque são muy inclinados a nossa santa fe; mas se achão indecizos com algumas duvidas, cuja solução dezeção. Espero em Deos, me dará algum meyo para esse fim; que por hora me não posso descobrir a elles, nem elles me podem buscar por muitos inconvenientes; e ainda que era bom fazer alguma obra por escrito; porem, como os principaes erros da heregia são fundados nos lugares da escritura mal entendida, para trabalhar em couza de tanto porte, faltão-me livros e não me devo fiar, nem da minha pouca intelligencia, nem da fraca memoria.

<sup>158</sup> «Pelo medo dos judeus».

<sup>159</sup>115. Esteve nesta cidade o Padre Manoel de Miranda hum mez e meio, sem passar noyte em que não exercitasse a missão e ainda trabalhara mais tempo, se na boca de tantas mil pessoas pudesse conservar-se o segredo. Souberão os hereges, começarão a rondar de noite pela[s] ruas dos catholicos e dar a busca nas cazas, para o prenderem; e como se demaziavão nas diligencias, se rezolveo a seguir o Santo Evangelho.<sup>160</sup> *Cum persequentur vos in civitate ista, fugite in aliam*.<sup>161</sup> Foy meter-se em Nigumbo, aonde lhe deo Deos socego e tempo, assim para consolar aquelles fieis, sem deixar a hum só sem sacramentos; mas tãobem para reduzir aos infieis, que só em hum dia bautizou a cento e sincoenta. Accabada perfectamente a missão de Nigumbo, voltou para Columbo, aonde esteve the Dominga de Ramos; e não só administrou sacramentos aos catholicos; mas // [p. 361] por meio delles trouxe ao gremio da Igreja a muitos pagãos. E sup posto<sup>162</sup> não distinguio certo numero em cada lugar; affirma, porem, que em ambas as partes forão quinhentos os convertidos. Feyta em Columbo a benção dos ramos com grande consolação daquelles fieis, devotissimos das sagradas cerimonias; tornou a Nigumbo, aonde estava preparada em hum bosque retirado da communicação dos hereges, espaçosa ramada para as funcções da Semana Santa; mas foy o concurso tão grande, que não cabendo nella, a ampliarão, de sorte que todos tivessem lugar e pudessem ver ao sacerdote no altar.

<sup>163</sup>116. Estes dias os mais solemnes em todo o orbe catholico, forão solemmissimos aos christãos de Nigumbo, que não cessavão de dar a Deos graças por lhes conceder o logro da felicidade, por tantos annos suspirada de ver a celebridade da Pascoa, que foy a mais alegre com a conversão de hum principal dos hereges, que fez esta festa muito glorioza a Deos com a publica abjuração dos seus erros. Era elle europeu, natural de Colonia, donde sahio catholico e passando-se a India nas naos da Holanda, se cazou em Nigumbo com mulher rica e catholica do tempo dos Portuguezes. Mas, vendo ao depois que os Holandezes não admittião aos lugares de graduacão aos catholicos romanos, para cre[s]cer em honra, decre[s]ceo na fé e se fez acerrimo herege, declarado inimigo das sagradas imagens, contra as quaes vomitava horrendas blasfemias com inconsolavel magoa de unica filha que tinha e era a mais constante e valeroza defensora da nossa santa religião. Quando o Padre Manoel de Miranda entrou da primeira vez em Nigumbo, foy agazalhado em caza de Dom Affonço Pereyra, mudelear daquellas terras, cazado com Catharina Bauzen, filha desse colonez. Era Dom Affonço, chingala de nação, das primeiras nobres familias daquelle paiz, christão velho desde seus vizavos, que no serviço da coroa luzitana merecerão muitas honras por sua grande fidelidade e zelo; por cujo respeito os Holandezes conservarão na sua

<sup>159</sup> Número riscado.

<sup>160</sup> Math. 10.23.

<sup>161</sup> «Quando vos perseguirem numa cidade, fugi para outra».

<sup>162</sup> Riscado: «p».

<sup>163</sup> Número riscado.

caza o <sup>164</sup><titulo e estado> de mudelear, que passava como morgado de pays a filhos. Referio Catharina // [p. 362] Bauzen ao padre o infeliz estado do seu pay, que era provector em idade e contava trinta e tres annos, que vivia na heregia; pedindo com lagrimas e suspiros, o quizesse reduzir ao caminho da verdade. Entrou o padre nesta empreza, foy buscar ao homem em sua caza e elle o recebeu com grande festa. Fallou-lhe no negocio que levava da sua salvação, propondo as mais efficazes razoens, que o herege ouviu attentamente; e supposto se não rendeo a ellas; mas nos muitos obsequios, com que comprimentava ao nosso missionario, lhe dava esperanças de que se curaria com tempo mal tão envelhecido. Na madrugada do Sabbado Santo, acabadas as cerimoniaes e missa, tornou o padre a caza do colonez, deo-lhe segunda bateria, teve com elle larga conferencia e no fim della vio rendida a Christo com a força e efficacia da sua graça aquella alma, que trinta e tres annos viveo desgarrada do seu rebanho. Ficou tão trocado o coração do herege, que com total e inteira sogeição se poz nas mãos do padre, para que fizesse delle o que quizesse e guiasse a sua alma por caminho seguro da salvação eterna. Mandou logo o padre esta noticia à sua filha e genro; acodirão elles com outros muitos parentes, dando todos ao velho colonez as boas festas da Pascoa e congratulando-lhe com demo[n]strações de mayor prazer pela sua dezejada conversão. A vista de todos os presentes abjurou elle os erros hereticos; jurou aos Santos Evangelhos de viver e morrer crendo e obedecendo a tudo quanto ensina e manda a Santa Igreja Romana. Confessou publicamente que <sup>165</sup>conhecia e cria que fora do que ella cre e ensina não há, ne[m] pode haver salvação eterna; e para tirar com a sua penitencia o escandalo que tinha dado com a sua perversão, se sogeitou a ser absoluto *in forma juris* <sup>166</sup>da censura, em que estava incurso. Reconciliado desta sorte o colonez com a Igreja, deteve-se com elle o padre todo aquelle dia, ouvindo-lhe de confissão, tirou da sua mão os livros hereticos, que logo forão condenados ao fogo que merecião; deo-lhe hum crucifixo e o proprio roziario, que elle recebeu com grande devoção e viveo ao depois como bom christão.

<sup>167</sup>117. No meyo destas occupações tão laboriozas procedia // [p. 363] o Padre Manoel de Miranda com tanto fervor, que se fazia tudo para todos. Estava em continuo curso de hum lugar para outro da sua designação; em humas partes trabalhando no espirital da christandade, noutras no material dos templos de Deos. Os christãos de Columbo e Nigumbo satisfeitos de suas virtudes, o querião só para si; mas elle por não faltar aos mais intentou fabricar duas igrejas, huma em Vellevaym para os christãos do dominio do Rey; a segunda em Caymel para a consolação dos fieis de Nigumbo e Columbo. E supposto os Holandezes lhe não podião impedir por si estas fabricas,

<sup>164</sup> Riscado: «posto».

<sup>165</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>166</sup> «Na forma jurídica».

<sup>167</sup> Número riscado.

influirão porem no Rey, que levantava fortificaçoens que ao diante virião a ser dos Portuguezes, com ruina do seu Reyno. Mas o Veneravel Jozeph Vaz que ficava na Corte e tinha impetrado applauzo real para estes edificios, informou da qualidade delles por dissava Antonio de Horta. Preparados os materiaes para as duas igrejas, das quaes a de Caymel corria por conta dos fieis de Nigumbo e elles trabalhando com todo o calor a levantarão e cubrirão, foy o padre missionar em Sitavaca e nesta missão converteo e bautizou a duzentas pessoas. Chegou tãoobem ao mesmo lugar o Padre Pedro de Saldanha, que vinha de Candia, correndo pelas designações, que ficarão sem missionario proprio, por morte do Padre Miguel de Mello e reduzio a fé a mais de cem pagãos de Sitavaca.

118. Hia fenecendo o mez de Agosto e a igreja de Caymel estava perfeita. Preparou nella o Padre Manoel de Miranda huma solemne festa do nascimento da Santissima Virgem Maria, Mãe de Deos e fez della avizo em todos os lugares da sua designação. Foy tãoobem convidado o Padre Jozeph de Jesus Maria, para satisfazer ao grande concurso que havia de haver de confissoens. Na jornada que de Portulão fazia a Caymel, o Padre Jozeph de Jesus Maria ganhou para Deos quatro almas de dous gentios, hum herege e hum mouro; e quando de Caymel voltava para Potulão fez muito mayor negocio; mas não declarou o numero dos convertidos, só disse que hum delles era medico de bom prestimo, por cuja conversão se alegrara muito em o Senhor. Assistirão a festa que se fez no dia proprio Dom Affonço // [p. 364] Pereyra com toda a sua familia e parentella, os principaes christãos de Columbo e Nigumbo, com muito v[u]lgo de todos os lugares circunvezinhos the Calaturré. Tres dias antes da festa começou o confissionario; porque os sacramentos são as melhores igoarias que aquelles fieis anciozamente procurão em todas as solemnidades. E trabalhando ambos os sacerdotes de dia em ouvir as mulheres e de noyte aos homens, lhes não foy possivel dar expediencia a todos que se querião confessar. Na festa, para ser mais pompoza, se celebrou bautismo geral, assim das crianças dos pays christãos, como de muitos adultos convertidos, que se reservarão, para serem regenerados em graça no dia do felicissimo nascimento da Mãe da graça e da misericordia.

119. Despedido de Caymel o Padre Jozeph de Jesus Maria passou a missionar em Manttota e Manar e o que obrou naquelles lugares consta <sup>168</sup>da sua carta, que aqui transcrevo: «Assisti naquellas missoens athe Janeyro, confessando e sacramentando assim aos doentes, como desobrigando da obrigação annual aos que ficavão. Foy Nosso Senhor servido de allumiar a varios gentios e entre elles em Manar a tres cazaes, que constavão de vinte e tres pessoas, cuja conversão cauzou muita alegria ao povo, visto que vivião entre christãos desd[e] o principio da luz da fé, que Nosso Senhor a aquella gente <communicou>, sem nunca se quererem converter; mas antes sendo

<sup>168</sup> Segue-se uma palavra riscada.

favorecedores dos seus gurus e panddarás e perseguidores dos christãos. Em demo[n]stração do gosto que todos receberão, fizerão festa os christãos, armando para isso huma grande ramada ao redor da ermida e apadrinharão no bautismo os principaes da terra. Querendo-me vir para Potulão, fizerão muitas instancias os christãos, para que me deixasse ficar lá para suas necessidades, assim para sacramentar aos doentes, como para fazer exorcismos nas vargeas, que estavam cheas de bichos geralmente; e por eu não poder hir a ellas, trazião panellas cheas de bichos apanhados das vargeas e me mandavão fazer os exorcismos, não reparando que fosse nos caminhos. E tanto que, hindo eu hum dia de huma aldeia para outra, me tomarão no caminho sete pessoas, que de diversas aldeas vinhão com os bichos e me mandavão que // [p. 365] fizesse os exorcismos. Eu lhes obedeci, como se fossem meus superiores; e da mesma sorte as mais vezes, tendo a cada qual por meu superior; e segundo a fé delles Nosso Senhor foy servido de livrar todas as suas vargeas daquella praga; e me vinhão dizer que, tanto que hião lançar nas vargeas os bichos exorcizados e a agoa benta que eu lhes dava, se punhão todos os bichos em fogida pela agoa abaixo, como exercitos fugitivos e assim decre[s]ção por beneficio de Deos e fé dos christãos». <sup>169</sup>

120. Atrás do Padre Jozeph de Jesus Maria, que partio de Caymel para Mantota e Manar, sahio o Padre Manoel de Miranda para missionar em Calaturre. Bem he agora que assim como ouvimos ao primeiro, ouçamos tãobem ao segundo o que obrou na sua missão. «Depois de festejar em Caymel a festa do monte (diz elle) parti para a missão de Calaturre, onde me detive the a primeira dominga do Advento; e se converterão de novo entre gentios e reformados mais de trezentas e sincoenta pessoas. Ordeney algumas ermidas que, junto com as que antes havia, são nove; e determiney officiaes, assim para o cuidado dellas, como para convocarem o povo ao exercicio da oração, doutrina e outros. Consolou-me muito esta christan // [p. 366]dade; porque he boa e achey, por experiencia, que de coração e com efficacia tinha largado todas as couzas gentilicas. Consolou-me tãobem muito o encontro de alguns europeos, soldados da companhia holandeza que, depois que sahirão de suas terras, havia desoito e vinte annos se não tinham encontrado com sacerdote; e tendo noticia da minha estada, me vierão buscar, trapando os muros da fortaleza, na mesma noite em que me tinha repetido o meu achaque de erysipela com febre mui ardente, dores da cadeira e cabeça, que me fazião variar o juizo. Vendo porem que, perdendo elles a occasião desta noyte, não

<sup>169</sup> Riscado: «Depois dos gloriosos successos da missão de Ceylão, referidos neste capitulo, o remato com a noticia da morte do Irmão Antonio Carvalho, o qual foy natural da freguesia da Nossa Senhora da Piedade da Ilha Divari, filho de Simão Carvalho neofito e de Maria Pereyra, ambos bramanes. Entrou nesta Congregação para estado de leigo aos vinte e quatro de Dezembro de mil setecentos e hum; viveo nella quatro annos dez meses e quinze dias. E depois de sofrer com paciencia huma longa enfermidade com que Deos o quiz purificar no mundo para entrar com mais aventajado merecimento no ceo, falleceo com todos os sacramentos aos oito de Novembro do anno corrente da nossa historia e foy enterrado no seguinte dia na Igreja da Santa Cruz dos Milagres».

terião liberdade para outra, assim deitado como estava em hum catle, ouvi a todos de confissão e sem embargo de ter a perna inflamada, disse a missa para lhes dar a communhão. E sentado na cama bautizey a algumas pessoas. Succedeo neste Calaturre hum prodigio que, de passo, quero referir. Morava lá huma mulher que, entre outras filhas, tinha huma rapariga de poucos annos, mas de muita piedade. Esta menina tinha seu oratoriozinho com imagem da Sacratissima Virgem, de quem era tão devota, que o seu mayor cuidado e empenho era occupar-se quazi todo o dia no ornato do seu oratorio, fazendo para elle rendas, lavrando toalhas e ornando com flores. Succedeo tomar fogo a sua caza, que era coberta de palha e como corria vento <sup>170</sup><fresco> e era difficil apaga-lo, todos sahirão della. Porem a menina, que tinha todo o seu thezouro no seu oratorio e na imagem da Virgem Sacratissima, correo logo para dentro e abraçando-se com elle começou a chorar. Foy atras della a may; que dos outros ninguem se atrevia; porque a labareda hia com velocidade, convertendo tudo em cinzas. Pedia-lhe a mãy que se sahisse e que tãobem se salvaria o seu oratorio, d[e] outra sorte arderião ella, e o oratorio sem remedio. A nada attendia a menina, só chorava, como querendo apagar aquelle incendio com as correntes das suas lagrimas. Foy couza maravilhosa, que o fogo consumindo toda a caza e chegando ao agazalhado, em que ficava a Manina com o seu oratorio, passou por sima do tecto, queimando a palha da cobertura, que ficava ao ar de fora, a palha de dentro só tisonada // [p. 367] com a fumaça; mas o madeiramento illezo; e foy ainda mais maravilhosa esta perservação; porque o fogo, saltando do tecto deste agazalhado em humas palmeiras, que lhe ficavão vezinhas, as abrazou». <sup>171</sup>

#### *Capitulo Decimo Quinto*

*Publica confissão da fe catholica romana que os fieis de Christo fizerão em Columbo e Nigumbo, por persuazão do Padre Manoel de Miranda Anno 1706*

121. Como o Padre Manoel de Miranda rezidia mais de hum anno nos dstrictos hereticos, a que foy designado, na communicação tão frequente e continua, que the o presente não teve outro missionario com aquelles fieis, descobriu que supposto no interior do coração nada discrepavão dos artigos

<sup>170</sup> Riscado: «tezo».

<sup>171</sup> Riscado: «324. Depois dos gloriosos successos da missão de Ceylão referidos neste capitulo, o remato com a noticia da morte do Irmão Antonio Carvalho. Foy elle natural da freguesia de Nossa Senhora da Piedade, da Ilha Divari, de Goa, filho de Simão Carvalho neofito e de Maria Pereyra, ambos bramanes. Entrou nesta Congregação para servir a Deos em [estado de leigo?] aos vinte e quatro de Dezembro de mil setecentos e hum, viveo nella quatro annos, dez meses e quinze dias e depois de sofrer com paciencia huma longa enfermidade com que Deos o quiz purificar no mundo, para entrar com mais aventajado merecimento no ceo, falleceo com todos os sacramentos, aos oito de Novembro do anno corrente [da nossa historia?] e foy enterrado no seguinte dia na Igreja de Santa Cruz dos Milagres».

e pontos da verdadeira crença catholica; porem no exterior, para viverem livres da injusta vexação do senhorio da terra, proferião com a boca couzas que de nenhuma maneira lhes podião ser licitas; e só a ignorancia total e invencivel os podia livrar do peccado. Era dano este que se não podia evitar; senão com huma geral constancia, com que todos os fieis se expuzessem ao martirio, negando de huma vez para sempre essa exterior simulação, a // que os hereges os violentavão. Mas como da fragilidade humana se não podia esperar tão heroica rezolução, universal em todos; determinou, com maduro conselho e muita oração, que fizessem os fieis, perante o magistrado heretico, publica confissão da fe catholica romana que professavão e lhe pedissem os não constringesse a obrar contra ella; porque por este caminho conhecendo os Holandezes o pouco fruto que produzirão as suas diligencias de tantos annos, que não bastarão para perverter aquelle povo, o qual no interior do seu coração conservava sempre a primeira fé que concebeo da Igreja Catholica Romana, desistissem do seu empenho. Este em summa o motivo do que contem a relação deste capitulo; mas como neste successo houve muitas circunstancias, dignas de perpetua memoria, dou aqui fiel traslado de tudo que o mesmo padre escreveo; porque só as suas proprias palavras poderão dar de conhecer cabalmente o generoso espirito, com que se animou e estimulou a outros para empreza quão ardua à fragilidade humana, tão glorioza na aceitação divina. Diz pois o padre.

122. Depois que entrey nesta missão e a fuy prumando e inquirindo todas as couzas, me vi mettido em hum mar de embaraços e escrupulos; porque, deixando as mais couzas, o que<sup>172</sup> passa na materia da fé e pontos della, parece-me couza ardua. Primeiramente alguns christãos, sendo perguntados pelos que governão, negavão a ley. Toda a gente natural na occazião da licença que vão pedir para se cazarem; sem a qual são reputados por amancebados e os filhos por illegitimos; como tãobem nos bautismos das crianças, que são forçados a receber do predicante herege sob a mesma pena da illegitimidade, de que se segue ser em juizo inhabilidade para a herança; nestas occaziões os noivos, os pays dos bautizados nas perguntas publicas, que lhes faz o xattanby (mestre da escola) em prezença ou em auzencia do predicante, negão os sacramentos, a protecção e a intercessão dos santos, o purgatorio, a adoração das imagens sagradas e outras re[s]postas hereticas; porque sem ellas não são diffiridos nem para os cazamentos, nem para os bautismos. Fora disto a todos os christãos, quando levão os seus filhos para o bautismo ou vão por padri // [p. 369]nhos pergunta publicamente o predicante posto em lugar alto, se dão palavra de ensinar ao bautizado a ley que se ensina na sua Igreja reformada? Ao que os paes e os padrinhos lhe fazem huma mezura.

123. Os padres antesussores tinhão nesta materia excogitado todos os meyo e parecendo-lhes quazi impossivel o remedio, tinhão deixado aos

<sup>172</sup> Riscado: «[se?]».

christãos na sua boa ou ma fé; mas não sem escrupulos de suas consciencias. Digo boa, ou má fé, porque a mayor parte do povo ignorava ser o referido peccado. A outros parecia que enganavão aos hereges, fallando só com a boca o que elles de nenhuma sorte crião, nem deste engano e mentira fazião escrupulo; outros, ainda que tinhão mais conhecimento, mas o respeito e o medo lhes fazia cahir neste erro; e assim, estando todos comprehendidos, nenhum se accusava de tal peccado; o qual como de si he tão intrinsecamente mau; entendi que não os podia deixar na sua boa ou má fé, sem os advertir. E quando depois de advertidos e avizados não quizessem fazer o que devião ou fizessem o que licitamente não podião, julguey conveniente fazer eu o que devo, que he negar os sacramentos. De tudo dey conta ao Reverendo Padre Superior Jozeph Vás, para elle me rezolver nesta materia o que devia obrar com acerto que a sua prudencia me segurava. Respondeo-me que para evitar os encargos das consciencias dos christãos e tãobem das nossas, se pudesse eu fazer com que os christãos em commum se declarassem por catholicos romanos, seria couza santa. E isto mesmo era o que eu dezejava e entendia se devia fazer. Mas a execução deste meio parecia mais que difficil por muitas razoens. Porque para o executarem de hum em hum, quando vão pedir licença para o cazamento ou bautismo aos filhos, não achava animo em pessoa alguma; porque certamente os primeiros havião de ser castigados com afronta publica e então ficarião todos mais acovardados. Em geral era couza ardua unir huma christandade tão dilatada, para emprender o que nunca intentou depois que os Holandezes tomarão estas terras; antes sempre viverão sogeitos, consentindo e fazendo no exterior o que os senhores dominantes ordenavão; porque no interior erão firmes catholicos romanos. // [p. 370]

124. Considerava tãobem não ter adjutorio algum neste negocio; não porque o não dezessem os christãos, senão porque semelhante novidade não podia deixar de cauzar hum grande abalo e revolta nos contrarios, os quaes entrando a inquirir e descobrindo que algum christão foy motor e cauza deste effeito, o havião de castigar asperamente e despojar de tudo. Alem do que eu só e escondido nas suas terras, a modo de fgitivo, me era difficultozo encontrar-me com todos os christãos. Por outra parte me desanimava muito a puzilanimidade desta gente, que he muy fraca e muy temeroza de qualquer castigo. Outros vivem de cargos, esmolos, etc., que lhes faz a Companhia Holandesa e temião perder esses interesses. Sobretudo, ainda que são catholicos e se mostrão devotos e inclinados à piedade; mas faltalhes o fervor e zelo da fé, o conhecimento de Deos e do peccado; porque lhes falta o ensino sufficiente, com que não hé possivel acodir-lhes. De mais que para começar este negocio em Columbo, aonde era precizo principiar, faltava occazião opportuna; e sobretudo não faltavão pessoas que me despersuadião.

125. Mas com todas estas difficuldades assentey no meu coração emprender este negocio; começey a applicar as missas que dizia, por esta tenção; e ordeney que todos os exercicios da christandade e ermidas offere-

cessem por mesma tenção. Feita esta diligencia com Deos, de quem só podia vir a luz necessaria para o acerto; comecey em Columbo a missão na Ilha dos Escravos, da Companhia, aonde há duas ermidas.<sup>173</sup> Ja quazi a tinha accabado de vencer e só me restava o serviço de huma noyte; quando permittio Deos que aos onze de Dezembro, por ordem do governador, se lançasse hum pregão pela cidade, ordenando debaixo de certa pena pecuniaria e castigo pessoal que todos os pescadores, xettis, paravas e outras castas mandassem seus filhos, assim machos, como femeas à escola nova que se tinha feito. E leo-se outro placato na sua querca, para que todos // [p. 371] os homens e mulheres fossem a ella, em todos os domingos, para ouvir os sermões dos seus predicantes. Ficarão os christãos tristes e atemorizados; mas eu muito alegre e contente, entendendo que Deos nos abria esta porta, para com este motivo emprender o nosso negocio. Vim na mesma noyte para a cidade e convoquey os principaes pescadores. Esta casta de pescadores não he gente infima, como os da nossa terra e d[e] outras; senão a mais principal de Columbo, muitos delles estão aparentados com os europeos; e a maior parte dos mistiços descendem delles. Hé gente rica e respeitada. São todos christãos muitos [sic]<sup>174</sup> firmes e constantes na fé; elles são os principaes agentes da pescaria dos aljofres e dão à Companhia Holandezza muito proveito. As onze horas da noite, estando muitos juntos, lhes communiquey o meu intento e o quanto importava às suas almas este negocio. Emfim, falley-lhes o que Deos me dictava; e o mesmo Senhor moveo os seus coraçãoes; e repeti mais algumas vezes o ajuntamento em differentes lugares, para proceder com mais cautela. Rezultou destas diligencias que, conhecendo os pescadores o grande erro que commettião em mostrar-se reformados, respondendo as perguntas hereticas na forma que fica referido; com lagrimas e soluços detestarão a sua culpa e jurarão sobre as minhas mãos de confessar publicamente a fe catholica romana, ainda que por isso soubessem padecer a mesma morte.

126. Assentamos por mais acertado fazer esta confissão perscrita por petição ao governador e mais senhores do Conselho porque, sendo vocal, não saberião todos dar razão do que fossem perguntados. E ja que fazião esta declaração da fe, quizerão tãobem supplicar que a Companhia lhes concedesse huma igreja e padre, do mesmo modo que permite aos catholicos romanos em outros seus dominios. Os paravás tãobem concordarão em fazer a sua petição a parte. Os xettis, que são homens de negocio, gente puzilanime, prometterão não negar a fé, sendo perguntados; mas não se rezolverão a sahir com a sua petição. Os europeos catholicos e os mistiços brancos não se metterão neste negocio, visto que o pregão não fallava // [p. 372] com elles. A petição dos pescadores, que eu dey feita em portuguez e foy vertida em holandez, era pela maneyra seguinte.

<sup>173</sup> «Slave Island», zona situada imediatamente a Sul do centro de Colombo, rodeada então da lagoa hoje chamada «Beira Lake».

<sup>174</sup> Entenda-se «muito».

127. Diz todo o povo da casta dos pescadores que elles, desde que a muy nobre Companhia tomou estas terras the o presente, sempre procederão como leaes vassallos e servidores della, obedecendo pontualmente nas occaziões da guerra e paz às ordens dos senhores, que governarão e governão, como tudo hé bem patente a Vossa Senhoria e aos mais senhores do conselho. E porque no sabbado passado se lançou hum pregão por ordem de Vossa Senhoria, para que todos os filhos dos supplicantes se fossem alistar no livro do canacapole do predicante; obedecendo elles a dita ordem, tem dado cumprimento ao dito pregão, dando os nommes dos seus filhos. Mas como hé obrigação de bons vassallos não enganar; senão fallar sempre a verdade ao seu principe e senhor; os supplicantes, com toda a humildade, fazem saber a Vossa Senhoria e aos mais senhores do Conselho que assim os seus antepassados, como todos elles com seus filhos e familia, homens e mulheres são catholicos romanos e forão sempre; e the o fim querem permanecer na dita ley; e por isso prostrados aos pés de Vossa Senhoria <pedem,> não faça a elles, nem a sua familia força e oppressão alguma nesta materia; porque estão os seus coraçãoes tão fixos na sobredita ley, que lhes não dá lugar para se afastar della; nem lhes entra outra couza em contrario na cabeça; mas antes supplicão a Vossa Senhoria e representão que, tendo a nobre Companhia feito merce aos catholicos em todas as suas terras, concedendo-lhes padres e igrejas, só os supplicantes se achão privados deste bem; e por isso rogão a Vossa Senhoria, como a seu pay e senhor, seja servido de lhes dar algum remedio para o socego das suas consciencias e bem das suas almas; pois fora da nobre Companhia e Vossa Senhoria, nenhum outro lhes pode fazer esta esmola; que em tudo o mais prometterem, como leaes vassallos e bons servidores, de ser<sup>175</sup> sempre pontuaes no serviço da nobre Companhia e goardar as suas ordens e esperão na piedade de Vossa Senhoria, que ha-de por os olhos de clemencia nesta sua humilde supplica, no que receberão merce. // [p. 373]

128. Esta petição foy primeiro apprezentada ao secretario, que hé a cabeça desta nação; porque he decreto da Companhia, que se não faça requerimento algum do povo sem saber o que he a cabeça do tal povo. Forão algumas duzentas pessoas com a petição ao secretario; e elle respondeo que em nada lhes podia ser bom em negocio tão arduo; que recorressem ao governador; mas reparassem muito no que fazião; pois depois de mais de sincoenta annos querião sahir com couza tão nova. O secretario pelo que entendo, deo noticia da petição ao governador logo no mesmo dia; porque este, julgando que tudo nascia de mim e por inquirição secreta achando noticia certa de ter eu estado na Ilha dos Escravos, mandou preparar tres corpos de lascars, araches e capitaens de ordenança e outra gente da milicia com dous intentos. O primeiro de me buscar e prender; porque com a minha prizão cessaria tudo. O segundo, para que com este apparatus bellico, aterrado

<sup>175</sup> Riscado: «em».

o povo, suspendesse a diligencia da petição que o governador, de nenhuma maneira, queria que chegasse a sua mão semelhante requerimento; porque se dissimulasse com elle, tomarião os requerentes confiança para importunar com novas supplicas e entretanto se não observaria o bando; para proceder contra os requerentes nem a justiça dava lugar; porque não havia culpa na tal petição; nem era possível castigar a hum povo tão dilatado. Corria publica, mas varia a noticia da busca que se havia de dar, huns dizião que na Ilha dos Escravos; outros na Rua dos Pescadores; outros em todas as cazas dos catholicos. Tres dias estiverão sem fazer obra os exercitos prevenidos; porque o governador não quiz dar as ultimas ordens sem preceder consulta; convocava-se o Conselho todos os dias e não se rezolvia nada afinal.

129. Eu estes tres dias, não sey dizer o como passava; não por temor do que poderia succeder a mim; senão a hum senhor principal e principal catholico europeu, em cuja caza ficava. A sua mulher era herege, mas senhora de generoso coração, a qual me tratou com tanta vigilancia, cuydado e amor, que em ne // [p. 374]nhuma parte estivera nesta occazião tão seguro, como no amparo que Deos me deparou nesta senhora. Ella animou ao marido e não quiz que eu sahisse de sua caza; nem facilmente podia ja sahir, porque as vigias, centinelas e rondas por todas as ruas fazião muito bem o seu officio e por todas as partes tudo era terror e medo. Passey hum dia e noite metido entre o telhado e forro do tecto de hum agazalhado. Outro lugar era hum caixão grande, que ficava preparado para nelle entrar e se fechar, quando assim necessario fosse. Finalmente deo-se a busca na Ilha dos Escravos em huma madrugada; e o mesmo alferes, a quem estava recommendada esta diligencia, veyo as oito horas da noite antecedente dar noticia della ao senhor da caza, em que eu estava, não porque soubesse com certeza que elle me amparava, senão para que me avizasse com tempo, para me retirar daquella ilha, se acazo nella estivesse. Desta sorte, por meio de huns hereges me goardava Deos da perseguição de outros, com o que me achei com mayor animo para proseguir no começado e avizey logo aos christãos que sem esperarem mais tempo, fossem logo com a sua petição ao governador; ao que elles obedecerão, hindo hum corpo de quazi trezentas pessoas e apresentarão o seu papel com muita humildade ao governador, que o recebeu e mandou vir por despacho na segunda-feira, depois da festa do anno novo.

130. <sup>176</sup>Hindo os christão na segunda-feira assinalada em busca do despacho, lhes perguntou o governador se todos elles tinham feito aquella petição? Todos affirmarão. Mandou que os que a tinham feito, assinassem ao pé della. Todos assinarão. Recebeo a petição assinada e rezolveo que voltassem quando fossem chamados e a meteo em conselho, em que forão nomeados tres capitães, para fazerem aos christãos as perguntas e reperguntas, que direy logo. Não me ficou <oculto> o que lá se tinha passado;

<sup>176</sup> No original aparece na margem deste folio e seguintes: Anno 1707.

porque solicitey amizade de alguns do Conselho; por Deos permittir que excepto os predicantes e outros poucos Holandezes, os mais ainda que hereges, nada sejam oppostos aos catholicos, antes algumas vezes nos são propicios. Communiquey esta noticia a dous dos principaes, que havião de ser perguntados e os exhortey e animey que nas materias da fe nada // [p. 375] negassem; mas confessassem afoutamente e o mesmo recommendassem a todo o vulgo christão; porem, em tudo o mais se mostrassem muito humildes e sogeitos aos senhores da terra. Aqui he de advertir que, conhecendo os do Conselho a letra de quem traduzio a petição em holandez, o levarão ao tribunal, para se lhe fazer cargo; mas elle se defendeo, dizendo que elle a petitorio de Simão Collaço, medico da sua caza tinha feito a traducção do original, que lhe entregarão em portuguez, por entender que não comettia nisto crime algum, porque era para se apresentar ao mesmo senhor da terra. Comtudo foy asperamente extranhado e lhe tomarão o papel da petição em portuguez, que ainda ficava na sua mão e foy elle a materia da primeira pergunta. Porque no dia seguinte forão chamados os christãos requerentes a presença dos tres inquiridores, que estavam com esse papel na mão, com hum notario para escrever as perguntas e re[s]postas, que forão as seguintes.

131. Perguntarão se conhecião aquelle papel em portuguez? Responderão os christãos que conhecião e que era da letra do seu padre catholico romano.

Perguntarão aonde se tinham encontrado com o padre? Responderão que no Livramento. Hé este hum lugar fora da cidade, onde antigamente ficava a Igreja da Senhora do Livramento e hoje não há mais que huma paredezinha quebrada; mas muita gente preta, branca e athe chingalás gentios vizitão com grande devoção este lugar; e cada hum conforme a sua fé não deixa de alcançar particulares favores de Deos; e aos enfermos se dá a agoa do poço, que fica junto a mesma igreja; e por mais ordens e penas e ameaços, que tem publicado a Companhia contra os que vão ao dito lugar, não podem tolher esta devoção dos fieis.

Perguntarão para que tinha vindo o padre ao dito lugar? Responderão que para fazer huma novena a Senhora.

Perguntarão elles para que tinham hido? Responderão que para se confessarem e receberem a sagrada communhão. // [p. 376]

Perguntarão se tinha hido muita gente? Responderão que tanta era a gente, que facilmente se não poderia numerar.

132. Perguntarão, porque tinham feito aquella petição? Responderão que, dando elles conta ao seu padre do pregão que se tinha lançado para hirem os seus filhos a escola e elles com suas mulheres a querca, lhes perguntou o padre que hé o que fazião ou dizião nessa escola e querca? E elles disserão que era necessario<sup>177</sup> dizer que não há mais que dous sacramentos,

<sup>177</sup> Riscado: «s».

negar o purgatorio, a veneração dos santos e das suas imagens e outras couzas, que ensinão os reformados. Ao que o padre lhes perguntou se erão catholicos ou lutheranos, ou calvinistas? E elles responderão que erão verdadeiros catholicos romanos de paes, avos e bisavos que não crião, nem assentião na ley dos reformados, senão da Santa Madre Igreja de Roma. Então o padre disse a elles que, sendo assim, que elles no seu coração erão catholicos romanos, de nenhuma maneira podião por respeito dos homens negar o que ensina a sua fé; que aos senhores da terra obedecessem fielmente em tudo que tocava ao seu serviço; porem nas materias da ley, que são do serviço <de Deos>, não devião no exterior fingir-se reformados, sendo no interior catholicos romanos; que elles perguntassem aos mesmos predicantes e senhores do Conselho se era licito semelhante engano. Ao que elles responderão ao padre que elles erão gente coitada e não tinha prestimo para fazer esta pergunta ao senhor governador; e o padre disse que, querendo elles, lhes daria feita huma petição, para apprezentarem ao dito senhor, que assim como era juiz para castigar as culpas dos seus vassallos; era tãobem para ouvir com attenção os seus justos requerimentos.

133. Perguntarão se o padre vinha muitas vezes? Responderão que vinha cada tres ou seis mezes.

Perguntarão em que traje vinha? Responderão que vinha em traje de chingalá, as vezes feito cule, que carreta a pinga.

Perguntarão se elles não sabião das ordens e pregões varios, com que a Companhia sob graves penas tinha prohibido aos seus // [p. 377] vassallos encontrar-se com os padres catholicos? Responderão que muito bem sabião; mas erão ordens que não podião goardar; porque, assim como se suas senhorias prohibissem a seus servos comer e beber, ainda que obedecessem hum dia e outro; mas ao depois havião de furtar para comer; assim tãobem elles para matar a fome e sede de suas almas, ainda que a furtadellas não podião deixar de buscar ao padre para receber o pão da palavra de Deos e dos sacramentos, que hé o sustento das almas.

<sup>178</sup>134. Perguntarão se elles não querião obedecer ao senhor governador em mandar os filhos para a escola? Responderão que por os obrigar a ordem do senhor governador, hirião os filhos a escola e elles tãobem a querca; mas que aos filhos havião de ensinar em caza as orações da ley romana, em que vivem e nas quercas sendo perguntados havião de dizer as mesmas orações; porque não sabião outras.

545 Perguntarão, fora do padre, quem tinha sido o primeiro neste negocio? Responderão que depois d'elle era couza que tocava a todos. Perguntarão aonde ficava o padre? Responderão que ja tinha partido. Emfim outras muitas perguntas fizerão, a que todos responderão com muito valor. Repetirão se dahi alguns dias outra e outra vez os mesmos e outros seme-

<sup>178</sup> Número riscado.

lhantes interrogatorios; e em todos, sem discrepancia, acharão re[s]postas com constancia. Athe as mulheres dos pescadores ouzarão a dizer aos seus maridos, que se elles não tinhão animo, se deixassem ficar em caza; porque ellas hirião ao conselho e responderião o que devião a Deos e a sua fe, que professavão.

135. Ainda que os christãos disserão ter eu partido, mas os contrarios sabião que ainda ficava em Columbo, dando calor ao negocio; e supposto não tinhão certeza do lugar; mas não sey com que fundamento entrarão em suspeita da caza em que estava. Teve desta suspeita noticia huma senhora grave que, sendo antes herege por todos os quatro costados, havia pouco tempo tinha entrado no gremio da Igreja <Romana> occultamente; mas na prezente occazião sem reparar em nada, me amparou a todo o risco; porque, arreceando que se desse busca na caza em que eu ficava, veo huma tarde vizitar a senhora della e deixou-se ficar the dez horas de noite e, // [p. 378] fazendo-me disfarçar em vestido que trazia prevenido de seu criado, me levou em sua companhia para sua caza, aonde estive alguns dias, dando sempre novos alentos aos christãos, para não vacilarem no que estava tão felizmente concluido. E porque todos os europeos amigos e o nosso Pegalote e Poól mandarão-me pedir que me auzentasse; porque, se succedesse ser prezo, descahirião todos os christãos, sahy huma noyte feito lascarim (soldado) de hum arache (capitão da ordenança) da companhia dos chaleás e por meyo da goarda que ficava na<sup>179</sup> porta da cidade, passey sem ser conhecido as onze horas de noite e fuy amanhecer em Dumaga, aldea dos chaleas christãos animozos e constantes na fé, aonde estive sinco dias e ouvi de confissão a todos.

136. Neste tempo entrou em Nigumbo hum predicante para aterrar aos christãos com muitas ameaças, para se não declararem por catholicos; tomou escritos os nommes dos ermideyros de quatorze ermidas, que há naquelle districto; inquirio varias couzas contra o mudelear Dom Affonço Pereyra por fautor da ley romana e voltou para Columbo; do que, tendo eu noticia e entendendo ser necessario dar calor àquelles christãos, sahy em busca delles, tomando por guias aos bons chaleás, que me levarão por caminho de muitas sanguisugas; e porque esta mortificação me parecia pezada em tempo nocturno em que andavamos, quiz Deos dar-me outra, que foy hum lameirão, o mais hediondo que the então tinha visto, em que andey bastante espaço com grande trabalho; porque entrava o pé the os joelhos e ajudando-me com caridade os meus companheiros, fuy sahir ao rio, aonde estava prompta a barca em que havia de passar para Nigumbo, aonde cheguey e entrey as tres horas da madrugada em caza do mudelear, que anciozamente me esperava. Estava tão desmayada a christandade de Nigumbo com a diligencia do predicante, que não havia exe<r>cicios nas ermidas e estas ficavão reduzidas a

<sup>179</sup> Riscado: «cidade».

logeas; e muitos tinham resolução de declarar-se no exterior por reformados, quando de outra sorte não pudessem evitar o dano que temião. Ajudou-me Deos a remediar este mal, ajuntando aos christãos de cada rua na sua ermida. Porem, // [p. 379] mayor perigo corria eu cá do que em Columbo; porque cuidando os contrarios que, sahindo eu de Columbo, havia de meter-me em Nigumbo, reforçarão aqui as vigias, centinelas e rondas com promessa de quinhentas patacas de premio, com muitos accrescementos a quem me prendesse. O alferes de Nigumbo, tanto por ser inimigo do mudelear, a quem tem mortal odio, como por ganhar o premio, sahia a rondar pessoalmente e com qualquer pretexto entrava nas cazas, de que tinha suspeita e dava busca nellas. Dizião, os que rondavão, que huma noite me virão passar por huma rua e correndo atras de mi[m], não puderão dar comigo, nem atinar, aonde tinha eu entrado e por isso me chamavão feiticeiro, de que me regozijey muito com o meu Bom Jesu[s], que soffreo semelhante improperio.<sup>180</sup> *Si patrem familias Beelzebub vocaverunt, quanto magis domesticos ejus?*<sup>181</sup> Assim que rondava eu e rondavão tãobem os soldados; mas nunca quiz Deos que nos encontrassemos. Animados os christãos huns com boas palavras, outros com ameaças espirituas, mandey continuar os exercicios das ermidas, implorando auxilios do ceo para terem bom successo no conflicto, que não podia tardar muitos dias; e passey para Caymel, no districto do Rey de Candia, donde tãobem continuava com as minhas exortações, mandando chamar aos principaes de hum e hum.

137. Nestes dias em que eu lidava com a christanda<de> de Nigumbo, se assentou no conselho de Columbo prender a sinco principaes christãos da casta dos pescadores, que erão o medico Simão Collaço, presidente<sup>182</sup> daquella christandade, Francisco Nunes, Pedro Pires, Antonio Dias e João Pinto. Erão quazi oito horas de noite e estavam elles na ermida occupados nos santos exercicios; e tanto que souberão que os buscavão, sahirão a rua a encontrar-se espontaneamente aos executores da prizão e se entregarão nas mãos da justiça. Foy cada hum posto em prizão separada. O v[u]lgo pescador queria cessar da pescaria; mas o seu presidente Simão Collaço ordenou que de nenhuma maneira se mostrassem sentidos da sua prizão, antes com mais alegria fossem a pescar com mais barcas; por assim ser necessario para se conformarem com a vontade de Deos e para não irritarem ao senhor da terra, a quem devião naquella occasião fazer mayores obsequios para serem bem despachados e a Deos muitas preces e rogos, continuando com mayor fervor os exercicios da ermida e fazendo // [p. 380] agora publicos os que antes fazião occultos; pois ja publicamente estavam declarados por catholicos romanos; e devião mostrar com as obras a santa religião, que confessarão com palavras. Forão os sinco prezos levados ao conselho varias vezes, sem

<sup>180</sup> Math. 10.25.

<sup>181</sup> «Se chamaram Belzebu ao chefe de família, quanto mais o farão aos seus servos?».

<sup>182</sup> Riscado: «[das?]».

hum saber de outro, aonde lhes perguntarão pelos mesmos ou semelhantes interrogatorios. E todos responderão, confessando lhanamente que tinham ermida, em que se juntavão todas as noites para os exercicios da oração e louvores <de Deos>, conforme <o> estilo da ley romana que professavão; que o padre entrava na cidade e assim elles, como todos os catholicos europeos e naturaes o recebião em suas cazas, aonde dizia a missa, pregava e administrava os sacramentos; ficando em cada caza huma noite. Toda esta diligencia dos hereges era para que os catholicos de qualquer modo se mostrassem arrependidos da petição que fizerão e pedissem o perdão da culpa, que lho darião logo, ficando as couzas no seu primeiro ser; e por isso lançarão huma fama vaga de que os sinco prezos havião de ser açoutados pelas ruas publicas e ao depois desterrados. Mas, vendo que não conseguião o seu intento e perdião tempo com elles, os mandarão soltar e condenarão a todos, que assinarão na petição em quatrocentas patacas, que elles logo pagarão.

<sup>183</sup>138. Soltos os sinco prezos, passarão os tres capitães a Nigumbo, para inquirir as couzas da fé e os pontos tocantes ao mudelear. O primeiro que chamarão as perguntas foy hum capitão da milicia chamado Simão da Cruz, de idade de secenta e sete annos, homem intrepido e constante confessor de Christo; e quiz Deos que fosse elle o primeiro, para com o seu exemplo animar aos mais. Muitas vezes me tenho fingido soldado deste capitão, para entrar e sahir em Nigumbo; elle me defende a dianteira e com o seu favor acudo aos moribundos.<sup>184</sup> Sendo elle perguntado, respondeo com a mayor bizzarria, confiança e valor que era catholico romano e não só elle, mas quazi todos os moradores de Nigumbo e athe as crianças, ainda que hião por força à escola dos reformados; mas não sabião, nem querião saber outra ley, que da santa Igreja de Roma. Declarou quantas ermidas havia e os exercicios que nellas se fazião. E porque hum capitão por temor, sendo catholico, disse que era reformado, diante dos mesmos // [p. 381] inquiridores, lhe extranhou muito a covardia, chamando-o traydor a Deos e nunca seria fiel aos homens. Perguntarão-lhe se tinha hido a festa de Caymel? Respondeo que não só elle; mas todos os moradores assistirão àquella festa, que foy do nascimento da Mãe de Deos. Perguntarão quem dava de comer ao padre? Respondeo que o padre se não de<sup>185</sup> [sic] dignava de ser hospede do mais pobre e miseravel homem e que mais cuidava em dar pasto dos sacramentos às <almas> alheas<sup>186</sup> do que no sustento do seu corpo. Perguntarão-lhe se o padre era branco ou preto? Respondeo que tinha cores brancas; e supposto não <sabia> de certo a sua casta; porem tinha ouvido dizer que era bramane. Outras muitas couzas disse o bom velho, que todas se tomarão escritas.

<sup>183</sup> Riscado: 54[...].

<sup>184</sup> Segue(m)-se uma(s) letra(s) riscada(s).

<sup>185</sup> Entenda-se: «se».

<sup>186</sup> Encontra-se uma palavra entrelinhada riscada.

<sup>187</sup>139. No dia seguinte mandarão os inquiridores chamar de cada caza dos christãos huma pessoa. Forão todos pontualmente e responderão às perguntas como devião, declarando-se por catholicos romanos; the os ermeideiros e anaves, que são os que ensinão e fazem os exercicios das ermidas, se forão apprezentar e declarar os seus ministerios; e foy como couza prodigioza o fervor que naquella occazião entrou em todos. Os chingalas hereges bautizados pelos predicantes tãobem forão sem ser chamados e disserão que erão catholicos, não o sendo antes, nem tendo communicação com os nossos ermeideiros; e perguntando-lhes os nossos christãos, como disserão que erão catholicos, sendo reformados? Responderão que querião ficar taes quaes se tinhão declarado; porque não podião viver na ley dos reformados; que o predicante não bautizava a filhos, sem perguntar se erão de legitimo matrimonio e negava o bautismo aos illegitimos; e os mestres das escolas não admitião ao bautismo os seus filhos, ainda legitimos, sem lhes fazer conveniencia; porem, o padre dos Portuguezes tudo fazia por amor de Deos, nem inquiria se os filhos são legitimos.

140. Depois da inquirição feita pelos tres capitães vierão a Nigumbo o dissava de Columbo e o predicante e convocarão a todos os christãos grandes e pequenos e separando para huma <parte> os homens cre[s]cidos e para outra os rapazes. Perguntarão aos grandes em que ley vivião? Responderão com gritos tão altos que se podião ouvir muito longe, // [p. 382] que todos erão catholicos e querião viver na ley da Santa Madre Igreja de Roma. Voltarão para os rapazes com a mesma pergunta e ouvirão igoal re[s]posta. Perguntarão aonde elles vivião? Responderão que nas terras da nobre Companhia de Holanda. Perguntarão, pois, como erão catholicos? Responderão que seus pays lhes ensinavão a ley catholica. Perguntarão agora finalmente em que ley querião viver? Responderão que athe morrer querião viver na ley dos catholicos romanos. Perguntarão pelos nommes das ermidas. Responderão todos ser da Virgem Mãy de Deos, como Senhora do Livramento, Senhora do Bom Successo, Senhora dos Remedios etc. Perguntarão porque adoravão a huma mulher, que era gente como outros? Responderão, porque era Mãy de Deos e sabião e crião que quem não adorava a Mãy de Deos, não podia achar o ceo, nem a misericordia do seu filho. Isto concluido forão-se os capitães, o dissava e o predicante, os quaes passando por outros lugares pequenos e perguntando aos christãos pela ley, confessarão a catholica romana, que professavão; e só tres, que por respeito mundano disserão ser reformados, não o sendo, receberão de Deos o castigo, que logo direy. Neste tempo, com a noticia que communiquey do successo de Columbo ao nosso superior Reverendo Padre Jozeph Vaz, que ficava em Candia, elle como vigario geral da missão expedio huma pastoral a Manttota, Jafana, Manar e a outros lugares do dominio heretico, que todos os filhos da Santa Madre Igreja se declarassem por catholicos romanos.

<sup>187</sup> Riscado: «543».

141. Dos tres miseraveis, que negarão em publico a fé que professavão, hum dentro de quinze dias veo a fallecer da mordedura de huma cobra, não lhe valendo muitos remedios assim naturaes, como supersticiozos e diabolicos; porque nem o mesmo diabo, a quem tinha feito a vontade, lhe poude ser bom para escapar do castigo do ceo. O segundo, estando deitado a sombra de huma arvore em companhia da muitas pessoas, cahio de alto huma rama, deo-lhe no cachaço e o deixou assinalado para sempre. O terceiro que juntamente denunciou e assinou contra o mudelear, deo-lhe na palma da mão direyta hum tal achaque, que em breves dias apod[r]ecerão e cahirão // [p. 383] tres principaes dedos e ficou em miseravel estado; mas soube aproveitar-se do castigo de Deos, com o qual conheceo a enormidade da sua culpa, pedio perdão ao mudelear e carretado em hum catle veo a igreja de Caymel, aonde se confessou e tomou o santo viatico e dahi a poucos dias falleceo com sinaes de arrependimento. O governador de Columbo tem remetido ao Conselho de Batavia a petição dos christãos com todas as perguntas e re[s]postas, a profissão da fé de Nigumbo e tãobem huma carta que lhe escrevi; donde esperamos em Deos boa re[s]posta por algumas circunstanças, que não relato, por não serem muito precisas.

142. Fora dos concursos grandes de bautismos, de que ja dey conta a Vossa Reverencia, não são poucos os gentios, como tãobem os bautizados pelos hereges, que tenho admitido ao gremio da Igreja e isto quazi frequentemente as vezes dous, as vezes oito e dez, e tãobem quinze; e não se pode com facilidade fazer computo delles. Na Quaresma toda estive neste Caymel occupado em administrar os sacramentos aos de Nigumbo e tãobem alguns de Columbo. Todos os dias havia concurso de vinte e sinco, trinta e quarenta confissões e das tardes lhes fazia doutrina e os instrua nos misterios da fe e tãobem descobria os erros do catecismo heretico. Festejey nesta igreja a Pascoa do Espirito <Santo> com assistencia do Padre Jacome Gonsalves, com a possivel solemnidade. A armação do altar foy tão asseada, que cuidou esta gente ser couza de outro mundo; pregou o dito padre em Tamul. O concurso assim dos europeos, como dos naturaes foy grande; porque vierão muitos de Columbo e athe hoje ficão por devoção de ouvir a missa e assistir a festa de São João Bautista, posto que com grande detrimento pelo descommodo do lugar; e em todas as domingas e dias de festas sempre ha muito concurso nesta igreja. No mesmo dia do Espirito Santo se bautizarão entre grandes e pequenos algumas sincoenta pessoas gentias, fora as crianças dos christãos. Todo o referido he publico e patente aos contrarios; mas the o presente não fallão palavra, parece que esperão pela re[s]posta que ha-de vir de Batavia. Deos a faça vir, de sorte que ache alguma liberdade esta christandade, que vive tão opprimida. Athe qui o Padre Manoel de Miranda. // [p. 384]

*Capitulo Decimo Sexto**Perseguição dos hereges contra a christandade em Columbo e Nigumbo.**Constancia com que a sofrerão os catholicos romanos.**Castigo que tiverão os principaes perseguidores*

Anno 1707

143. Não tardou <muito> a resolução que os nossos christãos esperavão do Conselho de Batavia, para onde erão remetidos os seus requerimentos com as impertinentes inquirições, que os contrarios fizeram. Veo ella a mais favoravel que se podia dezejar nas presentes circunstancias; porque se ordenava que excepto os padres catholicos, que de nenhuma maneira devião permittir nas suas terras; porem nas materias da ley não fizessem menor violencia ao povo, para evitar dissensões e motins; mas deixassem seguir livremente o dogma que a cada hum melhor parecesse para o bem de sua alma. E isto hé o que os Holandezes geralmente observão nos seus dominios, permittindo amplissima liberdade da consciencia a toda a sorte de gente e seyta; consentindo no meyo das suas cidades publicas idolatrias dos gentios e misquitas de Mafoma, com cerimonias do seu torpissimo Alcorão; excepto as igrejas dos catholicos e seus sacerdotes, que só em Cochim e Negapatão ficarão conservados; porque com este pacto se lhes entregarão aquellas duas cidades. Porem, opprimir e violentar aos catholicos, para tomarem os erros da sua crença heretica, esta iniquidade reservárão só para Ceylão; porque no principio não acharão nos christãos rezistencia; mas antes alem das razões de estado atras referidas, achou a ambição dos seus predicantes grandes conveniencias nas offertas dos bautismos e cazamentos, que começarão a arrecadar do mesmo modo como no christianismo davão aos seus parocos. E porque agora hão-de estas cessar, permitindo aos christãos a liberdade de viverem na ley romana; os forçõ e violentão para serem ou ao menos para no exterior se mostrarem reformados, fazendo os cazamentos com a sua assisten // [p. 385]cia e recebendo os bautismos de sua mão; sendo que os mesmos predicantes tem no cazamento e no bautismo, que são os dous unicos sacramentos que admitem, tão pouca fé, como nos mais que negão; porque dizem que para os filhos dos paes christãos não hé necessaria a fé e bautismo para a salvação; mas basta a de seus pays; assim como para qualquer homem se salvar dizem que bastão só os merecimentos de Christo, sem serem necessarios os proprios. Digna sentença do impiissimo Lutero que, como era tão inimigo da salvação propria, que dizia que por ella não levantaria huma só palha, se no levantar de huma palha consistisse a sua salvação; não he muito que para a alhea negasse a necessidade da fé e do bautismo. Mas esse bautismo que os perfidos predicantes tão pouco querem para si, o obrigão a receber de suas mãos aos pobres naturaes de Ceylão, unicamente para colherem as suas offertas; procedendo nesta parte com tal rigor que a pessoa alguma hé permittido, ainda em cazo de extrema necessidade, bautizar as crianças. Donde se segue que, como em toda a Ilha o predicante he hum ou dous, que não podem acodir a todas as partes, nem serem buscados de lugares longinuos, morrem muitas crianças dos mesmos Holandezes, assim

como nascerão sem bautismo. Porque, cahindo de hum abismo em outro, affirmão que nem em cazo <da necessidade> pode valer o bautismo, que não for dado por ministro deputado, qual hé o predicante na seyta<sup>188</sup> heretica; assym como na Igreja Catholica he o sacerdote para a administração dos sacramentos.

144. Nas naos que de Batavia chegarão a Columbo, em Setembro deste anno, veo essa resolução e ordem do Conselho entregue ao novo governador, que era cunhado do predicante, empenhado na perseguição da christandade; veo tãobem de Batavia hum Holandez com titulo de dissava, o qual mais parecia fera que homem, no entranhavel odio que mostrava a nossa santa religião; porque, logo nos seus primeiros dias em huma occazião dos brindes, bebo hum copo de vinho, jurando execrandamente que se elle não perseguisse com todas as suas forças aos catholicos romanos, se lhe convertesse em veneno aquelle licor; como se // [p. 386] o seu danado animo não fosse a mais mortifera peçonha, bastante para a sua ultima ruina, como não tardou muito em succeder; nem eu tardarey em o referir. Mas o governador novo, unido com o insolente dissava, por favorecer ao cunhado predicante, não deo execução a essa ordem; antes replicou sobre ella, allegando estilos antigos e outros pretextos que lhe parecerão necessarios e uteis para o seu intento; e sem esperar por novo despacho de Batavia; nem attender ao parecer da mayor parte dos conselheiros de Columbo, que erão propicios aos catholicos, começou a proceder contra elles, permittindo ao dissava e predicante ampla liberdade, para molestarem e opprimirem aos christãos.

145. Começou o impio dissava a perseguição pelo sagrado; primeiro que tudo<sup>189</sup> intentou prender ao Padre Manoel de Miranda na<sup>190</sup> igreja de Caymel, aonde fazia publica assistencia e o supunha descuidado, considerando-se seguro, por estar nas terras do Rey; porque não podião os hereges levar em paciencia o continuo concurso dos christãos seus subditos, que frequentavão aquella igreja e sabião que emquanto o padre lhes dava calor, nenhuma diligencia de tantas que fazião, havia de bastar, para os catholicos fazerem ao menos huma demo[n]stração de // [p. 387] serem reformados, como antes muitos fazião; e por isso com todo o conato procuravão <tirar> a cauza, para cessar o efeyto. Expedio o dissava hum trosso de quatrocentos soldados, que no escuro da noite pelo rio que só medea entre Nigumbo e Caymel derão subitamente na igreja; mas não acharão nella ao padre; que com prevenção antecedente se tinha retirado para mais longe. Vendo frustrada esta entrepreza sahio a campo em pessoa contra os christãos de Nigumbo. Queimou algumas ermidas e muitas cazas, em que resplancia mais a devoção christam e tudo que apanhou por aquellas povoações de

<sup>188</sup> Riscado: «[he?]».

<sup>189</sup> Seguem-se treze linhas riscadas.

<sup>190</sup> Riscado: «ilha».

imagens, rosários e pinturas divinas, com não poucas preciosas alfayas, entregou a sacrilego incendio. Em outras cazas permittio roubo aos soldados, como se entrassem a despojar aos inimigos. Prendeo ao valerozo Simão da Cruz, que foy o primeiro que em Nigumbo confessou publicamente a fé de Christo e a Antonio da Costa, Diogo de Abreu, Thome Pullé Addapanár e Antonio Gomes, pessoas principaes e a todos ignominiozamente a maneira de homens facinorozos, os mandou a Columbo, de donde o governador por condescender com o empenho do predicante seu cunhado, os esterminou para fora da ilha e morrerão no degredo com heroica constancia. Quando estes cinco <prezos> magnanimos e obediéssimos filhos da Santa Igreja Romana sahião de Nigumbo, escoltados de muitos soldados que os rodeavão, os parentes os quizerão acompanhar, seguindo de tras com lagrimas e prantos. Mas elles, com generozo animo, lhes disserão que não reconhecião por seus parentes aos que choravão e sentião a feliz sorte que Deos lhes dava de padecer por sua fé.

146. Dom Affonço Pereyra, coluna da christandade de Ceylão; a quem os hereges attribuião as entradas e saídas de nossos missionarios nas suas terras; e o chamavão (com razão) fautor e defensor da ley catholica romana, não podia escapar nesta geral tormenta, movida principalmente para accabarem com elle <de> todo. Já antes o dissava passado lhe tinha advertido que devia abster-se de se mostrar tão zelozo da ley dos Portuguezes quem occupava cargo honorifico nos dominios da Companhia Holandez; nem parecia bem ter // [p. 388] tanta communicacão com os padres catholicos, contra expressas ordens dos senhores da terra. Respondeo-lhe Dom Affonço que elle havia de morrer na mesma santa religião, em que nascera e sempre publicamente a professara, sem que os interesses e conveniencias temporaes o possão capacitar, não só a mudar da ley; mas nem ainda a minima simulacão contra ella; o que a Companhia sabia muito bem; pois quando entrou o seu dominio em Ceylão, achou a seu avo e a todos os seus parentes firmes catholicos romanos e sabendo que o erão, os conservou no mesmo titulo e estado, com que el Rey de Portugal tinha premiado a sua muita fidelidade e com a mesma que herdou de avos e pays servia e havia de servir sempre com agrado da Companhia; pois o ser catholico romano nada encontrava ao serviço della. E quanto os padres missionarios, que entravão nos seus dominios, nunca podia ser elle culpado de que os trazia a Nigumbo; porque, se sendo Columbo cidade murada com goarda em todas as portas, entravão e sahião os padres, sem alguém os conhecer e impedir, para que necessitavão do seu favor, para entrarem em Nigumbo, que he huma villa por todos os lados aberta?

147. E como nesta occazião o alferes de Nigumbo, seu declarado inimigo, o tinha criminado com varias accusaçõs, todas na materia da ley, que em outros pontos não havia donde pegar nella; igoalmente o predicante que fez huma inquiriçã secreta do favor e agazalho que dava aos missionarios, estava empenhado para o derribar de huma vez, capacitou ao governador

seu cunhado para o depor do titulo e cargo de mudelear e a leva-lo de moradia para Columbo. Tres annos esteve naquella cidade com toda a sua familia, sem liberdade para sahir della; e foy per vezes tentado para que ao menos no exterior se não mostrasse catholico e seria logo restetuido ao seu cargo, com mayores honras e soldo mais aventajado. E elle desprezou tudo por Christo. Succedeo tãobem que hum Holandez rico e nobre cidadão de Columbo pertendeo cazar a seu filho com a filha de Dom Affonço, unica herdeira de sua caza. Agradeceo Dom Affonço ao Holandes a honra que lhe fazia, dizendo // [p. 389] que não podia dezejar genro mais bem prendado que seu filho; porem, que lhe faltava só a qualidade de catholico romano; porque sabia que a sua filha antes hiria virgem a sepultura do que receber por marido a quem não professasse a mesma ley em que ella vive. Esta re[s]posta, que não ficou occulta, exasperou a todos os hereges; e o governador sem esperar por mais, lhe confiscou os bens que possuia muitos e o degredou para Tutucurim, na Costa da Pescaria.

148. Posta em Tutucurim esta familia de Christo, por cujo amor veo a perder dignidade, riquezas e patria, com rezoluçã de lhe sacrificar tãobem a vida com ultima gota do seu sangue, vendo-se reduzida a pobreza, se sustentava com o trabalho de suas mãos, fazendo a mulher e a filha doces, pão, bescouto que vendião, para se manterem com esse pouco lucro. Era aquella matrona tão devota do santo sacrificio da missa que, emquanto esteve em Ceylão, o marido provia de vinho e ella de hostias, que fazia por sua mão, a todos os missionarios. Foy muy discreta, sabia varias linguas e em todas ellas lia e escrevia; tinha muita noticia das historias divinas e sobretudo huma rezoluçã tão heroicamente constante, que sahiria a campo, contra todo o mundo, em defesa da santa fe catholica romana. Sendo senhora tão nobre e rica se portava como humilde escrava, quando se achava na prezença de nossos missionarios, não se atrevido a tomar assento diante delles, pelo muito que venerava aos sacerdotes. Neste exterminio acompanharão a Dom Affonço e a sua familia seu irmão Dom Antonio, com alguns parentes mais conjunctos, de que não era digno o mundo heretico.

149. Fallando agora dos mais christãos, geralmente estavão em poder dos hereges mais opprimidos e afflictos que o povo de Deos no Egipto, sofrendo continuas vexaçõs, só por não perderem a fé; as ancias com que suspiravão pela liberdade, não do corpo, que <tinhão><sup>191</sup> muita e toda naquellas terras; senão da alma, que unicamente anellavão para viverem sem reboço na santa religião,<sup>192</sup> são o mais abonado testemunho da sua generosa constancia na fé; e porque tudo consta melhor de huma carta que Dom Affonço Pereyra // [p. 390] sobredito, Benjamim Pegalote e Pedro Pool, como administradores daquella christandade escreverão ao prelado desta Congregacão, me pareceo justo por aqui a seguinte copia della.

<sup>191</sup> Escrito sobre um palavra riscada.

<sup>192</sup> Riscado: «[que professão?]».

Muito reverendo senhor padre prefeito da Congregação do Oratorio de Goa.

150. Ainda que permite Deos que experimentem os homens no mundo males temporaes e espirituas; comtudo, como pay piadozo os prove de remedios contra huns e outros, para que não accabem desesperados os que lhe custarão preço tão subido como o seu mesmo sangue.

Perdeo o senhor Rey de Portugal nosso senhor estas terras por nossos peccados e nos nellas a mayor perda que sentimos, foy a do bem de nossas almas com a falta de ministros, que nos apascentassem. Chorarão os nossos pays esta grande falta e assim accabarão suspirando; e nos faziamos o mesmo athe que parece se abrandou o coração de nosso bom Deos, justamente irado contra nos por nossas culpas e as continuas lagrimas desta christandade o obrigarão a levantar nessa cidade essa santa Congregação; e ainda que ella faz ao Senhor outros muitos serviços; entendemos que o principal motivo foy para soccorrer o desemparo dos christãos desta ilha; porque apenas sahio ella a luz, que sahio com hum filho de tão agigantado espirito e virtude, como hé o muito Reverendo Padre Jozeph Vás, nosso pay e consolação espiritual de toda esta ilha, em que entrando com hum zelo apostolico e padecendo tantas adversidades, prizoens e outros mil trabalhos, tem resuscitado a Deos tantos filhos, que estavam mortos pela heregia, idolatria e outros peccados, que não <hé> tão<sup>193</sup> facil contar, como dizer de sua virtude e outras excellencias com que Deos o favorece e de presente parece se sustenta mais com a força da graça; porque, andando continuamente achacozo e doente, não he couza que se possa dizer o que trabalha, correndo incansavelmente, quazi toda esta ilha. A sua imitação entrarão os mais reverendos padres que, com // [p. 391] grande zelo e trabalhos continuos, cultivão esta vinha com aumento e proveito espiritual desta christandade, que de presente se acha notavelmente alentada com quatro sogeitos que essa santa Congregação mandou, dos quaes nos coube por nosso missionario o Reverendo Padre Manoel de Miranda. Ainda que o que obra essa santa Congregação comnosco hé com olhos em Deos; comtudo nos que recebemos este bem, não podemos deixar de nos confessar muito obrigados; e por isso todos, grandes e pequenos, brancos e pretos, rendemos muitas vezes as graças a Vossa Paternidade, por nos prover das riquezas do ceo; e pelo santo desamor com que essa piadoza mãy despede os seus filhos, expostos a tantos perigos de feras racionaes e irracionaes, continuos trabalhos, vigílias, fomes e faltas do necessario que padecem por estes mattos pela salvação dos proximos; esperamos em Deos, lhe ha-de aumentar a familia, dando muitos filhos, dotados de virtudes e letras, para continuarem no santo serviço de allumiar com a doutrina celestial aos que vivem cercados de escuras trevas da heregia, que por todas as vias pertende cubrir e apagar a luz da verdadeira fé. Por esta cauza e por outras muitas, na presente occazião

<sup>193</sup> Riscado: «<he> [di?]».

escrevemos com esta aos senhores Viso Rey, arcebispo e bispo de Cochim, nosso pastor que, ouvimos dizer, era partido para essa cidade, tomando a todos tres por nossos intercessores e protectores desta christandade, para que supliquem a Sua Magestade, para nos alcançar a cada christandade destas huma igreja ou pelo menos nesta de Columbo, onde hé mais que nas outras necessaria, senão for dentro da cidade; ao menos fora della, em que possam estar os nossos padres e ter escola e fazer todas as solemnidades, que se costumão na Igreja Catholica sem impedimento algum; porque agora que há huma grande liga entre el Rey de Portugal nosso senhor e os Estados de Holanda, entendemos que se o dito senhor tomar na mão este negocio, ha-de conseguir o que quizer. E para assim o fazer e para mover para isso o seu real animo não são poucas as razoens; porque primeiramente não sabemos que outra couza possa haver de mayor gloria e serviço de Deos, fora de ser esta christandade cultivada e regada com tanto sangue // [p. 392] Portuguez pelos serenissimos reys progenitores de Sua Magestade, cujo animo não pode deixar de enternecer o nosso grande desemparo, havendo quem faça presente ao dito senhor a nossa lastima; couza porque nos valem da piedade dos senhores atraz nomeados, para ver se podemos achar liberdade para as nossas almas, que vivem neste inferno heretico que, não podendo sofrer a publicidade, com que os nossos padres pregão, ensinão e edificão igrejas nas terras do Rey de Candia, lhe mandarão fallar para os botar fora; mas o Rey respondeo aos seus embaixadores que estes padres erão de muita<sup>194</sup> utilidade para o seu reyno. E quem os não dezejão nas terras alheas, considere Vossa Paternidade o que farão nas proprias? He tão grande o rigor que aqui há, que cada hora se estão publicando pregoens e edictos, prometendo castigos tremendos e confiscação de todos os bens aos que agazalharem ou trouxerem aos padres dos Portuguezes; e pelo contrario, grandes premios aos accuzadores. E por isso há muita ignorancia das couzas de Deos e da nossa santa ley nesta christandade; porque os padres he força andar muito as escondidas e isto de noite, mudando cada hora os trajas; nem se podem fazer ajuntamentos grandes; e ainda que achem em alguma occazião, modo para se deterem mais tempo, como hé tanta a gente, não podem accabar mesmo de sacramentar; e não há meyo algum para a instrucção. Por outra parte hé força hirem os nossos filhos para as suas escolas, onde aprendem o que lhes ensinão. E de gente moça sem instrucção da ley, doutrinada na contraria e vendo-se por outra parte desprezados por catholicos, veja Vossa Paternidade se podem os pays deixar de sentir cada hora lançadas nos corações com receos de ruinas de seus filhos, sem terem elles actividade para abrir a boca nesta materia. Alem do que, como os padres não podem cá entrar, senão de anno em anno e as vezes passa mais tempo por falta da oportunidade; neste depremeyo morre muita gente com grande magoa e sentimento de suas almas, por não poderem achar os sacramentos, em hora de tanta necessidade. Finalmente são tantas as nossas lastimas, que sabendo os corações

<sup>194</sup> Seguem-se algumas letras riscadas.

sentir, as linguas não sabem explicar; para remedio, // [p. 393] pois, de tantos males achamos que era occasião oportuna para procurarmos o que temos referido. A Vossa Paternidade supplicamos, encomende e peça a Deos, em companhia dos mais reverendos padres, para que alcancemos o despacho desejado; e tãobem trabalhe o que puder, applicando aos senhores princepes, para que ponhão os olhos de piedade na nossa supplica; e esperamos da caridade de Vossa Paternidade ha-de obrar melhor do que nos sabemos pedir. E por intercessão de Vossas Paternidades esperamos da mizericordia do Senhor esta consolação. Oh Deos da piedade, oh pay das mizericordias, se seremos tão ditozos que cheguemos a ver com os nossos olhos este bem do ceo e a possuir esta gloria na terra! Mas não he muito a vosso poder. Se prestarmos para servirmos em alguma couza a essa santa Congregação e a Vossa Paternidade, ficamos com toda a vontade e coração offerecidos para o que nos ordenar do seu agrado. Por não poder hir esta carta assinada por todos, vay por nos, que somos administradores destas christandades, feitos por nosso muito Reverendo Padre Vigario Geral Jozeph Vaz. Goarde Deos a Vossa Paternidade por muitos annos de vida para bem destas christandades. Columbo em Mayo 1706. De Vossa Paternidade muito obrigados servidores. Dom Affonço Pereyra. Benjamim Pegolote. Pedro Pool.

151. Mas se Deos por seus inescrutaveis juizos permittia que esses christãos fossem tão perseguidos e vivessem afflictos, sem duvida para no fogo da tribulação se refinar o merecimento da sua constancia na fé; nem por isso dissimulou por muito tempo com o castigo que merecião os que tão impiamente os perseguirão. Primeiramente o insolente e sacrilego dissava foy afrontozamente deposto do seu officio por varias culpas, em que se achou comprehendido. E tomou tanta pena da subita mudança da sua fortuna, que sem ser necessaria peçonha, nem cutello, nem garrote, para o matar; a sua propria paixão o degolou; porque a tempo que cheirava huma vez de tabaco, estando sentado na cadeira, cahio della improviza[da]mente morto. O capitão, que commandava a esquadra, que foy prender em Caymel ao Padre Manoel de Miranda, foy tirado do cargo e por grande favor aliviado da pena de açoutes, que tinha merecido por suas // [p. 394] muitas exorbitancias. O alferes de Nigumbo, convencido juridicamente por falsario em huma cauza, foy condenado em oytocentas patacas e remetido prezo para Batavia, para lá dar conta de outros mayores excessos. O domne predicante de Nigumbo, não lhe valendo immunnidade, nem foro da sua perversa reformação, de que se mostrava tão impacientemente zelozo, foy degradedo para servir nas gales com braga nos pés, passando de pregador que era a ser vil forçado por toda a vida. E supposto que os juizes que castigarão a estes malfeitores, não foy por culpa de terem perseguido aos catholicos com tanta insolencia. Mas muito pode ser que em pena deste enorme peccado os deixasse Deos cahir naquelles pelos quaes merecerão tão ignominiozos castigos; para que desta sorte ainda nesta vida não ficassem sem o seu merecido; mas pagassem tudo por junto.

*Capitulo Decimo Settimo*  
*Continuão-se as conversões na missão.*  
*Fallece na Congregação o Padre Francisco Suares*  
*Anno 1707*

152. Entre tantas tribulações que padecia a christandade da nossa missão, quando os inimigos procuravão com obstinado e infernal empenho ou extingui-la de todo, ou ao menos embaraçar-lhe os aumentos, obrava nella a divina graça o mesmo que faz a natureza na terra. Assim como a terra quanto mais trespessada e aberta com o ferro, quanto mais torrada com o sol e abrazada com o fogo, tanto fica melhor disposta e mais viçozza para produzir em abundancia com o rocio, que lhe chove o ceo; assim aquella christandade no meyo do fogo da cruel perseguição, não só se não demenuia; mas cre[s]cia cada anno mais e mais, logrando-se com todo o bom successo a semente da palavra divina, que lançavão // [p. 395] os nossos operarios, os quaes andavão tão sollicitos e diligentes na sua cultura que, não podendo alguns por seus achaques trabalhar em todos os lugares da sua designação, os que porem se achavão com mais forças, depois de satisfazer a obrigação propria, acodião a ajudar a outros, seguindo desta sorte o conselho do apostolo: *alter alterius onera portate; et sic adimplebitis legem Christi.*<sup>195</sup>

153. O Padre Pedro de Saldanha obrou este anno mais que muito; porque todo inteiro esteve em continuo curso, correndo por quantos lugares podia seus e alheos com indizível <zele> da salvação das almas; mas tãobem colheo muito fructo dos seus apostolicos trabalhos; porque alem de administrar os sacramentos a innumeraveis fieis, bautizou a grande numero de pagãos em varias partes, por onde andou, evangelizando o reyno de Deos; os quaes todos juntos sommavão<sup>196</sup> mil e quinhentos.

154. O Padre Jozeph de Jesus Maria não numerou todos que este anno reduzio ao gremio da Igreja na sua designação de Potulão, aonde diz que converteo a muitos, huns de casta chingala e outros vannias e hum casal de mouros, que constava só de quatro pessoas, cuja redução era mais precioza por ser igoalmente rara como difficil. E porque cre[s]cendo o numero dos missionarios, se fazia preciso hum hospicio capaz, onde pudessem os doentes achar cura e os cansados repouzo, começou nova fabrica da igreja em Potulão com cazas, que tivessem agazalhos sufficientes em forma conventual, com officinas necessarias e todo o commodo para se praticarem os estatutos e exercicios da Congregação ao som da campa, como ao presente se observa. Trabalhou e dispendeo muito por accabar este anno a obra da capella-mor da igreja, ficando o mais do edificio para os seguintes, em que ficou toda perfeita, como se apontara ao diante.

<sup>195</sup> «Aliviai a carga um do outro. Cumprireis assim a lei de Cristo».

<sup>196</sup> Riscado: «q».

155. O Veneravel Jozeph Vaz, ja atenuado de forças e quazi impossibilitado de sahir de Candia, tomou naquella Corte todo este anno em companhia do Padre Jacome Gonsalves, sendo neste ocio não me // [p. 396] nos util a toda aquella christandade, do que quando girava por toda a ilha; porque se applicou a pregar com a mão àquelles a quem não podia doutrinar com a boca pella distancia, em que lhe ficavão, compondo para este fim varias obras em idioma da terra; e forão hum cathecismo com a explicação da doutrina <christam>, em que juntamente dava noticia dos erros do gentilismo e heregia, couza muito necessaria naquella missão; hum livrinho de varias devoçoe[n]s e de ladainhas da Santissima Virgem Maria e hum vocabulario em lingoa chingalá, obrado com devida perfeição e muito trabalho, que teve em consultar aos sangatares, que são os mais peritos daquella lingua. Instituiu tãobem na Cidade de Candia hum seminario de meninos, assim chingalas, como filhos dos Portuguezes, instruindo-os em exercicios da oração mental que fazia publica naquella igreja, com assistencia de muitas pessoas; e no ler e escrever em portuguez e tãobem em chingalá.

156. Aos sinco de Janeyro deste anno mil setecentos e sete falleceo na Congregação o Padre Francisco Suares, natural de Margão, filho de Antonio Suares e de Magdalena Collaço. Entrou elle na Congregação aos vinte e oito de Fevreyro de mil setecentos e quatro. E completo o anno do noviciado, foy logo occupado no exercicio de ministro do convento, em que procedeo com toda a boa satisfação; e ainda com melhor no fervor, com que procurava adiantar-se na perfeição evangelica, que veo a buscar na clauzura. Adoecendo de morte, se dispoz para ella com todos os sacramentos. Deixou no seu testamento à Congregação hum palmar chamado Sunquettym, sito na sobredita aldea, de valor de setecentos xerafins. Não completou tres annos de congregado; mas na Congregação dos bem aventurados, aonde piamente o consideramos, contará seculos eternos. //

## LIVRO QUARTO DA CHRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA

[p. 396a]

### *Summario do que nelle se contem*

*Festa que celebrou a Congregação do Oratorio pela bulla da confirmação que teve da Sé Apostolica. Noticias do Padre João da Goarda que a impetrou. Bulla da confirmação e provizão com que el Rey tomou a Congregação debaixo da sua protecção real. Indulgencias e privilegios concedidos pela Se Apostolica aos congregados. Faculdades concedidas aos missionarios de Ceylão. Graças e faculdades concedidas aos congregados em utilidade dos proximos. Nova missão de dous congregados de Goa para Ceylão. Continua-se o aumento daquella cristandade entre continuas perseguiçoens dos hereges. Merce que a real grandeza do senhor Rey Dom João V fez a Congregação do Convento do Carmo, que estava dezerto. Pro[di]giozos successos da missão de Ceylão no mayor fervor da perseguição dos hereges. Novas conversoens em varios lugares da mesma missão. // [p. 396b] Dilata-se aquella christandade na mayor consternação da peste, fome e guerra. Observancia regular da Congregação. Trato dos missionarios e tratamento que lhes dão os christaons de Ceylão. Observancia dos missionarios, uzos e costumes da missão. Numero dos missionarios christaons, igrejas e ermidas e do que nellas commummente se observa para a boa instrucção da christandade. Noticias do Padre Pedro Paulo. // [p. 397]*

### *Capitulo Primeiro*

*Festa que celebrou a Congregação em acção de graças pela bulla da confirmação que teve da Sé Apostolica. Noticias do Reverendissimo Padres [sic] João da Goarda que a impetrou*

Anno 1707

<sup>1</sup>1. Com o applauzo real que teve esta Congregação para procurar da Sé Apostolica a confirmação dos novos estatutos, que lhe fez o Illustrissimo Arcebispo Goano, tomarão por sua conta os Reverendissimos Padres da

<sup>1</sup> Número riscado.

Congregação de Lixboa solicitar e patrocinar a nossa dependencia em Roma. Tres annos estava na curia este negocio, sem dar hum só passo; porque na forma nova em que hião os estatutos, sem embargo da clauzula de goardar *pro viribus* os da Congregação Romana e Lixbonense; como, porem, estavam formados por modo de huma terceira especie, era materia sogeita a innumereis dificuldades. Para todas se vencerem com bom successo, os nossos padres, que ja as previão, tinhão representado aos reverendissimos de Lixboa que, quanto era de sua parte, se lhes não objectava inconveniente em abraçar os mesmos identicos estatutos approvados tantas vezes por Sé Apostolica para as congregações do reyno; quando Sua Magestade e o Summo Pontifice entendessem ser esta a mais acertada escolha, como a elles pareceo sempre; e com esta prevenção tinhão nomeado por seu procurador ao reverendissimo Padre João da Goarda. Patrocinavão a nossa pertença o Illustrissimo Nuncio de Portugal e o Emminentissimo Coloredo, filho da Congregação do Oratorio de Roma; mas não bastavão tão grandes patronos para Sua Santidade admittir a novidade dos sobreditos estatutos.

<sup>2</sup>2. Nestes termos succedeo hir a Roma o nosso reverendissimo procurador, por cauza que direy adiante; e começou a trabalhar pessoalmente com todo o calor no nosso requerimento. E vendo que, por nenhum dos caminhos que tentou, o podia adiantar a efeito de serem confirmados os estatutos dispostos pelo arcebispo goano, suppli // [p. 398]cou a Sua Santidade que esta Congregação estava prompta para observar os mesmos que os seus predessuores tinhão approvedo para as Congregações de Portugal. Por este atalho se endireytou o negocio; mas <não> sem muita diligencia, trabalho e valimento do nosso reverendissimo procurador, cuja grande industria e authoridade só podia alhanar tão facilmente as dificuldades e duvidas que se oppunhão na Curia. Emfim, conseguiu para esta Congregação muitas graças e privilegios e a bulla da sua confirmação, que foy expedida aos vinte e seis de Novembro de mil setecentos e seis. E não se satisfez o <seu> affecto só com este trabalho, tomou ainda novo em mandar tirar transsumptos authenticos e envia-los por correos seguros a Lixboa com pressa e brevidade, de sorte que chegassem a tempo de se nos poderem remeter na nao que havia de sahir para a India, em Março de mil setecentos e sete. Para tudo concorreo o auxilio divino com prospero successo; porque nos fins de Outubro deste mesmo anno chegarão a esta Congregação as Bullas Apostolicas na nao Nossa Senhora das Ondas, em que veo o Excellentissimo Dom Rodrigo da Costa por vice-rey deste Estado.

<sup>3</sup>3. Lida a bulla da confirmação, se foy grande e geral em todos os congregados o alvoroço de gozo, por terem conseguido o que<sup>4</sup> tantos annos suspiravão; tãobem não foy menor o cuidado do desgosto que havia de ter

<sup>2</sup> Número riscado.

<sup>3</sup> Número riscado.

<sup>4</sup> Segue-se uma palavra riscada.

o Illustrissimo Arcebispo, por serem em Roma repellidos os estatutos que elle fabricara com tanto empenho e confirmados os que elle impugnava com todo o conato. Accre[s]cia o susto na consideração de que el Rey na carta do seu beneplacito dizia expressamente que, quando se alterassem os estatutos ordenados pelo arcebispo em todo ou em parte, não valeria à Congregação nem o seu real applauzo, nem a confirmação apostolica. E neste fundamento, quando o prelado ordinario, tão interessado nos estatutos que fez; não tivesse lugar para suspender a execução da bulla, reccorrendo com a sua informação ao Summo Pontifice; lhe estava caminho franco e facil recurso a Sua Magestade, para lhe representar a total alteração, expressamente contraria a condição com que el Rey deo o seu consento e tirar à bulla todo o vigor, fi // [p. 399]cando desta sorte perdidas as excessivas despezas de cento e oitenta e nove mil reis, feytas na expedição della, inutil tanto trabalho de nosso Reverendissimo Procurador; e sobre <isso> a Congregação fora da graça do Illustrissimo arcebispo e novamente expostas a novas tempestades de tribulações.

<sup>5</sup>4. Quazi que hia succedendo o mesmo; porque sendo preciso commu-  
nicar ao Illustrissimo Arcebispo a mesma bulla, vendo elle a novidade que continha, mostrou tanto desprazer e se declarou tão desgostozo, que não <quiz> aceitar a tal bulla, sem della dar parte a Sua Magestade; nem attendia a nossas supplicas, por muitas e muito humildes que lhe fizerão. Nestes apertos valeo muito o Excellentissimo Vice Rey Dom Rodrigo da Costa, o qual por recommendação de nosso Reverendissimo Padre Francisco Pedrozo, com quem se tratava muito familiar, dezejava occasião de favorecer a esta Congregação; e estimou muito a presente, assim por ser a primeira, como a da mayor necessidade della. Bem conhecia o vice-rey a dificuldade do negocio em que se metia; mas empenhou-se no alcance delle. No primeiro encontro se desculpava o arcebispo com o vice-rey, allegando inconvenientes que havião de se experimentar ao futuro na observancia de tantos jejuns, disciplinas e dos mais rigores dos estatutos das Congregações do Reyno, os quaes não podião aturar os naturaes de Goa; mas tornando a fallar-he, acabou de se desafogar que tudo permittiria ou dissimularia, continuando os congregados na sogeição em que the <então> estavam ao ordinario e pela <bullas> ficavão independentes. Foy preciso condescender com o seu gosto neste ponto, fazendo os congregados hum termo em que se obrigarão a viver debaixo da sua direcção; prevenindo-se<sup>6</sup> porem com protesto secreto de não valer o tal termo alem da vida do Illustrissimo Dom Frey Agostinho da Annunciação; visto d'outra sorte ficarem impedidos a lograrem das graças e privilegios com que o Summo Pontifice tinha condecorado a esta Congregação. Composto por este modo o arcebispo com a inter // [p. 400]venção do respeito, authoridade e tãobem amizade que o vice-rey tinha com elle, houve

<sup>5</sup> Número riscado.

<sup>6</sup> Riscado: «[porem?]».

por insinuada a bulla e para melhor execução della mandou passar a provisão seguinte.

<sup>75</sup>. Dom Frey Agostinho da Annuniação, por merce de Deos e da Santa Madre Igreja, Arcebispo Metropolitano de Goa, Primas da India e mais partes orientaes, do Conselho de Sua Magestade etc. A todos os nossos subditos saude e paz em Jesu[s] Christo, verdadeiro remedio e salvação. Fazemos saber que o Santissimo Padre Clemente por divina providencia Papa Undecimo, ora regente na Igreja Catholica, attendendo com especial cuidado à christandade do Oriente, foy servido confirmar a Sagrada Congregação da Santa Cruz dos Milagres, mandando-a reger e governar conforme os estatutos de São Filippe Neri, como se exprime na bulla exposta na consideração de que os clerigos e filhos do Oriente não tinham religião, em que pudessem recolher-se, servindo nella a Deos Nosso Senhor. E dezejando o aumento da christandade e bem dos congregados, lhes concede grandes privilegios e indulgencias, como consta das bullas particulares que nos forão apresentadas; em cuja attenção e obediencia a Sé Apostolica, ordenamos a todos os nossos subditos reconheção aos ditos congregados por filhos de São Filippe Neri, guardando-lhes os seus privilegios, como nas bullas ordena Sua Santidade. Dada em Goa sob o nosso sinal e sello, aos vinte e seis de Dezembro de mil setecentos e sete. Arcebispo primas.

<sup>86</sup>. Por todos estes beneficios que recebia a Congregação da liberal mão de Deos, preparou huma solemne festa em acção de graças que lhe devia. Assentou para esta função o dia vinte e nove de Dezembro, que cahio em huma quinta-feira. Forão convidados para ella os dous princepes ecclesiasticos e secular, as sagradas religioens e a nobreza toda; e todos honrarão aos pobres congregados com grande affecto. Os Reverendissimos Prelados e religiosos mais graves das santas familias de São Domingos, São Francisco, Santo Agostinho, Santo Ignacio de Loyola e // [p. 401] de São Caetano encherão toda a igreja. Os fidalgos desempenharão a sua devoção, não só com a assistencia pessoal na festa, em a meza, mas tãobem com as mais ricas sedas e alcatifas que emprestarão para o ornato da igreja, que estava armada com a mayor bizzaria. Officiarão a missa o chantre e dous capitulares da Sé Primacial. Pregou o Illustrissimo Arcebispo com a erudição que se esperava do seu grande talento e raro engenho. Ambos <os princepes> autorizarão a caza, dignando-se de jantar nella. E sendo presentadas na meza entre outros doces, huma mitra ao Illustrissimo e huma coroa ao Excellentissimo, feitas da massa de macepão; o Illustrissimo offertou a sua mitra ao Excellentissimo e o Excellentissimo conrespondeo ao Illustrissimo com a sua coroa. Assim se tratarão sempre com tão boa correlação, que a mitra parecia coroa e a coroa mitra.

<sup>7</sup> Número riscado.

<sup>8</sup> Número riscado.

<sup>97</sup>. Desde este dia tomou a Congregação nova forma; porque começou a praticar inteiramente os estatutos do Veneravel Quental, que <antes> observava mutilados. E nesta execução mostrou a experiencia o engano dos que julgavão por insoportaveis nos calores da India e na debilidade dos naturaes aquelles tantos jejuns, que contados vem a sommar mais de cento e sincoenta no anno, as disciplinas frequentes em tres dias por semana e os nove continuos dias de exercicios da oração em rigoroso enserramento, cada couza de per si tão horrorosa, que não metia nos israelitas mais medo a monstruoza carranca do gigante Golias. Porque todos esses gigantes, que tanto intimidavão, forão degolados; não por Davis costumados a matar aos leoens e ussos; mas pelos mesmos naturaes, de forças tão debeis. O certo hé que para a virtude não há homem inutil; pois para o vicio o não há. E sendo o vicio o que mais attenua e debilita a natureza; porque razão o homem ha-de poder mais o mal, que lhe enerva as forças, do que o bem, que regularmente as conserva? Não ignoro que para o vicio corre por si mesma a natureza mal inclinada; e para a virtude se adiantar he necessario remar contra a maré. // [p. 402] Mas quem não sabe que contra a má inclinação da natureza prevalece a boa disciplina, com que nas sagradas religiões e congregações, instituidas principalmente para este fim, se alhana o aspero e se endireyta o torcido? Agora estamos vendo com nossos olhos o que antes não cabia nos juizos, que não só os congregados disciplinados com o espirito de anellar à mayor perfeição; mas homens seculares de toda a sorte, sacerdotes, leigos, não poucos moços de tenra idade e ainda pessoas delicadas e criadas com continuo mimo e regalo tomão nos nossos conventos os nove dias de exercicios, em rigorosa reclusão e silencio, aturando horas inteiras da oração. Mas emquanto faltava esta experiencia e vivia o mundo enganado, pintava na sua fantazia por gigantes o que talvez não excede à estatura de hum pigmeo. Seja Deos bendito e louvado; pois *A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris*.<sup>10</sup>

<sup>118</sup>. Assim renovada a observancia, reformarão-se tãobem os officios com os seus proprios nommes, trocando-o de prefeito em prepozito, o de mestre do espirito em prefeito espiritual, o de provizor em procurador e tudo o mais assim como manda a regra. Só ficou a dependencia do ordinario; mas como esta havia de durar tanto como a vida de hum singular individuo, que não podia ser eterna, não foy muito pezada para quem dezejava exercicios da mortificação do juizo e da sogeição da vontade. Todos estes espirituas aumentos forão parto da grande diligencia e cordeal affecto do nosso Reverendissimo Padre João da Goarda, cuja memoria para ser perpetua nesta Congregação dou aqui huma breve noticia do muito que foy este nosso singular benfeitor.

<sup>9</sup> Número riscado.

<sup>10</sup> « Isto foi feito pelo Senhor e é admirável aos nossos olhos».

<sup>11</sup> Número riscado.

<sup>12</sup>9. Foy o Padre João da Goarda de familia illustre, natural de Viana, do Arcebispado de Braga. Nos primeiros principios da Congregação do Oratorio de Lixboa, entrou nella ja sacerdote ornado de letras e com tão boa opinião da virtude, que o veneravel fundador, quando o recebeo por noviço, o achou capaz de ser juntamente mestre // [p. 403] dos seus conoviços, que forão os Padres Francisco Pedrozo, Antonio de Galla, Antonio de Atayde, Diogo Curado e outros muitos, todos varões illustres em letras e virtudes e disciplinados no noviciado debaixo do seu magisterio. Era de coração tão generosamente desprezador das honras e dignidades, que regeitou mitras, de que <sup>13</sup><o julgavão> dignissimo; estimando em mais o barrete da Congregação. Pelo fervor com que desejava empregar-se todo no serviço de Deos, não havia para elle trabalho pezado, nem empreza ardua; razão porque o mesmo Veneravel Quental, que tinha pleno conhecimento de suas virtudes, o chamava «padre forte». Servio na Congregação todos os officios the ser prepozito della, sogeitando-se ao que era carga com gosto e a honra por obediencia. Sendo prelado daquella illustrissima caza, sollicitou com o mayor empenho promover o aumento desta de Goa. Em huma perigoza enfermidade do senhor Rey Dom Pedro 2.º fez por sua melhora voto de vizitar a Santa Caza de Loreto e *limina apostolorum*<sup>14</sup> e lhe conseguiu de Deos saude milagroza. Por satisfazer a este voto partio para Roma, aonde teve muita aceytação, não só com os Emminentissimos Purpurados; mas tãobem com o Santissimo Padre Clemente XI, que o admittia a sua presença com estimação e agrado e attendia muito as suas representações. Com este valimento e com disvelo igoyal ao dezejo que sempre teve de favorecer a esta nossa Congregação, impetrou de Sua Santidade a bulla da sua confirmação, com outras muitas graças e privilegios. Mas não poude voltar de Roma para Portugal, impedido com hum achaque, que lhe deo nas pernas e foy incuravel, por ser em corpo sexagenario. Mais de vinte annos vivia como crucificado em huma cama nas cazas de São Hjeronymo da Caridade, em que morou todo o tempo que esteve na curia e em cuja igreja jaz incorrupto depois de morto; triunfando sempre neste tão longo e dolorozo conflicto a sua paciencia, com que sofria tão diuturna molestia e a sua conformidade, com que se resignava na divina vontade. Purificado finalmente o seu espirito no fogo de tão dilatada tribulação, voou para o ceo, // [p. 404] deixando na terra perpetua fragrancia da santa vida que fez e da bem aventurada que foy lograr; porque o seu cadaver parecia corpo animado na flexibilidade dos membros e desenterrado depois de tres annos se achou com admiravel incorrupção, inteyro e perfeito. Succedeo a sua precioza morte em quinze de Dezembro de mil setecentos vinte e sete, quando contava oitenta annos de idade, tão bem empregada em serviço <divino>, que lhe grangeou o premio da eterna gloria. Fazem delle honorifica menção o Illustrissimo Pedro Valerio Martonelli, Bispo Feltrano no seu *Teatro Historico da Santa Caza de Loreto*, tomo 2, folio 83. Jozeph Catalano na *Vida do Veneravel Padre Quental*.

<sup>12</sup> Número riscado.

<sup>13</sup> Riscado: «foy».

<sup>14</sup> «Templos dos apóstolos».

*Capitulo* <sup>15</sup>*Segundo*<sup>16</sup>

*Bulla da confirmação da Congregação e provizão*<sup>17</sup>,  
com que el Rey a tomou debaixo da sua protecção real

Anno 1707

<sup>18</sup>10. Ainda que o Illustrissimo Arcebispo aceytou a bulla apostolica com a condição que fica dita e nos permittio a observancia dos estatutos identicos do Veneravel Quental; não estava, comtudo, segura a Congregação de experimentar ao futuro novidades que podião ser muy perjudiciaes a sua boa reputação e ao socego dos congregados; porque como Sua Magestade nos restringio tanto aos estatutos dispostos e confirmados pelo arcebispo que, por qualquer alteração que fizessesmos nelles, nos inhabilitava para logarmos da confirmação apostolica; sempre estavamos sogeitos para os prelados futuros nos inquietarem, mandando-nos goardar os estatutos concedidos <por el Rey> e não os confirmados pelo Summo Pontifice. E quando assim bem ou mal succedesse, o remedio lhe havia de vir muy de longe e entretanto ficavamos debaixo da vara. Foy pois necessario prevenir logo o remedio que fosse perservativo do mal que se temia e foy huma // provizão real, com que a benigna grandeza do Senhor Rey Dom João V tomou e amparou a esta humilde grey de Christo, debaixo de sua protecção real, mandando que goardassemos os mesmos estatutos confirmados pelo Pontifice e não os mutilados e alterados com as innovações inventadas pelo arcebispo. E supposto esta provizão foy impetrada em anno mil setecentos e nove; comtudo a ponho neste capitulo tão anticipada, para de huma vez accabar de referir tudo que pertence a estabelidade e firmeza desta Congregação; e por isso mesmo outras muitas graças e privilegios que ella logra, huns communs por comunicação com outras congregações de nosso santo patriarca e outros particulares, concedidos em diversos tempos só a ella e a missão de Ceylão, referirey nos<sup>19</sup> capitulos seguintes.<sup>20</sup>

*Clemens Papa XI*

*Ad perpetuam rei memoriam*

<sup>21</sup>11. *Ad pastoralis dignitatis fastigium, meritis licet imparibus, ineffabili divinae bonitatis abundantia evecti, divini cultus et animarum salutis incremento ac fidei catholicae propagationi, quantum nobis ex alto conceditur, intendimus et propterea clericorum congregationes id operari cupientes propen-*

<sup>15</sup> Rasurado: «[Decimo?]».

<sup>16</sup> Riscado: «[Nono?]».

<sup>17</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>18</sup> Número riscado.

<sup>19</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>20</sup> Seguem-se duas linhas e meia riscadas.

<sup>21</sup> Número riscado.

sis studiis promovemus et instituimus, favoribus que et gratiis prosequimur opportunis, prout conspicimus in domino salubriter expedire. Exponi siquidem nobis nuper fecit dilectus filius Joannes à guarda praesbyter Congregationis Oratorii Sancti Philippi Nerii sub titulo Assumptionis Beatae Mariae Virginis Civitatis Ulixbonensis ac procurator praesbitorum secularium Congregationis Oratorii ejusdem S. Philippi sub titulo Sanctae Crucis Miraculorum in Civitate Goanensi in Indiis Orientalibus ordinaria auctoritate canonice (ut asseritur) e rectae, quod // [p. 406] alias, nempe die X Decembris MDCXCVIII venerabilis frater modernus archiepiscopus goanensis considerans diversa pietatis et christianae charitatis opera, quae per praesbyteros secundo dictae congregationis in illis partibus exercebantur, pro sua pastoralis sollicitudine eandem Congregationem in dicta Civitate Goanensi pro praesbyteris secularibus, qui sub clausura voluntaria absque votorum obligatione propriae, alienae que saluti studere, missionibus et verbi Dei praedicationi operam dare ac sacramentales Christi fidelium confessiones audire deberent, ad instar primo dictae Congregationis Oratorii Beatae Mariae Virginis Assumptae Ulixbonensis sub constitutionibus, sive statutis particularibus pro eadem Congregatione Ulixbonense editis et a felicis recordationis Clemente Papa X praedecessore nostro per quasdam suas de super in simili forma brevis die XXIV Augusti MDCLXXII expeditas litteras approbatis et juxta appendicem eisdem insitam et a record. mem. Innocentio Papa XII praedecessore pariter nostro per quasdam suas etiam in forma brevis die XXX Januarii MDCXCIV emanatae litteras confirmatam erexit et instituit. Cum autem sicut eadem expositio subjungebat, eae, quae à sede apostolica approbantur et confirmantur, firmiora sint et ab omnibus exactius observari soleant, nobis propterea dictus Joannes procurator tam suo, quam etiam praesbyterorum secundo dictae Congregationis nomine humiliter supplicari fecit, ut eisdem praesbyteris in praemissis opportune providere et ut infra indulgere de benignitate apostolica dignaremur. Nos igitur dictos praesbyteros, ut ad pia et sacra opera hujusmodi promptiores reddantur, uberiores que in vinea domini fructus, incrementum dante Deo, proferre satagant, specialibus favoribus et gratiis prosequi volentes, dicti que Joannis et illorum singulares personas à quibusvis excommunicationis, suspensionis et interdicti, aliis que ecclesiasticis sententiis, censuris et paenis a jure, vel ab homine, quavis occasione, vel causa latis, si quibus quomodo libet innodatae existunt, ad effectum praesentium duntaxat consequendum, harum serie absolventes et absolutas fore censentes, hujusmodi supplicationibus inclinati de venerabilium // [p. 407] fratrum nostrorum sanctae romanae ecclesiae cardinalium negotiis et consultationibus episcoporum et regularium praepositorum consilio erectionem et institutionem ipsius congregationis apostolica auctoritate tenore praesentium perpetuo approbamus et confirmamus, illis que inviolabilis apostolicae firmitatis robur adjicimus, et nihilominus in ecclesia secundo dictae Congregationis unam praefatorum praesbyterorum, clericorum secularium in ea pro tempore recipi volentium congregationem sub memorato titulo Sanctae Crucis Miraculorum nuncupatam ad instar supradictae Beatae Mariae [Virginis?] Assumptae Ulixbonensis, nec non alterius congregationis sub titulo conceptionis ejusdem Beatae Mariae Virginis Immaculatae in oppido de Estremotio Eborensis diaecesis

erectae et a nobis diae 3 Augusti MDCCI per quasdam nostras in eadem forma brevis expeditas litteras confirmatae et approbatae; dum modo tamen iidem praesbyteri et clerici ordinationes et instituta dictae Congregationis Ulixbonensis a praedicto Clemente, illorum que appendices ab Innocentio praedecessoribus praefatis respective confirmata receperint, seu recipiant sub constitutionibus, sive statutis, illorum que appendice praedictis, sublata tamen ex eis clausula servandi pro viribus statuta Congregationis Romanae, auctoritate et tenore praedictio itidem perpetuo erigimas et instituimus. Ac modernis, et pro tempore existentibus praeposito et aliis praesbyteris ejusdem congregationis sic denuo erectae, qui ab ordinario approbati fuerint et confessiones quorumcumque a Deo accedentium quocumque omni tempore audire, illis que paenitentia debita pro modo culpa et aliis, quae injungenda fuerint, injunctis, absolutionem impendere salutarem possint et valeant. Sacerdotes et clerici in eadem Congregatione recepti, eorumque ministri pro tempore, quo ibidem permanserint, parochis, eorumque jurisdictioni minime subiaceant; ipsique sacerdotes sibi invicem ac clericis et ministris praefatis, etiam laicis, quaecumque ecclesiastica sacramenta, quovis etiam paschatis resurrectionis dominicae tempore, vice et loco parochi ministrare; superiores autem ipsius congregationis, per praesentes erectae, per se, vel alium, seu alios // [p. 408] ex ipsis approbatis suos subditos à censuris (non tamen in casibus sedi apostolicae reservatis; neque in litteris die caenae. Domini legi solitis contentis) absolvere, illis que debitam paenitentiam similiter in jungere; iidem que superiores receptos inobedientes et ipsius Congregationis Constitutionum transgressores punire et paenitentia pro modo culpa; servata tamen forma ordinationum et institutionum hujusmodi; afficere; et si sibi videbitur cum consensu maioris partis dictae Congregationis culpabiles ejicere, invocato etiam ad hoc, si opus fuerit, auxilio brachii secularis, libere et licite similiter possint et valeant, dicta auctoritate harum serie concedimus et indulgemus. Praeterea praesbyteris, et clericis in eadem congregationem pro tempore receptis, ne ipsa congregatione, etiam exjustissima causa; ni si prius illam superiori congregationis hujusmodi pro tempore existenti manifestaverint, egredi audeant quovismodo, vel praesumant, sub excommunicationis latae sententiae paena per contrafacientes eo ipso incurranda auctoritate et tenore praesentis prohibemus et interdicimus. Ac demum quod praefata congregatio perpetuo sit ac esse intelligatur, praesertim quoad missiones, subjecta omnimodae jurisdictioni archiepiscopi goanensis pro tempore existentis; a quo nihilominus ordinationes et instituta ipsius congregationis immutari, aut alterari minime possint, auctoritate praedicta, earundem tenore praesentium pariter perpetuo statuimus et ordinamus; salva tamen in praemissis auctoritate congregationis memoratorum cardinalium. Decerentes ipsas praesentes litteras semper firmas, validas et efficaces existere et fore, suos que plenarios et integros effectus sortiri; et obtinere; ac ab illis, ad quos expectat et pro tempore quandocumque expectabit inviolabiliter observari. Sic que in praemissis per quoscumque iudices, ordinarios et delegatos, etiam causarum palatii apostolici auditores ac sanctae romanae ecclesiae praedicti cardinales judicari et definiri debere ac irritum et inane, si secus super his à quocumque, quavis auctoritate, scienter // [p. 409] vel ignoranter

*contigerit attentari. Ut autem ecclesia congregationis sic erectae in maiore veneratione habeatur et à Christi fidelibus congruis frequentetur honoribus; alii que praesbyteri et clerici seculares adipsam congregationem, per praesentes erectam, ingrediendam magis excitentur, omnibus et singulis praesbyteris et clericis, qui eandem congregationem de caetero ingredientur, die primo eorum ingressus. Si vere paenitentes et confessi sacratissimum eucharistiae sacramentum sumpserint plenariam; ac ipsis nunc et pro tempore existentibus praesbyteris et clericis, aliis que conviventibus ejusdem Congregationis in eorum mortis articulo nomen Jesu Corde, si ore nequiverint, invocantibus etiam plenariam. Nec non tam illis, quam aliis utriusque sexus Christi fidelibus vere paenitentibus et confessis ac sacra communione refectis, qui ejusdem congregationis, per praesentes erectae, ecclesiam die festo inventionis Sanctae Crucis à primis vespers usque ad occasum solis diei hujusmodi, singulis annis devote visitaverint et ibi pro christianorum principum concordia, haeresum extirpatione ac sanctae romanae ecclesiae exaltatione pias ad Deum preces effuderint, plenariam similiter omnium peccatorum suorum indulgentiam et remissionem misericorditer in domino, etiam perpetuo concedimus et elargimur. Nec non tam praesbyteris et aliis ejusdem congregationis quoties pro exortationibus habendis convenerint quam aliis utriusque sexus Christi fidelibus eisdem exhortationibus interessantibus decem annos. Et qui ecclesiam dictae congregationis in purificationis et annuntiationis et nativitatis, ac conceptionis Beatae Mariae Virginis Immaculatae fastis diebus à primis vespers usque ad occasum solis faestorum hujusmodi, annis singulis, devote visitaverint et ut praedicitur, oraverint, septem annos et totidem quadragenas. Eisdem vero praesbyteris et aliis dictae congregationis quoties divinis officiis in sua ecclesia, vel oratorio more ejusdem congregationis celebrandis, aut congregationibus particularibus, vel privatis et secretis pro quocunque opere pio exercendo interfuerint, aut infirmos consolati fuerint, vel santissimum eucharistiae sacramentum sumpserint, aut conscientiam suam, ante // [p. 410]quam cubitu eant, examinaverint, seu flagellis ad carnem castigandam se affligerint; vel quinquies orationem dominicam et toties salutationem angelicam tam pro animabus praesbyterorum et aliorum dictae Congregationis, quam aliorum in Christi charitate defunctorum recitaverint; aut demum aliquem ad viam salutis reduxerint, vel ignorantes praecepta Dei et quae ad salutem sunt, docuerint, aut quodcumque aliud pietatis, vel charitatis exercuerint; toties pro quolibet praedictorum operum sexaginta dies de injunctis eio, vel alias quomodo libet debitis paenitentis in forma ecclesiae consueta relaxamus; non obstantibus, quatenus opus sit, regula nostra de non concedendis indulgentiis ad instar; aliis que apostolicis, ac universalibus, provincialibus que et synodanibus conciliis editis; generalibus, vel specialibus constitutionibus et ordinationibus; nec non quibusvis, etiam juramento, confirmatione apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis; statutis et consuetudinibus, privilegiis quoque, indultis et litteris apostolicis, sub quibus cumque verborum tenoribus et formis ac quibusvis etiam derogatoriis derogatoriis, alio que efficacioribus efficacissimis et insolitis clausulis, irritantibus que et aliis decretis in genere, vel in specie ac alias in contrarium quomodo libet concessis, approbatis et innovatis; quibus omnibus et singulis et iam sipro*

*illorum sufficienti derogatione, de illis, eorum que totis tenoribus specialis, specifica, expressa et individua de verbo ad verbum, nihil penitus omisso et forma in illis tradita, observata exprimerentur et insererentur praesentibus pro plene et sufficienter expressis et insertis habentes, illis alias in suo robore permansuris, ad praemissorum effectum hac vice duntaxat specialiter et expresse derogamus, caeteris que contrariis quibuscumque. Datum Romae apud Sanctam Mariam maiorem sud annulo piscatoris XXVI Novembris MDCCVI Pontificatus nostri anno VII. F. Oliverius.*

*Fidem facimus et attestamur hanc esse bullam santissimi domini nostri Clementis Papae XI expositam et appobatam huic congregationi.  
Dat. Goae 28 Decembris 1707  
Archiepiscopus primas // [p. 411]*

Provizão com que a magestade d[e] el Rey Dom João V tomou esta Congregação debaixo da sua protecção real

<sup>22</sup>12. Eu el Rey faço saber aos que esta minha provizão virem que, tendo respeito a me representar o padre prepozito da Congregação do Oratorio desta Corte, como procurador geral da Congregação do Oratorio da Santa Cruz dos Milagres, da Cidade de Goa que, sendo aquella Congregação da India confirmada pelo arcebispo primas daquelle Estado, com os mesmos estatutos e constituições aprovadas e confirmadas pela santidade do Papa Clemente X para a Congregação de Lixboa, alterando e innovando o dito primas as taes constituições em algumas couzas; e tendo sido a erecção da dita Congregação confirmada por mim e tomada debaixo de minha real protecção, com a condição de procurarem os ditos padres a confirmação de Sua Santidade, o fizeram com effeito ao Summo Pontifice Clemente XI hoje reinante e que fora servido confirmar os ditos estatutos do Papa Clemente X e o appendix aos taes estatutos do Papa Innocencio XI, com que se achava confirmada a Congregação desta cidade e se tem confirmado pela Se Apostolica todas as mais congregações do Oratorio, que há neste reyno e em Pernambuco; sem querer admitir as mudanças e alterações, que o dito arcebispo primas tinha feito nos estatutos da dita Congregação da India, por entender ser assim mais conveniente. E por recear o dito padre procurador que o dito arcebispo primas duvide a execução do novo breve que determinava mandar a dita Congregação, por não admitir as innovações que havia feito nos taes estatutos e na forma dellas os haver eu confirmado; me pedia lhe mandasse declarar que a tal Congregação subsista na forma em que o Summo Pontifice Clemente XI a confirma, tomando-a novamente debaixo da minha protecção. E tendo a tudo consideração e ao que respondeo o procurador da minha Coroa, a quem se deo vista, e attendendo serem // [p. 412]

<sup>22</sup> Número riscado.

estes estatutos os mesmos da Congregação do Oratorio desta Corte. Hey por bem declarar que me praz e sou contente que a Congregação da Santa Cruz dos Milagres, da Cidade de Goa, subsista e persevere na forma em que a Santidade do Papa Clemente XI agora a confirma com os estatutos que dispõem na prezente bulla, sem as mudanças que nelles tinha feito o arcebispo primas da India. E nesta conformidade a tomo debaixo da minha protecção real, como athe agora estava. Pelo que mando a meu vice-rey ou governador do Estado da India e ao arcebispo primas delle, cumprão e goardem esta provizão e a fação cumprir e goardar inteiramente, como nella se contem, sem duvida alguma, a qual valerá como carta e não passará pela chancelaria sem embargo da Ordenação Livro 2, titulos 39 e 40 em contrario e se passou por duas vias. Manoel Filippe da Sylva a fez em Lixboa, a trinta de Março de mil setecentos e nove. O secretario Andre Lopes de Lavre a fez escrever. Rey. Miguel Carlos. Por resolução de Sua Magestade de 26 de Março de 1709, em consulta do Conselho Ultramarino de 20 do dito mez e anno. Registrada a folio 364 verso, em o livro 4.º das provizoens da Secretaria do Conselho Ultramarino.

*Capitulo*<sup>23</sup> *Terceiro*

*Indulgencias e privilegios concedidos pela Sé Apostolica aos congregados*  
Anno 1707

<sup>24</sup>13. Assim como esta Congregação foy instituida não só para o aproveitamento espiritual dos congregados, mas tãobem dos proximos, aos quaes devem edificar com o exemplo e doutrina, assim a Sé Apostolica não só confirmou a Congregação, mas para ser mais fructuozo o seu santo instituto lhe concedeo muitas graças, privilegios e facultades, humas em beneficio dos mesmos congregados, outras em utilidade // [p. 413] dos proximos. As que respeitão aos congregados, são as seguintes.

<sup>25</sup>14. Todos os congregados na entrada da Congregação, confessando-se e commungando. No artigo da morte, invocando com a boca ou com o coração o Santissimo Nomme Jesus. No dia da Invenção da Cruz desde primeiras vespas the o sol posto do dia da festa, confessando-se e commungando e rogando a Deos pela exaltacão da Santa Madre Igreja, concordia entre os principes christãos e extirpação das heregias, na nossa igreja da Santa Cruz dos Milagres, que devem vizitar e nella fazer as sobreditas preces; ganhão indulgencia plenaria concedida perpetuamente na bulla da confirmação.

<sup>23</sup> Riscado: «vigessimo».

<sup>24</sup> Número riscado.

<sup>25</sup> Número riscado.

<sup>26</sup>15. Assim mais, vizitando a mesma Igreja da Santa Cruz dos Milagres, nas festas da Purificação, Anunciação, Nascimento e Conceição da Immaculada Santissima Virgem Maria Mãe de Deos, ganhão sete annos e sete quarentenas de indulgencia, concedida tãobem para sempre na mesma bulla.

<sup>27</sup>16. Assistindo as exhortações e praticas espirituas que se fazem na Congregação, dez annos de indulgencia, concedida para sempre na mesma bulla. Outrosi, assistindo aos officios divinos; e outros exercicios espirituas. Consolando aos enfermos; recebendo o Santissimo Sacramento. Tomando a disciplina; examinando a consciencia antes de se deitarem a dormir; rezando cinco Padre Nossos e Ave Marias pelos fieis defunctos; convertendo alguma alma ao caminho da sua salvação; ensinando doutrina aos ignorantes; e finalmente excitando qualquer obra boa de piedade ou de caridade, ganhão por cada huma das sobreditas obras sessenta dias de perdão, concedido perpetuamente na mesma bulla.

<sup>28</sup>17. Assim mais, os congregados que tomarem cada anno huma vez oito dias de exercicios espirituas em recolhimento na forma prescrita nos estatutos e no fim delles se confessarem e commungarem, ganhão indulgencia plenaria na forma do breve seguinte, que foy consedido só para quinze // [p. 414] annos; mas se costuma prorogar.

*Clemens Papa XI*  
*Ad futuram rei memoriam*

<sup>29</sup>18. *Cum sicut dilecti filii modernus praepositus, et praesbyteri seculares Congregationis Sanctae Crucis Miraculorum ad instar Congregationis S. Philippi Neri in Civitate Goana in Indiis Orientalibus canonice (ut asseritur) erectae nobis nuper exponi fecerunt, exercitia spiritualia quotannis per octidui spatium in domo ejusdem Congregationis fieri; illisque tam clerici, seu praesbyteri Congregationis hujusmodi quam aliae personae ecclesiasticae, et seculares, non sine magno animarum suarum fructu vacare consueverint. Nos eorum devotionem, qui operi a deo pio, et laudabili vacaverint, caelestium ecclesiae thesaurorum largitione magis excitare volentes, de omnipotentis Dei misericordia, ac beneficiarii Petri, et Pauli apostolorum ejus auctoritate confisi, omnibus, et singulis Christi fidelibus, tam praefatae congregationis, quam aliis quibus libet, sive clericis, sive laicis, qui in dicta domo exercitia praefata per octidui spatium quandocunque peregerint, et interea temporis vere paenitentes, et confessi santissimum eucharistiae sacramentum sumpserint, semel in anno, quo praemissa peregerint duntaxat plenariam omnium peccatorum suorum*

<sup>26</sup> Número riscado.

<sup>27</sup> Número riscado.

<sup>28</sup> Número riscado.

<sup>29</sup> Número riscado.

*indulgentiam, et remissionem misericorditer in domino concedimus. Praesentibus ad quindecim tantum annis valeturis. Volumus autem, quod si pro impetratione, praesentatione, admissione, seu publicatione praesentium aliquid, vel minimum detur, aut sponte oblatum recipiatur, praesentes nullae sint. Datum Romana apud S. Petrum sub annulo Piscatoris die I Decembris 1706 pontificatus nostri anno septimo. Oliverias.*

<sup>30</sup>19. Os congregados que fizerem a oração mental por espaço de hum quarto de hora, ganhão cem dias de indulgencia; fazendo a mesma oração por espaço de meya hora, ganhão por cada vez sete annos de indulgencia. // [p. 415] E aquelles que por tempo de hum mez continuarem a dita oração por espaço de meya hora ou de hum quarto cada dia; e no fim do mez se confessarem e commungarem e rogarem a Deos pela exaltação da Santa Madre Igreja, concordia entre os principes christãos e extirpação das heregias, ganhão em cada mez indulgencia plenaria, que se pode applicar por modo de suffragio as almas do purgatorio na forma do Breve seguinte.

*Clemens Papa XI  
Ad futuram rei memoriam*

<sup>31</sup>*Ad ea, per quae animarum Christi fidelium salus procuratur libenter intendimus, et eorumdem Christi fidelium devotionem, ut spiritualibus exercitiis ferventius incumbant, caelestium munerum elargitione libenter fovemus, et excitamus. Itaque de omnipotentis Dei misericordia, ac beneficiarii Petri, et Pauli apostolorum ejus auctoritate confisi omnibus, et singulis tam praesbyteris, clericis, et laicis Congregationis Sanctae Crucis Miraculorum nuncupatae ad instar Congregationis S. Philippi Nerii in Civitate Goana auctoritate apostolica erectae, quam aliis sacerdotibus, et clericis, qui in domo ejusdem congregationis ad habendas spirituales collationes de functionibus, et virtutibus eorum statui convenientibus frequenter conveniunt; qui per quadrantem horae orationi mentali vacaverint pro qualibet vice centum dies; qui per duos quadrantes continuatos, septem annos de injunctis eis, aut alias quomodo libet debitis paenitentis in forma ecclesiae consueta relaxamus. Iis vero, qui devotione hujusmodi per duos quadrantes continuatos, vel saltem per quadrantem horae, singulis diebus, et per totum mensem dabunt operam, et vere paenitentes, et confessi santissimum eucharistiae sacramentum sumpserint, ac pro christianorum principum concordia, haeresum extirpatione, ac sanctae matris ecclesiae exaltatione pias ad Deum preces effuderint, plenariam omnium peccatorum in // [p. 416] indulgentiam, et remissionem semel quolibet mense, misericorditer in domino concedimus, quam per modum suffragii animabus Christi fidelium, quae Deo in charitate conjunctae ab hac luce migraverint, applicari posse indulgemus. Insuper quod praesbiteri, clerici, et laici ejusdem congre-*

<sup>30</sup> Número riscado.

<sup>31</sup> Número riscado

*gationis pro oratione mentali, ad quam ratione eorum constitutionum quolibet die tenentur, praedictas omnes indulgentias, et peccatorum remissiones, ac paenitentiarum relaxationes proportionabiliter lucrari, et consequi possint, et valeant, auctoritate apostolica tenore praesentium indulgemus; in contrarium facientibus non obstantibus quibuscunque. Praesentibus ad quindecim annos tantum valeturis. Volumus autem, quod praesentium transumptis, etiam impressis manu alicujus notarii publici subscriptis, et sigillo personae in dignitate ecclesiastica constitutae, seu superioris dictae congregationis munitis eadem prorsus fides ubique locorum adhibeatur, quae ipsis praesentibus ad hiberetur, si forent exhibitae, vel ostensae. Datum Romae apud S. Petrum sub annulo piscatoris die 18 Decembris 1706 pontificatus nostri anno septimo. Oliverius.*

<sup>32</sup>20. Do que tudo se colhe que os nossos congregados, sacerdotes, clerigos e leigos em todos os exercicios do dia, assim communs, que são obrigados a fazer pelas regras e estatutos; como particulares, que cada qual tiver por sua devoção; em cada hum delles respectivamente ganhão indulgencias asima declaradas; as quaes, ainda que sejam parciaes; mas de tantas obras pias que na Congregação se praticão em commum, desde quatro horas e meya de menha the as dez de noyte, juntas às devoções particulares, vem a importar cada dia hum thezouro inestimavel de muitas indulgencias, com que a Santa Sé Apostolica nos tem enriquecido.

<sup>33</sup>21. Tem os congregados concessão apostolica para rezarem do santissimo sacramento *sub ritu semiduplici*<sup>34</sup> nas quintas-feiras de todo o anno, não estando impedidas com officio de nove liçoens; ou sendo impedidas em outro // [p. 417] qualquer dia da semana do mesmo modo desimpedido; excepto somente o tempo do Advento e de Quaresma; pela qual excepção que, *firmit regulam in contrarium*,<sup>35</sup> podem rezar ainda nas vigílias das festas e nas temporas do anno. Esta graça impetrou de Sua Santidade o Emminentiss[im]o Cardeal Pereyra, como consta da sua carta seguinte.

Reprezentando à santidade de nosso senhor Benedicto Papa XIII, em vinte do corrente mez, a devoção com que a Congregação de São Filippe Neri desse reyno de Portugal venerava o altissimo misterio do santissimo sacramento e o dezejo que tinha de rezar delle *sub ritu semiduplici* nas quintas-feiras de todo o anno, que não fossem impedidas com o officio de nove liçoens; ou sendo-o, em qualquer outro dia da semana que não tivesse o mesmo embaraço, ainda de santo transferido; se dignou o dito senhor em contemplação das minhas representaçoens e das preces da dita Congregação de lhe conceder a dita graça para todos os conventos desse referido reyno

<sup>32</sup> Número riscado.

<sup>33</sup> Número riscado.

<sup>34</sup> «Sob rito semiduplo».

<sup>35</sup> «Confirma a regra».

e seus dominios; excluindo, comtudo, só o tempo da Quaresma e Advento; o que me significou com o oraculo da sua viva voz para o participar a Vossa Paternidade Romana, que o comunicará aos mais prelados da dita Congregação, para poderem uzar da dita graça; e esta se registará nos livros dos conventos a que tocar, para que a todo o tempo conste della. Deos goarde a Vossa Paternidade Romana muitos annos. Roma 24 de Janeiro de 1727. Reverendissimo padre preposito do Oratorio de Lixboa. De Vossa Paternidade Romana affectuozissimo. I[lustrissimo] Cardeal Pereyra.

<sup>36</sup>22. Tãobem podem os congregados<sup>37</sup> em todos os sabbados do anno, que não forem impedidos com o officio de nove liçoens e<sup>38</sup> com os tempos do Advento, Quaresma, vigalias e quatro temporas, rezar officio semi-dobre da Immaculada Conceição da Beatissima sempre Virgem Maria, na forma do seguinte decreto.

*Ex parte Patris Antonii de Attayde Sacerdotis // [p. 418] Congregationis Oratorii S. Philippi Nerii Civitatis Ulixbonensis, ac totius Congregationis Regni Portugalliae procuratoris generalis, nomine etiam suae congregationis sacerdote rituum congregationi demisse supplicatum fuit, quatenus benigne concedere dignaretur, ut à patribus omnium domorum congregationis praedictae Oratorii S. Philippi Nerii totius Regni Por<tu>galliae, ac dominiorum eidem subjectorum singulis sabbatis officio duplici, vel semiduplici et vigiliarum temporibus non impeditis, officium semiduplex Beatae Mariae Virginis Santissimae Conceptionis, alias à sacerdote rituum congregatione religioni Ordinis S. Francisci concessum, recitari possit, et valeat. Et eadem sacerdote rituum congregatio ex motivis in supplici libello contentis, ad relationem Emminentissimi, et Reverendissimi Domini Cardinalis Bichii respondit pro gratia juxta modum alias approbatum. Die 21 Novembris 1711. G. Cardinalis Carpineus.*

<sup>39</sup>23. Na mesma forma huma vez na semana, no dia desimpedido, podem os congregados rezar de nosso Santo Padre Philippe Neri *sub ritu semiduplici*, exceptos os dias das quatro temporas, vigalias, Advento e Quaresma, conforme o decreto abaixo.

*Ad humillimas praeces Pater Antonii de Attayde Sacerdotis Congregationis Oratorii S. Philippi Nerii Civitatis Ulisbonense Sacerdote Rituum Congregationi por rectas, et ab Emminentissimo, et Reverendissimo Domino Cardinalis Colloredo relatas. Eadem sacerdote rituum congregatio benigne indulset, atque concessit patribus omnium domorum Congregationis Oratorii S. Philippi Nerii praedictae totius Regni Portugalliae, ac dominiorum eidem subjectorum, ut semel in hebdomada, die non impedita officio noven lectionum etiam semi-*

<sup>36</sup> Número riscado.

<sup>37</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>38</sup> Riscado: «tãobem».

<sup>39</sup> Número riscado.

*duplici, et exceptis diebus quatuor temporum, et vigiliarum, ac Adventus, et quadragesimae temporibus, officium praedicti Philippi fundatoris sub ritu semiduplici, et juxta rubricas recitare possint, et valeant. Die 16 Junii 1708. G. Cardinal Carpineus. // [p. 419]*

<sup>40</sup>24. Outrosi podem os congregados rezar de São Francisco de Sales aos vinte e nove de Janeiro *sub ritu duplici secunda classis*<sup>41</sup> com oitava, que lhes foy concedida por ser o dito santo congregado e preposito da Congregação de Tonon; e o decreto desta concessão hé o seguinte.

*Por rectis à patribus Congregationis Oratorii S. Philippi Nerii Regni Portugalliae sacr. rituum congregationi humillimis precibus pro extensione officii sub ritu duplici secundae classis cum octava Sancti Francisci Salesii ad omnes congregationes totius regni, ac dominiorum serenissimi Regis Portugalliae, sacra eadem congregatio patribus congregationis praefati regni die 29 Januarii officium sub ritu duplici secundae classis cum octava ipsius Sancti Francisci Salesii facultatem in posterum recitandi, et missam respective celebrandi benigne indulset, atque concessit Die 3 Augusti 1726. C. Cardinalis de Marinis Praefectus.*

<sup>42</sup>25. Por bulla do Santiss[im]o Padre Sixto V que começa *Decet Romanum Pontificem*, expedida aos sinco de Setembro de mil quinhentos oitenta e sete, a instancia de nosso Santo Patriarca Philippe Neri <que então vivia>, podem os congregados sacerdotes celebrar o santo sacrificio da missa meya hora antes da aurora e depois do meyo dia.

<sup>43</sup>26. O altar de nosso Santo Patriarca Philippe Neri he privilegiado perpetuamente somente para os congregados que celebrarem nelle nos dias e com as condiçoens<sup>44</sup> expressadas no decreto seguinte do Santissimo Padre Benedicto XIII.

*Feria 6 die 17 Januarii 1727*

*Santissimus Dominus Noster ad humillimas preces patrum Congregationis Oratorii S. Philippi Nerii in omni dominio lusitanorum regis existentium, omnium que ipsorum familiarum, sive congregationum in eodem dominio sitarum confirmavit omnia altaria privilegiata perpetua, quae re // [p. 420] periuntur concessa in nonnullis ecclesiis eorundem patrum praedictae Congregationis Oratoris.*

*Quia vero in aliquibus aliis ecclesiis, eorundem patrum altare privilegiatum pro una, vel pluribus feriis, cum aliquo determinato numero missarum*

<sup>40</sup> Número riscado.

<sup>41</sup> «Sob rito duplo de segunda classe».

<sup>42</sup> Número riscado.

<sup>43</sup> Número riscado.

<sup>44</sup> Segue-se uma palavra riscada.

*ad septennium, seu ad aliud longius tempus, non dum forsitan elapsum, reperitur concessum, sanctitas sua, praevia illorum revocatione, eadem altaria privilegiata denuo concessit in perpetuum pro feriis, et cum numero missarum, ut infra.*

*In ecclesiis itaque patrum praefatorum, in quibus usque ad huc nullum altare privilegium decoratum existit, sanctitas sua concessit unicum tantum altare privilegiatum perpetuum juxta modum, videlicet.*

*In ecclesiis praefatorum patrum, in quibus quatuor missae quotidie celebrantur, concessit altare privilegiatum pro animabus quorumcunque Christi fidelium, quae Deo in charitate conjunctae ab hac luce migraverint, pro una feria cujus libet hebdomadae. In quibus decem missae, produabus feriis. In quibus quindecim, pro<sup>45</sup> tribus. In quibus viginti, pro quatuor. In quibus viginti quinque, pro quinque feriis. In quibus triginta quinque, concessit altare privilegiatum quotidianum.*

*In ecclesiis vero sitis in partibus infidelium, vel haeticorum concessit altare privilegiatum perpetuum pro una feria in hebdomada absque expressione numeri missarum.*

*Cum hac tamen declaratione, quod in singulis supra relatis dictorum patrum ecclesiis, quibus modo altare privilegiatum conceditur, indultum sit restrictum ad sacerdotes dumtaxat congregationis supradictae inibi celebrantes. Et quod altaria, et feriae, pro quibus conceditur privilegium, semel tantum ab ordinariis locorum designari debeant.*

*Tandem sanctitas sua voluit, quod hujusmodi concessionibus fruantur non solum ecclesiae, quas in praesenti // [p. 421] jam habent, verum etiam aliae omnes, quas in posterum praefata Congregatio, et ipsius patres praepositi construent, vel acquirant.*

#### L. Cardinalis Picus Praefectus

<sup>46</sup> 27. O padre prepozito desta Congregação, por concessão apostólica, tem faculdade de dispensar aos congregados ordinandos nos interstícios e também nas temporas; a qual graça hé temporária e se costuma prorogar, acabado o tempo da sua concessão.

<sup>47</sup> 28. Tem esta Congregação faculdade para receber em cada anno seis sogeitos a titulo da missão e meza commum, e promove-os a ordens sacras sem patrimonio; comtanto porem que, saindo fora da Congregação, estejam logo suspensos, emquanto tenham patrimonio ou beneficio sufficiente na forma do privilegio seguinte.

*Die 25 Januarii 1727 Sacra Congregatio Eminentissimorum Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalium Concilii Tridentini interpretum, ad quam santissimus dominus noster supplicem hunc libellum remisit, attenta rela-*

<sup>45</sup> Riscado: «[sub?]».

<sup>46</sup> Número riscado.

<sup>47</sup> Número riscado.



*tionem procuratoris generalis Congregationis Oratorii Lusitaniae, quoad congregationem existentem in Civitate Goae censuit admitti posse sex quolibet anno ad sacram ordinationem ad titulum missionis, et mensae communis; et quoad alias Congregationes existentes sub dominio Regis Portugalliae admitti posse tres quolibet anno eodem modo pro qualibet Congregatione. Ita tamen, ut quatenus admissi à Congregatione recedant, remaneant ipso jure suspensi, nisi patrimonium, aut sufficiens beneficium habeant. C. Cardinalis Origus Praefectus.*

<sup>48</sup> 29. O prepozito da Congregação he juiz privativo para conhecer e punir os delictos que cometerem os congregados, que nesta parte estão izentos da jurisdição ordinaria; como também o mesmo prepozito pode pelos congregados que lhe parecer, mandar inquirir *de genere* dos que houverem de entrar na Congregação e só com esta inquirição recebe-los. Sem outra que // [p. 422] que [*sic*] necessaria seja feita pelos ministros do ordinario, como tudo consta da seguinte Bulla.

#### Innocentius Papa XI Ad futuram rei memoriam

*Exponi nobis nuper fecerunt dilecti filii praepositi, et clerici seculares Congregationis Oratoris sub titulo Beatae Mariae Virginis Assumptae ad instar Congregationis Oratoris S. Philippi Neris in Civitate Ulixbonensi canonice erectae, quod cum per Constitutiones, seu statuta dictae Congregationis à felicitis recordationis Clemente Papa X praedecessore nostro specificè confirmata capitulus 22 eaveretur expresse, ut diligentiae super puritate sanguinis recipiendorum in eadem congregationem per ipsos exponentes<sup>49</sup> secreto fierent; ordinaries loci in fine eorumdem statutorum curavit addi particulam, seu declarationem, quod inquisitio de super etiam per ipsum ordinarium fieri debeat. Verum experientia compertum est hujusmodi inquisitio nem incremento, et conservationi dictae Congregationis damnosam, atque praepudicalem evadere; cum juxta stylum illius curiae in hujusmodi materiis procedatur per longissimas inquisitiones natalium, non sine gravibus dispendiis ad effectum verificandi solum modo, quod is, de cujus receptione agitur, non sit ulla ex parte christianus novus, qua in re natio illa usque ad excessum scrupulositatis procedit; ita ut multi ad servitium, et culturam dictae congregationis ad modum idonei, qui illius Institutum amplecterentur, tot protelationibus, quae creditu vix possibiles sint iis, qui bene informati non sunt, ab eodem Instituto avertantur. Et de praesenti id duobus accidisse reperitur, qui per aliquot annos finem inquisitionum hujusmodi obtinere nequiverunt; et alius quidam pecuniam pro expensis, quae hac in refiunt, iam diu deposuit; nec tamen inquisitiones ad huc feri ceptae sunt; cum ejusmodi diligentia à ministris non unius generis depon- // [p. 423]deant; atque ita inter longas moras tepescunt vocationes; et postu-*

<sup>48</sup> Número riscado.

<sup>49</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

lantes divertuntur ad gliaerenda alia instituta, ac insuper amittuntur aliqui, qui veriti, né a parentibus, seu consanguineis impediuntur, et propter alios humanos respectus deserunt consilium, quod non nisi post factum sciri vellent, et tales voplurimum sunt maxime digni propter eorum probitatem, zelum, Natales, ac officia, et munera, quae exercent, qui institutum praedictae Congregationis secreto ad evitandas disuasionum molestias amplecti vellent. Ac proindre isdem exponentes pro eorum Congregationis, et ministeris, quod in missionibus, aliis que spiritualibus exercitiis ecclesiae praestant manutentione plurimum cupiunt ab inquisitione in praemissis per ordinarium facienda eximi, sibi que permitti, ut postulantes in dictam congregationem independenter à licentia ordinarii recipiant, quem admodum id per quascumque confraternitates, tamet si ab ipso ordinario erectas, observatur; nam licet dici possit inter confraternitates, et congregationem hujusmodi esse differentiam; tota tamen differentia in eo consistit, quod in eadem Congregatione perfectius, et sub magis rigorosa statutorum observantia vivitur; unde Congregatio ipsa maioribus gratiis digna videtur. Cum autem sicut eadem expositio subjungebat circa castigationem delinquentium indicta Congregatione per Constitutiones, seu statuta praedicta capitulus 38, ubi praeposito pro tempore existenti eos, qui intra domum et cubiculum deliquerint, puniendi facultas conceditur, satis provisum sit, ea que de causa dicti exponentes totalem exemptionem ab eodem ordinario circa hunc articulum sibi quoque concedi sum mopere desiderent, ad hoc ut fama, et honor Congregationis praedictae magis conservetur; nam in Lusitania perpetuum eidem Congregationi nasceretur scandalum, si aliquis illius praesbyterorum ad carceres publicos de mandato curiae duceretur; quod quidem forsitan contingere posset magis ex impetu, et passiones officialium, et ministrorum, quam ex delicti qualitate. Cum que ex hujusmodi rationibus similis exemptio non solum regularibus in religione perpetuo viventibus; sed etiam diversis collegiis pro tempore, quo collegiales // [p. 424] ineis degunt, ac signanter collegii anglorum, et hibernorum in Civitate Ulixbonensi prae fata constitutionibus, quae ab ordinariis jurisdictione exempta sunt; nec non in Italia, et Gallia clericis Congregationis Missionis, qui mere seculares sunt, et exemptione hujusmodi pariter gaudent, concessa reperitur, nobis pro praedicta exponentes praedicti humilliter supplicari fecerunt, ut sibi in praemissis opportune providera, et ut infra indulgere de benignitate apostolica dignaremur. Nos igitur ipsos exponentes specialibus favoribus, et gratiis prosequi volentes, et eorum singulares personas à quibus vis excommunicationis, suspensionis, et interdicti, aliis que ecclesiae sententiis, censuris, et paenis à jure, vel ab homine quavis occasione, vel causa latis, si quibus quomo<do> libet innodatae existunt, ad effectum praesentium duntaxat consequendum, harum serie absolventes, et absolutus fore censentes, hujusmodi supplicationibus inclinati de Venerabilium Fratrum Nostrorum sanctae romanae ecclesiae cardinalium, negotiis, et consultationibus episcoporum, et regularium praepositorum consilio, et attenta relatione Venerabilis Fratris Marcelli Archiepiscopi Chalcedonensis nostri, et apostolicae sedis nuncii in regno Portugalliae residentis, re que per eosdem cardinales mature discussa particulam, seu declarationem additam capitulus 22 praefatarum constitutionum circa informationem per ordinarium summendam de puritate san-

guinis, et generis personarum in dictum oratorium admittendarum tanquam non necessariam aboleri debere, ac propterea posse praepositum pro tempore existentem absque ulla ordinarii informatione de sanguinis puritate, et generis quemlibet in Congregationem praedictam admittere auctoritate spostolica tenore praesentium decernimus. Quo vero ad caput 38 praefatarum constitutionum circa punitionem praesbyterorum, clericorum, et laicorum delinquentium eadem auctoritate harum serie statuimus, atque decernimus, posse praepositum pro tempore dictae congregationis in eos, in omnibus, quae ad regimen ecclesiae, et ipsarum constitutionum observantiam spectant, privative quoad ordinarium animadvertere. In reliquis autem ipsos exponentes esse subditos ordinario loci, prout sunt Romae, ac in aliis locis clerici seculares Congregationis S. Philippi Neris; salva tamen semper in praemissis auctoritate // [p. 425] congregationis memoratorum cardinalium. Decernentes ipsas praesentes litteras semper firmas, validas, et efficaces existere, et fore, suos que plenarios et integros effectus sortiri, et obtinere, ac<sup>50</sup> illis, ad quos spectat, et pro tempore quandocumque spectabit, in omnibus, et per omnia plenissima suffragari, et ab eis respective inviolabiliter observari; sic que in praemissis per quoscumque iudices ordinarios, et delegatos, etiam causarum palatis apostolici auditores iudicari, et definiri debere; ac irritum, et inane, si secus super his à quocumque quavis auctoritate scienter, vel ignoranter contigerit attentari. Non obstantibus praemissis, ac constitutionibus, et ordinationibus apostolicis; nec non quatenus opus sit praefatae Congregationis, et aliis quibusve, etiam juramento, confirmatione apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis, statutis, et consuetudinibus, privilegiis quoque, indultis, et litteris apostolicis in contrarium praemissorum quomodo libet concessis, confirmatis, et innovatis; quibus omnibus, et singulis, illorum tenores praesentibus pro plene, et sufficienter expressis, ac de verbo ad verbum insertis habentes, illis alias in suo robore permansuris, ad praemissorum effectum, hac vice duntaxat specialiter, ac expresse derogamus, caeteris que contrariis quibuscunque. Dat Romae apud Sanctum Petrum sub annulo piscatoris die 21 Januarii 1678 pontificatus nostri anno secundo. [J.es Musius?]. // [p. 427]

#### Capitulo<sup>51</sup> Quarto

#### Faculdades concedidas aos missionarios de Ceylão

<sup>5230</sup>. Devo aqui fazer huma advertencia digna de se saber, que por tal a mandou de Roma o Reverendo Padre Manoel de Almeyda, da Congregação de Lixboa, que foy procurador geral das nossas congregaçoes na curia; e vem a ser que todas as faculdades concedidas por *Propaganda Fide* e pelo tribunal da Santa Inquiisição Geral de Roma para certo tempo, não accabão

<sup>50</sup> Espaço em branco.

<sup>51</sup> Riscado: «Vigesimo Primeiro».

<sup>52</sup> Número riscado.

nem se extinguem, accabados os annos; mas sim perseverão the serem novamente prorogadas; com tanto porem que, antes de se completarem os annos da sua concessão, se reccorra aos ditos tribunaes, supplicando a prorogação. Mas se por cauza de guerras, naufragios e impedimentos que não sejam, nem estejam pela parte dos reccorrentes o vence-los, nem se lhes possa imputar em culpa a falta do recurso; nestes casos sempre se continuão as mesmas facultades e se pode uzar dellas, como se não estivesse passado o seu tempo; por ser esta a praxe dos ditos tribunaes e tãobem a mente do Pontifice em semelhantes graças e concessões; porque não quer nem pode querer que os meynos necessarios para o bem da christandade lhe faltem, quando o recurso a sua pessoa tem impedimentos que não procedem da culpa dos missionarios. Supposto isto.

<sup>53</sup> 31. Concede Sua Santidade ao prepozito desta Congregação poder de communicar a seis missionarios de Ceylão as facultades que se contem no decreto seguinte

*Facultates concessae à Santissimo D. N. D. Benedicto Divina Providencia  
Papa XIV Patri Antonio Pereyra Praeposito Congregationis Oratoris Sancti  
Philippi Neris Goae*

1. *Administrandi omnia sacramenta, etiam parochialia, ordine, et confirmatione exceptis, et quoad parochialia in diaecesibus, ubi non erunt episcopi, vel ordinariis, vel eorum vicariis, vel in parochiis, ubi non erunt parochi, vel ubi erunt de eorum licentia. // [p. 428]*

2. *Absolvendi ab haeresi, et apostasia a fide, et a selismate quoscumque etiam ecclesiasticos tam regulares, quam saeculares; non tamen eos, qui ex locis fuerint, ubi sanctum officium exercetur, nisi in locis missionum, in quibus impune grassantur haereses, deliquerint; nec illos qui judicialiter abjuraverint; nisi istinat sint ubi impune grassantur haereses, et post judicialem abjurationem illue reversi in haeresim fuerint relapsi, et hos in foro conscientiae tantum.*

3. *Absolvendi in foro conscientiae tantum ab omnibus, et quibuscumque casibus sedi apostolicae quomodolibet reservatis in locis, in quibus ob distantiam eorum, vel ob alias causas est difficilis recursus ad sedem apostolicam; ubi vero est facilis recursus pro prima vice tantum.*

4. *Absolvendi, et dispensandi à simonio; non tamen reali, nisi dimissis beneficiis, et fructibus ex eis male perceptis arbitrio sanctitatis suae restitutis, si facilis sit recursus ad sedem apostolicam; sivevero difficilis, vel ob distantiam locorum, aut alias causas, etiam in reali dimissis beneficiis; et super fructibus male perceptis iniuncta aliqua elemosina, vel paenitentia salutari arbitrio dispensantis; vel etiam retentis beneficiis, si fuerint parochialia, et non sint, qui parochiis praefii possint.*

<sup>53</sup> Número riscado.

5. *Tenendi et legendi, non tamen aliis concedendi libros haereticorum, vel infidelium, de eorum religione tractantium, ad effectum eos impugnandi, et alios quomodolibet prohibitos, praeter opera Caroli Molinei, Nicolai Macchiavelli, et libros de astrologia judiciaria principaliter; aut incidenter, vel alias quovis modo de ea tractantes, ita tamen, ut libri ex illis non efferantur provinciis.*

6. *Celebrandi missam quocumque loco decenti, etiam subdio, sub terra, una hora ante auroram, et alia post meridiem, bis indie, si necessitas cogat, si tamen in prima missa non sumpserit ablutionem, et super altari portatili, etiam fracto, aut laezo, et sine sanctorum reliquiis, et praesentibus haereticis, aliis que excommunicatis, si alias celebrari non possit, et non sit periculum sacrilegii, dum modo inserviens missae non sit haereticus, vel excommunicatus. Hujusmodi autem facultate // [p. 429] celebrandi bis indie nullatenus uti liceat, nisi rarissime, et justis de causis gravissimis, et urgentissimis, in quo graviter ejus conscientia oneratur, quod si ad praesens, aut in posterum quondocumque aderit episcopus, vel ejus vicarius generalis, aut capitularis, sive vicarius apostolicus, ad cujus diaecesim, seu administrationem pertincant loca, ubi secundo celebrari contigerit, praefata facultas celebrandi nullius prorsus sit roboris, ac momenti, nisi prius praedicto episcopo, aut eo absente ipsius vicario generali, seu respective capitulari, aut apostolico fuerit exhibita, ab eo que examinatae, et approbatae fuerint in scriptis causae ea utendi, nec aliter concessa intelligatur, quam juxta moderationem ab ipso apponendam, et non alias; cujus episcopi, seu vicaris generalis conscientia oneratur, ut non nisi ex urgentissimis causis, ut supra dictum est, et ad breve tempus e a uti permitta. Quam tamen facultatem poterit episcopus, seu vicarius, sita in domino visum fuerit expedire, ad aliud breve tempus pluries, et eadem servata forma, prorogare intra tempus in hac facultate à Sancta Sede concessum, et non ultra.*

7. *Dispensandi, et commutandi vota simplicia etiam castitatis exrationabili causa in alia pia opera, non tamen religionis.*

8. *Dispensandi in foro conscientiae tantum super irregularitate ex delicto occulto proveniente, et non deducto ad forum contentiosum, non tamen ex homicidio voluntario, aut ex bigamia.*

9. *Dispensandi cum pauperibus in tertio, et quarto consanguinitatis simplici, et mixto, et in secundo, tertio, et quarto mixtis; non tamen in secundo solo quoad futura matrimonia; quo vero ad praeterita etiam in secundo solo cum his, qui ab haeresi, vel infidelitate convertuntur ad fidem catholicam, et in praefatus casibus prolem susceptam declarandi legitimam.*

10. *Dispensandi cum pauperibus super impedimento publicae honestatis iustitiae ex spónsalibus proveniente.*

11. *Dispensandi cum pauperibus super impedimento criminis, neutro tamen conjugum machinante, ac restituendi jus petendi debitum amisum.*

12. *Dispensandi cum pauperibus in impedimentis cognationis // [p. 430] spiritualis, praterquam inter levantem, et levatum.*

13. *Hae vero dispensationes matrimoniales, videlicet nona, decima, undecima, et duodecima non concedantur, nisi cum clausula, dum modo mulier rapta non fuerit, vel si rapta fuerit, in potestate rapsoris non existat, et in dispen-*

satione tenor hujusmodi facultatum inseratur cum expressione temporis, ad quod fuerint concessae.

14. *Dispensandi cum gentilibus, et infidelibus plures uxores habentes, ut post conversionem, et baptismum, quam ex illis maluerint, si etiam ipsa fidelis fiat, retinere possint, nisi prima voluerit converti.*

15. *Concedendi indulgentiam plenariam primo conversis ab haeresi, atque etiam fidelibus quibus cumque in articulo mortis, saltem contritis, si confiteri non poterunt.*

16. *Concedendi indulgentiam plenariam in oratione quadraginta horarum ter in anno indicenda diebus bene visis, contritis, et confessis, et sacra comunione refectis, si tamen ex concursu populi, ex expositione santissimi sacramenti nulla probabilis suspicio sit sacrilegis ab haereticis, vel infidelibus, aut magistratuum offensum iri.*

17. *Concedendi singulis domincis, et aliis diebus festis decem annorum indulgentiam iis, qui eorum concionibus intervenerint, et plenariam iis qui praevia sacramentali peccatorum suorum confessione Sacram Eucharistiam sument in festis Natalis Domini, Paschatis, et Assumptionis Beatissimae Virginis.*

18. *Lucrandi sibi easdem indulgentias.*

19. *Singulis<sup>54</sup> secundis feriis non impeditis officio novem lectionum, vel eis impeditis die immediate sequenti celebrando missam de requiem in quocumque altari, etiam portatili liberandi animam secundum eorum intentionem a purgatoris paenis per modum suffragii.*

20. *Deferendi Santissimum Sacramentum occulte ad // [p. 431] infirmos sine lumine, illud que sine eodem retinendi pro eisdem infirmis, in loco tamen decenti, si ab haereticis, aut infidelibus sit periculum sacrilegis.*

21. *Induendi vestibus saecularibus, etiam si fuerint regulares, si aliter vel transire, vel permanere non poterunt in locis missionum.*

22. *Recitandi Rosarium, vel alias preces, si breviarium secundum deferre non poterunt, vel divinum officium ab aliquo legitimum impedimentum recitare non valeant.*

23. *Benedicendi paramenta, et alia utensilia ad sacrificium missae necessaria, ubi non intervenit unctio, et reconciliandi ecclesias pollutas aqua ab episcopo benedicta, et in casu necessitatis etiam aqua ab episcopo non benedicta, hujusmodi que facultatem communicandi simplicibus sacerdotibus.*

24. *Dispensandi cum catholicis super fructibus honorum ecclesiasticorum male perceptis.*

25. *Dispensandi cum eisdem catholicis, ut possint retinere bona ecclesiastica, et fructus ex illis percipere, accepta ab illis promissione de stando iudicio ecclesiae circa eorum restitutionem, cum fieri poterit, illis interim admonitis, ut de dictis fructibus faciant eleemosinam iudicio confessaris in usum religionis, cujus ante haeresim, et schisma erant bona, si ibi adsit illa religio, sin minus in pauperes catholicos, et memores sint bona esse revera ecclesiae.*

<sup>54</sup> Segue-se uma palavra riscada.

26. *Dispensandi quando expedire videbitur super usu carniurn, ovorum, et lacticiniorum tempore jejuniorum, et praesertim quadragesimae.*

27. *Et praedictae facultates gratis, et sine ulla merce de exerceantur, et ad decennium tantum concessae intelligantur.*

*Feria V die 28 Martis 1743*

*In Congregatione Generali Sanctae Romanae, et Universalis Inquisitionis habita in palatio apostolico montis quirinalis coram Santissimo Dominus Noster Dominus Benedicto Divina Providentia Papa XIV, ac Emmis, ac Rmmy. Domini sanctae romanae ecclesiae cardinalibus in tota Republica christiana contra haereticam pravitatem generalibus inquisitoribus a Sanctae Sede // [p. 432] Apostolica<sup>55</sup> specialiter deputatis.*

*Santissimus dominus noster Papa praedictus Patri Antonio Pereyra Praepozito Congregationis Oratorii S. Philippi Neris Goae supradictas facultates ad decennium concessit, ad effectum tantum easdem communicandi sex patribus suae Congregationis in Insula Zeylan missionariis Cardinalum Rufus Episcopus Ostiensis V. Cancellarius. Paulus Antonius Cappellonus Sanctae Romanae, et Universalis Inquisitionis Notarius.*

<sup>56</sup> 22. O mesmo Santissimo Padre Benedicto XIV concedeo ao prepozito desta Congregação poder de comunicar a seis missionarios de Ceylão facultade de dispensar em todo o impedimento do matrimonio, que<sup>57</sup> não for prohibido por direito divino; e por esta nova concessão fica ampliada a facultade nona do decreto acima, em que se não permittia a dispensação em segundo grao simples da consanguinidade para matrimonios futuros, a qual restricção fica tirada pelo decreto novo abaixo, visto o tal segundo grao não ser impedimento de direyto divino.

*Feria 4<sup>a</sup> Die 3 Aprilis 1743*

*Santissimus Dominus Noster Dominus Benedictus Divina Providentia Papa XIV, cui in solita audientia per Reverende Pater Dominus assessorem sancti officii relata fuerunt vota emorum, et Rmmorum. dominorum sanctae romanae ecclesiae cardinalium generalium inquisitorum Patri Antonio Pereyra Praepozito Congregationis S. Philippi Nerii Goae facultatem concessit ad decennium dispensandi super quocumque impedimento matrimoniali de jure divino non prohibito, ad effectum tantum eam communicandi sex patribus suae Congregationis in Insula Zeylan missionariis, ita tamen, ut extra dictam Insulam Zeylan praefata facultate uti nullatenus possint. Paulus Antonius Cappellonus Sanctae Romanae et Universalis Inquisitionis Notarius. // [p. 433]*

<sup>55</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>56</sup> Número riscado.

<sup>57</sup> Segue(m)-se uma(s) palavra(s) riscada(s).

<sup>58</sup>23. O superior dos missionarios de Ceylão tem faculdade, concedida pelo mesmo Santissimo Padre Benedicto XIV, para benzer as coroas que chamão da Santa Brigida e applicar-lhes as indulgencias na forma do decreto seguinte.

*Die 6 Aprilis 1743 ex audientia Sanctissimi*

*Santissimus benigne concessit superiori tantum intro enunciatae missionis facultatem benedicendi coronas, quas Sanctae Birgitha vocant cum applicatione indulgentiarum iisdem addictarum per assertum tantum modo decennium in praefatae missionis partibus distribuendas, servato tamen decreto felicis recordationis Alexandri VII super hujusmodi coronarum distributione, et usu die 6 Februarii 1657 et dito. F. Prodatarius apostolicus sacerdote congregationis indulgentiarum secretarius. // [p. 435]*

*Capitulum*<sup>59</sup> *Quinto*

*Graças e faculdades concedidas aos congregados em utilidade dos proximos*

<sup>60</sup>24. O Santissimo Padre Sixto V em vida de nosso Santo Patriarca Filipe Neri e a instancia delle concedeo a todos os congregados do Oratorio, então em Roma e ao futuro em quaesquer partes existentes, que forem confessores approvados pello ordinario do lugar, faculdade de absolver de quaesquer peccados, crimes, excommunhões, suspensões, interdictos e censuras ainda reservadas a sé apostolica; exceptos, porem, os cazos conteudos na bulla da Cea. Como tãobem commutar em obras pias quaesquer votos; exceptos os da castidade religião e ultramarino<sup>61</sup>. As quaes graças são perpetuas para todas as Congregações do Oratorio de São Filipe Neri em qualquer parte do mundo existentes na forma da bulla, que começa: *Decet Romanum Pontificum*; expedida aos sinco de Setembro de mil quinhentos oitenta e seis, no segundo anno do seu pontificado. *Ibi Philippo, ac nunc, et pro tempore existentibus congregationis hujusmodi ubicunque locorum diffusae praesbyteris, in urbe a dicto vicario, seu extra eam ab ordinariis locorum ad confessiones audiendas quomodo libet approbatis eorum que singulis, quod ipsi perpetuis futuris temporibus omnium, et singulorum Christi fidelium audire, illis que auditis eos á quibus vis excommunicationis, suspensionis, et interdicti, aliis que quibusvis ecclesiasticis sententiis, censuris, et paenis, quavis occasione, vel causa, quomodo libet latis, et per eos incursis, nec non ab omnibus, et singulis eorum peccatis, criminibus, excessibus, ac delictis quantumcunque gravibus et enormibus, etiam in casibus dictae sedi reservatis, vel in posterum reservandis; exceptis tamen contentis in litteris die // [p. 436] canae domini legi consuetis,*

<sup>58</sup> Número riscado.

<sup>59</sup> Riscado: «Vigesimo Segundo».

<sup>60</sup> Número riscado.

<sup>61</sup> Seguem-se cerca de três linhas riscadas.

*absolvere, ac pro commissis paenitentiam salutare eis injungere; nec non vota quaecunque ultramarino visitationis liminum Beatorum Petri, et Pauli apostolorum de urbe, et Sancti Jacobi in Compostella, castitatis que, et religionis votis [duntaxat?] exceptis, in alia paenitentiae, vel pietatis opera commutare et libere et licite valeant, apostolica auctoritate tenore praesentium concedimus, et indulgemus decernentes praesentes litteras nullo unquam tempore revocari suspendi, vel limitari, neque eis derogari posse, nec sub quibusvis similibus, vel dissimilibus gratiarum revocationibus comprehendere.*

<sup>62</sup>25. O Santissimo Padre Clemente XI concedeo aos fieis, que assistirem às missões que fazem os nossos congregados, huma só vez em cada missão, em que contritos e confessados receberem a sagrada communhão e rogarem a Deos pela exaltação da Santa Igreja Romana, paz e concordia dos principes christãos conversão dos infieis e extirpação das heregias, indulgencia plenaria.

<sup>63</sup>26. O Santissimo Padre Benedicto XIII na audiencia de 18 de Novembro de 1726 concedeo indulgencia plenaria perpetua a todos os fieis que no ultimo dia da missão dos nossos congregados, contritos e confessados receberem a santa communhão e a benção papal, que no fim do sermão do tal dia lançar o missionario com o Santo Crucifixo. A qual indulgencia hé para o artigo da morte, isto hé, que os que por então a lucrarem, ficão com o direyto reservado para se lhes remitir toda a pena devida pelos peccados, de que no artigo da morte estiverem verdadeiramente contritos.

<sup>64</sup>27. Tãobem o mesmo Santissimo Padre Benedicto XIII, na audiencia de sete de Janeyro de 1727, concedeo aos nossos sacerdotes congregados faculdade de dar aos moribundos a benção do Santo Crucifixo com indulgencia plenaria no artigo da morte, assim e da maneyra que hé concedida aos padres ministros dos enfermos na Italia e noutros lugares, // [p. 437] aonde há instituto delles. // [p. 441]

*Capitulum*<sup>65</sup> *Sexto*

*Nova missão de dous congregados de Goa para Ceylão. Continua-se o aumento daquella christandade entre continuas perseguições dos hereges Anno 1708*

<sup>66</sup>28. Entramos em anno novo com muita novidade que contar. E se o passado accabey, referindo os aumentos da Congregação, começarey o pre-

<sup>62</sup> Número riscado.

<sup>63</sup> Número riscado.

<sup>64</sup> Número riscado.

<sup>65</sup> Riscado: «Vigessimo Terceiro».

<sup>66</sup> Número riscado.

zente relatando as felicidades da sua missão. Assim aos aumentos da mãe se correspondião os da filha; porque a Congregação sempre estimando por seus os da missão, cuidava nelles tanto como nos proprios. Logo que se vio a Congregação estabelecida com a firmeza e observancia que dezejava; depois de render a Deos as devidas graças pelo beneficio da confirmação apostolica na forma que fica dito; este anno mil setecentos e oytto, o primeiro cuidado seu foy soccorrer a missão com novos operarios e com bom provimento de rozarios, veronicas e imagens, de que mandou dous caixões cheos. Dos muitos que se offerecerão à empresa da missão, forão escolhidos os Padres Ignacio de Almeida e Bazilio Barreto; os quaes, partindo de Goa aos vinte e quatro de Março, só com quinze dias da viagem chegarão a Manapar, porto da Costa da Pescaria, prevenindo-lhes Deos esta consolação no mar, para tolerarem com paciência a tormenta que havião de experimentar em terra.

29. Era Manapar, dominio dos Holandezes, os quaes com a publica confissão da fé feita em Columbo pelos catholicos, estavam tão estimulados contra os nossos padres, que não se satisfazendo de os perseguir em Ceylão, ainda para mais longe se extendia o seu furor; e porque sabião que pela Costa da Pescaria vinhão os nossos missionarios disfarçados para entrarem naquella ilha; nos portos que naquella costa tem, publicarão hum bando, que os naturaes seus vassallos não dessem em suas cazas agazalho a peregrino algum, que viesse em traje secular; para que desta sorte, // [p. 442] vendo-se os missionarios obrigados da necessidade do agazalho a andar em vestido proprio, fossem facilmente conhecidos e ou prezos ou impedidos a não passar avante. Esta ordem se goardava em Manapar com mais rigor; porque o Holandez, que nelle commandava, era herege mais refinado. Dezembarcarão neste porto os nossos padres aos oito de Abril, dia que sendo da alegre Pascoa da Resurreição, foy para elles de muita aflicção, da qual os consolou em parte o Reverendo Padre Jozeph Pereyra, Reytor do Collegio da Companhia de Jesus, agazalhando-os nelle com grande caridade dous dias que foy o mais que poude; porque concorrerão no mesmo <tempo> varios religiosos da mesma Companhia sagrada e na escaceza do tal collegio, não havia commodo para tantos. Postos na rua, sem haver quem os recebesse em sua caza, lhes deparou Deos o favor de hum religioso capucho da povincia da Madre de Deos de Goa, o qual teve modos para impetrar do commendador tres dias de tempo para os nossos peregrinos, com expressa condição que dentro delles ou por mar, ou por terra, havião de sahir de Manapar.

<sup>67</sup> 30. A vista de tanto rigor se rezolverão a passar a Tutucurym em huma limitada barca de dous remos, temendo menos os perigos do mar, que a tirania daquella terra. Nesta viagem os accometeo huma horrivel tempestade, em a qual os dous remos nada podião vogar contra a furia das ondas; e querendo os marinheiros valer-se da vela, apenas foy esta issada para o

<sup>67</sup> Número riscado.

mastro, quando hum furacão a espalhou em migalhas, com que os marinheiros ficarão tão esmorecidos, que não atinarão, nem podião fazer operação de proveito. O vento cada vez soprava mais rijo, as ondas se empolvão mais furiosas e a pobre barca açoutada dellas per vezes se vio proxima de se somergir. Nesta aflicção em que agonizavão todos, começarão os padres <a> encommendar-se a Deos e invocar o soberano patrocínio da Santissima Estrella do mar com a sua // [p. 443] ladainha e salve; logo que a accabarão de rezar, cazo estupendo! De repente cessou o vento, socegarão as ondas, ficou o mar leite the chegarem a surgir em Tutucurim.

<sup>68</sup> 31. Mais de quarenta dias ficarão em Tutucurim parados, sem haver embarcação para os portos de Ceylão; porque era anno da pescaria e todas as embarcações de Chormandel em numero de mais de quinhentas e quarenta, com quazi vinte e sinco mil homens, estavam no trabalho da pesca dos aljofres e o porto de Tutucurym, aonde por então em razão da mesma pescaria estava suspensa a ordem de não agazalhar aos peregrinos, estava cheo e occupadas todas as cazas de innumeravel gente, que concorreo de diversas partes para o negocio dos mesmos aljofres; que só huma ermida do vigario geral do bispado de Cochim, que unicamente estava desoccupada, foy o agazalho em que se accomodarão os nossos dous peregrinos. Lavrava tãobem no mesmo tempo em Tutucurym hum como contagio da evacuação, com que não passava dia sem morte de alguém e o Padre Bazilio Barreto não esteve longe della com o mesmo mal, de que sem duvida o livrou Deos milagrosamente; porque na mayor força delle, depois de não valerem os remedios humanos, quando instava o tempo de embarcar para Ceylão, se achou repentinamente aliviado e livre de tão molestoza enfermidade. Sobre isso, pelo concurso grande da gente todos os viveres erão carissimos e consumindo nelles o dinheiro, que levavão para o seu viatico, se virão obrigados a valer-se das esmolos; mas em todas as suas necessidades experimentavão muy propicia a paternal providencia divina nos promptos soccorros, com que lhes remediava.

<sup>69</sup> 32. No fim de quarenta dias appareceo hum barquinho dos nossos neofitos de Manar, os quaes tendo noticia do desemparo em que ficavão os dous missionarios, os buscarão e dando pressa para se aviarem, sahindo de Tutucurym aos vinte e tres de Mayo, aos vinte e sete do mesmo, que era dia do Espirito Santo, desem // [p. 444] barcarão em Pejale, porto de Manar, aonde os nossos christãos os festejarão com as mais carinhosas demo[n]strações e depois de dous dias de descanso os transportarão para Manttota. Consolou Deos em Manttota aos novos missionarios com o encontro dos Padres Jozeph de Menezes e Pedro Ferrão, que missionavão naquelle districto. Entrado Junho, passarão para Potulão em companhia do Padre Jozeph de Menezes, para onde concorrerão tãobem os Padres Pedro de Saldanha, Manoel de

<sup>68</sup> Número riscado.

<sup>69</sup> Número riscado.

Miranda e Francisco de Jesus, que junto com o Padre Jozeph de Jesus Maria, cuja era então aquella residencia, fazião numero de sete sacerdotes. E esta foy a segunda vez em que se virão juntos sete sacerdotes naquella missão. Como os novos missionarios levavão noticias da confirmação da Congregação e do fallecimento do senhor Rey Dom Pedro segundo, assentarão todos fazer na igreja de Potulão huma pompoza festa em acção de graças a Deos pela bulla da confirmação da confirmação e exequias solemnissimas a Magestade deffunta. Communicou-se aos povos vezinhos e remotos a noticia destas duas funcções que se preparavão, para concorrerem a ellas. A festa foy com novena dedicada a Santissima Virgem Assumpta em contemplação de ser ella patrona e titular da Illustrissima Congregação do Oratorio de Lixboa, da qual, como da mãy emanarão para a de Goa todos os bens. Do asseo com que o Padre Jozeph de Jesus Maria preparou e ornou a igreja, affirmão os missionarios que não vio Ceylão melhor couza. O concurso da gente foy mais que grande, igoalmente para a festa, como para os sacramentos; que como havia tantos sacerdotes, puderão satisfazer a devoção de todos.

33. No dia seguinte da festa se celebrarão as exequias com solemnidade, bastante para encher os olhos. Armou-se huma alta e magestosa essa com muitos cirios e com todos aquelles apparatus funebres, costumados em semelhantes actos; houve tãobem retrato proprio da saudoza Magestade, que se poz no mausoleo, mandando-o vir de Columbo, aonde o tinha hum // [p. 445] Holandes. No sermão que pregou o Padre Jozeph de Menezes lembrou àquelles christãos, quão obrigados estavam aos serenissimos reys de Portugal, cujos vassallos forão por mais de hum seculo, pelo beneficio da luz da fé que communicarão de Occidente a Oriente, com dispendio dos seus erarios; e ainda depois de perder a coroa luzitana <alguns> dos dominios que na India tinha, não cessavão de promover o aumento da christandade, enviando missionarios a varias partes para propagarem a fé catholica. Este discurso commoveo ao auditorio a suspiros, com que anellavão à antiga doce vassalagem e a lagrimas, com que choravão a barbara escravidão prezente.

34. Tratando agora do curso da missão, andavão este anno os missionarios cercados por todas as partes de muitas tribulações, pela cruel e continua perseguição dos hereges; mas por isso mesmo missionavão mais fervorosos. Ao Padre Manoel de Miranda de caminho para Nigumbo nos principios deste anno, andando pelos mattos no escuro da noyte, o goardou Deos de dous evidentes perigos. Foy o primeiro de huma facinorosa cobra, ou para melhor dizer ferocissimo dragão de tão grossa corpulencia, que dous homens o não poderião tomar em pezo; passou por cima della são e salvo, pizando-a sem conhecer o que tinha debaixo dos pes. O segundo foy que depois de escapar da boca da serpente, andando mais adiante, cahio mo<sup>70</sup> [sic] meyo de tres elefantes e hum delles, estando quazi emparelhado com o padre, o deixou

<sup>70</sup> Entenda-se: «no».

hir livre. Podião ser ficçoens do demonio essas carrancas, para amedrontar e divertir ao missionario da missão que hia fazer; mas elle não attribue o successo ao espirito maligno; antes affirma que erão verdadeiras feras. <sup>71</sup>De qualquer modo se verifica a certeza, com que o propheta vaticinou dos servos de Deos. *Super aspidem, et basiliscum ambulabis, et conculcabis leonem, et draconem*<sup>72</sup>. Passando, porem, entre feras tão francamente, não poude parar em Nigumbo espaço que bastasse para tomar menor descanso da grande molestia, com que fizera aquella jornada tão perigoza. Logo // [p. 446] presentirão os hereges a sua entrada e houve alvoroço tão grande, que não se dando o padre por seguro; se meteu na mesma noyte em huma almadia e passou pelo rio a Columbo, para onde o chamava Deos, para consolar àquella afflicta christandade; porque, sem embargo que aquella cidade he praça capital dos Holandezes, aonde he mayor o rigor nas materias da ley; mas entre os mesmos Holandezes hereges tinha o Padre Miranda muitos amigos e dous delles, que erão do Conselho, o favorecião muito e com o favor delles entrava e sahia com menos perigo do que em outros lugares. Esteve nesta cidade largo tempo, sempre escondido e sempre trabalhando de noite na administração dos sacramentos aos fieis e sempre aumentando o rebanho de Christo, com redução de muitos hereges, que nesta missão não poude contar o numero certo dos convertidos pelo aperto e rigor do tempo, que não permittia semelhantes diligencias.

<sup>73</sup>35. Agora he justo satisfazer a hum reparo que pode fazer o leytor; <e hé> que se os hereges em Columbo tanto perseguião aos catholicos, como podia o padre, andando sempre escondido, fazer essas conversoens dos mesmos hereges tão numerosas? Respondo que, como naquellas partes vivem os hereges entre catholicos, aparentados huns com outros e seguem os erros da heregia, semeada pelos predicantes, emquanto não alcanção o contrario; por isso tendo encontro com o padre ou com algum christão que saiba dar-lhes a luz da verdade, facilmente se rendem a ella. Daqui nasce que os catholicos cathequizeão primeiro aos hereges, que são seus parentes e amigos e na confiança do parentesco ou amizade de que serão fieis em ter segredo sobre a estada do padre, os levão a sua prezença para os accabar de convencer. E tem mostrado longa experiencia que pela mayor parte ou quazi todos que chegarão a praticar com os missionarios nas materias da religião, assim naturaes, como europeos, por muy duros e obstinados que fossem nos seus erros, ficarão satisfeitos com as rezoluções catholicas e confessando-se convencidos, abjurarão os erros, em que vivião. Desta sorte muytos Holan- // [p. 447]dezes hereges por meyo de suas mulheres catholicas; e muitas mulheres por meyo dos seus maridos se convertem, sendo sempre necessario o braço do padre, para os accabar de render, mostrando a verdadeira<sup>74</sup>

<sup>71</sup> Psalm. 90.13.

<sup>72</sup> «Sobre a serpente e o basilisco deambulareis e esmagareis o leão e o dragão».

<sup>73</sup> Número riscado.

<sup>74</sup> Segue-se uma letra riscada.

intelligencia das Sagradas Escrituras que segue a Igreja Catholica e a falsa e torcida com que os predicantes os enganão. E he para notar muito a lealdade dos Holandezes, que tendo boa correspondencia com os catholicos, por respeito delles favorecem quanto podem aos missionarios; d[e] outra sorte não seria possivel entre tantos apertos e rigores da justiça, entrar os padres nos dominios dos hereges e missionar nelles, se os mesmos hereges não favorecessem, ora dissimulando, ora positivamente concorrendo.

<sup>75</sup> 36. O Padre Jozeph de Jesus Maria depois de accabar as obrigações da sua residencia de Potulão, foy ajudar ao Padre Pedro Ferrão e lucrou para Deos muitas almas. De caminho foy missionando em Palanganddel, Pulliyamcullão, Varevally, Aripaturé, Nanattan, povoações dos christãos. Em Paranganddel festejou o nascimento da Santissima Virgem Mãe de Deos com concurso de muita gente. Partindo daqui para Vanny chegou a Xetticulão, aldea de gentios bellallas, gente muy presumida de nobre; e vendo o padre que nem hum christão havia nella, para invocar o santo nome de Deos entre tantos que idolatravão ao demonio em desaseis templos, em que ficavão collocados muitos pagodes; movido do zelo da gloria de Deos e da salvação de tantas almas, lhes evangelizou o reyno do ceo. Ouvirão todos com attenção; e hum rapaz de idade de douze annos ficou tão affeioado as razões, que propoz <o padre> que pedia o fizesse logo christão, porque dezejava servir ao verdadeiro Deos. Dependia o bautismo do beneplacito do pay, que era mutecar, isto hé capitão de huma esquadra e do thio, que era patangantym, isto hé governador da aldea; os quaes e os mais anciãos da aldea não assentião na mudança da ley, por motivos que direy abaixo. Pedio-lhes o padre, com importunos rogos, que ao menos dessem a Deos aquelle rapaz, que queria ser christão e tanto instava pelo bautismo; e conseguido o seu applauzo, o instruiu e o bautizou e para mostrar a estimação que delle // [p. 448] fazia, o vestio com suas mãos de hum panno rico a modo da terra; e tendo este successo por auspicio feliz da conversão daquella aldea, passou para Aurecullão, aonde converteo a quatorze pessoas bellallas. Entrou em Vannym para vizitar a Igreja da Senhora do Bom Successo, aonde ficava o Padre Pedro Ferrão e nella implorou com fervorosas orações o patrocínio da Soberana Raynha do Ceo para entrar novamente na empresa de Xetticulão, a qual para se facilitar mais houve do senhor de Vanny, que o he tãobem de todos esses lugares, licença perscrita para os seus vassallos receberem livremente a fé catholica; e com estas prevenções tornou a Xetticulão.

37. Para evitar a confusão que o v[u]lgo costuma cauzar, buscou o Padre Jozeph de Jesus Maria só ao patangantym de Xetticulão e ao mutecar seu irmão; porque convencidos estes, seria facil reduzir a todos os mais. Propoz-lhes novamente as verdades catholicas e mostrou que no gentilismo, em que vivião, se não podião salvar as suas almas. Houve razões de parte a parte e

<sup>75</sup> Número riscado.

ficarão penetrados da luz divina; mas para receberem a nova ley, objectavão quatro inconvenientes. O primeyro, que aquella aldea era de cassadores dos elefantes e sendo christãos ficavão impedidos para sacrificar aos demonios, sem o que não podião cassar. O segundo, que os idolos que adoravão erão muy vingativos, pois querião offertas continuas e, faltando estas, mattavão a seu gado e lhes cauzavão muitos danos. O terceiro, que os gurus ou mestres da sua seyta lhes erão muy onerosos, porque era necessario sustenta-los com frequentes donativos e não sabião que os da nova ley lhes serião talvez mais pezados. O quarto, que erão vassallos do senhor de Vanny, o qual não era christão e lhes poderia extranhar a mudança da ley sem o fazer sabedor. Tudo desfez o missionario e começando pelo ultimo, lhes mostrou a carta por elle firmada, a qual vertida em Portuguez dizia assim «Não só hé bom que os padres andem nas minhas terras; mas antes são uteis e necessarios; pelo que me praz e lhes concedo que andem nellas. No que toca a materia da ley, eu não digo que os meus // [p. 449] vassallos fiquem na mesma que eu professo, se achão que hé boa a que ensinão os padres; porque em materia da salvação cada hum pode escolher o que julgar melhor; comtanto que não haja falta na contribuição dos meus tributos e serviço que devem fazer e dar-me elefantes prezos, como são obrigados e agora que o padre anda cá, prendão dous ou tres e mos mandem». Quanto o terceiro de sustentar aos gurus, disse que tão pouco queria os seus donativos, que era publico em toda a Ilha de Ceylão que os nossos <padres> não procuravão interesse algum; mas antes soccorrião aos pobres com larga mão e a elles faria o mesmo; pois sendo bautizados, os havia de amar como seus filhos. Quanto o temor da vingança dos idolos, a vista de todos os reduziria a pó e cinza e depois de elles assym desfeitos e aniquilados nada terião que temer. E finalmente o bom successo da cassa dos elefantes tanto não dependia de sacrificar aos demonios, que era bastante desengano a experiencia dos christãos, que cassão muytos sem esses sacrificios, do que os gentios que o fazem, o que elles não podião ignorar; pois não distavão muyto de Manttota.

<sup>76</sup> 38. A estas razões rendeo-se <sup>77</sup> o patangantym, <sup>78</sup> rezoluto a abraçar a fé de Jesu[s] Christo com sua mulher e filhos. E Deos começou a chover prodigios para confirmar a pregação do seu ministro. Havia dous annos que padecia aquella terra seca geral, perecendo as sementeiras e faltando agoa the nos poços, de que originarão fome e peste com muita mortandade. Depois de bem instruidos os primeiros <sup>79</sup> convertidos, <sup>80</sup> celebrou o padre o bautismo, chamando a pantagantym Philippe Neri, a sua mulher Maria, ao filho primogenito Jozeph, ao segundo Antonio, ao terceiro Pedro e a huma filha Izabel. Depois do bautismo disse a missa e mandou vir a sua presença

<sup>76</sup> Número riscado.

<sup>77</sup> Seguem algumas palavras riscadas.

<sup>78</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>79</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>80</sup> Seguem algumas palavras riscadas.

todos os idolos, que erão humas moedas de ouro, em que estavam cunhadas as figuras dos demonios, e outras muytas arverias dedicadas a elles e veneradas por deozes; tudo exhibirão fielmente aos pés do padre. Mandou elle preparar huma fogueira e diante de quazi toda a aldea, que concorreo para o spectaculo, entregou ao fogo todas a (*sic*) // [p. 450] aquellas oblatas diabolicas. Era meyo dia em ponto, tempo claro e sereno sem sinal, nem esperança da chuva; mas foy de tanta gloria para o ceo a conversão e o bautismo daquelles neofitos e o incendio em que arderão os idolos, que chorou o ceo lagrimas de<sup>81</sup> alegria e gozo; porque logo no mesmo instante se toldou com huma nuvem densa e se desfez em groço chuveyro de agoa em tanta abundancia, que ficou a terra farta e alagada a sementeira, que mais de hum mez não tinha recebido huma só gotta. E para que se visse que aquella chuva era milagroza para regar, arraygar e fazer cre[s]cer as tenras plantas da fé, plantadas naquelle dia no jardim da igreja, choveo somente naquella povoação de Xetticulão e nada nas circunvezinhas. A vista do que abrirão os olhos os restantes moradores e se rezolverão a seguir o caminho da luz, que Deos lhes mostrava com milagres.

<sup>82</sup>39. Entretanto que os catequistas instroião aos convertidos, começou o padre a expurgar toda aquella aldea de suas antigas immundicias. Arvorou no meyo da povoação huma alta cruz, intitulado a Santa Cruz dos Milagres e para ensinar aos neofitos o culto e reverencia, com que a devião venerar, a adorou prostrando-se ao pé della e o mesmo fizeram elles; daqui passou a expelir aos demonios dos lugares em que habitavão, derribou e queimou desaseis templos e reduzio a pó e cinza idolos sem conta. O de mayor reputação entre aquelles moradores era huma antiquissima e grande arvore de tamarinho, tão supersticiozamente venerada, que era defezo toca-la com a mão. Por aqui começou o missionario a tirar-lhes o medo que tinhão ao demonio, que estava de assento nesta planta. Chegado a ella exorcizou e maldiçoou ao espirito maligno, que morava nella; poz ao redor do tronco algumas cruces e ao pé mandou accender fogo e lançou nelle agoa benta, para que em nomme de Deos obrasse com todo o calor. E tanto que se retirou do sitio della a poucos passos dados para hir a outro lugar; admiravel prodigio! Abrio-se a arvore com estrondozo estallo em duas ametades e cada huma cahio por seu lado, com pasmo e assombro de toda a povoação e indizível // [p. 451] gozo dos bautizados. Foy, sem duvida, effeyto sobrenatural e não da actividade do fogo, que em tão breve tempo não podia penetrar tronco vivo e tão groço. Desta sorte o Padre Jozeph de Jesus Maria arrancou, derribou, queimou e reduzio a cinzas quantas arvores, cazas dedicadas aos demonios, idolos de pao, pedra e metal havia em Xetticullão; e em breves dias a força de repetidos milagres converteo a todos os seus vezinhos. E era para ver e notar a prodigioza demo[n]stração, com que o ceo festejava os

<sup>81</sup> Riscado: «[ta?]».

<sup>82</sup> Número riscado.

bautismos daquelles neofitos; porque logo que accabava o padre de bautizar e dita a missa lançava no fogo os idolos cazeyros que os bautizados entregavão, em continente começava a chover e chovia só naquella ditoza aldea; e isto infallivelmente todos os dias que houve bautismos, que forão sete ou oito.

<sup>83</sup>40. Tãobem succedeo neste mesmo lugar e no mesmo tempo outro cazo bem notavel e foy no primeyro parto de huma mulher das principaes, cujos paes erão<sup>84</sup> gentios; mas ella e o seu marido ja estavam bautizados. Depois de receber o bautismo chegou a hora de parir, padecia dores e não lançava a criança. Os paes a levarão da caza do marido para a sua e fizeram quantas superstiçoens podião, sem nada valer para accabar de parir; antes se foy peyorando; porque a criatura lançou os pés fora do ventre e não accabava de sahir, ficando os pés pendentes por muito tempo; the que as plantas ficarão retorcidas. A mulher estava sem acordo e todos a consideravão proxima de expirar. Esta noticia affligio muyto ao Padre Jozeph de Jesus Maria; porque como ainda restavão alguns gentios que se não querião converter; havião de attribuir este mau successo aos seos deozes e ficar mais pertinazes no seu gentilismo. Foy vizitar a mulher de parto, que ja não dava acordo algum, fez breve oração, rezou sobre ella o Santo Evangelho, lançou agoa benta e encomendando o negocio a Deos, que so podia remediar, sahio em demanda dos idolos que restavão por queimar e quando poz fogo ao primeiro, lhe chegou recado do feliz parto, que succedeo logo atras delle depois de tão evidente perigo, escapando com vida a // [p. 452] may e tãobem o filho que pario. Com este successo se converterão os pays e irmãos daquella mulher e mais huma familia que restava; com que naquella povoação, em que antes não havia hum só christão, começou a flore[s]cer o christianismo, não ficando hum só gentio. Todos tão bem instruidos, que a ultima pessoa bautizada foy huma rapariga de pouco mais de tres annos, a quem a may sempre trazia no collo e ainda lhe dava o peito; e esta em breve tempo (affirma o padre) repetia com tanta destreza e devoção as orações do sinal da Cruz, Padre Nosso, Ave Maria, Salve Rainha, Credo, a confissão<sup>85</sup> e o Decalogo, que lhe parecia hum prodigio.

<sup>86</sup>41. Assim reduzida toda aquella aldea, com conversão de todos os seus moradores, mandou erigir huma ermida dedicada a Santo Antonio. Poz nella hum ermideiro pago a sua custa, com obrigação de ensinar aos meninos ler e escrever; e de fazer os exercicios quotidianos na forma do estilo da missão. Alem desta celebre conversão de Xetticulão, em outros varios lugares em que missionou o Padre Jozeph de Jesus Maria converteo a alguns gentios, os quaes forão mais de setenta.

<sup>83</sup> Número riscado.

<sup>84</sup> Número riscado.

<sup>85</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>86</sup> Número riscado.

<sup>87</sup>42. O Padre Pedro Ferrão em seis povoações do districto de Vanny converteo a cento e oytenta e sinco bellallas gentios; e erigio em cada huma sua ermida. A primeira dedicada a São Felippe Neri; a segunda a São Bartholameo; a terceira ao Arcanjo São Miguel; a quarta a Santo Antonio; a quinta e sexta a soberana raynha dos Anjos e Santos; e da Congregação lhe forão mandadas as imagens para se collocarem nellas. Em cada ermida poz hum catequista por ermideiro com a mesma obrigação acima. O Veneravel Jozeph Vaz, impedido com gravissimos achaques a sahir fora de Candia, não poude no anno presente correr pelas designações dos mais missionarios, como fazia antes; mas dentro da mesma Corte reduzio a hum frances da heregia ao gremio da Igreja. //

<sup>88</sup>43. [p. 453] Fallando agora da perseguição dos hereges, mandarão em Columbo a hum dos seus que, fingindo-se catholico romano, descobrisse aonde ficava o padre. Foy elle buscar a <Nicolao de Moraes>,<sup>89</sup> nosso christão, para que o levasse ou dicesse em cuja caza ficava o missionario; porque havia muito tempo, que se não tinha confessado e dezejava agora este alivio da sua consciencia. O Moraes não entendeu o enredo; nem sabia que naquelles dias estivesse o padre em Columbo; e assim lhe prometeo de o avizar, quando o padre voltasse. Tornou o perfido em outro dia, pedindo ao Moraes que, ja que não podia achar o padre tão depressa como dezejava, ao menos o consolasse, admittindo-o na sua ermida para os exercicios que fazião de noite. O Moraes tinha seu oratorio em caza, chamou-o para elle no tempo que costumavão vir outros; com que o traydor logo que teve seguro de achar em caza do Moraes o oratorio, avizou ao dissava para estar aquella noyte prevenido. Na hora assinalada veo ao oratorio o novo Judas, pos-se de joelhos, fingindo que orava; e levantou-se logo, dizendo que hia buscar hum cirio que tinha prometido a Nossa Senhora; voltou com elle, fazendo avizo ao dissava para o seguir de traz; e com tão desmarcada trayção entregou a Moraes e as imagens sagradas que havia no seu oratorio, nas mãos dos impios. Entrou o dissava e prendeo a Moraes; e proferindo muytas blasfemias contra as divinas imagens, poz fogo a sua caza, em que ardeo tudo quanto nella havia. O valerozo Moraes, com catholica liberdade, defendeo e pugnou pela veneração devida aos santos e as suas imagens, e por esta cauza, que os hereges lhe imputarão em grande culpa, o exterminarão para fora de Ceylão.

<sup>90</sup>44. Em Batecallor, na occasião de huma festa, derão os hereges subitamente na ermida, apanharão as imagens e depois de lhes fazer muitos desacattos, as queimarão em huma fogueira. Em Sitavaca demolirão outra ermida. Em Caymel, depois do repentino assalto, com que anno passado pertenderão prender ao Padre Manoel de Miranda, no presente entra //

<sup>87</sup> Número riscado.

<sup>88</sup> Número riscado.

<sup>89</sup> Riscado: «[Francisco Alvares?]».

<sup>90</sup> Número riscado.

[p. 454]rão a dominar nos moradores daquela povoação, obrigando-os a contribuir-lhes os foros do chão que cultivavão, para que desta sorte fazendo seu aquelle lugar, não pudessem os nossos missionarios considerar-se seguros nelle, nem fazer as funcçoens publicas da nossa santa religião, com assistencia dos christãos de Nigumbo e Columbo, o que os impios não podião levar em paciencia. A varios catholicos que servião cargos de dissava em Jafana, Manttota, Manar e em outros presidios erão officiaes da milicia, lhes tirarão os officios e os proverão nos hereges, que se mostravão mais zelozos da sua impia seyta. E os novos providos, para serem conservados nos mesmos officios, andavão como demonios em roda viva, de dia e de noyte, buscando aos missionarios, apanhando rozarios e quaesquer sinaes da devoção que vião nos catholicos e as imagens que achavão nas suas cazas, procedendo em tudo com desaforada liberdade, que lhes era permittida para opprimirem aos fieis de Christo.

45. E porque os predicantes não erão bem aceytos do v[u]lgo, parecendo aos hereges que andando este officio nos naturaes da terra farião mais fruto, buscarão hum accomodado ao seu intento e lhe derão beca e manteo de advogado curial, com titulo de preponente e faculdade de pregar e bautizar. E para ao diante haver mais preponentes naturaes e doutos e versados nas escrituras e sciencia necessaria para a pregação, instituirão este anno, em Columbo, escola publica do latym para os naturaes, para que depois de aprenderem este idioma, entrassem em outros estudos. Assim andava fervendo no presente anno o furor heretico contra o rebanho de Christo. Mas *mentiri est iniquitas sibi*.<sup>91</sup> Tão pouco fizerão os preponentes naturaes, como os predicantes Holandezes, que com nenhuma persuasão puderão introduzir nos corações dos catholicos os seus erros; e apezar de todas as suas diligencias, entravão os missionarios nos seus dominios e não só administravão os sacramentos aos fieis; <sup>92</sup>mas por meyo destes attrahião e convertião a muytos hereges, cre[s]cendo cada vez o numero dos catholicos ro // [p. 455]manos, huns occultos, outros publicos, todos constantes e firmes na fé, por industria de nossos padres, que não reparavão expor as suas vidas a tantos perigos por acodir a salvação das almas alheas, imitando fielmente aquelle verdadeiro zelo apostolico, com que São Paulo na perseguição dos judeos dizia.<sup>93</sup> *Sed nihil horum vereor, nec facio animam meam pretiosioreme quam me, dum modo consummem cursum meum, et ministerium verbi, quod accepi a domino Jesu, testificari Evangelium gratiae Dei*.<sup>94</sup>

<sup>91</sup> «Mentir é iniquidade contra si próprio».

<sup>92</sup> No original aparece na margem do fólio o seguinte: Anno 1709.

<sup>93</sup> Actor. 20.24.

<sup>94</sup> «Nada receio nem imagino que a minha alma seja mais preciosa do que eu, contanto que ocupe a minha caminhada no ministério da palavra de Deus, que recebi do Senhor Jesus, a testemunhar o Evangelho da graça de Deus».

*Capitulo* <sup>95</sup> *Settimo*

*Merce, que a real grandeza de Dom João V nosso senhor fez à Congregação do Convento do Carmo, que estava dezerto*

Anno 1709

<sup>96</sup>46. Confirmada e estabellecida a Congregação, foy cre[s]cendo em sogeitos que entravão cada anno e quanto se aumentava o numero dos congregados, tanto se fazia estreita a sua habitação; porque o conventinho da Santa Cruz dos Milagres apenas tinha agazalho sufficiente para vinte e sinco pessoas, entrando nesta conta os noviços e os irmãos leigos necessarios para os ministerios temporaes; e não podendo por falta de commodo receber aos que procuravão, cedia em grande detrimento das almas, assym de Ceylão, que cada vez requeria mais operarios para a sua cultura, como para as missões aos fieis, que não erão menos fructuozas; nem a Congregação se achava com cabedaeas para accre[s]centar o edificio. Nestes termos de tanta estreiteza da Congregação ficava vago o convento do Carmo desta Cidade de Goa, fabricado pelos Carmelitas Descalços, da provincia de Italia, aos quaes, por certas razões de estado, mandou el-Rey que se retirassem das terras da sua Coroa, <sup>97</sup>/com declaração que pudessem ficar somente os que fossem vassallos do Papa, e não os que erão das coroas e de nenhuma sorte os Flamengos./ Porque, depois que os missionarios flamengos entrarão na India, sem passar por Portugal, vierão seguindo a elles os Inglezes, Holandezes, que tanto dano cauzarão ao Estado Portuguez, usurpando para si os seus dominios e as utilidades da sua // [p. 456] navegação e comercio. He tãobem sabido que, sendo os Holandezes e Inglezes declarados inimigos dos sacerdotes catholicos romanos; aos Carmelitas porem <sup>98</sup><flamengos> são muy affectos e os permittem, favorecem e sustentão nas suas terras, despojando aos religiosos e missionarios Portuguezes das suas igrejas, somente para as dar a elles, como hé constante terem assim obrado em Bombaym os Inglezes, que excluirão aos franciscanos de tres igrejas e meterão nellas aos Carmelitas Alemães; e em Cochim os Holandezes, negando ao bispo de nosso Real Padroado jur[is]dição nas igrejas vezinhas àquella cidade, a deixão exercer ao bispo de Anganamale, que tãobem he Carmelita. Athe em Ceylão na mayor perseguição, que moveo Henrique Wanrey contra toda aquella christandade, como deixey referida no livro 1 desta historia, capitulo 17, nesse mesmo tempo que o impio Wanrey pertendia expulsar os religiosos da Companhia de Jesus da Costa do Malavar, Travancor, e Pescaria, se tratava muy familiarmente com hum Carmelita, chamado Frey Amando, a quem e a sua provincia de Italia queria dar todas as igrejas dos religiosos Portuguezes, missionarios daquellas costas, como o Illustrissimo Andre Freyre, então

<sup>95</sup> Riscado: «Vigessimo [Quatro?]».

<sup>96</sup> Número riscado.

<sup>97</sup> O texto seguinte até ao final do período encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>98</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

Provincial da provincia do Malavar da Companhia de Jesu[s], ao depois arcebispo eleyto de Cranganor escreveu a Dom Miguel de Almeyda, na carta de dous de Setembro de mil seiscentos e noventa, em que diz.

<sup>99</sup>47. Frey Amando, dizem ser Alemão de nação e por isso amado delles, e dizem ser homem letrado tãobem; mas nesta occazião o mostrara pouco, se se meter na jurisdição, que lhe não pertence. Não posso crer, que seja tedio da nação portugueza, por terem lançado de Goa aos seus frades, visto ser religioso da religião tão santa e reformada. Porem, huma paixão que se não refrea, há sido motivo de mayores males na Igreja de Deos em homens religiosos e de muitas letras; e de ordinario a heregia se reveste da hypocrezia.

<sup>100</sup>48. Quanto as missões, que os Carmelitas da provincia de Italia tem ao presente na India, nenhuma foy fundação sua; // [p. 457] mas todas uzurpadas aos missionarios Portuguezes, que com o seu sangue e vida as fundarão e os Carmelitas se introduzirão nellas violentamente com o favor, em humas partes dos Inglezes e em outras dos Holandezes, o que tudo he tão notorio, como a luz do dia em todo o mundo. A estes tão relevantes motivos accre[s]cia o desemparo em que por muitos annos estava o Convento de Goa, ficando em hum só religioso. E sendo o geral da sua provincia avizado, per vezes, pelo ordinario goano para o prover de religiosos <sup>101</sup>/Portuguezes ou que fossem vassallos do Papa/ que, com a sua assistencia, continuassem no culto divino e satisfizessem aos anniversarios e missas quotidianas, que os cidadãos de Goa fundarão no tal convento, deixando groças rendas, não acodio a estas vozes o padre geral the que no anno mil setecentos e nove, em que a nossa Congregação tomou a posse delle, estava individado em mais de dez mil missas, que ficavão por dizer; nem se achou luz alguma de mais de vinte mil xerafins, que os fieis de Goa entregarão aos religiosos daquelle convento para missas quotidianas e anniversarios, os quaes ou consumirão ou <sup>102</sup><levarão> para Italia, como parece mais certo. Igoalmente sendo a igreja huma das mais bem ornadas da Cidade de Goa, com muytas e ricas pessas de ouro e prata, que os fieis derão ao culto divino; quando, porem, se entregou à Congregação estava tão despida, que todas as pessas que se acharão, entrando na conta huma pequena alampada, dous calices e hum par de galhetas, tudo junto não chegava ao valor de mil xerafins. E claro está que, tendo os moradores de Goa enriquecido aquella igreja para fomento da sua devoção, não podião os Carmelitas<sup>103</sup> despoja-la na forma, que a deixarão nua.

<sup>99</sup> Número riscado.

<sup>100</sup> Número riscado.

<sup>101</sup> O texto seguinte até «Papa» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>102</sup> Palavra riscada.

<sup>103</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>104</sup>49. Por estas e outras razões que não podião estar occultas a Sua Magestade, desde o governo do Vice Rey Conde de Alvor<sup>105</sup> expedio ordens para que os Carmelitas<sup>106</sup> <sup>107</sup>que não fossem portuguezes ou vassallos do Papa/ se retirassem dos seus dominios, alem das geraes para todos os missionarios, que de Europa viessem à India, sem passar por Portugal; mandando juntamente, que os Carmelitas de Portugal fossem povoar os dous conventos,<sup>108</sup> que ficavão em Goa e Dio. No de Dio morava hum só irmão // [p. 458] leigo, por cuja cauza o ordinario o houve por deserto e o deo aos frades de São João de Deos. No de Goa estava unico sacerdote religioso de alta idade, o qual era de nação Portuguez; mas professo na provincia de Italia. Este com os Portuguezes se fazia italiano, não admittindo no convento aos Carmelitas (que alguns de Portugal vierão e voltarão) por não serem da provincia de Italia, cujo era o convento. Mas com os <sup>109</sup><extrangeiros> se fazia portuguez, allegando as ordens reaes, que lhes prohibião estar nas suas terras; nem quiz<sup>110</sup> dar execução a expressa ordem que teve do seu geral para receber ao habito e profissão de sacerdotes aos naturaes de Goa. E desta sorte por longos e dilatados annos esteve o convento em huma só cabeça, sem mais membros que fizessem as funcções da communitate religioza, com grande jactura daquella primeira devoção, com que os fieis concorrerão a fundação e ornato daquelle convento e com total extincção da mayor parte dos anniversarios e missas quotidianas, as quaes constando dos livros terem recebido dos fieis, não ficou clareza dos seus fundos.

<sup>111</sup>50. O que tudo sendo publico em Portugal a tempo que a magestade d[e] el-Rey Dom João V nosso senhor mandava ao vice-rey e arcebispo da India pedir informação do estado do tal convento, para delle dispor o que fosse razão, sabendo desta resolução real o nosso reverendissimo Padre Francisco Pedrozo, representou a Sua Magestade a estreiteza do convento da Congregação e da necessidade extrema que tinha de habitação mais ampla para receber sogeitos bastantes para a nossa missão de Ceylão; à qual representação, attendendo o dito senhor, expedio na monção de mil setecentos e sete ao vice-rei da India a carta seguinte.

<sup>104</sup> Número riscado.

<sup>105</sup> Francisco de Távora, Conde de Alvor, tomou posse do cargo de vice-rei em 12 de Setembro de 1681. Em Novembro de 1683 Goa foi invadida pelos exércitos de Sivagi. O vice-rei, na falta de recursos para aguentar a cidade por mais tempo, entregou a sua defesa a S. Francisco Xavier. Assim surgiu a formalidade de o vice-rei entregar o bastão as santo, no acto de posse. Abertas as vias de sucessão em 13 de Dezembro de 1686, confiou o poder a D. Rodrigo da Costa e regressou ao Reino. Cf. José F. Ferreira Martins, *Crónica dos Vice-Reis e Governadores da Índia*, vol. 1.º, Nova Goa, Imprensa Nacional, 1919, pp. 360-361.

<sup>106</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>107</sup> O texto seguinte até «Papa» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>108</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>109</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>110</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>111</sup> Número riscado.

<sup>112</sup>51. Vice-rey e capitão geral do Estado da India amigo eu el-Rey vos envio muito saudar. Tendo respeito ao que se me representou por parte dos clerigos da Congregação do Oratorio da Santa Cruz dos Milagres, dessa Cidade de Goa, pedindo-me, lhes fizesse merce de lhes mandar dar o convento que está na dita Cidade, que foy dos religiosos Carmelitas Italianos, que mandey // [p. 459] retirar desse Estado; e por me constar que esses clerigos vivem com exemplar procedimento e fazem grande fruto nas missoens. Hey por bem se lhes dê o dito convento e vos ordeno, lho mandeis entregar logo, para viverem nelle e poderem criar os missionarios, que são necessarios para acudir a cultura de tão dilatada seara; e lhes direis de minha parte, que espero, continuem no bom exemplo que dão e no fruto que fazem nas missões, em que não só fazem muito serviço a Deos Nosso Senhor, mas me dão a mim tãobem particular contentamento. Escrita em Lixboa, a dous de Abril de mil setecentos e sete. Rey.

<sup>113</sup>52. O Vice-Rey, que era Caetano de Mello de Castro e acabava no tal anno o seu governo, não tratou da execução desta ordem; porque supposto estimou, se mandasse dar este convento à Congregação, a quem era affecto; porem, devia attensões a outros pertendentes de mayor respeito, que dezeitavam a suspensão dessa ordem, para no entretanto impetrarem nova em contrario, com pretexto de ser aquella habitação util para os soldados doentes do hospital real. O arcebispo primas tãobem recebeu d[e] el-Rey ordem do mesmo theor e na mesma monção; e declarou-se com os nossos padres, que não obstante ella, havia de dar o convento a outros religiosos; e o teria assim executado, se não receasse que o Vice-Rey Dom Rodrigo da Costa que mostrava muito empenho de favorecer em tudo a Congregação, lhe podia e havia de embaraçar o seu intento. Razão porque foy demorando, de sorte que passarão dous annos the que no prezente mandou Sua Magestade novas ordens seguintes.

<sup>114</sup>53. Reverendo em Christo padre arcebispo primaz da India amigo. Eu el-Rey vos envio muito saudar, como aquelle de cujo virtuozo acre[s]centamento muito me prazeria. Pelo que me foy prezente pela vossa informação e do Vice-Rey Caetano de Mello de Castro ordeney por carta de dous de Abril de mil setecentos e sete que o convento, que os Carmelitas Italianos Descalsos de Santa Thereza tinhão na Cidade de Goa e de que os mandey retirar, se entregasse aos clerigos da Congregação do Oratorio da // [p. 460] Santa Cruz dos Milagres, para nelle rezidirem e criarem os missionarios, que são necessarios para acudir a cultura das christandades, em que se portão com singular zelo e grande aproveitamento delles. Nesta monção mando repetir a mesma ordem ao Vice-Rey Dom Rodrigo da

<sup>112</sup> Número riscado.

<sup>113</sup> Número riscado.

<sup>114</sup> Número riscado.

Costa, de que com esta será a copia e vos encomendo que pela vossa parte concorraes com os despachos e o mais de que se necessitar da vossa jurisdição para este effeito. Escrita em Lixboa, a tres de Abril de mil setecentos e nove. Rey.

<sup>115</sup> 54. Em virtude e obediencia desta ordem real passou o arcebispo huma provizão e o vice-rey nomeou ao procurador da Coroa e juiz dos feytos para assistirem ao acto da posse e entrega do convento e dos seus bens, de que houve inventario judicial. Mas porque o mundo na materia da entrega deste convento opinou muytas couzas alheas da verdade; e os Carmelitas Italianos quazi intentarão criminalar a esta Congregação na Sagrada Congregação de Propaganda Fide, attribuindo-lhe a expulsoria dos seus religiosos e affirmando que, com allegação falsa de estar o seu convento abandonado pelos seus religiosos, obteve ordem real para se apossar delle e de todos os seus bens. Donde me pareceo conveniente dar aqui os proprios actos, como tãobem referir o que resultou das diligencias que os taes religiosos fizeram em Roma e em Portugal para serem restetuidos; para que conste a todo o tempo o procedimento da Congregação, que não fez mais que representar a sua necessidade a quem lha podia remedear, sem prejuizo do terceiro, dando para a sua habitação este convento, que estava vago e dezerto antes da Congregação o pertender; e por isso necessariamente se havia de entregar a alguem que satisfizesse as funcções do culto divino, a que os Carmelitas faltavão, por não haver nelle mais que unico religioso sacerdote, decrepito em idade.

#### Provizão do ordinario

<sup>116</sup> 55. Dom Frey Agostinho da Annu[n]ciação por merce de Deos e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Goa, Primas da India e mais partes orientaes, do Conselho de Sua // [p. 461] Magestade, etc. A todos os nossos subditos saude e paz em Jesu[s] Christo, unico e verdadeiro remedio e salvação. Fazemos saber que, sendo obrigação nossa pela dignidade que, ainda que *impar in meritis*,<sup>117</sup> impoz sobre nossos hombros a Igreja Catholica, attender com todo o disvello e zelo, que o culto divino em todas as cazas, igrejas e lugares pios dedicados a tão santo ministerio flore[s]ça e se ministre com a devoção, aceyo e esplendor da sua primeira instituição, fazendo-o observar no seu primeiro fervor e criação, não consentindo que os bens e ministros dos taes lugares se demenuão e se extingão, deixando os lugares sagrados destetuidos com ruina de suas proprias almas e ultrajando os direytos, pertenças e privilegios dos taes lugares, expondo os templos a ultima ruina, motivando com esta relaxação escandalo aos fieis, os quaes

<sup>115</sup> Número riscado.

<sup>116</sup> Número riscado.

<sup>117</sup> «Inferior nos seus méritos».

assistindo com suas esmolas, impondo pensoens em seus proprios bens e instituindo anniversarios e capellas, alimentavão os taes ministros e sustentavão o culto divino, afervorizando aos catholicos e exemplificando aos infieis motivos que lhes facilitem a sua conversão. Constando-nos, porem, legalmente com grande sentimento nosso, que os religiosos Italianos Carmelitas Descalços desempararão o convento sito nesta Cidade de Goa, alienando os bens que puderão, carregando as missas e capellas em outros, que não puderão vender, sem para isso terem facultade, nem licença do prelado ordinario, sendo estas capellas, anniversarios instituidos pelos diocezanos deste arcebisnado, deixando o culto divino por duas vezes com hum só religioso, ficando suspensas as missas, capellas e anniversarios e mais obras pias, a que por instituição dos fieis erão obrigados administrar no dito convento, de cuja relaxação demos por varias vezes conta aos prelados da dita religião, pedindo-lhes com grandes instancias, remetessem religiosos que fizessem communitade e assistissem às obrigações do dito convento. E não forão bastantes as advertencias e instancias feytas aos ditos prelados para suprirem a falta que, tantas vezes, se lhes reprezentou e tornarão a deixar o dito convento ao desemparo, em poder de // [p. 462] hum só religioso, accrescentando-se a queixa pelos desvios que intentarão na segunda vez, que o desempararão, intentando alienar a prata do culto divino, obrigando-os com tão justas queixas, a que uzemos do poder, que em tal cazo nos dá o direyto canonico e a bulla do Santissimo Padre Xisto IV e tãobem o direyto do padroado de Sua Magestade e o direyto real, com que o dito senhor por especial ordem sua expedida em tres de Abril de 1709, havendo-a ja repetida em outras monções, pela qual o dito senhor manda excluir dos seus dominios todos os Carmelitas Italianos Descalços <sup>118</sup>/que não forem vassallos do Papa/ e, por justas razões que lhe serião presentes, ficando o dito convento em tal cazo legitimamente desemparado, correndo por nossa obrigação encomendar o dito convento a alguns religiosos, que assistão ao culto divino e satisfação as pensoens de anniversarios e fundos das capellas, que se achão instituidas no dito convento, não permitindo que o tal convento sirva de uzos profanos, como prohibe a mesma bulla do Santissimo Padre Sixto IV e o direyto canonico expressado no capitulo *cum exeo de excessit. Praelator in 6*, e no capitulo *unic. de religios. do m. in 6*;<sup>119</sup> e havido primeiro consultado com pessoas doutas e timoratas, conformando-nos com o direyto canonico e bullas pontificias e com o direyto do padroado e direyto real de Sua Magestade, vendo que o tal convento não tem bens immoveis, por serem os que possui e deixarão de vender os religiosos italianos fundos dos nossos diocezanos; ordenamos ao nosso reverendo provizor e vigario geral que, puxando pelo inventario juridico de todos os bens moveis do dito convento deserto e destetuido, registando as pensoens annuaes de anniversarios capellas e mais obras pias, a que estiver obrigado o tal convento, o entregue

<sup>118</sup> O texto seguinte até à palavra «Papa» encontra-se escrito na margem do fólio.

<sup>119</sup> Não traduzido por causa das abreviaturas.

juridicamente, conformando-se<sup>120</sup> com a ordem de Sua Magestade ao padre prepozito da Congregação do Oratorio da Santa Cruz dos Milagres, fazendo primeiro escritura publica, em que se obrigarão os prelados e padres da consulta da dita Congregação aceytante a exercer no dito convento o ministerio do culto divino, satisfazendo as obrigações, que dantes estavam impostas no dito convento, exceptuando aquellas cujos bens e fundos venderão os padres italianos, // [p. 463] às quaes não ficarão obrigados senão no cazo em que reduzirem ao convento os<sup>121</sup> taes fundos; ficando juntamente obrigados a fabrica do edificio e mais aceyo e limpeza do culto divino, impondo-se-lhes por obrigação que no cazo em que desempararem o dito convento,<sup>122</sup> o entregarão na mesma forma em que agora o aceytão sem falta dos bens alguns, nem ruina do edificio. E ordenamos a pessoa ou pessoas, a quem de direyto pertencer, cumprão, e goardem esta nossa provizão como nella se contem. Dada em Goa sob o nosso sinal e sello, em vinte e oito de Outubro de mil setecentos e nove arcebispo primas [sinal de cruz] ao sello gratis. O thesoureiro-mor.

Termo da entrega, e posse

<sup>123</sup> 56. Aos dezasseis dias do mez de Novembro de mil setecentos e nove annos, nesta Cidade de Goa, no Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo, aonde veo o Doutor Jozeph da Sylva e Govea, juiz dos feytos da coroa e fazenda de Sua Magestade, que Deos goarde e o Doutor Thomas de Souza Caldeira, procurador da coroa e fazenda e João da Costa, escrivão do crime da corte; e sendo ahy presente o Reverendo Padre Frey Leandro de São Francisco Xavier, lhe foy intimada huma carta de Sua Magestade e huma porteria do Vice- Rey Dom Rodrigo da Costa pelo dito doutor juiz dos feytos e sendo-lhe lida pelo escrivão João da Costa acima nomeado, lhe ordenava o dito senhor, se desse entrega do dito Convento de Nossa Senhora do Monte do Carmo aos reverendos padres clerigos da Congregação do Oratorio da Santa Cruz dos Milagres desta cidade, principalmente ao Reve<[re]>ndo Padre Pedro Paulo, Prepozito da dita Congregação, que presente estava e logo, com effeito, o meterão de posse de todo o dito convento, fazendo-lhe entrega da sacristia e assim do mais corpo do dito convento, pelo qual todo passeou, abrindo e fechando as portas; e tomando a dita posse do dito convento e todas as suas pertenças por dada autual e cível o padre prepozito da dita Congregação tanto quanto em direyto he necessario, se obrigou pela sua Congregação a acudir e satisfazer a todas as obrigações do dito convento, assim espirituaes, como // [p. 464] temporaes e materiaes; e outrosi se lhe derão por entregues todos os bens moveis e de raiz pertencentes ao mesmo convento, dos quaes todos se hão-de fazer inventarios, de que constarão.

<sup>120</sup> Riscado: «[por?]».

<sup>121</sup> Riscado: «[bens?]».

<sup>122</sup> Segue-se uma linha riscada.

<sup>123</sup> Número riscado.

E por o dito Reverendo Padre Frey Leandro de São Francisco Xavier foy dito que, em cumprimento da carta de Sua Magestade e sua ordem e portaria junta passada em sua conformidade, deixava tomar a dita posse, como dito hé; mas que protestava recorrer ao dito senhor sobre a merce que fez deste convento a dita Congregação; e de como a dita posse foy feyta, como dito hé, fiz eu dito escrivão dos feytos este auto de posse e termo, em que se assinou o dito juiz dos feytos, por cuja ordem fiz este e com elle se assinou tãobem o Doutor Thomas de Souza Caldeira, procurador da coroa e o Padre Frey Leandro de São Francisco Xavier e o Padre Pedro Paulo, Prepozito da dita Congregação da Cruz dos Milagres, como tãobem os mais da sua religião, que presentes se acharão na dita posse etc.

<sup>124</sup> 57. Os bens de raiz que se acharão, pertencentes aos fundos das capellas quotidianas e anniversarios, rendião mil duzentos e quarenta e tres xerafins. Destes se devião pagar oitocentos setenta e hum do estipendio das missas e anniversarios fundados nos taes bens. Restavão trezentos e setenta dous xerafins ou, para melhor dizer, nem emprestavão nos primeiros quatro ou sinco annos emquanto viveo o Padre Frey Leandro, a quem dava a Congregação para seus alimentos mezada de desoito xerafins e ao Irmão leigo Frey Lazaro da Paixão, que viveo mais de dez annos, lhe contribuia mezada de doze xerafins; os quaes todos tirados daquelle resto, remane[s]cião dez xerafins para os concertos e reparos ordinarios. E ainda depois do fallecimento de ambos, com que cessarão as mezadas, os sobejos que restão dos redditos das fazendas, satisfeitas as penções das missas quotidianas, que são duas mil cento e setenta e oito por anno e dos anniversarios, tão pouco abrangem para o gasto dos reparos ordinarios da igreja e convento, que outro tanto e ainda mais despense nelles a Congregação. Não fallando nas despezas extraordinarias que fez em levantar o corredor, que olha para o oriente, // [p. 465] o qual tinha só alicesses e a Congregação o poz em ultima perfeição, fazendo officinas baixas e altas capazes de servintia, exaurindo acima de deza<seis> mil xerafins e na reforma do madeiramento da igreja e do convento, que não ha bolir com elle sem dispendio de mil xerafins em cada lanço do claustro. Alem do que se despense no ornato dos altares com o aceyo, com que devemos e costumamos tratar o culto divino, que tudo demanda muito dinheyro, sem que os sobejos dos fundos das cappellas bastem para a metade do que se despense annualmente.

<sup>125</sup> 58. Relato tudo isto, para que veja o mundo quanto errou em julgar que a Congregação ficara rica com a merce que lhe fez Sua Magestade deste convento, que todos cuydavam estar cheo de ouro e prata e abundante de groças rendas, que algum dia terião nelle visto. E tãobem os nossos padres estarião no mesmo pensamento emquanto os desenganasse a experiencia. Hé certo que a merce foy muito rica pelo muito que tem de honorificas as

<sup>124</sup> Número riscado.

<sup>125</sup> Número riscado.

dadivas reaes. Porem, a conveniencia que della rezultou à Congregação, foy <a> unica de achar caza para a sua habitação; mas tão cara que outra qualquer que tomasse <allugada> lhe não custaria quanto dinheyro tem consumido na conservação desta. Em que todo o movel que havia do seu uzo, entrando a famoza livraria, que por estar em caza, cujo tecto era terrado sem cobertura de telha, callou tanta agoa do Inverno, que corrompeo a mayor parte de livros; e assim estes, como os mais aparelhos do convento inventariados e vendidos juridicamente sob hasta publica, importarão menos de mil xerafins, que ficão depositados para os seus donos. Eis ahi a riqueza, e a opulencia do celebre convento.

<sup>126</sup> 59. Mas sendo esta a verdade do facto, que os Carmelitas não podião ignorar; pois ainda que fossem nos annos passados mandados retirar de Goa, não passava anno em que elles ao menos huma vez o não vizitassem; e muy bem havião de ter visto e revisto o miseravel estado em que ficava. Com tudo isto o seu procurador geral em Roma expoz à Sagrada Congregação de Propaganda Fide hum manifesto, dizendo nelle que succedendo casualmente fallecer os religiosos que neste convento habitavão; os padres do Oratorio repre // [p. 466]zentarão no Conselho Ultramarino em Portugal, que ficava dezerto e destetuido de religiosos e com esta allegação falsa obtiverão merce delle, a qual fora confirmada por el Rey com condição de haverem beneplacito de Sua Santidade. Pelo que pedia, que não só se denegasse o tal beneplacito; mas se expedisse hum decreto, mandando aos congregados sahir logo do convento, fazendo entrega delle e de todos os seus bens aos religiosos da sua provincia. Esta era a substancia do requerimento, em o qual fallando da copia das esmolos com que foy o convento fabricado, da excellencia da sua architectura e da abundancia das rendas que possuia, dizia o seguinte na sua propria lingua italiana *Ma perche queste (limosne) furono in tanta abbondanza, havendo lasciato per tal fabrica nell'anno 1632 una sola persona, che fù D. Pietro Mascaregnas, venti mila serafini, che sono scudi diecimila, hebbero modo de fare una fabrica la piu bella, che habbia tutta la religione in detta città. E di piu providdero quel convento, e chiesa non solo di tutti gl'utensili sagri, e profani, má d'un insigne libreria, ed altro in tanta copia, che non puo dar si maggiore in qualunque altro convento ó d'Italia, ó d'altro regno, como chiaramente si reconosce da un inventario fatto nell'anno 1699, dove anco si vedano molti acquisti distabili fatti da medesimi padri, o per via de compre, o per via di lasciate, quali in detto anno 1699, come ivi costa, gli renderono di frutto 2500 serafine, 3 tanghe, e 34 reis, quali ridotti in nostra moneta fanno in circa scudi 1250.*<sup>127</sup>

<sup>126</sup> Número riscado.

<sup>127</sup> «Mas porque estas esmolos foram em tanta abundância (tendo deixado para tal fábrica no ano de 1632 uma só pessoa, que foi D. Pedro de Mascarenhas, 20000 xerafins que são 10000 escudos) tiveram modo de fazer a mais bela fábrica que tenha qualquer religião na dita cidade. E ainda por cima proveram aquele convento e igreja não só de todas as alfaias sagradas e profanas, mas também de uma insigne livraria e outras coisas em tanta cópia que não se acha maior

60. Deste requerimento, em que ficava totalmente occulto o aactual miseravel estado do convento, que tão pobre nos entregarão e só se encarecia tanto a sua abundancia, que nem em Italia, nem em outro reyno se acharia mayor em qualquer convento, foy dada vista ao Reverendissimo Padre João da Goarda, nosso procurador, que então se achava na curia. O qual respondeo que a narrativa do procurador Carmelitano discordava da verdade em muitas circunstancias, das quaes a primeira era que o convento estava destetuido por morte dos religiosos, não o sendo; senão por expulsão delles, // [p. 467] que o motivo que el-Rey teve para os mandar retirar dos seus dominios, elle os sabia e se devia suppor grave e urgente. Que os congregados não tinhão duvida para sahirem do convento que o possuão,<sup>128</sup> como possuiria outra qualquer religião, a quem fosse entregue; porem a sahida delles nada suffragaria ao ingresso dos religiosos Carmelitas; porque não tendo elles expressa ordem real, não serião em Goa admittidos; e por isso devião reccorrer a Sua Magestade, que só lhes podia fazer esta graça. Com esta re[s]posta ficou a Sagrada Congregação satisfeita e mandou por silencio na cauza. Mas não ficarão quietos os Carmelitas; porque desde o anno 1712 the o de 1720 fizerão a el-Rey varios requerimentos; e por que <não> erão diffiridos, se valerão finalmente da authoridade do Papa Clemente XI, que tomou este negocio a peyto e o recommendou com o mayor empenho ao Marques de Abrantes, embaxador na curia, quando voltava para Portugal, com que no anno de 1720 se tornou a debater, entrando muitos e poderozos empenhados a favor dos Carmelitas. Mas sobretudo prevaleceo a diligencia do Reverendissimo Padre Francisco Xavier, Prepozito então da nossa Congregação de Lixboa, o qual na carta de 10 de Abril de 1720 refere o successo pela maneira seguinte.

61. O requerimento do Convento do Carmo dessa cidade hé que foy mais debatido pela incrível oppozição que tem feyto os Carmelitas Italianos e pelo extraordinario empenho com que o Papa e a Congregação da Propaganda procurão que elles sejam restetuidos ao tal convento. O Marquez de Abrantes, embaixador que foy de Portugal em Roma, de lá veo empenhadissimo por esta restetuição, entendendo sem duvida que nella faria a mayor lizonja à Corte Romana. E como este cavalheyro entrou no valimento de Sua Magestade, nelle experimentamos hum grande contrario quanto a este negocio. Ainda assim consegui delle o dar-me palavra de não alterar couza alguma nesta materia emquanto eu fosse prelado. Mas ao depois me foy mostrando algumas cartas do Cardeal Sacripante Secretario de Estado do Papa, em que da parte de Sua Santidade, // [p. 468] com as mais encarecidas expressoens

em qualquer outro convento, quer da Itália, quer de outro reino, como claramente se reconhece por um inventário feito no ano de 1699, aonde também se vêem muitas aquisições imobiliárias feitas pelos mesmos padres, ou por via de compra, ou por via de legado, as quais no ditto ano de 1699, como aí consta, lhe renderam de fruto 2500 xerafins, 3 tangas e 34 réis, que reduzindo à nossa moeda, fazem cerca de 1250 escudos». Agradecemos ao Prof. Doutor Luís Filipe Thomas, a sua disponibilidade em traduzir prontamente este excerto.

<sup>128</sup> Seguem-se duas palavras riscadas.

lhes requeria fizesse restetuir o Convento do Carmo de Goa aos Carmelitas da Congregação de Italia; e para ficarem mais habilitados conseguirão a força de empenhos soberanos, que se lhes desse nesta Corte huma igreja e sitio para fundarem junto della hum conventinho, de que há mezes estão de posse, não obstante a grande oppozição que lhes fez o geral dos Carmelitas da Congregação de Hespanha, que agora hé portuguez e se acha neste reyno, vizitando esta provincia. Reforçou-se com mayor efficacia o empenho, com a chegada a esta Corte do Monsenhor Mezabarba, Patriarca de Alexandria, que o Papa manda para a China por seu legado, e ja partio na nao de Macao no mez passado. E este nas audiencias que teve d[e] el-Rey requireo com as mayores instancias a restetuição dos Carmelitas Italianos a esse convento de Goa. Com empenhos tão excessivos <que> athe o Marquez de Abrantes se<sup>129</sup> desobrigou da palavra que me tinha dado, dizendo-me expressamente que me não fiasse della. Mas com tudo isto me não desanimey, antes trabalhey sempre e fiz as diligencias possiveis em contrario, fiando em Deos e na justiça da cauza que havia de ter vencimento e cuidado que ultimamente o tenho ja conseguido. Porque mandando Sua Magestade fazer, haverá tres semanas, huma junta dos mayores ministros de letras sobre esta materia e prezidindo nella o Marquez de Abrantes, não bastou a sua grande autoridade e extraordinario empenho, para que os ministros votassem contra nós; antes uniformemente consultarão a el-Rey que conservasse os congregados na posse do Convento do Carmo de Goa, que lhes foy dado legitimamente por provizão do arcebispo primas do Oriente, que hé huma quazi sentença; e que se os Carmelitas Italianos tivessem algum requerimento em contrario, o devião fazer diante de tres juizes ecclesiasticos, nomeados por Sua Santidade neste reyno e sem tres sentenças conformes não poderião os congregados ser esbulhados da posse em que estavam do convento. Os ministros que votarão nesta junta forão o secretario de Estado Diogo de Mendonça // [p. 469] Corte Real, o corregedor da justiça Antonio de Basto Pereyra, o procurador da Coroa Francisco Mendes Galvão e o procurador da Fazenda Manoel da Cunha Sardinha. E houve aqui huma circunstancia bem notavel a nosso favor e foy que na mesma junta consultarão a el Rey os mesmos ministros que mandasse logo restetuir, sem mais forma de juizo, aos missionarios de Propaganda outros conventos que tinham nesse Oriente, de que a juizo dos ministros forão expulsos com menos fundamento. Com esta consulta de tão grandes ministros, me segurão, se accomodou Sua Magestade e que tomou ultima resolução, conformando-se em tudo com ella; e tenho por sem duvida, que nesta conformidade se expedirão para a India as ordens necessarias. Pelo que he preciso que Vossa Reverencia esteja de avizo, para que se ou o patriarca de Alexandria ou os Carmelitas Italianos, alguns dos quaes forão em sua companhia, quizerem perturbar aos congregados ou intentarem alguma<sup>130</sup> novidade contra elles nesse Oriente, se defendão com as ordens de

<sup>129</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>130</sup> Segue-se uma palavra riscada.

Sua Magestade e do Senhor Primaz e de nenhum modo se deixem exbulhar da posse legitima em que estão do convento do Carmo, sem ser por via ordinaria e sem estarem inteiramente satisfeitos de todo o genero de despezas que tiverem feyto no tal convento.

62. Em virtude deste consulta, de que deo noticia o Reverendissimo Prepozito de Lixboa, não me consta que se expedissem novas ordens, entendendo talvez que bastavão as antigas, expedidas do theor seguinte ao vice-rey e arcebispo em anno de mil setecentos e doze, quando os Carmelitas começarão a requerer a Sua Magestade, depois da re[s]posta que o Reverendissimo Padre João da Goarda deo em Roma. «Vice-rey e capitão geral do Estado da India amigo. Eu el Rey vos envio muito saudar. Fuy servido resolver que os religiosos Carmelitas Descalsos Italianos fossem expulsos desse Estado, como ja vos mandey participar e que o seu convento de Goa, que elles occupavão, se entregasse aos religiosos da Congregação de São Filippe Neri. E reccorrendo os mesmos religiosos para serem restetuidos ao dito Estado, mandey escuzar o seu requerimento. E porque se poderão expedir algumas // [p. 470] ordens de Roma sobre este particular, vos mando que as não executeis sem primeiro me dar conta, não consentindo, no entretanto, que elles estejam nesse Estado, nem menos no dito convento; antes deveis conservar nelle os religiosos da dita Congregação athe nova ordem minha. Escrita em Lixboa, a 5 de Abril de 1712. Rey.[»]

63. Por todos estes bons successos e por especial beneficio com que a Congregação se reconhece amparada por soberana e Santissima Virgem Senhora do Carmo, que a tomou e protege e favorece debaixo da sua poderosa sombra; lhe tributa obzequiosos cultos, não só tratando do seu templo com todo o aceyo e ornato decente e solemnizando annualmente a sua festa, que hé huma [dab?] do mayor concurso<sup>131</sup> desta cidade; mas tãobem promovendo fervorozamente a sua devoção nos coraçoes dos fieis. E porque a do seu bentinho lhe hé muyto grata, está por industria dos congregados tão propagada nesta cidade e nos seus dstrictos e commarcas, que há aldeas em que se contão muitos centos de confrades do Sagrado Bentinho Carmelitano; sendo para os nossos padres, que tem faculdade para o lançar, huma das mayores occupações, quando missionão por essas aldeas, lançar os bentinhos e dar as absolvições dos tres mezes; havendo muytos congregados que para se propagar mais e mais este obsequio da Santissima Mãy de Deos, fazem dispendio no custo dos bentinhos, que graciosamente distribuem aos fieis que o quizerem receber. E hum padre desta Congregação fez imprimir a sua custa hum compendio dos melhores que the o presente sahirão, de suas indulgencias e o espalhou pelas freguezias, dando a cada igreja hum e tãobem a muitas pessoas particulares, para desta sorte ficar mais publica a noticia do grande thezouro que se pode lucrar dellas e se afervorarem os

<sup>131</sup> Segue-se uma palavra riscada.

fieis nesta utilissima devoção. Muitos religiosos, sacerdotes seculares e fidalgos estão matriculados na Confraria do Carmo desd[e] a publicação desse compendio. Athe o Excellentissimo e // [p. 471] Reverendissimo Dom Frey Lourenço de Santa Maria, Arcebispo Primas deste Oriente, vindo a Igreja do Carmo a instancia do prelado da nossa Congregação e authorizando a festa da Senhora no anno 1746 com missa pontifical, que nella celebrou, recebeo o santo bentinho com grande devoção sua e edificação nossa<sup>132</sup>. Desd[e] o anno 1733 thé o de 1746 se achão matriculados por<sup>133</sup> confrades <sup>134</sup><nos livros da confraria> mais de dezaseis mil pessoas de toda a sorte. E assim esperamos na soberana protecção da Santissima Virgem do Carmo, Senhora Nossa, que assim como recebeo a esta Congregação, assim a conservará sempre debaixo da sombra do seu poderozo amparo; e os congregados animados com este favor continuarão com o mesmo e mayor zello em solicitar e promover o seu culto e veneração, não só nestas partes de Goa; mas ainda nas mais remotas, aonde vão buscar almas para Deos, como o tem feyto na Ilha de Ceylão, erigindo na Igreja de Bolluate huma Irmandade do Santo Bentinho Carmelitano, em a qual se achão alistados principaes Holandezes catholicos de Columbo e Nigumbo, os quaes assim homens, como mulheres tanto se prezão de vestir a sua diviza, que <hé> huma opa branca e sobre ella o bentinho, que justamente fazem della mais estimação que das preciosas golas de ouro e prata, sobre as quaes a trazem vestida.

*Capitulo* <sup>135</sup><Oytavo>

*Prodigiosos successos da missão de Ceylão no mayor fervor da perseguição dos hereges*  
Anno 1709

64. Andavão em Ceylão o ceo e o inferno, cada qual com os seus sequazes declaradamente empenhados em sustentar o seu partido. O ceo com os seus apostolicos ministros por todos os meyoos ainda milagrosos não cessava de exaltar o santo nome de Deos. O inferno com a maligna canalha dos seus parciaes pertendia com novo furor extinguir a fé catholica. Porque vendo os hereges baldadas tantas diligencias antecedentes, com as quaes nunca puderão impedir aos missionarios o ingresso nas suas // [p. 472] terras, nem as conversões que se hião multiplicando; executarão no prezente anno novas hostilidades. Nos arrebaldes da Cidade de Columbo houve no dominio Portuguez huma Igreja do titulo de Nossa Senhora do Livramento;

<sup>132</sup> O arcebispo D. Frei Lourenço de Santa Maria e Melo, franciscano, governou a arquidiocese de 1744 a 1750; realizou frequentes missões e exercicios espirituais, baniu abusos por meio de várias pastorais, restabeleceu as conferências eclesiásticas. Cf. *Memória Histórico-Eclesiástica...*, p. 123.

<sup>133</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>134</sup> Escrito sobre uma(s) palavra(s) riscada(s).

<sup>135</sup> Riscado: «Vigessimo Quinto».

desd[e] a primeira fundação santuario frequentado por muitos beneficios, que Deos fazia por medeação da sua Santissima Mãe que era nelle venerada, como atras se referio de passo. <sup>136</sup>Era esta igreja dos religiosos agostinianos, que recolherão a imagem na entrada dos Holandezes e a conservão no seu Convento de Goa./ Entrados os Holandezes em Ceylão, assim como profanarão todos os lugares sagrados, assim tãobem demolirão aquelle devotissimo templo, não deixando delle mais que vestigios com pequena parte de huma parede. A soberana Senhora do Livramento sem embargo da ruina da sua igreja não largou a antiga posse daquelle lugar, ficando nelle perpetuado o nome do Livramento com a continuação dos mesmos beneficios, com que consolava a todos, que se valião do seu patrocinio. Daqui nasceo que a piedade dos fieis armou sobre aquelles vestigios huma barraca coberta de palha, em a qual hião orar e satisfazer a sua devoção. E a benignissima Mãe da misericordia tanto se pagou deste obsequio tão limitado, que em remuneração delle começou a obrar novos prodigios por meyo das agoas de hum poço, que no mesmo lugar estava e se chamava do Livramento, por ficar mais util que a antiga piscina para todo o genero de enfermidades. Estes benignos influxos sendo publicos em toda aquella dilatada ilha, concorrião de diversas partes não só os fieis de Deos; mas tãobem os infieis pagãos e mouros e athe os mesmos hereges, que não obstante negarem com impudencia igoal a sua perfida impiedade, a veneração justamente devida a soberana, dignissima Mãe de Deos; comtudo por interesse da saude, estimulados com a certeza e evidencia dos continuos prodigios daquelle poço, botica publica e universal para todos, se valião de suas agoas, que experimentavão o mais salutifero e efficaz cordeal. E a benignissima Senhora do Livramento não faltava de livrar aos mesmos inimigos dos seus achaques; para que desta sorte recorrendo ao seu patrocinio, confessassem nas obras a veneração que lhe negavão com as palavras. // [p. 473]

65. O dissava novo de Columbo, como infernal ministro que se não saciava de ultrajar os sinaes e lugares da devoção daquella afflicta christandade, converteo o seu furor diabolico contra a choupana do Livramento. Foy-se a ella em pessoa e mandando-lhe por fogo por tres vezes, mostrou este que temia e respeitava a soberana Mãe do seu creador, não tocando, nem fazendo effeito em materia tão disposta, qual era a palha seca. Mas quando hum elemento tão voraz reprimio a sua actividade para não desacatar a quem por muitos titulos merece obsequios de todas as creaturas; o impio herege, devendo abrir os olhos a tanta luz, ficou mais cego e mais furiozo; e porque o fogo não pegava na palha, mandou arrazar a choupana, ameaçando rigorozas penas a quem fabricasse nova; e passando mais avante a sua maldade, para fazer cessar de todo o concurso da devoção, entulhou o milagroso poço, privando a republica inteira de hum bem tão universalmente util a todos.

<sup>136</sup> O texto seguinte até ao final do período encontra-se escrito na margem do fólio.

66. Neste mesmo lugar do Livramento moravão muitos pobres em suas choupanas por interesse das esmolas, que achavão dos romeiros, que de varias partes concorrião a vizitar os sagrados vestigios. Havia entre elles hum chingalá christão, que há annos cultivava huma horta quazi contigua aos ditos vestigios. Sonhou este huma noyte que via a Senhora do Livramento, a qual lhe ordenava que cavasse em certo lugar da sua horta, aonde acharia huma imagem sua que recolhesse e tratasse com devida veneração. O chingalá fez tão pouco cazo deste avizo celestial, como de outro qualquer sonho. Mas a Senhora repetio as aparições tantas <vezes>, que se rezolveo o homem a fazer experiencia; e hindo com effeito ao lugar que nos sonhos lhe fora mostrado, logo nas primeiras enxadadas deo com o inestimavel thezouro. Era hum caxote, que se suppoem enterrado pelos nossos catholicos na entrada dos Holandezes em Columbo; o qual estava cheo de varias imagens; e entre ellas huma mayor e a mais perfeita, era da Sacratissima Virgem Mãy com o seu menino // [p. 474] Jesus nos braços; não tinha em si carne, nem tinta alguma; mas estava ricamente enjoyada com coroa de ouro, pendentes de preciosas perolas e outros brinquinhos de ouro e aljofares. Havia também no caixote toalhas e panos primorozamente lavrados do serviço da mesma imagem, tudo tão enxuto e são, como se não estivesse mais de quarenta annos debaixo de terra humida, que se molhava com agoa do Inverno rigoroso da India. Tratava aquelle venturozo homem da santa imagem com decencia e devoção; e ella entrou em a sua pobre cozinha como a Arca do Testamento na de Obeddedon; porque em breve tempo a encheo de tantos bens da fortuna, que não cabião nella, nem o homem naquella lugar, que ja lhe era escasso; e por isso mudou a sua moradia de Columbo para Galle, levando consigo o seu thezouro.

<sup>137</sup> 67. Tomou em Galle cazas não [v]ulgares e em hum quarto separado edificou altar preparado com muito asseo e collocou nelle a sagrada imagem, a quem alem dos quotidianos obzequios fazia todos os annos novena com festa, para a qual armava o seu oratorio com pannos e o altar com ramalhetes e muitos cirios e convidava a outros catholicos, que juntos cantavão o terço do roziario e outras devoções, tudo no silencio da noite. Assim passados alguns annos succedeo a perseguição dos hereges contra os catholicos e as sagradas imagens depois da publica confissão da fe. Fazia o devoto chingala a sua annual novena, quando foy denunciado ao commendador de Galle o concurso da gente, que havia em sua caza e o fim, para que se juntavão. Despedio o commendador hum corpo de soldados, que dessem nella de entrepreza. Havia entre officiaes e soldados alguns catholicos; entrarão todos subitamente a tempo, que o oratorio estava cheo de muitos fieis, occupados em cantar e obsequiar a Santissima Mãy de Deos. E sendo que a luz era muita por estarem acezos muitos cirios; mas aos soldados, que entrarão no oratorio succedeo o mesmo que no Egipto, aonde os israelitas gozavão da luz

<sup>137</sup> Número riscado.

do dia no mesmo tempo que os egipcios estavam em trevas palpaveis; porque os soldados e officiaes, que erão hereges não ouvirão o canto quando entravão, nem virão dentro do oratorio mais que escuridão // [p. 475] e trevas; mas os que erão catholicos vião o altar, a imagem milagroza, os cirios acezos, o oratorio ornado, a gente que presente estava e tudo que nelle havia. Tudo calarão os catholicos ouvindo aos hereges, que se queixavão do denunciante, que levantara falso testemunho, que naquella caza não havia oratorio, nem gente; mas tudo era escuro sem luz alguma. E huns e outros sahirão e se forão embora, deixando ao bom cazeiro e a sua devota companhia, admirados do milagre e mais fervorosos no seu santo exercicio.

68. Mas assim com a Rainha do Ceo enriqueceo ao seu devoto e lhe fez outros muitos bens e mostrando-se verdadeiramente Senhora do Livramento, o amparou, defendeo e livrou com tão grande prodigio das mãos dos hereges; assim também castigou com severidade e rigor aos que não goardarão devido respeito a sua milagroza imagem. Porque vindo a fallecer aquelle bom homem sem herdeiros necessarios, ficou a imagem com todas as suas joyas em poder de huma irmã sua; a qual degenerou tanto de bons costumes, que veo a ter deshonesta comunicação com hum moço, amando-o tão cega e desatinadamente, que depois de despender com elle tudo que havia de precioso em caza, se atreveo a tirar os aljofares da imagem milagroza. Dissimulou a benignissima Mãy este primeiro attrevimento; mas quando a má mulher cometteo segundo desacatto, desfazendo a coroa de ouro, que cingia a cabeça da santa imagem, começou a sentir na cabeça propria terribilissimas dores com tão inquieto movimento, que de nenhuma maneyra a podia ter fixa, antes dava com ella em huma parede e outra. Não lhe valerão medicamentos varios para o menor alivio; morreo subita e improvizamente o seu complice; e ella ainda peor; porque sendo naquelle miseravel estado levada para Columbo, falleceo ficando o cadaver coberto de grande quantidade de hediondos bichos, sem haver no corpo chaga, em que na[s]cessem, nem apparecer sinal, donde manasse tamanha turba de sevandijas.

69. Por morte desta infeliz mulher ficou a imagem com hum sobrinho seu, o qual ficou tolhido dos pés na mesma occasião do desgraçado successo da sua thia; talvez porque cooperasse para o mesmo // [p. 476] delicto. Foy elle avizado, em sonhos, que entregasse o caixote com a imagem da Senhora e as mais que nelle havia a Constancia da Sylva, matrona de sangue portuquez, moradora em Columbo, muito pia e constante na religião romana. Não conhecia a ella o moço; mas inquirindo e perguntando encontrou com ella, referio-lhe todo o successo e lhe entregou o sagrado depozito. Fervia neste tempo, que era o anno corrente da nossa historia, a perseguição que estamos referindo, por cuja cauza as imagens divinas por não ficarem seguras na cidade, as escondião os fieis nos mattos. Mas a valeroza Constancia confiada no poder da Rainha do Ceo, desprezando todo o perigo, recebeu em sua caza com muito alvoroço de gozo e devoção o bem que lhe vinha mandado do ceo; e logo experimentou a mayor felicidade que dezejava. Tinha ella hum crioulo da sua especial affeição e vivia muy afflicta pelo ver inclinado

a heresia, porque não obstante ser educado com a sam doutrina da Igreja Catholica Romana; mas desprezando os bons conselhos, que ella sempre lhe dava, se deixou preverter com os erros e enganos dos hereges. Mas tanto que entrou em sua caza a milagroza imagem, começou o errado moço a sentir interiormente tão fortes e efficazes inspirações para se restetuir a sequella e gremio da religião romana, que dezistio da rezolução que tinha tomado de entrar na profana comunhão dos hereges; e na primeira occazião que teve de encontrar com o missionario, que foy o Padre Jacome Gonsalves, que no prezente anno andou em Columbo, abjurou com grande arrependimento os erros hereticos e se reconciliou com a Igreja Catholica; e foy tão amante e familiar dos missionarios, que com muyto desvelo e devoção os ajudava e servia para entrarem e missionarem naquella cidade.

<sup>138</sup>70. Succederão tãobem este anno em Mature saudes milagrozas em muitas pessoas de huma familia que toda se achava doente. Erão hereges bautizados pelos predicantes Holandezes. O pay ensinava escola aos rapazes; mas nos costumes vivia toda a caza no mesmo gentilismo, que seguia antes do bautismo; e deste theor são todos os naturaes de Ceylão bautizados por elles, porque recebem o bautismo por mera cerimonia, ficando tão idolatras como sempre; no que os impios hereges nada reparão, contentando-se, que sendo perguntados // [p. 477] da ley, confessem com a boca ser reformados; ainda que de coração sejam o que forem ou quizerem. E por isso tão cruelmente perseguem ao rebanho de Christo, porque nem com a boca quer faltar a sua santa ley. Todos daquella caza estando doentes e não lhes valendo os remedios naturaes, fizerão os supersticiozos, com os quaes tãobem nada melhorarão. Acazo chegou a aquelle lugar hum ermideyro nosso e, sabendo o que passava em caza do mestre da escola heretica, que lá chamão xattamby, o buscou e lhe disse que pois ja sabia por experiencia, que as superstiçoens gentilicas lhe não prestarão, nem com outros remedios ficavão sãos os seus doentes, lhe prometia remedio prompto, se elle e toda a sua familia se rezolvessem a largar o gentilismo e deixar a heresia e abraçar a ley de verdadeyro Deos. Prometerão todos de ser catholicos romanos e receberão a instrucção do que devião crer e obrar para serem fieis de Christo. O ermideyro não era medico; mas era tão bom christão e tinha em Deos tão grande <fé>, que com ella lançaria os montes de terra para o mar. Com esta confiança unicamente lançou ao pescoço de cada doente o seu roziario; e só com o tacto delle immediatamente ficarão todos sãos. Querião ser bautizados, como são *sub conditione* todos que se convertem da heresia ao gremio da Igreja, por haver não só muyta duvida; mas huma quazi certeza da nullidade do bautismo administrado pelos hereges, que negão a necessidade delle para a salvação. O modo de bautizar tãobem he muy alheo de acção tão pia; porque em huma turba de muytos bautizando lanção huma mão chea de agoa, que a muitos delles não chega a tocar no corpo. Com intento pois de se bautizarem estes hereges e juntamente gentios convertidos mandarão avizo ao

<sup>138</sup> Número riscado.

Padre Jacome Gonsalves; mas quando elle chegou, não houve effeito algum; porque temendo o xattamby que se di[v]ulgasse a sua conversão; e a vinda do padre a sua caza e por outros respeytos mundanos, faltou a Deos a palavra, que lhe tinha dado.

<sup>139</sup>71. Os hereges neste tempo andavão tão alvoraçados contra a christandade, que em todos os seus dominios opprimião aos fieis, de sorte que occupados estes de terror de continuas hostilida // [p. 478]des, que experimentavão, se não atrevião a receber aos missionarios em suas cazas. E querendo os padres destemidamente entrar nas missoens, como todos intentarão e poucos conseguirão na <prezente> occazião, não só os dissuadião, não só os não recebem em suas cazas; mas fogião delles. Em Manar hum apostata inventou nova seyta e achando ao v[u]lgo, que sempre hé amigo de novidade, capaz por sua ignorancia de ser facilmente enganado, a hia introduzindo; não declararão os missionarios, que erros continha esse novo infernal dogma, contentando-se com dizer, que sob color da piedade constava de muitos intoleraveis absurdos. Estas calamidades espirituas e as temporaes de fome e peste, que se dirão ao diante, parece que presagiou o ceo no mesmo Manar, aonde em caza de hum bom christão chamado Martinho Lopes huma imagem da Santissima Virgem Mãe da Misericordia <derramou lagrimas>. Tinha aquelle <homem> essa imagem pintada em hum quadro e aos pés della costumava com toda a sua familia tributar quotidianamente à Soberana Raynha do Ceo o obsequio do seu roziario e outras devoções do seu culto. Hum dia começou a suar toda a imagem a maneyra de quem padece huma grande afflicção; ao depois derramou lagrimas pelos olhos. Protento que justamente se temeo por funestissimo pronostico, como se veo a experimentar e o refirerey logo. Mas agora não posso deixar de dizer que este anno depois do desatino, com que o dissava arrazou a choupana e entulhou o poço da Senhora do Livramento, tomou fogo a caza da polvora no castello de Columbo e neste incendio perdeu a Companhia Holandesa não só muyto dinheyro em polvora e outros materiaes da sua fabrica; mas tãobem muytas vidas dos escravos, que trabalhavão nella e morrerão abrazados.

*Capitulo* <sup>140</sup><Nono>

*Novas conversoens em varios lugares da mesma missão*

Anno 1709

<sup>141</sup>72. Em Dezembro do anno passado depois de estarem // [p. 479] capazes de praticar o idioma da terra os dous novos missionarios Padres Ignacio de Almeyda e Bazilio Barreto, fez o Veneravel Jozeph Vaz, superior e vigario geral da missão nova designação dos lugares, em que no prezente

<sup>139</sup> Número riscado.

<sup>140</sup> Riscado: «Vigessimo Sexto».

<sup>141</sup> Número riscado.

anno havião de trabalhar os missionarios novos e velhos. Ao Padre Manoel de Miranda mudou para a residencia de<sup>142</sup> Potulão, para que tivesse algum descanso depois de tres annos continuos passados entre sustos e temores de tão cruel perseguição dos hereges. O Padre Jacome Gonsalves foy designado para missionar em Columbo. O Padre Jozeph de Jesus Maria em Manttota e Manar. O Padre Pedro de Saldanha foy mandado para Jafanapatão. O Padre Bazilio Barreto para Cottiar, Trincanamale e Batecalor. Ao Padre Ignacio de Almeйда destinou todo o reyno de Candia, excepto a Corte e as suas comarcas, em que ficava o superior. Os Padres Pedro Ferrão e Jozeph de Menezes por cauza da sua indisposição não tiverão residencia propria, deixando no seu arbitrio o trabalho que as suas forças permittissem no lugar, que lhes parecesse mais accomodado pra a convalescença que necessitavão larga.

<sup>143</sup> 73. E começando por Jafana, para onde o Padre Pedro de Saldanha tinha partido nos fins do mesmo Dezembro, entrou naquella península com bom successo e com o mesmo missionou, correndo e discorrendo por todos os lugares, sem lhe escapar o mais retirado; diligencia que foy muito fructuosa; porque descobrio no certão muytos christãos que passavão largos annos sem receber os sacramentos, por cuja falta e da doutrina vivião muy fora do caminho da sua salvação; aos quaes instruiu com todo o cuydado e lhes administrou os sacramentos, detendo-se com elles muitos dias, attendendo mais ao aproveitamento espirital daquellas almas, do que aos descommodos do proprio corpo, que em semelhantes paragens se padecem muytos e grandes. Foy couza admiravel que pudesse este padre andar quazi todo o anno naquella missão, em continuo exercicio; porque excepto o mez de Setembro, que gastou em hir a igreja de Candia, para nella tomar os nove dias de oração em recolhimento debayxo da direcção do Veneravel Jozeph Vaz, de quem era o // [p. 480] mais amado discipulo; todo o mais tempo empregou em beneficio da christandade de Jafana, lidando onze mezes sem dormir de noyte, por ser no dominio heretico, aonde só no silencio da noyte se faz o exercicio da missão. Muyto pode a graça divina, sem a qual não podia a fragilidade do corpo aturar com carga tão pezada. Mas tãoobem deo Deos muito logro a estes apostolicos trabalhos na conversão, e bautismo de quazi mil pessoas, que nesta missão, e no discurso deste anno trouxe o Padre Pedro de Saldanha ao gremio da Igreja.

74. O Padre Jozeph de Jesus Maria em varios lugares da sua designação bautizou este anno a quazi trezentas pessoas. Entrou em Manar e descobrio a pernicioza seyta inventada por hum apostata e achou que havia tres annos se hia propagando por meyo de hum discipulo seu, tão bem arrenegado, que se chamava João. Para arrancar desde raiz do coração do simples [v]ulgo a pernicioza zizania, semeada por aquelle inimigo homem, o buscou para o convencer em publica disputa; e conseguiu tão feliz triumpho, que o ministro

<sup>142</sup> Riscado: «Columbo».

<sup>143</sup> Número riscado.

da maldade não podendo responder a efficacia e evidencia, com que o padre concluia por manifestos erros e intoleraveis absurdos a falsa doutrina que elle tinha ensinado, se vio o miseravel obrigado a render-se por convencido e confessar diante de hum grande concurso dos christãos os seus erros. Com esta diligencia todos, que tinhão assentido a sua doutrina, a abjurarão e detestarão por falsa, impia e heretica; e agradecerão ao padre o beneficio que lhes tinha feyto de os tirar do caminho da perdição, pelo qual se hião precipitando. Nesta missão livrou Deos a este padre de muytos perigos em que se vio, humas vezes no encontro das feras, andando pelos mattos; outras vezes das mãos dos hereges estando nas povoações. Nos caminhos dos mattos de Manttota e Vanny encontrou com os elefantes duas vezes e passou livre sem receber dano algum. Igoalmente no povoado foy visto muytas vezes pelos soldados hereges, que andavão buscando aos missionarios; mas porque estava bem escoltado dos christãos, que o acompanhavão, receando alguma rezistencia, se não deliberarão a prende-lo. Em Manar esteve tão vezinho ao predicante herege, que no mesmo tempo tinha entrado // [p. 481] para semear os seus erros, que não medeava entre ambos mais que huma fragil parede, que dividia as cazas, em que ambos ficavão. Buscou este anno aos seus neofitos de Xetticulão, bautizados no passado com tantos prodigios e vizitou com rigoroso exame a escola dos meninos, de cuja boa educação pendia a conservação daquella christandade; e assim os meninos, como os grandes, achou aproveitados nos exercicios da devoção.

<sup>144</sup> 75. Nem faltou este anno em queimar muytos idolos, porque em hum lugar da sua designação chamado Nogorecullão, convertendo a duas familias de chingalás gentios, entregou ao fogo os idolos, que erão de ouro e se conservavão em suas cazas de tempos antigos. Experimentou nesta occazião grande oppozição dos parentes dos convertidos; porque quando elles ouvirão fallar de que o padre se atrevia a queimar os idolos do seu gentilismo, não acreditavão que houvesse tanto poder debayxo do sol, que tal desacato intentasse, sem em continente ser rebatido pelos seus vingativos deozes, em os quaes não consideravão paciencia para dissimular menor agravo sem promptissima demo[n]stração do castigo. Movidos da curiosidade ou dezejosos de ver executada a vingança, que esperavão infalivel da desemfreada ira dos seus deozes, forão ao lugar deputado para o supplicio, o qual era apartado da povoação; porque dentro della o não permittirão os pagãos. Mas tanto que virão que os idolos nem se defendião do padre, que com publico desprezo os lançou na fogueira, nem do fogo, que sem lhes catar respeito, assim os hia queimando como a outra qualquer materia; levantando horrenda vozeria e com extraordinario furor se arremeterão contra o padre o qual, considerando no perigo em que se via, cuydou ser chegada a sua ultima hora, que seria felicissima, dando a vida em tal occazião e por tão glorioza causa. Mas os pagãos, reprimindo o impeto, começarão a queixar-se, dizendo

<sup>144</sup> Número riscado.

que aquelles idolos forão herança dos seus antigos e huma vez que as duas familias bautizadas os não querião em suas cazas pelos não permitir a ley christam, os devião entregar a elles, que erão do mesmo sangue, para conservarem // [p. 482] na sua descendencia aquelle morgado. Com esta querella forão ao senhor de Vanny, em cujo districto succedeo o cazo, o qual lhes não diffirio, por não achar fundamento na sua allegação; porque se elles tinham direyto nesses idolos, o devião allegar antes do incendio, que lhes não foy occulto.

<sup>145</sup> 76. O Padre Manoel de Miranda, dando ao Prelado da Congregação conta do que obrou este anno, refere o seguinte «Por satisfazer a ordem de Vossa Reverencia, que me manda dar as noticias desta missão, digo que, buscando meyo em tempo que parecia opportuno, entrey em Columbo; e ainda que os christãos de quando em quando se aballavão com o temor das buscas e vigias, que fazião os hereges com a noticia da minha entrada; porque assim como hé impossivel ficar escondida a luz e o calor do sol; ainda que elle se esconda entre nuvens; assim parece impossivel, precipuo<sup>146</sup> em Columbo, ficar escondida a noticia do padre não só aos christãos; mas tãobem aos hereges; e por isso he esta missão a mais trabalhoza e perigoza, que sempre faz ao pobre missionario estar com a alma no papo, sem se poder prometer segurança por mayor socego que veja; antes sempre emquanto lá assiste, está como em hum mar largo, sogeito a muitas tempestades. Mas eu não tinha tanto receyo; porque por modo politico tinha travado amizade particular com quatro Holandezes, que sem embargo de ser hereges me estavam muyto affectos, e me tratavão com particular caridade. Em suas cazas tinha seguro abrigo; e sem sospeita alguma ficava nas occaziões que fosse necessario. Detendo-me pois bastante tempo na dita missão de Columbo, fuy para a de Calaturré, aonde tendo vencido a metade do trabalho, succedeo hum alvorozozinho, com que foy necessario seguir o parecer do prezidente daquella christandade, suspendendo o exercicio por alguns dias. Entretanto tive noticia da nova designação que o Reverendo Padre Superior tinha feyto, em que me coube a residencia de Potulão com penção de ajudar a Nigumbo e tãobem Columbo, quando fosse necessario.

<sup>147</sup> 77. Depois de chegar a esta igreja de Potulão, a primeira couza que fiz, foy hir a Arxettym; porque havia quazi sinco // [p. 483] annos, que não tinha lá entrado padre algum, por os christãos o não quererem levar assim por medo que tinham do commandante daquelle posto, como por sua puzilanimidade. E porque se eu lhes communicasse o intento de hir, mo havião de embaraçar, de subito me embarquey em hum tone (almadia) de peixe e fuy desembarcar de noyte na praya; e por não poder entrar logo na povoação por temor dos elefantes, passey a noyte sobre a area e na madrugada entrey

dentro; e com tres dias de trabalho vency aquella missão, que estava bastante descomposta. Torney a esta igreja (de Potulão) e accabada a Ascensão de Christo, dey outro salto a Arxettym; porque no primeiro me escaparão algumas pessoas; e foy Deos servido dar-me boa occazião; porque o commandante era hido a Columbo; e poude com todo o socego administrar aos fieis os sacramentos, despartey a alguns das occaziões em que vivião, a outros dey de cazar; queimey hum livro de feiticierias, dey ordem para se fazerem tres ermidas e dispuz o modo dos exercicios que nellas devião fazer. Assim em Arxettym, como em Columbo e Calaturré houve muitas conversoens de novo, de que não nos he facil fazer computo. Em Arxettym entre outros foy bautizado hum moço com toda a sua familia, que erão algumas vinte pessoas, o qual mostrou logo muyta firmeza na fé. Seis dias me teve em sua caza; e só de noyte hia para o meu ministerio a humas hortas desviadas da povoação, aonde concorria a gente e havia bom commodo para tudo; e porque hum thio seu, que morava na mesma caza e se não quiz converter, o reprehendia por deixar-me tantos dias em sua caza com perigo de o saberem os Holandezes e vir sobre elle algum trabalho, despedio da sua caza ao tal thio, dizendo que, se tanto temia de estar em companhia do padre, se fosse embora e quando quizesse voltar, ficasse advertido que não havia de uzar em sua caza de couza alguma da gentildade, nem lhe havia de dissimular a communi<ca>ção, que antes tinha com huma escrava sua, a qual detestando a vida passada, estava bautizada. Tãobem em Calaturré se converteo hum europeu herege, de quem antes tinhamos muito medo; e depois de convertido me fez bastante serviço a fim de se conseguir o de Deos. // [p. 484]

<sup>148</sup> 78. O Padre Jacome Gonsalves destinado para missionar em Columbo, entrou naquella cidade na Quaresma deste anno. Logo de caminho em huma aldea nos suburbios reduzio a fé catholica sincoenta pessoas, parte hereges, parte gentios, dos quaes alguns erão principaes moradores, cuja exemplo foy ao diante efficaz para a conversão dos mais. Para entrar a salvo pela porta da cidade se disfarçou em trajo tão vil, que não pudessem os hereges persuadir-se, nem ainda sospeitar que os nossos padres se sogeitassem a andar tão despreziveis. Comtudo o reprezarão na porta, não porque o conhecessem por sacerdote; senão para examinarem, se levava alguma areca, que hé fazenda prohibida e bem apalpado por todos os lados, o deixarão passar. Seguiu-lhe de trás um moço com caxotinho, em cujo fundo ficavão os aparelhos da missa, cobertos por cima com a roupeta de congregado e hia tãobem o seu roziario. Mandarão os goardas abrir o caxote e a primeira couza, com que derão foy o roziario e a roupeta; e permittio Deos que não fossem examinar the o fundo. E vendo estes sinaes foy o caxote levado aos senhores do conselho, entre os quaes hum era catholico e elle despersuadio aos mais, dizendo que tãobem os mouros uzavão de semelhantes continhos e roupas e que deixassem passar ao pobre moço livre. Porem secretamente advertio

<sup>145</sup> Número riscado.

<sup>146</sup> Principalmente.

<sup>147</sup> Número riscado.

<sup>148</sup> Número riscado.

ao padre que tivesse mais cautela com a sua pessoa e fato; e que lhe fizesse merce de avizar aonde o poderia achar para receber os sacramentos; e para que não duvidasse da sua fé, enviou por sinaes certos huma imagem que venerava e o livro de suas devoçoens. Mais de tres mezes esteve missionando dentro de Columbo, não passando dia que não fosse gloriozo a Deos, como elle mesmo afirmou dizendo ao prelado da Congregação na carta de vinte e dous de Mayo deste anno.

<sup>149</sup>79. Não há dia em que não faço serviço de confissoens annuaes e bautismos; e dos adultos que por obedecer a ordem de Vossa Reverencia e conformar-me em tudo com o seu dezejo, mandey contar, diz o meu moço, que são mil e trezentos e afirma que sem errar tem contado por era de cada dia; e me parece // [p. 485] que poucos mais ou menos serião tantos; e hé certo, que raro ou nenhum dia passou depois que entrey nesta missão sem haver conversão, as vezes de vinte pessoas, de trinta, de sincoenta e sempre houve ao menos de huma ou duas. Muitos dos que erão mestres das escolas chingalás se converterão e tãobem alguns mouros e tãobem alguns bramanes e gurus dos gentios e outras pessoas graves. Exercito tres lingoas, portugueza, tamulica e chingalá no confissionario e nas praticas do Evangelho, que cada dia no fim da missa se fazem conforme a diversidade da gente. A Holandezia sey já ler e trabalho por saber entender por arte e dictionario; mas o exercicio della hé raro. Athe qui o Padre Jacome Gonsalves.

<sup>150</sup>80. No discurso desta missão celebrou elle em Columbo a Semana Santa e a festa do Espirito Santo com muito concurso da gente, boa armação e muzica e sobretudo com muito fervor e piedade daquelles christãos, sem o que não era possivel em tempos tão perigozos e no meyo de inimigos tão vigilantes fazer semelhantes actos, ainda no escuro da noyte. Na caza em que se festejou a solemnidade do Espirito Santo, tinha o padre dedicado por oratorio hum quarto asseado e accomodado para as funcções divinas e ordenado que nelle se conservasse luz aceza. Alguns dias antes da dita festa por descuido de se não prover a alampada, ficou apagada. Mas estando assim extincta por largo tempo, começou a sahir de dentro do quarto huma fumaça que, julgando os domesticos por effeito de algum incendio, hindo a ver o successo, virão não sem grande espanto, que a alampada, que estava sem luz, por si mesma se accendia. Assim radicava Deos na fé e fomentava com prodigios a piedade daquelles christãos para tolerarem com constancia os rigores da perseguição.

<sup>151</sup>81. Deixando consolada a christandade de Columbo, partio o Padre Jacome Gonsalves nos principios de Junho ao porto de Galle, tempo em que os christãos estavam muito mal dispostos com parcialidades entre si e con-

<sup>149</sup> Número riscado.

<sup>150</sup> Número riscado.

<sup>151</sup> Número riscado.

tendas com os gentios; e como não vivião em paz, sem a qual o padre <os> não havia de admittir para os sacramentos; por outra parte temião que os gentios ten // [p. 486]do noticia que se lhes não podia occultar da entrada do padre, havião de aproveitar-se da occazião opportuna para a vingança; pois erão inimigos muy oppostos. Desta sorte freneticos contra o medico que os podia curar, não querião que tal padre os fosse buscar. Mas por isso mesmo julgou o Padre Jacome Gonsalves ser a prezente occazião da mayor necessidade; pois quando não pudesse, nem fizesse outra couza, bastante fruto colheria, pacificando e compondo a pernicioza discordia em que vivião. Entrou e começou pelos que erão authores da desunião; e rendidos estes, ficarão os mais compostos com boa paz e concordia. E porque temião os christãos muito que os gentios fizessem alguma denuncia aos hereges, lhes mandou dizer o padre que elle estava naquelle porto fazendo serviço do seu Deos e se elles intentassem alguma trayção por estarem differentes com os christãos, ficassem advertidos que o Deos, a quem servia, sabia tomar satisfação e vingança dos seus agravos e defender aos seus servos. Foy couza prodigioza que nem os gentios, nem os hereges, nem o mesmo predicante, que tudo souberão, fallarão em tal padre, o qual esteve em Galle, missionando mais de tres mezes, em cujo espaço celebrou quatro festas, huma em Junho a Santo Antonio, a segunda em Julho a Nossa Senhora da Ajuda, a terceira em Agosto da glorioza Assumpção da Santissima Virgem Maria e a quarta em Setembro do seu felicissimo na[s]cimento; das quaes fallando, como tãobem das conversoens novas, diz na carta de 18 de Setembro deste anno «Houve concurso extraordinario da gente, muzica, bayles e ainda algum engenho da subida da Senhora. Muita gente tem recebido de novo o santo bautismo».

<sup>152</sup>82. Succederão no discurso desta missão que o Padre Jacome Gonsalves fez em Galle os seguintes prodigios. Estando hum ermideiro perigozamente enfermo com a evacuação de sangue; que lançava por muitos dias, dando-lhe o padre de beber agoa benta, ficou immediatamente são e tão refeito de forças, de que se achava destetuido, que desde logo pode acompanhar ao padre no exercicio da missão. Igoalmente huma matrona, que era mulher do prezidente da ermida, que padecia febres por largo tempo, ficou livre // [p. 487] dellas só com a agoa benta que o mesmo padre lhe deo de beber. Outra mulher bautizada por ministro herege tinha huma belida que lhe cobria todo o olho; depois de reduzida esta ao gremio da Igreja e vindo a ermida para receber o bautismo *sub conditione*, compadecido o padre da disforme lezão do olho, lançou nelle a agoa benta, com que se cortou a belida e ficou com vista perfeita.

<sup>153</sup>83. O Padre Jozeph de Menezes na ermida de Allombil, em que passou quazi todo o anno, lidando com repetidas molestias, bautizou a sincoenta gentios. O Padre Ignacio de Almeyda em varios lugares fora da Corte;

<sup>152</sup> Número riscado.

<sup>153</sup> Número riscado.

mas dentro do reyno de Candia converteo a mais de sincoenta. O Padre Bazilio Barreto na sua designação de Cottiar reduzio a fé só a hum adulto. Finalmente o Veneravel Jozeph Vaz, que ficava na Corte, entre continuas e repetidas enfermidades que padecia humas sobre outras, tanto não cuydava nos remedios de recuperar a saude do seu corpo, quanto nos da salvação das almas dos proximos; por esta cauza, foy duas vezes a distancias longas, das quaes huma foy de dous dias de caminho para administrar os sacramentos a dous moribundos. E no discurso deste anno dentro da corte converteo e bautizou a trinta pessoas.

*Capitulo*<sup>154</sup> *Deçimo*<sup>155</sup>

*Dilata-se a christandade de Ceylão na mayor consternação da peste, fome e guerra, que padeceo no anno de 1710*

1710

<sup>156</sup>84. Muito que contar na variedade de prosperos e adversos successos, muito que sentir nas afflicções da christandade e muito que louvar a Deos nas novas conversões e prodigios, com que exaltava o seu santo nomme em Ceylão, temos neste capitulo.<sup>157</sup> Foy o anno 1710 o mais funesto para os moradores de Ceylão; mas tãobem o mais gloriozo para Deos. Experimentarão os homens este anno peste, fome e guerra, que são os mayores males tempo // [p. 488]raes. A guerra tanto mais cruel por ser intestina, dos hereges contra os afflictos catholicos, aos quaes perseguirão e maltratarão por todos os modos. A peste e a fome tiverão sua origem na falta que houve da chuva nos dous annos antecedentes, com que ficarão os elementos descompostos e corruptos e produzirão diversas sortes de contagios, com que houve mortandade nunca vista. Mas neste mesmo tempo, em que se experimentavão tantos males corporaes, os espirituaes bens da graça chovia Deos em muita abundancia, aumentando o seu rebanho no ceo e na terra. No ceo com as almas dos fieis, que falleção com muita contrição e verdadeyro arrependimento; pois ainda naquelles lugares aonde a vigilancia dos hereges não dava entrada aos missionarios, affirmão estes que todos os moribundos fallecerão, suspirando pelas salutiferas agoas das fontes do Salvador, que são os sacramentos e sabendo que não era possivel aos ministros evangelicos acodir-lhes naquella extrema necessidade, clamavão ao ceo, fazião o acto da contrição a vozes e pedião com lagrimas mizericordia a Deos, claros indicios da verdadeira penitencia. Assim levava Deos de terra para o ceo aquellas almas. E para não ficar demenuto na terra o seu rebanho, reduzia novas ao gremio da sua militante

<sup>154</sup> Riscado: «Vigesimo».

<sup>155</sup> A palavra «deçimo» encontra-se escrita sobre «setimo».

<sup>156</sup> Número riscado.

<sup>157</sup> Segue-se uma linha riscada.

Igreja. Começando pois a referir com individuação o lastimozo successo da peste e fome, fallarey com expressas palavras do Padre Pedro Ferrão que, pela maneyra seguinte, descreveo aquelle<sup>158</sup> [sic] lamentavel catastrophe.

<sup>159</sup>85. Dous annos não choveo em varias partes de Ceylão, com que os vargeiros tiverão grande perda; e por falta do mantimento entrou a caristia e fome. No primeiro, que foy de 1708, não sentirão os moradores tanto a falta, quanto no segundo; porque no primeiro forão soccorridos e ajudados dos mantimentos da costa dos Maravás e Chormandel, terras vezinhas a este Ceylão; porem no segundo anno, por meus peccados, houve tãobem falta nas ditas costas, com que se levantou huma grande caristia em ambas // [p. 489] as partes. Nesta fome e caristia os moradores de Manttota se valerão de huns grãos, colhidos e cahidos das hervas, que as formigas, como criaturas industrias, tinham deixado para o seu sustento, recolhendo-os nas fendas e aberturas das vargeas e lagoas, que estavam secas; os quaes grãos se tiravão, cavando a terra e se achavão em humas covas e aberturas huma medida (quantidade bastante para o jantar de duas pessoas); em outras meya, em outras duas. E com este sustento passarão os ricos e pobres mais de treze mezes, aproveytando-se mais de cem pessoas de huma só lagoa; e da mesma sorte os mais moradores; e não há duvida que este mantimento não hé nocivo; e serve para fazer apas (bolos) e outros comeres que se fazem de arroz. Eu tãobem provey deste sustento e pareceo-me muy gostozo. Os moradores da beyra-mar se sustentavão de huns grãos redondos a modo de feijoens, que nascem dentro da terra nas raizes de humas hervas, os quaes tiravão colhendo e peneyrando o barro. Tãobem este mantimento hé bom e sustancial. Outros se valerão de huns inhames, nascidos nos mattos, que supposto são gostozos, sendo cozidos; mas custava muito trabalho para os tirar. E este foy sustento de alguns. Outros se valião das folhas das hervas<sup>160</sup> e passavão com ellas esta mizeravel vida. Isto foy no Verão. E no Inverno se sustentarão os pobres de huns bredos, que nascião nas bordas das lagoas e tanques e bastantes pessoas se sustentavão destes bredos, sem outra couza alguma, cozendo-os em agua e sal. E desta mesma qualidade não faltão nesta ilha outros sustentos, que a Providencia Divina tem creado para nos soccorrer em nossas necessidades.

<sup>161</sup>86. Depois de ter faltado agoa duas invernadas, o anno passado no mez de Novembro começou o Inverno forte e rijo; e a innundação das agoas fez quebrar os vallados das lagoas em varias partes; e os vargeiros colherão tres novidades, huma de sorodio, e outras duas de chuva temporam, que choveo no Verão; mas antes de se colherem as novidades cre[s]ceo a caristia e fome com tal excesso, que veo a valer o arroz huma medida a huma tanga

<sup>158</sup> Entenda-se: «aquela».

<sup>159</sup> Número riscado.

<sup>160</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>161</sup> Número riscado.

(secenta reis). Estando nestes termos a fome e a carístia com a esperança da boa novidade // [p. 490] das vargeas semeadas, foy Deos Nosso Senhor servido mandar aos moradores huma doença a modo da peste, com que os homens são com hum dia da febre e cursos expiravão. E morrerão muytos com esta doença, outros padecerão inchaço e falleção por falta de sustento e cura. E sobre estas duas doenças entrou tãobem a peste de beixigas, que tem deixado huma aldea de Manar, chamada Carcel despovoada; e o bayrro Travocotte destruido sem caza alguma; porque permittio Deos Nosso Senhor por meus peccados, que morressem algumas familias inteiras sem ficar pessoa para a successão. Tão grande foy o rigor e o cutello da peste, que fez enterrar os mortos nas cazas, nos mattos e nos mesmos lugares cahião desfallecidos; com que todo o Manar ja hoje he cemeterio dos mortos. E estas mortes me tem cauzado grande lastima, por succederem sem nós podermos acodir-lhes nestes trabalhos. O mesmo rigor da peste experimentou a christandade de Manttota. Em Jafanapatão fez muito estrago e mortandade, que ficavão os cadaveres cahidos nas ruas, nas praças e em outros lugares, por não haver pessoas para lhes dar sepultura.

<sup>162</sup>87. Não bastando este castigo, foy Deos servido de fazer retirar os operarios dos lugares apestados; porque nestes tempos cre[s]ceo mais a perturbação, pesquisa e diligencia dos ministros hereticos que fazião para apanharem aos operarios, buscando para isso varios meynos. E sabendo os christãos estes rigores, largarão aos operarios por falta de animo e da segurança de sua parte. Dos trabalhos pessoaes dos operarios, despezas e gastos que fizeram na fome e peste para sublevar as necessidades que os moradores padecião graves e extremas e os modos com que se houverão para acodir aos christãos, não relato para não dar lugar à vangloria e estimação propria; só digo que nesta ilha não há couza que não sejam trabalhos para os missionarios; porque tudo fatigas, perseguiçoens, canceyras, molestias, enfados, doenças e sobresaltos, etc. Athe qui o Padre Pedro Ferrão.

88. Não só em Manar, Manttota e Jafanapatão; tãobem em outros lugares do dominio Holandez lavrou o contagio das beixagas e morreo muyta gente. A perseguição que fizeram // [p. 491] este anno os hereges foy a mais terrivel; porque reforçarão o empenho, applicando as mais exactas diligencias e vigias em todos os caminhos, em todas as passagens, em todas as ruas e tãobem em todas as portas dos christãos e occasião houve que, ao pé de cada janella que cahia para a rua, ficavão espalhados os soldados, de sorte que afirma o Padre Jacome Gonsalvez que a multidão militar, com que em Columbo estavam sitiadas as cazas, para se dar busca nellas e tirar as imagens e rozarios e prender ao missionario, era bastante poder para se avançar a mais bem goarnecida praça. Porque ainda que não havia bateria de fogo, não faltava incendio, em <que> se queimavão os rozarios e imagens

sagradas; nem faltou escala, com que arrombavão as portas; pancadas e prições, com que maltratavão aos catholicos, tudo erão terrores, tudo espantos, tudo espadas, tudo arcabuzes, fervendo nas ruas os soldados em batalhões armados; e fallando em proprios termos com que se explicou o dito padre a vigilancia, com que o buscavão. «Tiverão quazi certeza da caza em que eu ficava e a cercarão por diante e por detrás. Cercarão tãobem as cazas vezinhas, pondo lascarins (soldados) em cada porta e cada janella; cada canto da rua, lascarins. A rua toda chea de lascarins, em toda a praya lascarins para me não escapar por algum tone (almadia); nas portas dobrados lascarins; nos caminhos direytos e atravessados lascarins; nas hortas espalhados os lascarins. Ah meu Deos, em que afflicção estarião os christãos com o susto e temor de ser eu apanhado?[»]

<sup>163</sup>89. Mas no mayor fervor desta vigia e perseguição escapou o padre quazi milagrozamente; porque da caza em que estava por todos os lados sitiado passou de noyte trepando a cerca do quintal a outra, que era de hum principal Holandez herege; mas a sua mulher catholica; ella o recebo e escondeo em hum jardim e dahy em hum soto escuro, aonde por hum buraco lhe administrava o alimento. E porque não era conveniente ficar em hum só lugar; mudava-se de caza em caza; e em huma occasião foy visto dos soldados e sem embargo de estarem instroidos em todos os sinaes, que o padre tinha muitos e por elles ser facilmente conhecido; mas os sol // [p. 492] dados ou o não conhecerão, ou talvez Deos os cegou para que nem o vissem. Oito dias andou desta sorte, mudando lugares emquanto se visse fora das vigias, que a cada passo encontrava. Ao passar pela porta<sup>164</sup> do castello, aonde esteve todo aquelle tempo; hia adiante o seu moço com os aparelhos da missa; vigiavão o quarto hum cabo da esquadra e dous soldados, todos europeos catholicos; que os hereges dormião; derão busca no caxotinho dos aparelhos e reprehenderão ao moço, porque se expunha a tanto perigo, mandarão recado ao padre que vinha detras, que passasse sem receo; mas tivesse ao diante mais cautela e lhes mandasse dizer aonde havia de ficar na noyte seguinte; porque a mulher do cabo da esquadra se queria confessar e tãobem tinha hum filho para ser bautizado. Dali por diante acompanhado de huns chingalas, parte christãos, parte gentios, deixando os aparelhos da missa escondidos, andando sete dias por caminhos atravessados, escapou das mãos dos hereges. Nesta retirada o consolou Deos com novas conversoens, que fez em duas aldeas, bautizando em huma a doze chingalás gentios e em outra a dez. De sorte que no mesmo tempo que os hereges não querião nas suas terras a fé catholica e por isso perseguião aos missionarios e aos christãos; os gentios amparavão aos missionarios, recebem a fé e se convertião ao gremio da Igreja.

<sup>162</sup> Número riscado.

<sup>163</sup> Número riscado.

<sup>164</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>165</sup>90. Nos mais destrictos dos hereges não erão menores as molestias que padecião os catholicos; porque a maligna turba dos proponentes novamente instituidos era huma dos demonios viziveis, cujo officio fazião muy bem, mostrando-se os mais empenhados em preverter aos catholicos; entrãvã nas suas cazas violentamente, apanhavão e desacatavão as imagens, proferião as suas infernaes propoziçoens e não assentindo a ellas os nossos christãos, allegavão seus textos e dizião que ou allegassem outros em contrario, ou recebessem a doutrina que elles ensinavão, sob pena de serem castigados, se faltassem a huma destas duas propostas. E porque o pobre [v]ulgo não sabia de textos, nem assentia a doutrina heretica, os prendião e maltratavão com palavras e obras. E esta vexação continuada por muito tempo, claro esta que foy a mais tirana e perigoza perseguição. // [p. 493] Porem, com todas estas diligencias nunca colherão os hereges mais fruto que a sua propria confuzão. Não houve hum só christão que negasse a fé. Muitos havia que fogião do encontro dos predicantes e preponentes; muitos dezer-tarão as suas cazas e fazendas e se passarão para as terras de Candia, donde os Holandezes fizerão varios requerimentos para que o Rey os mandasse lançar fora. Muytos se desviavão dos mesmos missionarios, não querendo que entrassem em suas cazas e não poucas vezes negando-lhes a porta; por se não sogeitarem às penas fulminadas contra os que lhes dessem agazalho. Mas chegados ao ultimo trance da questão da fe, ahy não havia negativos; antes com heroica rezolução se declaravão catholicos romanos, sogeitando-se a todo o mau tratamento da prizão, exterminio, perda dos bens, incendio das cazas, multa de dinheiro, depozição dos officios e continuas mofas e escarneos que padecerão cada hum a parte que<sup>166</sup> de semelhantes penas lhe coube.

<sup>167</sup>91. Por onde diria eu que a peste e fome, com que morrerão este anno os nossos christãos de Ceylão, não foy castigo com que <Deos> os punisse; senão crisol em que os purificou, para nelles cumprir a palavra dada por Christo no Santo Evangelho, de que a todo aquelle que o confessar diante dos homens, o confessará elle no ceo na prezença do seu Eterno Padre.<sup>168</sup> *Omnis ergo, qui confitebitur me eorum hominibus; confitebor et ego eum eoram patre meo, qui in caelis est.*<sup>169</sup> Tendo pois esses fieis confessado com tanta constancia o santo nomme de Jesu[s] Christo e sustentado a <sua> ley, padecendo por cauza della tão continuada perseguição dos hereges, mandou a peste e fome, para os levar de terra ao ceo e nelle os confessar por seus fieis na prezença do seu Eterno Padre.

<sup>165</sup> Número riscado.

<sup>166</sup> Riscado: «lh».

<sup>167</sup> Número riscado.

<sup>168</sup> Math. 10.32.

<sup>169</sup> «Todo aquele que me confessar diante dos homens, eu o cofessarei na presença do meu Pai, que está nos céus».

<sup>170</sup>92. Fallando agora do fruto que colherão os missionarios, foy copiozo no numero das almas que este anno agregarão ao gremio da Igreja. O Padre Jacome Gonsalvez em Columbo e nos mais lugares da sua designação bautizou a seiscentas vinte e tres pessoas; e Deos lhe assistio com particular providencia em alguns cazos, especialmente de dous demonios, hum que estava // [p. 494] no corpo de hum homem e outro no de huma rapariga. O que andava na rapariga era mais inquieto; porque na caza, em que ella morava e nas do seu quintal fazia estrondo tão medonho, que trazia perturbada toda a vizinhança; mas hum e outro obedeceo ao imperio do ministro de Deos. Missionando em Calaturre o mesmo padre, temião muito os christãos que hum addapanar (cabeça da aldea), herege que tinha antes feito algumas denuncias contra os christãos, desse ao commandante noticia do padre; porque naquella occazião o andava buscando e inquirindo, em cuja caza ficava? E vindo os christãos communicar ao padre as diligencias do addapanar, para estar com mais cautela; o padre lhes respondeo, não com espirito profetico; mas somente para os consolar, que as diligencias do addapanar podia ser, que fossem, para se reduzir a fé catholica. E na verdade para este mesmo fim se dirigião ellas; de que tendo o padre por outra via noticia certa, o foy buscar em sua caza; aonde elle prostrado aos pes do missionario detestou os erros hereticos e recebeo o bautismo e os mais sacramentos, declarando que havia tempos que Deos o tinha allumiado e de coração estava convertido e com grandes ancias buscava ao padre, não para o delatar aos herege[s], senão para abjurar as suas heregias. Esta conversão foy mui util; assim por ficarem os christãos livres do temor e receyo que tinhão sempre deste homem;<sup>171</sup> como porque, sendo elle pessoa tão principal, era muy efficaz o seu exemplo para os christãos ficarem mais firmes na fé e os infieis se converterem a ella; e muito mais porque, vendo como Deos pode tão facilmente mudar os corações e fazer de perseguidores apóstolos, tivessem em Deos firme confiança e não temessem a perseguição dos hereges.

<sup>172</sup>93. Outro cazo mais notavel no mesmo destricto de Calaturre. Havia nelle huma aldea a mais retirada, em que moravão alguns christãos, cuja noticia nunca teve o padre; mas andando de aldea em aldea, fez Deos que chegasse a aquella, cujos moradores ficavão muytos annos sem sacramentos; porque nenhum dos nossos missionarios tinha descoberto aquelle retiro; entre // [p. 495] outros estava nessa aldea huma mulher tão chea de annos, que a mesma os não saberia contar. Fora bautizada em tempo dos Portuguezes; e desd[e] a intrusão dos Holandezes não tinha visto cara de sacerdote algum; mas nunca perdeo a fé; antes suspirava anciozamente pelos sacramentos; e parece que Deos lhe conservava a vida, para satisfazer aos

<sup>170</sup> Número riscado.

<sup>171</sup> Riscado: «[pore?]».

<sup>172</sup> Número riscado.

seus pios desejos; os quaes vio este anno bem logrados e logo que recebeu os sacramentos, se desprendeo do corpo o seu espirito com sinaes da sua predestinação.

<sup>173</sup> 94. O Padre Manoel de Miranda, tendo em Potulão noticia de que em Calpetym, lugar dos hereges, aonde moravão quatrocentos christãos, havia sinco annos, não tinha entrado missionario algum;<sup>174</sup> nem aquelles christãos o procurarão, por temor da perseguição; expondo-se a todo o perigo, os foy buscar e porque naquella colonia moravão Holandezes hereges, em cujas mãos podia cahir facilmente, procurou modos de ter corellação com o commandante e com mimos que lhe fez, conseguiu muy<sup>175</sup> estreya amizade e com o seguro della vizitou muytas vezes este anno aquella christandade e a aumentou com a conversão de mais trezentas pessoas. Lavrava então em Calpetym o contagio das beixigas; e os christãos como ovelhas que tantos annos estiverão sem pastor, enganados pelos gentios se curavão com remedios supersticiozos de que, tendo noticia este missionario, atalhou o mal do peccado, extranhando com tanta severidade que os delinquentes, arrependidos da culpa, publicamente prometerão de não reincidir nella; e foy verdadeira a sua emenda. Em huma das missoens publicou-se entre os hereges a entrada do Padre Miranda em Calpetym; e hum filho do commandante lhe foy com o alvitre, talvez cuidando que achasse as alviçaras da boa nova que levava; mas recebeu da mão do seu pay huma bofetada muy bem dada, com advertencia de que ao diante não fosse atrevido em inquirir e fallar couzas que lhe não tocavão.

<sup>176</sup> 95. O Padre Pedro de Saldanha que, desprezando o perigo da rigorosa perseguição heretica, entrou em Jafana nos ultimos mezes deste anno, não só acodia com indizivel zelo aos christãos // [p. 496] doentes e sãos; mas tãobem buscava aos infieis para lhes pregar as verdades catholicas, com que converteo a mais de oitocentos. O Padre Bazilio Barreto nos mattos de Cottiar applicou-se com muito cuydado à instrucção dos catholicos, que necessitavão muyto com assistencia mais frequente do missionario; visto que outros padres<sup>177</sup> não acharão nos annos antecedentes tempo opportuno para esta diligencia, com que ficarão bem doutrinados os Cottiaenses; nem faltou de evangelizar aos gentios, dos quaes bautizou a trinta e sinco. O Padre Ignacio de Almeyda, andando na sua vastissima designação de Sitavata e reyno de Candia, aumentou a christandade com mais de cem infieis, que trouxe ao gremio da Igreja. O Padre Jozeph de Menezes na Ermida de

<sup>173</sup> Número riscado.

<sup>174</sup> Ou Calpitiya, povoação no extremo Norte da península adjacente à lagoa de Puttalam, cerca de 200 quilómetros a Norte de Colombo.

<sup>175</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>176</sup> Número riscado.

<sup>177</sup> Seguem-se duas palavras riscadas.

Allambil sem embargo de padecer este anno as mais rigorozas enfermidades, com que per vezes chegou as portas da morte; mas os breves intervallos da saude que Deos lhe dava, os tornava muito gloriozos para o mesmo Deos, trazendo ao conhecimento do seu santo nomme a mais de cem idolatras. O Veneravel Jozeph Vaz, como luz proxima de se apagar, resplandecia este anno na corte de Candia com mayor claridade. Estava em estado tão dolorozo, que em cada membro do corpo padecia cruelissimas dores; sobretudo na cabeça, nos ouvidos e nos queixos, de sorte que não podia fallar, nem ouvir fallar alto. Algum tempo esteve tolhido das mãos e pés. Comtudo, para fallar de Deos tinha o espirito tão valente e para andar pregando os pes tão vigorozos que, arrimado a hum bordão, corria pelas ruas da cidade, buscando almas para Deos e forão secenta as convertidas.

<sup>178</sup> 96. Finalmente o Padre Jozeph de Jesus Maria consagrou ao culto divino huma aldea inteira chamada Pulliyacullão, habitada toda de gente bellalla, primeira na nobreza de Ceylão e de toda a Costa do Malavar, Travancor e Chormandel. Era<sup>179</sup> centro do gentilismo sem haver hum só christão; tornou em santuario do christianismo, sem ficar hum só gentio. Custou muito trabalho ao missionario esta conversão e para consegui-lo com feliz successo valeo muito Philippe Neri Patangantym, de Xetticulão, convertido // [p. 497] no anno 1708, com os prodigios que referi no capitulo 6 deste livro. Derribou e queimou nesta aldea seis cazas dedicadas aos demonios com muitos idolos de paos, pedras e tãobem alguns de ouro. Com o dinheiro que importou de ouro dos idolos derretidos, mandou comprar roupas e deo de vestir aos neofitos. Arvorou no meyo da povoação huma magestoza cruz, erigio ermida com titulo da Senhora da Conceição, poz cathequista com cartilhas da doutrina, em lingua do paiz, para a boa instrucção daquella christandade. Missionando este padre em outros varios lugares do senhorio de Vannym, multiplicou aquella christandade com a conversão de duzentas e sincoenta e oito pessoas novamente bautizadas; de cujo numero foy hum tavagym, isto hé, homem que no gentilismo professa vida penitente, que na lingua indostana se chama saneassy o qual, conhecendo que aquella inutil penitencia lhe não podia valer para a salvação eterna, com melhor conselho buscou a verdadeira que ensina a santa ley da graça. Andava este homem por muito tempo doente com febre continua, sem lhe valer remedio; mas no dia em que foy bautizado pelo Padre Jozeph de Jesus Maria igoalmente recebeu a saude da alma, como <a> do corpo, ficando com tão feliz successo confirmado na fé e muy agradecido a Deos por tantos beneficios.

<sup>178</sup> Número riscado.

<sup>179</sup> Riscado: «[p?]».

*Capitulo Undecimo*  
*Observancia regular da Congregação*  
Anno 1710

<sup>180</sup>97. Sendo certo que o formal e substancial da Congregação não consiste na multidão de congregados doutos e sabios, nem no aumento das cazas e menos na abundancia das rendas; senão no bom procedimento e virtude e vida exemplar dos congregados, a qual principalmente depende da boa observancia dos estatutos e regras; porque quanto mais fervorosa e verde for a observancia, tanto serão os observantes mais aproveitados no espirito e na perfeição da vida christam. O que hé tão certo, que nenhuma couza hé necessaria nas clauzulas regulares para flore[s]cerem na santidade, mais que // [p. 498] observar inteiramente a santa regra, em que são fundadas. Para dar de conhecer a observancia que há na nossa Congregação, direy duas palavras que, sendo bastantes para fazerem as clauzuras bem reguladas, bastarão pelo consequente para se saber o fervor, que nellas há. São estas a penitencia, com que o superior castiga aos transgressores e o silencio bem praticado pelos subditos. A differença entre a clauzura relaxada e observante não consiste só em que naquella se não observa a regra e nesta não se cometem faltas; porque, depois do peccado de Adão no estado prezente da nossa natureza corrupta e inclinada para todo o mal, não pode haver religião ou congregação tão fervorosa e santa, que nella faltem totalmente os defeytos e transgressões das suas regras. Baste o exemplo do apostolado de Christo, que foy a primeira congregação, modello e forma que imitarão os santos fundadores das sagradas religioens. E não havendo no collegio apostolico mais que doze homens, escolhidos de entre milhares e disciplinados com a doutrina da sabedoria encarnada, tendo por superior e mestre ao santo dos santos, Christo Jesus, unicamente digno de se chamar mestre da perfeição, que ensinava com palavras e obras santissimas; comtudo, succedião cazos que bem necessitavão de ser extranhados e severamente reprehendidos; porque havia contendas, indignações, pertenções de mayorias; e até houve hum apostolo que vendeo ao mesmo mestre, outro que o negou e todos que o deseparão na sua mayor afflicção, com perigo de se extinguir aquella sagrada congregação, se a efficacia da divina graça não reconduzisse aos congregados que andavão dispersos. Somos de natureza fragil, inconstante no bem e muy propensa para o mal; por onde hé eterna verdade que o justo cahe sete vezes no dia.

98<sup>181</sup>. Mas no meyo desses defeytos, faltas e transgressões ordinarias que, attenta a humana fragilidade, parecem necessarias, pode haver em qualquer congregação boa observancia, como havia na dos apostolos; e haverá então certamente quando nos superiores houver boa vigilancia e zelo de corregir, reprehender e castigar aos defeituozos. Porque as leys, não se diz que estão

<sup>180</sup> Número riscado.

<sup>181</sup> Número riscado.

em verde ob // [p. 499]servancia, porque os subditos as goardão sem quebras; senão porque os superiores não dissimulão as transgressoens dellas, como pelo contrario perdem o seu vigor as leys humanas e entra a relaxação nas clauzuras quando se falta ao castigo que merecem os transgressores; porque, por isso mesmo que a omissão ou commissão culpavel deixão os superiores passar sem devida demo[n]stração da pena, ficão as leys humanas derrogadas *per non usum, vel per usum in contrarium*.<sup>182</sup>

<sup>183</sup>99. Donde não posso afirmar que na nossa Congregação não há defeitos, faltas e transgressões que, por fragilidade humana, comete este e aquelle congregado; porque, ainda que todos fossem muito santos, sempre são sogeitos a tropessar algumas vezes; e por isso devo confessar com o apostolo São Tiago. *In multis offendimus omnes*;<sup>184</sup> humas vezes faltando ao que a regra manda, outras vezes fazendo o que ella prohibe. E sem embargo que essas omissões e commissoens bem podem não ser culpa, nem venial; pois os nossos estatutos nos não obrigão debaixo da culpa, nem venial. Mas por isso mesmo, porque os subditos não estão ligados com o temor da culpa, há por divina bondade nos superiores zelo da pena, com que punem e castigão e fazem estar sempre em verde observancia os santos estatutos e regras. E nesta parte posso afirmar com toda a verdade que semelhantes culpas, que podem abrir porta à relaxação, não dissimulão os nossos superiores sem devida penitencia. E ainda os mesmos subditos, antes de entrar o superior com a sua jur[is]dição, se accuzão a si mesmos, confessando-as sem desculpas, não só ao superior; mas de ordem sua na prezença de toda a comunidade e recebem a penitencia, que ordinariamente hé a mais conducente ao proveytamento do espirito da humildade, qual he beijar os pes a comunidade, comer no chão, comer de esmola pedida no refeitorio, prostrar-se no lugar por onde passa a comunidade e outras semelhantes.

<sup>185</sup>100. Tãobem os superiores não facilitão as dispensaçoens por cauzas que não forem legitimas e bastantes para não haver escandalo do dispensante e dispensado; donde rezulta serem as // [p. 500] petiçoens para a dispensa muy raras. E para que conste melhor o rigor da nossa observancia referirey hum só cazo. Desd[e] o principio desta Congregação se observa nella não se conceder aos congregados quotidiano uzo de vinho, nem em moderada quantidade que bem se podia permitir, sem encontrar aos estatutos que o não prohibem; e ainda em outras comunidades muy reformadas e santas se dá no refeitorio a razão de vinho. E sem embargo que os medicos julgarão ser essa bebida não só util; mas necessaria a respeito de varios sogeitos, huns achacados, outros velhos; comtudo the o prezente anno de mil setecentos quarenta e seis, em que escrevo, se não tem faltado a esta observancia, assim

<sup>182</sup> «Não pelo uso ou pelo uso ao contrário».

<sup>183</sup> Número riscado.

<sup>184</sup> «Em muitas coisas todos nós erramos».

<sup>185</sup> Número riscado.

porque os mesmos achacados e velhos, ainda com o seu discommodo não querem abrir a porta à relaxação do que tão louvavelmente introduzirão os antigos; como porque os superiores zelão tanto no vigor desta proibição, que quem contra ella obrasse seria castigado com a mesma severidade, com que seria extranhada a mayor culpa que contra os estatutos se pode cometer.

<sup>186</sup>101. Desta sorte as orações de manhã e de tarde, a disciplina nas segundas, quartas e sextas feiras, os jejuns nas sextas e sabbados e no Advento, fora os do preceito da Igreja, os exames da consciencia de noyte, as conferencias spiritual e moral, os nove dias dos exercicios annuos, a frequencia dos sacramentos em dias santos aos irmãos, a missa quotidiana aos sacerdotes e tudo que a Regra manda em ordem a reformação interior dos congregados, está em o seu primitivo e verde vigor em commum e no particular. Antes ha algumas observancias mais estreitas e rigorozas do que nos estatutos se encommendão; como são os *misereres* sempre cantados, de sorte que dura a disciplina espaço de hum quarto de hora. E nas sextas feiras, Advento e Quaresma hé ainda mais larga; porque o canto he mais pauzado. O ponto da meditação, que antes do exame da consciencia de noyte deve o sogeito nomeado para cada semana dar para a oração da manhã seguinte, hé entre nos huma boa pratica espiritual, para a qual a som da campa se // [p. 501] ajunta no oratorio toda a comunidade.

<sup>187</sup>102. A segunda couza que conduz e ajuda muito a boa observancia, para se conservar em fervor, hé o silencio, o qual no nosso Convento da Santa Cruz dos Milagres hé assaz notavel e notado. Já atras toquey de passo neste ponto, referindo quantas vezes o Illustrissimo Arcebispo Dom Frey Agostinho da Annunciação entrava e excepto o porteyro, que ficava goardando a portaria, não ouvia voz, nem via pessoa nos corredores. Aos homens seculares foy sempre materia de grande edificacão ver esta caza, sendo habitada, tão silencioza, como se fora dezerta, fazendo daqui bom conceito dos seus moradores e chegando a dizer que morava Deos aonde não se ouvia a voz dos homens; sentença em que estiverão os antigos ermitães, dos quaes affirma São Hieronymo que com summa diligencia observavão o silencio, para sahirem aproveitados na contemplação e nas mais virtudes.<sup>188</sup> E ainda hum moderno religioso muy espiritual dizia que o meyo mais efficaz para se reformar hum convento e ainda huma religião inteira era a exacta observancia do silencio. A santidade do sitio do Monte de Boavista, que Christo Nosso Senhor santificou com a sua prezença, apparecendo visivelmente tres vezes na Santa Cruz dos Milagres e o retiro do lugar ajudão muito para o silencio, recolhimento e devoção.

<sup>186</sup> Número riscado.

<sup>187</sup> Número riscado.

<sup>188</sup> D. Hieronimo In Reg. Monac. Cap. 22.

<sup>189</sup>103. Nas horas da quiete e recreação, em que os nossos congregados depois do jantar e cea costumão estar juntos na parla, não se admittem nella materias alheas do espirito; porque não só nos dias perscritos para as conferencias espiritual e moral; mas tãobem em outros sempre se pratica em cazos da consciencia e exemplos espirituaes. E porque são differentes os locutorios conforme o estado das pessoas, os estudantes que andão nos geraes, questionão nas materias da sua faculdade, aonde ordinariamente lhes prezide ou o seu mestre ou o padre que está designado, para sobste-tuir as vezes delles. Os humanistas gramaticão nas regras do latim, syllabas, versos, etc. Na parla dos noviços tudo hé fallar de Deos e dos seus santos. Os irmãos leigos que nestes lugares não cabem, tem ainda melhor occupa-ção; porque de noyte depois da cea assistem e dirigem aos moços do serviço, cantando // [p. 502] com elles o terço do roزاری, ladainha e salve da Santis-sima Virgem Maria, Mãy de Deos, na sua capella do corredor debaixo, aonde se lhe fazem algumas novenas e festas com assistencia da comunidade. E neste santo exercicio imitão os bons irmãos, dos quaes hum foy o author delles e se chamava Bernardo Coutinho, imitão aos anjos, cujo officio hé sempre cantar e louvar a Deos de dia e de noyte. Desta sorte ainda estando juntos os congregados não se dá lugar e occazião de resvalar a lingua em ociozidades; porque as praticas sempre são honestas e uteis. E fora deste tempo cada qual no seu cubiculo, para não dar entrada as sugestoes do demonio, supponho que sempre falla com Deos. Assim como depois do dia do juizo não ha-de haver para as almas mais que hum de dous lugares, ou no ceo com Deos, ou no inferno com o demonio, assim parece na presente vida para os homens solitarios. Porque da solidão dizia São Hieronymo que lhe parecia parayzo na terra. *Mihi solitudo paradysus est.*<sup>190</sup> E bem sabemos o que succedeo no parayso terreal a nossa mãy Eva que, porque não quiz estar só com Deos, topou com o demonio, que lhe tornou o parayzo em inferno, que foy o peccado que lhe suggerio.

<sup>191</sup>104. Tratando agora do nosso noviciado, ainda que nelle não há aquelle rigor de obras exterios, que penalizão o corpo e em algumas reli-gioens santas se praticão, por serem muy conducentes para o exercicio da humildade; comtudo não hé menos rigorozo por respeito dos muitos exercicios espirituaes, que tem particulares do noviciado alem dos communs, a que são igoalmente obrigados os nossos noviços. Tem duas orações mentaes, que fazem huma no corpo da manhã e outra de tarde, precedendo a ellas meya hora da lição espiritual, a que assiste o mestre. Tem de mais o exercicio da mortificação dos sentidos repartido pelos dias da semana, o qual praticão todos alem das mortificaçoens particulares, que o mestre ou lhes concede ou manda, conforme julgar conveniente para o seu aproveitamento;

<sup>189</sup> Número riscado.

<sup>190</sup> «Para mim a solidão é um paraíso».

<sup>191</sup> Número riscado.

nem lhes faltão os trabalhos e serviços exteriores para se criarem em espirito da humildade, para cujo fim vão a hora sinalada servir na ministra e na cozinha, aonde lavão a louça, varrem, armão o refeitório e fazem outros // [p. 503] semelhantes actos. Servem tãobem huns a outros, lavando os pés e assistindo nas enfermidades com todo o ministerio the despejar os vasos. Vivem em total abstracção de todo o commercio dos extranhos; e ainda com os domesticos não tem mais communicação que a precisa de se achar juntos nos actos da communidade ou de ajudar as missas; sem se lhes permitir fallar com pessoa de fora do noviciado sem urgentissima necessidade. Não podem fazer obra alguma, nem ainda beber hum trago de agoa sem expressa licença; finalmente vivem em tão rigoroso silencio e retiro que, excepto os actos communs e o tempo de moderada recreação, não devem estar fora dos seus cubiculos, nem fallar entre si. Isto hé o que toca a observancia, que respeita ao aproveitamento dos congregados, que hé o primeiro fim do nosso instituto.

<sup>192</sup>105. Mas como alem deste temos pelo mesmo instituto a obrigação de procurar a salvação dos proximos, para satisfazer a esta, se empregão os congregados em varios ministerios. O primeiro hé do confissionario de caza, não só em dias solemnes, mas ordinariamente. O segundo hé a direcção dos exercicios espirituales de nove dias e que são admitidos dentro da nossa clauzura todos que os quizerem ter, assistindo-lhes a Congregação com cama, meza, moço para o serviço e com todo o commodo necessario *gratis pro Deo*.<sup>193</sup> E não são poucos assim ecclesiasticos, como leigos os que se aproveitão desta, que podemos chamar fonte patente na caza de Deos para todos que quizerem beber das suas salutiferas agoas. <sup>194</sup>Especial nos tempos presentes, em que o arcebispo goano tem ordenado que os sacerdotes<sup>195</sup> novos antes da sua primeira missa fação a novena dos exercicios da oração em nossos conventos; e tãobem os confessores tem a mesma obrigação annualmente te chegarem idade de trinta e cinco annos. Donde socede não haver dia em que alguns sacerdotes não fação os taes exercicios./ O terceiro hé a assistencia aos moribundos, que ficou mais frequente depois que a santidade do Papa Benedicto XIII concedeo aos congregados a faculdade de applicar <a> indulgencia plenaria no artigo da morte; não só os moradores da cidade, mas muitos de fora della e ainda de distancias longinquas buscão aos congregados, assym para com a sua direcção acertarem nas ultimas dispoziçoens das suas consciencias, como para lucrarem o thezouro da indulgencia plenaria. O quarto hé a vizita de dous hospitais, hum de São Lazaro, outro que chamão dos pobres aos quaes instruem na doutrina christam, fazem-lhes prati // [p. 504]cas espirituales e tãobem os consolão com subsidios tempo-

<sup>192</sup> Número riscado.

<sup>193</sup> «(Cómmodo) gratuito em nome de Deus».

<sup>194</sup> O texto seguinte até «os taes exercicios» encontrava-se escrito na margem do fólio.

<sup>195</sup> Seguem-se várias palavras riscadas.

raes da esmola, para o que a Congregação tem assignado certa quantia para cada hospital. Algumas vezes, mas raras, vizitão aos prezos dos carceres ecclesiastico e secular e tãobem aos forçados da Caza da Polvora.

<sup>196</sup>106. O quinto são as missões pelas freguezias deste arcebispado, não só no tempo da Quaresma; mas tãobem em outro qualquer, que os fieis pedem não poucas vezes no anno; as quaes se fazem não só nas provincias de Salsete, Bardes e nos longes da cidade e suas ilhas adjacentes; mas tãobem dentro da mesma <cidade>, assim nas igrejas parochiaes, como nas dos recolhimentos das mulheres convertidas e serranas. Na Quaresma sahem para estas missões de dous em dous congregados depois da primeira dominga.<sup>197</sup> *Misit illos binos ante faciem sum in omnem civitatem, et locum*.<sup>198</sup> E se recolhem no sabbado antes da Dominga de Ramos, aturando o trabalho mais de hum mez e fazendo neste espaço cada par quatro ou ao menos tres missoens em outras tantas freguezias; porque cada huma dura huma semana ou mais dias, conforme o lugar e o povo. Os exercicios que se fazem nas nossas missões são o pulpito, o confissionario, a disciplina, a oração mental e as procissoens da penitencia. As procissoens são huma ou duas e nellas não só o v[u]lgo; mas tãobem as senhorias e senhoras muy illustres e delicadissimas com grande edificação sahem com pés descalços, corda ao pesçoço e coroa de espinhos na cabeça. A oração mental hé na entrada da noyte e depois della a disciplina. O confissionario hé das menhãs. Nas tardes sempre há sermão, excepto hum ou <dous> dias, em que se faz dialogo entre <o> confessor e penitente que representam os mesmos missionarios sobre as materias mais necessarias, que são os actos de fé, esperança e charidade e os do penitente para a confissão. Discorre-se tãobem pelos mandamentos divinos e ecclesiasticos nos pontos em que ordinariamente succeda peccar, para aprender o auditorio a examinar a sua consciencia. Trata-se do aparelho para a sagrada communhão e se ensina a praxe da oração mental. Os sermões nas aldeas, aonde quazi todos são naturaes, são em lingua do paiz; nas povoações, aonde habitão // [p. 505] os Portuguezes, se prega na lingua delles; mas aonde são tantos huns, como outros, se alternão os idiomas.

<sup>199</sup>107 <sup>200</sup>Porque a experiencia de mais de duzentos e sincoenta annos desd[e] a entrada do dominio luzitano em Goa e nas suas commarcas tem mostrado que a mayor parte dos naturaes não sabem a lingua portugueza, como outra qualquer que nunca ouvirão; e ainda naquelles lugares, em que tem com os Portuguezes mayor communicação e trato, percebem tão pouco,

<sup>196</sup> Número riscado.

<sup>197</sup> Lucae. 10.

<sup>198</sup> «Enviou-os dois a dois diante do seu olhar para toda a cidade e todos os lugares».

<sup>199</sup> Número riscado.

<sup>200</sup> Cap. quoniam de off. Jurd. Ord. Trident. sess. 24 de reform. C. 7, Concil. Goan. 1 acc. 1 decret. 5 3.o decret. 25 4.o acc. 1. Dec. 5 bull. Sacrosancti Alexand. 7. 18 Januar 1658 carta d[e] el Rey D. João IV e duas modernas do senhor. D. João V.

fallão tão superficialmente e com tanta corrupção, que não hé possível que entendão os sermões em outra lingua, que não for a sua materna. Nosso Senhor permita que tomem este desengano os que de justiça são obrigados a dar a estes naturaes o pasto espiritual em sua propria lingua nacional, como mandão os sagrados canones, os concilios tridentino e <goanos>, as bullas apostolicas e as antigas e modernas cartas reaes; e ainda que não houvessem tantas leys humanas; pela natural e divina tem esta obrigação; pois toda a ley que manda<sup>201</sup> o fim, manda consecutivamente os meyo ordinarios, porporcionados para <a consecução><sup>202</sup> desse fim. Entendão, por amor de Deos e pelo preciozissimo sangue que Jesus Christo derramou por estas almas, que o pasto que lhes dão dos sermoes e da doutrina que ensinão em portuguez, a respeito delles não hé pão que lhes preste; senão como pao ou pedra que elles não podem roer, nem mastigar e menos digirir; e desta sorte he infructuozo e inutilissimo o trabalho que tomão em pregar e ensinar-lhes as oraçoens da doutrina em portuguez. Nem se livrão de ser arguidos pelo supremo juiz, de que deixão perecer sem pão os seus pequeninos.<sup>203</sup> *Parvuli peherunt panem et non erat qui frangeret eis.*<sup>204</sup> Benfeito seria que huma mãy em lugar do leyte metesse na boca do filhinho, que não tinha dentes, huma boa fatia de pão, ainda que esse pão fosse de manjar real? Tanto morreria de fome a pobre criatura com esse pão, como sem elle; pois lhe faltava o leyte materno, que hé o alimento, que a natureza prevenio para idade tão tenra.<sup>205</sup> *Lac vobis potum deli, non escam; non dum enim poteratis.*<sup>206</sup> Dizia São Paulo não só porque dava a cada hum a doutrina que ao seu estado convinha; mas tãobem // [p. 506] porque doutrinava e pregava no idioma proprio, nacional e materno de cada paiz, de sorte que lhes fosse tão facil entender a sua pregação e doutrina, como <he> o mamar o peito a huma criança; porque só deste modo a pregação e doutrina sera como leyte que alimenta as crianças e pão que sustenta aos cre[s]cidos. E não sendo assim tanto será pregar em portuguez, como fallar-lhes em grego, hebraico, ou turquesco. Oh que rigorosa conta se pedirá no dia do juizo do seu apostolado a aquelles que não imitarem ao apostolo em materia tão essencial do seu officio e tão necessaria para a salvação das suas ovelhas.<sup>207</sup> *Quoniam iudicium durissimum hir, qui praesunt, fiet?*<sup>208</sup>

108. O fruto que se experimenta das missoens dos congregados são confissões geraes necessarias, restetuições do alheo, apartamento das occa-

<sup>201</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>202</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

<sup>203</sup> Jerem. Tron. 4.4.

<sup>204</sup> «As crianças pediram pão e havia quem lhes matasse a fome».

<sup>205</sup> 1 ad. Corint. 3.2.

<sup>206</sup> «Dei-vos leite para beber e não comida, pois ainda não podieis comer».

<sup>207</sup> Sapient. Cap. 7.

<sup>208</sup> «Pois que julgamento rigoroso será esse que se fará àqueles que são responsáveis pelo apostolado?».

ziões do peccado, reconciliações dos inimigos, frequencia dos sacramentos e dos exercicios espirituaes, que são sinaes da verdadeira contrição e emenda das vidas. O concurso da gente hé ordinariamente tão grande, que por não caber na igreja, se fazem os sermões fora della; e no ultimo dia da missão, em lugares populozos chegão a numero de tres e quatro mil pessoas, as que recebem a sagrada communhão geral. O sexto ministerio que tem os congregados da utilidade dos proximos, hé o confissionario do Recolhimento da Santa <Maria> Magdalena. O settimo hé a instrucção dos penitentes do Santo Officio.

#### *Capitulo Duodecimo*

*Trato dos missionarios e tratamento que lhes dão os christãos de Ceylão*  
Anno 1710

109. Ainda que no gentilismo da India logrão os bramanes huma vam estimação e os seus sacerdotes são muy venerados e cridos em tudo que ensinão ou enganão; motivo porque alguns missionarios entrarão nas missoens com disfarce de bramanes no seu trato exterior, com que lhes pareceo mais facil evangelizar a ley da graça aos barbaros. Porem, o nosso Veneravel Jozeph Vaz fez particular empenho de // [p. 507] parecer e mostrar-se mais miseravel da terra quando entrou em Ceylão, assentando firmemente de não ter mais ostentação, que qualquer pobre mendigo daquella terra. E neste mesmo espirito criou aos mais missionarios, vedando-lhes tudo que podia desmentir a pobreza que professavão; por cuja cauza fogio sempre do Palacio, em que só entrava sendo chamado e da familiaridade dos grandes, quando della não esperava fruto espiritual de suas almas. E fallando em certa occazião os missionarios sobre procurar alguma privança com o Rey, que parecia necessaria para o terem sempre propicio à christandade; respondeo o veneravel servo de Deos; que se tratando-se elles como pobres e sendo conhecido desvalidos naquella ilha, tinham tantos emulos nos sangatares de Budú e nos hereges Francezes, quanto mayor oppozição experimentarião se tivessem valimento no Palacio e com os grandes da corte? Que bom era ter a christandade o favor do Rey e da sua corte; porem, melhor era deixar este negocio por conta de Deos, obrigando-o com humildade a amparar à christandade e aos operarios por modo que elle sabe e pode. Digna sentença de tal varão. Pois bem mostrou a experiencia que o Rey e muitos dos magnates da corte de Candia favorecerão sempre os missionarios, estimando muito a pobreza e singeleza do seu trato.

110. Desta sorte começou e continua a nossa missão, aonde os missionarios não tem ostentação mais que de qualquer pobre. Bem podião tratar-se como bramanes e serião ao menos nas terras do Rey mais bem aceytos, sabendo que o são por nascimento e não por disfarce; mas attendem ao exemplo de Deos crucificado, que morreo nú e despido, sabendo que os

judeos o havião de ter por escandalo e as gentes por estulticia; para que os pregadores da sua cruz se não envergonhassem de se parecer com elle. Por isso São Francisco Xavier, segundo apostolo da India, fazia da sua roupeta pobre, rota e chea de remendos mais apreço, que de toda a riqueza de prata e sedas do Japão, sabendo muito bem que por vestido tão desprezível era mal visto dos japoens, que reputão a pobreza por maldição de Deos.

111. Nas terras de Candia andão os nossos missionarios vesti // [p. 508] dos com a roupeta de congregados e tãobem uzão de calçado, que abaixo do Rey a nenhuma outra pessoa hé permittido naquelle<sup>209</sup> reyno. Não tem mais fato e roupa que a preciza para cobrir a nudez do corpo, aparelhos da missa, breviario e algum livro manual, tudo de tão pequeno volume, que possa qual-quer homem fragil com a carga, para assim andarem mais expeditos. Não uzão de mezas altas com serviço de toalhas, goardanapos, garfos e colheres, louça; nem com as preparadas com godrins, lançoens etc. Hum<sup>210</sup> prato de latão ou huma folha de figueira com huma toalha, huma esteira de palha estendida no chão com hum lançol hé todo o asseo da meza e cama e todo o movel da caza. Quando entrão nos dominios hereticos, despem a roupeta e se disfarçãõ com o vestido dos pobres da terra, que são tres pedaços de pano branco, hum de cintura abaixo, o segundo que cobre o peito, o terceiro de tamanho de hum lenço que serve na cabeça, humas vezes se fazem moços de serviço acompanhando a algum christão rico. Outras vezes fingem-se pescadores, com cesto de peixe as costas, outras vezes vão como gente de carreto, a que lá chamão culles, isto hé mariolas, levando carga na cabeça, de sorte que o disfarce occulte de todo a qualidade da pessoa e o trato exterior tão vil tape os olhos aos hereges que vigião nas entradas dos lugares para onde vão. E desta sorte entrão e sahem muito a seu salvo.

112. Mas este trato tão humilde tanto não demenue na estimação das pessoas que, talvez por isso mesmo são mais veneradas, não só pelos christãos; mas ainda pelos gentios e tãobem pelos hereges. O respeito com que os gentios tratão e comprimentão aos nossos missionarios, se deve ao Rey Navendra Singa, que ordenou que aos padres se desse o mesmo tratamento, que se dá aos dissavas do seu reyno, que são pessoas titulares e senhores de estados grandes, aos quaes se falla por unassé,<sup>211</sup> que val[e] o mesmo que Excellencia ou Senhoria; e isto não só na prezença; mas tãobem na auzencia. E extranhou a hum dos grandes porque na sua real prezença chamou padre a hum missionario que então não estava presente. // [p. 509] E disse o Rey com enfado. Que quer dizer padre, padre? Deveis chamar unassé. Os dissavas e outros grandes do reyno fallão aos missionarios não só por unassé, mas tãobem por suami avorgol, que he o comprimento que lhes dão os christãos e nos estilos daquella corte hé o mayor e significa veneravel senhor.

<sup>209</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>210</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>211</sup> Segue-se uma palavra riscada.

113. Os hereges que não poucos tem familiaridade com os missionarios, fazem delles tanta estimação que, não só os agazalhão em suas cazas com honorifico tratamento, mas nellas lhes dão azilo e favor, para não serem prezos pelos officiaes da justiça. E alguns dos mesmos officiaes, sendo mandados para dar busca na caza, de que houver so[s]peita ou denuncia de estar nella o missionario, anticipão com o avizo, para que se acautele. E ainda succedendo ser prezo o Padre Francisco Gonsalves em Galle, em anno 1734, o commandante herege lhe mandou preparar lugar decente, aonde era servido e assistido com muito respeito. Hum governador de Columbo nos annos proximos levou com grandes instancias a sua caza ao Padre Jacome Gonsalves, para conferir e concluir por meyo delle alguns negocios do interesse dos estados de Holanda com o Rey de Candia; hia o padre com o mesmo disfarce, com que andava naquella cidade, foy recebido com cumprimentos muyto honorificos; e na despedida lhe entregou o governador boa quantia de dinheyro, para que distribuisse em obras pias, que lhe parecessem.

114. A veneração em que tem aos missionarios os christãos, especialmente os europeos catholicos, hé sobretudo o encarecimento grande. Na primeira entrada em suas cazas os recebem com joelhos em terra, donde se não levantão sem tomarem a sua benção e alguns lhes beijão os pés. Os mesmos senhor e dona da caza são os que lhes administrão todo o serviço da meza; e o que hé mais, os sobejos della reservão para si e para os seus filhos, partindo-os em bocados, para caber a todos, como se fossem reliquias preciozas. Nunca tomão na prezença do padre assento igual a elle e ordinariamente as senhoras Holandezas sentão-se no chão diante do missionario. Cauzou grande espanto a hum religiozo que, vindo no barco de // [p. 510] Macao, desembarcou disfarçado e tendo noticia do Padre Custodio de Andrade, que então missionava naquella cidade, o foy buscar na caza em que ficava, que era de hum nobre Holandez. O senhor da caza, conhecendo a qualidade do disfarçado, o comprimentou para jantar; sendo hora da meza, a dona foy a servente que a preparou só com dous serviços, misterio que o religiozo não alcançava; porque havia na caza mais pessoas, dignas de comerem na mesma meza, em que tãobem não faltava lugar para todos; porem, ver somente dous aparelhos, lhe trazia inquieto o pensamento. Porem, vendo ao depois que forão chamados para a meza elle e o nosso missionario e os senhores da caza lhes administravão agua às mãos e pratos de comer com tanta devoção, modestia, silencio, cortezias e mizuras the dobrar o joelho, que mais parecia venerar aos santos canonizados, do que servir aos home[n]s vivos, não permittindo que chegasse moço, havendo alguns que podião occupar-se em semelhantes serviços; e tudo isto no mesmo tempo que o nosso missionario coberto com hum pobre pano branco a modo da gente vil da terra, parecia figura indigna de tantas estimações, não accabava de se admirar aquelle religiozo.

115. Os christãos naturaes da terra, conhecendo o muito que trabalham os missionarios pelos encaminhar ao ceo, sem delles esperar menor remuneração, os estimão não como a homens da terra, senão como a anjos envia-

dos do ceo. Chegando dous missionarios novos de Goa a Manttota, forão alguns christãos dar noticia delles ao Padre Jacome Gonsalves, que então era superior e disserão estas palavras. Vierão de Goa duas perolas do ceo. No primeiro encontro e na despedida, com ambos os joelhos em terra e com as maos levantadas ao ceo, lhes pedem a benção. Por acodir ao serviço delles, não reparão a expor-se a qualquer perigo; tanto dos Holandezes, como das feras. Sendo os principaes os que tem por grande honra serem occupados no seu serviço; ainda que seja de carretar o seu fatinho ou o andor dos mesmos padres, quando a enfermidade os obriga a uzar da carruagem. O Padre Manoel de Miranda que, estando em missão, foy eleyto em prepozito desta Congregação, para hir de // [p. 511] Potulão a Manar, aonde havia de embarcar, mandou preparar hum andor; porque tinha no pé molestia grave. Os principaes christãos de Potulão, que são os raja vannianares e se prezão descender dos reys antigos e são senhores feudatarios daquelle lugar, sabendo da sua partida, se offerecerão a carretar o seu andor; e porque o padre, attendendo a qualidade das pessoas, recuzava admitir o seu offerecimento, ficarão tão resentidos, que para os não descontentar, não houve mais remedio, que aceitar o obsequio ao menos para poucos passos, com que ficarão muito satisfeitos tendo por gloria de serem elles os primeiros que lograrão a honra de tomar sobre os seus hombros aquella carga.

116. Nas doenças dos padres e nas suas mortes as demo[n]strações que aquellos christãos fazem do sentimento, paixão de excessos incriveis. Prantos e lamentações publicas de homens e mulheres, não só assistindo aos funeraes; mas tãobem em suas cazas. Tomão nojo assim como costumão nas mortes dos seus pays e athe suffragios mandão fazer por suas almas. Na perseguição dos hereges ou gentios mostrão sentir mais as molestias dos missionarios que as proprias. Succedendo huma grande revolta, que na segunda parte desta historia hey de referir, maquinada por hum governador de Columbo contra os missionarios, se acharão estes obrigados a esconder-se nos mattos mais embrenhados emquanto passasse a primeira furia, que mais temião do Rey de Candia, a quem o dito governador estimulava para acabar com elles de huma vez. Estando pois os padres escondidos no mayor retiro, erão vizitados e socorridos dos christãos, que a todo o risco e perigo lhes acodião. Entre outras pessoas foy huma mulher com quatro ou sinco filhinhos, levando cada qual seu mimo para offertar-lhes. Não sabião caminho, nem tinham guia, andarão muito pelos mattos the dar com o lugar e divizando de longe aos padres, prostrados em terra fizeram hum grande e dilatado pranto, como aquellos amigos de Job, que o forão consolar nas suas angustias. Achavão-se ali tres missionarios, os quaes admirados do que vião, perguntarão porque choravão tanto? Responderão que por ver <a elles> no desemparo, em que estavam em lugar tão desabrigado e perigoso no meyo das feras. Perguntarão como puderão atinar // [p. 512] com o caminho e se trazião guia? Respondeo a may que viera cheirando pelo caminho, the que pelo cheiro conhecera o lugar.

*Capitulo Tredecimo*  
*Observancia dos missionarios. Uzos e costumes da missão*  
Anno 1710

<sup>212</sup>117. Nas igrejas de Potulão e Boluate há hospicio com commodo para se praticarem os estatutos da Congregação a som da campa. E nestas duas igrejas fazem os padres designados, para rezidirem nellas, quazi continua assistencia. Nellas se recolhem os missionarios doentes, para tomarem a cura e os cançados alivio e todos para terem os exercicios dos nove dias huma vez no anno; como tãobem para a festa do Espirito Santo, que se celebra na igreja de Potulão e aonde se ajuntão todos para tratarem em commum acordo das necessidades da missão. Cada anno se mudão as designações dos padres porque, sendo humas de mayor trabalho que outras, com esta mudança ficão todos igoaes na sorte. Sem embargo de andarem os missionarios dispersos com rarissima communicação entre si, comtudo vivem do commum; porque os estipendios das missas, como algumas oblatas dos fieis, entregão tudo fielmente ao superior da missão, o qual distribue igoalmente por todos. E se arbitrou esta dispozição; porque ha alguns lugares, aonde não se acha a esmola das missas, outros em que he preciso acodir os missionarios à pobreza dos christãos; e porque os que missionão em semelhantes designações não fiquem gravados com dividas e empenhos, se descobrio este meyo, com o qual e com as mudanças annuaes fica a todos igoal o trabalho. E daqui rezultão duas utilissimas conveniencias; a primeira hé de não ser appetecida huma designação mais que outra; a segunda de não haver motivo para algum immortificado se queixar de ser a sua carga mais pezada!

<sup>213</sup>118. Não tem os missionarios, ainda dentro da sua designação, lugar permanente, porque nos senhorios hereticos, aonde os exercicios da missão se fazem só de noite, não ficão mais <de> hum só dia // [p. 513] e noite em cada caza; e desta sorte paixão tres, quatro e ainda mais mezes sem dormir em huma só noyte, aturando nos exercicios da confissão e d[e] outros sacramentos, desd[e] a boca de noyte the as quatro de manhã; de donde succede contrahir enfermidades incuraveis e a mayor parte dos missionarios modernos vierão a fallecer moços, atenuados com semelhante trabalho.

<sup>214</sup>119. Nos dominios do Rey de Candia, que são incomparavelmente mais dilatados que os dos Holandezes e aonde tem a christandade toda a liberdade, não he menos trabalho o exercicio da missão; porque ainda havendo igrejas publicas com cazas para a moradia, sempre estão em continuo curso de andar pelos mattos; porque o territorio de cada designação he muy espaçozo, os christãos vivem dispersos pelas aldeas humas assas

<sup>212</sup> Número riscado.

<sup>213</sup> Número riscado.

<sup>214</sup> Número riscado.

distantes das outras. Os mattos por onde passão são cheos de feras e atravessados de rios, que hé preciso vadear com agoa, que as vezes dá nas barbas e não são menos perigosos pelos lagartos ferozes, que nelles se crião. Nos caminhos não são poucos os espinhos e no Inverno fervem nelles as sanguixugas mais que os bichos em hum cadaver corrupto, às quaes pagão os pés indispensavel tributo do sangue que chupão. As distancias das povoações dos christãos muytas são de duas e tres jornadas e succede não poucas vezes pernoytar nos bosques, expostos a toda a inclemencia do tempo, perigo das feras e discomodo de dormir em terra nua. De dia não he menos a fadiga de andar; porque o sol tão vezinho naquelle clima queima muito. No Inverno não he menor a mortificação; porque para o reparo da agua não há mais recurso que alguma olla; assym chamamos as folhas ou palmas da palmeira; com que apenas se defende a cabeça. Desta sorte, correndo pelas <aldeas>, detendo-se em cada huma o tempo necessario para se administrarem os sacramentos aos moradores, succede passar todo o anno em curso continuado, andando sempre de povoação a povoação. Sobre tudo isto o sustento hé limitado e o mais grosseiro que se pode excogitar; porque excepto o arros, tudo o mais falta no certão, aonde os naturaes passão com folhas das ervas, que cozem em agoa com pimenta longa e no caldo dellas mo // [p. 514]lhão o arros; e estas são sopas deliciosas dos lavradores ricassos; os quaes dizem que achando arros e sal que comer, não há mais que appetecer; porque há lugares, aonde o arros hé tão raro e preciozo como maná do ceo e se sustentão os miseraveis moradores com outros legumes, abobaras, inhames, frutas das plantas sylvestres. Há muyta <cassa>; mas sem meyo e instrmentos de cassar. Pelo conseguinte a agoa do certão não pode ser peor; porque he das lagoas e charcos frequentados dos animaes e por isso sempre turva e insipida. Em semelhantes lugares, que são muitos, padecem os missionarios innumeraveis discommodos, que facilmente se não aturarião, se o amor de Deos e o zelo da salvação das almas os não suavizasse.

<sup>215</sup>120. No gentilismo de Ceylão e outros lugares da India não podem as escravas cobrir as suas cabeças diante da[s] suas senhoras, nem as mulheres [v]ulgares na prezença das matronas nobres. Este estilo, que fora da nossa missão se pratica ainda dentro das igrejas, com outros semelhantes abuzos da separação dos lugares, conforme a nobreza das castas e athe na sagrada da communhão se não admitem juntas pessoas de diferentes, assim como entre os gentios os nobres não comem na mesma meza ou caza, nem se sentão no mesmo lugar, em que estão os plebeos. Todos estes abuzos gentilicos, perjudiciaes a piedade christam e indignos dos que professão a ley da graça, fundada em vinculo da perfeita caridade, desterrarão os nossos missionarios, como resabios da cega gentildade; porque ainda que o uzo de não cobrirem as mulheres inferiores as suas cabeças por respeito das superiores se possa dissimular no trato e policia humana; mas na caza de Deos hé

<sup>215</sup> Número riscado.

dissonancia que extranhou o apostolo aos corinthios. <sup>216</sup>*Omnis mulier orans, aut prophetans non velato capite, deturpat caput suum. Vos ipsi judicate, decet mulierem non velatam orare Deum? Nec ipsa natura docet vos.*<sup>217</sup> E se alguem quizer contender e approvar por licita huma indecencia que São Paulo reprovoou por abuzo dissonante a boa razão; responderemos com o mesmo apostolo. *Siguis autem videtur contentiosus esse; nos talem consuetudinem non habemus, ne que Ecclesia Dei.*<sup>218</sup> // [p. 515]

<sup>219</sup>121. Do mesmo modo não consentirão na igreja differença das castas e dos lugares conformes a ellas. Os bellallas, os chingalas, os bramanes, huns prezumidos de descendentes do sol, outros que se considerão gerados da cabeça do seu Deos, estão igoalmente e no mesmo andar com os careas e parreas, que são o objecto da plebe. Dentro das portas da igreja sem nenhuma differença dos lugares se misturão huns com outros e tratando-se todos como irmãos e filhos de hum só padre nosso, que está nos ceos, louvão e santificão o seu nomme; e comem na mesma sagrada <meza> o pão do ceo e tãobem bebem no mesmo vazo do purificatorio, sem o bellalla nem o chingala, nem o bramane ter ou mostrar asco de por a sua boca no mesmo vazo e no mesmo lugar, em que poz o parrea. Assim plantarão os nossos primitivos missionarios aquella christandade, que desde o seu principio arrancarão de raiz todos aquelles estilos, em que podia ficar algum resabio do gentilismo; de sorte que excepto os costumes politicos do paiz, em tudo e por tudo são os christãos diferentes dos pagaons. Razão porque o Emminentissimo Cardeal Tournon, estando no porto de Podichery na costa de Chormandel, vezinha a Ceylão com noticias que teve da nossa missão, fez honorificas informações della ao Summo Pontifice Clemente XI e escreveo ao Veneravel Jozeph Vaz huma carta, louvando o zelo com que tão bem educava a essa christandade. E como no anno 1741 se publicasse na nossa missão, por ordem do bispo de Cochim, a Bulla Concredita do Santissimo Padre Clemente XII, expedida aos 13 de Mayo de 1739, sobre haver boa observancia dos decretos que o dito Emminentissimo fez em Podichery, aos 23 de Junho de 1704, os quaes forão confirmados por Se Apostolica; condenando varios ritos gentilicos e outros abuzos que achou na vizita das missões de Madurey, Maissur e Carnatta. Entrando os nossos missionarios na diligencia de examinar se pela communicação, ainda que rara, que os nossos christãos tem com os daquellas missoens, tinhão contrahido semelhantes costumes; acharão somente dous. O primeiro foy de Taly, que era sinal de mulheres despozadas; mas uzavão delle sem o supersticiozo cordão de cento e oito fios molhados ou tintos em

<sup>216</sup> Ad. Corint. Cap. 11.

<sup>217</sup> «Toda a mulher, ao orar ou a profetizar de cabeça descoberta, mancha a sua cabeça. Julgai vós próprios: é decoroso que a mulher faça suas preces a Deus de cabeça não velada? Nem a própria natureza vos ensina isso».

<sup>218</sup> «Pode isto parecer contencioso a alguém; mas não é esse o nosso costume, nem da Igreja de Deus».

<sup>219</sup> Número riscado.

agua de assafrão. // [p. 516] O segundo era do banquete que fazião no primeiro uzo mensal da mulher cazada, por se reputar dispozição proxima de conceber e não por outro fim menos recto. Comtudo hum e outro estilo tão depressa abominarão e largarão logo que pelos missionarios forão amoestados.

<sup>220</sup>122. Não há nesta missão obrigação dos dizimos e primicias, nem uzo e costume dos beneces de bautismo, cazamento e funeral. Tudo administrão os missionarios *gratis pro Deo*,<sup>221</sup> dando de graça aos proximos o que de graça receberão de Deos.<sup>222</sup> *Gratis accepistis, gratis date*.<sup>223</sup> Antes fazem largas esmolas, cazando orfans, resgatando aos cattivos christãos e tãobem aos gentios, quando se querem converter; e socorrendo aos necessitados e mendigos, que há lá muytos e pela mayor parte nas terras do Rey de Candia a plebe hé a mesma pobreza. E tudo isto hé necesario para o aumento daquella christandade; pois não edifica pouco o dezapego dos missionarios, que elles muito celebrão. E temos por experiencia que o Veneravel Jozeph Vaz abrio as portas daquella missão com o exercicio da caridade; e he justo imita-lo e continua-lo, para que a ambição e a escasseza não feche o que abrio o desinteresse e a liberalidade. Especialmente nos dominios dos hereges hé mais necessario este desapego e desinteresse para os confundir e mostrar quão errada e temerariamente dizem que o purgatorio dos catholicos romanos hé a bolsa dos padres papistas. Unicamente recebem os missionarios a esmola das missas que os fieis mandão dizer, ou por sua devoção em honra dos santos, ou por suffragio das almas, sem ser por taixa ou constituição que haja de numero determinados das missas por cada deffunto; senão aquellas que livremente quizerem mandar dizer, nunca tendo o missio<nario> acção para pedir huma só. Há tãobem algumas offertas, sempre incertas e sem costume algum, com que os christãos mais possantes socorrem aos padres para as despezas das festas e outras necessidades de obras pias.

<sup>224</sup>123. Para se conhecer melhor a boa vontade daquelles christãos para com os missionarios e o desinteresse destes, referirey o que o<sup>225</sup> vizitador daquella missão Padre Martinho Xavier, que foy duas // [p. 517] vezes Prepozito desta Congregação, ordenou na igreja de Boluate, em anno de 1743, em que estava na vizita da dita missão. Costumavão os fieis de Columbo e Nigumbo, especialmente os europeos e pessoas de distincção, nas solemnidades a que vinhão a Boluate, offerer a cada padre, que na igreja estivesse na occazião da festa, pão, bescouto, doces, frutas e semelhantes couzas, que trazião para a sua matalotagem e participavão com os padres em demo[n]s- tração do muito amor que lhes tem, de que as vezes era tanta a copia, que

<sup>220</sup> Número riscado.

<sup>221</sup> «Gratuitamente em nome de Deus».

<sup>222</sup> Math. 10.8.

<sup>223</sup> «Recebestes de graça, dai também de graça».

<sup>224</sup> Número riscado.

<sup>225</sup> Segue-se uma palavra riscada.

não só bastava aos padres para o uzo de muitos dias; mas tãobem sobejava para repartirem com os pobres. Considerando, porem, o dito padre vizitador que os hereges, que nunca cessão de maldizer dos sacerdotes romanos, calumniando-os por ambiciozos e interesseiros, terião occazião de dizer que o zelo com que os nossos missionarios trabalhavão nas solemnidades da igreja e a molestia que tomavão em administrar os sacramentos a tamanha multidão da gente, era por lucro das offertas. E os mesmos christãos que as vierão fazendo, quando ao diante não tivessem posses para as continuar, não quererião <vir a igreja>, ou ao menos sentirião acanho de apparecer com mãos vazias aos padres, a quem davão as mãos cheas. Para evitar estes e outros inconvenientes mandou avizar de pulpito, que ao diante suspendessem as taes offertas em semelhantes funcções, protestando que não queria dos fieis o seu dinheyro, mimos e regalos; senão o aproveitamento das suas almas; e ordenando aos missionarios que nas occaziões da Semana Santa, e quaesquer outras solemnidades, a que vem assistir os christãos de longe, não recebessem delles mimo algum.

#### Capitulo Decimo Quarto

*Numero dos missionarios e christãos, igrejas e ermidas e do que nellas commummente se observa para a boa instrucção da christandade*  
Anno 1710

<sup>226</sup>124. The o anno 1710 corrente da nossa historia, erão só nove os missionarios que trabalhavão em Ceylão; dilatando-se ao de // [p. 518] pois a christandade foy cre[s]cendo o numero dos operarios, os quaes the o anno 1746, em que dou fim a esta escritura, são dezoito; a saber o Padre Ignacio de Misquita, superior eleyto só para hum trienio; porque depois da morte do Padre Jacome Gonsalves <se assentou> que esse superiorado fosse por tempo limitado, ao qual juntamente esta anneixa a jur[is]dição ordinaria na christandade que confere o diocezano de Cochim,<sup>227</sup> com titulo de vigario geral. Os mais missionarios autuaes são os Padres Diogo do Rozario, Custodio de Andrade, Celestino Pereyra, João Barreto, Manoel de Menezes, Brás Pereyra, Francisco Gonsalves, Mathias Rodrigues, Custodio Leytão, Alexandre Manoel, Francisco de Monrroy, Rafael dos Anjos, Cornelio Correa, João de Abreu, Lourenço Collaço, Miguel Francisco e o Irmão Caetano da Costa, todos tão occupados, que em alguns lugares mais populozos missionão de dous em dous e estando em continuo exercicio succede passar o anno antes de acabar de administrar os sacramentos a todos. Nem o irmão leigo deixa de ser muito bom missionario; porque alem do ministerio temporal, em que trabalha no serviço dos sacerdotes, provendo-lhes das hostias e vinho

<sup>226</sup> Número riscado.

<sup>227</sup> Segue-se uma palavra riscada.

para missas, assistindo-lhes nas suas enfermidades e noutros cazos, em que necessitão do seu adjutorio, tãobem se occupa na instrucção dos christãos e reducção dos gentios.

125. O numero dos christãos no juizo dos missionarios primitivos the o anno corrente desta historia passava de trinta mil novamente convertidos por elles, huns do gentilismo, outros da heregia; de então para cá está a christandade em tão grande aumento que, supposto se não sabe ao certo o computo della, por se não poder numerar por varios inconvenientes que se considerão; mas na opinião de alguns vay chegando para cem mil, outros suppoem ainda mais; em cujo numero entrão muitos Holandezes e de outras naçoens europeas, que assistem nas suas terras, os quaes sendo antes hereges, estão ao prezente reconciliados com a Igreja Romana e são catholicos tão zelozos do aumento da christandade, que dão ajuda, favor e amparo para os nossos missionarios entrarem nas suas cidades // [p. 519] e praças. Nem julgo por excessivo esse numero, antes digo que me parece demenuto. Porque das cartas do Padre Custodio Leytão, que nos annos 1738 por diante assistio em Jafanapatão, fazendo a Deos muitos e bons serviços com grandes conversões dos gentios e hereges, só naquella peninsula, que a respeyto de mais corpo de Ceylão hé parte muy limitada, havia the então dezasete mil almas de confissão, não fazendo conta das crianças de sete annos para baixo; pois nos districtos de Vanny e Manttota, em Columbo e Nigumbo são muitas mais, sendo naquellas partes mais facil numerar os gentios e hereges do que os catholicos; e em outros muitos lugares, como Calaturré, Galle, Trincanamale quazi todos são catholicos. Accre[s]cem sobre isso as novas conversões, que tem feyto os missionarios desd[e] a carta do Padre Custodio Leytão; pois na relação dos annos de 1740 the 43 constavão mais de cinco mil e quinhentas pessoas convertidas, ficando fora desta conta muitos numeros de adultos e crianças, que os missionarios chamarão innumeraveis por serem muitas mais que as certamente numeradas e as não puderão computar, por não terem tempo e commodidade para assentarem os bautismos que em cada dia fazião. No sermão que o Padre Custodio de Andrade pregou no funeral do Padre Jacome Gonsalves, que falleceo na Igreja de Boluate, aos 17 de Julho de 1742, afirmou que só com a lição dos utilissimos livros que aquelle heroe deixou compostos, huns para refutar as seytas gentilicas e hereticas e outros para a instrucção da christandade, ainda em vida do mesmo author se converterão mais de dez mil pessoas do gentilismo e heregia para a nossa catholica crença, muytas das quaes erão da primeira qualidade e doutas nas seytas que seguião. Destas premissas tire cada hum a conclusão que lhe parecer mais recta; que eu já accabey de declarar e tãobem <de> provar a minha.

<sup>228</sup>126. Muitas igrejas em varios lugares do dominio do Rey de Candia fabricarão os nossos missionarios. Porem, como a gente hé muy facil em mudar os domicilios, porque qualquer com // [p. 520] veniencia basta para

<sup>228</sup> Número riscado.

os aballar de hum para outro, que como possuem pouco movel, tãobem lhes custa pouco trabalho para levarem tudo consigo; por esta cauza, ficando desertas varias povoações, se arruinarão as igrejas que nellas havia. Comtudo as que ao prezente existem, são vinte, das quaes as de Candia, Sitavaca, Cottiar, Batecalor, Sarcamané e Maripóo fabricou o veneravel fundador da missão o Padre Jozeph Vaz e forão as depois reformadas por varios missionarios. As igrejas de Potulão, Allambil e Vellevallym fabricou o Padre Jozeph de Menezes. A igreja de Sillenamaddu fabricou o Padre Pedro Ferrão. A igreja de Narangodde o Padre Ignacio de Almeyda. A igreja de Pudducudirupú o Padre Bazilio Barreto. A igreja de Anddarapennés o Padre Jozeph Gomes. As igrejas de Vellaqué e Manacanna o Padre Jacome Gonsalves. As igrejas de Vacotté, Galgama, Ottepettym, que são terras do rey vezinhas a Trincamale fabricarão os christãos daquelles lugares. A igreja de Boluaté foy fundação do Padre Jozeph Pereyra. O Padre Jacome Gonsalves, que jaz nella, a fez mais espaçosa e edificou cazas com bom comodo para o agazalho dos missionarios. O Padre Martinho Xavier, sendo vigario geral e vizitador da missão, a paramentou com ornamentos aseados e collocou nos altares varias imagens, entre as quaes foy huma de marfim de Nossa Senhora com Menino Jesus nos braços,<sup>229</sup> mandada pelo Rey actual de Candia, que a achou no seu Palacio de tempos antigos, em que aquelles <reys> erão catholicos; foy esta imagem recebida com grande festa e collocada no retabolo do altar mor e o mesmo padre para mayor culto della erigio huma irmandade debaixo do titulo da Senhora do Carmo, como atras disse numero. São essas igrejas cobertas de telhas, que no reyno de Candia são vedadas aos mesmos dissavas e adigares, que são os principaes da corte;<sup>230</sup> uzão-se só no Palacio Real e nos templos de Budu e <nas> nossas igrejas, por permissio do Rey Narandra Singa. // [p. 521]

<sup>231</sup>127. Em todas essas igrejas se fazem solemnidades publicas com toda a catholica liberdade; festas dos santos, passos da Paixão do Senhor na Quaresma, cerimonias da Semana Santa, procissoens solemnissimas com grande concurso da gente e tudo com bastante asseo. Especialmente nas igrejas que ficão mais vezinhas aos dominios hereticos, de donde acodem os christãos assim naturaes, como europeos com muzicos e instromentos, vencendo distancias de quatro e cinco dias de caminho. Nas solemnidades mais festivas, como Natal <e do Espirito Santo> representão os christãos autos divinos compostos em metro da sua lingua, de algum passo da Escritura Sagrada ou da vida de algum santo. E todas estas demo[n]strações exteriores conduzem muito, não só para aumentar-se a piedade nos fieis; mas tãobem para a conversão dos infieis; motivo que obriga aos missionarios para desemtranharem as suas posses nas funcções e festividades, que fazem com a mayor ostentação e pompa possivel. Porque os gentios se levão

<sup>229</sup> Riscado: «foy».

<sup>230</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>231</sup> Número riscado.

muito de materialidades e he preciso meter-lhas nos olhos do corpo, para elles abrirem os da alma e receberem a espiritual luz da fé. E tem mostrado a experiencia que, vendo <elles> as vestimentas do celebrante, as cerimoniaes da missa, a armação e o canto da igreja, a perfeição das imagens santas, os passos da Paixão do Nosso Redemptor, a solemnidade das procissoens, a representação dos autos divinos e the a piedade com que enterrão os fieis aos seus defuntos nos lugares sagrados, cantando e rezando por suas almas, cobrão grande afeição a nossa santa religião e com facilidade deixão o culto idolatrico. O mayor trabalho dos missionarios nas occaziões das festas hé o do confissionario; porque o concurso hé tão grande, que sinco ou seis padres, que são os mais que se podem achar juntos, aturando de manhã e de tarde e algumas horas de noite, em oito dias não podem acabar de ouvir de confissão a metade da gente. Tãobem nos dominios dos Holandezes, não sendo tempo da perseguição, se fazem as festas; mas tudo no silencio da noite.<sup>232</sup>/A festa da mayor solemnidade e concurso hé a do Espirito Santo, que se celebra na igreja de Potulão, com a mayor pompa e ostentação, que a terra permite, para a qual acodem a mayor parte dos missionarios e innumereveis christãos, ainda de partes remotas daquella missão./

128. Alem das vinte igrejas há em cada povoação huma ermida, tanto nas terras do Rey, como nas da Companhia Holan // [p. 522]deza; e por isso as ermidas são innumeraveis, como as povoações; com a differença, porem, que nas terras do Rey são publicas; mas nas dos Holandezes occultas; e em muitas partes destas são oratorios das cazas, os quaes se armão em hum quarto separado e dedicado só para as funcçoens divinas. Em cada igreja e ermida há hum mordomo, para o cuidado do material dellas e do aproveitamento espiritual das almas. He bem instruido na forma e intenção do bautismo, para bautizar as crianças na necessidade. Tem por obrigação ensinar a ler e escrever aos rapazes da escola; abrir em todas as tardes as portas para os que vem orar. De noite ajuntar aos moradores da sua povoação na ermida e rezar <ou cantar> alternadamente o terço do roزاری, ladainha, salve e outras devoções da Virgem Senhora; e em algumas partes fazem oração mental, tomão disciplina nas sextas-feiras e na Quaresma tres vezes na semana. Nos domingos e dias santos do anno, ainda que não esteja presente o missionario, como hé certo que não pode estar em todas as igrejas e ermidas, ajuntão-se de manhã os christãos todos de cada povoação na sua igreja ou ermida. O mordomo lhes explica o Santo Evangelho daquelle dia, lendo por hum livro que está feito da explicação dos Evangelhos de todo o anno, explanados com textos, authoridades dos santos padres, moralidades e documentos necessarios para os bons costumes, a qual lição hé como hum bom sermão. Ensina-lhes a doutrina christam, os actos da fe, esperança e caridade, a contrição e atrição, o modo de examinar a consciencia para a confissão e o aparelho da sagrada communhão.

<sup>232</sup> O texto seguinte até ao final do parágrafo encontra-se escrito na margem do fólio.

129. Em lugar da missa se lê por hum livro das significações das cerimoniaes della e os presentes, postos de joelhos, ouvem com attenção e devoção, como se assistissem ao santo sacrificio. E como a lição vay muy pausada, dura este acto boa meya hora. Em tempo da Quaresma [a]lém de mais hum passo da Paixão de Christo composto em metro, o qual ordinariamente hé cantado. No fim da missa seca cantão o terço do roزاری, ladainha, salve da Virgem Santissima, canções do orago da Igreja. E desta sorte santificação os domingos e dias santos com tantos louvores de Deos. Em quazi todas // [p. 523] as igrejas e tãobem em muitas ermidas estão erectas irmandades, cujos prezidentes são como pastores dos irmãos seus subditos, aos quaes são obrigados a dar boa instrucção, assim para satisfazerem aos encargos da irmandade, como para viverem christamente. E destas irmandades há em mayor numero nas terras dos hereges, aonde a christandade hé mais dilatada. Em cada lugar ha hum prezidente-mor, debaixo de cuja direcção ficão os mais e elle na auzencia do padre compoem os seus pleitos e tãobem corrige os seus erros. Tãobem há catequistas para catequizar assym aos gentios, como aos hereges. Há controversias feytas em lingua do paiz, humas refutando o gentilismo e outras contra os principaes erros dos hereges, das quaes uzão os cathequistas e convertem a muytos. Para a boa instrucção da christandade estão compostos muitos livros, huns em lingua tamul, que hé geral na beyra-mar da ilha e outros em lingua chingalá, que corre no reyno de Candia. São esses livros da explicação da doutrina christam, explanação dos Evangelhos do anno, vidas dos santos, sermões e exhortaçoes espirituales, historia sagrada desde a creação do mundo the a redempção d'elle, Paixão de Christo em proza e tãobem em metro. Muitas destas composições forão do Veneravel Jozeph Vaz, que elle não di[v]ulgou em nomme proprio por sua muita humildade; mas de outros missionarios, como os mesmos confessarão.

130. São aquelles christãos tão devotos dos sacramentos, que o padre que for a algum bayrro ou povoação, para os administrar ao moribundo, tem pensão indispensavel de ouvir de confissão não só a todos daquella caza; mas a quantos vierem da vezinhança, que nunca malogrão <de> tão boas occaziões. Com tão frequente exercicio do catecismo e doutrina estão bem instroidos e os dos dstrictos hereticos não só são destros nos misterios da nossa catholica crença; mas ainda nas controversias oppostas aos principaes erros de Luthero e Calvino; que supposto não buscão aos hereges para altercar com elles nas materias da ley; mas sendo por elles arguidos, lhes respondem e redarguem com tanta efficacia the deixa-los confuzos e envergonhados. A sua constancia na fé he invicta; pois não tem bastado as mais exactas diligencias dos hereges, as perseguições tão crueis, que deixey escritas e ainda mayores que ao diante hey-de referir, para se afastarem das verdades catholicas.

<sup>233</sup>131. Finalmente depois de relatar a observancia, uzos e costumes dos missionarios e christãos, por remate deste capitulo direy os estilos da

<sup>233</sup> Número riscado.

extraordinaria providencia, com que Deos assiste e aumenta aquella missão; assim e do mesmo modo como na primitiva Igreja chovia prodigios como agua para regar e radicar na fé as primeiras plantas, assim na dilatada seara <de Ceylão> são frequentes os milagres da mesma qualidade que Christo prometeo aos apóstolos. <sup>234</sup>*Signa autem eos qui crediderint, hac sequentur. In nomine meo daemonia ejicient, linguis loquentur novis, serpentes tollent, et si mortiferum quid biberint, non eis nocebit; super aegros manus imponent, et bene habebun*<sup>235</sup>; dos quaes tenho referido muitos nesta primeira parte e na segunda direy muitos mais.

<sup>236</sup>132. A Santissima Virgem Maria Mãe de Deos tãobem tem mostrado amparar a esta missão e concorrer para o aumento <della>, com especiaes favores, que no discurso desta historia se vão referindo em lugares competentes. Porque ainda que para ella nos valer basta só a sua innata piedade, com que muitas vezes nos acode, sem ser rogada; mas como a mesma Senhora afirma que ella ama aos que a amão; nem outra couza se pode esperar de suas piissimas entranhas; há nesta missão especial culto della e muitos titulos para se chamar toda sua. O primeiro; porque o patrono desta missão <hé> o seo glorioso espoz São Jozeph; e sendo em todo o direyto os bens do espoz communs a espoza, por conseguinte he a Santissima <Virgem> patrona della. O segundo; porque a primeira igreja que o veneravel fundador edificou na corte de Candia, consagrou ao seu Santissimo Nomme com titulo de Nossa Senhora da Conversão dos Infieis. Terceiro, porque a mayor parte das igrejas, ermidas e confrarias são dedicadas a varios titulos, com que a invocamos e em todas ellas e ainda nas cazas particulares dos fieis hé universalissima a devoção quotidiana que o mesmo fundador deixou estabelecida e propa // [p. 525] gada e the o presente se continua com todo o fervor, do seu roزاری, ladainha e salve. <sup>237</sup>Quarto, porque assim como em qualquer parte do christianismo a primeira palavra, com que os fieis respirão nas suas aflicções, he o santissimo nomme Jesus, assim naquella christandade tudo he invocar a Santissima Virgem, dizendo Mádavé; isto hé May de Deos. Foy espectáculo de grande gloria ao ceo quando na proxima perseguição o predicante herege mandou açoutar a huns rapazes catholicos que andavão na escola, por não quererem aprender hum catecismo cheo de muitas blasfemias contra a pureza da Immaculada Conceição da Santissima <Virgem>, aonde tãobem se reprovava o invocar a ella. Com os açoutes que recebão, choravão os rapazes; e entre lagrimas, solluços e gemidos não dizião mais que Mádavé, Mádave; de sorte, que o meyo que o perfido blasfemo tomou para

<sup>234</sup> Marc. 26.

<sup>235</sup> «Seguirão porém os indícios (que dou) os que tenham fé.

Em meu nome expulsarão os demónios, falarão em línguas novas, esmagarão serpentes; se tiverem bebido algo mortífero, não lhes será nocivo. Sobre os doentes imporão suas mãos e eles ficarão curados».

<sup>236</sup> Número riscado.

<sup>237</sup> No original aparece na margem do fólio e seguintes: Anno 1711.

os innocentes blasfamarem da Santissima Virgem, foy o mais efficaz para elles a invocarem com <a> mayor ternura. <sup>238</sup>*Exore infantium, et lactentium perfecisti laudem propter inimicos tuos, ut destruas inimicum, et ultorem.*<sup>239</sup>

Capitulo Decimo Quinto  
Noticias do Padre Pedro Paulo  
Anno 1711

133. Costumão commummente os historiadores queixar-se dos antigos que deixarão sepultadas em esquecimento as noticias dos heroes, cujas açõens servirião aos vindouros de grande exemplo. Mas eu que dos antigos me não posso queixar, por não ser tão antiga a minha Congregação, me queixo mais que todos dos modernos, que não quizerão emmendar esse antigo erro, ao menos em attenção a hum sogeito tão benemerito, qual foy o Padre Pedro Paulo, digno de que esta Congregação lhe erigisse muitas estatuas, tanto por suas grandes virtudes, como pelo summo trabalho com que a aumentou no espiritual e temporal. Força hé logo ser demenuto nas noticias deste grande padre; mas tãobem o pouco que hei-de dizer, bastará para dar de conhecer o muito que elle foy. // [p. 526]

<sup>240</sup>134. Foy o Padre Pedro Paulo, natural de Sancoalle, aldea da provincia de Salsete, filho de João de Moura e de Monica Rodrigues, bramanes honestos. Entrou na Congregação sacerdote moço aos vinte e nove de Junho de mil seiscentos noventa e hum e viveo nella dezanove annos, seis mezes e sinco dias, todos tão bem empregados no agrado de Deos, procurando com o mayor conato, disvelo, fervor e efficacia adiantar o estado desta Congregação, assim no espiritual, como no temporal, que a custa de indiziveis trabalhos, continua fadiga e diuturnos suores conseguiu ver com seus olhos tudo que dezejava, para Deos ser bem servido e o seu serviço perpetuado com o estabelecimento e firmeza da Congregação. He constante que antes de entrarem este grande padre e o Padre João de Moura, seu <sup>241</sup><primo>, no Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres; o Padre Custodio Leytão e os mais, que nelle rezidião, não achando no ordinario o favor que necessitavão para o aumento da Congregação, quasi desenganados da conservação della, contentando-se com tratar só de si, sem providencia alguma do futuro, nem cuidavão na fabrica do convento, nem no patrimonio delle. Mas depois que Deos trouxe para esta sua pequena grey aos Padres Pedro Paulo e João de Moura, cuja vocação no juizo de todos foy especial providencia, com que

<sup>238</sup> Psalm. 8.

<sup>239</sup> «Devido aos teus inimigos recebeste honras da boca das crianças e dos innocentes, a ponto de os destruires».

<sup>240</sup> Número riscado.

<sup>241</sup> Riscado: «[thio?]».

quiz adiantar e perpetuar o estado da Congregação, applicarão elles para este fim todos os possiveis e efficazes meynos, que no livro segundo ficão largamente referidos.

135. O primeiro e o mais necessario era a fabrica do convento, que se fez com o dinheyro das esmolas pedidas nas aldeas de Salsete, Ilhas e Bardes e nas quaes teve o Padre Pedro Paulo igoal merecimento com o seu <sup>242</sup><primo> Padre João de Moura. O segundo foy o patrimonio, em que excedeo a elle e a outros muitos; porque deo por tres vezes mil quinhentos e sincoenta xerafins. Comprado o palmar da Caissua, que foy o primeiro fundo de nosso patrimonio, tomou o Padre Pedro Paulo por sua conta a cultura delle sem reparar no muito trabalho que havia de custar; tanto pela distancia de mais de sete legoas, que era necessario andar para chegar // [p. 527] do convento aos limites de Bardes, aonde he sito o tal palmar. Como porque foy fazenda de mulher veuva e tinha passado muitos annos sem grangeamento e para produzir fruto correspondente ao dinheiro, porque foy comprado, demandava huma reforma extraordinaria, cauza porque os padres se achavão arrependidos de tal compra. Mas o Padre Pedro Paulo, cultivando as plantas velhas, plantando novas, fazendo os concertos necessarios, povoando de mundacares; que são gente de serviço conduzida com dinheiro para morar no palmar pela utilidade que se segue as palmeiras, havendo nellas moradia da gente; o poz em tal auge, que veo a estimar-se outro tanto mais do que tinha custado; podendo-se chamar todo este aumento parto mais da industria e trabalho deste padre, do que fruto da tal terra. Fazia essa tão longa jornada do convento aos limites de Bardes, caminhando sempre a pé assim no Verão como no Inverno; e emquanto houvesse nesse palmar caça com ermida, que elle mesmo fabricou, padeceo muitos e grandes descommodos do agazalho; porque sendo necessario por cada vez que hia ao palmar nos primeiros annos, ficar largo tempo assistindo ao grangeamento, se accommodava ou, para melhor dizer, se desaccomodava em huma pobre choupana, triste, escura e baixa.

136. Não só no beneficio desta primeira fazenda, mas tãobem de outras duas, que elle em sua vida comprou para o mesmo patrimonio com o <sup>243</sup>dinheiro de algumas capellas de missa quotidiana, que os fieis instituirão na Congregação, trabalhou incansavelmente. E não menos na horta do convento, que no seu principio era terra maninha sem haver nella huma só mouta. Os oyteiros altos ao redor do convento não tinham planta alguma, os valles baixos erão vestigios de edificios antigos; tudo não só mal reputado por não produzir fruto; mas tãobem muy perniciozo a saude; porque a falta da sombra fazia o sitio muito calido e a habitação do convento doentia. Entrou aqui a abençoada mão do Padre Pedro Paulo e com ella a benção de

<sup>242</sup> Riscado: «[thio?】».

<sup>243</sup> Riscado: «[fun?】».

Deos, por cujo amor unicamente trabalhava. Cercou todo o oiteiro em roda e plantou nelle variedade de arvores, humas fructiferas, outras ceduas, todas uteis. No valle abrio oyto poços e hum tanque anti // [p. 528]gos, que estavam entulhados, tirou dos edificios arruinados muita pedra, que bastou para a cerca da horta, dispoz a terra em canteiros e plantou as palmeiras, juntamente com muitas figueiras indianas, cujos figos se colherão em tanta abundancia, que bastando para o uzo quotidiano da caça, se repartirão muitos pelos devotos da Congregação, aos quaes era justo participar destas primicias e ainda sobejarão tantos, que com o preço delles se pagou todo o gasto, que se fazia com os hortalaes, postos para regarem as palmeiras. Quanto padeceo este padre, grande soffredor de trabalhos, na fabrica da cerca e no plantamento da horta, não se pode cabalmente explicar; bastará dizer que sendo o lugar assás espaçozo, em que se trabalhou por muitos annos, no Verão se secava no sol e no Inverno se molhava na agoa; de sorte que se estava no convento, assistia na horta, se fora delle andava nos palmares e deste modo em qualquer parte que estivesse, sempre aturou as inclemencias dos tempos.

137. Mas tãobem as utilidades que se seguirão do muito que trabalhou na horta, forão igoaes a sua indivisivel fatiga. Primeiramente ficou o sitio ao redor do convento todo cheo de arvoredo e por isso muito sadio. Teve a caça muitas mangas e jacas, que são as melhores frutas da India; pelo conseguinte os cocos das palmeiras, não fallando em outras de menos nota. Os cajus em mais que grande abundancia, que por não serem necessarios para o uzo do convento, se arrendão; e os rendeiros não podendo dar sahida a todos por venda, sem embargo de venderem muytos mil cada dia no tempo da sua novidade, estillão do summo dos que sobejão, bastante e excellente vinho, que he muito medicinal e não se parece pouco com a agoa-ardente.<sup>244</sup> Desta sorte, com despeza que não foy de consideração; pois não chegou a quinhentos xerafins, deixou o Padre Pedro Paulo ao convento da Santa Cruz dos Milagres dentro da sua horta renda certa de trezentos xerafins por anno, que tanto e talvez mais, importa por boa conta o que ella produz, sendo antes chão repu // [p. 529]tado por inutil, que delle se não esperava mais que palha para as bestas. E não só trabalhou tanto em aumentar o patrimonio; mas tãobem no alcance da provizão, que a Congregação necessitava, da approvação e confirmação do ordinario, em cuja demanda por espaço de sete annos deo muitas passadas, frequentemente caminhando a pé thé Pangym, aonde morava <então> o Senhor Dom Frey Agostinho da Annunciação. Finalmente todas as dependencias que a Congregação teve nos palacios e tribunaes e com ministros publicos e pessoas particulares, correrão por conta deste padre, cuja actividade e paciencia concluia com tão feliz successo, que era certa a benção de Deos em todo o negocio em que elle punha a mão.

<sup>244</sup> Seguem-se cerca de três linhas riscadas.

*Capitulo Decimo Sexto*

*Referem-se as virtudes que resplandecião nas aççoens do Padre Pedro Paulo  
Anno 1711*

138. Não pareça a alguem narração superflua e impertinente a que fiz com tanta miudeza no capitulo antecedente do muito que trabalhou o Padre Pedro Paulo no serviço da Congregação; porque ainda que esses negocios em si erão temporaes; mas o motivo e fim porque este padre suportou tanto trabalho, forão nobilissimos e muito gloriosos a Deos. O motivo era a obediencia; porque nada empredeu por proprio arbitrio, senão por expresso mandado dos superiores, os quaes conhecendo a sua muita experteza, lhe encommendavão tudo e elle era subdito tão prompto e sogeito, que com todo o rendimento do juizo e da vontade dava inteira execução não só as ordens, mas a qualquer aceno dos superiores. Ainda sendo prelado, que o foy duas vezes, fazia tanto apreço da obediencia, que antes dezejava obedecer do que mandar. Depois de ser habitado dos congregados o Convento do Carmo, sendo o Padre Pedro Paulo, Prepozito da Congregação e prelado de ambas as cazas; comtudo quando hia ao tal convento, fazia ao superior delle ao entrar e sahir as mesmas venias como qualquer subdito e não era isto por mera cortezia e politica; senão com dezejo fervorozo de obedecer, que como sendo prelado não achava exercicio frequente da obediencia, se aproveitava // [p. 530] de semelhantes occazioens, portando-se nellas como subdito dos seus subditos.

139. O fim que respeitava em todos esses tão pezados trabalhos, era o serviço e gloria de Deos, com que espiritualizava as mesmas occupações temporaes; porque, entendendo o muito que conduzia para o serviço de Deos o estabellecimento da Congregação; e não podia a Congregação ser firme e perpetua sem a dependencia dessas temporalidades, se sogeitou ao jugo dellas, para Deos ser bem servido. E sendo certo que o amor se vê nas obras; e quem mais ama, mais trabalha e padece; amou muito a Deos o Padre Pedro Paulo; pois trabalhou e padeceo tanto no seu serviço.

140. Nem foy menos util essa tão diuturna e laborioza fatiga<sup>245</sup> para habilitar-se o Padre Pedro Paulo ao exercicio das mais virtudes; porque ao varão espiritual importa muito opprimir a carne com o jugo e carga dos trabalhos corporaes. <sup>246</sup>*Bonum est viro, cum portaverit jugum ab adolescencia sua.*<sup>247</sup> Dictame tão universalmente praticado pelos antigos eremitas, que cavavão a terra que não havião de semear e se occupavão em serviços pezados, de que não esperavão conveniencia temporal, respeitando só o muito que

<sup>245</sup> Pequena refeição.

<sup>246</sup> Jeram. Tren. C. 3 v. 26.

<sup>247</sup> «É proveitoso ao varão espiritual quando tiver suportado a carga desde a adolescência».

semelhante trabalho ajuda para o aproveitamento do espirito. E bem se vio esta verdade no nosso padre, o qual com essas occupaçoens tão molestozas < sahio > muy aproveitado nas virtudes. A que mais resplandecia nelle, como fruto proprio dos trabalhos bem sofridos, era a paciencia, de que deo illustres testemunhos nas occaziões que lhe não faltarão de graves injurias. Certo sogeito mal informado, concebeo a elle tal aversão que, buscando de propozito occazião de o agravar, o tratou com palavras assas descommedidas, sem respeitar a sua virtude, nem attender a sua dignidade; pois era então prepozito. Neste repentino assalto o pacientissimo prelado no mesmo tempo que o injusto aggressor o offendia, não só se não mostrou resentido; mas com extraordinarias demo[n]straçoens de agrado, amor e carinho o abraçou, socegou e fez tornar em si a quem tão fora de si estava.

141. Outro, que era official subalterno, muy particu // [p. 531] larmente beneficiado deste padre, a quem sobre o agradecimento de muitas attenções e favores, devia o respeito de prelado; mas por<sup>248</sup> extender a alçada para fora dos seus limites, se portou tão cegamente desattento que, rompendo por tantos vinculos e obrigações, faltou a veneração que elle merecia. Mas nada foy bastante para o virtuozo padre deixar de continuar ao ingrato os mesmos beneficios; mas antes, como se achasse nelle toda a boa correspondencia, o tratou dahi por diante com mayor benevolencia. Assim sabia triunfar a sua paciencia, não só sofrendo as injurias com serenidade de animo e com semblante alegre; mas tãoobem tornando bem por mal, que hé o mais sabido grao não só da paciencia; mas tãoobem da caridade. E como foy prelado duas vezes; e hé certo que assim como se não pode servir a dous senhores, assim tãoobem se não pode agradar a Deos e aos homens; não faltarão nos seus dous governos alguns subditos menos mortificados e por isso queixozos; mas daqui não colhião mais que confuzão propria; porque a inteireza deste prelado, a rectidão do seu procedimento, a sua invicta paciencia e grande benevolencia, affabilidade geral com todos era a mais forte correcção, com que se confundião os descontentes e conhecendo o seu erro ficavão socegados e emendados.

<sup>249</sup>142. O zelo da regular observancia e o fervor da oração e dos mais exercicios espirituaes, communs e particulares em pessoa continuamente occupada em ministerios molestozos e distractivos, hé motivo de grande < admiração e de muita edificação ><sup>250</sup>. Este grande padre, andando na cultura dos palmares, recolhendo-se de Bardes ao convento ordinariamente a boca de noite, tendo caminhado quazi todo o dia, vindo cansado e suado; nem por isso procurava menor alivio ao corpo tão fatigado, nem sequer trocava a camiza; mas como se sahisse do descanso do seu cubiculo; assim depois de se apresentar ao prelado, hia direyto ao oratorio para ter a oração da

<sup>248</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>249</sup> Número riscado.

<sup>250</sup> Cerca de três linhas riscadas.

tarde; e depois de cumprir inteiramente com todas // [p. 532] as obrigações da comunidade, assistindo the no ultimo acto della, então hé que se recolhia no seu cubiculo. E bem mostrava a sua modestia e silencio; em que o não ganhava hum fervoroso noviço, que os exercicios da vida activa lhe não estorvavão o interior recolhimento, necessario para a contemplativa. Pois o fallar pouco e preciso e andar sempre com olhos baixos, com modestia e composição das acções externas, no meyo das occupaçoens tão distractivas, quaes elle teve, hé claro sinal de muito cabedal da mortificação, silencio<sup>251</sup> [*sic*] e presença de Deos, em que estava radicalmente habituado o seu espirito.<sup>252</sup>

143. Por onde, sem embargo de lidar continuamente com as temporalidades da Congregação; nem por isso se escuzava do trabalho das missoens; porque fez muitas e muy fructuozas por essas freguezias, assim no tempo da Quaresma, como em outro qualquer, <em> que os fieis pedissem e a obediencia mandasse. Em Julho de mil setecentos e oito, sendo nestas partes da India coração do Inverno, houve geral seca por muitos dias, com que hião perecendo as searas e se temia huma cruel fome. Houve na minha freguezia, que era de Neurá, procissões, preces, penitencias publicas e clamores ao ceo, que estava como de bronze, sem distillar huma só gotta de agua. Não valendo estas diligencias, reccorrerão aquelles freguezes ao prepozito desta Congregação, que era o Padre Custodio Leytão, pedindo hum missionario; e elle mandou ao Padre Pedro Paulo, aonde o conheci, sendo eu então de idade de dez annos. No segundo dia da missão, estando o missionario no pulpito, pregando com fervor, choveo Deos em muita abundancia; e sem embargo de se continuar a chuva, se não interrompeo a missão; porque o povo estava muy edificado deste padre, a cujos merecimentos attribuia o beneficio da chuva e por baixo da agoa concorria muita gente para o ouvir. Dous padres desta Congregação que o alcançarão nella nos seus ultimos dias, me affirmarão entre outras noticias que foy elle excellente pregador.

144. O desapego do mundo e o que hé ainda mais o da propria vontade e juizo foy nelle notavel. Tinha o juizo tão rendido, que facilmente cedia, ainda nas couzas em que lhe assistisse a razão. Porfias e // [p. 533] teyma, para levar a sua avante, ninguem vio nelle; antes se accomodava melhor com a mais ruim paz do que com a mais justificada demanda, sempre prompto para cortar por si por condescender com todos. Quando corria com a administração do palmar de Caissua, mandou levantar no oiteiro contiguo huma cerca, tomando dentro della menos terra do que lhe cabia por direito das agoas vertentes, sendo que os donos das fazendas vezinhas tinham tomado mayores espaços do mesmo oiteiro correspondentes aos seus palmares. Não obstante isto os gancares daquella aldea começarão a fallar de fora, que

o padre uzurpava o chão, que era da aldea e não pertencia a sua fazenda. Chegada esta queixa aos ouvidos delle, escreveo aos gancares varias cartas com muita cortezia, dizendo nellas que tinha tomado aquelle chão, julgando ser aneixo do seu palmar com a mesma razão e direito, com que os possuidores vezinhos tinham abarcado mayores porçoens; comtudo, se a aldea lhe parecia ser seu, lho pedia aforado; ou ao menos estivessem os gancares no diffirimento de qualquer varão prudente. Mas porque os taes gancares nem respondião as suas cartas, nem rezolvião couza que tivesse propozito; e só continuavão na sua mal fundada queixa; o Padre Pedro Paulo sem attender a manifesta razão que lhe assistia, nem à despeza que custou a cerca que ja estava perfeita; a mandou desfazer e levantar nova mais para dentro, deixando fora todo o chão que a aldea sem fundamento chamava seu, mostrando nesta acção quão facilmente cedia do seu parecer, ainda em materias de tanta justiça e quão promptamente sabia cortar por sua propria vontade por condescender com a alhea.

145. Era tãobem este padre sobremaneira agradecido; por qualquer beneficio ou attenção que recebesse, se dava por perpetuamente obrigado a toda a boa correspondencia e favor que na sua mão estivesse fazer ao seu benfeitor. Sendo eleyto para pedir as esmolas em Bardes, assim como se pedirão em Salsete, foy a Sirulá, primeira e a mais possante <aldea> daquella provincia, em occasião que todos os gancares della se achavão juntos, presente tãobem o capitão das terras em acto da arrematação das suas vargeas. Depois de fazer presente à gancaria a supplica que hia fazer por parte da Congregação; estando os gancares na conferencia da quantidade da esmola // [p. 534] que havião de fazer; o capitão enfadado da rusticidade de alguns gancares, que sem propozito algum embarçavão tudo, atirou com o bastão, que casualmente foy dar em hum delles, de que se originou motim bastante para haver grande mortandade. Porque o corpo da gancaria constava de mais de duzentos gancares, <os quaes><sup>253</sup> ficarão tão escandalizados da bastonada, que sahindo da caza, em que estavam juntos, commoverão a plebe com grandes vozerias e formados em hum grosso e confuzo exercito se hião arremetendo ao capitão, não menos que para o despedaçar; e porque elle se fechou dentro da caza, desmantellarão o telhado as pedradas; os seus criados vierão com armas de fogo. Mas o Padre Pedro Paulo se poz no meyo, não reparando no perigo ou de huma pedrada do povo, ou de huma bala do capitão e, prostrando-se aos pés deste e daquelles, socego a tormenta.

146. Entrando, porem, a justiça para tomar conhecimento deste facto, foy encravado na devassa hum João Barreto, gancar principal da mesma aldea, ao qual os seus oppostos fizeram author e cabeça daquelle motim; sendo elle innocente no cazo; porque em tal dia não assistio na gancaria; nem soube do motim senão depois de apazigado. Foy o innocente homem

<sup>251</sup> Entenda-se: «silêncio».

<sup>252</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>253</sup> Escrito sobre algumas palavras riscadas.

prezo em ferros e recluzo no carcere da Fortaleza dos Reys, com tal rigor que lhe era prohibida toda a communicação. Mas nesta sua afflicção, que com razão era grande; porque o crime que lhe accomularão era enormissimo e quando escapasse da forca, ninguem o poderia livrar da pena dos açoutes e de perpetuo exterminio; lhe valeo para tudo o nosso padre por agradecimento que lhe devia do agazalho, que no mesmo dia do motim achou em <sua> caza. Era a empreza ardua; porque o conde vice-rey e os ministros da Rellação mal informados querião dar hum castigo exemplar. Em tudo teve mão o nosso padre; porque lhes fallou repetidas vezes para os inteirar da verdade, de que <sup>254</sup><era> testemunha occular. Buscando valias das pessoas de mayor respeito, conseguiu a mudança da prizão da Fortaleza dos Reys a cadea da corte, com que ficou minorado o rigor, em que João Barreto padecia. Vizitava-o frequentemente e lhe assistia com <a> consolação possivel; e não poucas vezes a custa de di // [p. 535]nheyro o tirava as occultas do carcere e o recolhia no nosso convento the alcançar alvará da soltura sobre fiança carcereyra. Entrou ao depois na diligencia de dar a sua defeza e fazer patente a sua innocencia, com que finalmente lhe obteve a sentença do livramento. E tudo isto fez em retorno de hum jantar e cea, que com boa vontade lhe dera João Barreto.

147. Tinha o Padre Pedro Paulo condição muy benigna, terna e amorosa com todos e muy especialmente com os congregados, aos quaes geralmente amava com tanto extremo, como se cada hum delles fosse todo o seu coração. Daqui nascia estimar os actos publicos de virtudes e letras que elles fazião, com tanto alvoroço de gozo, que o não podia dissimular sem o mostrar no rosto. E pelo conseguinte sentia com grande excesso as suas molestias, enfermidades e mortes. Tinha a fonte das lagrimas tanto a flor dos olhos que, com qualquer leve toque, derramava copiozas. Era muito aceyto ao Vice-Rey Dom Rodrigo da Costa, que o tratava com grande affabilidade. Hindo a dar-lhe o pezame da morte de hum filho seu, que falleceo na viagem de Lixboa para India, mais chorou do que fallou e forão tantas as lagrimas, que mais servirão de renovar a pena, do que mitiga-la ao principe nojado.

148. Tendo, pois, o Padre Pedro Paulo servido com tanto fervor a Deos e a Congregação e sendo segunda vez prelado della, adoeceo ao primeiro de Janeyro de mil setecentos e onze, anno em que lavrava contagio das beixigas; a febre que no primeiro <dia> parecia pequena, no segundo se declarou ser do mesmo contagio e era de qualidade tão maligna, como irremediavelmente mortal. Preparou-se para o ultimo conflicto com todos os sacramentos e com muita conformidade com a vontade divina. Ordenou o seu testamento, mostrando nelle aquelle mesmo desapego com que viveo, do mundo e da carne e sangue; porque instituiu a Congregação por sua herdeira, sem se lembrar de parente algum, tendo muitos e muy chegados. E a todos os congre-

<sup>254</sup> Riscado: «foy».

gados deixou em sinal do seu amor todas as veronicas, cruces, rozarios e outras couzas semelhantes, que no seu cubiculo tinha // [p. 536] para o uzo das missões; procedendo nesta sua ultima dispozição com a Congregação como filho o mais zelozo do<sup>255</sup> aumento<sup>256</sup> da sua may e com os congregados como irmão o mais amante dos seus irmãos. Agravando-se-lhe a enfermidade, ficou o corpo todo como açoutado, cheo de vergoens e lançava sangue por boca e por vias inferiores. Finalmente soffrendo com paciencia os ardores da febre e os malignos symptomas das mortaes beixigas, entregou o seu espirito nas mãos do creador aos sinco do mesmo mez e anno, quinto dia da doença. O sentimento dos domesticos na falta de hum sogeito tão benemerito e de hum prelado, que amava como pay a todos os subditos, foy excessivamente grande. O Vice-Rey Dom Rodrigo da Costa, que o tratava com familiaridade, ficou muito magoado com a sua morte; e ainda mais o Arcebispo Primas, o Senhor Doim Frey Agostinho da Anunciação, que não menos o estimava, ouvindo noticias do seu fallecimento, deo com a mão na cabeça e ficou largo tempo como suspenso e fora de si sem poder articular palavra com a vehemencia da pena.

149. Foy o Padre Pedro Paulo de estatura bem porporcionada, com cores brancas e rozadas; rosto alegre, aprazivel e de gentil feição. Tinha na cabeça pequena calva, que lhe fazia a prezença mais grave. Era muy modesto e comedido nas suas açoens. De coração generozo, magnanimo e soffredor dos trabalhos. Na boa relação e agradecimento era mais que excessivo. No seu trato era manso, humilde, affavel e attractivo dos coraçãoes. Não chegou a idade de sincoenta annos, sendo varão digno de que para beneficio publico vivesse muitos seculos. Servio a Congregação em todos os ministerios temporaes e espirituaes, foy quazi perpetuo procurador das fazendas, missionario zelozo, pregador fervorozo e douto, confessor incansavel, mestre dos noviços, deputado e duas vezes prepozito. A primeira antes de ser a Congregação confirmada por Sé Apostolica; a segunda vez foy o primeiro prepozito depois da bulla da confirmação e falleceo no terceiro anno do seu trienio. Depois que professou na Congregação, por discurso de mais de dezoito // [p. 537] annos correrão por sua mão todos e os mayores negocios da Congregação. E elle tratou e conseguiu todos com felicissimo successo; e chegou a ver na Congregação tudo quanto lhe dezejou e solicitou para o seu aumento e forão a fabrica do Convento da Santa Cruz dos Milagres e a merce real do Carmo, de que elle como prepozito tomou a posse, o patrimonio para a sustentação da comunidade, a confirmação da Sé Apostolica e bom numero dos congregados. Só não vio em caza os estudos; mas deixou a materia disposta, recebendo na Congregação no seu segundo governo sogeitos capazes de sobir as cadeiras da Filosofia e Theologia. Finalmente salva a paz dos congregados mais benemeritos e sem o receyo da injuria

<sup>255</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>256</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

delles, digo que não menos deve a Congregação ao Padre Pedro Paulo, do que a missão de Ceylão ao Veneravel Jozeph Vaz; porque assim como Deos escolheu ao Veneravel Jozeph Vaz para fundar e plantar aquella missão, assim tomou a Padre Pedro Paulo por instrumento para aumentar em tudo a esta Congregação. Por isso com as noticias deste insigne heroe dou por fim e ponho a coroa a este<sup>257</sup> quarto livro, assim como elle com todo o amor e disvelo poz no mayor auge à Congregação. //

## LIVRO QUINTO DA CRONOLOGIA DA CONGREGAÇÃO DO ORATORIO DE GOA

[p. 539]

### *Summario do que nelle se contem*

*Nascimento e infancia do Veneravel Jozeph Vaz. Progressos que fez nas letras e virtude the ser ordenado de sacerdote. Missionou no reyno do Canará, aumentando a christandade com indizível trabalho e sustentando a custa de muita molestia o partido da jurisdição do prelado goano. Resummo com remissoens aos quatro livros desta historia, em que fica referido tudo que obrou desde o anno mil seiscentos oitenta e sinco the mil setecentos e dez. Roteiro dos exercicios que fazia, andando em missão. Da fe e esperança que tinha em Deos. Da sua caridade. Do seu amor para com os proximos vivos e deffuntos. Da // [p. 540] sua humildade. Da sua obediencia. Da sua pobreza. Da sua penitencia, mortificação e paciencia. Da sua castidade, modestia e silencio. Da sua prudencia. Da sua oração e fervor dos exercicios ordinarios. De dom de lagrimas, profecia e graça de dar saude aos enfermos. Prodigios que Deos obrou por meyo delle. De sua precioza morte, perseverança final; e honorifica depozição. De boa opinião e fama publica de sua santidade. Varios milagres succedidos por sua intercessão depois do seu feliz tranzito. Devoção com que nas partes de Goa he geralmente invocado o patrocínio do Veneravel Jozeph Vaz para com Deos. //*  
[p. 541]

### *Capitulo Primeiro*

*Nascimento e infancia do Veneravel Jozeph Vaz  
Anno 1711*

1. Rematey o livro quarto com as noticias do Padre Pedro Paulo. Começo este quinto, escrevendo do Veneravel Jozeph Vaz, fallecidos ambos em Janeyro de mil setecentos e onze, só com a differença de dez dias que medearão entre as preciozas mortes de hum e outro. Parece não carecer de misterio o levar Deos para si a estes dous heroes no mesmo mez e anno; como querendo premeiar ao mesmo tempo aos que trabalharão para o mesmo fim. O fim para que se dirigião as louvaveis fatigas do Padre Pedro Paulo, era

<sup>257</sup> Seguem-se cinco linhas riscadas.

o estabelecimento da Congregação, de que havia de rezultar a Deos muita gloria e de que totalmente pendia a conservação da missão. Igoalmente a glorioza empreza do Padre Jozeph Vaz em fundar e regar a missão com os seus suores, doutrina e exemplo, foy para que, sendo Deos bem servido pelos congregados no ministerio apostolico da salvação das almas, ficasse a Congregação mais florente nas virtudes.<sup>1</sup>

2. Da vida do Veneravel Jozeph Vaz corre impresso hum volume.<sup>2</sup> O que elle obrou na missão de Ceylão desde o anno mil seiscentos oitenta e sete, em que entrou nella, the o de mil setecentos e dez, em que continuou no ministerio apostolico, deixey relatado nos primeiros quatro livros desta chronologia em varios lugares, conforme pedia a ordem que observo. Agora para dizer o que delle resta, não sera necessario mais trabalho que o de tresladar o que no dito volume de sua vida está escrito, accresentando somente aquellas circunstancias que não cabião bem na ordem chronologica e os novos favores que confissão os fieis receber de Deos por intercessão deste seu servo, os quaes são tantos e tão universaes, que se houver de escrever todos, encherão muito papel; comtudo não faltarey de referir alguns neste livro, que por isso todo ha-de ser seu.

3. O Veneravel Jozeph Vaz, varão feito à medida do coração divino, restaurador e propagador da fé catholica no reyno do // [p. 542] Canara e nos sete da espaçoza Ilha de Ceylão; nas pias e apostolicas emprezas incançavel ministro; extremozo na caridade; devoto na religião; humilde de coração; invicto na paciencia; grande sofredor dos trabalhos; continuo na oração; prompto na obediencia; zelozo da observancia regular; austero na mortificação; angelico na castidade; desprezador do mundo; terror dos demonios; da carne acerrimo inimigo; muy parecido no zelo da salvação das almas a nosso patriarca São Filippe Neri, que o deixou por successor do seu espirito; admiravel nos prodigios; singular gloria da nação bramana, honra de sua nobre familia e da Congregação do Oratorio de Goa illustre ornamento; foy natural de Sancoale, fecunda mãe de excellentes congregados, aldea da provincia de Salsete. Os seus pays se chamavão Christovão Vaz e Maria de Miranda, pessoas honestas e pias, com sufficientes bens da fortuna, mayores da graça; porque frequentavão os sacramentos, a oração e lição, com cujo exercicio sahio Christovão Vaz tão modesto nas suas aççoens, tão exemplar no seu procedimento, tão honesto na sua conversação, que foy em toda a sua aldea e na opinião dos que o conhecerão e tratarão, reputado e juntamente respeitado por homem de louvaveis costumes e no espirital e politico superior aos da sua esfera.

4. A este homem, pois, manifestou Deos a futura santidade de Jozeph, seu filho, estando no ventre materno; porque sonhou que sua mulher pariria

<sup>1</sup> Seguem-se sete linhas riscadas.

<sup>2</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

hum menino, que viria a ser grande varão e por elle seria muito applaudido o seu nome. Este sonho, por então reputado delirio da fantasia, se julgou depois misterio descoberto com a apparição de huma estrella resplandecente; que o mesmo pay vio no ceo ao meyo dia, hora em que nasceo o venturozo menino; razão porque, sendo costumado a assentar no livro de sua lembrança os dias dos nascimentos de seus filhos, no assento de nosso Jozeph, que foy o terceiro entre seis que teve, escreveu o seguinte vaticinio. Aos vinte e hum de Abril de mil seiscentos e cincoenta e hum me nasceo hum filho, o qual foy bautizado ao oitavo dia e lhe puzerão o nome de Jozeph; por tempo vira a ser grande homem.

5. Apareceo a estrella para illustrar o nascimento de nosso Jozeph, como feliz pronostico de que o novo nascido com a luz da sua doutrina e com os resplandores de suas virtudes havia de desterrar as trevas do peccado, dissipar as sombras da heresia e gentilidade e guiar as almas ao conhecimento do verdadeiro Deos; que este hé o officio e fim, para que nascem as novas estrellas. Virá a ser profeta do Altissimo, disse do menino Bautista seu pay Zacharias; e do nosso menino Jozeph disse com seus resplandores a estrella; que vio seu pay Christovão Vaz, que viria // [p. 543] a ser grande homem, que he o mesmo que grande apostolo; porque aos apostolos chamou Christo semelhantes aos homens que servem com tochas acezas e astros luminosos do mundo, que allumião as almas com a luz da doutrina evangelica. *Lucerna ardentis in manibus vestris, et vos similes hominibus. Vos estis lux mundi.*<sup>3</sup>

6. Nasceo o nosso Jozeph em huma sexta-feira, dia felicissimo a todo o mundo, por se consumir nelle a redemção do genero humano. E era bem que na[s]cesse o corredentor de innumeraveis almas no mesmo dia em que por remir a todas morreo o Redentor universal dellas.<sup>4</sup> Nem parece carecer de misterio o nome de Jozeph em o nosso menino, nascido com tão prodigiosos presagios; porque assim como no primeiro Jozeph foy o seu nome feliz pronostico dos seus aumentos, os quaes forão tantos que chegou a ser e chamar-se salvador do mundo, pelo livrar e salvar da fome em que havia de perecer, se a sua industria lhe não prevenisse o remedio; assim no nosso novo nascido foy o seu nome faustissimo auspicio de grandes virtudes, em que havia de cre[s]cer e do ministerio apostolico a que nascia destinado, para encaminhar ao ceo muitas almas, de que se podia chamar salvador, como ministro da sua salvação eterna.

7. Nascido em huma sexta-feira, foy renascido na sagrada fonte do bautismo em outra, aos vinte e oito do mesmo mez e anno, administrando-lhe este sacramento o Padre Jacinto Pereyra, da Companhia de Jesus, na pia

<sup>3</sup> «Vós sois semelhantes aos homens que servem com uma tocha acesa. Vós sois a luz do mundo».

<sup>4</sup> Genes. 41 v. 45.

da igreja parochial de São João Bautista de Benaulim, da mesma provincia, aonde nascera em caza de seus avós maternos e forão seus padrinhos Sebastião Vaz e Esperança de Miranda. Como nascia para apostolo universal de varias gentes, povos e nações, desde o nascimento nobilitou a muitos; podendo justamente contender as aldeas Sancoale e Benaulim, sobre qual seja mais honrada com este felicissimo menino; se Sancoale, aonde foy concebido e criado; se Benaulim, aonde nasceo para o mundo e renasceo para Deos.

8. As expectações de tão feliz nascimento se desempenharão cabalmente nos progressos da puericia, mostrando nella o bom menino huma indole tão illustre, huma discrição tão anticipada, hum genio tão propenso a virtude, que bem se via dominar nelle mais a graça que a natureza. E se o ceo prevenio o nascimento com tantos presagios, depois de nascido não faltou em publicar os dons com que o havia enriquecido, por boca de hum bom velho, chamado Antonio Cardozo que, reparando nas acções deste menino, movido de espirito superior, disse por muitas vezes que não sabia Sancoale, que joya encerrava em si; que o tempo mostraria a perola que Deos tinha dado a seus pays. A este // [p. 544] oraculo se seguiu huma geral aclamação dos aldeoens que, ou movidos de celestial impulso, ou admirados de ver em pequena idade principios de grande virtude, a boca cheya o chamavão menino santo. Porque este menino apenas soube distinguir o bem do mal, quando começou a correr anciozo a buscar o mais perfeito. E como a natureza corrupta se aperfeiçoa por meyo da <oração e> mortificação, com estas se criou desde pequeno; porque com as mesmas havia de viver e morrer.

9. Contentava-se com comer grossieiros, regeitando os gostozos e doces, que na idade pueril e ainda em homens cre[s]cidos hé a mais forte tentação. Bem parecia este menino que na sagrada regeneração despio o Adão velho, perdido por comer. De que muito admirada a sua mãy dizia haver reparado neste filho o prazer com que aceitava o comer ordinario; mas não o delicado e gostozo, especialmente as frutas. Muitas vezes vindo a caza algum mendigo a hora de jantar, se chegava logo a janella e lhe dava parte da sua ração. Preludios da extremoza caridade e commiseración, que desd[e] a infancia cre[s]ceo com elle para com os pobres, dos quaes veo a ser o mais amorozo pay. Exercitava estas acções com tal cautella, como se desde então conhecesse, quanto o thesouro das virtudes se deve esconder aos olhos do mundo, para não ser roubado da vaidade o merecimento das boas obras.

10. Fugia de jogos pueris e buscava lugares retirados, em que apartado dos homens, se divertia com Deos, rezando muitas devoções segundo o espirito que naquella idade o movia. Succedeo huma vez estar atraz de huma porta<sup>5</sup> meya cerrada e posto no canto della fazendo a sua costumada oração. Acazo entrou o pay e de golpe abriu toda a porta e com a violencia com

<sup>5</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

que a arremessou, pizou ao nosso orador gravemente, ficando não menos magoado, que admirado do paciente menino, que não deu menor indicio da grande dor que lhe cauzara. Conta-se tãobem deste menino que, deitando-se de noyte com os mais irmãos em cama raza; depois de dormirem todos, elle se levantava e posto de joelhos orava largo espaço; por cuja cauza succedia ficar pelas manhãs algum tempo mais que os outros na cama; e o attribuição antes de se conhecer a verdadeira cauza, a ser de natural mais propenso a sono.

11. Posto na escola elementar deu illustres testemunhos de seu engenho e virtude. Em tudo a que o applicava o mestre, se mostrava aproveitado. No ler e escrever, na muzica e aritmetica e na doutrina christam competente aos seus annos a nenhum foy segundo. Na reverencia aos mayores e no amor aos igoaes excedeo a si mesmo. Sendo mandado pelo mestre // [p. 545] que torcesse a orelha a seu irmão mais velho por certa culpa; primeiro se escuzou, dizendo que era pequeno do corpo e não podia chegar lá com a mão. No que dizia verdade. Mas instando de novo o mestre que, posto em pé sobre hum banco executasse o castigo, se declarou então dizendo que era inferior na idade e se não attrevia a castigar a seu mayor. Não foy esta resolução impulso da carne e sangue, por ser irmão o delinquente; porque em outras muitas acções suas, que athe hoje logrão celebre memoria, mostrou quão inimigo era do amor proprio. Mandava-lhe varias vezes o mestre (talvez pelo achar mais activo) castigar com palmatoria aos condiscipulos que erravão a lição; mas elle, pondo-se em modo de dar as costas para o mestre, lhe tomava a vista e descarregava as palmatoadas na sua propria mão, por não ter coração, nem mãos para magoar as alheas.

12. Ajudava-o para tudo o bom exemplo de seus pays que, como tementes a Deos, se não descuidavão da boa educação dos filhos e menos deste que, sendo Jozeph nas virtuozas prendas, era juntamente seu benjamim no muito amor que lhe tinhão. Havia tãobem na caza de Christovão Vás duas viuvass suas irmãs, as quaes promoverão muito o aumento da piedade neste sobrinho; porque depois que soube ler, o tomarão por leitor da sua lição espiritual, que elle lia com muita satisfação propria e agrado dellas. E claro está que em terra tão bem disposta havia de produzir copiozo fruto a semente da palavra divina. Com semelhante procedimento nunca se notou nelle couza digna de menor reprehensão; antes a sua modestia, compostura, silencio, sizudeza, sogeição e affabilidade, prendas singulares em idade tão tenra, o fazião muito notavel e differente entre todos os de sua igoalha. Sendo não menos de notar a propensão que desde pequeno mostrou de ensinar a outros meninos o que elle sabia das couzas que na escola se aprendem, como quem nascera para magisterio mais sublime de preceitos e conselhos evangelicos.

*Capitulo Segundo**Progressos que fez nas letras e virtudes até ser ordenado de sacerdote*

Anno 1711

13. Da escola elementar passou o nosso Jozé à da gramatica latina, para se habilitar ao estado clerical, a que assim por eleição dos pays, como por propria inclinação se encaminhava o seu espirito, o qual sempre empredeu o mais perfeito. E sem embargo de ser a sua applicação para qualquer estudo igual ao engenho claro e // [p. 546] perspicaz de que o dotou a natureza; nunca porem desviou os olhos da verdadeira sabedoria, que he o santo temor e amor de Deos. Unio admiravelmente o estudo das letras ao das virtudes, tomando este por fim, aquelle por meyo; e por isso a melhor parte do tempo e cuidado empregava em fomentar o espirito, reservando a outra para cultivar o entendimento. Donde rezultou que se na escola de A.B.C. foy exemplo aos meninos e admiração ao mestre, na aula do latim era freyo aos grandes e pequenos. Até os irmãos mais velhos, tios e parentes o respeitavão muito. Não houve pessoa que ouvisse de sua boca palavra menos decente e muito menos que tivesse resolução de dizer ou fazer em sua prezença couza reprehensivel. Rara excellencia admirada em São Bernardino de Sena e notada em nosso Jozeph.

14. Emquanto estudou a lingua latina, que aprendeu na sua aldea de Sancoale, costumava ouvir missa todos os dias. Quando de hum lugar hia para outro, como de sua caza para a do mestre, ou para a igreja, o companheiro era o seu roزاری, que rezava pelo caminho. Havendo enterro de algum deffunto, o hia acompanhar e encomendar sua alma a Deos. Hum e outro exercicio naquella idade, não só edificou; mas fructificou muito, especialmente nos seus condiscipulos, que tãobem as virtudes são contagiozas. Assim como a companhia dos maos perverte, assim a dos bons converte. Esta affectuosa piedade lançou tão profundas raizes no seu coração para com os fieis defuntos, que sahia de noite a encommendar as almas e despertar com a sua voz aos vivos, pedindo para ellas suffragios de padre nossos e ave marias. Não podia o demonio sofrer virtude tão cre[s]cida em tão poucos annos. E como se a agua dos suffragios que o devoto moço solicitava para o alivio das almas do purgatorio, fosse azeite que lançasse no fogo do inferno, o pertendeo desviar de tão pio exercicio; apparecendo para isso em huma arvore de tamarinho, que ficava na estrada por onde costumava passar o nosso Jozeph, muitos vultos medonhos e fazendo a arvore com as suas ramas hum movimento e estrondo tão extraordinario, que ficarão aterrados os companheiros. Mas o nosso Jozeph, conhecendo ao author desta tramoya, armado da graça divina e sem temor algum do infernal inimigo, posto de joelhos no mesmo lugar, orou a Deos e tomou huma disciplina, com o que desaparecerão os espiritos das trevas e a arvore ficou socegada.

15. Dentro da sua caza e em companhia dos pays, irmãos e parentes vivia tão abstracto e despegado delles, como se estivera muito longe dos seus

olhos. O seu lugar era o quarto mais retirado. A sua conversação era com os livros espirituales, cuja lição tomava para si // [p. 547] e juntamente dava a mãe e tias. O seu divertimento e recreação erão os livros da latinidade. Tão modesto e tão recatado nas suas acções, que ainda as da urgencia da natureza não fazia, senão em horas nocturnas e em lugar mais apartado; denotando em tudo grande pureza do seu coração. Pelo que assim como hia cre[s]cendo em annos, assim tãobem se hia aumentando nas virtudes; porque huma alma tão retirada do mundo, tão despegada da carne e sangue, tão applicada ao trato familiar com Deos por meyo da oração, frequencia dos sacramentos, lição espiritual e outros exercicios da piedade, claro está, que de dia em dia havia de fazer nas virtudes grandes progressos.

16. Aproveitado na grammatica, estudou as humanidades na Universidade de Goa, que está a cargo dos religiosos da Companhia de Jesus e as soube com perfeição para o magisterio. Continuou os estudos mayores no Collegio Academico de Santo Thomas de Aquino da mesma cidade. Sendo humanista morava nas cazas da Ermida de Santo Antonio. Em filozofa passou a sua moradia na igreja da Collegiada de Nossa Senhora do Rozario. E em huma e outra caza deu mostras tanto do seu engenho, como do seu fervorozo espirito. Quatro annos estudou no dito collegio o curso de Filosofia e Theologia com tanto aproveitamento em ambas as faculdades, que em tres certidoens que passarão os mestres, que lhe lerão e o examinarão, affirmão que em todos os actos literarios sempre mostrou grande engenho e habilidade; e o leytor de Theologia accre[s]centa que o achara com grandes progressos em tudo quanto tinha estudado pertencente a esta faculdade; e ainda que pequeno no corpo, mostrava que viria a ser grande no estudo e no saber. Ainda mayor juizo fez da sua literatura o Padre Mestre João da Siqueira, da Companhia de Jesus, que o examinou para pregador e certificou que o julgava com sufficiencia mais que necessaria em todas as materias especulativas.

17. E sendo os estudos das letras tão distractivos do exercicio das virtudes, que ainda dentro dos claustros religiosos succede não poucas vezes esfriar-se nas aulas escolasticas o fervor de espirito que se accendeo no noviciado. Foy couza maravilhoza no nosso estudante ver os passos agigantados que deu nas letras, sem diminuir; antes aumentando o fervor de seu espirito. Tinha neste tempo conversação familiar com pessoas religiosas e trazia nas mãos o *Kempis de Imitatione Christo*, fazendo nelle mayor estudo do que nas faculdades que aprendia e soube praticar tão exactamente os apices que esse livrinho contem da mais elevada perfeição christam, que assim como em pequeno espaço de quatro annos se fez dextro na Filosofia e Theologia; assim tãobem no // [p. 548] meyo de outros estudantes moços que morvão na mesma caza e em companhia de homens tão divertidos, não só não afrouxou no modo de sua vida; mas antes o silencio com que vivia o retiro, com que passava a oração que continuava, a abstinencia com que se mace-rava, era materia mais para admiração, do que para imitação. Todo o tempo

que de dia lhe ficava livre da assistencia na classe, passava no coro da igreja, estudando e orando; e da mesma sorte passava as noites na capella, aonde posto de joelhos estudava a lição a luz da alampada e depois de huma larga oração he que descansava, prostrado nos degraos do altar; os quaes sendo de pedra preta e muy fria, bem se deixa ver que mais servião de cruz para o martirio, que de cama para o alivio.

18. No vigessimo anno de sua idade recebeu as ordens menores; e no anno de 1674 e 75, em que fazia vinte e quatro annos, as de subdiacono e diacono, que todas lhe conferio o Illustrissimo Senhor Dom Custodio de Pinho, bramane, natural de Salsete de Goa, o qual hindo em pequena idade a Roma, fez grandes progressos nas letras e bons serviços a igreja na Turquia, para onde foy mandado missionar com poderes de inquizidor apostolico pelo Sagrado Collegio da Propaganda Fide; e sagrado em bispo de Hierapolis, voltou a India por vigario e commissario apostolico nos Reynos de Grão Mogor, Idalxá e Golconda; aonde aumentou a christandade, edificando varias igrejas e ordenando muitos sacerdotes; e por ordem de Sua Santidade vizitou com grande trabalho a christandade da serra do Malavar. E vindo a fallecer na patria, pedio a sepultura ao pé do altar de Nossa Senhora da Salvação, da igreja de Benaulym e mandou por nella o epitafio seguinte. *Hic jacet pulvis, cinis, et mihil.*<sup>6</sup> A este prelado foy remetido o Padre Jozeph Vás com letras dimissoriaes pelo Reverendissimo Cabido da Sé Metropolitana de Goa, que esteve vacante por espaço de vinte e tres annos, por cauza da grande dilação que houve em Roma em serem ouvidos os embaixadores de Portugal enviados pelo Senhor Rey D. João IV, depois da sua feliz aclamação. No anno de 1676 foy ordenado presbytero pelo Illustrissimo Senhor Dom Frey Antonio Brandão, Arcebispo Primaz da India, o qual tãobem lhe mandou passar as provizoens de confessor e pregador, ministerios que exercitou com applauzo e edificação; porque no pulpito era ouvido com muita satisfação e proveito das almas; que como as suas obras pregavão juntamente com as palavras, erão muy fructuosos os sermoens que fazia, dirigindo todos à reforma das vidas e extirpação dos vicios. No confessionario era sobre prompto e diligente, incansavel.

19. Já neste tempo a fama de suas virtudes e da efficacia da sua pregação estava tão propagada e lhe tinha conciliado tanto credito, que // [p. 549] era buscado dos principaes da Corte, para o alivio de suas consciencias. Dom Rodrigo da Costa, que foy Governador do Estado da India, o tomou por seu confessor e advertido por elle se absteve de servir-se na meza de certo ecclesiastico, que assistia em sua caza. O Reverendissimo Luis Gonçalves Cotta, que tãobem succedeo no mesmo governo, tanto se deleitava dos seus sermões, que <nas><sup>7</sup> festas que fazia por sua devoção, o escolhia

<sup>6</sup> «Aqui jaz pó, cinza e nada».

<sup>7</sup> Escrito sobre uma palavra riscada.

sempre por pregador dellas; e para o conduzir da aldeia para a cidade, lhe mandava o proprio palenquim, de que elle nunca quiz uzar; porque depois de ordenado sacerdote se deu tanto a mortificação que nunca mais trouxe calçado, couza que observou até o fim da sua vida. Quazi sinco annos esteve, depois de ordenado sacerdote, em caza de seu pay, que a este tempo era já falecido. E neste discurso os dias empregava em vida activa, as noites na contemplativa. Porque dezejando por todos os caminhos negoçar com os talentos que recebeu de Deos e com elles utilizar aos proximos, abriu em sua caza escola de latim e junto com as liçoens deste idioma dava aos seus discipulos muitos documentos espirituaes, com que fez na mocidade da sua aldeia grande reforma, de sorte que houve entre os seus discipulos sogeitos de tão generoso espirito, que intentarão vizitar os lugares santos de Jerusalem. De noite tomada alguma refeição para o alimento do corpo, se hia a igreja de Cortalim, por ficar mais vezinha a sua caza, que a de Sancoale. E nella passava em continua vigilia e oração; e o breve sono que tomava para o alivio dos membros cansados, era estando de joelhos e recostando a cabeça sobre algum banco; ou debruçado sobre os degraos do altar. A oração tão prolixa conrespondião a mortificação, o jejum, a disciplina, com que affligia e domava a carne, para o espirito sem embaraço voar para o seu centro. Nestes tão santos exercicios gastou o Padre Jozeph Vás cinco annos de sacerdote, até que no anno de 1681 o chamou Deos para mais altos empregos, que hirey referindo nos capitulos seguintes.

#### Capitulo Terceiro

*Refere-se a missão que o Veneravel Jozeph Vaz fez no Reyno do Canara  
Anno 1711*

20. A missão do Canara que em tempos passados foy cultivada por missionarios de varias religioens e estava dezerta desde que o Estado da India perdeo as fortalezas de Mangalor, Barsalor e Honor, que tinha na marinha daquelle Reyno; hé e foy desde o seu principio da jurisdição do prelado de Goa, o qual se não des // [p. 550] cuidava de mandar para ella algum sacerdote, depois que a desempararão os religiosos. Mas como nem todos procedião com o cuidado que pede tal ministerio, padecião os christãos tanta falta dos sacramentos, que se cazavão sem assistencia de parochos; e houve muitos cazados que receberão a benção nupcial no mesmo dia que seus filhos legitimos hião por seus pés para serem bautizados. Não havia em toda a missão mais que tres igrejas. Huma em Honor fabricada pelos missionarios clerigos; outra em Barsalor, que fabricarão os padres da Companhia; e a terceira em Mangalor, que fora dos religiosos franciscanos; mas erão cazas sem dono. Hum ou dous missionarios clerigos erão os que andavão naquella seara tão dilatada. O Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Frey Antonio Brandão foy o primeiro que intentou zelar o aumento desta missão, que bem merecia particular cuidado, como unica que tem os senhores arcebispos de Goa. Mas

apenas puzerão as mãos à obra os primeiros dous missionarios que mandou para trabalharem nella, quando se acharão embaraçados com o Illustrissimo D. Thomas de Castro, Bispo de Tulsivelem, missionario de propaganda.

21. Este bispo de Tulsivelem era bramane, natural da Ilha Divari, de Goa. Em pequena idade foy a Roma em companhia de seu tio D. Matheus de Castro, Bispo Chrisopolitano, professou na ordem dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, foy lente de Filosofia e Theologia e mestre dos noviços; e estando eleito para vir a Goa com o cargo de prefeito dos seus religiosos, que tem nesta cidade convento e missão nas Ilhas de Samatra e Borneo, o nomeou Sua Santidade bispo de Tulsivelem. Foy sagrado em 1671; chegou a India em 1674 com os titulos de vigario apostolico, inquisidor geral e fundador da missão nos Reynos de Cochim, Tanor, Ginge, Madurei, Maysur, Caranganor, Cananor e toda a costa do Canará, na qual entrou pelos annos de 1677<sup>8</sup> <e como> era o ultimo termo de sua missão,<sup>9</sup> nella o fez de sua vida em continua contenda, que logo cessou com a sua morte.

22. Porque o Illustrissimo D. Frey Antonio Brandão tanto que soube que o bispo missionario o queria exbulhar da posse da jurisdição, que lograva pacifica naquelle Reyno, expedio huma pastoral, para que as suas ovelhas o não reconhecessem por pastor, nem recebessem sacramentos da mão de seus missionarios, emquanto o dito bispo lhe não // [p. 551] apresentasse as bullas pontificias, que lhe davão jurisdição naquellas terras e fizesse certas as cauzas porque o prelado de Goa devia ser excluido da posse em que estava. Entretanto faleceo o Illustrissimo Arcebispo e se recolherão a Goa os missionarios que mandara; por cujo motivo ficou livre o Illustrissimo Tulsivelense do padrao que embaraçava a sua jurisdição. Mas succedendo o cabido sede vacante e dezejando soccorrer a dita missão com remedio igual a sua necessidade, poz os olhos no Padre Jozeph Vaz, cujos louvaveis procedimentos e em especial o zelo da salvação das almas, que resplandecião nelle, logravão publicos applauzos; e o nomeou vigario da vara da dita missão. E sem embargo de que este emprego era conforme ao seu espirito; mas elle o não aceitou como fim, aonde havião de parar os seus designios, senão como meyo de tentar outra empresa mayor; que era a missão de Ceylão, a que se sentia chamado de Deos, como fica referido atraz livro 1, capitulo 12, numero 124 e seguintes.

23. Sahio de Goa em Março de 1681, provocando a inconsolaveis lagrimas, que chorarão na sua despedida não só os parentes, mas tãoobem os patrios e conhecidos, e deixando saudades, de que se fazia digna a sua amavel presença, começou a jornada por terra, para que sendo mais penoza, fosse tãoobem mais fructuoza. Com grande molestia e suores, cauzados do tempo

<sup>8</sup> Seguem-se cinco linhas riscadas.

<sup>9</sup> Segue-se uma palavra riscada.

calmozo, passadas as terras do Sunda e o porto de Honor, em que residia unico missionario, chegou a Batalá, donde começava a sua jurisdição e se extendia até Manjeserão, espaço de mais de vinte legoas, limite do Reyno do Canará. Principiou a sua missão com tanto fervor, cuidado e diligencia, que lhe não escapava pessoa christam por muito distante e embrenhada que estivesse. Soccorria as suas ovelhas não só com o pasto espiritual; mas tãoobem com o subsidio temporal, com tanta liberalidade que em breves dias repartio aos pobres e necessitados boa quantidade de dinheiro, que varias pessoas lhe havião dado em Goa, como viatico para as despezas da missão. Distribuido o dinheiro, deu tãoobem a roupa do seu uzo, até ficar somente com o que trazia no corpo, sem deixar nem cama para dormir, nem hum lançol para se reparar do frio, nem segunda camiza para trocar. Depois de não ter de seu que dar, valeo-se do companheiro, que era o seu sobrinho Padre Jozeph Carvalho, então moço de poucos annos, ao depois congregado e grande missionario de Ceylão, come<sup>10</sup> se disse atraz no livro 3, capitulo 7. Finalmente depois de repartir tudo quanto era seu e do sobrinho, tomou algum dinheiro e tãoobem a roupa dos moços da sua comitiva, com promessa de lhes pagar, quando Deos lhe desse com que, como elle esperava, e tudo distribuia aos pobres; ficando elle e os da sua companhia mais pobres que todos; mas por isso mesmo mais ricos; porque quanto dava por Deos, tanto mais lhe dava // [p. 552] Deos, para mais dar. E desta sorte nada possuindo, teve sempre que dar aos necessitados e sustentar a sua familia com o subsidio das esmolas, com que concorrião os christãos que tinham posses para isso.

24. O trabalho que tomou e o fruto que fez nesta missão o Padre Jozeph Vaz, não he facil de se dizer em poucas palavras. Tem o Reyno do Canará mais de trinta legoas de marinha plaina e de circuito quazi noventa; pelo certão he terra montuosa com oiteiros altos e fragozos; ultimamente se remata com o Gatte, que he huma serra extendida pelo coração da terra e continuada por toda a India e occupada de varios dominios, dos quaes hum he o de que fallamos. Este foy o primeiro theatro que offereceo Deos ao Padre Jozeph Vaz, para exercitar nelle o ministerio apostolico, de que deu tão boa conta, que sendo a seara tão grande e elle operario unico na mayor parte della, fazendo-se tudo para todos, obrou tanto como muitos de boa actividade; sem que a opposição do Illustrissimo Tulsivelense, que foy grande, como se dirá ao diante, bastasse, nem para intibiar o fervor, com que trabalhou, nem para lhe retardar os passos, com que corria e discorria por todas as partes. Andando sempre sem nenhum genero de calçado, nunca descançou em algum lugar os pés feridos e cançados de continuas marchas; porque apenas acabava de missionar em huma povoação, que logo partia para outra; e nesta forma por espaço de quatro <annos> que rezidio nesta missão, andou a maneyra do sol hum curso continuo e veloz. Reformou a igreja de Mangalor, que era huma barraca cuberta de palha e a poz em forma

<sup>10</sup> Entenda-se: «como».

e com aceyo devido ao templo de Deos. Erigio tres igrejas, huma em Barsalor; a segunda em Gangalim, aonde havia então mais christãos no numero e na piedade; a terceira em Calianapor, todas consagradas à Santissima Virgem Maria, instituindo irmandades para o seu culto; e na de Gangalim, que hé do titulo da Immaculada Conceição, se matriculou por irmão. Fabricou tãobem ermidas em varias partes; e para nellas fomentar a piedade dos fieis, celebrou festas publicas com aquella solemnidade que lhe era possivel.

25. O modo com que missionava, era o seguinte. Muito de manhã, accabados os seus exercicios da oração e officio divino, juntava as crianças do bairro onde se achava e as instrua na doutrina christam; e aos meninos capazes de aprender a ler e escrever, ensinava-lhes a lição com notavel affabilidade e paciencia. Confessava e pregava aos <que> acodião aos sacramentos; e dita a missa lhes administrava a sagrada communhão e os despedia depois de lhes fazer huma fervorosa pratica espiritual. As tardes gastava em vizitar e consolar aos enfermos. Nesta missão se ensayou a sua caridade nos extremos que fez em Ceylão com os doentes; porque // [p. 553] achou nella muitos entrevados e chagados e estes erão os seus mimozos; porque lhes fazia mayor assistencia, alimpando e curando com proprias maons as suas chagas podres e asquerozas. Em hum destes, que tinha na canella do pé horrenda chaga, que parecia incuravel, por haver annos que não obedecia a muitos remedios que se lhe applicarão, descobrio o nosso missionario que dentro de tal chaga ficava hum bicho cumplido e delgado, como cabello; o qual extrahio com destreza, em que facilmente não dera o mais perito cirurgião; porque, pondo papas de figos indianos, fez que o bicho que ficava dentro da carne, lançasse a cabeça fora para se cevar na doçura dos figos; descoberta a cabeça, a prendeo em hum cabello; e renovando as papas de manhã e de tarde, assim como o bicho cada vez sahia mais fora, assim o foy enrollando em hum delgado pao com sutileza e brandura; e desta sorte com alguns dias de cura tirou o bicho todo e sarou a chaga. Na igreja de Mangalor, aonde fazia mais detença, tinha dentro da sua caza os doentes pobres, aos quaes servia por si mesmo em todos os ministerios. E sendo estes actos exercicio de huma fina caridade, resplandeceo esta mais com muitos christãos, que estavam cativos dos gentios, huns vendidos por seus pays, outros penhorados por dividas. Com incrível trabalho e dispendio, remio homens e mulheres, assim do cativo do corpo, como tãobem do da alma, que corria mayor perigo.

26. Nem foy menos laborioza fadiga a redução de muitos que apostatarão da fé. Hum entre todos mais rebelde, por valido dos ministros da justiça da terra, custou ao nosso missionario fomes, sedes e muitas injurias que soffreo por sua conversão. Tentou primeiro varios meyo para o reduzir com toda a sua familia, que era numeroza; mas achou-o sempre tão obstinado, que negava ser christão e ameaçava morte ao Veneravel Padre, se contendesse com elle e com a sua gente. Vivia em huma povoação de pagãos, sem nenhuma vezinhança dos fieis; poucas vezes assistia em caza, por estar occupado no serviço d[e] el Rey do Canara. E sendo tudo isto embaraços

que muito difficultavão a conversão daquelle rebelde; comtudo se resolveo o nosso bom pastor a buscar, expondo-se ao perigo da morte, esta ovelha perdida que estimava muito mais que a sua vida. Foy-se a caza do apostata e chegou a tempo que elle se vinha recolhendo para ella; o qual, extranhando tal encontro, de que sempre fugira e fingindo-se desconhecido, perguntou-lhe que buscava? Respondeo o prudente missionario que, caçado de huma longa jornada, chegara àquella povoação e por evitar escandalo que poderia haver-se, deixando a hospedagem dos christãos, fosse pouzar com os gentios, viera a sua porta, aonde esperava aquella caridade que os fieis costumão praticar com os pobres que delles se valem. // [p. 554]

27. Negou o rebelde agazalho ao padre, dizendo que elle nunca fora christão, nem costumava hospedar aos sacerdotes de huma ley que não professava. Que sahisse logo da sua prezença e daquelle povoação, antes que experimentasse algum trabalho mayor que o caçasso que allegava. Soffreo o padre tão desabrida re[s]posta e sem temer as ameaças se deixou ficar no mesmo sitio; com o que se divulgou por toda a povoação que aquelle homem era christão e negava se-lo, por ter largado a ley e tratava com desprezo ao seu sacerdote, a quem os mesmos pagãos veneravão. Este murmurinho não foy tão manso que não cahisse aos ouvidos do apostata que, vendo descuberta a sua maldade e extranhada pelos mesmos gentios, ficou tão colerico e enfurecido que desfez em huma tempestade de injurias, as quaes o bom missionario tolerou com admiravel constancia. E deixando passar o primeiro impeto da ira do apostata, lhe fallou com brandura e carinho, declarando que o fim que o trouxera à sua caza, não era outro mais que o de buscar as almas perdidas, quaes erão a sua e as de sua familia e mostrar-lhes o caminho da salvação que tinham deixado. Muitos dias esteve a porta da sua caza; e não reparando nas desatensões com que o tratavão, nem cuidando na fome e sede que padecia, não cessava de pregar e exhortar ao rebelde e de rogar a Deos com lagrimas e suspiros, para que lhe assistisse com especial luz para conhecer o seu erro e reduzir-se ao caminho da verdade. Finalmente porfiou com tanta constancia, que triunfou a paciencia da obstinação e vio arrependida e prostrada a seus pés aquella ovelha, que como lobo arremetia contra o seu pastor.

28. Igual contenda teve em Mangalor com hum mouro que tinha em caza huma menina christam, vendida por seus pays. Muytas vezes a buscou o nosso missionario para a extrahir do poder do mouro, pagando-lhe o preço; e padeceo gravissimas injurias, com que o mouro insolente o maltratava todas as vezes que hia a sua caza, negando haver nella tal menina. Mas emfim com repetidas diligencias e muitas importunações conseguiu que o mouro lhe mostrasse a tal menina, para elle a examinar se era christam. Estava a rapariga tãobem instroida que negava os pays, a patria e a ley. Por outra parte muitos christãos afirmavão o que ella negava. Nestes termos se valeo o padre do braço secular, que era o capitão e feytor de Mangalor; porque d[e] outra sorte não podia uzar de força coactiva. O capitão mandou chamar

a sua presença o mouro com a menina e achando-a pertinazmente negativa em tudo, talvez inspirado por Deos, descarregou nella huma bofetada muy bem dada, com cuja dor fallou a verdade; porque gritou dizendo Jesus. Ouvindo o mouro proferir ella o Santissimo Nomme Jesus, deu- // [p. 555] -se por convencido e sem esperar por mais<sup>11</sup> fugio, correndo desesperadamente; bem assim como quando apparece a cruz de Jesus, desaparecem as partes adversas. E a menina confirmou que era christam e viveo ao depois no gremio da Igreja.

29. Outra occazião de mayor merecimento derão à paciencia do Padre Jozeph Vaz alguns maos christãos de Ulala da mesma missão; os quaes obstinados no seu peccado e sentindo gravemente que elle com continuas amoeções extranhasse o seu mau procedimento, se resolverão a tomar vingança na sua pessoa; e procurando occazião opportuna para executarem os seus diabolicos intentos, derão finalmente com elle em hum descampado no mesmo territorio de Ulala, aonde o espancarão com grande tirania e crueldade. Não se sabe o fim em que pararão homens tão perversos e insolentes. Sabe-se, porem, que em perpetuo testemunho da sua maldade e da santidade do seu servo amaldiçoou Deos o lugar em que se cometteo tão exorbitante crime; ficando como os montes de Gelboe sem criar herva verde desde aquelle tempo. Sendo que até então fora terra viçozza todo o campo que fica no circuito daquelle lugar. Com tanto cuidado apascentava o Padre Jozeph Vaz aquella desgarrada grey que, sem reparar em qualquer detrimento proprio, nem ainda no perigo de sua vida, trabalhou com grande desvelo por reduzir ao aprisco as ovelhas perdidas.

*Capitulo Quarto*  
*Progressos da mesma missão do Canara*  
Anno 1711

30. Depois que o prelado goano mandou, com censuras, que nenhum christão do Canará reconhecesse por seu pastor ao bispo missionario, emquanto este lhe não apresentasse as suas bullas, sahio o bispo em despique com huma pastoral, fulminando rayos contra os que, desobedecendo às letras apostolicas, administrassem os sacramentos sem sua licença, ou os recebessem de sacerdotes, que não fossem por elle approvados e licenciados. E declarou por nullos e infructuosos os que para a sua validade requerem jurisdicção no ministro. Alem disto tratou de mandar para Goa os traslados autenticos das suas bullas que, por chegarem a tempo que era fallecido o Illustrissimo D. Frey Antonio Brandão, forão recebidos pelo cabido e ficou de resolver sobre ellas. Neste estado estava a missão, quando chegou ao Canará o Padre Jozeph Vaz, o qual achando em Barçalor que os missionarios do

<sup>11</sup> Segue-se uma palavra riscada.

bispo discorrião por varias terras e administravão os sacramentos a ovelhas, que ainda se não tinha averigoado serem suas, teve não pouco trabalho em revalidar os matrimonios e persuadir àquelles christãos, quanto importava as suas almas não se deixarem enganar na materia dos sacramentos. Daqui se hia originando grande escandalo // [p. 556] não só entre os fieis; mas tãobem entre os infieis; porque muitos ignorantes dizião que erão differentes as leys dos missionarios de Goa das do bispo vindo de Roma; visto que os goanos davão por nullos os sacramentos administrados pelos ministros do bispo e estes pagavão àquelles na mesma moeda. Desta differença que fazia a ignorancia, nascia o dizerem outros que a Igreja Catholica não era huma e que cada ministro podia dogmatizar por seu modo e como lhe parecesse. O cabido não acabava de resolver sobre as bullas do bispo e este nada queria ceder, antes procurava por todos os meyo extender por todo o Reyno a sua alçada.

31. Entretanto cuidava o Padre Jozeph Vaz em remediar a mayor necessidade que era a de tirar o referido escandalo que podia ser muito prejudicial àquella christandade. Chegou a fallar ao Illustrissimo D. Thomas e lhe pediu que por bem da paz e por atalhar não fosse por diante o errado discurso dos ignorantes, que sentião mal da doutrina da Santa Madre Igreja, fosse servido de convir em huma condição que lhe propunha; e era que, se acazo a jurisdicção daquella missão tocava legitimamente a Sua Illustrissima na forma de suas bullas, a delegasse nelle, emquanto viesse a resolução do ordinario de Goa, a quem a mandava pedir, para dar com ella fim a toda a controversia. E emquanto a resolução não chegava, parasse Sua Illustrissima com as excomunhoens e mandasse recolher os seus subditos que vagavão pela missão. Pareceu ao Illustrissimo D. Thomas esta propozicção tão boa e acertada que logo conveyo nella. Deste seu procedimento e do mais que obrou o veneravel missionario em sustentar e defender a jurisdicção do prelado goano, deu elle conta ao cabido em huma carta que abaixo transcrevo, por ser ella o mais qualificado testemunho do dezejo que tinha de acertar no serviço de Deos, da muita prudencia com que sabia manejar o governo espirital das almas e do grande zelo com que procurava o aumento dequella missão; pedindo mais operarios para a cultura della, para se dividirem entre elles os lugares distantes e terem as almas pasto mais abundante; sem reparar que nesta divizão se lhe coartava a jurisdicção, que tinha tão ampla e, por conseguinte, se demenuião tãobem os<sup>12</sup> [*sic*] beneces; porque não o levou para aquella missão, nem a ambição da honra, nem o interesse de lucros temporaes; só sim o zelo de exaltar a santa fé e salvar as almas. Exemplo que devem ter diante dos olhos os que quizerem acertar em ministerio tão santo como apostolico. Diz pois a carta.

<sup>12</sup> Entenda-se: «as».

32. Senhor Jesus Christo, que de todos hé verdadeiro remedio e salvação, dê a Vossa Senhoria sua graça, paz e benção. Depois de Vossa Senhoria me fazer a merce de mandar a estas terras do Canará por vigario do districto de Mangalor com poderes de vigario da vara no dito districto e no de Barçalor, quando de caminho,<sup>13</sup> confessando aos christãos // [p. 557] de Baticala e Sirul, cheguey a Barçalor; aonde estava publicada a pastoral do Illustrissimo Senhor Primaz, que Deos haja, para que nenhuma ovelha sua, sob pena de excommunhão, recebesse os sacramentos das mãos do Illustrissimo Bispo Dom Thomaz, the elle não mostrar o seu breve; achey que mayor parte da gente se tinha confessado e commungado com os padres missionarios do dito bispo, que vierão lá no fim da Quaresma. Attendendo eu a justa cauza que para isso tiverão, que foy o não terem mais de hum anno proprio paroco, vivendo todos e morrendo muitos sem sacramentos e com perigo da sua salvação; desobriguey aos que se não confessarão com elles; a outros só obriguey que, por obediencia que devião a Vossa Senhoria, viessem assentar-se no rol dos confessados, o que todos executarão com gosto; não deixando muitos de se tornar a confessar. Mas nas oitavas da Pascoa fizerão quatro cazamentos, sem embargo de ter hum homem da minha companhia avizado, assim aos ditos padres, como ao povo, que eu logo vinha para cá e que em razão das confissoens ficava de traz. Com o que fiquey confuzo; mas suppondo certamente que os contrahentes erão da jurisdição de Vossa Senhoria e pelo consequente meus freguezes, amoestando-os primeiro em segredo, os capacitey, para se tornarem a receber publicamente; assim porque muitos reparavão na firmeza delles; como porque sabendo todos a necessidade grande da prezença do proprio paroco para a valida celebração do sacramento do matrimonio, não ouzassem ao futuro a celebra-lo sem ella; pois por nenhum titulo tinha o povo aos ditos padres por seus parocos; alem disso ficava em Honor seu vigario da vara por então, a quem<sup>14</sup> facil era o recurso. E não quiz, dando conta a Vossa Senhoria, esperar por sua resolução; porque havia de tardar muito, por ser chegado já o Inverno; e da detença entre outros muitos podia haver escandalo grande de querer alguns dos contrahentes acazo largar seus consortes. Chegando a Calcanapor soube que os mesmos padres tinhão cazado a muitos, aos quaes deixey em boa fé, por ser gente rustica e menos instruida na christandade. Em Moloquim achando o mesmo, o mesmo fiz pela mesma razão. Vindo a este Mangalor vy que para a missa e sacramentos acudia muita gente a nossa igreja e muito pouca a do bispo; o qual ja em o dia da Pascoa tinha publicado na sua igreja huma carta pastoral ou da excommunhão contra aquelles que, não obedecendo às letras apostolicas e não reconhecendo nelle a jurisdição de vigario apostolico, recebão e administravão os sacramentos; e que aquelles que, depois do seu primeiro avizo, os receberão todos erão nullos e infructuosos, sendo daquelles que necessariamente pedem no ministro a jurisdição; e que para serem vali-

<sup>13</sup> Segue-se uma palavra riscada.

<sup>14</sup> Segue-se uma palavra riscada.

dos, viessem a elle a recebe-los de novo; e diz que o padre, que Vossa Senhoria manda para cá, he só capellão do feytor e quando muito para a gente da feitoria que mora nos limites dos Portuguezes. Deste nosso modo de administrar recebão, como té // [p. 558] o presente recebem, grande escandalo todos os fieis e infieis, cuidando e dizendo muitos que a Igreja Catholica não hé huma; e nos e os padres missionarios do bispo não somos filhos e ministros de huma Santa Madre Igreja; e a nossa ley, doutrina e sacramentos são differentes e contrarios aos delles; porquanto os que huns fazem, outros desfazem; ficando com isto muito desprezada e pouco aceita a nossa santa fé catholica. O que dezejando remediar quanto em mim estivesse e temendo que se diria de mim. *Noluit intelligere, ut bene ageret*;<sup>15</sup> fuy ao Illustrissimo Bispo, o qual mostrou-me os seus poderes e o breve original, em que entre outras se nomea esta terra do Canará e este porto de Mangalor; e tãobem huma carta de nosso vigario geral, que Deos haja, dizendo que huma copia do breve que lhe era remetida, tinha já apprezentado a Vossa Senhoria e que brevemente se resolveria na materia da sua jurisdição. O que visto, fiquey com duvida; e ainda que nella para estar seguro em consciencia bastava o ter-me Vossa Senhoria mandado por vigario e seguir a meu antesussor e aos vigarios vezinhos; comtudo para assegurar mais o effeito e fruto dos sacramentos e haver paz entre nós, pedi ao Illustrissimo Bispo que se acazo na realidade a jurisdição era sua, a delegasse em mim condicionalmente; e que eu dando conta a Vossa Senhoria, traria a resolução e que entretanto parasse com as excommunhões. O que lhe pareceo bem e concedeo. Do que tudo dou conta a Vossa Senhoria, ficando muito obediente para executar todas as suas ordens e para proceder com acerto, peço primeiramente perdão do que por ignorancia tiver obrado ao contrario do que devia. Em segundo lugar peço, me faça Vossa Senhoria merce de declarar se os christãos que morão em todo o Reyno do Canara, são de nossa jurisdição ou somente de algumas certas partes e estas quaes sejam? Porque deixadas as partes mais remotas; no tempo atrazado e até agora, os de Bantuala, Arcolla e Moloquim acudião a Mangalor; os de Baticalá, Sirul, Calianapor e Gangalym se desobrigavão com o vigario de Barçalor; supposto em alguns tempos em Gangalym esteve outro padre; e os de Combota e Chandor com o padre de Honor. Da distancia destes lugares poderá Vossa Senhoria, sendo servido, informar-se com o Padre Manoel de Themudo, da Companhia de Jesus ou com o Padre Antonio Francisco da Cunha, Vigario de Santa Anna ou com outros que cá forão vigarios. No terceiro lugar, quando todos os postos acima sejam de nossa jurisdição, peço a Vossa Senhoria que ao menos mande hum vigario a Barcalor; porque fica muito e igualmente distante de Honor e Mangalor e há muita gente dezejoza de acudir a igreja e frequentar os sacramentos. E o zelo e a piedade de Vossa Senhoria não permitira que se verifique nestes christãos o que lamentou Jeremias. *Parvuli pessarunt panem, et non erat, qui frangeret*

<sup>15</sup> «Não quis perceberer como faria o bem».

*eis*;<sup>16</sup> havendo em Goa muitos sacerdotes que Vossa Senhoria pode mandar, para alimentarem a estes pequeninos da // [p. 559] caza de Deos. Em quarto lugar, peço que seja Vossa Senhoria servido de apontar as razoens que há para todo este Reyno ou algumas partes delle não pertencer a jurisdição do dito bispo, sendo todas conteudas no seu breve, para com ellas satisfazer a elle e fazer certa a minha consciencia, conhecendo a razão que tenho no que obrar. Sobretudo Vossa Senhoria sabe melhor o que eu devo pedir e mais convem à salvação das almas e ao serviço de Deos, que goarde a Vossa Senhoria, como há mister para o bem desta christandade toda e nós seus subditos deejamos. Mangalor, 14 de Setembro de 1681. Subdito muito obediente de Vossa Senhoria, o Padre Jozeph Vaz.

33. Com o referido concerto passou o Veneravel Jozeph Vaz em boa harmonia com o bispo de Propaganda até o mez de Novembro de 1681, em cujo espaço de tempo, bautizando a muitos filhos dos christãos que, por falta de sacerdote, vivião sem este sacramento, reduzindo a muitos apostatas e convertendo a não poucos gentios, cresceu grandemente o numero dos fieis; aos quaes, sem embargo de viverem dispersos por todo o Reyno, administrava o pasto espiritual da santa doutrina, com possível frequencia e não pequeno trabalho; porque, sem perdoar a algum e excedendo as forças naturaes, discorria por todas as partes em que moravão, cazando muitas orfans, compondo muitas discordias, decidindo muitos pleitos, resgatando muitos cativos, ensinando aos mais entendidos a forma do bautismo, para della uzarem em cazo de necessidade e instroindo a todos o melhor que podia na doutrina christam e no santo temor de Deos. E com o exercicio da caridade, com que assistia aos pobres e enfermos, sem distincção de gentio a christão, se fez tão amado e respeitado dos mesmos pagões, que o aumento daquella missão e a veneração que nella logrão os sacerdotes, he fruto dos trabalhos e dispendios com que o nosso missionario a cultivou e abriu caminho franco aos mais operarios, que hoje com publica liberdade missionão entre aquelles barbaros.

34. Correndo assim os progressos da missão chegou a Goa o Illustrissimo Dom Manoel de Souza de Menezes, que vinha por Arcebispo, o qual ao principio se mostrava pouco satisfeito do Padre Jozeph Vaz, por cauza do pacto com que elle tomou a jurisdição do bispo missionario; mas informado ao depois de suas virtudes por hum religioso da Companhia de Jesus que, vindo da missão de Mayssur e estando com o mesmo padre em Barçalor, o vira orando, arrebatado em extase, levantado da terra e cercado de resplandores; fez delle tão grande conceito que o confirmou no cargo de vigario da vara, ordenando-lhe que não reconhecesse jurisdição alguma no dito bispo, nem permitisse aos seus missionarios fazerem obra alguma naquella missão,

<sup>16</sup> «As crianças pediram pão e não havia quem lhes matasse a fome».

cujo diocezano legitimo era o ordinario de Goa e assim o mandava representar em Roma, donde esperava decizão a seu favor; e applaudindo o zelo com que até então tinha procedido o Veneravel // [p. 560] Padre mandou a sua obediencia alguns sacerdotes naturaes de Goa, que a imitação sua trabalhassem no aumento daquella seara, entre os quaes forão os Padres Antonio de Mello, Nicolao de Gamboa e Jacinto de Mello.

35. Com esta rezolução e missionarios novos que mandou o Illustrissimo Arcebispo parecia ter chegado o tempo de descansar o Veneravel Jozeph Vaz, ou ao menos de se lhe demenuir grande parte do indizível trabalho que tivera the então; mas Deos Nosso Senhor lhe aparelhava novas molestias, para o encher de merecimentos. Forão ellas originadas das continuas questuens que excitava o Illustrissimo D. Thomaz o qual, fundando-se nos breves apostolicos, pertendia com muito calor extender a sua alçada por todo o Reyno; porque dizia que os arcebispos goanos sim tiverão jurisdição na missão do Canará; mas foy emquanto a coroa luzitana dominava naquellas terras; porem, que cessado este dominio e entrado outro, ficara devoluta a Sé Apostolica, para dar a providencia que lhe parecesse. E levado deste fundamento publicava pastoraes e fulminava censuras. Por outra parte o arcebispo primaz não se descuidava de expedir rigorozas ordens ao Padre Jozeph Vaz para que a todo o risco sustentasse o direito da sua jurisdição, que era manifesto; porque aquella missão desde os seus principios foy sugeita ao arcebispo de Goa; e ainda que a Coroa de Portugal perdesse o dominio temporal que tinha na marinha do Canará; comtudo o espiritual se conservou no mesmo diocesano; pois delle tinha posse actual, da qual não podia ser esbulhado sem cauza muito relevante e sem ser plenamente ouvido. Nem os breves apostolicos podião suffragar ao bispo missionario; porque como o fazião fundador daquella missão, ficava manifesto que Sua Santidade não tivera noticia de que o zelo dos prelados goanos havião fundado por meyo de seus subditos; por ser totalmente alheo da razão, quizesse o supremo pastor da Igreja dar ao Illustrissimo Tulsivelense o logro dos trabalhos alheos, fazendo-o fundador de huma missão, que fora fundada por industria e desvelo dos arcebispos de Goa.

36. Nesta contenda, que foy bem renhida, teve a paciencia do Padre Jozeph Vaz grande e dilatado exercicio; porque alguns christãos que ficavão mais vezinhos ao bispo, abandonarão o partido do arcebispo. O mesmo bispo dizia que o Padre Jozeph Vaz não era vigario da vara da missão; senão capellão da feitoria que tinhão os Portuguezes no porto de Mangalor; algumas <vezes> o tratou de scismatico; e a sua familia lhe dava continuas cargas de pezadas injurias. Bem queria o veneravel missionario lançar-se ao mar; sem embargo de não ser elle o Jonas de tamanha tempestade; mas o Illustrissimo Arcebispo lhe prohibia sahir da missão, segurando-lhe que o não ligavão as censuras do Monsenhor Tulsivelense; e que elle tomava sobre si todo o escrupulo que as taes censuras lhe poderião cauzar. // [p. 561]

37. Comtudo foy couza maravilhoza o procedimento com que se houve o Padre Jozeph Vaz neste tão arduo negocio, procurando por todos os meios a paz, sem escandalo da razão e sem nunca da sua parte dar occasião de menor queixa; e não obstante o grande poder que tinha o bispo, por lhe estar muy devota a Rainha Chenamagym, que então reynava no Canará, lhe atalhou os passos de maneira que nunca extendesse o seu braço fora do limitado territorio da sua igreja, que foy a unica que pode fabricar, nem fosse reconhecido por pastor, excepto de poucos christãos que o seguião, por serem moradores nos predios de que a Rainha do Canará lhe tinha feito merce. E para que lhe constasse que o teção com que pugnava pela jurisdição do arcebispo goano, era unicamente por razão da obediencia que devia ao seu prelado e não picado dos agravos que do bispo havia recebido e menos por interesses temporaes de honra ou dinheiro; chegou a fallar-lhe muitas vezes e em todas prostrado a seus pes lhe rogava com a mayor submissão. Que se abstivesse de fulminar tantas censuras, as quaes no meyo daquelle gentilismo só servião de occasionar escandalos. Que esperasse por rezolução de Roma, para onde o arcebispo tinha remetido esta cauza e a decizão della não podia tardar muito. Que viera prostrar-se aos pés de Sua Illustrissima para que se inteirasse que não pertendia scismas, de que se podia originar ruina da missão; antes dezeitava huma indissoluvel união, com que ajudando huns aos outros promovessem o mayor aumento della. Que ninguem mais que elle venerava a pessoa de Sua Illustrissima, assim pela eminencia da sua dignidade, como pelo amor da patria e nação; pois ambos erão naturaes de Goa; mas nas materias da jurisdição, de que o seu prelado tinha posse, nada podia obrar em prejuizo della, sem grave encargo da sua consciencia; nem Sua Illustrissima havia de querer que, por agradecer a Sua Illustrissima, desagradasse a Deos, obrando contra o que em sua consciencia entendia. Que o mesmo e ainda mais fizera por Sua Illustrissima, se tivera naquella missão o direito que assistia ao diocesano de Goa.

38. Estas razoens, patrocinadas com huma profunda humildade, fazião tal pendor na aceitação do bispo, que o applacavão muito e obrigavão a tratar com mais brandura ao Veneravel Jozeph Vaz; porem, erão tregos que duravão pouco; porque ver coarctado o seu poder, onde esperava esprayar a vontade a sua jurisdição, era golpe muy penetrante, cuja dor o não deixava socegar. E assim durou a guerra emquanto durou a vida do arcebispo e bispo, os quaes com pouca differença de tempo acabarão os seus dias em anno 1684. E succedendo em Goa o reverendissimo cabido sede vacante, impetrou delle licença o nosso missionario para sahir da missão, subrogando em seu lugar ao Padre Nicolao de Gamboa, que tinha partes competentes, para zelar no aumento della, como depois se vio fielmente executado. // [p. 562]

39. No meyo de tão graves molestias não opprimião pouco o coração do Padre Jozeph Vaz as ancias com que anellava a empreza da missão de Ceylão. As difficuldades que em Goa se julgavão quazi impossiveis, no Canará vistas de mais perto parecião certamente insuperaveis. Fazia neste tempo

huma vida tão austera, que mais parecia angelica que humana, mais para admirada, do que imitada. Sobre o continuo e immenso trabalho da missão, excedião a todo o encarecimento a sua abstinencia e mortificação, com que afligia e humilhava o corpo; tanto em caza propria, como na dos christãos, em que no curso da missão era agazalhado, não comia mais que arros, humas vezes molhado em agoa, outras vezes com hum genero de caldo feyto do mesmo arros azedado, a que [v]ulgarmente chamão caril de canjim, que uzão os mais pobres e miseraveis. Não admittia cama para o descanso do corpo, nem sequer huma esteira de palha; mas o breve sono que dormia, era sobre a terra nua. E quando por muito importunado recebesse alguma esteira velha, sempre recostava a cabeça sobre pedra, que tomava por travesseiro. O seu desinteresse era o mayor que imaginar se pode, nunca procurando beneces, nem percalços justamente devidos por direito parochial. Contentava-se com o que livremente lhe davão; e o que recebia, ja se sabe, que não era para ensacar, senão para logo distribuir aos pobres; que a não ser para este fim, nem aquelle pouco recebera. Acçoens tão singulares que ainda agora referem com pasmo e assombro aquelles christãos, huns que o tratarão familiarmente, outros que por tradição as ouvirão aos seus mayores. E elles forão o motivo mais efficaz, com que ficarão firmes no partido da jurisdição do arcebispo goano, sem temerem, nem attenderem ao poder e valimento grande que o bispo tinha com a raynha reynante; porque tinhão por certo que hum varão tão desinteressado e tão virtuozo, os não havia de enganar, quando a jurisdição da missão pertencesse ao bispo e não ao arcebispo.

40. Desta sorte com vida tão austera, penitente e humilde, se apresentava o Padre Jozeph Vaz na presença da divina piedade, para que se dignasse de o habilitar para a empreza de Ceylão, como quem sabia que não despreza Deos ao coração contrito e humilhado. Estava ja informado dos caminhos por onde havia de peregrinar, para chegar àquella terra, que era de promissão para o seu espirito; não porque ella manasse mel e leite; senão porque nella podia derramar por Christo o seu sangue. E ja que não descobria meyo suaves, arbitrou o mais arduo; mas porporcionado ao fim; que foy o querer vender a liberdade do seu corpo, por remir as almas alheas do cativo do peccado. Porque pedio com efficacia e instou repetidas vezes ao Padre Nicolao de Gamboa que o vendesse aos Holandezes que vinhão aos portos do Canará em seus navios, para que a titulo de escravo pudesse entrar com facilidade nas terras de Ceylão. Acção tão singular // [p. 563] mente heroica, que só no ceo pode achar semelhança, donde o divino missionario veyo a terra em forma de servo e se deixou vender, por comprar as almas com o inestimavel preço de seu sangue. Não quiz o Padre Nicolao de Gamboa pactear esta venda que sem embargo de ser de pessoa consagrada a Deos, não involvia simonia; pela qual razão determinou o Padre Jozeph Vaz voltar para Goa.

41. Mas antes de sahir do Canará buscou ao vigario geral do Bispo Tulsivelense e prostrado a seus pés lhe fallou assim. Que o buscava, não como vigario foraneo daquella missão; pois já não o era; senão como Padre

Jozeph Vaz, para protestar que em tudo o que tinha obrado na administração da vara acerca das jurisdições, nunca pertendera offender ao Illustrissimo Tulsivelense, nem aos missionarios seus subditos. O que não obstante, se delle havião recebido alguma occasião de sentimento, lhes pedia perdão de todo o agravo. E sem embargo que tinha por certo não estar ligado com as censuras de Sua Illustrissima; comtudo para que o vulgo ignorante não cuidasse que elle as desprezava e se não queria sogeitar aos meyo penozos e o vigario geral entendesse que devia ser absolto dellas, lhe rogava muito, o absolvesse publicamente, para que com este facto assim os christãos, como os gentios fizessem cabal conceito do muito que se deve temer a espada da Igreja. Attonito o vigario geral a vista de humildade tão profunda, ficou reconhecendo a verdade e a virtude do servo de Deos; mas não se rezolveo a absolve-lo das censuras, por ser diligencia escuzada. Reconciliarão-se ambos com estreitos abraços, que não podia faltar o aggressor, vendo a seus pés o offendido. Finalmente o Padre Jozeph Vaz dando a toda aquella christandade na despedida este admiravel exemplo de humildade, sobre tantos de outras virtudes, com que a todos edificava, se recolheo a Goa cheyo de merecimentos, dignos de eterna memoria.

#### *Capitulo Quinto*

*Resummo com remissoens do que obrou o Veneravel Jozeph Vaz  
desd[e] o anno 1685 the o de 1710*

Anno 1711

42. Entrou em Goa o Padre Jozeph Vaz, como hum peregrino, totalmente desconhecido na terra, tão despegado da carne e sangue, que tendo caza propria na sua aldea Sancoale e nella mãy e irmãos, os não buscou, nem os procurou, nem vio, senão passado largo tempo e depois de repetidas instancias da mãy, cuja piedade merecia toda a attenção, pois o educara em santo amor e temor de Deos. E depois de dar conta ao reverendissimo cabido da sua recolhida e do estado da missão do // [p. 564] do [sic] Canará, que teve a seu cargo, se quiz aproveitar da occasião que lhe offereceo Deos de seu serviço nas fructuosas missoens, que fazião pelas aldeas das Ilhas de Goa, os Padres Frey Manoel das Entradas e Frey George das Sahidas, do Convento do Varatojo de Portugal, discipulos que forão do Veneravel Frey Antonio das Chagas e fieis imitadores do seu espirito. Offereceo-se-lhes por servo; e como os espiritos illustrados por Deos logo se conhecem e se [inem?], elles o receberão como irmão e companheiro do seu apostolico exercicio. Acompanhou-os por muitos mezes, explicando em lingua da terra os sermões que elles fazião em idioma portuguez; diligencia preciza e utilissima para o vulgo que, d[e] outra sorte os não entendia; com a qual colherão copiozo fruto na geral reforma que houve das vidas e costumes em todos os lugares em que missionarão. Em breves dias conciliou o Padre Jozeph Vaz no conceito

daquelles observantissimos religiosos tantos creditos e estimação, que o propunhão a outros sacerdotes por exemplar para a imitação; nem lhe davão outro nomme; senão o de missionario.

43. Acabado este santo ministerio, procurou fugir das ondas inquietas do seculo para o retiro e socego da clauzura, que neste tempo estava principiada no Monte de Boavista. Entrou no recolhimento da Santa Cruz dos Milagres aos vinte e sinco de Setembro de 1685 e nelle não só foi recebido com geral applauzo de todos os congregados; mas tãobem logo eleito em superior daquella pequena grey; cargo que recebeo constrangido e exercitou desvelado. Com a nova incumbencia de pay de familias, dispoz forma regular com cubiculos talhados a medida do seu espirito, muy cre[s]cido na mortificação, para que cada congregado vivesse em lugar separado, observando rigoroso silencio e habilitando-se para a contemplação. Procurou communicação com o Veneravel Bartholameu do Quental e os novos estatutos da Congregação do Oratorio de Lixboa, para os praticar nesta de Goa, como se referio no livro primeiro, capitulo undecimo.

44. Succedeo, entretanto, adoecer gravemente seu Irmão Pedro Vaz, o qual considerando ser mortal a enfermidade, mandou noticias ao Padre Jozeph Vaz, para que <lhe> fosse assistir na sua ultima hora; mas elle para radicar aos congregados seus subditos em hum perfeito e total desapego da carne e sangue, tão necessario para a vida espiritual; e entendendo que nenhuma persuasão era tão effcaz, como o exemplo vivo do superior, cujas acçoens ordinariamente são o molde, pelo qual se talhão as dos subditos, não quiz condescender com os rogos do irmão e lhe mandou dizer. Que recorresse ao seu paroco, que era religioso da Companhia de Jesus, que o guiaria melhor e a quem sem empacho podia descobrir a sua consciencia. Que elle de longe lhe faria a mesma assistencia que de perto, rogando a Deos para o levar em sua paz e graça. E assim depois de entrar na Congregação não voltou mais para o Egipto que deixara, abstendo-se de todo o trato com os parentes e ainda // [p. 565] com a sua propria mãy, de sorte que jamais procurou noticias suas. Só quando lhas davão do fallecimento de algum delles, mostrava que se não esquecia de suas almas, applicando-lhes suffragios e oraçoens. Nos cubiculos que fez no Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, distribuindo os agasalhados a todos os congregados; só para si não reservou commodo algum; contentando-se com estar no coro da igreja, aonde descansava breve espaço da noite; ou na capella e quazi sempre ao pé da santa cruz milagroza. Nestes lugares assistia de dia e de noite, em continua oração, a que dava o tempo que sobejava livre dos actos da comunidade, nos quaes sempre era o primeiro que entrava e o ultimo que sahia. Introduzio na portaria da Congregação o louvavel e pio exercicio de fazer doutrina aos pobres que acodião a esmola que elle pessoalmente lhes distribuia e lhes ensinava as oraçoens da doutrina e o catecismo, dedicando certa hora cada dia para esta santa occupação, cuja continuação produzio nelle tanto affecto para com os mesmos pobres, que de ordinario se lembrava delles nas cartas que escrevia

de Ceylão e se recommendava muito nas suas oraçoens; e dizia que erão pobres que vinhão a nossa portaria para enriquecerem os congregados.

45. Seis mezes esteve nesta clauzura, contados desde o primeiro dia da sua entrada. E não contente com a laborioza missão que proximamente acabara de fazer em companhia dos padres de Varatojo, empredeu outra não menos util. Corria pelas aldeas, missionando com notavel fruto; porque as suas obras e a fama publica de suas virtudes, pregavão melhor que as suas palavras; e humas e outras juntas abalavão tanto os coraçõens que se compungião e se convertião os mais empedernidos. Cingia apertadamente a cabeça com hum cilicio de pontas agudas, que lhe servia de coroa de espinhos; e desta sorte posto no pulpito com hum crucifixo nas mãos, quando fallava na Paixão de Nosso Redemtor, na ingratição dos homens, na fealdade do peccado, na terribilidade das penas do inferno, as lagrimas, os suspiros e o pranto erão mais que as pal[a]vras. Quando nos sermões invocava o Santissimo Nomme Jesus era com tal impeto de espirito e com hum brado tão alto e devoto, que a força do seu ecco fazia brotar lagrimas dos olhos mais secos, nem tinhão termo as que corrião pelos seus. Fazia procissoens de penitencia e de noite disciplina publica e se açoutava com cadeas de ferro, ferindo com tantos golpes os coraçõens dos circunstantes, com quantos rompia as proprias carnes. E como as suas pregaçoens erão cheyas não só de espirito; mas tãobem de muita erudição, cada huma destas qualidades fazião a este pregador apostolico muito appetecido e ouvido de grande concurso; e ambas unidas rendião os entendimentos, movião as vontades, reformavão as vidas, arrancavão os vicios e plantavão as virtudes.

46. A reforma que fez nos domesticos da Congregação ainda // [p. 566] foy mayor, porque foy principio de todo o aumento que hoje tem; podendo ou devendo justamente dizer a Congregação que com este filho, que até no nomme era feliz pronostico de aumentos, lhe entrarão pela porta dentro todos os bens; não só pelo muito que com a efficacia do seu exemplo afervorou aos congregados no caminho da perfeição; mas tãobem pela diligencia que applicou para se observarem nesta Congregação os identicos estatutos da Congregação do Oratorio de Lixboa. Disposta a clauzura na melhor forma que então permittia o tempo, dezistio do superiorado della e com licença de novo superior, acompanhado de hum sacerdote e irmão leigo congregados [sic], sahio de Goa em demanda da missão de Ceylão, como deixey referido no livro 1, capitulo 12.

47. Peregrinou por varios lugares, andando ora por terra, ora por mar. Para não ser conhecido dos hereges se disfarçou em trajo de escravo. Em varias partes padeceo grandes descommodos e rigoroza tormenta na viagem de Tutucurim a Manar, em a qual passou treze dias sem comer, nem beber. Em Jafana não achando agazalho, se accommodou no portal de huma pobre mulher, aonde se alimentava com sustento mendigado. Adoeceo naquelle lugar com huma evacuação mortal. Violentemente foy lançado em hum

descampado, exposto ao rigor dos calores do dia e frios da noyte. E chegou a tal extremo da mizeria, que athe lhe faltou o sustento; por cuja cauza se vio proximo ao ultimo arranco. E neste estado convalesceo quazi milagrozamente, o que tudo se relatou com extensão no livro 1, capitulo 14.

48. Recobrada a saude, andando na diligencia de se manifestar aos catholicos para o efeito de dar principio a missão, padeceo muitos ludibrios e afrontas que lhe fazião os hereges. Depois de se descobrir aos christãos de Jafana, não só missionou a elles; mas tãobem converteo a muitos gentios e hereges. Livro 1, capitulo 16. Tendo missionado mais de dous annos com grande aumento da christandade, houve cruel perseguição dos hereges, que martirizarão a muitos christãos. Livro 1, capitulo 17. Uzando de differentes disfarces, escapou das mãos dos hereges que o buscavão e sahindo de Jafana entrou em Ceylão. Livro 1, capitulo 19.

49. Chegado ao porto de Potulão reformou a christandade que nelle havia. Hindo em busca dos christãos moradores na Corte de Candia, foy prezo e recludo em rigoroso carcere, aonde esteve largo tempo, pagando a Deos com os dezejõs o que não podia satisfazer com as obras. Na horta do mesmo carcere fabricou huma pequena cazinha, em que fazia exercicios espirituales e tãobem celebrou o santo sacrificio da missa. Livro 2, capitulo 2. Na mesma prizão teve permisso do Rey de Candia para se communicar com os christãos, aos quaes administrava os sacramentos e cathe // [p. 567] quizava e reduzia aos gentios ao gremio da Igreja. Livro 2, capitulo 4. Experimentou grande opposição dos sacerdotes dos idolos. E com a sua oração alcançou chuva milagroza com prodigiosas circunstancias, que se referirão largamente no mesmo livro 2, capitulo 8. Foy constetuido pelo Bispo de Cochim, o Illustrissimo Dom Frey Pedro Pacheco, seu Vigario Geral na Ilha de Ceylão. Missionou em varios lugares dos hereges e converteo a muitos delles e com a noticia dos terunanses de Racão chegados a Candia, os foy buscar para lhes pregar o Evangelho. Livro 2, capitulo 9. Entrou novamente em Jafana e sahio perseguido dos hereges livro 2, capitulo 11. Admiravel exercicio da sua caridade em huma geral peste de beixigas, em que bautizou a mais de mil gentios na Corte de Candia. Livro 2, capitulo 13.

50. Em anno 1699 missionou em Columbo aos christãos, converteo a mais de mil gentios e escapou milagrozamente de ser prezo pelos hereges livro 3, capitulo 1. Formarão os gentios contra o Veneravel Padre, estando auzente, grande querella, exterminarão a seu companheiro Padre Jozeph Carvalho e demolirão a igreja de Candia; mas restetuido elle a Corte, consequio do Rey ampla liberdade, edificou nova igreja e hospital. Livro 3, capitulo 2. Missionou em anno 1702, em Galle, Trincanamalé, Cottiar e outros muitos lugares e fez grandes conversoens de gentios, mouros e hereges. Livro 3, capitulo 6.<sup>17</sup> Tornou a missionar nos mesmos lugares em 1703, em

<sup>17</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

que publicou o jubileo da criação, de Pontífice Clemente XI e tãobem converteo a muitos infieis. E em 1704 missionou nas Tres e Quatro Corlas, sitios molestozissimos e fez novas conversoens em Safragão livro 3, capitulo 10.<sup>18</sup> Quazi todo o anno 1705 andou girando por toda a Ilha, penetrando os mais embrenhados mattos com indizível fatiga e summa molestia, aonde descobriu muitos christãos e gentios e reduzio a muitos mil ao gremio da Igreja. Cre[s]cendo o numero dos missionarios com os que no dito anno forão enviados da Congregação, distribuiu a missão em varias designaçoes, sem tomar para si rezidencia certa para poder discorrer por todas. Livro 3, capitulo 11.<sup>19</sup> Verifica-se hum profecia sua sobre o aumento da christandade por meyo de hum moço nobre chingala, a quem bautizara na Cidade de Candia. Livro 3, capitulo 12.<sup>20</sup> Por insinuação e ordem sua fizerão os catholicos de Ceylão publica confissão da fé perante o magistrado dos hereges. Livro 3, capitulo 15./ Compoz muitas obras utilissimas para a instrucção da christandade; e instituiu em Candia hum seminario para a boa educação dos meninos. Livro 3, capitulo 17.<sup>21</sup>

51. Converteo na Cidade de Candia a hum frances herege livro 4, capitulo 6.<sup>22</sup> E a outros muitos gentios livro 4, capitulo 9<sup>23</sup> e capitulo 10. Fabricou na missão de Ceylão seis igrejas, que forão as de Candia, Sitavaca, Cottiar, Batecalor, Sarcamané, Maripo. Livro 4, capitulo 14.<sup>24</sup> // [p. 568]

#### Capitulo Sexto

*Roteiro dos exercicios que o Veneravel Jozeph Vaz fazia andando em missão Anno 1711*

52. Depois de referir os immensos trabalhos, com que o novo apostolo de Ceylão descobriu e fundou aquella missão; a indizível fatiga, com que corria e discorria por toda aquella ilha; o fruto que nella fez com as numerosas conversoens de hereges, gentios e mouros; a caridade com que acodia a todos; as igrejas que edificou; e as obras utilissimas que compoz para a boa instrucção da christandade; resta por dizer os exercicios que praticava, andando em missão, os quaes não erão menos admiraveis que outras heroicas acçoens da sua exemplarissima vida; advertindo que por espaço de mais de vinte annos que missionou, goardou inviolavelmente o mesmo methodo e forma, ainda quando com a idade, trabalho diuturno e frequentes enfer-

<sup>18</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>19</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>20</sup> O texto seguinte até «capitulo 15» encontrava-se escrito na margem do fólio.

<sup>21</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>22</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>23</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>24</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

midades e muito mais com as suas continuas e austerissimas mortificações e penitencias, estavam tão enervadas as forças do corpo, que o viver tanto tempo mais parecia milagre da graça, que efeito da natureza.

53. No dia em que determinava sahir de hum lugar para outro, celebrava muito de manhã o santo sacrificio da missa e rezava o officio dos defuntos. Logo posto de joelhos com as mãos extendidas em cruz rezava hum estação; no fim della rogava a Deos, livrar se a si e a seus companheiros do encontro das feras e dos hereges, que ainda erão mais ferozes. Ao que accresentava o itinerario e commemoração dos defuntos; e rezava o Evangelho de São Marcos. *Euntes in mundum universum*<sup>25</sup> etc.; fazendo cruz na cabeça e tomando agua benta; e prostrado por terra hum bom espaço fazia oração, em que se entregava nas maons de Deos e se offerencia a todos os trabalhos que naquella jornada lhe enviasse. Rematava este exercicio com actos de fé, esperança e caridade, como quem sahia resoluta a dar a vida pela fé catholica. Sahindo da igreja, se no pateo havia cruz, se chegava ao pé della e posto de joelhos a vizitava e começava a viagem. Todos os referidos actos exercitava com tanto socego, pausa e devoção, que edificava e compungia aos circunstantes; e os observava, não só quando sahia de Candia; mas tãobem de outras igrejas e ermidas em que estivesse e dellas houvesse de proseguir a missão para outros lugares. E se depois de assim preparado, occorria alguma necessidade, por leve que fosse, do serviço de Deos, deixava tudo e acodia a dar-lhe remedio, ainda que por isso ficasse a viagem pa // [p. 569]rada. E neste cazo dizia que fazia melhor a vontade de Deos, deixando a Deos por Deos; porque podia ser que em proseguir a jornada começada, seguisse a vontade propria; mas em suspende-la, mo<di>ficava a sua e se conformava com a divina.

54. Costumava nas viagens da missão levar nos proprios hombros os aparelhos da missa, accomodados em hum caixote; assim para ter o merecimento de carretar esta glorioza cruz, como para aliviar aos companheiros do pezo della. Nos caminhos hia sempre fallando com Deos ou com oraçoens vocaes e as vezes rezando o rosario alternadamente com a gente da sua comitiva; ou elevando o pensamento na contemplação. E neste exercicio estava tão habituado que o andar lhe não perturbava a paz dos sentidos interiores.

55. Sem embargo de ser de natureza debil e o corpo estar consumido das abstinencias e mortificaçoens continuas, caminhava tezo e tão apressado que dava bem que fazer aos mais robustos, que o acompanhavão. Succedeo em certa occazião ser preciso desavizar a hum padre que estava designado para hum missão e concorrerão razoens, porque se não devia hir a tal parte. E como o dito padre ficava em distancia de sete dias de bom andar. Tomou

<sup>25</sup> «Partindo para todo o mundo».

o Veneravel Jozeph Vaz a sua conta fazer-lhe pessoalmente este avizo e andou com tal velocidade que venceu a jornada em tres dias com admiração e espanto de todos. Não buscava pouzada mais que para pernoitar,<sup>26</sup> onde ceava e mandava reservar algum arroz cozido para o jantar do dia seguinte; porque a refeição de dia tomava-a a sombra de alguma arvore ou a margem de algum rio.

56. Cada anno corria huma vez em redondo quazi toda a ilha a qual, como sabem todos, tem de circunferencia duzentas legoas e andava muitas mais percorrendo por todos os lugares, em que houvesse <christãos>, rezidissem ou não rezidissem nelles outros missionarios; detendo-se em cada paragem o tempo que a necessidade pedia, ainda que por isso padecesse qualquer discomodo. E com a mesma diligencia, com que hia às povoaçoens de muitos christãos, hia também aos lugares, aonde estivesse hum só. Ainda que fossem os mais longinquos e perigosos. Estimando tanto a exemplo do bom pastor, huma só ovelha desgarrada, que por conduzi-la ao rebanho,<sup>27</sup> não reparava em andar por entre bosques, espinhos e feras a mais penosa jornada. E nesta forma, quando lhe era possivel, vizitava cada anno a todos os missionarios e christãos que estavam a seu cargo.

57. Chegando ao lugar em que havia de fazer a missão, sem dar ao corpo descanso algum, começava logo a rezar o officio divino e entretanto mandava convocar a gente; e tanto que esta estava junta; dita a ladainha de Nossa Senhora, explicava os actos da confissão, para se pre // [p. 570]pararem para ella. Nas terras do dominio Holandez, onde só de noite se fazem os exercicios da missão, depois de huma limitada cea hé que lhes dava principio, aturando no confessionario até as tres horas da manhã e logo depois dizia missa, dava a communhão, fazia cazamentos e pregava; de sorte que antes de amanhecer acabava todo o exercicio e não havendo naquelle lugar mais gente, que necessitasse dos sacramentos, logo muito cedo partia para outro, como se não tresnoitasse; porque observou sempre, especialmente nos paizes dos Holandezes, não ficar em huma paragem duas noites sem necessidade muito preciza. E havendo-a, mudava-se de huma caza para outra do mesmo territorio.

58. Ao sahir da ermida em que tinha accabado a missão, deixava no altar alguma offerta ao ermideiro, que naquellas terras he catequista e sacristão e tem o encargo de ensinar nos domingos e dias santos ao povo sogeito a sua ermida a doutrina e fazer-lhe praticas espirituas, lendo as que para este fim estão feitas em livro, que tem cada igreja e ermida. E sempre na despedida benzia o cemiterio. Em todos os domingos e dias santos<sup>28</sup> e nos da

<sup>26</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

<sup>27</sup> Riscado: «[q?]».

<sup>28</sup> Seguem-se algumas palavras riscadas.

Quaresma explicava o Evangelho occorrente, tirando delle doutrina accommodada aos ouvintes e lhes ensinava os actos de fé, esperança e caridade. Em outras dias explicava o catecismo aos que o não sabião.

59. Nem no Verão para o reparo do sol, que em Ceylão queima muito; nem no Inverno, em que não chove pouco, uzou de sombreiro, que na India hé couza ordinaria; nem de capa, ou outro algum reparo contra as inclemencias do tempo. Em quaesquer jornadas, por muito longinquas que fossem, tão descalços e nus trazia os pés sobre a terra, como descoberta a cabeça ao ar, recebendo nesta soes e chuvas e andando com aquelles pelos lameirões e sobre espinhos e abralhos.

60. Ao passar pelos mattos, em que era frequente o encontro dos elefantes, ussos, tigres e outros animaes muy ferozes; como também ao vadear os rios e regatos coalhados de lagartos, não menos ferozes, hia diante dos companheiros, assim para os animar, como para tomar sobre si o primeiro impeto de qualquer perigo que occorresse. E succederão cazos estupendos, em que as feras esquecidas da sua natural ferocidade lhe franquearão o caminho, sem lhe cauzarem a menor molestia, como se dirá ao diante. Succedendo pernoitar nos mattos, que era couza ordinaria e dormindo todos, só este servo de Deos velava em oração noites inteiras, vigiando e goardando aos mais de qualquer accometimento das feras. E no dia seguinte proseguia a jornada, com o mesmo teção, como se na noite antecedente tivesse tomado o ordinario descanso.

61. Encontrando-se nos caminhos com os pedintes, repar // [p. 571]tia-lhes o arroz, que algumas vezes levava para o sustento da comitiva, pelo não achar em alguns lugares, por onde hia. E em remediar aos pobres não reparava que os seus houvessem de padecer; porque acodia Deos em semelhantes necessidades com socorros não esperados. E elle com a experiencia dos beneficios divinos que achava promptos, imitava com mais confiança, fervor e caridade a Christo Jesus, que andando no exercicio da sua missão <sup>29</sup>*pertransiit benefaciendo*.<sup>30</sup>

62. Se achava nos caminhos pessoas christans que tinham passado tempo sem se confessar, parava e sem reparar em detrimento algum, ainda que fosse no meyo dos mattos mais cerrados, as ouvia de confissão e lhes dava toda a instrucção possivel, de sorte que ficassem doutrinadas, confessadas e compungidas. Este era para a sua fome o mais gostozo bocado e para a sua fadiga o mayor alivio, achar almas que anciozamente buscava, para encaminha-las ao ceo. Bem assim como o Santissimo Redemtor dellas Christo Jesus que, andando faminto e cançado, teve por doce manjar a con-

<sup>29</sup> Act. 10.38., Riscado: «[Act.?]».

<sup>30</sup> «Passou fazendo o bem».

versão da samaritana,<sup>31</sup> com que esteve parado no poço de Sicar, sem procurar sustento, nem alívio ao corpo fatigado.

63. Finalmente hé couza maravilhosa que sendo este modo de missionar muito laborioso para o Padre Jozeph Vaz e não menos oneroso aos seus companheiros; comtudo nunca lhe faltarão estes em o acompanhar nas missoens; e não só não extranhavão tão extraordinaria tarefa; mas antes se edificavão muito de o ver tão incansavel no serviço de Deos e dos proximos; e era tanto o amor que lhe tinhão, que como afirmava o Padre Pedro de Saldanha, a ser possível o quererão ter metido no seu coração. E o Veneravel Padre, sendo para consigo tão austero, tinha especial cuidado dos companheiros, tratando-os como filhos e administrando-lhes como servo tudo o que fosse necessario e permitindo as vezes regalos, com que refizessem as forças para o trabalho.

#### Capitulo Setimo

*Da fé e esperança que tinha em Deos o Veneravel Jozeph Vaz*

Anno 1711

64. Depois de referir em geral o curso da santa vida, que viveo o Veneravel Jozeph Vaz, segue-se o fazer relação especial das excelentes virtudes em que resplandeceo e dos muitos dons com que Deos o enriqueceo, para o que hé preciso começar pela fé; porque do varão justo diz David. *Erit tanquam lignum, quod plantarum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit tempore suo.*<sup>32</sup> Que como arvore // [p. 572] plantada no jardim da Igreja e regada com a graça que emana das fontes perenes dos sacramentos flore[s]ce em virtudes e fructifica em obras da gloria de Deos e utilidade dos proximos. Mas as raizes, em que semelhantes arvores racionais se sustentão, são a fé, que he o fundamento da vida christam, alicesse e baze do edificio espiritual; e por isso sem ella (diz o apostolo) não pode haver obra que agrade a Deos e seja de merecimento para a graça e gloria.

65. Em pequena idade em que por falta de discrição, hé nos meninos mais escura a crença catholica, resplandeceo em o Padre Jozeph Vaz tão vivo o habito da fé que parece que antes de lhe nascer o lume da razão, para conhecer bem o mundo, que via com os olhos, lhe amanheceo o lume da fé para conhecer a Deos, sem o ver. Por isso desde menino começou a fugir a familiaridade dos homens, por estar só com Deos, buscando-o no exercicio da oração, de dia orando nos cantos da caça e de noite levantando-se da cama e della fazendo oratorio; porque tanto de dia, como de noite tinha

<sup>31</sup> Joan. 4.

<sup>32</sup> «Será como uma árvore que foi plantada à beira dos cursos de água e que dará frutos a seu tempo».

sempre viva a luz e aceza a alampada da fé, que o guiava a buscar a Deos, em que cria. Crescendo esta virtude com a idade e com o exercicio, deu logo tão evidentes mostras que com implacavel dezejo de a dilatar por todo o mundo, peregrinou em terras barbaras e nunca por elle vistas; não tendo, nas longas jornadas que andou, mais guia que a luz da mesma fé que levava, para allumiar a infidelidade; e por cauza de propaga-la nos coraçoes dos homens empredeu as missoens do Canará e de Ceylão. Até procurou com toda a efficacia vender-se por escravo aos hereges e por este meyo vencer a difficuldade de entrar nas suas terras e pregar-lhes as verdades catholicas; parecendo-lhe menos perder a liberdade do corpo pela fé, em cujo obsequio tinha rendido a alma e cativado o entendimento. Defendeo a fé com manifestos perigos da vida, pregando os seus misterios, refutando os erros da heresia e desfazendo os erros e fabulas do paganismo. Tudo com successos tão felices, quantos forão os trofeos que ganhou na conversão de hereges e gentios, que reduzio a milhares a verdadeira crença e ao gremio da Santa Igreja Catholica Romana.

66. Persuadia a todos que ao menos huma vez no dia fizessem os actos de fé, esperança e caridade; e sempre que havia occasião de pregar e doutrinar a outros, lhos ensinava; donde se infere que elle os fazia muitas vezes ao dia. Na ultima doença em que ficou impossibilitado de missionar e té de sahir fora da igreja de Candia, não desistio do exercicio de plantar a fé; porque, tirando forças da fraqueza, explicava o catecismo e ensinava a doutrina aos meninos e a outros que vinhão aprender à igreja; de sorte, que nascendo-lhe nos ouvidos huma cruel apostema e com as dores della não podendo // [p. 573] fallar alto, nem ouvir fallar a outros; comtudo para instruir os ignorantes na doutrina christam e nos misterios da fé, fallava de modo que fosse ouvido e ouvia aos que fallavão, não reparando nas grandes dores que lhe custava este exercicio.

## CRONOLOGIA

- 1619 – Aparições de Cristo na Cruz do Monte da Boavista.
1651. Abril. 21 – Nascimento de José Vaz.
- 1671 – Sagração de Tomás de Castro como Bispo da Propaganda.
- 1675-1678 – Arcebispado de D. Frei António Brandão.
- 1676 – Ordenação do Padre José Vaz.
- 1676-1681 – Trabalho apostólico do Padre José Vaz em Goa.
- 1681-1684 – Arcebispado de D. Manuel de Sousa Menezes
- 1681-1685 – Missão do Padre José Vaz no Canará.
- 1681-1686 – Governação de Francisco de Távora, 56.º governador e 33.º vice-rei da Índia.
1682. Outubro – Fundação da primeira casa do Oratório de Goa pelo Padre Pascoal da Costa Jeremias.
- 1684 – Morte do arcebispo D. Manuel de Sousa Menezes.  
– Morte de Tomás de Castro.
1686. Março – Partida do Padre José Vaz para o Ceilão.
- 1686 – Início da correspondência da Congregação do Oratório de Goa com o Oratório de Lisboa.
- 1686-1690 – Governação de D. Rodrigo da Costa, 57.º governador da Índia.
1687. Janeiro. 3 – Saída do padre José Vaz do porto de Mangalor, na costa de Canará, para a costa do Malabar, em demanda do Ceilão.
- 1687 – Entrada do Padre José de Menezes para a Congregação do Oratório de Goa.
1687. Fevereiro – Morte do Padre Pascoal da Costa Jeremias.
1687. Setembro – Recepção em Goa dos estatutos do Oratório de Lisboa
- 1687-1688 – Arcebispado de D. Alberto da Silva ou de S. Gonçalo.
- 1688-1689 – Trabalho missionário do Padre José Vaz em Jáfana.
1689. Dezembro – Entrada do Padre João de Moura para a Congregação do Oratório de Goa.  
– Martírio do ceilonense D. Pedro.

- 1690-1691 – Governação de D. Miguel de Almeida, 58.º governador da Índia.
1691. Junho. 29 – Entrada do Padre José Carvalho para a Congregação do Oratório de Goa.
- 1691-1713 – Arcebispado de D. Frei Agostinho da Anunciação.  
– Chegada a Goa do governador D. Fernando Martins Mascarenhas.
- 1692-1698 – Governação de D. Pedro A. de N. Albuquerque, 59.º governador e 34.º vice-rei da Índia.
- 1695 – Partida do Padre Pedro Ferrão para o Canará.
- 1696 – Chegada do Padre Pedro Ferrão a Mantota, ilha do Ceilão.  
– Partida dos Padres José Menezes e José Carvalho para o Ceilão.  
– Seca geral no reino de Cândia.
- 1697 – Peste de bexigas.  
– Morte do Padre André Paulo.
- 1698-1701 – Governação de António L. G. da Câmara Coutinho, 60.º governador e 35.º vice-rei da Índia.
- 1699 – Estabelecimento em Goa da Congregação do Oratório.  
– Morte do Padre João de Moura.  
– Morte do Padre Henrique de Almeida
- 1700 – Seca em Mantota.
1701. Novembro. 1 – Profissão do Padre Pedro Ferrão como congregado do Oratório de Goa.
- 1702-1707 – Caetano de Melo e Castro, 61.º governador e 36.º vice-rei da Índia.
- 1702 – Morte do Padre José Carvalho.
1704. Julho. 5 – Entrada do Padre Miguel de Melo para a Congregação do Oratório de Goa.
1705. Maio. 9 – Ida do Padre Miguel de Melo para o Ceilão.
1706. Março. 25 – Morte do Padre Miguel de Melo.
1707. Janeiro. 5 – Morte do Padre Francisco Soares em Goa na Congregação do Oratório.
1707. Novembro. 26 – Bula de Clemente XI da confirmação da Congregação do Oratório de Goa.
- 1707-1712 – D. Rodrigo da Costa, 62.º governador e 37.º vice-rei da Índia.
- 1709 – Colocação da Congregação do Oratório de Goa sob a protecção de D. João V.  
– Concessão régia do Convento do Carmo, na cidade de Goa, aos oratorianos.
1711. Janeiro. 5 – Morte do Padre Pedro Paulo.
1711. Janeiro. 16 – Morte do Padre José Vaz.
1712. Abril. 5 – Confirmação régia da concessão do Convento do Carmo aos Oratorianos.
1727. Dezembro. 15 – Morte do congregado do Oratório de Lisboa Padre João da Guarda.

## DOCUMENTOS INSERIDOS NA *CHRONOLOGIA*

- Carta do Padre José Vaz, de 5 de Agosto de 1677 (Liv. 5.º, p. 581).
- “Atestação” de Frei Agostinho dos Reis, de 1 de Janeiro de 1681 (Liv. 1.º, p. 57).
- Carta do Padre José Vaz para o cabido de Goa, de 14 de Setembro de 1681 (Liv. 5.º, pp. 556-557).
- Provisão do Cabido, de 14 de Março de 1684 (Liv. 1.º pp. 58-59)
- Carta do Padre Bartolomeu do Quental, de 12 de Março de 1687 (Liv. 1.º, pp. 83-84).
- Exortação do mártir D. Pedro antes da sua morte, [1689] (Liv. 1.º, p. 97).
- Carta de André Freire, provincial da Província do Malabar, para D. Miguel de Almeida, de 2 de Setembro de 1690 (Liv. 4.º, pp. 456-458).
- Provisão do Bispo de Cochim, governador do Arcebispado de Goa, D. Frei Pedro da Silva, de 13 de Janeiro de 1691 (Liv. 1.º, p. 102).
- Provisão do Cabido, de 23 de Agosto de 1691 (Liv. 1.º, p. 59).
- Excerto da carta do jesuíta André Freire [1691] (Liv. 1.º, p. 105).
- Excerto da carta do Padre Custódio Leitão, posterior a Abril de 1692 (Liv. 5.º, p. 594).
- Certidão do Bispo de Hierapolis e vigário apostólico Custódio Pinho, de 10 de Novembro de 1693 (Liv. 2.º, pp. 160-162).
- Certidão de D. Gaspar Afonso, bispo de Meliapor, de 13 de Novembro de 1693 (Liv. 2.º, pp. 159-160).
- Excerto da carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, s.d [1694] (Liv. 2.º, pp. 156-157).
- Excerto da carta do Padre José Vaz para o Padre Bartolomeu do Quental, de 25 de Junho de 1695 (Liv. 2.º, p. 596).
- Excerto da carta do Padre José Vaz, para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 25 de Julho de 1695 (Liv. 5.º, p. 596).
- Patente do bispo de Cochim, D. Frei Pedro Pacheco, de 2 de Outubro de 1696 (Liv. 2.º, pp. 178-179).

- Carta do Padre Francisco de Sousa para o Padre André Paulo, de 10 de Julho de 1696 (Liv. 2.º, pp. 170-171).
- Carta do Padre Francisco de Sousa para o Padre João de Moura, de 13 de Julho de 1696 (Liv. 2.º, p. 172).
- Excerto da carta do Padre Pedro Ferrão [1697] (Liv. 2.º, p. 202).
- Carta do Padre Bartolomeu do Quental para os padres Custódio Leitão e João de Moura, de 18 de Março de 1698 (Liv. 2.º, pp. 235-236).
- Excerto da carta do Padre José Menezes para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 31 de Julho de 1698 (Liv. 5.º, pp. 623-624).
- Excerto da carta do Padre Pedro Ferrão para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 4 de Dezembro de 1698 (Liv. 5.º, p. 643).
- Provisão de D. Frei Agostinho da Anunciação para a fundação da Congregação do Oratório de Goa, de 14 de Dezembro de 1698 (Liv. 2.º, pp. 231-234).
- Excerto da carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 8 de Maio de 1699 (Liv. 5.º, pp. 596-597).
- Excerto da carta do Padre José de Menezes [1699] (Liv. 3.º, pp. 282-283).
- Excerto da carta do Padre José Vaz ao prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 9 de Julho de 1700 (Liv. 5.º, p. 596).
- Excerto da carta do Padre Ferrão [1700] (Liv. 3.º, p. 287).
- Excerto da carta do Padre José Vaz, de 09 de Julho de 1700 (Liv. 5.º, p. 596).
- Excerto da carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 19 de Julho de 1701 (Liv. 5.º, p. 596).
- Assento da matrícula para o noviciado do Padre Pedro Ferrão, de 1 de Novembro de 1701 (Liv. 3.º, p. 287).
- Carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 28 de Julho de 1702 (Liv. 3.º, p. 297-298).
- Carta do provedor da Misericórdia de Goa, André Varela Sottomayor, de 6 de Março de 1703 (Liv. 3.º, p. 312).
- Carta do rei para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 22 de Março de 1703 (Liv. 3.º, p. 314-315).
- Excerto da Carta do Padre Paulo de Sá para o Padre José Vaz, de 19 de Dezembro de 1703 (Liv. 5.º, pp. 646-647).
- Carta do Cardeal Tournon, patriarca de Antioquia, visitador apostólico, para o Padre José Vaz (em latim), de 24 de Junho de 1704 (Liv. 5.º, p. 647).
- Carta do Padre Paulo de Sá para o Padre José Vaz, de 24 de Junho de 1704 (Liv. 5.º, p. 648).
- Excerto da carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 12 de Agosto de 1704 (Liv. 5.º, p. 598).

- Excerto da carta do Padre José Vaz para o rei D. Pedro II, de 12 de Dezembro de 1704 (Liv. 5.º, p. 598).
- Excerto da carta do bispo de Cochim para o prelado da Congregação do Oratório de Goa [1705] (Liv. 3.º, p. 332).
- Excerto da Carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa [c. 1705] (Liv. 3.º, pp. 326-327).
- Carta de Afonso Pereira, Benjamin Pegalote e Pedro Pool, para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, Maio de 1706 (Liv. 3.º, pp. 390-393).
- Excerto da carta do Padre Jácome Gonçalves [1706] (Liv. 3.º, p. 351).
- Excerto da carta do Padre Manuel Miranda [1706] (Liv. 3.º, pp. 359-360).
- Excerto da carta do Padre Manuel Miranda [1706] (Liv. 3.º, pp. 365-367).
- Carta do Padre José de Jesus Maria [1706] (Liv. 3.º, pp. 364-365).
- Relato do Padre Manuel de Miranda [1706- 1707] (Liv. 3.º, pp. 367-383).
- Carta do rei D. João V para o vice-rei da Índia, de 2 de Abril de 1707 (Liv. 4.º, pp. 458-459).
- Carta do rei D. João V para o vice-rei da Índia, Caetano de Mello e Castro, de 2 de Abril de 1707 (Liv. 4.º, pp. 458-459).
- Provisão do arcebispo D. Frei Agostinho da Anunciação, de 26 de Dezembro de 1707 (Liv. 4.º, p. 400).
- Bula de Clemente XI (em latim), de 28 de Dezembro de 1707 (Liv. 4.º, pp. 9-13).
- Carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 9 de Setembro de 1708 (Liv. 5.º, p. 597).
- Provisão do rei D. João V, de 26 de Março de 1709 (Liv. 4.º, pp. 411-412).
- Carta do rei D. João V para o arcebispo de Goa, de 3 de Abril de 1709 (Liv. 4.º, pp. 459-460).
- Carta do Padre Jácome Gonçalves ao prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 22 de Maio de 1709 (Liv. 4.º, pp. 484-485).
- Excerto da carta do Padre Jácome Gonçalves para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 18 de Setembro de 1709 (Liv. 4.º, p. 486).
- Provisão do arcebispo de Goa, D. Frei Agostinho da Anunciação, de 28 de Outubro de 1709 (Liv. 4.º, pp. 461- 63)
- Termo da entrega e posse do Convento do Carmo à Congregação do Oratório de Goa, de 16 de Novembro de 1709 (Liv. 4.º, pp. 463-464).
- Carta do Padre Manuel Miranda para o prelado da Congregação do Oratório de Goa [1709] (Liv. 4.º, pp. 482-483).
- Excerto da carta do Padre Jácome Gonçalves, de 22 de Maio de 1710 (Liv. 4.º, p. 484).
- Excerto da carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 10 de Agosto de 1710 (Liv. 5.º, p. 599).

- Descrição do Padre Pedro Ferrão [1710] (Liv. 4.º, pp. 488-490).
- Carta do Padre José Vaz para o Padre José de Menezes, de 7 de Janeiro de 1711 (Liv. 5.º, p. 635).
- Carta do Padre José para o Padre José de Menezes, de 15 de Janeiro de 1711 (Liv. 5.º, p. 636).
- Excerto da carta do Padre Pedro de Saldanha para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 26 de Novembro de 1711 (Liv. 5.º, p. 644).
- Excerto da carta do Padre José de Menezes para o prelado da Congregação do Oratório de Goa [1711] (Liv. 5.º, pp. 642-643).
- Carta do Padre José Vaz para o prelado da Congregação do Oratório de Goa [1711] (Liv. 5.º, pp. 587-588).
- Excerto do Padre Basílio Barreto para o prelado da Congregação do Oratório de Goa [1711] (Liv. 5.º, p. 644).
- Excerto da carta do Padre Pedro de Saldanha [para o prelado da Congregação do Oratório de Goa] [1711] (Liv. 5.º, pp. 643-644).
- Excerto da carta do Padre Jácome Gonçalves para o Padre José de Menezes [1711] (Liv. 5.º, pp. 645-646).
- Carta do rei D. João V para o vice-rei, de 5 de Abril de 1712 (Liv. 4.º, pp. 469-470).
- Carta dos Padres da Congregação do Oratório de Veneza para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 21 de Abril de 1715 (Liv. 5.º, p. 648).
- Carta do Prelado da Congregação do Oratório de Lisboa para o prelado da Congregação do Oratório de Goa, de 10 de Abril de 1720 (Liv. 4.º, pp. 467-468).
- Carta do Cardeal Pereira ao prelado da Congregação do Oratório de Lisboa, de 24 de Março de 1727 (Liv. IV, p. 417).
- Carta do Padre Francisco de Vasconcelos para Sua Santidade (em latim), de 20 de Novembro de 1740 (Liv. 5.º, pp. 649-650).

## OBRAS CITADAS POR SEBASTIÃO DO REGO

- CARDOSO, Jorge – *Agiólogo Lusitano dos Santos e Varões illustres em virtude do reino de Portugal e suas conquitas*, tomo III, Lisboa, 1652.
- CONCIÊNCIA, Padre Manuel – *Academia Universal de Varia Erudição Sagrada e Profana em que se Illustrão Alguns Lugares da Sagrada Escritura [...] que aos Santissimos Senhores Jesus, maria e José Consagra o Padre...*, Lisboa Occidental, officina de Mauricio Vicente de Almeida, 1732.
- DEUS, Frei Jacinto de, *Vergel de plantas e flores da Provincia da Madre de Deus dos Capuchos Refeormados da Índia Oriental*, Lisboa, por Miguel Deslandes, 1690.
- Caminho dos frades menores para a vida eterna*, Lisboa, por Miguel Deslandes, 1689  
prelúdio 2 §12
- LUCENA, Padre João de, *História da vida do padre Francisco de Xavier, Composta pelo..., portuguez, natural da villa de Trancoso*, Lisboa, impressa por Pedro Craesbeeck, 1600.
- PAES, Padre Leonardo, *Promptuario das definições indicas, deduzido de varios chronistas da Índia, graves auctores e das histórias gentílicas*, Lisboa, por António Pedroso Gabrão, 1713.
- PEREIRA, Bento, *Prosódia in vocabularium trilingue, Latinum et Lusitanum Castellanium digesta*. Eborae, apud Emmanuelle Carvalho, 1634.

A esta obra juntar-se-á o *Florilegio dos modos de falar, e adagios da lingua portugueza; dividido em duas partes: na primeira das quaes se põem pela ordem do alfabeto as phrasas portuguezas; e na segunda se põem os principaes adagios portuguezes, com seu latim proverbial correspondente. Para se juntar à Prosodia e Thesouro Portuguez, como seu appendix ou complemento*, Lisboa, por Paulo Craesbeeck, 1655.

Embora Sebastião do Rego cite apenas por *Appendix ad Elucidar Verbo Natio*, pensamos tratar-se na realidade dessa obra. Agradecemos penhorados ao professor Doutor Aníbal Pinto de Castro esta informação.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de, *Sanctuario Mariano*, 10 tomos, liv. 1, Lisboa, por António Pedroso Gabrão, 1701-1723.

SANTA MARIA, Francisco de, *Anno Historico; Diario portuguez, noticia abbreviada de pessoas grandes e cousas notaveis de Portugal*, 3 tomos, Lisboa, por José Lopes Ferreira, 1714.

SOUZA, Padre Francisco de, *O Oriente Conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da provincia de Goa. Primeira parte, na qual se contêem os primeiros vinte e dous annos desta provincia. Segunda parte na qual se contém o que se obrou desde o anno de 1564 até o de 1585*, Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, 1710.

SOUSA, Manuel Faria, *Os Lvsíadas de Lvis de Camoens Principe de los Poetas de España. Al Rey N. Señor Felipe Q. En Madrid Quarto (...)* En Madrid, por Juan Sánchez, 1639.

Conquanto Sebastião do Rego cite por *Commento dos Luziadas de Camões*, julgamos tratar-se desta obra.

SOUSA, Manuel Faria, *Azia Portuguesa*, tomo I, Lisboa, por Henrique Valente de Oliveira, 1666.

*Idem*, tomo II, Lisboa, por António Craesbeeck de Mello, 1674.

*Idem*, tomo III, Lisboa, pelo mesmo impressor, 1675.

QUEYROZ, Padre Fernão de, *Conquista temporal e Espiritual de Ceylão, ordenada pelo..., da Companhia de Jesus, da provincia de Goa. Com Muytas Outras Proveytozas Noticias Pertencentes À Disposição, e Governo do Estado da India*, Colombo, 1916.

## ÍNDICE ANALÍTICO \*

### A

Abóboras, 386.

ABRAÃO, 8.

ABREU, Brás de: administrador do Hospital de Todos os Santos, 199-200.

ABREU, Diogo de, 298.

ABREU, João de: padre, 389.

Abulense, 129.

Açoites: pena de, 78-80.

ADÃO, 7.

ADDAPANÁ, Tomé Pullé, 298.

Adibes, 167.

Administrador do Hospital de Todos os Santos: Brás de Abreu, 200.

AFONSO, D. Gaspar: bispo de Meliapor, membro do Conselho de Sua Majestade, 126.

AGOSTINHO (Santo), 52, 140.

Agostiniano(s), 33-34, 39, 43, 45, 47, 49, 119, 308, 355; provincial dos, 126; D. Frei Cristóvão de Almeida, 192; D. Frei Pedro da Silva, 80.

AGUIRRE, 128.

ALBERGARIA, Lopo Soares de: governador do Estado da Índia, 85.

ALBUQUERQUE, Afonso de, 19.

ALBUQUERQUE, D. Pedro António de Noronha de; ver NORONHA, D. Pedro António de.

ALCÂNTARA, São Pedro de, 52.

Alcatifas, 308.

ALEIXO: caçador de elefantes, 223.

Alemanha: imperador da, 245.

ALEXANDRE VII: papa, 330.

ALEXANDRE: alferes, 260.

Alferes de Nigumbo, 302.

Alhandra, 181.

Aljôfar: pescaria de, 89, 286, 333.

Allambel, Allambil, Allombil: missão em, 230, 250, 259, 365, 391; ermida de, 372-373.

ALMADA, António Lobo de: cónego, escrivão da Câmara, 184.

ALMEIDA, D. Francisco de: vice-rei do Estado da Índia, pai de D. Lourenço de Almeida, 94.

ALMEIDA, D. Frei Cristóvão de: agostiniano, bispo de Martiria, 192-193.

ALMEIDA, D. Lourenço de: filho de D. Francisco de Almeida, 85.

ALMEIDA, D. Miguel de, 343.

ALMEIDA, D. Miguel de: governador do Estado da Índia, conselheiro de Estado, governador de Damão, governador de Baçaim, 79.

ALMEIDA, Henrique de: padre, 207.

ALMEIDA, Henrique de: padre, filho de Nicolau de Almeida e de Simões, 217, 219-220.

ALMEIDA, Inácio de: padre, 332, 359-360, 365, 372, 391.

ALMEIDA, Manuel de: padre, procurador-geral da Congregação do Oratório na Cúria Papal, 325.

ALMEIDA, Nicolau: pai do Padre Henrique de Almeida, 219.

ALMEIDA, Xavier de: padre, 135.

Amanala, 87, 148.

AMANDO (Frei): carmelita, 342-343.

Amboino: rei de, 99.

\* Por Luís Pinheiro.

- AMBRÓSIO (Santo), 129.  
 Anadamá terunanse, 149-150.  
 Anddarapennés: missão em, 391.  
 Anddiurú, 259.  
 ANDRADE, Custódio de: padre, 383, 389-390.  
 ANDRADE, João de, 111.  
 ANDRADE, Manuel Leitão de, 111.  
 Anganamale: bispo de, 342.  
*Angediva*: praça de, 17.  
 ANJOS, Rafael dos: padre, 389.  
 Anjuna: aldeia de, 129.  
 Anneladiú: ilha de, 87.  
 ANTÃO, Jerónimo: padre, 111.  
 ANTÓNIO (D.), 299.  
 ANTÓNIO: filho de Felipe Neri e de Maria, 337.  
 ANTÓNIO: filho de Manuel Martins, frade carmelita, 200.  
 ANTÓNIO: malabar, 61.  
 ANTÓNIO: malabar, criado de Pedro Silva, 21-22.  
 ANTÓNIO: moço natural de Ceilão, 30.  
 ANUNCIACÃO, D. Diogo da: arcebispo de Cranganor, 203.  
 ANUNCIACÃO, D. Frei Agostinho da: religioso da Ordem de Cristo, arcebispo primaz do Oriente, membro do Conselho Real, governador do Estado da Índia, 107, 109-110, 126, 130, 134, 181-184, 297, 307-308, 346, 376, 403.  
 Aparições de Cristo, 27-28.  
 Aparições de Jesus na Santa Cruz dos Milagres, 3.  
 Apóstolos, 4.  
 AQUAVIVA, Rodolfo: padre, jesuíta, 58.  
 Aquem: comunidade da aldeia de, 111.  
 Arcanjo São Miguel, 10.  
 Arcebispo de Braga, 310.  
 Arcebispo de Goa: governador apostólico do, 83.  
 Arcebispo de Cranganor: André Freire, 342-343; D. Diogo da Anunciação, 203.  
 Arcebispo de Goa: D. Frei Aleixo de Meneses, 20; Brandão, 16; D. Manuel de Sousa Meneses, 11, 16-18, 422.  
 Arcebispo de Lisboa: D. António de Mendonça, 193; D. Luís de Sousa, 193.  
 Arcebispo primaz do Oriente, 13, 33, 35-36, 38; D. Frei Agostinho da Anunciação, 107, 109-110, 181-182, 307-308, 346, 376, 397, 403; D. Alberto da Silva, 68-69, 79-80, 182; D. Frei Aleixo de Meneses, 20, 109, 244; D. Frei António Brandão, 412-414, 418; D. Frei Cristóvão de Sá e Lisboa, 25-26; D. Frei Lourenço de Santa Maria, 354; D. Frei Pedro da Silva, 80-81; D. Inácio de Santa Teresa, 84; D. Manuel de Sousa de Meneses, 11, 127.  
 Arcolla: missão de, 421.  
 Areca, 90, 98, 363.  
 Arganzes, 92.  
 Aripo, 259.  
 Aripururé: porto de, 89, 336.  
 Arossim: comunidade da aldeia de, 111.  
 Arquivo da Sé Primacial de Goa, 42.  
 Arroz, 11, 90, 156, 167, 182, 210, 367, 386, 425, 432-433.  
 Arxettim, Kalpitya: missão em, 259, 362-363.  
 Assolná: igrejas de, 109.  
 ASTANA, Darmapala: rei de Cândia, 86.  
 ASTANA, Javira: rei de Cândia, 96-97.  
 ASTANA, Mahe: rei de Cândia, pai de D. Filipe e de D. Catarina, 96.  
 ATAÍDE, António de: padre, oratoriano, 191, 205, 310, 320.  
 ATAÍDE, Pedro de: brâmane, oficial da Secretaria do Estado, 162-164, 179.  
 Aurecullão: missão em, 336.  
 Avaracullão, 259.
- B**
- BABUPATEN: capitão gentio, 77.  
 Baçaim, 267; governador de, 79.  
 Bacais: comerciantes com o contrato dos cocos, 11.  
 Bairro Caissua, 129.  
 Bairro Travocotte, 368.  
 Baleyma, 259.  
 Bananas, 239.  
 Bandeiras, 21.  
 Bantas: casta, 103.  
 Bantuala: missão de, 421.

- BAPTISTA, João, 111.  
 BARACHO, Domingos, 111.  
 BARACHO, João, 111.  
 Barbeiros, 178.  
 BARBOSA, António: padre, 111.  
 Barcelor, 418; fortaleza de, 413; igreja de, 416; vigário de, 421; vigário do distrito de, 420.  
 Bardês: província, 57, 68, 111, 129, 179, 379, 396, 399, 401; ataque do Sambagi à província de, 17; Câmara Geral de, 111, 177-179; visitas pastorais às paróquias de, 16, 182.  
 BARRETA, Paula: mãe de Pascoal da Costa Jeremias, brâmane, 58.  
 BARRETO, Basílio: padre, 332-333, 359-360, 366, 372, 391.  
 BARRETO, João: gancar de Neurá, 401-402.  
 BARRETO, João: padre, 389.  
 BARRETO, José, 111.  
 BARRETO, Salvador: brâmane, 218.  
 BARROS, António de: padre, provincial dos jesuítas, 247.  
 BASTO, Pedro de: irmão jesuíta, 60-61.  
 BASTO, Vicente de: padre, comissário-geral da Congregação do Oratório da Índia, 84.  
 Batavia, 76, 143, 297, 302; conselho de, 295-296.  
 Bate, 182.  
 Batecalor: reino de, 88, 92, 259; igreja de, 430; missão de, 229, 249-250, 360, 391; perseguição aos cristãos em, 340; porto de, 88; rei de, 96.  
 Batalalá: missão em, 415, 420-421.  
 Batalalou, ver Batecalor.  
 Batticaloa, ver Batecalor.  
 BAUZEN, Catarina: esposa de D. Afonso Pereira, 279-280.  
 BELCHIOR, 226.  
 Benaulim: aldeia de, 408; comunidade da aldeia de, 111; igreja de São João Baptista, 408; missão em, 109, 412.  
 BENEDITO XIII: papa, 319, 321, 331, 378.  
 BENEDITO XIV: papa, 326, 329-330.  
 BERNARDES, Manuel, 15.  
 BERNARDES, Manuel: padre, oratoriano, 200-201.  
 Betalbatim: aldeia de, 218; comunidade da aldeia de, 111.  
 Bevoddá: serra de, 115.  
 Biscoito, 299, 388.  
 Bispaço de Cochim, 80.  
 Bispo:  
 – Chrisopolitano: D. Mateus de Castro, 157.  
 – da Costa da Pescaria: João Ferreira, 76.  
 – de Anganamale, 342.  
 – de Cochim, 186; D. Frei Pedro da Silva, 80, 82-83, 130, 134, 141, 158, 247, 255, 429.  
 – de Hierapolis: Custódio Pinto, 127.  
 – de Martiria: D. Frei Cristóvão de Almeida, 192-193.  
 – de Meliapor: D. Gaspar Afonso, 126.  
 – de Pernambuco: João Duarte do Sacramento, 54.  
 – Tulsivelem: D. Tomás de Castro, 157, 414.  
 – do Algarve: D. Frei Lourenço de Santa Maria, 183.  
 – do Porto: Nicolau Monteiro, 54.  
 – D. Luís de Sousa, 193.  
*Boavista*: monte da, 14, 18-24.  
 Bogamá, 259.  
 Bolawatte, ver Caymel.  
 Bolluate: missão em, 354, 385, 388, 390-391.  
 Bombaim, 342.  
 BORGES, Simão, 22.  
 Borneo: missão no, 414.  
 Bornéu: ilha de, 53.  
 BOTELHO, Afonso, 111.  
 Boticas em Margão, 10.  
 Braga, 193; Arcebispo de, 310.  
 BRAGANÇA, D. Constantino de: vice-rei do Estado da Índia, 149.  
 Bragança, João de: padre, 113-114.  
 Brâmane, 104, 128-129, 177, 179; Ana Cristina, 237; Antónia Mesquita, 152; caracterização da casta, 103; Custódio Pinto, 127, 412; D. Mateus de Castro, 157; D. Tomás de Castro, 157, 414; Francisco da Cruz, 267; Francisco de Moura, 217; Inácio da Cruz, 237; Isabel Pereira, 234; Joana Rodrigues, 217; Joana Teixeira, 267; João de Moura, 395; João Pereira, 234; Maria de Noronha, 268; Maria Pereira, 282-283; Mónica Rodrigues, 395; Padre José Vaz, 141; Pedro de Ataíde, 162; Salvador Barreto, 218; Simão Carvalho, 282-283; Tomé Ferrão, 152.

- Brandão, D. Frei António: arcebispo primaz do Oriente, 16, 47, 412-414, 418.
- Bredos, 367.
- BUDÚ: profeta, 96-97, 107, 138-139, 141, 143, 211-212; biografia e observâncias da sua seita, 144-150; profeta, 87-88, 138, 147-149; sangatares de, 381; templos de, 138, 391.
- Búfalos, 92.
- Bugios, 92.
- C**
- Cabido da Sé Metropolitana de Goa, 412.
- Cabido da Sé, 42.
- Cabo Comorim, 64, 87, 89, 257.
- Cabo da Boa Esperança*, 19.
- CABRAL, Francisco do Andrada: pai do padre Bartolomeu do Quental, fidalgo, 187.
- CABRAL, João: vigário de Trangabar, 132-133.
- CABRAL, Luís, 111.
- Cabras, 92.
- Caçador de elefantes, 171-172, 224, 252, 337; Aleixo, 223.
- Cadagama, Kendangamuwa: aldeia de, 209.
- Cães, 167.
- Café, 90.
- Cajus, 156, 397.
- Calaturé, Calatura: missão em, 259, 275, 281-283, 362-363, 371-372, 390.
- Calcanapor, 420.
- CALDEIRA, Dr. Tomás de Sousa: procurador da coroa e da fazenda, 349.
- Calianapor: missão em, 416, 421; vigário da igreja de, 69.
- Cálices, 343.
- Calpety (Calpitiya): missão em, 372; peste de bexigas em, 372.
- Calvinista, 115.
- CALVINO, 75.
- Câmara de Goa: senado da, 42.
- Câmara Geral de Bardês, 111, 177-179.
- Câmara Geral das Ilhas de Goa, 177-179.
- Câmara Geral de Salsete, 177-179.
- Camboja: reino de, 93.
- Camelitas descalços, 342.
- Camorlim: comunidade da aldeia de, 111.
- CAMPOS, Domingas: viúva, 31.
- Canafístula: árvores de, 91.
- Cananor*: porto de, 21; missão em, 414.
- Canará: descrição do reino do, 415; missão no, 3, 48, 51, 56-57, 61-62, 69-70, 80, 84, 103, 113, 118, 127-128, 133, 157-158, 231, 247, 268, 405-406, 413, 418-426, 435.
- Cândia: cidade de, 151, 161, 168, 430; corte de, 214-216, 233; demolição da igreja de, 211, 213; fome em, 367-368; igreja de, 144, 430; igreja da Senhora da Conversão dos Infiéis, 216; missão em, 86, 94, 97-98, 101, 107 112-114, 127-128, 131, 141, 143, 228, 259-260, 304, 360, 366, 372-373, 391, 430; perseguição aos católicos no reino de, 207, 211, 213, 264-268; peste em, 368; peste de bexigas em, 167-171, 208, 232; prisão do padre José Vaz em, 112, 115-116, 122-123, 429; rei de, 86, 96, 112, 115-116, 167, 170, 173, 209, 212, 215, 227, 231-232, 234, 248, 266, 383-385, 391, 429; reino de, 56, 88, 92, 139-142; seminário em, 304.
- Candolim, 111.
- Canela, 94-95, 98; apanha de, 89-90.
- Canja, 67.
- Cansaulim: comunidade da aldeia de, 111.
- Capela do Sacramento da igreja de Nossa Senhora da Luz, 39-40.
- Capela do Santíssimo Sacramento da igreja de Nossa Senhora da Luz, 26.
- Capela real, 53-54; Bartolomeu do Quental, 53.
- Capitão da milícia: Simão da Cruz, 293.
- Capitão de Jafana, 151.
- Capitão de Maluco: António Galvão, 99.
- Capitão de Manar: João de Melo de Sampaio, 94.
- Capitão de Mangalor, 417.
- Capitão: Babupaten, 77.
- Capuchinhos, 43, 332.
- Caradiú: ilha de, 87.
- Carcel: aldeia de, 368.
- Cárceres: presos dos, 379.
- Cardamomo, 89.
- Cardeal: Carpineus, 320-321; Pereira, 319-320; Sacripante, 351; Tournon, 387.

- CARDOSO, 42.
- CARDOSO, António, 408.
- Careas (pescadores), 103, 262, 230.
- Caril de canjim, 425.
- CARLOS, Miguel, 316.
- Carmelita calçado: Padre Mestre Frei João da Silveira, 192.
- Carmelita(s), 345-347, 350-352; António, 200; Frei Armando, 342-343; João José de Noronha, 200; missões dos, 343-344.
- Carnatta: missão em, 387.
- Carpineus: cardeal, 320-321.
- Carpinteiros, 178.
- CARVALHO, António: irmão, filho de Simão Carvalho e de Maria Pereira, 227, 282-283.
- CARVALHO, José de: padre, filho de Manuel Carvalho e de Ângela Vaz, pregador, confessor; sobrinho do Padre José Vaz, 84, 107, 130-133, 141-143, 158, 167-169, 207-209, 211-216, 228-229, 231-233, 247, 250, 415, 429.
- CARVALHO, Madalena: esposa de Manuel Coelho, 29.
- CARVALHO, Manuel: padre, jesuíta, provincial da China, 83.
- CARVALHO, Manuel: pai do Padre José Carvalho, 231.
- CARVALHO, Simão: brâmane, casado com Maria Pereira, pai do Irmão António Carvalho, 282-283.
- Casa da pólvora: forçados da, 379.
- Casta: brâmanes, 104; carias, 103; naires, 103; naitos, 103; parreas, 103; poleas, 103.
- CASTELO, João, 111.
- Castiçais, 10.
- CASTRO, Caetano de Melo de: vice-rei do Estado da Índia, 345.
- CASTRO, D. Mateus de: brâmane, bispo Crisopolitano, professou na ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providencia, lente de Filosofia e de Teologia, mestre dos noviços, prefeito dos Clérigos Regulares da Divina Providência em Goa, 157, 414.
- CASTRO, D. Tomás de, 48.
- CASTRO, D. Tomás de: brâmane, bispo de Tulsivalem, brâmane, vigário apostólico, inquisidor-geral, 157, 414-415, 419-420, 423, 425-426.
- CASTRO, José de Melo e, 79.
- CATALANO, José, 205, 310.
- CATARINA (D.): filha de Mahe Astana, 96.
- Cattacuttú, 259.
- Cavaddi, 113; comunidade da aldeia de, 111.
- Cavaleiro fidalgo: Pedro Gomes Pessanha, 29.
- Cavaleiro fidalgo: Pedro Gomes Pessanha, 29.
- Caymel, Kammala, Bolawatte: missão em, 259, 277, 282, 292, 295, 297, 302; igreja de, 280-281, 295, 297; perseguição aos cristãos em, 340-341.
- Ceilão: animais de, 90-92; costumes de, 101-104; divisão administrativa de, 92; expulsão dos portugueses de, 212-213; história de, 93-95; ilha de, 86-87, 96; missão de Budu em, 148; missão em, 3, 55-57, 60-65, 71-72, 76, 80, 85, 89, 98-101, 107, 118, 107, 112-113, 127-128, 130-131, 133-134, 141, 151, 158, 207-208, 211, 225, 228, 247, 255, 269-270, 305, 311, 332-333, 355, 389-395, 344, 404, 406, 424, 428-435; porto de, 64, 85; produções oriundas de, 89-91; sitiada pelos holandeses, 61; vigário-geral da ilha de, 141, 429.
- Ceitavaca, ver Situvaca.
- Ceitigão: rei de, 99.
- CHAGAS, Frei António das, 426.
- Chanceler do Estado da Índia: Dr. Gonçalo Pinto da Fonseca, 25.
- Chandor: missão de, 421.
- Chantre: João Ferreira Valdoresso, 49.
- Charados, 177, 179.
- Chenamagym: rainha, 424-425.
- Chicalim: comunidade da aldeia de, 111.
- China, 44, 56; enviado do papa à, 352; provincial da, 83.
- Chinchim: comunidade da aldeia de, 111.
- Chingala(s), 148-149, 209, 211-212, 215, 356.
- Chitravally, 259.
- Chorão: ilha de, 52, 220.
- Choromandel*, 333.
- Cinco Corlas, 92.
- Cirurgião, 46.
- Cirurgião: Pedro da Silva, 21-24.
- CLÁUDIO: imperador, 94.
- CLEMENTE X: papa, 54, 184, 192, 194, 315, 323.
- CLEMENTE XI: papa, 249, 308, 310-313, 315-318, 331, 351, 387, 430.

- CLEMENTE XII: papa, 387.  
Cobra, 91.  
Cochim: bispado de, 80; bispo de, 80, 82, 130, 134, 141, 158, 186, 247, 255, 429; cidade de, 61, 63; missão em, 131, 296, 342, 414.  
Coços, 11, 90, 397.  
Coddoga: reino de, 103.  
COELHO, Manuel: marido de Madalena Carvalho, 29.  
COELHO, Paula, 31.  
Coimbra: universidade de, 181, 188.  
COLAÇO, Custódio, 111.  
COLAÇO, Lourenço: padre, 389.  
COLAÇO, Madalena: casada com António Suares, mãe do Padre Francisco Suares, 304.  
COLAÇO, Simão: médico, 289, 292.  
Colegiada da igreja de Nossa Senhora do Rosário, 19-20; beneficiado na, 15.  
Colegiada da Luz: prior da, 26, 119-122, 134.  
Colegiada de Nossa Senhora do Rosário, 19-20, 411.  
Colégio, 98:  
– da Senhora do Pópulo, 19.  
– de Rachol: reitor do, 81.  
– de São Paulo Novo, ver Colégio de São Roque.  
– de São Roque, 19.  
– de São Tomás de Aquino, 152, 411.  
– do Topo, 63.  
– Novo de São Paulo, 231.  
Colombo, Columbo: cidade de, 56, 95, 97, 209, 260; dissava de, 223, 294, 355; governador de, 142, 209, 295; igreja de Nossa Senhora do Livramento, 354-355; missão de, 88, 92, 113, 142, 167, 169, 207, 212, 220-222, 228-229, 259, 261, 276-277, 279-280, 283, 285-286, 291-292, 297, 301, 332, 334-335, 341, 354, 356-360, 362-364, 371, 388, 390, 429; perseguição aos cristãos em, 296-302, 340, 368-370; peste de bexigas em, 277; tomada pelos holandeses, 112.  
*Colónia*, 279.  
Coloredo: filho da Congregação do Oratório de Roma, 306.  
Colva, 111.  
Combota: missão de, 421.  
Comissário apostólico nos Reinos de Grão Mogor, Idalxá e Golconda: D. Custódio de Pinho, 412.  
Companhia Holandesa das Índias, 285-287, 359.  
Concílio Tridentino, 142.  
Conde de Alvor: Francisco de Távora, 17, 57, 344.  
Conde de Castelo Novo: irmão de D. Pedro Mascarenhas, 41.  
Conde de Vila Verde: D. Pedro António de Noronha, 107, 118, 161-164, 179, 219.  
Cónego: António Lobo de Almada, 184; Francisco Pereira de Magalhães, 110; Gaspar de Bettencourt de Sá, 50; Manuel Ferreira Valdoresso, 49.  
Confessor da capela real: Bartolomeu do Quental, 53, 188, 190.  
Confessor: Padre José Vaz, 412; Padre José Carvalho, 231.  
Confraria de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 18, 49-51.  
Confraria dos Escravos da Senhora do Bom Sucesso, 47.  
Congregação da Nossa Senhora das Saudades, 190.  
Congregação da Propaganda Fide, 127.  
Congregação do Convento do Carmo, 305.  
Congregação do Oratório da Índia: comissário-geral da, 84; prepósito da, 326, 329.  
Congregação do Oratório de Lisboa: prepósito da, 228, 245-246, 351.  
Congregação do Oratório de Pernambuco, 54.  
Congregação do Oratório de Roma, 69.  
Congregação do Oratório de Goa, 9, 20; administradora dos bens remanescentes do padre Jácome Lourenço, 16; erecção da, 6; estatutos da, 3, 11-13; fundador da, 6; indulgências e privilégios aos congregados da, 316-331; património imóvel da, 129-130, 396-397; prefeito da, 219; procurador, da na Cúria papal, 351.  
Consciência: padre, 42.  
Conselheiro do Estado: D. Miguel de Almeida, 79.  
Conselho de Batavia, 295-296.  
Contos: provedor-mor dos, 176.

- Convento [recolhimento] da Santa Cruz dos Milagres, 135, 175, 220, 231, 234-235, 342, 376, 397, 403; erecção do, 108-111.  
Convento da Senhora da Graça, 19, 47-49.  
Convento das Mónicas, 20.  
Convento de Damão: guardião do, 43.  
Convento de Goa: sacristão-mor do, 44.  
Convento de São Domingos (Goa), 44.  
Convento do Carmo (Goa), 342-343, 345-353, 398, 403.  
Convento dos frades hospitaleiros de São João de Deus, 20.  
Conventos: edificação em Ceilão, 98.  
Cordeiro, António: padre, jesuíta, 205.  
Corregedor da justiça: António de Basto Pereira, 352.  
CORREIA, Cornélio: padre, 389.  
CORREIA, Frei António: trinitário, lente de prima de Teologia na Universidade de Coimbra, 192.  
CORREIA, João, 111.  
CORREIA, Manuel: diácono, 30.  
Cortalim: comunidade da aldeia de, 111, missão em, 109, 234, 413.  
CORTE REAL, Diogo de Mendonça: secretário de Estado, 352.  
Cosquão, 259.  
Costa da Pescaria, 57, 64-65, 72, 76, 89, 103, 141, 166, 257, 299, 332, 342; comissário-geral holandês da, 77; missão na, 56, 105.  
Costa de Bengala, 103.  
Costa de Coromandel: missão na, 43, 89, 270, 367, 373, 387, .  
Costa de Maravá, 367.  
Costa do Malabar: missão na, 57, 62, 95, 103, 247, 342, 373.  
COSTA, António da, 298.  
COSTA, Caetano da: irmão, 389-390.  
COSTA, D. Rodrigo da Costa: vice-rei do Estado da Índia, 17, 79, 306-307, 344-346, 348, 402-403, 412.  
COSTA, Francisco da: padre, 203.  
COSTA, Jeremias da, 80.  
COSTA, João Coutinho da: padre, pároco da Igreja de São José de Daugim, 44.  
COSTA, João da: escrivão do crime da Corte, 348.  
COSTA, João de: curumbim, 63.  
COSTA, Simão Xavier da, 111.  
COTA, Luís Gonçalves: governador do Estado da Índia, 412.  
Cotta: rei de, 93, 95-96; reino de, 92.  
Cottanger, 259.  
Cottate, 257.  
Cottiar (Kottiar): missão de, 207, 229, 249, 259, 272-273, 275, 360, 372, 391, 429-430.  
Coulão: missão em, 131, 247-248, 255-257; porto de, 63-64, 270; reino de, 61.  
Courculão, 259.  
COUTINHO, Bernardo: irmão, 14-15, 51, 70, 80, 176, 236, 377.  
COUTO, Manuel do: diácono, 30.  
Cranganor: arcebispo de, 203, 343; missão em, 414; reino de, 61.  
Criado: António, 21-22.  
CRISTINA, Ana: esposa de Inácio da Cruz, mãe do Irmão Manuel da Cruz, brãmame, 237.  
Cruz do Monte da Boavista: aparição de Cristo na, 19-25.  
CRUZ, Francisco da: brãmame, marido de Joana Teixeira, mãe do Padre José da Cruz, 267.  
CRUZ, Inácio da: marido de Ana Cristina, pai do Irmão Manuel da Cruz, brãmame, 237.  
CRUZ, José da: padre, filho de Francisco da Cruz e de Joana Teixeira, 227, 267.  
CRUZ, Manuel da: irmão, filho de Inácio da Cruz e de Ana Cristina, confrade da Irmandade do Santíssimo Sacramento, 207, 234, 236-243.  
CRUZ, Manuel da: mercador, 257.  
CRUZ, Manuel Francisco da; ver CRUZ, Manuel da.  
CRUZ, Simão da, 298.  
CRUZ, Simão da: capitão da milícia, 293.  
CUMARA, Astana: rei de Cândia, 94, 97.  
CUMARÉ, Sidaharta, 147.  
Cuncolim, 58.  
*Cunddasaly*, 259.  
CUNHA, António Francisco da: padre, vigário da igreja de Santa Ana, 129-130, 421.  
CUNHA, Diogo da, 111.

- CUNHA, João da, 130.  
Cura da sé primacial: Padre Manuel Rodrigues, 20.  
CURADO, Diogo: padre, 310.  
*Curia Culapatim*, 106.  
*Curvicullão*, 259.
- D**
- Dabolim*: comunidade da aldeia de, 111.  
*Damão*: convento de, 43; governador de, 79.  
Damapor: comunidade da aldeia de, 111.  
*Dandagama*, 223.  
Daugim: igreja de São José de, 44.  
Davorlim: comunidade da aldeia de, 111.  
Deão da Sé, 34.  
Deli, 87.  
Desembargadores da Relação, 26, 34.  
Dessai(s), 178; de Margão, 178; de Neura, 178; de Sirola, 178; de Verná, 178-179.  
DEUNANSI, Mayamam, 145-146.  
DEUS, Frei Jacinto de: padre, 99.  
Devasiva: comunidade da aldeia de, 111.  
DIAS, António, 292.  
DINIS, André, 111.  
DIOGO: cativo, 30.  
Dissava: de Colombo, 223, 294, 355; de Safragão, 207-208, 210; António de Horta, 281.  
Diu, 79; convento carmelita de, 344.  
Divar: ilha de, 21, 152, 414, 282-283; freguesia de Nossa Senhora da Piedade, 152, 157, 159, 282-283.  
Dízimos eclesiásticos pagos pela aldeia de Margão, 11.  
Doces, 299, 308, 388.  
Doenças, 29, 31-32, 202, 214, 333, 427; bexigas, 29-30, 164-171, 174, 208, 232, 277, 368, 372, 402-403; cegueira, 30; chagas, 203-204; cólicas, 30; disenteria, 29; febres, 26, 29-31, 43, 31, 240, 242, 250, 282, 402-403; gota, 203; hidropisia, 240; sarna, 131.  
DOMINGAS: moça, 30.  
Dominicano(s), 33-34, 44, 54, 191, 308; D. Frei Pedro Pacheco, 141; Frei Fernando Soeiro, 192; Padre Frei Manuel de Noronha, 110-111; vigário-geral dos, 126.  
Duas Corlas: missão nas, 92.  
*Dumaga*, 291.  
Duque de Anjou, 245.
- E**
- Ébano, 90.  
Elefantes, 88, 90-91, 171-173, 263, 334, 361-362, 433; caça de, 98; caçador(es) de, 223-224, 252, 337.  
ELISEU: profeta, 36.  
Engenheiro do Estado, 26.  
ENGRÁCIA: filha de Antónia Gomes, 200.  
ENTRADAS, Frei Manuel das: padre do Convento do Varatojo, 426.  
Eremitas de Santo Agostinho, 19.  
Ermida da Senhora da Conceição, 373.  
Ermida de Allambil ou Ermida de Allombil, 372-373, 365.  
Ermida de Potulão, 166.  
Ermida de Santo António (aldeia de Cadagama), 209.  
Ermida de Santo António (em Xetticulão), 339.  
Ermida de Santo António, 208, 340, 411.  
Ermida de São Bartolomeu, 340.  
Ermida de São Felipe Neri, 340.  
Ermida de São João Baptista, 9, 11.  
Ermida de São João do Deserto, 9, 13-14, 16, 18, 59-60, 126-127.  
Ermida de São Sebastião (aldeia de Neura), 238.  
Ermida do Arcanjo São Miguel, 340.  
Ermida do Monte de São João do Deserto (Monte de Guadalupe), 3, 9, 13; ruína da, 14, 16, 18.  
Escravos, 359.  
Escrivão da Câmara: António Lobo de Almada, 184.  
Escrivão do Crime da Corte: João da Costa, 348.  
Esmolas, 13, 16.  
Espírito Santo: irmandade do, 10.  
Estantes, 10.  
Estatutos da Congregação do Oratório, 3, 11-13, 68-70, 81, 107-110, 125, 163, 180-181,

- 183-184, 246, 305-307, 310-311, 315-316, 427-428; cumprimento dos preceitos dos, 374-381.  
Estremoz, 193.  
Estudos dos congregados, 128-129.  
Europa, 157, 183.  
Évora: cidade de, 188.
- F**
- Faria, 28, 42, 102.  
Fazenda Real, 11; provedor-mor dos Contos da, 176.  
Feira de Margão, 10-11.  
Feitor de Mangalor, 417.  
FERNANDES, Diogo, 111.  
FERNANDES, João, 111.  
FERNANDES, Maria, 29.  
FERRÃO, Pedro: padre, filho de Tomé Ferrão e de Ana de Mesquita, 91, 107, 133, 144, 171-175, 207, 223-227, 230, 232, 247, 249, 251, 258-259, 262-263, 333, 336, 340, 360, 367-368, 391.  
FERRÃO, Pedro: padre, filho de Tomé Ferrão e de Antónia Mesquita, 151-161.  
FERRÃO, Tomé: brâmane, pai do Padre Pedro Ferrão, 152, 225.  
FERREIRA, João: bispo da Costa da Pescaria, 76.  
Ferreiros, 178.  
Ferro, 89.  
Fidalgo: Francisco do Andrada Cabral, 187.  
Fidalgos, 26.  
Figueiras indianas, 397.  
FIGUEIREDO, Miguel de, 111.  
FILIFE (D.): filho de Mahe Astana, 96.  
FILIFE (D.): rei de Cândia, ver ASTANA, Mahe.  
Físicos, 30-31.  
FONSECA, António da: padre missionário em Ceilão, 91.  
FONSECA, Bartolomeu Carvalho da; ver ANUNCIAÇÃO, D. Frei Agostinho da.  
FONSECA, Dr. Gonçalo Pinto da: chanceler do Estado da Índia, 25.  
FONSECA, João Jácome Bravo da: Padre, 43.  
FONSECA, Vidal Bravo da, 42.  
Fortaleza dos Reis, 401-402.  
Forte da ilha de Jua: tomada do, 17.  
Forte de Santo Estêvão: ataque do Sambagi à província de, 17.  
Frades hospitalares de São João de Deus, 20.  
França: rei de, 245.  
Francês(es), 115, 124, 137, 139, 252, 340, 381, 430.  
FRANCISCA: moça cativa natural de Bengala, 30.  
Franciscano(s), 34, 98, 105, 112, 270, 308, 342, 413; D. Frei Lourenço de Santa Maria, 354.  
FRANCISCO (D.): infante, 45.  
FRANCISCO (frei): missionário, 96.  
FRANCISCO, Miguel: padre, 389.  
Freguesia de Guadalupe, 11.  
Freguesia de Nossa Senhora da Piedade, 152, 157, 159, 282-283.  
Freguesia do Menino Jesus de Bantual: pároco da, 269.  
FREIRE, André: padre, jesuíta, provincial da província do Malabar, 79, 85; arcebispo de Cranganor, 342-343.  
Freixo de Espada à Cinta, 193.  
FRIAS, Cosmo de: padre, 111.  
FRIAS, Sebastião de, 111.  
Frontais, 10.  
Frutas, 388, 408.  
FURTADO, André, 111.  
FURTADO, Manuel Cabral: português, 31-32.
- G**
- Gainanses (sacerdotes religiosos da seita de Budu), 149-150.  
Galgama: missão em, 391.  
Galgamua, 259.  
Galhetas, 343.  
Galhetas, 343.  
Galinholas, 92.  
GALLA, António de: padre, 310.  
GALLE, Galé, Matara: missão em, 229, 275, 356, 364-365, 383, 390, 429; porto de, 88, 95, 259, 364.  
GALVÃO, António: capitão de Maluco, 99.

- GALVÃO, Francisco Mendes: procurador da Coroa, 352.
- GAMBOA, Nicolau de: padre, 61, 423-425.
- Gancar(es), 177; João Barreto, 401.
- Gancaria, 177-178; da aldeia de Margão, 11.
- Gangalim ou Gangalym: igreja da Imaculada Conceição, 416; missão de, 421.
- Ganges, 103.
- Garças, 92.
- Gates, 10, 87, 96-96, 415.
- Gates de Carnata, 144.
- Gengibre, 89.
- Geral dos Jesuítas: Tirso Gonçalves, 137, 162.
- Geylolo: rei de, 99.
- Ginge: missão em, 414.
- Goa: cidade de, 3, 20, 30, 35, 38, 44, 45, 47, 55, 57, 59, 61-62, 64, 81, 84, 96, 99, 103, 110, 114-115, 117-118, 128-129, 131, 133-134, 137, 141, 158, 160-162, 168, 177, 182, 193-194, 225, 225, 231, 247, 255, 270, 305, 323, 332, 384, 414, 418, 422, 424, 428; arcebispo de, 11, 20; cabido da sé metropolitana de, 412; cidade de, 6, 9, 14-15, 19; colegiada da igreja de Nossa Senhora do Rosário, 19-20; Colégio da Senhora do Populo, 19; Colégio de São Roque, 19; Colégio de São Tomás de Aquino, 152, 411; Convento da Senhora da Graça, 19; Convento das Mónicas, 20; convento do Carmo, 342-343, 345-351; convento dos frades hospitalares de São João de Deus, 20; fixação dos congregados em, 3; igreja de Nossa Senhora do Monte, 19; igreja de Nossa Senhora do Rosário, 15; insalubridade de, 17; invasão de, 17; ouvidor de, 26; passagem de um cometa por, 21; Relação de, 182; sé de, 16, 308; senado da cidade de, 126; Universidade de, 411.
- Góis, Luís Soares de, 50.
- Golconda: comissário apostólico no reino de, 412; vigário-geral em, 127.
- Golfo de Hainão, 44.
- GOMES, Antónia: mãe de Engrácia, 200.
- GOMES, António, 298.
- GOMES, Francisco: padre, 54, 191.
- GOMES, José: padre, 391.
- GOMES, Pascoal, 111.
- GONÇALVES, Francisco: padre, 383, 389.
- GONÇALVES, Jácome: padre, 152, 227, 255, 258-260, 269-270, 272, 295, 304, 358-360, 363-365, 368, 371, 383-384, 389-391.
- GONÇALVES, Tirso: geral dos jesuítas, 137, 162.
- Gonsua: comunidade da aldeia de, 111.
- GOUVEIA, Dr. José da Silva e: juiz dos feitos da coroa e fazenda real, 348.
- Governador apostólico do arcebispado de Goa: D. Frei Pedro da Silva, 83.
- Governador de Baçaim: D. Miguel de Almeida, 79.
- Governador de Colombo, 142, 209, 295.
- Governador de Damão: D. Miguel de Almeida, 79.
- Governador do Estado da Índia: D. Fernando Martins Mascarenhas, 182; D. Frei Agostinho da Anunciação, 110, 182; Francisco de Távora, 17; D. Miguel de Almeida, 79; D. Rodrigo da Costa, 412; Lopo Soares de Albergaria, 95; Luís Gonçalves Cota, 412.
- Graciano: Padre Frei Manuel do Sacramento, 239.
- Grão Cataio, 19.
- Grão Mogor: comissário apostólico no reino de, 412; vigário apostólico nos reinos do, 127.
- Grão-Mogol, 17.
- Guadalupe, 15; freguesia de, 11; monte de, 11, 14.
- GUARDA, João da: padre, prepósito da Congregação do Oratório de Lisboa, 191, 207, 228, 305-306, 309-310; procurador da Congregação do Oratório na Cúria Papal, 351, 353.
- Guardião do convento de Damão: Frei Jacinto da Santa Senhorinha, 43.
- GUIA, Gabriel da, 11.
- Gurubel, Gurunbavila, Hannavella: missão em, 143, 209.
- Gurubelde, 259.
- Gurunbavila, ver Gurubel.
- Gurvilla: aldeia de, 227.
- Guzarate: reino de, 103.

## H

- Hannavella, ver Gurubel.
- Hierapolis: bispo de, 127.

- Hindustão, 11.
- Holandeses, 55-56, 61, 63-65, 72-73, 75-78, 86, 88-90, 97-98, 107, 112, 115, 118, 128, 132, 138, 141-143, 160, 169, 173-174, 209, 212-214, 249, 252, 258, 276, 279-280, 283, 285, 289, 296-297, 332, 335-336, 341-343, 354-356, 358, 362-363, 368-372, 383-385, 390, 392, 425, 432; expulsão dos portugueses de Ceilão, 212-213; sitiaram a ilha de Ceilão, 61.
- Honor: fortaleza de, 413; missão em, 103, 420-421; porto de, 415.
- HORTA, António de, 116, 214-215, 261, 267; dissava, 281.
- Hortaliças, 156.
- Hospital de São Lázaro, 378.
- Hospital de Todos os Santos: administrador do, 200.

## I

- Idalxá: comissário apostólico no reino de, 412.
- Idalxá: vigário-geral em, 127.
- Igreja:
  - da Colegiada de Nossa Senhora do Rosário, 19-20, 411.
  - da Imaculada Conceição (Gangalim), 416.
  - da Santa Cruz dos Milagres [ou do Monte da Boavista], 3, 18, 40-41, 49-51, 60, 68, 119, 122, 126-127, 161-162, 183, 219, 243, 282-283, 316-317; destruição e reedificação da, 45, 47-48.
  - da Senhora da Conversão dos Infiéis, 124, 216.
  - de Assolná, 109.
  - de Barcelor, 416.
  - de Benaullim, 109, 412.
  - de Bolluate, 354, 385, 388, 390.
  - de Calianapor, 416.
  - de Cândia, 144; demolição da, 211, 213.
  - de Caymel, 281-281, 295, 297.
  - de Cortalim, 109, 413.
  - de Cottiar, 275.
  - de Gangalim, 416.
  - de Mangalor, 415-416.
  - de Margão, 9-10, 109.
  - de Navelim, 109.
  - de Nossa Senhora da Estrela, 189.
  - de Nossa Senhora da Luz, 26, 29, 31-32, 38-39, 121, 187.
  - de Nossa Senhora de Guadalupe: pároco da, 9.
  - de Nossa Senhora do Livramento, 289, 354-355.
  - de Nossa Senhora do Monte, 19.
  - de Potulão, 207, 385.
  - de Rachol, 109.
  - de Salsete, 16.
  - de Sancoale, 413.
  - Santa Ana: vigário da, 129.
  - de Santa Maria de Vallicella (Roma), 193.
  - de São Jerónimo da Caridade (Roma), 193.
  - de São João do Deserto, 49.
  - de São José (Daugim), 44.
  - de Silena Maddu, 230, 263.
  - de Varcá, 109.
  - de Vellevalim, 281.
  - do Bom Sucesso, 336.
  - do Carmo, 40-41.
  - do Espírito Santo, 188-189, 192-194, 199.
  - do Monte da Boavista, 38-39.
  - na Turquia, 412.
  - paroquial de São João Baptista de Benaullim, 408.
- Ilanaré, ver Ceilão.
- Ilha dos Cavalos, ver Maddiuidiu.
- Ilha dos Escravos: missão na, 286-288.
- Ilhas de Goa, 9, 11, 52, 217, 396, 426; Câmara Geral das, 177-179; missão nas, 176; visita às paróquias da, 182.
- Ilhas de Samatra: missão nas, 414.
- Illapacaddavé, 259.
- Illapaculão, 259.
- Imperador da Alemanha, 245.
- Imperador marata: Sivagi, 17.
- Imperador: Constantino Magno, 165.
- Inglês(es), 62, 342-343.
- Inhame(s), 90, 367, 386.
- INOCÊNCIO XI: papa, 194, 315, 323.

- INOCÊNCIO XII: papa, 312-313.  
 Inquisidor apostólico: D. Custódio de Pinho, 412.  
 Inquisidores apostólicos, 126.  
 Inquisidor-geral: D. Tomás de Castro, 414.  
 Iranadiú: ilha de, 87.  
 Irmandade: da Santíssima Virgem Maria, 416; da Senhora do Carmo, 391; das Almas Santas, 10; de Nossa Senhora da Conceição, 10; de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 42, 121, 251; do Anjo Custódio, 10; do Espírito Santo, 10; do Santíssimo Sacramento, 238; do Santo Bentinho Carmelitano, 354.  
 Irmão: Bernardo Coutinho, 14-15.  
 ISABEL: filha de Felipe Neri e de Maria, 337.  
 Itália, 351.  
 Ivanadiú, 259.
- J**
- Jacas, 397.  
 Jafana: missão de, 60, 65-66, 71-73, 75-77, 84-88, 90, 107, 113-115, 132-133, 141, 144, 151, 161, 228-230, 249, 252-254, 262, 284, 342, 372, 428-429; perseguição dos cristãos em, 75-77, 79, 85, 429; rei de, 96, 105; reino de, 92; tomada pelos holandeses, 112.  
 Jafanapatão: ilha de, 94; missão em, 3, 65, 259, 360, 368; rei de, 149.  
 Jaffna, ver Jafana.  
 Jaffna, ver Jafana.  
 Java: ilha de, 76, 90.  
 Javalis, 91, 263.  
 JEREMIAS, Afonso da Costa, 58.  
 JEREMIAS, António da Costa: pai de Pascoal da Costa Jeremias, brâmane, 58.  
 JEREMIAS, Pascoal da Costa: padre, superior da Congregação do Oratório, filho de António da Costa Jeremias e de Paula Barreta, 3, 8, 11, 14-15, 51, 55, 58-60.  
 Jerusalém: lugares santos de, 199, 413.  
 Jesuíta, 16, 19, 32-34, 36, 58, 61, 63-64, 72, 76-77, 105, 109, 135-136, 152, 257, 308, 332, 342, 411, 413, 422, 427; geral do, 137, 162; provincial do, 247, 342-343; reitor do colégio dos, 332; Padre André Freire, 79, 85; Padre António Cordeiro, 205; Padre Jacinto Pereira, 407; Padre João da Sequeira, 411; Padre Manuel Carvalho, 83; Padre Manuel de Temudo, 421; Padre Manuel Pereira, 131; Padre Mestre Francisco Simões, 81.  
 JESUS, Francisco de: padre, 259, 334.  
 JOÃO (D.): rei de Cândia, ver Astana, Darmapala.  
 JOÃO (D.): rei de Cândia, ver Astana, Javira.  
 JOÃO III (D.): rei de Portugal, 96.  
 JOÃO IV (D.): rei de Portugal, 53, 190, 379, 412.  
 JOÃO V (D.): rei de Portugal, 208, 305, 311, 315, 342, 344, 379.  
 João, 360.  
 JOÃO, Diogo: irmão, 130; clérigo menorista, 80.  
 JOÃO, Diogo: padre, filho de João Pereira e de Isabel Pereira, 207, 234-236.  
 JOÃO: moço, 57, 65-67, 86, 116, 168.  
 Jono, 178.  
 JORGE, António, 50.  
 Jorquamuné, 259.  
 José (frei): missionário, 96.  
 JOSÉ: filho de Felipe Neri e de Maria, 337.  
 Jozafat: rei, 87.  
 Jua: ilha de, 17.  
 Juiz dos feitos da coroa e fazenda real: Dr. José da Silva e Gouveia, 348.  
 Junta das Missões, 185, 227-228, 245.  
 Junta de teólogos, 34-38.
- K**
- Kalatura, ver Calaturé.  
 Kalpitya ver Arxetim.  
 Kammala, ver Caymel.  
 Kanda uda Rata, 92.  
 Kelani: rio de, 88.  
 Kendangamuwa ver Cadagama.
- L**
- Lagartos, 433.  
 Lancá, ver Ceilão.  
 Lavandeiros, 178.  
 LAVRE, André Lopes de: secretário, 316.

- LEÃO, Francisco: padre jesuíta, lente de prima, 34.  
 Legumes, 90.  
 LEITÃO, Custódio: padre, beneficiado na Colegiada da igreja de Nossa Senhora do Rosário, 15, 51, 70, 80, 83-84, 109, 120, 134, 176, 186, 256, 389-390, 395.  
 LEITÃO: mestre, 111.  
 Lente de Filosofia: D. Mateus de Castro, 414.  
 Lente de Teologia: Frei António Correia, 192; D. Mateus de Castro, 414.  
 LIMA, Lucas de: padre, 182.  
 Lisboa: cidade de, 53, 117-118, 182, 194, 200, 306, 324; corte de, 189-190.  
 LISBOA, D. Frei Cristóvão de Sá e: arcebispo primaz do Oriente, 25-26, 42.  
*Livramento*, 289, 355-356.  
 LOIOLA, Inácio de, 128, 135.  
 LOPES, Martinho, 359.  
 LOURENÇO, Jácome: padre, 59.  
 LOURENÇO, Jácome: pároco da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, 9, 11, 13-16.  
 LUCAS (frei): missionário, 96.  
 LUCENA, João de: padre, 94, 101-104.  
 LUNA, António de, 111.  
 LUTERO, 75.
- M**
- Macama*, 148.  
*Macau*: cidade de, 44; nau de, 352.  
*Macazar*: ilha de, 99.  
*Maddiudiu*: ilha de, 87, 252.  
*Madras*, ver *Madrasta*.  
*Madrasta*: porto de, 43, 64.  
*Madure*, ver *Maissur*.  
 Madurei: missão em, 387, 414.  
 MAGALHÃES, Francisco Pereira: cónego, 110.  
*Magalor*: capitão de, 417.  
 MAGNO, Constantino: imperador, 165.  
*Maissur*: missão em, 94, 144, 387.  
*Majordá*: comunidade da aldeia de, 111.  
*Malabar*, 21, 89, 255; missão no, 127-128; provincial do, 79; provincial dos jesuítas da província do, 342-343.  
*Malavé*, 259.  
*Maldivas*, 95.  
 Mallavá, 259.  
 Maluco: capitão de, 99.  
 Malvana: missão em, 143, 222.  
 Manacanna: missão em, 391.  
 Manapar: porto, 332; reitor do colégio jesuíta de, 332.  
 Manar: capitão de, 94; ilha de, 65-66, 87, 174; martírio de missionário sem 105-106; missão em, 105, 114, 133, 161, 252, 257-259, 281-282, 333, 341, 359-361, 368-384, 428; perseguição aos cristãos em, 105; tomada pelos holandeses, 112.  
 Mandduddiu: missão em, 262.  
 Mangalor, 3; feitor de, 417; fortaleza de, 413; missão em, 415-416, 420-421, 423; porto de, 57-58, 60, 62, 421, 423; vigário de, 62, 420.  
 Mangas, 90, 397.  
 Manivoré: anjo, 145-147.  
 Manjeserão, 415.  
 Manniyagamá, 259.  
 Mantai, ver Mantota.  
 Mantotti, ver Mantota.  
 Mantota: missão em, 88, 114, 133, 158-161, 171, 173, 224-225, 229-230, 249-252, 258-259, 262-264, 281-282, 294, 333, 337, 341, 360-361, 367-368, 384, 390; Irmandade de Nossa Senhora do Bom Sucesso, 251.  
 MANUEL, Alexandre: padre, 389.  
 MANUEL: malabar, 28-29.  
 Mar Roxo, 175.  
 Marata: império, 17.  
 MARCIANO, João: padre, oratoriano, 205.  
 Marfim, 98.  
 Margão: aldeia de, 8-11, 14, 58, 60; boticas em, 10; dessaí de, 178; dízimos eclesiásticos pagos pela aldeia de, 11; feira de, 10-11; foros e contribuições pagas pela aldeia de, 11; gancaria da aldeia de, 11; igreja de, 9-10; missão em, 70, 109, 152, 161, 217, 225, 268, 304; rol de confissão da aldeia de, 10; sacerdotes de, 3.  
 MARIA (D.): mãe de Raja Singa, 97.  
 MARIA, José de Jesus: padre, 130, 255, 257-260, 281-282, 303, 334, 336, 338-339, 360-361, 373.

MARIA, Júlia, 204.  
 MARIA, Teresa de Jesus, 202.  
 MARIA: casada com Felipe Neri, mãe de José, António, Pedro e Isabel, 337.  
 Maripóo: missão em, 391, 430.  
 Maripu, 259.  
 Marmelada: caixas de, 256.  
 Marquês de Abrantes: embaixador de Portugal na Cúria Papal, 351-352.  
 Marquês de Angeja: D. Pedro António de Noronha, 118, 162.  
 MARQUES, Domingos, 111.  
 Marrecos, 92.  
 MARTINS, Antónia: portuguesa, 31, 35.  
 MARTINS, Manuel: pai de António, 200.  
 Mártires: vila dos, ver *Curia Culapatim*.  
 MARTONELLI, Pedro Valerio: Bispo Feltrano, 310.  
 MASCARENHAS, D. Fernando Martins: governador do Estado da Índia, 182.  
 MASCARENHAS, D. Pedro: irmão do Conde de Castelo Novo, 41.  
 MASCARENHAS, Marcelo, 111.  
 MASCARENHAS, Pedro de, 350.  
 Massa de maçapão, 308.  
 Matara, ver Galle.  
 Matule, 259.  
 Maturé, 259, 358.  
 Mayssur: missão de, 414, 422.  
 Médico, 30, 37; Simão Colaço, 289, 292.  
 Meliapor: bispo de, 126.  
 MELO, António de: padre, 423.  
 MELO, Jerónimo Bernardo de: brâmane, marido de Maria de Noronha, mãe do Padre Miguel de Melo, 268.  
 MELO, Miguel de: padre, filho de Jerónimo Bernardo de Melo e de Maria de Noronha, pároco da freguesia do Menino Jesus de Bantual, 207, 268-275, 281.  
 MELO, Miguel de: presbítero, 255, 259-260.  
 Mendamanddalé: rei de, 146; reino de, 144, 148.  
 MENDONÇA, D. António de: arcebispo de Lisboa, 193.  
 MENESES, D. Frei Aleixo de: arcebispo primaz do Oriente, 20, 109, 244.  
 MENESES, D. Manuel de Sousa: arcebispo de Goa, primaz do Oriente, 11, 16-17, 127, 422.  
 MENESES, José de: padre, 3, 58, 80, 84, 107, 130-133, 141-142, 158, 165-166, 174, 207, 209, 220-222, 229-232, 247, 249, 252-253, 258-260, 262-263, 275, 333-334, 360, 365, 372, 389, 391; vigário da igreja de Calianapor, 69-70.  
 Mercador(es), 11, 100; António de Paiva, 99; António Souto, 113; Manuel da Cruz, 257.  
 MESQUITA, Ana de: mãe do Padre Pedro Ferrão, 225.  
 MESQUITA, Antónia: brâmane, mãe do padre Pedro Ferrão, 152.  
 MESQUITA, Inácio de: padre, 389.  
 MEZABARBA (monsenhor): Patriarca de Alexandria, 352.  
 MIGUEL: moço, 272.  
 Milagre da Santa Cruz do Monte da Boavista, 19-25.  
 Mindanao: rei de, 99.  
 MIRANDA, Esperança de: madrinha de José Vaz, 408.  
 MIRANDA, Manuel de: padre da Congregação do Oratório, 42-43, 207, 227, 255, 257, 259-260, 269, 276-295, 297, 300, 302, 333-335, 340, 360, 362-363, 372, 384.  
 MIRANDA, Maria de: casada com Cristóvão Vaz, mãe de José Vaz, 406.  
 MIRANDA, Tomé de, 111.  
 Missionários: martírio de, 96, 98, 105-106.  
 MOISÉS, 8, 15, 24, 36-37, 175.  
 Moloquim: missão em, 421, 420.  
 Mónicas: convento das, 20.  
 MONRROY, Francisco de: padre, 389.  
*Monte Alverna*, 20.  
*Monte da Boavista*, 3, 14, 18-26, 28-29, 32-33, 36, 39, 42, 45, 47, 51, 62, 108, 126, 161, 175, 244, 427; igreja da Santa Cruz dos Milagres, 18.  
*Monte de Guadalupe*, 11, 14, 126-127; ermida do Monte de São João do Deserto, 3.  
 Monte de São João do Deserto de Guadalupe, 51.  
*Monte Horeb*: visão no, 24.  
*Monte Santo*, 19.  
 MONTEIRO, Nicolau: bispo do Porto, 54.  
 MORAIS, Nicolau de, 340.

Morcegos, 92.  
*Mormugão*, 17; comunidade da aldeia de, 111.  
 Mosquitos: praga de, 226-227.  
 Moura, 29.  
 MOURA, Francisco de: pai do Padre João de Moura, brâmane, 217.  
 MOURA, João de: brâmane, casado com Mónica Rodrigues, pai do Padre André Paulo, 395.  
 MOURA, João de: padre, filho de Francisco de Moura e de Joana Rodrigues, prefeito dos oratorianos, 80, 130, 135-136, 163-164, 176, 185-186, 207, 217-219, 395-396.  
 Mouros: piratas, 95; embarcações de, 95.  
 Mudelear de Nigumbo: D. Afonso Pereira, 279-280, 291.  
 Mugely, 259.  
 Mullicanddel, 259.

N

NABUCO: estátua de, 19.  
 Nagoá: aldeia, 58; comunidade da aldeia de, 111.  
 Naica Gainanse (superior dos gainanses), 150.  
 Naires: casta, 103.  
 Naitos: casta, 103.  
 Namassins, 178.  
 Nanattan, 336.  
 Narangodde: missão em, 271-272, 391.  
 Nau Nossa Senhora das Ondas, 306.  
 Nau S. Francisco de Borja, 182.  
 Naufrágios, 43.  
 Navacuddu, 259.  
 Navelim: igrejas de, 109.  
 Navios, 20-21.  
 Negapatão: missão em, 56, , 131-133, 174-175, 296.  
 Nelur: aldeia de, 111.  
 Nemo, 177.  
 NERI, Felipe: pantagantim, casado com Maria, pai de José, António, Pedro e Isabel, 337, 373.  
 NERI, São Felipe: fundador da Congregação do Oratório, 6, 11, 20, 53, 312, 330.  
 Neura: aldeia de, 219, 237, 242, 400; dessai de, 178; Ermida de São Sebastião, 238; gancar de, 401.  
 Nigumbo: alferes de, 302; missão de, 142, 207, 220-223, 229, 259, 261, 276-277, 279-281, 283, 334-335, 341, 354, 362, 388, 390; mudelear, 279; perseguição dos cristãos em, 296-302.  
 Nogorecullão, 361.  
 NORONHA, D. Pedro António de: Conde de Vila Verde, marquês de Angeja, vice-rei do Estado da Índia, 118, 134, 161-164, 179, 219.  
 NORONHA, Frei Manuel de: padre, dominicano, 110-111.  
 NORONHA, João José de: carmelita, 200.  
 NORONHA, Maria de: brâmane, esposa de Jerónimo Bernardo de Melo, mãe do Padre Miguel de Melo, 268.  
*Norte*: visitas pastorais ao, 16.  
 Nossa Senhora da Conceição: irmandade de, 10.  
 Nossa Senhora da Piedade: freguesia de, 152, 157, 159.  
 Nossa Senhora do Bom Sucesso: confraria de, 18; imagem da, 3.  
 Nossa Senhora do Monte: igreja de, 19.  
 Núncio de Portugal, 306.  
 NUNES, Francisco, 292.

O

Oficial da Secretaria do Estado: Pedro de Ataíde, 162.  
 OLIVEIRA, António de: natural de Lisboa, 31.  
 Opa: branca, 10; vermelha, 10.  
 Oratoriano: Padre António de Ataíde, 205; Padre Manuel Bernardes, 200-201; Padre João Marciano, 205.  
 Ordem dos Clérigos Regulares da Divina Providência, 414.  
 Orlim: comunidade da aldeia de, 111.  
 Ottepettym: missão em, 391.  
 Ouvidor de Goa, 26.

## P

- PACHECO, D. Frei Pedro: dominicano, bispo de Cochim, vigário-geral na ilha de Ceilão, membro do Conselho de Sua Majestade, 130, 134, 141, 158, 247, 255, 429.
- PAIM, Roque Monteiro, 228, 245.
- PAIS, Leonardo: padre, 87.
- PAIVA, António de: mercador, 99.
- PAIXÃO, Frei Lázaro da: irmão leigo, 349.
- Palanganddel, 336.
- Palaurancatté, 259.
- Pallancanddel, 259.
- Palmar de Caissua: compra do, 396; administração do, 400-401.
- Palmar, 304; arrematação de um, 129.
- Palmeiras, 11, 397.
- Pambatty, 259.
- Panagamá, 259.
- Panelim, 48.
- Pangaddadiú: ilha de, 87.
- Pangim: missão em, 163, 397.
- Pão, 388.
- Papa: Alexandre VII, 330; Benedito XIII, 319, 321, 331, 378; Benedito XIV, 326, 329-330; Clemente X, 54, 184, 192, 194, 315, 323; Clemente XI, 249, 308, 310-313, 315-318, 331, 351, 387, 430; Clemente XII, 387; Inocêncio XI, 194, 315, 323; Inocêncio XII, 312-313; Paulo III, 94; Paulo V, 142; São Silvestre, 165; Sixto IV, 347; Sixto V, 321, 330; Urbano VIII, 8.
- Paróquia de São Matias, 21.
- Parreas: casta, 103.
- PASCOAL (frei): missionário, 96.
- Patangantim: Felipe Neri, 337, 373.
- Patos, 92.
- Patriarca de Alexandra: Monsenhor Mezabarba, 352.
- PAULO III: papa, 94.
- PAULO V: papa, 142.
- PAULO, André: padre, filho de João de Moura e de Mónica Rodrigues, 107, 120, 134-135, 161-162, 395-404.
- PAULO, Pedro: padre, prepósito da Congregação do Oratório, 84, 130, 163, 305, 348-349, 405.
- Pavões, 92.
- Pedra bazar, 92.
- Pedreiros, 25-26.
- PEDRO (D.): belala, 78; conversão e martírio de, 3, 78-80.
- PEDRO II (D.): rei de Portugal, marido de D. Maria Sofia, 182, 191-193, 195-196, 202, 310, 334.
- PEDRO: filho de Felipe Neri e de Maria, 337.
- PEDROSO, Francisco: padre, prepósito da Congregação do Oratório de Lisboa, 245-246, 307, 310, 344.
- PEGALOTE, Benjamim, 291, 299, 302.
- Pegu: rei de, 93, 149.
- Pejale: porto, 333.
- Pereira, 42.
- PEREIRA, António de Basto: corregedor da justiça, 352.
- PEREIRA, António Francisco, 111.
- PEREIRA, António: padre, prepósito da Congregação do Oratório de Goa, 326, 329.
- PEREIRA, Baltazar, 111.
- PEREIRA, Bento, 102.
- PEREIRA, Brás: padre, 389.
- PEREIRA, Celestino: padre, 389.
- PEREIRA, D. Afonso: mudelear de Nigumbo, marido de Catarina Bauzen, 279-281, 291, 298-299, 302.
- PEREIRA, Francisco, o grande, 111.
- PEREIRA, Isabel: mãe do Padre Diogo João, brâmane 234.
- PEREIRA, Jacinto: padre, jesuíta, 407.
- PEREIRA, João Domingos, 111.
- PEREIRA, João: pai do Padre Diogo João, brâmane 234.
- PEREIRA, José: padre, reitor do Colégio Jesuíta de Manapar, 32, 131, 391.
- PEREIRA, Marçal, 111.
- PEREIRA, Maria: brâmane, casada com Simão Carvalho, mãe do Irmão António Carvalho, 282-283.
- PEREIRA, Matias, 198.
- PEREIRA, Mendo Foios: secretário de Estado, 228.
- PEREIRA, Paulo: padre, 154-155.
- PEREIRA: cardeal, 319-320.
- PERIABANDAR, D. João: rei de Sitavaca, 96.

- Periapatão*, 257, 270.
- Pernambuco, 53, 193-194, 315.
- PESSANHA, Pedro Gomes: natural de Moura, cavaleiro fidalgo, 29.
- Pico de Adão, 148.
- Pimenta, 98; longa, 386; negra, 89.
- PINA, António Vieira de, 49.
- PINHO, D. Custódio de: brâmane, inquisidor apostólico na Turquia, bispo de Hierapolis, vigário e comissário apostólico nos Reinos de Grão Mogor, Idalxá, e Golconda, 412.
- PINTO, João, 292.
- PINTO, Manuel: português, 32.
- PINTO, Pascoal, 111.
- PINTO, Pedro: padre, vigário-geral, 257.
- Piratas, 95.
- PIRES, Pedro, 292.
- PLÍNIO, 94.
- Podichery: porto de, 387.
- Poleas: casta, 103.
- Pólvora, 359.
- Ponta Delgada*: cidade de, 187.
- POOL, Pedro, 291, 299, 302.
- Porco-espinho, 92.
- Porcos monteses, 92.
- Porto, 193.
- Portugal, 53.
- Potulão*: missão em, 74, 88, 107, 112-114, 133, 141-143, 165-167, 207, 209, 220-223, 229-232, 248-250, 252, 259-260, 262, 275, 281-282, 303, 333-334, 336, 360, 362-363, 372, 384-385, 391-392; peste de bexigas em, 166-167; porto de, 86, 429.
- Prata, 347, 382.
- Prefeito da Congregação do Oratório: Padre João de Moura, 219.
- Prefeito dos Clérigos Regulares da Divina Providência de Goa, 414.
- Pregador: Bartolomeu do Quental, 188, 190; Frei Fernando Soeiro, 192; Padre José Vaz, 412-413; Padre José Carvalho, 231.
- Prepósito da Congregação do Oratório: Padre António Pereira, 326, 329; Padre Francisco Pedroso, 245-246; Padre Francisco Xavier, 351; Padre João da Guarda, 228; Padre Pedro Paio, 348.
- Presbítero, 8; Bartolomeu do Quental, 188; José Vaz, 412.
- Príncipe de Tanasserim: Vigia Raja, 93.
- Prior da Colegiada da igreja de Nossa Senhora da Luz, 26, 41, 119-122, 134.
- Procurador da Congregação do Oratório na Cúria Papal: Padre João da Guarda, 351, 353; Padre Manuel de Almeida, 325.
- Procurador da Coroa e da fazenda: Dr. Tomás de Sousa Caldeira, 348.
- Procurador da Coroa: Francisco Mendes Galvão, 352.
- Procurador da Fazenda: Manuel da Cunha Sardinha, 352.
- Promotor do Santo Ofício, 34.
- Propaganda Fide, 157, 325.
- Provedor-mor dos Contos da Fazenda Real: João de Lemos do Vale, 176.
- Provincial da China: Padre Manuel Carvalho, 83.
- Provincial dos Eremitas de Santo Agostinho, 126.
- Provincial dos jesuítas: Padre André Freire, 79, 342-343; Padre António de Barros, 247.
- Pudducuddirupú*: missão em, 391.
- Puducuddirussa*, 259.
- Puli*: comunidade da aldeia de, 111.
- Pulliyaculão*: missão em, 259, 336, 373.
- Punerym*, 259.
- Q**
- QUARESMA, Mateus, 196.
- Quatro Corlas: missão nas, 92, 250, 430.
- QUEIRÓS, Fernando de: padre, 61.
- Quelossim: comunidade da aldeia de, 111.
- QUENTAL, Ana do: mãe do padre Bartolomeu do Quental, 187.
- QUENTAL, Bartolomeu do: padre, filho de Francisco de Andrada Cabral e de Ana do Quental, pregador do número, confessor da capela real, presbítero, 6, 53-55, 68-69, 81, 107-109, 117-118, 121-122, 125, 128, 135, 185-205, 309-311, 427.
- Quillanvally, 259.
- Quilon, ver Coullão.

- R**
- Ração, 151.
- Racão: reino de, 143-144, 150.
- Rachol: colégio de, 81; igrejas de, 109; tronco de, 182.
- RAFAEL, Manuel, 111.
- RAFAEL: arcanjo, 4.
- Raia: comunidade da aldeia de, 111.
- Rainha do Canará: Chenamagym, 424-425.
- RAJA, Vigia: príncipe de Tanasserim, 93.
- RAJARÚ, Sandama: rei de Mendamanddalé, 146-147.
- RALLA, Gabadda: vedor-geral da Fazenda, 264.
- RANGEL, Gabriel: irmão, 227.
- RAQUEL, 7.
- Recolhimento da Santa Cruz dos Milagres, 60, 67, 70-71, 81, 118, 120, 141, 395, 427.
- Recolhimento de Santa Maria Madalena, 244, 381.
- Recolhimento de São João do Deserto, 52.
- REGO, Francisco do: padre, vigário da igreja de Santa Ana, 129, 243.
- REGO, Sebastião do, 26.
- Rei:
- de Amboino, 99.
  - de Batecalor, 96.
  - de Cândia, 86, 96, 112, 115, 167, 170, 173, 209, 214, 227, 231-232, 248, 266, 383-385, 429; Astana Cumara, 97; Darmapala Astana, 96; Javira Astana, 96; Mahe Astana, 96; Narandra Singa, 391; Narenda Singa, 97, 150; Navendra Singa, 382; Raja Singa, 97, 212-213; Vimala Suria, 94, 97, 116, 234.
  - de Ceitigão, 99.
  - de Cotta, 93, 95-96.
  - de França, 245.
  - de Geylolo, 99.
  - de Jafana, 96, 105.
  - de Jafanapatão, 149.
  - de Mendamanddalé: Sandama Rajarú, 146.
  - de Mindanao, 99.
  - de Pegu, 149.
  - de Portugal: D. João III, 96; D. João IV, 53, 190, 379, 412; D. João V, 208, 305, 311, 315, 342, 344, 379; D. Pedro II, 182, 191-193, 195-196, 202, 310, 334.
- de Safragão, 96.
  - de Sião, 99.
  - de Sitavaca, 96; D. João Periabandar, 96.
  - de Supa, 99.
  - de Ternate, 99.
  - de Uva, 96.
  - de Vannym: D. Gaspar Xingão, 173.
  - Jozafat, 87.
- Reino de Coddoga, 103.
- Reino de Guzarate, 103.
- Reino do Canará, 103.
- REIS, António dos: padre da Congregação do Oratório de Lisboa, 45.
- REIS, Frei Agostinho dos: provincial dos agostinianos na Índia, 45, 48-49.
- Reitor do colégio de Rachol: Padre Mestre Francisco Simões, 81.
- Reitor do Colégio Jesuíta de Manapar: Padre José Pereira, 332.
- Relação de Goa, 182; desembargadores da, 26.
- Relíquia(s), 26-32, 40-41, 43-44.
- REMIGIO, 128.
- Rio Indo, 103.
- ROCHA, Teotónio da, 204.
- RODRIGUES, Francisco, 111.
- RODRIGUES, Francisco: padre, 242.
- RODRIGUES, Joana: mãe do Padre João de Moura, brãmene, 217.
- RODRIGUES, Lourença: madrasta do Irmão Manuel da Cruz, 237, 242-243.
- RODRIGUES, Manuel: padre, cura da sé primacial, 20, 26.
- RODRIGUES, Matias: padre, 389.
- RODRIGUES, Mónica: brãmene, casada com João de Moura, mãe do Padre André Paulo, 395.
- Rol de confissão da aldeia de Margão, 10.
- Roma, 53-54, 94, 136, 157, 162, 193-194, 200, 207, 306-307, 310, 325, 412, 423.
- ROMANO, Liberto Annio, 94.
- ROSÁRIO, Diogo do: padre, 389.
- Roupa de algodão, 92.
- Rubis, 88-89, 149.

- S**
- SÁ, António de, 240.
- SÁ, Gabriel de: irmão, clérigo menorista, 80; padre, 119, 176.
- SÁ, Gaspar de Betencourt de: cónego, escrivão da Câmara, 50.
- SÁ, Marçal Pereira de, 121.
- Sabaragamuwa, ver Safragão.
- Sabaragamuwa, ver Safragão.
- SACRAMENTO, Frei Manuel do: padre, graciano, 239.
- SACRAMENTO, João Duarte do: bispo de Pernambuco, 54.
- SACRIPANTE: cardeal, 351.
- Sacristão-mor do Convento de Goa, 44.
- Safiras, 89, 149.
- Safragão: dissava de, 207-208, 210; missão em, 209, 229, 249-250, 259, 430; rei de, 96; reino de, 92.
- Sagrada Congregação da Propaganda Fide, 346, 350.
- SAÍDAS, Frei Jorge das: padre do Convento do Varotojo, 52, 426.
- Sal, 386.
- SALDANHA, Pedro de: padre, 207, 227, 247-249, 251-252, 259-261, 264-266, 268, 272, 275, 281, 303, 333, 360, 372, 434.
- Salica, ver Ceilão.
- Salsete: terras de, 58, 68, 110, 113, 141, 234, 379, 395-396, 401, 412; aldeia de, 217, 406; ataque do Sambagi à província de, 17; Câmara Geral de, 177-179; igrejas de, 16; missão, 176-177, província de, 8-9; visitas pastorais a, 16, 182.
- Sambagy, 57.
- SAMPAIO, António de: português 32.
- SAMPAIO, João de Melo de: capitão de Manar, 94.
- Sancoale: aldeia de, 217, 395, 408, 426; missão em, 141, 231, 406, 410, , 413.
- Sangatares (sacerdotes seculares da seita de Budu), 137-140, 149-150, 211.
- Sanguessugas, 386.
- Sansão, 36-37.
- Santa Ana: vigário de, 421.
- Santa Cruz dos Milagres: igreja de, 3, 18.
- Santa Cruz dos Milagres: trasladação para a igreja do Monte da Boavista, 39-41.
- Santa Helena, 40.
- SANTA MARIA, D. Frei Lourenço de: franciscano, bispo do Algarve, 183; arcebispo primaz do Oriente, 354.
- SANTA MARIA, Francisco de, 42.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de, 42, 47, 49.
- SANTA SENHORINHA, Frei Jacinto da: padre capucho, guardião do convento de Damão, 43.
- SANTA TERESA, D. Inácio de: arcebispo primaz do Oriente, 84.
- SANTO AGOSTINHO, 37.
- SANTO ANDRÉ, Frei Francisco de: padre, provincial dos eremitas de Santo Agostinho da Congregação da Índia Oriental, 48.
- SANTO ANTÃO, 36.
- SANTO CIRILO, 40.
- Santo Estêvão: forte de, 17.
- Santo Ofício: promotor do, 34.
- SANTO PAULINO, 40.
- SANTOS, Frei Dionísio dos: Padre, prior do convento de São Domingos de Goa, 44.
- SÃO CAETANO, 308.
- São Matias: paróquia de, 21.
- SÃO MIGUEL: arcanjo, 10.
- São Miguel: ilha de, 187-189.
- São Paulo: ermitão, 36.
- São Pedro*: aldeia de, 174.
- São Roque: colégio de, 19.
- Sapos, 92.
- Sarcamané: missão em, 391, 430.
- SARDINHA, F. de: cónego da Sé de Goa, 56.
- SARDINHA, Manuel da Cunha: procurador da Fazenda, 352.
- Sarzoá: comunidade da aldeia de, 111.
- Sé de Goa, 16, 308; arquivo da, 42; cabido da, 42; cónego da, 56; cura da, 20, 26; deão da, 34; fábrica da, 25; tesouro da, 34, 40.
- Secretário de Estado: Diogo de Mendonça Corte Real, 352.
- Secretário de Estado: Mendo Foios Pereira, 228.
- Secretário: André Lopes de Lavre, 316.
- Seda, 308, 382.
- Seminário, 304.
- SENA, Catarina de, 188, 191.

- SENA, São Bernardino de, 410.  
 Senado da Câmara de Goa, 42, 126.  
 Senhora do Bom Sucesso: imagem de, 45-48.  
 Senkada Gala: cidade, 92.  
 SEQUEIRA, João da: padre mestre, jesuíta, 411.  
 Seramdib, ver Ceilão.  
 Serra do Malavar: missão de, 412.  
 Sete Corlas, 92, 259.  
 Sião: porto de, 43; rei de, 99; reino de, 93.  
 SIDE, Manuel..., 111.  
 Silale, 112.  
 Silena Maddu: igreja de, 263.  
 Silenam Moradamaddu, 259.  
 Sillala: aldeia de, 73; missão de, 73.  
 Sillena Maddu: aldeia de, 91; missão em, 230, 391.  
 SILVA, André Paulo da: padre, ver PAULO, André.  
 SILVA, Constância da, 357.  
 SILVA, D. Alberto da: arcebispo primaz do Oriente, cónego regrante, 68-69, 79-80, 182.  
 SILVA, D. Frei Pedro da: arcebispo primaz do Oriente, agostinho, bispo de Cochim, governador apostólico do arcebispado de Goa, 80-83.  
 SILVA, D. Garcia da, 129.  
 SILVA, Manuel da: catequista, 78.  
 SILVA, Manuel Filipe da, 316.  
 SILVA, Pedro da: cirurgião, 21-24.  
 SILVA, Pedro, 25, 28.  
 SILVEIRA, Frei Luís da: padre, agostiniano, 40, 43.  
 SILVEIRA, Mestre Frei João da: padre, carmelita calçado, 192.  
 SILVESTRE (São): papa, 165.  
 SIMÕES, Francisco: padre, 108.  
 SIMÕES, Mestre Francisco: padre jesuíta, reitor do Colégio de Rachol, 81-82, 117.  
 Simondi, ver Ceilão.  
 SINA, Narendra: rei de Cândia, filho de Vimala Suria, 97.  
 Sinda: reino de, 45.  
 SINGA, Narandra: rei de Cândia, 391.  
 SINGA, Narendrá: rei de Cândia, 94, 150.  
 SINGA, Navendra: rei, 382.  
 SINGA, Raja: rei de Cândia, filho de D. Maria, pai de Vimala Suria, 97, 212-213.  
 Sirola: dessai de, 178.  
 Sirul: missão de, 420-421.  
 Sirulá, 401.  
 Sitavaca: missão em, 142-143, 209, 259, 281, 372, 391, 430; demolição de uma ermida, 340; rei de, 96; reino de, 92.  
 Situvaca, 88.  
 SIVAGI: imperador marata, 17; invasão de Goa pelo, 344.  
 SIXTO IV: papa, 347.  
 SIXTO V: papa, 321, 330.  
 SOEIRO, Frei Fernando: dominicano, pregador, 192.  
 SOFIA, D. Maria: rainha de Portugal, 202.  
 SOUSA, Ângela Maria de, 202.  
 SOUSA, D. Luís de: bispo, arcebispo de Lisboa, 193.  
 SOUSA, Francisco de, 103.  
 SOUSA, Mestre Francisco de: padre, 135-136.  
 SOUSA, Paulo de: padre, 55.  
 SOUSA, Pelaio de, 95.  
 SOUSA, Petornilha de, 130.  
 SOUTO, António, 116.  
 SOUTO, António: mercador, 113-116.  
 SOUTOMAIOR, André Varela, 245.  
 SOUTOMAIOR, António de: português, 32.  
 SUARES, António: casado com Madalena Colaço, pai do Padre Francisco Soares, 304.  
 SUARES, Francisco: padre, 207.  
 SUARES, Francisco: padre, filho de António Soares e de Madalena Colaço, 303-304.  
 Subdiáconos, 8.  
 Sunda: terras do, 415.  
 Supa: rei de, 99.  
 Suraulim: comunidade da aldeia de, 111.  
 SURIA, Vimala: rei de Cândia, filho de Raja Singa, pai de Narendra Singa, 94, 97, 116, 234.
- T**
- Tabaco, 98, 302.  
 Talaulim: comunidade da aldeia de, 111.  
 Talemanar, 257.  
 Talicheira, 62-63.

- Tamacará, 259.  
 Tamalagama, 259.  
 Tamaracullão: aldeia de, 224.  
 Tamarinho: árvore de, 410.  
 Tanasserim: príncipe de, 93; reino de, 93.  
 Tanor: missão em, 414; porto de, 247, 255.  
 Taprobana, ver Ceilão.  
 Tapussi: sancaxi, 144-146.  
 TAVARES, António, 130.  
 TÁVORA, Francisco de: vice-rei e governador do Estado Português da Índia, conde de Alvor, 17, 57, 344.  
 Teca: madeira, 20, 90.  
 TEIXEIRA, Joana: brâmane, esposa de Francisco da Cruz, mãe do Padre José da Cruz, 267.  
 TEIXEIRA: padre, 111.  
 Tempestade/tufão, 44.  
 Temporal, 43.  
 TEMUDO, Manuel de: padre jesuíta, 421.  
 Terço, 12-13.  
 Ternate: rei de, 99.  
 Terunanses (bispo da seita de Budu), 149-150.  
 Tesoureiro-mor da Sé, 34.  
 Tesouro da Sé Primacial de Goa, 40.  
 Tetapallá, 259.  
 Tigres, 91, 165, 263, 433.  
 Tissuari: ilha, 9.  
 TOBIAS, 4.  
 Topázios, 89.  
 Topo, 63, 247-248.  
 Toputurré, 132.  
 TOURNON: cardeal, 387.  
 Touros, 91.  
 Trangabar: missão em, 133, 231, 231; vigário de, 132-133.  
 Travancor: missão em, 57, 63-64, 89, 103, 247, 257, 270, 342, 373.  
 Três Corlas: missão nas, 92, 250, 259, 430.  
 Tribunal do Santo Ofício, 199, 245, 325.  
 Tributo: pagamento de, 89, 95, 97-98.  
 Trincomalee, ver Trincomalee.  
 Trincomalee, Trincomalee: missão em, 229, 249-250, 259, 360, 390-391, 429; baía de, 207.  
 TRINDADE, Frei Paulo da, 87.  
 Trinitário: Frei António Correia, 192.  
 Tronco de Rachol, 182.  
 Turquia: igreja da, 412; inquisidor apostólico na, 412.  
 Tuticorin, ver Tutucurim.  
 Tutucorim: missão em, 64-66, 77, 79, 131, 255, 257, 299, 332-333, 428; perseguição aos cristãos em, 79; porto de, 89.
- U**
- Ulala: missão de, 418.  
 Universidade de Coimbra, 181, 188; lente de prima de Teologia, 192.  
 Universidade de Goa, 411.  
 URBANO VIII: papa, 8.  
 Urcavaturé: ilha de, 87.  
 Ursos, 91, 165, 263, 433.  
 Utordá: comunidade da aldeia de, 111.  
 Uva, 259; rei de, 96; reino de, 92.
- V**
- Vacotté: missão em, 391.  
 Vacotto, 259.  
 Valdem: comunidade da aldeia de, 111.  
 VALDOVESSO, João Ferreira: chantre, 49.  
 VALDOVESSO, Manuel Ferreira: cónego, escrivão da Câmara, 49.  
 VALE, João de Lemos do: provedor-mor dos Contos da Fazenda Real, 176.  
 Vannim, Vannym: missão em, 86, 91, 144, 160-161, 165, 173, 224-230, 232, 250, 258, 261-264, 336, 340, 361-362, 373, 390; igreja do Bom Sucesso, 336; rei de, 173.  
 VANXÁ, Suria, 93.  
 Varca: comunidade da aldeia de, 111; igrejas de, 109.  
 Varevilly, 336.  
 VAZ, Ângela: mãe do Padre José Carvalho, irmã do Padre José Vaz, 231.  
 VAZ, António João, 111.  
 VAZ, Cristóvão: casado com Maria de Miranda, pai de José Vaz, 406-407, 409.  
 VAZ, Gabriel, 111.

- VAZ, José: padre, brâmane, filho de Cristóvão Vaz e de Maria de Miranda, irmão de Ângela Vaz, irmão de José VAZ, pregador, confessor e confessor de D. Rodrigo da Costa, vigário do distrito de Mangalor e de Barcelor, vigário-geral da ilha de Ceilão, 3, 48, 51-63, 63-67, 71-78, 80, 84-86, 94, 97, 106-108, 111-118, 122-125, 128, 131, 137-139-143, 150-151, 158, 160-161, 164, 167-170, 176, 186, 207-209, 211-216, 225, 229, 231-234, 247-250, 254, 258-262, 264-268, 270-275, 281, 285, 294, 300, 302, 304, 340, 359-360, 366, 373, 381, 387-388, 391, 393, 405-435.
- VAZ, José, o moço: irmão, 227.
- VAZ, Sebastião: padrinho de José Vaz, 408.
- Veados, 92.
- Vedor-geral da Fazenda: Gabadda Ralla, 264.
- Vellaqué: missão em, 391.
- Vellevallym: missão em, 259, 280, 391.
- Velqué, 259.
- Velsão: comunidade da aldeia de, 111.
- Verná: dessai de, 178-179.
- Vernaculão, 259.
- Via crucis: devoção da, 52.
- Viana, 310.
- Vice-rei do Estado da Índia: Caetano de Melo de Castro, 345; D. Constantino de Bragança, 149; D. Francisco de Almeida, 94; Francisco de Távora, 17, 57, 344; D. Pedro António de Noronha, 107, 118, 134, 161-164, 179; D. Rodrigo da Costa, 17, 306-307, 344-346, 348, 402-403.
- Vigário:
- apostólico: D. Tomás de Castro, 414.
  - apostólico em Golconda: Custódio Pinto, 127.
  - apostólico em Idalxá: Custódio Pinto, 127.
  - apostólico nos reinos de Grão Mogor: Custódio Pinto, 127.
  - da igreja de Calianapor: Padre José de Meneses, 69-70.
  - da igreja de Santa Ana: Padre António Francisco da Cunha, 129, 421; Padre Francisco do Rego, 129.
  - da vara de Mangalor: José Vaz, 62.
  - de Barcelor, 421.
  - de Trangabar: João Cabral, 132-133.
  - do distrito de Barcelor: Padre José Vaz, 420.
  - do distrito de Mangalor: Padre José Vaz, 420.
  - geral da ilha de Ceilão: D. Frei Pedro Pacheco, 429; Padre José Vaz, 141.
  - geral do arcebispado, 34.
  - geral dos dominicanos, 126.
  - geral: Padre Martinho Xavier, 391; Padre Pedro Pinto, 257.
- Vinho, 241, 297, 299, 375.
- VINTEMILHA, D. Antonino: padre da Divina Providência, 53, 55, 69.
- Virgampatty*, 259.
- Viseu*, 193.
- Visitas pastorais, 16.
- WANREI, Henrique.
- WANREI, Henrique: comissário-geral holandês da Costa da Pescaria, 77-79, 85, 113, 151, 342.

## X

- XAVIER, Francisco: padre, prepósito da Congregação do Oratório de Lisboa, 351.
- XAVIER, Frei Leandro São Francisco: padre, 348-349.
- XAVIER, Martinho: padre, preprósito da Congregação do Oratório, vigário-geral, 388, 391.
- XAVIER, São Francisco: jesuíta, 17, 19-20, 105, 382.
- XAVIER, Silvestre, 111.
- Xetticulão*: missão em, 336-339, 361-373; ermida de Santo António, 339.
- XINGÃO, D. Gaspar: rei de Vannym, 173.

